
CPDoc
Centro de Pesquisa e
Documentação Espírita

ÍNDICE

O MÉTODO DE ESTUDO DE CASO E SUA APLICAÇÃO
EM PESQUISA SOBRE O ANIMISMO—4

A GLÂNDULA PINEAL—30

ESTRUTURA E METODOLOGIA PARA
GRUPOS DE PESQUISA MEDIÚNICA—49

O PERISPÍRITO SEGUNDO ALLAN KARDEC—70
Obsessão: proposta de um projeto de pesquisa integrado—94

OBSESSÃO: MÉTODO PARA UM LEVANTAMENTO
BIBLIOGRÁFICO---------106

OBSESSÃO: ROTEIRO PARA ESTUDO DE CASO—120

OBSESSÃO: ATENDIMENTO INICIAL--128

PASSES: DISCUSSÃO E PROPOSTAS---146
Perispírito - Uma visão do século XX—160

AGENDA ESPÍRITA:
Identificando antigas e novas demandas para atualizar o Espiritismo--------173-

CENTRO ESPÍRITA: uma revisão estrutural---205

EPISTEMOLOGIA E CIÊNCIA ESPÍRITA
Contribuição para Debate---305

O PROCESSO DE MUDANÇAS DO ESPIRITISMO—323

O QUE DISSE KARDEC?
É o espiritismo uma religião?----338

A FÍSICA NO ESPIRITISMO---344

COSMOLOGIA, EXOBIOLOGIA E ESPIRITISMO

UM ESTUDO SOBRE A VIDA E O UNIVERSO----363
OS PRODUTOS DAS MANIFESTAÇÕES MEDIÚNICAS COMO
INSTRUMENTO DE PROVA EM PROCESSOS JUDICIAIS---379
Reinaldo Lucia-(pesquisa espírita)--395

O Método de Estudo de Caso e sua Aplicação em Pesquisa Sobre o Animismo

Jacira Jacinto da Silva e Mauro de Mesquita Spínola

1 Introdução 2
2 As abordagens de pesquisa científica 2
2.1 Métodos quantitativos 4
2.2 Métodos qualitativos 4
2.3 Quando cada estratégia é usada 5
3 O método de estudo de caso 6
3.1 "Como" e "por que" 7
3.2 Etapas do método de estudo de caso 7
3.3 Limitações do método 8
4 Animismo: uma revisão bibliográfica 8
4.1 Kardec e o animismo 9
4.2 O que é animismo 11
4.3 Espécies de fenômenos anímicos 15
4.4 Exemplos 16
4.5 O animismo no centro espírita 18
4.5.1 Como identificar o fenômeno anímico nas comunicações 18
4.5.2 Com que incidência ocorre 19
4.5.3 O que tem sido feito 20
4.6 Um questionamento 20
5 Um exemplo de projeto de pesquisa: Animismo 23
5.1 Visão geral 24
5.1.1 Questões 24
5.1.2 Proposições 24
5.2 Procedimentos de campo 24
6 Conclusões 25
Referências bibliográficas 25

1 Introdução

Este trabalho realiza uma pesquisa bibliográfica sobre os principais métodos de pesquisa e discute sua aplicação na pesquisa espírita, com ênfase no método de estudo de caso.

Os métodos de pesquisa podem ser classificados em quantitativos (também chamados tradicionais) e qualitativos. Entre os métodos qualitativos podemos citar a pesquisa-ação (realizada juntamente com uma ação ou resolução de um problema, e onde os pesquisadores desempenham um papel ativo nessa resolução), e o estudo de caso.

O estudo de caso documenta e analisa a atividade de uma organização ou de um pequeno grupo dentro dela. Estuda situações onde as fronteiras entre o fenômeno e seu contexto não são claras. É utilizado como estratégia quando questões do tipo "como" e "porque" são colocadas, quando o pesquisador tem pouco controle sobre os eventos e quando o foco é sobre um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto real.

O método de estudo de caso recebe atenção especial, sendo apresentado e analisado com maior detalhe. São vistas as suas etapas fundamentais, além de alguns exemplos de aplicação em algumas áreas de pesquisa.

A aplicabilidade deste método em pesquisa espírita é discutida, com ênfase nas vantagens, dificuldades e riscos de sua utilização na área.

O trabalho se encerra com um exemplo de projeto de pesquisa de estudo de caso, cujo foco é o estudo do animismo. Visando a preparação deste protocolo é apresentada uma revisão bibliográfica sobre esse tema ainda pouco explorado.

2 As abordagens de pesquisa científica

Ao propor uma discussão sobre o problema do método na pesquisa espírita, há a necessidade de levantar uma questão prévia: qual a diferença entre pesquisa científica e senso comum? Pervez Ghaury e outros, ao destacar essa questão em seu estudo sobre a pesquisa na área de administração concluiu que[1]:

- ✓ a pesquisa não é muito diferente da solução de problemas práticos,
- ✓ pesquisa é diferente de senso comum porque é feita sistematicamente, visa alcançar objetivos específicos e baseia-se em métodos específicos,
- ✓ o processo de pesquisa (que envolve decidir o que fazer, coletar informações, descartar informações irrelevantes, analisar as informações relevantes e buscar uma conclusão de forma sistemática) pode ser aplicado para qualquer processo de acumulação de conhecimento,
- ✓ a diferença entre uma observação científica e uma observação baseada em posição pessoal é que a pesquisa científica é feita sistematicamente e é baseada na lógica, não em crenças.

As conclusões de Ghaury, análogas às expostas por estudiosos de outras áreas, podem ser aplicadas também para o contexto da pesquisa espírita. O pesquisador de qualquer área possui crenças, experiência, e precisa, apesar disso, estabelecer um processo de pesquisa

[1] Pervez Ghaury. *Research methods in business studies*: a practical guide. p. 5-6

baseado na lógica e instrumentos objetivos (não subjetivos) de análise. A pesquisa deve ser, portanto, impessoal.

A segunda conclusão, em particular, é muito relevante para a pesquisa espírita, já que seu objeto de estudo – a alma dos vivos e o espírito dos mortos – tem natureza peculiar e seu estudo necessita de método adequado, observação já feita por Kardec:

> *"As ciências ordinárias assentam nas propriedades da matéria, que se pode experimentar e manipular livremente; os fenômenos espíritas repousam na ação de inteligências dotadas de vontade própria e que nos provam a cada instante não se acharem subordinadas aos nossos caprichos. As observações não podem, portanto, ser feitas da mesma forma; requerem condições especiais e outro ponto de partida. Querer submetê-las aos processos comuns de investigação é estabelecer analogias que não existem".* [2]

Herculano Pires complementa o alerta kardequiano mostrando que essa questão está também presente em outras áreas:

> *"Encarando a obra de Kardec pelo seu aspecto científico, sem os preconceitos que têm impedido a sua justa avaliação, ela nos parece inatacável. Alega-se que o seu método de pesquisa não era científico, mas foi ele o primeiro a explicar que não se podiam usar na pesquisa psíquica os métodos das ciências físicas. O desenvolvimento da Psicologia provaria mais tarde que Kardec estava com a Razão".*[3]

Além da Psicologia, também as ciências sociais, a economia, a medicina, a antropologia e outras disciplinas científicas necessitam, pela particularidade de seu objeto de estudo, de métodos específicos.

Ghaury mostra também que há dois caminhos para estabelecer o que é verdadeiro ou falso e desenhar conclusões[4,5]:

- ✓ pela *indução*, tiramos conclusões gerais a partir de observações empíricas (quando usamos fatos para gerar uma teoria a ele consistente, estamos usando um pensamento indutivo, muitas vezes o primeiro passo numa pesquisa científica),
- ✓ pela *dedução*, tiramos conclusões baseados em princípios e leis, a partir de raciocínio lógico, procurando observar as conseqüências específicas de uma teoria formulada.

> *"A diferença [entre dedução e indução] é que fatos adquiridos através de observações levam-nos a teorias e hipóteses, enquanto com a dedução (análise lógica) nós aceitamos ou rejeitamos as hipóteses".*[6]

Ghaury estuda ainda como abordar um problema de pesquisa, concluindo que duas questões devem ser respondidas pelo pesquisador:

- ✓ qual é o problema e
- ✓ como deve proceder para resolver o problema[7].

---

[2] Allan Kardec. *O livro dos espíritos*. p. 28-29.

[3] José Herculano Pires. *Introdução à filosofia espírita*. p. 25

[4] Pervez Ghaury e outros. *Research methods in business studies*: a practical guide. p. 5.

[5] David Nakano e outros. Métodos de pesquisa na Engenharia de Produção. p. 2.

[6] Pervez Ghaury e outros. *Research methods in business studies*: a practical guide. p. 6.

Uma das maiores dificuldades da pesquisa está na clara caracterização de seu objetivo (relacionado à primeira questão). O foco específico deste trabalho é o de contribuir com a solução da segunda questão, apresentando um dos métodos aplicáveis à pesquisa espírita: o de estudo de caso.

Antes de apresentar o método de estudo de caso, os próximos itens apresentam, de forma sucinta, os métodos de pesquisa, que podem ser classificados em quantitativos (também chamados tradicionais) e qualitativos.

2.1 Métodos quantitativos

Os métodos quantitativos utilizam-se de um processo cíclico bem estruturado, cujas fases principais são[8]:

- ✓ teoria (formulação de explicações acerca de algum aspecto da realidade),
- ✓ hipótese (formulada pelo uso da dedução, que apresenta uma relação causa-efeito e possui conceitos que possam ser medidos),
- ✓ observações e coleta de dados,
- ✓ análise dos dados,
- ✓ conclusões,
- ✓ nova teoria e assim por diante.

Os métodos mais ligados a esse tipo de pesquisa são:

- ✓ a pesquisa experimental (que faz o teste de hipóteses através de um experimento controlado no laboratório ou no campo, realizado de forma a produzir os dados necessários), e
- ✓ o *survey* (que objetiva também a coleta de dados, mas sem a intervenção do pesquisador; a análise de dados exige tratamento estatístico).

2.2 Métodos qualitativos

Os métodos qualitativos, que têm sido fortemente utilizados nas ciências sociais e, mais recentemente, em outras áreas como a economia, possuem características que as diferenciam dos tradicionais, entre as quais destacam-se[9]:

- ✓ a ênfase na pessoa que está sendo pesquisada (sobretudo sua interpretação),
- ✓ a importância do contexto do grupo ou organização pesquisados,
- ✓ a proximidade do pesquisador em relação aos fenômenos estudados e
- ✓ um quadro teórico menos estruturado.

Entre os métodos qualitativos podemos citar a pesquisa-ação e o estudo de caso. Este está discutido com mais detalhes no próximo capítulo.

A pesquisa-ação é realizada juntamente com uma ação ou resolução de um problema. Os pesquisadores desempenham um papel ativo nessa resolução. Thiollent descreve o método de pesquisa-ação da seguinte maneira:

---

[7] Idem. ibidem. p. 11.

[8] Alan Bryman. Research methods and organizations studies.

[9] Idem. ibidem.

> *"A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (...) Na pesquisa-ação os pesquisadores desempenham um papel ativo no equacionamento dos problemas encontrados, no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas em função dos problemas. Sem dúvida, a pesquisa-ação exige uma estrutura de relação entre pesquisadores e pessoas da situação investigada que seja de tipo participativo".*[10]

A pesquisa-ação pode também ser aplicada em pesquisas espíritas. Os próprios dirigentes de um grupo mediúnico, por exemplo, podem conduzir uma pesquisa sobre determinado fenômeno com uso desse método. Em trabalho futuro esse método deve ser mais detalhadamente abordado.

2.3 Quando cada estratégia é usada

O método de pesquisa deve ser adequado aos objetivos da pesquisa e ao objeto de estudo. Segundo Robert Yin[11], há três condições a satisfazer:

a) o tipo de questão de pesquisa proposto, que pode ser representado pela conhecida série "quem", "o que", "onde", "como" e "por que" (v. exemplos no Quadro 1)
b) a extensão de controle que o pesquisador tem sobre eventos comportamentais efetivos e
c) o grau de enfoque em acontecimentos históricos em oposição a acontecimentos contemporâneos.

Quadro 1 – Tipos de questões de pesquisa e exemplos

Tipo de questão de pesquisa	Exemplos
Quem	Quem são os espíritos que participam das reuniões de determinado grupo mediúnico?
o que	O que pode ser feito para tornar os centros espíritas mais eficazes? Quais foram os resultados da reorganização administrativa dos cursos de espiritismo?
Onde	Onde se fazem reuniões mediúnicas com métodos consistentes com o método kardequiano?
Como	Como se realiza a influência do espírito obsessor sobre uma pessoa? Como determinado grupo de cura conseguiu alcançar certos resultados?
por que	Por que os médiuns chamados de inconscientes não se lembram do teor das comunicações?

[10] Michel Thiollent. Metodologia da pesquisa-ação. p. 14-15.
[11] Robert K. Yin. *Estudo de caso*: planejamento e métodos. p. 24 e sgs.

São apresentadas no Quadro 2 as três condições, relacionando-as a cinco estratégias de pesquisa.

Quadro 2 – Situações relevantes para diferentes estratégias de pesquisa[12]

Estratégia de pesquisa	Forma de questão de pesquisa	Exige controle sobre eventos comportamentais?	Focaliza acontecimentos contemporâneos?
Experimento	como, por que	sim	sim
Levantamento	quem, o que, onde, quantos, quanto	não	sim
Análise de arquivos	que, o que, onde, quantos, quanto	não	sim/não
Pesquisa histórica	como, por que	não	não
Estudo de caso	como, por que	não	sim

3 O método de estudo de caso

O método de estudo de caso tem sido usado, de forma mais ou menos sistemática e meticulosa em várias áreas de pesquisa, tais como ciência política, sociologia, psicologia, administração, antropologia, história, economia etc. No entanto, há ainda um estereótipo em relação a ele, como ressalta Yin:

> *"O estudo de caso há muito foi estereotipado como o 'parente pobre' entre os métodos de ciência social. Os pesquisadores que realizam estudos de caso são vistos como se tivessem sido desviados de suas disciplinas acadêmicas, e suas investigações como se tivessem precisão (ou seja, quantificação), objetividade e rigor insuficientes."*[13]

Yin aponta o paradoxo entre esse estereótipo e o uso tão freqüente: *"se o método de estudos de caso apresenta sérias fragilidades, por que os pesquisadores continuam a utilizá-lo?"*[14] Ele considera que esse estereótipo está equivocado, carecendo apenas que o método seja melhor compreendido, e aplicado de forma adequada.

O estudo de caso documenta e analisa a atividade de uma organização ou de um pequeno grupo dentro dela. Estuda situações onde as fronteiras entre o fenômeno e seu contexto não são claras.

Yin assim define estudo de caso:

"Um estudo de caso é uma investigação empírica que

- *investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto de vida real, especialmente quando*
- *os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos.".*[15]

---

[12] Idem. ibidem. p. 24

[13] Idem. ibidem. p. xi.

[14] Idem. ibidem. p. xi.

[15] Idem. ibidem. p. 32.

O contexto, como fica claro, também é objeto de investigação, tanto quanto o fenômeno estudado. As interrelações entre o fenômeno e o contexto são observadas e analisadas. Em contraste, o método tradicional da experimentação, por exemplo, deliberadamente separa um fenômeno de seu contexto – este é "controlado em laboratório" – dedicando atenção a algumas variáveis.

Yin observa que comumente há na investigação de estudo de caso uma situação tecnicamente única: muito mais variáveis de interesse do que pontos de dados. Necessita assim se basear em várias fontes de evidências, com os dados precisando convergir na investigação. O estudo de caso beneficia-se do desenvolvimento prévio de proposições teóricas para dar direção à coleta e à análise de dados.

3.1 "Como" e "por que"

Muitas pesquisas tradicionais utilizam questões exploratórias (ex. "o que pode ser feito para melhorar os serviços públicos") e/ou quantificadoras (ex. "quais foram as reações das pessoas depois das mudanças"). São questões do tipo "o que".

Os estudos de casos (tanto quanto alguns outros métodos não expostos aqui) aplicam-se com propriedade em situações em que questões explanatórias (do tipo "como" e "por que") são formuladas. *"Isso se deve ao fato de que tais questões lidam com ligações operacionais que necessitam ser traçadas ao longo do tempo, em vez de serem encaradas como meras repetições e incidências."*[16]

Nos estudos de casos o pesquisador tem pouco controle sobre os eventos e o foco é sobre um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto real. Este método visa pesquisar eventos da vida real que não possam ser desvinculados de seu contexto mais amplo.

Há estudos de caso único e de casos múltiplos.[17] O estudo de caso único – que apresenta um único caso para um dado problema e referencial teórico – é normalmente utilizado quando se analisam fenômenos de ocorrência rara ou de difícil observação. Já o estudo de casos múltiplos se baseia em replicações de um dado fenômeno.

> *"A vantagem do uso de casos múltiplos reside no fato de que estes proporcionam evidências inseridas em diferentes contextos, o que acaba tornando a pesquisa como um todo mais robusta."*[18]

3.2 Componentes do método de estudo de caso

O desenvolvimento de um projeto de pesquisa é uma etapa difícil no desenvolvimento de estudos de casos, pois o método ainda não foi sistematizado.[19] O projeto de pesquisa pode ser visto como um plano de ação para se sair de um conjunto inicial de questões a serem respondidas e chegar às conclusões (respostas) sobre essas questões. Segundo Nachmias, um projeto de pesquisa é um plano que *"conduz o pesquisador através do processo de coletar, analisar e interpretar observações. É um modelo lógico de provas que lhe permite fazer inferências relativas às relações causais entre as variáveis sob investigação. O projeto de*

---

[16] Idem. ibidem. p. 25.

[17] Sérgio G. Lazzarini. Estudos de caso: aplicabilidade e limitações do método para fins de pesquisa. p. 21.

[18] Idem. ibidem. p. 21

[19] Robert K. Yin. *Estudo de caso*: planejamento e métodos. p. 40.

pesquisa também define o domínio da generalização, isto é, se as interpretações obtidas podem ser generalizadas a uma população maior ou a situações diferentes".[20]

Yin destaca cinco componentes importantes para um projeto de pesquisa de estudo de caso, a saber[21]:

- ✓ as questões de um estudo (na forma "quem", "o que", "onde", "como" ou "por que", veja Quadro 1),
- ✓ suas proposições, se houver (as questões, embora possuam a essência do que se deseja responder, não apontam para aquilo que se deve estudar: as proposições auxiliam a seguir na direção certa, levantando hipóteses a serem trabalhadas)
- ✓ sua(s) unidade(s) de análise (exs. um certo médium, um determinado grupo mediúnico, um certo tipo de pessoas etc.)
- ✓ a lógica que une os dados às proposições, ou seja, como os dados devem ser analisados,
- ✓ os critérios para se interpretar as descobertas, que subsidiam as decisões necessárias para comparar duas proposições concorrentes.

3.3 Limitações do método

Alguns estudiosos do método de estudo de caso apontam suas principais limitações[22]:

- ✓ é altamente sujeito às análises intuitivas e incontroláveis,
- ✓ é relativamente fácil de ser executado sem maiores preocupações metodológicas,
- ✓ exige maior habilitação do pesquisador,
- ✓ a amostra em geral é pequena, dificultando tratamento estatístico.

Apesar dessas dificuldades, o método de estudo de caso, sistematicamente aplicado, permite uma compreensão profunda das interrelações de um problema, tornando-se muito útil sobretudo quando o objetivo é auxiliar na elaboração ou no aprimoramento de teorias.[23]

4 Animismo: uma revisão bibliográfica

Quanto mais se aprofunda no estudo do espiritismo, mais se identifica a importância do seu conteúdo filosófico, mais se descobre a utilidade dos seus conceitos e se constata como as conseqüências morais extraídas do objeto de observação desta ciência podem provocar efetivas mudanças no pensamento humano.

O que surgiu de novo com a descoberta do espiritismo não foi o fenômeno mediúnico, como é por demais sabido, pois o mesmo tem sido referido em toda a história da humanidade, bastando ver a menção feita no velho testamento à proibição de Moisés à

[20] Nachmias & Nachmias, 1992, p. 77-78. Apud Robert K. Yin. *Estudo de caso*: planejamento e métodos. p. 41.
[21] Robert K. Yin. *Estudo de caso*: planejamento e métodos. p. 42.
[22] Sérgio G. Lazzarini. Estudos de caso: aplicabilidade e limitações do método para fins de pesquisa. p. 24.
[23] Idem. ibidem. p. 24.

comunicação com os mortos. Não obstante, não se pode olvidar que o espiritismo nasceu a partir dos fenômenos mediúnicos, representando eles a porta de entrada do homem de ciência ao mundo do invisível.

A mediunidade é, portanto, por excelência, o objeto de pesquisa da ciência espírita, de modo que todas as possíveis questões a ela inerentes devem merecer a atenção do pesquisador espírita. Vale anotar que pessoas místicas interessam-se pela mediunidade, porém o fazem em razão do gosto pelo sobrenatural, como se o fenômeno representasse uma possibilidade de derrogação da lei natural.

Em decorrência do apego à mediunidade como prática religiosa, elemento integrante de uma seita diferente, capaz de lidar com "entes" não acessíveis aos religiosos "comuns", a crença ganhou muitos adeptos, em sua maioria despreparados para experimentar, estudar e desenvolver a pesquisa necessária do fenômeno. Conseqüência lógica foi o aparecimento de mistificações, engodo por parte dos próprios espíritos e a incapacidade de discernir o autêntico PCM - Processo de Comunicação Mediúnica.

O animismo surgiu como alternativa para explicar mistificações, sugerindo alguns que o próprio médium apresentasse uma mensagem sua, forjando tratar-se de comunicação mediúnica. Isso, absolutamente, não seria animismo. Tratar-se-ia de mistificação mesmo, eis que o fenômeno anímico confirma o fenômeno mediúnico e lhe dá ainda mais autenticidade. Necessário distinguir, portanto, o animismo do PCM.

Para tanto, apresenta-se a proposta de rever a bibliografia tradicional, não apenas para buscar informações eventualmente não percebidas, mas, também, com o fim de revisitar os conceitos, examinar os exemplos, buscar produções literárias mais atuais, tentar identificar casos atuais e, quem sabe, oferecer alguma contribuição ao estudo do tema.

4.1 Kardec e o animismo

Embora Allan Kardec não tenha utilizado a expressão "animismo", tratou do tema em "O Livro dos Médiuns", Cap. XIX - *Do papel do médium nas comunicações espíritas.* Neste ponto da obra, Kardec discorre sobre a influência do espírito pessoal do médium, apresentando à indagação: *"As comunicações escritas ou verbais também podem emanar do próprio Espírito encarnado no médium?",* a seguinte resposta:

> *"A alma do médium pode comunicar-se, como a de qualquer outro. Se goza de certo grau de liberdade, recobra suas qualidades de Espírito. Tendes a prova disso nas visitas que vos fazem as almas de pessoas vivas, as quais muitas vezes se comunicam convosco pela escrita, sem que as chameis. Porque, ficai sabendo, entre os Espíritos que evocais, alguns há que estão encarnados na Terra. Eles, então, vos falam como Espíritos e não como homens. Por que não se havia de dar o mesmo com o médium?".* [24]

Ernesto Bozzano, em sua clássica obra "*Animismo ou Espiritismo?"* procurou demonstrar que as comunicações mediúnicas entre vivos provam a realidade das comunicações mediúnicas com os defuntos, o que confirma a resposta encontrada em "*O Livro dos Médiuns*" à questão: *Não parece que esta explicação confirma a opinião dos que entendem que todas as comunicações provêm do Espírito do médium e não do Espírito estranho?* À indagação, Allan

[24] Allan Kardec. *O livro dos médiuns.* 55ª ed. Trad. Guillon Ribeiro à 49ª ed. Francesa. Rio de Janeiro: FEB, 1987, p. 260.

Kardec apresenta a seguinte resposta: *Os que assim pensam só erram em darem caráter absoluto à opinião que sustentam, porquanto é fora de dúvida que o Espírito do médium pode agir por si mesmo. Isso, porém, não é razão para que outros não atuem igualmente, por seu intermédio.*[25]

Antecipando o estudo que seria feito depois por Bozzano, Kardec adiantou algumas considerações sobre fatos da vida cotidiana que mereceriam explicação racional mais tarde, no aprofundamento do tema, especialmente, quando se referiu às crises sonambúlicas e extáticas. Kardec referiu-se a esses fenômenos, para explicar que o espírito do médium pode haurir nas profundezas do seu próprio eu as idéias que parecem fora do alcance da sua instrução, relativas a conhecimentos adquiridos em existências anteriores, esquecidos debaixo do envoltório corporal, mas dos quais pode se lembrar como espírito.

Em *O Livro dos médiuns* Kardec[26] explica que as comunicações anímicas podem ser mais elevadas do que as provenientes de outros espíritos, lembrando que são ditas coisas muito boas na experiência sonambúlica. Ensinou, com isso, que o médium pode servir à comunicação de espírito menos evoluído, o que se vê amiúde.

Kardec também fez uma síntese do assunto no volume denominado “Instruções Práticas Sobre as Manifestações Espíritas”, publicado em 1858, um ano depois da primeira edição de “O Livro dos Espíritos”. Em seu capítulo VI, titulado “Papel e Influência do Médium nas Manifestações”, traz a seguinte orientação:

> *Nós diremos, pois, que pode acontecer que a alma do médium se comunique como o faria um Espírito estranho. E isso se concebe facilmente. Visto que podemos evocar o Espírito de pessoas vivas, ausentes e presente, e como esse Espírito se comunica pela escrita ou pela palavra do médium, por que o Espírito encarnado no médium não se comunicaria igualmente? Os fatos provam que, em certas circunstâncias, isso se dá, como no sonambulismo, por exemplo. Segue-se daí que a comunicação feita pela alma do médium tenha menos valor? De modo algum. O Espírito encarnado no médium pode ser mais elevado do que certos Espíritos estranhos e, assim, dar comunicações. Compete-nos julgar. Neste caso ele fala como Espírito desligado da matéria, e não como homem.*[27]

Referida publicação, destinada à iniciação prática, foi substituída em 1861 por “O Livro dos Médiuns”.

Em “O livro dos Espíritos” Kardec dedica um capítulo inteiro ao assunto “Emancipação da Alma”, tratando dos temas: O sono e os sonhos; Visitas espíritas entre vivos; Transmissão oculta do pensamento; Letargia, catalepsia, morte aparente; O sonambulismo; Êxtase e Dupla Vista.

Uma das situações de emancipação da alma, que deve ser entendida como uma espécie de libertação dos freios impostos pelo corpo físico, acontece durante o sono, pois, segundo o Livro dos Espíritos, pergunta 401, *o Espírito jamais fica inativo. Durante o sono, os liames que o unem ao corpo se afrouxam e o corpo não necessita do Espírito. Então ele percorre o espaço e entra em relação mais direta com os outros Espíritos.* [28]

---

[25] *Ibidem*, mesma página.

[26] *Ibidem,* p. 261.

[27] Allan Kardec. *Iniciação Espírita.* 7ª ed. Trad. Joaquim da Silva S.Lobo. Edicel: São Paulo, 1982, p. 327.

[28] Allan Kardec. *O livro dos espíritos. 3*ª ed. Trad. J. Herculano Pires. Edicel: São Paulo, 1982, p. 187.

Trata-se, a emancipação da alma, de fenômeno anímico, ou seja, de manifestação do próprio espírito encarnado, porém de forma extra-corpórea, ou fora da dimensão física, independentemente dos limites dos cinco sentidos inerentes à vida orgânica. O livro dos espíritos ensina que duas pessoas encarnadas, ou mais, podem visitar-se durante o sono, da mesma forma que um espírito, mesmo estando seu corpo em estado de vigília, pode comunicar-se com outros Espíritos. A lição permite compreender que no estado de catalepsia ou de letargia, mesmo revelando morte aparente, o espírito está consciente, embora não possa se comunicar pela inaptidão dos órgãos. O exemplo mais acessível de animismo é o fenômeno sonambúlico, pelo qual o espírito encarnado se manifesta durante o sono do corpo físico, revelando, muitas vezes, conhecimentos incorporados ao patrimônio cultural oculto do indivíduo, ou porque o adquiriu em vidas passadas, ou porque os abstraiu da memória ou, ainda, por estar recebendo no exato momento da comunicação sonambúlica. De igual forma, processa-se a emancipação da alma no êxtase e no que Kardec denominou de dupla vista. Esta faculdade diferencia do sonambulismo e do sono, pois cuida da manifestação do espírito em maior liberdade, embora o corpo não esteja adormecido.

4.2 O que é animismo

Aksakof designou pela palavra animismo *todos os fenômenos intelectuais e físicos que deixam supor uma atividade extra-corpórea ou à distância do organismo humano, e mais especialmente todos os fenômenos mediúnicos que podem ser explicados por uma ação que o homem vivo exerce além dos limites do corpo*[29]*.* A definição afasta o mau vezo de se servir do fenômeno anímico unicamente para explicar possíveis “comunicações” não autênticas ou não espíritas.

O mesmo autor diz que, admitidas justificativas para a hipótese de uma comunicação com os mortos, *o termo animismo será aplicado a uma categoria especial de fenômenos, produzidos pelo princípio anímico (considerado como ser independente, razoável e organizador) enquanto está ligado ao corpo*. Tentando oferecer subsídios para melhor compreensão do tema, Aksakof afirma que *nesse caso a palavra Espiritismo compreenderá todos os fenômenos que podem ser considerados como manifestação desse mesmo princípio, porém desprendido do corpo. Por mediunismo entenderemos todos os fenômenos compreendidos no animismo e no Espiritismo, independentemente de uma ou de outra dessas hipóteses.*[30]

Jon Aizpúrua alerta para os vários significados do termo animismo, de acordo com a disciplina que o esteja empregando. Ensina que *em algumas escolas filosóficas, o termo animismo é usado para designar toda doutrina de natureza espiritualista. Na parapsicologia, adota-se o animismo como a hipótese fundamental que explica os fenômenos paranormais, de tal maneira que são produzidos por forças psíquicas conscientes ou inconscientes dos seres vivos*.[31]

Também na esteira dos clássicos, apontando Alexander Aksakof como introdutor da palavra, Aizpúrua afirma que *no Espiritismo, o animismo designa certo estado de transe no qual quem está provocando e produzindo o fenômeno de efeitos psíquicos ou físicos é o espírito do*

---

[29] Alexandre Aksakof. *Animismo e espiritismo.* 1990, p. 229.

[30] *Ibidem,* p. 230.

[31] Jon Aizpúrua. *Os fundamentos do espiritismo.* 2000, p. 150.

próprio ser encarnado e não o espírito do desencarnado, pois neste caso seria um fato mediúnico[32].

Gustavo Geley oferece importante contribuição, em seu "*Del inconsciente al consciente"* quando disserta sobre a criptomnésia. A palavra é traduzida por "memória subconsciente" e reflete a exteriorização de conhecimentos alheios à capacidade intelectual consciente do indivíduo. Corresponderia à percepção extra-sensorial. Fala de exemplos em que determinada pessoa é levada a retroagir no tempo até épocas das quais nada mais retém em seu psiquismo; no entanto, espontaneamente, ou por sugestão, recorda-se de tudo exatamente como viveu naquela época. Diz Geley ser no mediunismo que a criptomnésia se manifesta em todo seu esplendor, podendo-se imaginá-la como fonte insuspeita de muitas mensagens extraordinárias.

Escreveu a respeito:

> *M. Flournoy cita una multitud de hechos que atribuye a la criptomnésia: médiums describiendo la biografia de personajes desconocidos para ellos, que han podido conocer, no obstante, por una ojeada olvidada sobre el periódico que publicó tal biografia; médiums hablando a trechos una lengua que les es ignorada, simplemente porque esos trechos o frases los leyeron u oyeron un dia cualquiera, que han olvidado, etc.*[33]

Na seqüência da análise que faz, Geley diz que fisiologicamente é impossível compreender como a memória consciente, submetida à vontade e ao direcionamento do ser é, eminentemente caduca, débil, infiel, enquanto a memória subconsciente; que não é acessível senão por acidentes ou em estados anormais ou supranormais, parece tão extensa e tão infalível.

E conclui:

> *Sem embargo, assim é. Mais ainda. A debilidade e a impotência da memória normal são tais, que muitas vezes os conhecimentos ou capacidades subconscientes que escapam ao direcionamento do eu, parecem ser-lhe totalmente estranhos, e constituem no indivíduo como verdadeiras "segundas consciências". Assim é como surgem, da complexidade inquietante do subconsciente, não apenas o desdobramento, senão a multiplicação da personalidade.*[34]

Ernesto Bozzano, o maior estudioso do tema, refutou todas as teorias levantadas ao seu tempo contra o espiritismo e se dedicou intensamente à pesquisa dos fenômenos metapsíquicos com o fim maior de demonstrar que o animismo prova o espiritismo. Afirmou ter procedido a incontáveis experiências para fazer emergir, baseado em fatos, uma verdade metapsíquica que, conquanto extremamente evidente, era esquecida pelos propugnadores da objeção ao espiritismo. Aludia ao fato de que:

> *(...) as provas de identificação espirítica, fundadas nas informações pessoais fornecidas pelos defuntos que se comunicam, longe de serem as únicas que se podem conseguir para a demonstração experimental da sobrevivência, mais não são do que simples unidade de prova, entre as múltiplas provas que se podem extrair do conjunto dos fenômenos metapsíquicos, mas, sobretudo, das manifestações supranormais de ordem extrínseca as quais, de ninguém dependendo, resultam independentes dos poderes da subconsciência. Tais por exemplo, os casos das "aparições dos defuntos quando ainda no leito de morte" e os*

---

[32] *Ibidem,* p. 151.

[33] Gustavo Geley. *Del inconsciente al consciente.* p. 105.

[34] Idem. ibidem. p. 107.

> *das "aparições dos defuntos pouco depois da morte", assim como outras importantes categorias de fenômenos metapsíquicos, que reuni e comentei no extensíssimo e resolutivo Capítulo V do presente trabalho.*[35]

André Luiz reporta-se ao animismo como conjunto dos fenômenos psíquicos produzidos com a cooperação consciente ou inconsciente dos médiuns em ação. Fala de ocorrências *que podem repontar nos fenômenos mediúnicos de efeitos físicos ou de efeitos intelectuais, com a própria inteligência encarnada comandando manifestações ou delas participando com diligência.*[36] Na seqüência do mesmo texto, André Luiz fornece um esclarecimento que parece pouco sustentável hodiernamente. Afirma que *o corpo espiritual pode efetivamente desdobrar-se e atuar com os seus recursos e implementos característicos, como consciência pensante e organizadora, fora do carro físico.*

Sem qualquer pretensão de esclarecer o assunto, cabe aqui uma sucinta análise. Os estudos mais abalizados sobre o perispírito informam que a consciência pensante tem sede no espírito e não no perispírito como sugere o texto. Ademais, embora seja verdade que o corpo espiritual pode efetivamente desdobrar-se, a compreensão aparentemente mais sensata é a de que o espírito se manifesta em um único lugar ao mesmo tempo, por ser indivisível. Quando acontece algum tipo de desdobramento, apenas o perispírito, pelas características materiais que possui, ora se tornando mais denso pela combinação de elementos ainda por nós desconhecidos, ora tornando-se mais rarefeito, desdobra-se; ou seja, o espírito é uno e se manifestará apenas em um lugar, não se admitindo que se subdivida ou se manifeste em dois lugares ao mesmo tempo.

André Luiz fornece uma explicação do processo de manifestação anímica, a partir das semelhanças existentes entre os vivos da terra e os vivos do além. Afirma que:

> *(...) é fácil anotar que a criatura na Terra partilha, assim, até certo ponto, dos sentidos que caracterizam a criatura desencarnada, nas esferas imediatas à experiência humana,* ***conseguindo, às vezes, desenfaixar-se do corpo denso e proceder como a Inteligência desenleada do indumento carnal*** *ou, ainda, obedecer aos ditames dos Espíritos desencarnados como agente mais ou menos fiel de seus desejos*[37]*.*

Neste contexto, mister citar o entendimento de Reinaldo Di Luccia na conclusão do seu trabalho "*O perispírito, uma abordagem do século XX*":

> *(O perispírito) Não possui a função de transmissor de sensações do corpo para o Espírito ou de ordens no sentido inverso. Da mesma forma, não tem nenhuma atuação sobre a memória ou a inteligência. Não possui órgãos nem nenhuma constituição semelhante, que são exclusivas do corpo físico.*[38]

Discorrendo sobre a alma e os diferentes estados do sono, Leon Denis analisa cuidadosamente vários casos de animismo, colhidos em diversos laboratórios de pesquisas. Avalia que:

---

35 Ernesto BOZZANO. *Animismo ou espiritismo*: qual dos dois explica o conjunto dos fatos?

36 Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira, pelo Espírito de André Luiz. *Mecanismos da mediunidade.* 14ª ed. p.163.

37 Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira, pelo Espírito de André Luiz. *Mecanismos da mediunidade.* 14ª ed. p.165.

38 Reinaldo Di Luccia. *Perispírito, nova abordagem.* p.28.

> *As percepções da alma no sono são de duas espécies. Verificamos primeiramente a visão à distância, a clarividência, a lucidez; vem depois um conjunto de fenômenos designados pelos nomes de telepatia e telestesia (sensações e simpatias à distância). Compreende a recepção e transmissão dos pensamentos, das sensações, dos impulsos motrizes. Com esses fatos relacionam-se os casos de desdobramentos e aparições designados pelos nomes de fantasmas dos vivos. Esses casos, teve a psicologia oficial de verificá-los em grande número, sem os explicar(64). Todos esses fatos ligam-se entre si e formam uma cadeia contínua. Em princípio, constituem, no fundo, um só e mesmo fenômeno, variável na forma e intensidade, isto é, o desprendimento gradual da alma*[39].

Manuel Porteiro também aludiu aos fenômenos anímicos, alegando tratarem-se de fenômenos psicológicos como tantos outros, mas que não entram no estreito limite da psicologia positiva e que não podem ser explicados pelos procedimentos empíricos a ela inerentes. Escreveu sobre a percepção extra-sensorial nos seguintes termos:

> *Como um sujeito exterioriza sua força motriz e põe em movimento, sem contato, objetos pesados? Como um sensitivo ou hipnotizado sente à distância a picada aplicada no ar ou na água em que deixou impregnada sua sensibilidade? Como ouve o clariaudiente a voz psíquica que impressiona sua alma sem ferir o órgão auditivo? Como, nos casos de autoscopia, o sujeito percebe o interior de seu próprio organismo e descreve minuciosamente a parte afetada de determinado órgão?Como uma pessoa, ainda em estado normal, pode transmitir mentalmente a outra uma ordem e esta ser cumprida exatamente? Como, nos fenômenos telepáticos, em sonho ou estado de vigília, se transmitem e se recebem mensagens, avisos de doentes, visões simbólicas, ou representativas de lugares, cenas, coisas ocultas, acidentes etc? Como, enfim, nos casos de previsão e de sonhos premonitórios, chega-se a conhecer acontecimentos que, estando no futuro, não podem impressionar o cérebro?*[40]

Encontram-se orientações importantes também na obra de Jaci Regis , que escreveu a respeito:

> *Os fenômenos anímicos e os fenômenos mediúnicos caminham paralelamente. Os fenômenos anímicos compreendem uma variedade de atuações como, por exemplo, as comunicações entre vivos, amplamente comprovadas e que incluem a telepatia e outros mecanismos de intercâmbio mental. São também comuns as auto-comunicações, discursos falados ou escritos do próprio médium, em fenômeno de exteriorização ou exaltação mental*[41].

Como estudou profundamente toda a filosofia espírita, Herculano Pires também escreveu sobre o animismo em diversas ocasiões. Em seu *O Homem Novo,* ofereceu a seguinte contribuição:

> *O espiritismo explica a hipnose como o processo do desprendimento parcial do espírito, em sua ligação vital com o corpo. O espírito parcialmente liberto deixa o corpo em estado de sono, mas está mais acordado do que nunca. O sonâmbulo, realmente, está super-acordado, como percebeu o psiquiatra Raikov. Mas não do ponto de vista materialista.*

---

[39] Leon Denis. *O problema do ser, do destino e da dor.* 1.989, p. 86.

[40] Manuel S. Porteiro. *Espiritismo Dialético.* 2002. pp. 51-2.

[41] Jaci Regis. *Introdução à doutrina kardecista.* 1ª ed. Santos: LICESP, 1997, p. 93.

> *Não se trata apenas do Hipnotismo. A explicação espírita, confirmada por numerosas experiências científicas, rejeitadas pelos materialistas (mas que até hoje não sofreram contraprovas científicas, sendo refutadas somente no campo teórico) abrange muitos outros fenômenos ainda inexplicados, como todos os investigados pela Metapsíquica e pela atual Parapsicologia. As "reencarnações" de Raikov incidem no campo da "regressão da memória", que é precisamente uma das provas científicas da reencarnação*[42].

4.3 Espécies de fenômenos anímicos

Importa ressaltar, de início, que o fenômeno anímico encontra-se dentre aqueles denominados de metapsíquicos ou paranormais. A metapsíquica foi definida como "*a ciência que tem por objeto os fenômenos mecânicos ou psicológicos, devidos a forças que parecem inteligentes ou a potências desconhecidas latentes na inteligência humana*".[43] Aispúrua[44] informa que Richet classificou o estudo da metapsíquica em dois grupos: subjetiva e objetiva. No primeiro grupo colocou a criptestesia (faculdade de conhecimento diferente das formas sensoriais normais); a premonição (conhecimento de acontecimentos futuros); o desdobramento (separação temporal do organismo corporal de um duplo etéreo ou corpo astral); a xenoglossia (faculdade que algumas pessoas possuem de expressar-se em idiomas que conscientemente desconhecem); a dupla personalidade (o sujeito adota a identidade de outra pessoa, comportando-se de maneira totalmente diferente da habitual) e mediunismo (faculdade de servir como intermediário para que se manifeste um agente externo, comumente um espírito).

Adotadas as considerações já mencionadas, pode-se concluir que todos os fatos classificados por Richet como pertencentes à metapsíquica subjetiva, são obtidos através do animismo, ou, melhor, consistem-se em fenômenos anímicos. Quanto aos incluídos na classe da metapsíquica objetiva, os de telecinesia (ação física sobre objetos ou pessoas que se produz à distância e sem contato, diferente das forças mecânicas conhecidas) e os de ectoplasmia (formação de objetos ou seres viventes a partir de uma substância que sai do corpo do sujeito - ectoplasma), não há elementos que autorizem afirmar a possibilidade de serem produzidos pelo espírito encarnado em estado de emancipação.

Aizpúrua diz claramente: *Através dessas idéias, é conveniente precisar que os fenômenos paranormais são de caráter anímico e não mediúnico. Portanto são produzidos por forças inconscientes do ser humano encarnado.*[45].

A própria reminiscência do passado pode ser considerada, de certa forma, fenômeno anímico, pois há hipóteses em que o espírito encarnado revela um patrimônio intelecto-moral que absolutamente não reuniu na vida presente. Veja-se, a propósito, a menção feita por Núbor O. Facure: *A memória extra-cerebral, acumulada no cérebro espiritual, pode em condições especiais ser revelada, confirmando a multiplicidade das nossas personalidades, esclarecendo o "privilégio" das aptidões inatas, principalmente da genialidade precoce de um Mozart, justificando a reencarnação até como uma questão de justiça*.[46]

---

[42] J. Herculano Pires. *O homem novo.* 3ª ed. São Bernardo do Campo-SP: Correio Fraterno do ABC, 1989, p. 102.

[43] Jon Aizpúrua. *História da parapsicologia.* Trad. Rubens Medran Moreira. São Paulo: CEJB, 2002, p. 137, *apud* Charles Richet. *Traité de Métapsychique.* Livraria Félix Alcan. Paris, França, 1923, p. 2.

[44] *Ibidem,* p.138.

[45] Jon Aizpúrua. *Os fundamentos do espiritismo.* 2000, p. 153.

[46] Núbor O. Facure. *Muito Além dos Neurônios.* 2ª ed. São Paulo: Associação Médico Espírita de São Paulo, 1.999, p. 80.

4.4 Exemplos

Os autores que se dedicaram ao estudo do tema tomaram por ponto de partida casos concretos e, por isso mesmo, a literatura específica está bastante ilustrada com diversos exemplos. Alguns deles serão recordados neste espaço. De início, foram selecionadas algumas situações interessantes que se passaram com William Stead, narradas por Ernesto Bozzano:

- No mês de fevereiro transato (1893), encontrei-me no trem de ferro com um senhor a quem conhecera casualmente havia pouco. Sabia eu de modo geral que ele desde algum tempo se mostrava presa de graves preocupações, de sorte que a nossa palestra tomou um aspecto confidencial, por onde vim a saber que as suas preocupações eram de ordem financeira. Disse-lhe que ignorava se poderia ou não ser-lhe útil, mas que, fosse como fosse, lhe pedia me confiasse francamente as condições em que se encontrava, quais os seus débitos e os créditos ou a soma de que podia dispor. Respondeu que não se sentia com ânimo de entrar nessas particularidades. Abstive-me de insistir. Na primeira estação, separamo-nos. (...) por volta das duas da manhã, antes de meter-me na cama, sentei-me à mesa e, dirigindo o pensamento à pessoa em questão, ponderei-lhe: “Não tivestes a força moral de declarar-me face a face quais eram as vossas condições financeiras; mas, agora, podeis confiar-me tudo, escrevendo com a minha mão. Dizei-me, pois, como vos encontrais. Quanto deveis? “- Veio a resposta: “Os meus débitos montam a 90 libras esterlinas.”- Havendo perguntado se era exata a soma escrita, repetiu com todas as letras: “Noventa libras esterlinas.”- Perguntei: “É tudo?” – “Sim e, em verdade, não sei o que poderei fazer para pagá-las”. – “Quanto pensais que podeis obter pela pequena propriedade de que me falastes? “– “Conto obter 100 libras esterlinas; mas, talvez, seja muito. Em todo caso, preciso vendê-la por qualqur preço. Oh! Se pudesse achar com que ganhar a vida! Estou disposto a empregar-me seja no que for”. – “De quanto necessita para viver?” – “Não creio que possa viver com menos de 200 libras esterlinas por ano, pois não sou só, poderia viver com 50 esterlinos; mas, há o aluguel da casa e o vestuário. Nunca chegarei a ganhar tal soma. Não sei o que pensar”. “No dia imediato, fui à procura do meu amigo. (...) expliquei-lhe sumariamente os métodos de comunicação telepático-mediúnica e acrescentei: “Não sei se alguma palavra de verdade há em tudo o que a minha mão escreveu e hesito em vo-lo comunicar, sobretudo porque penso que a cifra por mim grafada como montante das vossas dívidas é extremamente exígua para ser verdadeira, tanto mais considerando a depressão moral em que estais. Assi, antes de tudo, vou ler-vos a cifra em questão. Se for exata, dar-vos-ei a conhecer o resto; se estiver errada, considerarei tudo como fruto de uma mistificação subconsciente, em que a vossa personalidade não entrou por coisa alguma. (...) antes que eu leia a mensagem, é preciso que façais mentalmente o cálculo do montante total das vossas dívidas, bem como da soma que esperais obter da venda da vossa propriedade, depois, o da soma que vos é necessária anualmente para vos manterdes com a vossa família e, por fim, o da soma com que poderíeis viver se fosseis só” – ele se concentrou um momento e disse: “Já pensei em tudo isso”. – Saquei então da mensagem e li: “O montante das vossas dívidas é de 90 libras esterlinas”. – Ele deu um salto e exclamou: “Exato! Entretanto, 100 esterlinos foi a quantia em que pensei, porque incluí o dinheiro necessário às despesas correntes”. Em tudo o mais conferia. “Segue-se, portanto, que a minha mão transcreveu com exatidão o pensamento de uma pessoa do meu conhecimento distante de mim muitas milhas, poucas horas depois de me haver essa mesma pessoa escrito, desculpando-se de não ter tido a coragem de me confiar as informações que lhe eu solicitara”.

Em vinte de setembro de 1893, William Stead, como de costume, encaminhou seu pensamento para Miss Summers, pedindo-lhe notícias. Imediatamente sua mão escreveu:

- “Hoje, para mim, é um dia de tristes desilusões. Em pagamento de um trabalho que fiz, recebi soma muito inferior à que eu esperava e com que contava, de modo que me encontro em aperturas econômicas assaz penosas. Não quis pôlo ao corrente de tudo isto, porque bem sabia que me proveria do dinheiro necessário, o que não quero. Tenho, entre outros, um débito de três libras esterlinas com o proprietário da casa. Não importa: hei-de consegui-las. “Disse eu: Mandar-lhe-ei a soma de que necessita. Resposta imediata; “Não, não aceitarei e há devolverei. Tenho a minha altivez e não quero parecer uma colaboradora mercenária”. “No dia seguinte mandei a Miss Summers uma pessoa que gozava de toda a sua confiança e vim a saber que ela, efetivamente, se achava nas dificuldades econômicas de que me informara mediunicamente. Quando, porém, soube por que meio eu fora informado de seus embaraços econômicos, ficou extremamente desgostosa (Proceedings, vol. IX, pág. 54).

Aksakof cita vários casos de comunicações feitas por pessoas vivas durante o sono, dos quais alguns merecem transcrição para nossas reflexões. São eles:

- 1 - Conta que recebeu de Wsevolod Solovioff a seguinte estória escrita: Certa noite em que eu me tinha demorado em uma conversação com amigos, senti de novo, às 2 horas da manhã, esse desejo irresistível de escrever. Tomei o lápis e pedi a uma pessoa de minha amizade, a Será. P., que o segurasse ao mesmo tempo. Pusemo-nos assim a escrever simultaneamente. A primeira palavra foi: Vera. À nossa pergunta: Que Vera? Obtivemos por escrito o nome de família de uma jovem minha parenta, com cuja família eu tinha reatado relações recentemente, depois de uma interrupção muito prolongada. Surpreendemo-nos, e, para ficarmos bem certos de que não nos enganamos, perguntamos: É realmente Vera M.? Recebemos esta resposta: Sim. Durmo, mas estou aqui, e vim para dizer-vos que nos veremos amanhã no Passeio de Verão. Então deixei o lápis e em seguida nos separamos. No dia seguinte, (...). Nunca, durante o inverno, tinha passeado nesse parque.Convém dizer, também, que eu não pensava mais no que se tinha passado na véspera, em nossa sessão espírita. Julgai de minha surpresa, quando, apenas transposto em alguns passos a grade do Passeio de Verão, eu me achei face a face com a jovem Vera M., que passeava com a sua dama de companhia. Ao ver-me, a jovem Vera M. perturbou-se visivelmente, tanto quanto eu mesmo, aliás, pois que a nossa sessão da véspera me voltou subitamente ao espírito. Trocamos um aperto de mão e nos deixamos sem dizer palavra.
- 2 – Alguns dias depois, deu-se um fato semelhante e nas mesmas condições: na sessão, minha mão escreveu o nome de Vera, e em seguida nos foi anunciado que ela passaria por nossa casa no dia seguinte às 2 horas. Efetivamente, à hora indicada, ela se apresentava em nossa casa, com a sua mãe, para fazer-nos uma visita. Esses fatos não se renovaram mais.
- 3 – A 20 de julho de 1858, uma moça, Sofia Swoboda, achava-se com a sua família à mesa, (...). Bruscamente se lembrou de não ter desempenhado a sua tarefa, a tradução de um texto francês para o alemão, e que deveria estar pronto para o dia seguinte pela manhã. Que fazer? Era muito tarde para entregar-se ao trabalho: cerca de 11 horas; ela

> estava, além disso, muito fatigada. Nessa preocupação, a jovem Soboda deixou os companheiros e isolou-se no quarto vizinho, pensando em sua incômoda distração, que ela lamentava tanto mais quanto era certo que votava estima particular à sua mestra. Mas eis que, sem aperceber-se, e até sem experimentar surpresa alguma, Sofia persuade-se achar-se em presença da Sra. W., a mestra em questão; dirige-lhe a palavra, dá-lhe parte, em tom jovial, da causa de seu pensar. Subitamente a visão desaparece e Sofia, de ânimo calmo, volta à reunião e conta aos convivas o que lhe sucedeu. No dia seguinte, a Será. W. chega à hora precisa e previne à Sofia, imediatamente, que está ciente de que o seu tema não está pronto, e faz a narração seguinte em presença da mãe de Sofia: na véspera, às 10 horas da noite, ela tinha lançado mão do lápis, para comunicar-se com o finado seu marido, por meio da escrita automática, como tinha por hábito fazer; mas dessa vez, em lugar de traçar o nome desejado e esperado, o lápis tinha começado a formular palavras em alemão, em uma escrita que reconhecera ser a de Sofia; eram termos graciosos, exprimindo descontentamento a respeito do tema que não tinha sido feito, por esquecimento. A Sra. W. mostrou o papel, e Sofia pôde convencer-se de que não somente a escrita era a sua, mas ainda que as expressões eram as que ela tinha empregado em sua fictícia conversação com a mestra. A jovem Sofia Swodoba, atesta que a Será. W. é pessoa de grande sinceridade incapaz de proferir a menor mentira (Psychische Studien, 1879).

4.5 O animismo no centro espírita

4.5.1 Como identificar o fenômeno anímico nas comunicações

Pelo que se depreende da lição de Manoel Philomeno de Miranda, em maior ou menor grau, sempre existirá o componente anímico no processo mediúnico, pois afirma que *em si mesmo, o animismo é ponte para o mediunismo que a prática do intercâmbio termina por superar. Todavia, vale a pena ressaltar que no fenômeno anímico ocorrem os de natureza mediúnica, assim como nos mediúnicos sucedem aqueles de caráter anímico.* Esclarece que *qualquer artista, ao expressar-se, na música, sempre dependerá do instrumento de que se utilize. O som provirá do mecanismo utilizado, embora o virtuosismo proceda de quem o acione.* Nessa linha de raciocínio, fecha seu posicionamento de que a interferência anímica é inafastável no transe mediúnico, ao menos no estágio de experiência em que nos encontramos, afirmando que *os valores intelectuais e morais do médium têm preponderância na ocorrência fenomênica, porquanto serão os seus conhecimentos, atuais ou passados, que vestirão as idéias transmitidas pelos desencarnados*[47]*.*

Na mesma esteira, ensinou Herculano Pires: *os instrumentos da pesquisa espírita, como dizia Kardec, são os médiuns, instrumentos de extrema sensibilidade e complexidade. Todos os médiuns estão sujeitos a interferências anímicas nas comunicações que transmitem*[48]*.*

Em pesquisa anterior sobre o Centro Espírita, Mauro de Mesquita Spinola observou a importância do estudo aprofundado do animismo no processo de desenvolvimento da mediunidade. Asseverou, apoiado nos autores clássicos que prosseguiram estudando o tema, e no próprio Kardec: *o médium que transmite mensagem de seu próprio espírito, quando em*

---

[47] Manoel Philomeno de Miranda. *Qualidade na prática mediúniuca.* 2000, p. 28.

[48] J. Herculano Pires. *Curso dinâmico de espiritismo – o grande desconhecido.* 2.000, p. 67.

estado de emancipação, realiza um fenômeno anímico mediúnico. Neste trabalho, no item 1.6, levanta-se um questionamento sobre essa questão, por parecer mais coerente a conclusão de que uma alma emancipada do corpo pode comunicar-se, mas o fenômeno seria de animismo puro ou não mediúnico.

Os autores evidenciaram bem a questão relacionada com a interferência do médium na comunicação mediúnica, levando a crer que o compromisso sério com a mediunidade, o seu exercício responsável, o estudo e a observação constantes poderão melhorar a qualidade das comunicações, minimizando a influência do intermediário. Com efeito, já se pode dispor na literatura espírita, com uma boa orientação teórica a respeito. O mesmo não ocorre, entretanto, com a questão das comunicações anímicas puras ou não mediúnicas, pois os recursos para identificá-las, diferenciando-as de outras comunicações, são praticamente inexistentes.

4.5.2 Com que incidência ocorre

Corroborando o pensamento predominante de que a compreensão do animismo é indispensável para um proveitoso estudo e desenvolvimento da mediunidade, Mauro Spinola afirmou:

> *Kardec estudou esse caso e concluiu que esse assunto é sutil e delicado, necessitando muitas observações e meditações antes de se concluir qualquer coisa sobre a natureza de determinado fenômeno. Concluiu também que é generalizada e natural a influência do médium nas comunicações. Isso nos leva à necessidade de rever duas posições: por um lado, o descuido na identificação dos fenômenos mediúnicos de natureza anímica e, por outro, o preconceito em relação a médiuns que apresentam características anímicas, confundindo-os com charlatães*[49].

Importante lição do psicólogo espírita Jaci Regis alerta sobre a interação espírito-médium durante o transe mediúnico. Escreveu que *a característica dos mecanismos mediúnicos não admite a passividade total do médium. Nem podem ser esquecidos fatores psicológicos da personalidade do médium. Logo, é preciso, de qualquer forma, analisar, investigar, submeter qualquer produção mediúnica, de quem quer que seja, aos critérios estabelecidos pelo próprio Kardec para a avaliação da mediunidade*.[50]

Como se vê, é indispensável saber a qualidade do trabalho mediúnico desenvolvido no centro espírita, não só para se poder utilizar este meio de estudo, pesquisa e desenvolvimento do conhecimento, mas, também, pela responsabilidade que todo centro espírita tem de dignificar a doutrina espírita, não permitindo que práticas aleatórias, místicas, contrárias à proposta de Kardec, denigram o espiritismo. Mais que isso, a mediunidade não pode servir dentro de um centro espírita, em nenhuma hipótese, a qualquer interesse particular e desvinculado do compromisso de contribuir para o crescimento e a melhora da humanidade.

Sem uma análise criteriosa das manifestações mediúnicas, esses objetivos não podem ser alcançados, a começar pela ausência de conhecimento sobre os tipos de fenômenos que se produzem nos trabalhos mediúnicos. É importante ter informação segura sobre eventuais mensagens anímicas, sua qualidade, sua periodicidade, as causas que as determinam etc.

---

[49] Mauro de M. Spinola. *Centro espírita*: uma revisão estrutural. 1997, p. 46.

[50] Jaci Regis. *Introdução à doutrina kardecista.* 1ª ed. Santos: LICESP, 1997, p. 90.

4.5.3 O que tem sido feito

Quantos centros espíritas estão catalogando, nos trabalhos de mediunidade, as comunicações anímicas? Mesmo sem nenhuma informação concreta a respeito, só pela inexistência de literatura, artigos, palestras ou qualquer tipo de evidência do tema, pode-se supor que essa preocupação é rara.

O presente trabalho tem o objetivo de propor uma pesquisa que venha fornecer maior clareza nesta questão e, quem sabe, oferecer orientação mais objetiva para o enfrentamento de um trabalho que precisa ser praticado nos centros espíritas, porém, por falta de recursos, permanece à margem das atividades diárias nos grupos mediúnicos.

Não existem elementos que autorizem afirmar a inexistência de trabalhos neste campo, mas, da mesma forma, a conclusão contrária também seria temerária por falta de informação. O que se vê comumente é o total desprezo e a completa falta de compromisso com o estudo e a pesquisa em torno dos trabalhos mediúnicos. Pior, sempre que um integrante do centro espírita critica as mensagens ou a postura dos médiuns cria-se um melindre que acaba sempre com o rompimento dos laços afetivos e o afastamento do médium.

4.6 Um questionamento

Sem embargo do reconhecimento obtido pelos clássicos estudiosos do tema, bem assim da autoridade que lhes conferem as intensas pesquisas realizadas com seriedade e persistência, parece não estar claro o entendimento de alguns autores contemporâneos, a exemplo também do que defenderam os clássicos, de que há sempre mediunismo no animismo, ainda que a mensagem provenha do próprio espírito encarnado responsável pela sua transmissão.

A dúvida levantada neste trabalho nasce do pensamento discordante neste ponto, por entender que é possível ocorrer uma manifestação anímica sem o concurso de médium ou intermediário.

O próprio Aksakof escreveu: "*Para mim a luz só começou a despontar no dia em que meu índice me forçou a introduzir a rubrica de Animismo, isto é, quando o estudo atento dos fatos me obrigou a admitir que todos os fenômenos mediúnicos, quanto ao seu tipo, podem ser produzidos por uma ação inconsciente do homem vivo*".[51] A análise dessa explicação e de outras tantas parece sugerir que os mesmos fenômenos mediúnicos até então conhecidos poderiam igualmente se produzir pelo próprio espírito encarnado, situação diferente do fenômeno espírita. Recorde-se o seguinte trecho de Aizpúrua, transcrito no item 1.2 supra: *no espiritismo, o animismo designa certo estado de transe no qual quem está provocando e produzindo o fenômeno de efeitos psíquicos ou físicos é o espírito do próprio ser encarnado e não o espírito desencarnado, pois neste caso seria um fato mediúnico*. Noutro momento, escreve: *um mesmo tipo de fenômeno, seja físico ou intelectual, pode ser anímico ou mediúnico* (...).[52]

Embora Aizpúrua esteja contrapondo o animismo ao mediunismo, na verdade os clássicos apontaram uma dicotomia entre animismo e fenômenos espíritas, entendendo-se por

---

[51] Alexander Aksakof. *Animismo e Espiritismo.* Vol. I. pp. 22-3.

[52] Jon Aizpúrua. *Os fundamentos do espiritismo.* 2000, p. 153.

fenômenos espíritas aqueles produzidos por Espíritos desencarnados e por animismo, os produzidos pela alma ou espírito encarnado.

Tome-se para reflexão o seguinte ensinamento de Ernesto Bozzano:

> *Nem um, nem outro logra, separadamente, explicar o conjunto dos fenômenos supranormais. Ambos são indispensáveis para tal fim e não podem separar-se, pois que são efeitos de uma causa única e esta causa é o espírito humano que, quando se manifesta em momentos fugazes durante a encarnação, determina os fenômenos anímicos e, quando se manifesta mediunicamente, durante a existência "desencarnada", determina os fenômenos espiríticos".*[53]

Em outro momento, na mesma obra, Bozzano diz que *a denominação de "fenômenos mediúnicos" propriamente ditos designa um conjunto de manifestações supranormais, de ordem física e psíquica, que se produzem por meio de um "sensitivo" à quem é dado o nome de médium, por se revelar qual instrumento a serviço de uma vontade que não é a sua*.[54] Afirma ainda:

> *Segue-se que as duas classes de manifestações resultam de naturezas idênticas, com a diferença, puramente formal, de que, quando elas se dão por obra de um vivo, entram na órbita dos "fenômenos anímicos" propriamente ditos, e de que, quando se verificam por obra de um defunto, entram na categoria, verdadeira e própria, dos fenômenos espíritas. Evidencia-se, portanto, que as duas classes de manifestações são complementares uma da outra, a tal ponto que o Espiritismo careceria de base, dado não existisse o Animismo.*[55]

Parece evidente a dicotomia entre os fenômenos anímico e espírita. Bozzano se encarregou de demonstrar que um não infirmava o outro e que ambos confirmavam o espiritismo. Aksakof apresentou uma classificação trinaria, referindo-se aos fenômenos: anímico não mediúnico, espírita e anímico-mediúnico. É que a sua preocupação, como também a de Bozzano, era demonstrar que embora na causa desses fenômenos estivesse sempre o espírito humano, nem sempre ocorria um fenômeno espírita (comunicação do espírito desencarnado). As experiências, especialmente as de Bozzano, mostraram que poderiam provir também das almas (espíritos encarnados), tendo-se constatado, ainda, fenômenos anímicos através da mediunidade. Por anímicos mediúnicos, Aksakof define aqueles que envolvem participação de pessoas vivas em fenômenos mediúnicos tais como psicografia, psicofonia, aparições, etc.

Feita essa análise, não parece razoável a interpretação feita por Aizpúrua quando escreveu o seguinte: *O animismo não invalida a mediunidade, porque, em última instância, ao produzir-se um transe de caráter anímico, o sujeito está atuando como intermediário de seu próprio espírito, como médium de si mesmo*.[56] É certo que o animismo não invalida o mediunismo, mas é muito estranha a fundamentação por ele utilizada.

Seria mesmo razoável admitir que um espírito encarnado, emancipado do corpo físico, precisaria de um intermediário para manifestar-se? Toda a compreensão do fenômeno mediúnico alcançada até os dias atuais define o médium como intérprete. Pois bem, sendo lógica a proposta de Aizpúrua, o espírito encarnado serviria de intérprete para ele mesmo, emancipado

---

[53] Ernesto BOZZANO. *Animismo ou espiritismo*: qual dos dois explica o conjunto dos fatos? p. 9

[54] *Ibidem.* p. 51.

[55] *Ibidem,* mesma página.

[56] Jon Aizpúrua. *Os fundamentos do espiritismo.* 2000, p. 153

do corpo físico? Como poderia ser o emitente da mensagem e o intérprete ao mesmo tempo? Essa conclusão poderia levar à afirmação de que o médium ou o intérprete no fenômeno espírita é só o corpo físico, mas não é isso que se dessume do estudo Espírita. Contrariando essa possibilidade, destaca-se, a seguir, um texto de André Luiz, referindo-se ao médium desligado do corpo físico: *O médium, assim desligado do veículo carnal, afastou-se dois passos, deixando ver o cordão vaporoso que o prendia ao campo somático (...) não obstante liberto do vaso somático, prossegue em comunhão com ele, por intermédio do laço fluídico de ligação.*[57]

O médium, de acordo com o conhecimento que nossa limitada percepção alcançou, é a pessoa humana; portanto, é o espírito encarando. Não seria unicamente o espírito, pois depende de uma pré-disposição orgânica, mas, também, não seria apenas a matéria, pois concorre na elaboração da mensagem que interpreta, a ponto de alguns autores escreverem que não existe comunicação mediúnica desprovida de certo componente anímico. Mais uma vez vale a pena citar André Luiz:

> *Ainda mesmo no campo de impressões comuns, embora a criatura empregue os ouvidos e os olhos, ela vê e ouve com o cérebro, e, apesar de o cérebro usar as células do córtex para selecionar os sons e imprimir as imagens, quem vê e ouve, na realidade, é a mente. Todos os sentidos na esfera fisiológica pertencem à alma, que os fixa no corpo carnal, de conformidade com os princípios estabelecidos para a evolução dos Espíritos reencarnados na terra*[58]*.*

Por essa razão, não parece existir mediunismo quando o fenômeno se traduz na manifestação de uma alma emancipada do corpo, como ocorre no sonambulismo, por exemplo; não haveria razoabilidade neste raciocínio. Leon Denis assevera que *o "eu" exteriorizado durante a vida e o "eu" que sobrevive após a morte são idênticos e representam dois aspectos sucessivos da existência de um único e mesmo ser*. [59]

Tendo-se em conta que o fenômeno mediúnico traduz-se pela interpretação de uma mensagem proveniente de outra inteligência diferente da do médium, poder-se-ia afirmar que ocorrendo essa hipótese o caso seria de comunicação mediúnica ainda que o emissor da mensagem fosse encarnado; mas, como o termo animismo foi criado para referir-se às manifestações das almas ou espíritos encarnados, surgiu esta terceira categoria de fenômeno na classificação de Aksakof, denominada de anímico-mediúnica, não compreendida no animismo puro ou não mediúnico e tampouco no fenômeno espírita por não derivar de espíritos desencarnados.

Manuel S. Porteiro esclarece bem a desvinculação dos fenômenos anímicos dos órgãos sensoriais, fato que coloca ainda mais dúvidas sobre a necessidade de um intermediário para que os fenômenos anímicos aconteçam. Afirma claramente: *sem dúvida que os órgãos sensoriais não fazem aqui nenhum papel e que os centros sensitivos e motores pouco ou nada têm que fazer. E se, como dizem os psicólogos empíricos, toda função psíquica se realiza mediante um órgão e um centro cerebral, quais são os órgãos e os centros cerebrais da telepatia, da clarividência, da premonição, etc.?*[60]

---

[57] Francisco Candido Xavier, pelo espírito de André Luiz. Nos domínios da mediunidade. pp. 98-9.

[58] Idem. ibidem. p. 110.

[59] Leon Denis. *O problema do ser, do destino e da dor.* 1.989, p. 91.

[60] Manuel S. Porteiro. *Espiritismo Dialético.* 2002. p. 51.

Na mesma esteira a lição de Bozzano, ensinando que essas faculdades pertencem a um plano qualitativamente diverso e absolutamente independente daquele em que agem os fatores da evolução biológica. Escreveu, a propósito:

> *As faculdades supranormais subconscientes, em vez de se exercitarem no plano da consciência normal, somente surgem sob a condição de que as funções da vida de relação se achem temporariamente abolidas ou apagadas, dependendo do grau, mais ou menos profundo, de inconsciência em que jaza o sensitivo, o grau de maior ou menor perfeição com que elas se exteriorizam. Ora, não se podendo negar que, imerso no estado de inconsciência, um organismo sensiente é um organismo temporariamente privado de qualquer relação com o mundo exterior – portanto, impotente para a luta pela vida – logicamente se segue que os fatores biológicos não podem, não puderam e não poderão nunca nenhuma influência exercer, por mínima que seja, sobre a gênese e a evolução das faculdades psicosensorias subconscientes.*[61]

A propósito do questionamento levantado neste item, vale anotar a afirmação de Jaci Regis: *A melhor definição do papel do médium é que ele é o intérprete do Espírito comunicante. Isso afasta a pretensão de infalibilidade de alguns médiuns e a tolice sustentada por quem desconhece o mecanismo de que existam comunicações sem a interferência do intermediário*.[62] Pois bem, partindo-se da afirmação de Jon Aizpúrua de que no *transe de caráter anímico, o sujeito está atuando como intermediário de seu próprio espírito, como médium de si mesmo* restaria indagar quem assume o papel de comunicante e quem seria o intermediário.

Finalizando, transcreve-se, por oportuno, mais uma lição de Jaci Regis: *Os fenômenos mediúnicos se caracterizam invariavelmente pela atuação de uma inteligência diferente e independente do médium*.[63]

5 Um exemplo de projeto de pesquisa: Animismo

Segue uma proposta de projeto de pesquisa de estudo de caso sobre animismo. Segundo Yin, um protocolo para estudo de caso deve apresentar as seguintes seções:

- ✓ Uma visão geral do projeto de estudo de caso (objetivos e patrocínios do projeto, questões de estudo de caso e leituras importantes sobre o tópico que está sendo investigado).
- ✓ Procedimentos de campo (credenciais e acesso aos locais de estudo de caso, fontes gerais de informações e advertências de procedimentos)
- ✓ Questões do estudo de caso (as questões específicas que o pesquisador do estudo de caso deve manter em mente ao coletar os dados, uma planilha para disposição específica de dados e as fontes em potencial de informações ao se responder cada questão).
- ✓ Guia para o relatório do estudo de caso (resumo, formato de narrativa e especificação de quaisquer informações bibliográficas e outras documentações).

---

[61] Ernesto BOZZANO. *Animismo ou espiritismo*: qual dos dois explica o conjunto dos fatos? p. 23.

[62] Jaci Regis. *Introdução à doutrina kardecista.* 1ª ed. Santos: LICESP, 1997, p. 91.

[63] idem. ibidem. p. 93

Neste trabalho, estão sendo desenvolvidos os dois primeiros itens (e mesmo nestes são desenvolvidos apenas os aspectos essenciais). Os demais serão objeto de trabalho posterior, e são necessariamente mais vinculados ao contexto e local da pesquisa a ser efetivamente realizada.

5.1 Visão geral

5.1.1 Questões

Questão fundamental:

- ✓ Como distinguir se a manifestação em foco ou um conjunto delas provém da própria pessoa, de uma comunicação espírita ou de uma manifestação anímica?

Subquestões:

- ✓ Haveria algum elemento ou indício que autorizaria encaminhar o estudo para uma das opções?
- ✓ Quais são as características identificadoras da comunicação da própria pessoa?
- ✓ Quais são as características identificadoras da manifestação anímica?
    - o Em que circunstâncias ou situações há maior chance de ocorrer o fenômeno anímico?
- ✓ Quais são as características identificadoras da comunicação espírita?
    - o Sempre que o conteúdo revelar um conhecimento diferente/acima do nível do médium, é possível afirmar que se trata de comunicação espírita?
    - o É possível concluir, com certeza, que se trata de comunicação espírita, apesar de não existirem elementos para identificar o espírito comunicante?

5.1.2 Proposições

Proposições (hipóteses):

- ✓ Há condições objetivas para diferenciar as três alternativas.
- ✓ Um estudo sério da mensagem pode descartar definitivamente as hipóteses de animismo e comunicação espírita.
- ✓ Só quando for possível reconhecer a identidade do espírito manifestante podem ficar descartadas as outras hipóteses (animismo e da própria pessoa).
- ✓ As manifestações reveladoras de conteúdos desconhecidos do médium podem ser anímicas ou espíritas.

5.2 Procedimentos de campo

Proposta: analisar a manifestação em foco isolada e conjuntamente. Considerar o contexto. Aspectos a considerar:

- ✓ aspectos relacionados com a mensagem: linguagem, conteúdo, assinatura, símbolos explícitos e implícitos (semiótica)
- ✓ aspectos relacionados com a autoria: é sempre o mesmo espírito? há coerência entre assinatura e mensagem? o espírito sempre se comunica através do mesmo médium? há dados ou informações que permitam confirmar a identidade?
- ✓ aspectos pessoais da vida do médium: tempo de conhecimento espírita, cultura (espírita e geral), saúde, família, profissão
- ✓ aspectos relacionados com o grupo mediúnico: há correlação entre as manifestações em foco e a presença ou ausência de um ou mais integrantes? número de integrantes, assiduidade, homogeneidade, tempo de formação
- ✓ instituição: prioridades, atividades principais, tempo de fundação, formação dos integrantes
- ✓ direção da reunião mediúnica: conhecimento e atitudes do dirigente, relacionamento do dirigente com a pessoa responsável pela manifestação investigada, experiência no trato com os espíritos

6 Conclusões

A preparação de um projeto de pesquisa requer, sempre, um estudo aprofundado do assunto, para permitir maior domínio das variáveis envolvidas na pesquisa. Para um estudo de caso, que em geral parte de um modelo teórico mais aberto e menos formalizado, essa preparação é fundamental. Para o projeto esboçado para pesquisa do animismo, confrontando-o com as demais alternativas de manifestações, foi necessário, para identificação das questões e proposições, bom conhecimento prévio dos trabalhos de pesquisa realizados anteriormente na área.

O protocolo esboçado mostra que o método de estudo de caso pode ser aplicado na pesquisa espírita, sobretudo em situações em que as questões-chave de pesquisa são "como" e "por que".

É necessário, como próximos passos:

- ✓ desenvolver os detalhes do projeto, adequando-o às características de cada contexto de estudo, e facilitando assim sua aplicação,
- ✓ aplicá-lo em contextos e grupos diversos,
- ✓ estabelecer intercâmbio entre os grupos,
- ✓ aperfeiçoar a teoria e propor novos estudos de casos.

Os grupos interessados neste trabalho estão convidados a integrarem-se a ele, entrando em contato com os autores ou com o CPDoc.

Referências bibliográficas:

AIZPÚRUA, Jon. *História da parapsicologia.* Trad. Rubens Medran Moreira. São Paulo: CEJB, 2002.

AIZPÚRUA, Jon. *Os fundamentos do espiritismo.* Trad. Leile Cacacci. São Paulo: CEJB, 2000.

AKSAKOF, Alexander. *Animismo e espiritismo*. Trad. C. S. 3. Vol. II. Rio de Janeiro: FEB, 1978. 2v.

AKSAKOF, Alexander. *Animismo e espiritismo.* Vol. I. prefácio da Edição Alemã. Rio de Janeiro: FEB, 1983.

BOZZANO, Ernesto. *Animismo ou espiritismo:* qual dos dois explica o conjunto dos fatos? Trad. Guillon Ribeiro. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1982.

BRYMAN, Alan. *Research methods and organization studies*. London: Unwin Hyman, 1995.

DENIS, Leon. *O problema do ser, do destino e da dor.* 15ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1.989.

FACURE, Núbor O.. *Muito Além dos Neurônios.* 2ª ed. São Paulo: Associação Médico Espírita de São Paulo, 1.999.

GELEY, Gustavo. *Del inconsciente al consciente.* Editora Cultural Espírita León Denís C.A: Caracas-Venezuela, 1995.

GHAURY, Pervez; GRONHAUG, Kjell; KRISTIANSLUND, Ivar. *Research methods in business studies*: a practical guide. Prentice-Hall, 1995.

KARDEC, Allan. *Iniciação Espírita.* 7ª ed. Trad. Joaquim da Silva S.Lobo. Edicel: São Paulo, 1982.

KARDEC, Allan. *Iniciação Espírita.* 7ª ed. Trad. Joaquim da Silva S.Lobo. Edicel: São Paulo, 1982.

KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos. 3*ª ed. Trad. J. Herculano Pires. Edicel: São Paulo, 1982.

KARDEC, Allan. *O Livro dos médiuns.* 55ª ed. Trad. Guillon Ribeiro à 49ª ed. Francesa. Rio de Janeiro: FEB, 1987.

LAZZARINI, Sérgio Giovanetti. Estudos de caso: aplicabilidade e limitações do método para fins de pesquisa. *Economia & empresa*, v. 2, n. 4, p. 17-26, out/dez 1995.

LUCCIA, Reinaldo Di. *Perispírito, nova abordagem.* Caderno Cultural Espírita. Ano 1, edição 1, 2002.

MIRANDA, Manoel Philomeno. *Qualidade na prática mediúnica.* Salvador: LEAL, 2000.

NAKANO, Davi Noboru; FLEURY, Afonso Carlos Corrêa. Métodos de pesquisa na Engenharia de Produção. In: ENEGEP – ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, XVI, Piracicaba, 1998. *Anais*. Pricacicaba: UNIMEP/ABEPRO, 1996 (CD-ROM)

PIRES, J. Herculano Pires. *O homem novo.* 3ª ed. São Bernardo do Campo-SP: Correio Fraterno do ABC, 1989.

PIRES, J. Herculano. *Curso dinâmico de espiritismo – o grande desconhecido.* 4ª ed. São Paulo: Paidéia, 2.000.

PIRES, J. Herculano. *Introdução à filosofia espírita*. São Paulo: Paidéia, 1983.

PORTEIRO, Manuel S. *Espiritismo Dialético.* 1ª ed. São Paulo: CEJB, 2002.

REGIS, Jaci. *Introdução à doutrina kardecista.* 1ª ed. Santos: LICESP, 1997.

SPINOLA, Mauro de M. *Centro espírita*: uma revisão estrutural. Santos: CPDoc, 1997.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. 9. ed. Cortez Editora, 2000.

XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo, pelo Espírito de André Luiz.. *Mecanismos da mediunidade.* 14ª ed. Rio de Janeiro: FEB.

XAVIER, Francisco Cândido, pelo Espírito de André Luiz. *Nos domínios da mediunidade.* 29ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002.

YIN, Robert K. *Estudo de caso*: planejamento e métodos. Trad. Daniel Grassi. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

A GLÂNDULA PINEAL

Alcione Moreno

V - Simpósio Brasileiro do Pensamento Espírita

ÍNDICE

A Glândula Pineal

Introdução 03

Anatomia 04

Histologia e Ultra-estrutura 05

Bioquímica, Secreção e Biossintese 06

Efeitos Fisiológicos 07

Sono 07
Doenças Neurológicas 07
Sistema Imunológico 07
Câncer 07
Distúrbios Psiquiátricos 07
Analgesia e Stress 07
Metabolismo Intermediário 07
Outras Manifestações Clínicas 07
Sistema Reprodutor 08
Sexualidade 08

A Glândula Pineal e Outras Doutrinas

Doutrinas Orientais 09

Numerologia 10

O Paradigma da Yoga 11

Cromologia 12

A Glândula Pineal e Espiritismo 14

Conclusão 17

Referências Bibliográficas 18

A GLÂNDULA PINEAL

Introdução

A glândula pineal tem a forma de um cone de pinha (pinea) e no adulto mede 8 mm de comprimento por 4 mm de largura e pesa 0,1 a 0,2 gramas[11].
Apesar de sua anatomia tão discreta está sempre envolta por um misticismo. Citada em várias doutrinas, desde 3.000 anos a. C. na Yoga, no esoterismo, na numerologia ela aparece com alguns pontos em comum do conhecimento humano.
No ocidente foi descrita pela primeira vez por Herophilus de Alexandria, por volta do ano 330 a. C., e foi reconhecida como uma glândula por Galeno, em Roma[30], que introduziu o termo "Konareon" para a pineal, pela estrutura em forma de um cone de árvore de pinha, "Pineal" é derivado do latim pinealis, que significa cone de pinha. A glândula Pineal também é conhecida como epífise, mas este termo é muito parecido com Hipófise, que é outra glândula do sistema endócrino, podendo dar margem a confusões, prefiro chamá-la de pineal, por ser mais aceito no campo científico, e também evitando equívocos.
Versalius, no século XVI, descreveu elaboradamente a topografia e a consistência da glândula.[30]
Descartes, no século XVII, atribuiu a pineal como sendo o ponto de união da alma ou espírito ao corpo biológico.[10](Figura 1)

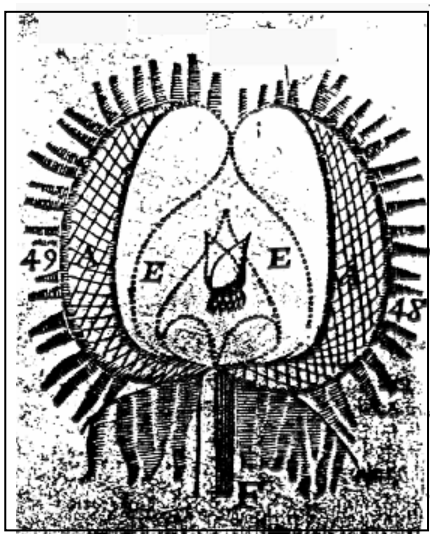


Figura 1 - Pineal de Descartes [28]

O Espiritismo no século XIX a coloca como importante região na mediunidade e na deflagração da puberdade.
Contemporaneamente, a pineal ressurge como objeto de estudo da Medicina e da Biologia, através de uma revisão da literatura mundial feita por Kitay e Altschule em 1954[17], Outro marco nos estudos da pineal ocorreu em 1959, quando Lerner[21] et al. isolou o hormônio da glândula pineal, a que chamou de melatonina. A partir disso, em vários trabalhos, congressos e simpósios procurou-se esclarecer o papel funcional da pineal.
A glândula pineal vem sendo estudada detalhadamente em vários animais e muitos achados demonstram a importância da pineal em vertebrados, mamíferos e humanos. Comum a todos os vertebrados é o caráter endócrino da pineal, cuja secreção é controlada pelo ciclo claro-escuro ambiental[41]. Sendo a produção de melatonina exclusivamente noturna, a duração de sua concentração no extracelular depende da duração do período de escuro do ciclo dia-noite. A

concentração plasmática de melatonina também varia de acordo com as diversas estações do ano, que determinam noites com diferentes durações conforme a estação vigente.[30]
A pineal é um temporizador do meio interno, estando envolvida na regulação de diversas funções fundamentais para a sobrevivência do indivíduo; regulação endócrina da reprodução, modulador do comportamento sexual, ciclo sono-vigília, regulação do sistema imunológico, regulação do metabolismo intermediário. Relatos ligam a pineal a distúrbios psiquiátricos como SAD (Seasonal Affective Disorder), analgesia e stress, distúrbios dos sono, epilepsia e outras manifestações clínicas, caracterizando a importância do estudo da glândula pineal e do seu principal hormônio, a melatonina.[31]

Anatomia

A glândula pineal tem a forma de um cone de pinha (pinea) e no adulto, mede 8 mm de comprimento por 4 mm de largura e pesa 0,1 a 0,2 gramas[30]. É um órgão parenquimatoso, derivado do teto diencefálico caudal que se projeta posteriormente no tronco cerebral[43].
Está unida ao diencéfalo por um pedículo que no homem é curto e fino, situando-se entre os colículos superiores. O terceiro ventrículo está imediatamente anterior à pineal que está em contato com os recessos pineal e suprapineal do mesmo. Encontra-se também logo abaixo do esplênio do corpo caloso. (Figura 2)[9]

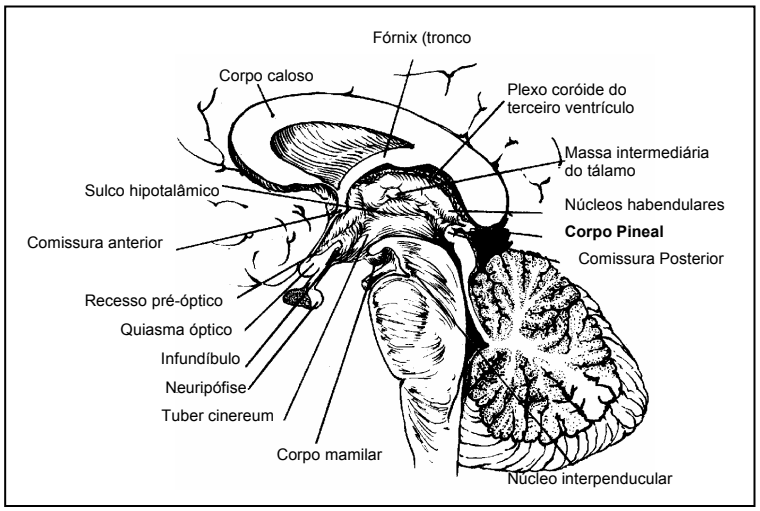


Figura 2 - Corte sagital do cérebro mostrando o diencéfalo [9]

O suprimento arterial é dado pelas artérias coroidais posteriores e a drenagem venosa, pelas veias cerebrais internas que cursam dorsalmente a pineal.[30]
A glândula pineal em mamíferos tem 3 componentes celulares principais: a célula pineal ou pinealócito, células gliais e terminações nervosas.[14]
Os estímulos básicos para a regulação da função pineal são luz ambiental e mecanismos endógenos geradores de ritmo.[43]
A informação fotossensória chega até o final através de uma complexa via polineural que começa nas células ganglionais da retina[13, 25], passando pelo quiasma óptico, compondo o trato retino-hipotalâmico, chegando até o núcleo supraquiasmático, onde ocorrem sinapses. Dentro do tronco cerebral, o caminho do hipotálamo lateral até a medula espinhal não é muito bem determinado, mais provavelmente envolve o fascículo prosencefálico medial. Projeções descendentes fazem sinapses na coluna intermediolateral e ganham o gânglio cervical superior por fibras pré ganglionais. Finalmente fibras simpáticas adrenérgicas chegam a pineal pelo

nervo coronário, que entra na glândula pelo seu ápice no tentório do cerebelo[11, 13, 14, 24, 37]. (Figura 3)
Uma vez dentro da glândula, os nervos simpáticos terminam principalmente nos espaços intersticiais e só algumas terminações nervosas o fazem encostadas ao próprio pinealócitos. Tal disposição permite que as substância neurohumorais liberadas por essas terminações nervosas simpáticas se difundam aos pinealócitos, através do espaço intersticial.[18]

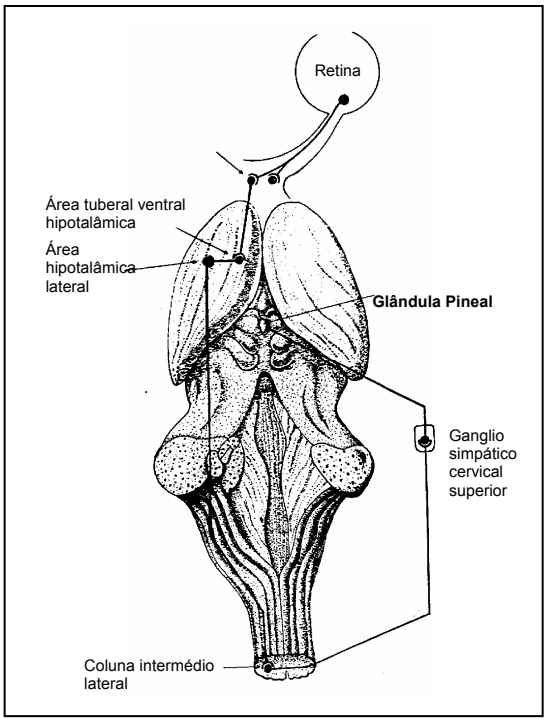


Figura 3 - Anatomia da via polineural da informação fotossensória [28]

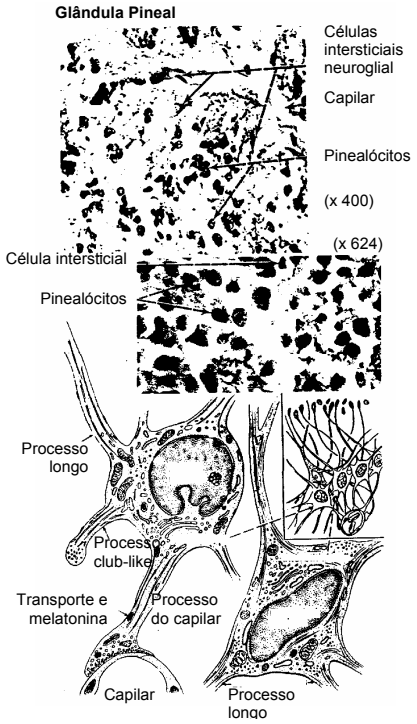
Histologia e Ultra-estrutura

Os tipos celulares encontrados na glândula pineal de um mamífero adulto são geralmente divididos em células parenquimais (pinealócitos) e intersticiais (também ditas "células de sustentação"), das quais muitas podem ter origem glial.(Figura 4) (Figura 5)
A morfologia da glândula pineal humana é similar àquelas descritas em outros mamíferos (Figura 6). É envolvida por uma cápsula e dividida em lóbulos separados por tecido conectivo trabecular.[12]



Figura 4 - Pinealócitos e prolongamentos das células gliais [28]

Figura 5 - Tipos celulares da glândula pineal[28]



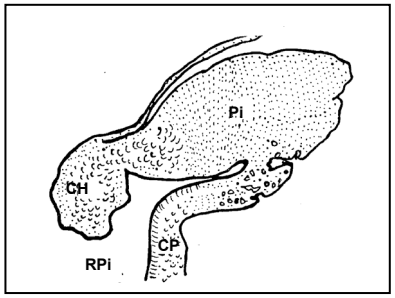
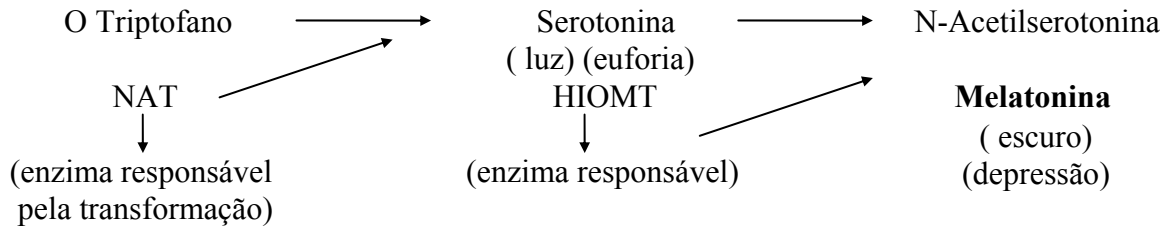


Figura 6 - Glândula pineal fetal - Desenho de uma secção médio-sagital - Pi: glândula pineal; CH: comissura habenular - CP: comissura posterior - Rpi: recesso pineal[12]

Bioquímica, Secreção e Biossintese

Em alguns animais, a melatonina é produzida na retina e na pineal, mas, no ser humano, a produção fisiologicamente importante é de origem pineal, já que humanos pinealectomizados não apresentam níveis detectáveis de melatonina circulante[26, 33]. A melatonina foi isolada em 1959 por Lerner[90]. Este hormônio recebeu o nome grego melas (escuro) e tonos (trabalho). A melatonina, ou N-acetil-5metoxitriptamina, é o maior produto metabólico da pineal. É uma indoleamina com um peso molecular de 232.3[20]. A sua síntese depende das condições ambientais de luz[23, 34] e é estimulada por fibras simpáticas pós-ganglionares provenientes do gânglio cervical superior, cuja atividade está sincronizada com a fase escura do ciclo dia-noite. A luz tem ação inibitória.[30]



O estudo da pineal, atualmente, vem tomando grande vulto na prática clínica corrente e isso se deve às descobertas concernentes aos vários aspectos de sua função.

Efeitos Fisiológicos e Patológicos

A pineal é a estrutura responsável pela transmissão de informação fotoperiódica ao organismo, e exerce papel regulatório sobre os mais diversos eventos fisiológicos, metabólicos e comportamentais.[30]

Sono: A melatonina é secretada maximamente durante o sono, que acontece normalmente nas horas de escuridão (noite)
É um hormônio produtor de sono.
Ela inibe os neurônios serotonigérgicos da formação reticular, que é envolvido no despertar.
Os níveis de melatonina declinam com a idade e pessoas mais velhas dormem menos que as jovens.

Doenças Neurológicas: A glândula pineal e a melatonina tem um papel importante na regulação e modulação da atividade elétrica cerebral e vem sendo demonstrado que estão envolvidas nos mecanismos de convulsão.
Há também influência no movimento podendo estar envolvida na doença do neurônio motor, esclerose lateral amiotrófica (ELA), na doença de Parkinson.

Sistema Imunológico: O sistema imunológico apresenta ritmicidade circadiana e sazonal na maioria das funções, sugerindo que ele possa ser regulado pela pineal.
A melatonina age preferencialmente na resposta humoral, estimulando-a.

Câncer: Existe um papel inibitório da pineal no crescimento tumoral.
A melatonina vem sendo administrada em humanos e o seu efeito antihumoral depende do fotoperíodo e da hora do dia em que foi administrada, de manhã - inibitória, a noite - estimulatória.

Distúrbios Psiquiátricos: São importantes em certas doenças psiquiátricas como a depressão e a esquisofrenia.
Os transtornos sazonais de humor não são incomuns; é um distúrbio psiquiátrico com forte componente anual, conhecido como SAD (Seasonal Affective Disorder), ou o transtorno afetivo sazonal, que se caracteriza por períodos recorrentes de depressão, tipicamente nos meses de inverno, ou seja nos dias mais curtos do ano.
É evidente a influência da luz e da melatonina na depressão. A luz melhora e a melatonina piora.

Analgesia e Stress: Há um papel regulador de opióides endógenos na regulação da função pineal. A noite, a melatonina está em alta e as beta-endorfinas estão em baixas.
A glândula pineal exerce um papel no stress, provavelmente quando a melatonina é secretada episódicamente durante os períodos de despertar diurnos.

Metabolismo Intermediário: Exerce um papel modulador nos processos metabólicos, em geral e enzimáticos celulares em particular.
Em indivíduos normais, a curva glicêmica que segue a uma carga oral de glicose varia de acordo com a hora do dia, atingindo níveis mais altos e persistentes por mais tempo à tarde e a noite.

Outras Manifestações Clínicas: Há vários relatos do papel da glândula pineal em doenças humanas como hipertensão, desordens de mielina, doenças oculares como glaucoma, porfiria, hemocromatose e distúrbios endócrinos.

Sistema Reprodutor: Sendo a pineal o órgão da interface entre o organismo e os eventos cíclicos ambientais, é a responsável pela regulação de todos os eventos fisiológicos necessários

à adaptação dos indivíduos às flutuações sazonais. Dentre os eventos sazonais, a reprodução é o evento mais bem estudado[36]. Vários estudos epidemiológicos[34] demonstram que os seres humanos apresentam num período do ano, no equinócio da primavera, o aumento na taxa de concepção. Essa incidência anual está estritamente vinculada à latitude e, portanto, ao fotoperíodo da região geográfica considerada. Pode-se considerar então a espécie humana como de reprodução em dias longos e a melatonina, como hormônio de ação antigonadotrófica.[27]
A pineal vem sendo correlacionada com a deflagração da puberdade[4]. Até 1993 se sabia que a produção de melatonina durante a puberdade apresentava-se diminuída[7]. Com as recentes pesquisas está bem estabelecido a importância da pineal no controle do sistema reprodutor. [27]
Há evidências de que a diminuição de melatonina seja indutora da puberdade. Há um aumento significante dos níveis de melatonina na telarca[5].
Está envolvida na regulação do ciclo menstrual da mulher, já que se observam níveis séricos diminuídos no momento da ovulação e níveis elevados nos dias subsequentes.
Uma outra possível influência da glândula pineal pode ser a sincronização dos ciclos menstruais que se nota em mulheres que passam algum tempo juntas. Num aumento significativo da sincronização dos ciclos entre mulheres que repartem um quarto entre amigas íntimas, ocorreu nos primeiros 4 meses de residência em um dormitório de uma escola feminina.[39]

Sexualidade: Não existem trabalhos quanto ao papel da glândula pineal e a sexualidade humana. Porém em animais, a melatonina inibe o comportamento sexual, e em dias longos há um aumento copulatório.
É produzida exclusivamente à noite e a duração de sua concentração no extracelular depende da duração do período de escuro do ciclo dia-noite, variando com as diversas estações do ano.
A influência da pineal em algumas patologias abre um grande campo de pesquisa ainda não totalmente explorado. As indicações relatadas, em trabalhos atuais, da sua participação em grande número de eventos biológicos, não só no homem como em outras espécies, demonstram a importância desse campo de pesquisa ser efetivamente explorado.
É interessante notar como doutrinas milenares já indicaram sua importância, que hoje a ciência consegue provar.
A importância do estudo da glândula pineal e da melatonina emerge com mais rigor a partir da hipótese de ela poder servir como instrumento terapêutico. Esta revisão tem como objetivo, também, encorajar o estudo nesse vasto e promissor campo de pesquisa, de onde podem advir grandes descobertas.

A GLÂNDULA PINEAL E OUTRAS DOUTRINAS

Doutrinas Orientais

Nas doutrinas orientais a glândula pineal corresponde ao centro coronário também chamado "chakra" coronário. A palavra chakra é sânscrita, e significa roda, ou disco giratório. É usada por classificar o que amiúde se chama de Centros de Força do Homem. (Figura 7)[31]
A energia no interior do chakra deve sair ou entrar de acordo com a direção em que está girando. A direção de seu giro é determinada pela influência das correntes positivas e negativas que são alternadas e que dependem da energia do planeta e do cosmo.[38]
O Centro coronário é o sétimo situado no alto da cabeça. Os livros hindus chamam-no lótus de mil pétalas, embora o número exato de força primária seja 960.[32]
Estas "pétalas" são uma maneira de descrever a frequência da energia em cada chakra. O número de pétalas em cada lótus é o mesmo que o número de raios que cada roda de força tem (Figura 8)[143].
No centro coronário que está na posição da glândula pineal há o desenvolvimento das experiências subjetivas do "Eu Sou". Precisamos sentir, sempre, o ritmo de dormir e acordar, de inspirar e expirar, e todos os pares de oposições que vem com o mundo objetivo e da forma. São esses ritmos que nos dão a lei cíclica ou periódica em toda manifestação.[38]

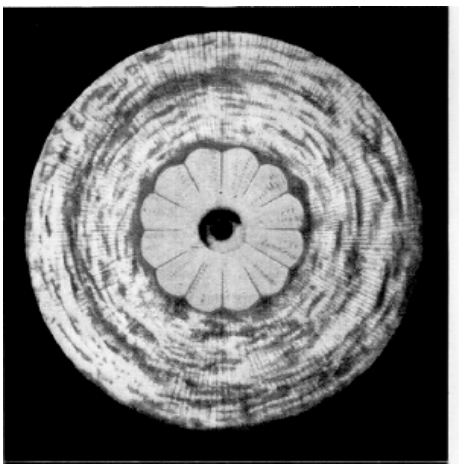


Figura 7 - Chakra coronário - Glândula Pineal. [31]

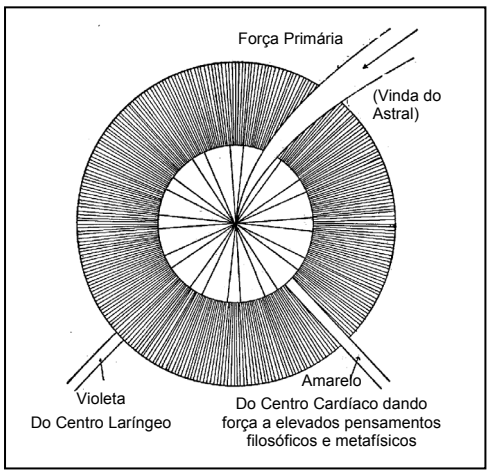


Figura 8 - Função do centro astral: Completa e aperfeiçoa as faculdades. Função do centro etéreo: Da continuidade à consciência. [32]

Para os hinduistas o despertar do centro coronário corresponde ao coroamento da vida, pois confere ao homem a plenitude de suas faculdades.[19]
Os esotéricos referem uma particularidade no desenvolvimento deste chakra. No princípio é, como todos os demais uma depressão do duplo etérico (que é a parte invisível do corpo físico pelo qual fluem as correntes vitais que mantém vivo o corpo, e serve de intermediário entre o pensamento e o corpo físico) pela qual penetra a divina energia procedente do exterior.[32]

Mas quando o homem se reconhece como a luz divina e se mostra magnânimo com tudo que o rodeia, o chakra coronário reverte, por assim dizer, de dentro para fora, e já não é um canal receptor, mas um radiante foco de energia, não uma depressão, mas uma proeminência ereta sobre a cabeça como uma cúpula, como uma coroa.

As imagens pictóricas e esculturais das divindades e excelsas personagens do Oriente, costumam mostrar esta proeminência como se vê na estátua do Senhor Buda em Borobudur (ilha de Java) reproduzida na figura 9 esquerda e aparece sobre a cabeça de milhares de imagens do Senhor Buda no mundo oriental (Figura 9 à direita).[38]
Também se nota essa proeminência na simbologia cristã, como, por exemplo nas coroas dos vinte e quatro anciões, que a retiravam diante do trono do senhor.
Essa vibração é freqüentemente representada pelos artistas como uma auréola circundando a cabeça de pessoas altamente desenvolvidas ou santas.[38]



Figura 9 -Representações do chackra coronário. [38]

Numerologia

Em termos de numerologia a glândula pineal é colocada como o sétimo chakra (Tabela 1) que corresponde a somatória dos 3 princípios ligados a vibrações na porção superior da cabeça mais ligada ao desenvolvimento do espírito com os quatro pontos manifesta-se ao nível da espinha mais ligado a matéria. A alta triplicidade(3) ligado ao espírito e o baixo quaternário(4) ligado a matéria perfazem um total de sete (7). Num estado de adensamento o espírito desce à forma e o número sete é manifestado promovendo as importantes divisões setenárias da cor e do som e dando os sete níveis da consciência do homem. (figura 10)

Tabela 1 - Os sete principais chakras.[40]

	Chakra	**Glândula**
7	Cabeça	Pineal
6	Testa	Pituitária
5	Garganta	Tiróide
4	Coração	"Glândula Vascular"
3	Plexo Solar	Pâncreas
2	Sacro	Gônadas
1	“Base”	Glândula supra-renal

Cada nível de consciência é uma vibração básica ligada a um elemento. Pela mudança de vibração pode haver a transformação de um elemento em outro. Este processo tem relação com a energia da Terra devido a rotação diurna em torno do seu eixo[38].

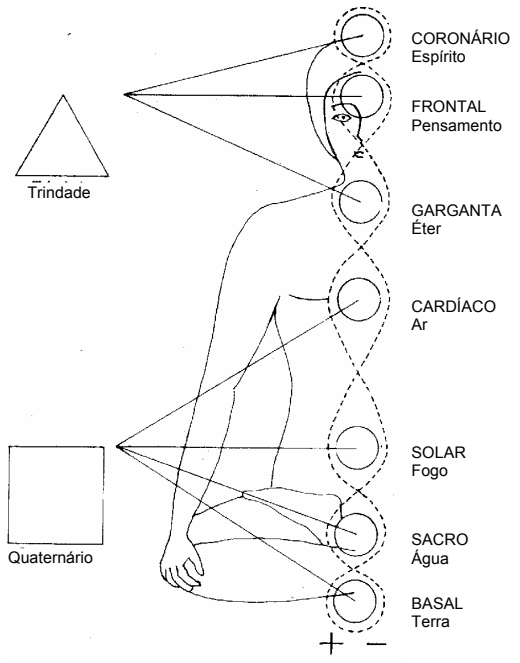


Figura 10 - Os sete pontos vibratórios e os sete elementos. [38]

O Paradigma da Yoga

Yoga é a 3.000 anos um paradigma vitalista que originou-se na tradição espiritual Hindu. Uma força distinta, ou "energia de vida" (chamada prana) anima o organismo humano interpenetrando o corpo em sete grandes localizações[35]. Estes centros energéticos, chamados "chakras", correspondem em localização anatômica com as glândulas endócrinas. Como um eixo vertical descendente do corpo os respectivos chakras intermediam progressivamente a diminuição das funções psicológicas refinadas tocando a energia transcendente espiritual para a sobrevivência física.[22] (Vide Tabela 2).

A palavra yoga significa "união". A união do princípio divino com o nosso eu real[143].

Para os yogues, a pineal é o ponto de ligação entre o individual e o cosmo, catalisando consciência transcendental para a luz.[22]

Tabela 2 - Centro de energia endócrina correspondente[22].

	Glândula Endócrina	**Centro Energético**	**Emoção**
7	Pineal	Cabeça	Felicidade
6	Hipófise	Testa	Intuição
5	Tiróide	Garganta	Criatividade
4	Timo	Coração	Amor
3	Pâncreas	Plexo Solar	Poder
2	Gonadas	Sacral	Sexualidade
1	Adrenais	"Base"	Medo

Num paralelo clínico entre a antiga e a moderna visão da função pineal relata o papel da glândula na regulação da sexualidade. Na yoga clássica, o desenvolvimento espiritual (isto é, ativação do chakra da pineal) era mais efetivamente aumentado retirando ou sublimando os desejos sexuais através de um estilo de vida celibatário. Em outras palavras, a prática da yoga ativava a pineal em oposição as gônadas[22]. Correspondentemente a Melatonina tem um efeito

antigonadotrópico.[8]
Similarmente a atividade sexual humana declina durante os meses de inverno quando a secreção pineal é aumentada.[22]
No modelo da yoga, a "não energia" é um efeito que pode ser profetizado de pouca exposição à luz solar, porque a luz solar é considerada ser a energia direta da origem. "Prana", o primordial da energia de vida, assim como reminiscência da libido de Freud ou orgone de Reich, tem 4 princípios de origem: comida, respiração, luz solar e sono. Dieta apropriada, respiração ativa de ar puro, sono saudável e adequada exposição a luz solar natural são a pedra angular da vitalidade e saúde física[22].
No paradigma da yoga deveria ser prescrito nos pacientes, principalmente com SAD (Doença Afetiva Sazonal, dor miofacial, efeitos anti gonadotrópicos inadequado da melatomina, quatro itens:
1. Luz solar adequada (mais ou menos 120 minutos com 3.000 lux)
(levar em consideração pacientes com limiar diferentes para a sensibilidade pineal.
Alguns pacientes se mostram supersensíveis e outros subsensíveis devendo adequar a frequência do espectro de luz.
2. Alimentação - Reconhecer como origem energética os alimentos alternando glicose/ATP ou prana respectivamente, para adequar a atividade pineal.
3. Sono - Preocupa-se com a quantidade de ondas delta do sono. (este pode ser melhorado com um programa regular de exercícios físicos, meditação e se necessário fármacos).
4. Respiração - O fluxo e o ritmo da respiração é uma elevação e rebaixamento de energia[22].
Através da yoga pode-se remover bloqueios e identificar nossas energias humanas com as energias universais. Como a vida em si é infinita e eterna, também nossa consciência pode tornar-se ilimitada em todas as suas possibilidades.[38]

Cromologia

Cromologia é o estudo das cores e Cromoterapia é a terapia através das cores.[1]
Manuscritos dos tempos primitivos mostram que, na Índia, China e Egito, os taumaturgos (aqueles que realizam milagres) possuíam um sistema completo de cronologia baseado na lei de correspondência entre a natureza setenária do homem e a divisão setenária do espectro solar.[1]
Sabendo-se que a moléstia é uma busca de harmonia no sistema, a idéia subjacente nas técnicas cromoterápicas é a busca de um rebalanceamento corporal através da aplicação de feixes de luz colorida sobre o corpo.
Os centros que atraem raios de luz são:
Vermelho - O centro mais baixo na base da coluna
Laranja - Na cintura, parte posterior, lado esquerdo (centro esplênico)
Amarelo - Centros do plexo solar
Verde - Em linha com o coração
Azul - Centro da garganta
Índigo - Glândula pineal
Violeta - Centro da pituitária
A glândula pineal é um maravilhoso purificador da corrente sangüínea[1].
A pineal se relaciona com o potencial nervoso, mental e psíquico do homem de modo que os órgãos da visão e audição estão sob a influência do raio índigo.
Talvez seja por esta razão que o raio índigo seja um poderoso anestésico - seu emprego é um modo de obter anestesia sem perda da consciência.[1]

Sob o ponto de vista psicológico, clareia e limpa as correntes psíquicas do corpo.

A GLÂNDULA PINEAL E ESPIRITISMO

A glândula pineal é descrita apenas em obras correlatas do Espiritismo.
Em minha pesquisa encontrei 3 autores que descrevem hipóteses quanto à sua função; são eles C. Torres Pastorino, Jorge Andréa e André Luiz.
Em trabalhos mais recentes há publicações do Dr. Sérgio Felipe Oliveira e Dra. Marlene Nobre pesquisando sobre o assunto
Existe uma revisão dos avanços nos estudos da glândula pineal pelo Dr. Mario Fernando Prieto Peres excelente, porém sem os aspectos do Espiritismo.
Em Técnica da Mediunidade 1969 de C. Torres Pastorino[6], na parte de Biologia - Sistema Glandular o autor descreve o corpo pineal anatomicamente e faz alguns comentários histológicos, e afirma:
"Na realidade o corpo pineal não é a glândula produtora de hormônios, mas uma Chave de ligação elétrica ou, talvez melhor dito, uma Válvula.
Os impulsos eletromagnéticos e eletroquímicos são registrados no corpo pineal e transmitido para o espírito.
Temos, pois, no corpo pineal a válvula transmissora receptora de vibrações do corpo astral, regulando todo o fluxo de emissões do espírito para o corpo físico e vice -versa.
Os impulsos provenientes do espírito são transferidos do corpo astral ao corpo pineal, irradiando-se daí a substância branca, ao córtex, ao tálamo, até penetrar normalmente no sistema nervoso, comandando o veículo somático. Essa é a ligação direta do próprio espírito (personalidade) com seus veículos físicos."
Discordaremos do autor pois desde 1959 Lerner sintetizou a melatonina que é um hormônio produzido pelo corpo pineal como chama o autor, provando ser uma glândula. E através deste hormônio a glândula pineal interage com os demais órgãos.
Pastorino coloca também que o corpo pineal (ou epífise) é a responsável pela vidência do mundo astral e pela clarividência.
O autor usa o título do livro "Técnicas da Mediunidade" e usarei a definição de Mediunidade do Livro dos Médiuns - como a faculdade dos médiuns, e Médiuns como pessoa que pode servir de medianeira entre os espíritos e os homens. (16)
Kardec refere como médiuns videntes as pessoas dotadas da faculdade de ver os Espíritos. "O médium vidente acredita ver pelos olhos, mas na realidade é a alma que vê, e por essa razão eles tanto vêem com os olhos abertos ou fechados".(16)
Para podermos afirmar que a pineal é responsável pela vidência necessitaríamos um embasamento científico, para podermos comprovar sua importância.
Pastorinho utiliza da designação "corpo astral" que é utilizado no esoterismo, Kardec utiliza o termo perispírito. (15)
O autor se refere posteriormente sobre a "interação na irradiação que provém da "mente" cuja emissão é feita através de onda que é emitida pelo "átomo monádico" localizado no coração. Esta teoria lembra a de Descartes no século XVII em "As Paixões da Alma" art. 36 (10)Descartes coloca "Os espíritos refletidos pela imagem assim formada sobre a glândula pineal, quer por ação direta sobre o coração, quer por uma variação no regime do sangue, modificam o regime dos espíritos que seguem do coração para o cérebro, de modo que a alma, sentindo a paixão torna a lançar os espíritos no mesmo circuito". O que corresponde ao esquema a seguir.

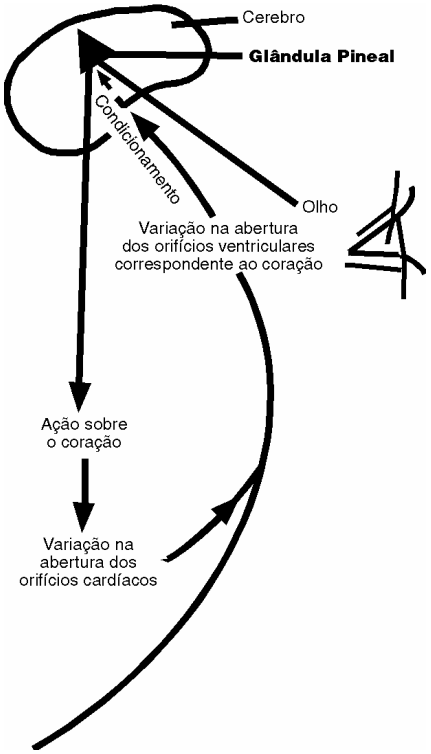


Figura 11 - Esquema Descartes sec XVII [10]

Jorge Andrea também faz referências sobre a glândula pineal.[2, 3]
"O estudioso Leyding admitia ser a glândula pineal o órgão responsável pelo "sexto sentido".
Na espécie humana, a glândula pineal responderia pelos mecanismos da meditação e do discernimento, da reflexão e do pensamento e pela direção e orientação dos fenômenos psíquicos mais variados.
Os seres vivos; quer vegetais ou animais até determinados anfíbios, as suas respectivas essências psíquicas ou energias espirituais pertenceriam ao grupo (alma grupo), a espécie de que fazem parte. A partir dos lacertídeos, entretanto, haveria como que um desligamento no "sincício energético". de uma série de nórteis, pontos centrais e vitais das respectivas individualidades que emanciparam energéticamente de suas próprias fronteiras.
Andréa denomina: "Campo-Energético-Especializado de zona espiritual, zona inconsciente ou subconsciente representando o Campo-Orientador das células e tecidos da organização física; seria a "energia-responsável" pela onda morfogenética da espécie, em virtude de seu potencial estar carregado pelas experiências incontáveis de vidas pretéritas. [2]
O autor descreve a influência da glândula pineal na esfera genital e sua intercomunicações neuroendócrinas, e descreve o que ele chama de "Núcleos em Potenciação"[2, 3]. Estes núcleos são apresentados de intenso poder vibratório, consequentemente de forte emissão energética. Os núcleos atuariam em dimensão mais evoluída, no seu conjunto representariam quase a totalidade da energética espiritual, onde não existem limites no espaço. Estes pontos energéticos seriam o centro, a fonte de toda energia psíquica, em volta dos quais as experiências iriam fixando ampliando seus potenciais, para que a evolução se observe nos diversos setores de vida".
A glândula pineal segrega "hormônios psíquicos" ou "unidades de força" que vão atuar, de maneira positiva nas energias geradoras[3].
Na qualidade de controladora do mundo emotivo, sua posição na experiência sexual é básica[2].
A pineal é a tela medianeira onde o Espírito encontra os meios de aquisição dos seus íntimos valores, por um lado e, pelo outro, fornece as condições para o crescimento mental do homem, num verdadeiro ciclo aberto, inesgotável de possibilidades e potencialidades. As aquisições para o Espírito são cada vez maiores e as influências do Espírito são cada vez mais potentes, Há

ampliação e recompletamento nas ajustadas etapas palingenéticas, como possibilidades mais lógicas da evolução no esquema cósmico[3].
A pineal comanda as forças subconscientes sob a determinação direta da vontade, graças à sua ligação com a mente, através de princípios eletro magnéticos do campo vital.
Durante a tarefa mediúnica, (intercâmbio entre espíritos desencarnado com encarnado) a pineal torna-se extremamente luminosa[3].

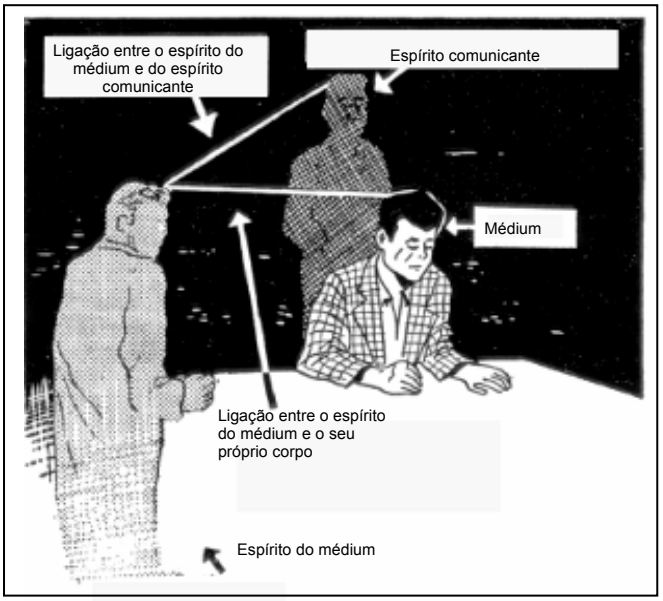


Figura 12- Envolvimento Espiritual [29]

A pineal tem a potencialidade de traduzir estímulos psíquicos em reações de ordem somática e vice-versa, colocando o ser encarnado em permanente contato com o mundo espiritual que é eterno[3].
Fica difícil entender a proposta dos Núcleos de Potenciação proposto por Andreas, devido a dificuldade da teoria e muito das palavras usadas serem inexistentes no dicionário.
Jorge Andréa coloca descrição da glândula pineal e pergunta "Porque não admitir a pineal - devido á sua situação absolutamente central em relação aos órgãos nervosos, das unidades glandulares que dirige, dos elementos somáticos que influenciam, do sistema neurovegetativo que atua e controla como sendo o Centro Psíquico, o Centro Energético, o Centro Vital, que se responsabilizava pela ativação e controle de todos os atos orgânicos, desde os mais simples até os fenômenos mais altos da vida?"
Uma outra hipótese referida "possível que os hormônios, pela sua estrutura bionergética, tenham ações específicas nos genes dos cromossomos".
"Todas as substâncias estruturadas por moléculas complexas teriam a possibilidade de irradiar elementos apropriados das órbitas de seus átomos. Muitas substâncias ativas de moléculas específicas, pelas suas condições bioenergéticas, e facilmente influenciam a organização perispiritual ou do psicossoma.
Esta teoria necessitaria um respaldo científico para poder ser discutida.
Em André Luiz[42] a glândula pineal é colocada como a glândula de vida mental. Ela acorda no organismo do homem na puberdade, as forças criadoras e, em seguida continua a funcionar, como o mais avançado laboratório de elementos psíquicos da criatura terrestre. A pineal preside aos fenômenos nervosos da emotividade, como órgão de elevada expressão no "perispírito"[42].
Perispírito (do grego, péri, ao redor) é o envoltório semimaterial do Espírito. Sendo o perispírito um dos elementos constitutivos do homem, desempenha um papel importante em todos os fenômenos psicológicos e patológicos[15].

Nas obras básicas não há nenhuma citação especificamente quanto a glândula pineal, nem ligada à mediunidade nem a sexualidade.
Haveria necessidade de junto com a informação científica, pesquisarmos se antes e após as atividades medíunicas há ou não aumento ou diminuição da produção de melatonina para que cientificamente pudéssemos opinar da importância da glândula pineal no Espiritismo.

CONCLUSÃO

A influência da pineal em algumas patologias abre um grande campo de pesquisa ainda não totalmente explorado. As indicações relatadas, em trabalhos atuais, da sua participação em grande número de eventos biológicos demonstram a importância desse campo de pesquisa ser efetivamente explorado.
O estudo da melatonina emerge com mais rigor a partir da hipótese de poder servir como instrumento terapêutico.
É interessante notar como doutrinas milenares já indicavam a importância da glândula pineal e que nos dias de hoje a ciência consegue provar.
No espiritismo não há nenhuma citação específica sobre a glândula pineal nas Obras Básicas.
A pineal é descrita apenas em obras correlatas, por três autores;
C. Torres Pastorino faz citações sobre anatomia da glândula, de uma forma coerente, porém sobre histologia ele nega que a pineal seja uma glândula e na fisiologia o autor utiliza a proposta de Descartes.
Jorge Andrea refere-se a glândula pineal como tela medianeira onde o espírito encontra meios de aquisição de seus valores para o seu crescimento; infelizmente não fica muito clara a sua hipótese sobre os núcleos de potenciação, pois ele escreve utilizando palavras que não encontramos os seus significados em dicionários. Andréa lança a teoria dos núcleos que necessitariam de um suporte científico para sua aprovação.
André Luiz coloca a glândula pineal como a glândula de vida mental. Ele se refere a glândula como responsável pela deflagração da puberdade o que é correto cientificamente, coloca-a como responsável pelas sensações e impressões na esfera emocional, comentando as emoções de "baixa classe", e sua importância durante os atos medíunicos.
Haveria necessidade de junto com a informação científica, pesquisarmos se antes e após as atividades medíunicas há ou não aumento ou diminuição de melatonina para que cientificamente pudéssemos opinar da importância da glândula pineal no Espiritismo.
Lanço aqui sugestão de um trabalho científico de dosagem de melatonina antes e depois dos trabalhos medíunico para constatação científica da importância da pineal no espiritismo.

Referências Bibliográficas

1. ANDERSON M.: Cromoterapia. A cura pelas cores. Hinnus Editora Ltda., 1987.
2. ANDREA J.: Forças sexuais da alma. 2ª edição. Fed. Espírita do Brasil. Rio de Janeiro, 1987.
3. ANDREA J.: Palingênese, a grande lei (reencarnação). 2ª edição. Fed. Espírita do Brasil. Rio de Janeiro, 1987.
4. BARTNESS, T. J., GOLDMAN. B. D.: Mammalian pineal melatonin: a clock for all seasons. Experientia 45: pp. 939-954, 1989.
5. CARDINALLI, D. B., LUNCH, H., WURTMAN, R. J.: Binding of melatonin to human and rat plasma protein. Endocrinology 91: pp. 1213-1218, 1972.
6. C. TORRES PASTORINO: Técnica da mediunidade. 2ª ed. Sabedoria Livraria e Editora Ltda., 1973.
7. CARVALHO A.: Melatonin and human puberty Current perspectives. J. Pineal Res. 15: 115-121, Março 1993.
8. CHECKLEY S. A. and PARK SB6: The Psychophar macology of the Human Pineal. Journal of Psychopharmacology 2: 109-125, 1987.
9. CHUSID, G. J. MD.: Neuroanatomia correlativa, 14º edição, Guanabara Koogan, 1972.
10. DESCARTES, R.: Os Pensadores Vol. I e II. Ed. Nova Cultural, 1987.
11. ERLICH, S. S., APUZZO M. L. J.: The pineal gland: anatomy, physiology and clinical significance. J. Neurosurg., 63: pp. 321-341, 1985.
12. GALLIANI, I., FALCIERI, E., GIANGASPERO, F., VALDRÈ, G., MONGIORGI, R.: A prelimary study of human pineal gland concretions: structural and chemical analysis. Boll. Soc. Ital. Biol. Sper; 66(7): 615-22, Jul 1990.
13. GOLDMAN, B. D., DARROW, J. M.: The pineal gland and mammalian photoperiodism. Neuroendocrinology, 37, pp. 386-396, 1983.
14. KAPPERS, J. A.: Survey of the innervation of the epiphysis cerebri and the accessory pineal organs of vertebrates. Elsevier, Amsterdan, pp 87-151, 1965.
15. KARDEC A.: Genese. Trad. Herculano Pires (original 1868). Ed. Cultural Espírita Ltda., 1980.
16. KARDEC A.: Livro dos Espíritos. Trad. Herculano Pires (original de 1857). Ed. Cultural Espírita Ltda., 1980.
17. KITAI, J. I., Altschule, M. D.: The pineal gland, a review of the physiologic literature. Cambrigde, Mass Harward University Press, 1954.
18. KRIPKE, D. F.: Therapeutic effects of bright light in depressed patients. Ann. NY, Acad. Sci. 453: pp. 270-281, 1985.
19. LEADBEATER C. N.: Os chakras. Os centros magnéticos vitais do ser humano. Ed. Pensamento
20. LERNER, A. B., CASE, J. D., HEINZELMAN, R. V.: Structure of melatonin. J. Am. Chem. Soc. 81: pp. 6084-6085, 1959 (Letter).
21. LERNER, A. B., CASE, J. D., TAKAHASHI, Y. et al: Isolation of melatonin, the pineal gland factor that lightous melanocytes. J. Am. Chem. Soc. 80: p. 2587, 1958 (Letter).

22.LESKOWITZ E.: Seasonal affective disorder and the yoga paradign: a reconsideration of the role of the pineal gland. Med. Hypotheses 33(3): 155-8, Nov. 1990.

23.LEWY, A. J., WEHR T. A., GOODWIN F. K., et al.: Light suppresses melatonin secretion in humans. Science 210: pp. 1267-1269, 1980.

24.MAESTRONI, G. J. M., CONTI A., PIERPAOLI, W.: Role of the pineal gland immunity. II: Melatonin enhances the antibody responses via an opiatergic mechanism. Clin. Exp. Immunol. 68: pp. 384-391, 1987 b.

25.MARCZSINSKI, T. J.: YAMAGUCHI N., LING G. M., et al.: Sleep induced by the administration of melatonin (5-methoxy N-acetyltriptamine) to the hypothalamus in unrestrained cats. Experientia 20: pp. 434-438, 1984.

26.NEUWELT, LEWY A. J.: Disappearance of plasma melatonin after removal of a neoplastic pineal gland. N. Engl. J. Med. 308: pp. 1132-1135, 1983.

27.NIR J.: Biorhythms and the biological clock involvement of melatonin and the pineal gland in life and disease, Review Biomed Environ Sci. 8(2): 90-105, Junho 1995.

28.OLIVEIRA, S. F.: Glândula pineal - Ciência e mito. Apostila do curso a Glândula Pineal, julho1996.

29.PERALVA, M.: Estudando a Mediunidade. Ed. F.E.B., 1990.

30.PERES, M. F. P.: A glândula pineal e sua função no homem. Boletim Médico Espírita, nº 10. Associação Médico Espírita de São Paulo, 1ª edição, 1996.

31.POWEL M. A. E.: O corpo astral. Ed. Pensamento, 1972.

32.POWEL M. A. E.: O duplo etérico. Ed. Pensamento, 1993.

33.PRESLOCK, J. P.: The pineal gland: basic implications and clinical correlations. Endocrine Rev. 5(2): pp 282-308, 1984.

34.QUAY, W. D.: General biochemistry of the pineal gland of mammals. In Reiter, R. J. (ed.). The pineal gland, Boca Raton, Fla, CRC Press: pp. 173-178, 1981.

35.RAMA S. et al.: Yoga and Psychotherapy: The evolution of consciousness. Himalayan Institute Press, Honesdade PA, 1976.

36.REITER, R. J.(ed).: The pineal gland, Raven Press, NY, 1984.

37.REITER, R.J.: The pineal gland. Chapter 20: pp. 240-253, 1992.

38.RENDEL P.: Os chacras: Estrutura psicofísica do homem. Hinnus Ed. Ltda., 1981.

39.SPEROFF LEON, GLASS R. H., KASE N. G.: Endocrinologia ginecológica clínica e infertilidade. Ed. Manole, pg. 41- 43, 1980.

40.TANSLEY D. V.: Dimensões da Radiônica.: Novas técnicas de cura. Ed. Pensamento, 10ª ed., 1995.

41.UNDERWOOD, H., GROSS, G.: Vertebrate circadian rhythms: Retinal and extraretinal photoreception. Experientia 38: pp. 1013-1021, 1982.

42.XAVIER F. C.: Missionários da Luz (esp. André Luiz). 7ª edição. Fed. Esp. Bras., 1985

YEN, JAFFE: Endocrinologia reprodutiva - Fisiologia, fisopatologia e tratamento clínico, 2ª edição - Roca, 1990.

ESTRUTURA E METODOLOGIA PARA GRUPOS DE PESQUISA MEDIÚNICA

Sandra Régis e Egydio Régis

INTRODUÇÃO

Quem estuda o Espiritismo, principalmente quando iniciante, tem um verdadeiro fascínio pelo "misterioso" mundo dos Espíritos. O outro lado como costumamos dizer, ou, mais modernamente, a outra dimensão. As reuniões mediúnicas dos Centros Espíritas, são geralmente envolvidas em um clima de cerimônia esotérica, reservada a algumas pessoas especiais. Fora delas, as pessoas ficam imaginando a sensação excitante que deve ser a de trazer de volta os mortos e penetrar no seu mundo desconhecido. Quem está dentro, isto é, os médiuns e os dirigentes, portam-se como se estivessem diante de um oráculo, com respeitosa cerimônia, voz "silenciosa" e um absoluto desconhecimento do que se está passando do outro lado.

Os Espíritos, habitualmente designados como guias, que comandam as reuniões mediúnicas, não costumam dar aos dirigentes, já que estes não "enxergam" o lado deles, uma visão do ambiente e nem uma prévia do que está programado para aquela reunião. Os encarnados são meros instrumentos passivos do que desejam os Espíritos e esta é a cultura generalizada nos Centros. Na verdade, não existe uma co-participação em termos de programação e os encarnados não têm a menor interferência na condução dos trabalhos, sendo seu papel unicamente estar à disposição dos Espíritos. Isso é bom ou mau? Não nos ocuparemos desse julgamento, porque o escopo do presente trabalho é o de construir uma nova concepção de reunião mediúnica, um novo estilo de relacionamento entre os dois lados, de modo a estabelecer uma paridade de ações e de responsabilidades. Não propugnamos a substituição dos atuais métodos de trabalho. Apenas apresentamos um modelo que venha contribuir na organização e nos objetivos de reuniões mediúnicas que se dedicam **a PESQUISAS DOUTRINÁRIAS.**

Capítulo Primeiro

I) – O que se entende por Pesquisa Mediúnica?

Pesquisa Mediúnica, é a busca de conhecimentos através da participação efetiva dos Espíritos, por intermédio da mediunidade, único caminho que temos disponível para esse contato. Por que procurar os Espíritos, se temos vasta literatura produzida por espíritos encarnados? Porque, primeiramente, é inesgotável a fonte de conhecimentos que podem nos proporcionar o espírito humano, tanto daqui, como de lá. Dos Espíritos, desejamos cada vez mais entender o seu mundo, e, especialmente queremos explorar a experiência daqueles que foram nossos contemporâneos e que continuam estudando e pesquisando, agora com outros recursos e sem os entraves naturais do corpo físico.

Pode-se, então, desde já entender, que avançamos por um caminho diferente do que estávamos habituados em nossos trabalhos mediúnicos. Mesmo em se tratando das chamadas reuniões de "caridade", de auxílio aos obsediados ou obsessores, podemos radicalmente mudar o estilo de relacionamento com os Espíritos e, obviamente, da reunião. Isto porque, tanto como nós os encarnados, os Espíritos podem também mudar o tradicional modelo de comunicação, tornando-o menos formal, menos carregado de emoções tristes, fúnebres e de lamentações.

A pesquisa mediúnica pode tomar vários caminhos, dependendo dos objetivos que o grupo eleger. Ela pode, por exemplo, dedicar-se ao estudo dos fenômenos de efeitos físicos, utilizando métodos científicos; ou pode restringir-se ao estudo teórico de temas doutrinários, com o objetivo

de aprofundá-los com a contribuição dos Espíritos. Pode ainda buscar mais informações sobre o chamado mundo dos Espíritos, continuando o trabalho de André Luiz e outros do gênero. Parece-nos, entretanto, importante não misturar as coisas, isto é, querer fazer de tudo um pouco e acabar chegando a lugar nenhum.
Ao optar por um trabalho de pesquisa, é importante conscientizar-se de que alguns aspectos devem ser considerados: paciência, persistência, tempo disponível, discrição, espírito de equipe, disciplina quanto à organização estabelecida pelo grupo. Se o perfil da pessoa inicialmente interessada não se enquadrar nesses critérios, é melhor não participar. A esse respeito, não somos daqueles que, em nome da fraternidade, tudo permitem. Somos favoráveis a uma seleção mais rigorosa possível, apesar de estarmos cientes de que não encontraremos a perfeição. O trabalho de pesquisa pressupõe que os pesquisadores tenham base suficiente para aprofundar os assuntos que serão pautados. Pois, não se trata de um curso de espiritismo para iniciantes. Da mesma forma, os Espíritos convidados a participarem da pesquisa, serão selecionados para estarem em nível igual ou superior aos dos encarnados.

Reconhecemos que a realização e trabalhos de pesquisa mediúnica dependem de alguns fatores que a tornam muito difícil. A primeira dificuldade está na disposição do grupo de encarnados, quanto ao interesse, convergência de idéias, constância, freqüência e pontualidade às reuniões. Um trabalho dessa natureza requer uma rigorosa observância de total dedicação, com muita perseverança.

II) Os participantes do grupo de pesquisa

A idéia de se constituir um grupo de pesquisa mediúnica, obviamente deve partir de uma ou mais pessoas interessadas nesse tipo de intercâmbio. Pode até ser uma iniciativa dos dirigentes de um Centro, ou particularmente de participantes do mesmo. Evidentemente, será necessária a concordância dos dirigentes para que esse tipo de trabalho, nada usual nos meios espíritas, possa ser realizado nas dependências e com os recursos do Centro. Especialmente para contar com a participação efetiva dos médiuns da casa. É claro que os interessados poderão partir para a constituição de um grupo independente, sem ligação com qualquer Centro. Entretanto, a experiência tem nos mostrado, que decisão é muito complicada, especialmente porque não é fácil encontrar-se médiuns dispostos e bem formados doutrinariamente, fora dos Centros, além de não contar com a estrutura espiritual aí existente. Entretanto, apesar de difícil, não é impossível e pode até produzir resultados satisfatórios, se o grupo for realmente sério e competente.

Aos participantes, especialmente os que chamamos aqui de “pesquisadores’, antes de se atirarem ao trabalho de aprofundamento doutrinário através da mediunidade, além da base teórica conseguida pelo estudo das obras de Kardec e das que lhe são complementares, convém um estágio demorado em alguns tipos de reuniões mediúnicas muito comuns nos Centros, a fim de familiarizarem-se com as técnicas práticas de intercâmbio com os Espíritos.”O importante é que, ao iniciarmos o trato com os Espíritos desencarnados, voluntária ou involuntariamente, estejamos com um mínimo de preparação, apoiada num mínimo de informação.” (Hermínio C. Miranda- Diálogo com as Sombras- Introdução).

“A prática mediúnica não deve ser improvisada, pois não perdoa despreparo e ignorância” (idem). Por outro lado, a extensão da pesquisa, do ponto de vista do conhecimento, dependerá do grau de escolaridade, e/ou, da cultura dos participantes pesquisadores. A resposta é o corolário da pergunta.Allan Kardec é o ,maior exemplo disso.Entendemos que para atingirmos um plano ideal nesse trabalho , o grupo deve ser multidisciplinar, isto é, contar com participantes pesquisadores formados em áreas diversificadas, tais como: engenharia, medicina, psicologia, física e de outras especialidades, sem que com isso se deseje elitizar a pesquisa, porque pessoas sem graduação acadêmica, mas com um nível de cultura adquirido pela vivência e esforço pessoal, serão bem vindos ao grupo. Leon Denis, cuja obra literária é considerada como uma das consolidadoras do Espiritismo, é o nosso maior exemplo de auto-didatismo. Idem Manoel Porteiro.

Em relação aos médiuns, a dificuldade é bem maior. A cultura mediúnica dos Centros Espíritas, é um verdadeiro obstáculo para se conseguir médiuns afinados com o trabalho de pesquisa e de debates com os Espíritos. Em geral, os médiuns são educados de forma a não desagradar os Espíritos comunicantes. Consideram que qualquer questionamento é uma ofensa ao Espírito. Ou, então, sentem-se melindrados porque lhes parece que estão duvidando de sua faculdade mediúnica ou mesmo de sua honestidade. Há, ainda, o medo da fraude, etc. Isto significa dizer que os médiuns que habitualmente atuam nas reuniões chamadas de desobsessão e desenvolvimento mediúnico, não estão preparados para um trabalho de pesquisa. É preciso ter-se em mente, que as reuniões de pesquisa, são absolutamente diferentes das reuniões acima referidas. E isso serve para os encarnados como para os desencarnados.

Por outro lado, as reuniões de pesquisas requerem médiuns tarimbados, com muita experiência na relação mediúnica, cientes e conscientes do trabalho que irão realizar. Médiuns que já aprenderam a distinguir suas idéias da dos Espíritos comunicantes. Que entendem sua função de instrumento passivo da comunicação, Que não se sintam responsáveis por aquilo que estão lhe transmitindo. Que conseguem aceitar críticas e observações, tanto aos Espíritos, quanto à sua própria posição como médium. Enfim, que estejam suficientemente integrados ao estilo de trabalho e por ele tenham entusiasmo e prazer.

Os médiuns devem ser espíritas atuantes nas casas espíritas ou isso é condição que se possa dispensar? Há médiuns dentro e fora dos Centros. Existem médiuns excelentes, estudiosos, sérios e que acabam “amortecendo” sua faculdade ou realizando seus próprios trabalhos, porque não encontram campo ideal para suas aspirações dentro dos Centros Espíritas. A falha é deles ou dos Centros? Comumente concluímos que o médium não se adaptou porque não quis. Mas nem sempre essa é a realidade. É claro, que a preferência tende para os médiuns que já estão integrados na casa, principalmente porque são instados ao estudo da D.E. e encontram-se familiarizados com o meio, sendo isso um ponto positivo.Entretanto, as resistências naturais dentro dos Centros quanto aos trabalhos de pesquisa, muitas vezes impedem que os médiuns possam servir a esse mister. Busque-se então, esses médiuns e proponha-se-lhes um “treinamento” adequado para participarem do grupo. É importante, tanto para médiuns espíritas atuantes ou não, fazer um “exame” prévio de cada um, através de entrevistas informais para analisar a estrutura de pensamento, a filosofia de vida, as idéias fixas ou preconcebidas, o equilíbrio emocional, a cultura geral, o conhecimento da D.E., se como médium aceita críticas e orientações e se não está muito ligado a um determinado Espírito (que pode significar fascínio).Apesar de nos servimos de médiuns já formados e com longa experiência, o novo tipo de trabalho a que estarão ligados requer, como dissemos, uma adaptação para que se produzam os resultados esperados. Assim, nesse “treinamento” é bom sempre lembrar algumas recomendações, como as que se seguem: “O que se passa através do médium deve, em verdade, estar sujeito à influência **do espírito dos vivos**. As idéias preconcebidas, a vontade, a imaginação, os sentimentos, os pontos de vista particulares não podem deixar de exercer uma influência, mais ou menos acentuada, sobre as comunicações que os Espíritos de mortos procuram transmitir, por intermédio de um cérebro alheio. Além disto, as influências mesméricas e psicológicas da parte da mentalidade dos experimentadores, que podem dominar a do médium, devem igualmente produzir um efeito perturbador análogo. Segue-se que certas comunicações provenientes de Espíritos elevados são transmitidas ou, mais acertadamente, são traduzidas de um modo vulgar, não raro completamente diferente daquilo que foi ouvido pelo Espírito comunicante. É como se um francês se comunicasse com um inglês por intermédio de um dinamarquês, pouco familiarizado com aqueles dois idiomas. O interlocutor inglês teria não pequena dificuldade de apreender o sentido do recado transmitido.Em casos desta natureza nunca podemos estar certos de ser a comunicação recebida tradução perfeita do que tinha o Espírito comunicante intuito de transmitir.” (Adin Ballou, do livro “Spirit Manifestation”-18952, citado por E.Bozzano em Metapsiquíca Humana). E ainda, alguns conselhos de A. Luiz, do livro Desobsessão: “* Desenvolvimento da autocrítica; * Aceitação dos próprios erros, em trabalho mediúnico, para que se lhes apure a capacidade de transmissão; * Reconhecimento de que o médium é responsável pela comunicação que transmite;* Abstenção de melindres ante apontamentos dos esclarecedores ou dos companheiros, aproveitando observações e avisos para melhorar-se em serviço;

* interesse real na melhoria das próprias condições de sentimento e cultura; * Defesa permanente contra bajulações e elogios, conquanto saiba agradecer o estímulo e a amizade de quantos lhe incentivem o coração ao cumprimento do dever.; * Discernimento natural da qualidade dos Espíritos que lhes procurem as faculdades, seja pelas impressões de sua presença, linguagem, eflúvios magnéticos, seja pela sua conduta geral.". Interessante também citar do excelente trabalho de Ademar Chioro dos Reis- MECANISMOS DA MEDIUNIDADE / PROCESSO DE COMUNICAÇÃO MEDIÚNICA - edição CPDOC, pg22:" Por outro lado, quando o médium não vibra, não participa no seu íntimo do trabalho, não coopera, a produção do fenômeno é muito difícil para o Espírito comunicante. Desta forma, o Processo de Comunicação Mediúnica depende em muito da postura do médium. O "ser" do médium é produto de sua maneira de viver, de ver e sentir a vida, desse contínuo de vivência. Se mal humorado, reclamante, descrente, negativo, ainda que na hora da reunião faça as mais sentidas preces, dificilmente vai se tornar um pólo atrativo.

III) Número de Participantes

Quanto ao número ideal de participantes, entre médiuns e pesquisadores, não há nenhuma regra pré-estabelecida. A prática nos tem ensinado que um a quantidade muita grande de pessoas, é contraproducente, porque se torna difícil o controle da reunião e a indispensável ligação mais homogênea possível de idéias e objetivos. Leon Denis, em seu livro "No Invisível", sugere de quatro a oito pessoas. Hermínio C. Miranda acrescenta: "É claro, porém, que um grupo muito pequeno tem suas possibilidades também limitadas. ...Acima dos oito componentes sugeridos por Denis, vai-se tornando mais difícil a tarefa, não apenas do dirigente encarnado do grupo, como de seus orientadores invisíveis, porque a equipe se torna mais heterogênea, o pensamento divaga, quebra-se com freqüência o esforço de concentração e o prejuízo é certo para a tarefa. É possível, no entanto, se alcançada impecável homogeneização, fazer funcionar razoavelmente bem um grupo com mais de oito pessoas, mas acima de doze vai-se tornando bastante problemática a sua eficácia." (Diálogo com as Sombras- Hermínio C. Miranda). Allan Kardec, em Instruções Práticas Sobre as Manifestações Espíritas, pg. 148, assevera: "A influência do meio faz compreender que quanto menos numerosos somos nas reuniões tanto melhor esta decorre, pois que, assim, é mais fácil obter homogeneidade. Entretanto, concebe-se que, se cem pessoas reunidas estão suficientemente recolhidas e atentas, obterão mais do que dez que fossem distraídas e ruidosas.". Portanto, o número de pessoas dependerá sobretudo dessa homogeneização , sendo a quantidade de médiuns suficiente para se garantir comunicações e/ou experiências em todas as reuniões.

IV) A equipe de Espíritos

Obviamente, para que haja possibilidade de realização da pesquisa mediúnica, é imprescindível a colaboração e a integração de um grupo de Espíritos. Se o trabalho for realizado no Centro, isso deverá ser feito através dos Espíritos que dirigem as reuniões mediúnicas habituais. Sempre há um a quem denominamos "mentor", guia ou orientador. É interessante, conversar com ele sobre os nossos desejos de fazer o, trabalho, pedir sua opinião a respeito, sua colaboração e apoio logístico. Apoio logístico, é o conjunto de providências que ele deverá tomar para a efetivação do trabalho do lado "lá", como: organizar uma equipe de Espíritos interessados, afinados e competentes para esse tipo de objetivo; estrutura de ambientação e proteção das reuniões; nomeação de um ou mais coordenadores para , em função dos assuntos que serão colocados, trazer convidados ou preparar material para atender as indagações. Evidentemente, essa organização não se estabelece de pronto. Levará algum tempo porque inicialmente os Espíritos precisam ter certeza de que o grupo de encarnados está realmente interessado, demonstra vontade, seriedade, constância, etc. Aos poucos os grupos de cá e de lá vão se integrando e o trabalho vai evoluindo com segurança. Necessário dizer que o comando dos trabalhos é dos encarnados. Nós é que devemos conduzir os temas e a forma como devem ser desenvolvidos. A equipe de Espíritos, que também não são meros instrumentos passivos dos nossos desejos, deve ser ouvida sempre que qualquer alteração importante for decidida, assim como dar instruções sobre questões mediúnicas, informações sobre

determinados Espíritos e suas comunicações. Na verdade, deve-se estabelecer uma parceria com eles, sem qualquer intenção de imposições de ambos os lados. O trabalho de pesquisa deve ser "profissional" tanto quanto possível, pois "amadorismo" é para principiantes.

Uma questão pode ser levantada: e se o Espírito guia ou mentor, não concordar com a reunião de pesquisa? E, se os dirigentes forem do tipo que não discutem a opinião do Espírito guia? Então, não haverá condições de se realizar o trabalho nesse Centro, porque, se a palavra final for do Espírito guia, a cultura da casa jamais permitirá qualquer ato de rebeldia a essa ordem. Que fazer? A opção do grupo interessado é partir para uma de duas decisões: fundar um grupo independente, confiando que alguns Espíritos (talvez até familiares) interessados se engajem à idéia e possam consumar o objetivo desejado; ou bater à porta de outro Centro que não tenha objeções a esse tipo de reunião.

O grupo de pesquisa precisará estabelecer com os Espíritos, uma posição muita clara com relação à qualidade dos Espíritos que serão convidados a participarem das indagações: somente quem for especialista nos assuntos pautados. Também Espíritos evocados nominalmente. Neste tipo de reunião não haverá lugar para "doutrinações", desobsessão e Espíritos sofredores, a menos que sejam parte de estudo de casos propostos pelos Espíritos. O coordenador encarnado estará sempre atento para que a reunião não seja invadida por Espíritos perturbadores cujo objetivo é impedir a sua continuação. Para isso os Espíritos coordenadores, devem estar preparados, como é comum nas reuniões mediúnicas.

Citamos como exemplo de organização dos Espíritos, o que ocorreu em 1989, no Centro Espírita Allan Kardec, quando se iniciou uma reunião de pesquisa mediúnica. O Espírito orientador, Rafael, atendendo nossos desejos, incorporou plenamente e tratou de formar uma equipe dentre os Espíritos que já atuavam na casa, nomeando um coordenador para se dedicar inteiramente a esse trabalho. Os frutos foram excelentes como mostraremos adiante.

V) Variedade de médiuns

Para um trabalho de pesquisa, quanto mais tipos de médiuns aparecerem, mais interessante e rico será o resultado. Em nossos meios, entretanto, está cada vez mais raro encontrar médiuns como por exemplo, de efeitos físicos, materializações, pneumatofonia, etc. Os mais comuns são os de psicofonia e psicografia. Nesse caso, a pesquisa deve ser desenvolvida em função dos tipos de médiuns que temos disponíveis. Para a indagação direta aos Espíritos, a psicofonia é a mais indicada, por sua natureza, que se presta a uma conversa dinâmica, tornando o trabalho mais eficiente, rápido. A psicografia também é muito usada, e pode se dar concomitantemente a uma comunicação psicofônica. Nossa experiência pessoal restringe-se à pesquisa através desses dois tipos de mediunidade. Além dessas duas modalidades, algumas tentativas com médiuns videntes não foram muito produtivas. Há quem defenda a prática de ter um médium vidente sempre presente às reuniões mediúnicas, ou de preferência que o coordenador seja vidente. Entretanto, em se tratando de modalidade tão problemática, é prudente não confiar sem exame apurado as informações advindas desses médiuns. Allan Kardec, em o Livro dos Médiuns – cap. XIV, n°171, afirma: "Quanto aos médiuns videntes, propriamente ditos, são ainda mais raros e temos muitas razões para desconfiar dos que pretendem ter essa faculdade. É prudente não lhes dar fé senão mediante provas positivas. Algumas pessoas podem sem dúvida enganar-se de boa fé, mas outras podem simular essa faculdade por amor-próprio ou por interesse. Nesse caso, deve-se particularmente levar em conta o caráter, a moralidade e a sinceridade habituais da pessoa."

Dentro das modalidades de psicofonia e psicografia, quais os melhores médiuns para o trabalho de pesquisa mediúnica? O médium chamado de "inconsciente" na psicofonia é o que melhor se presta para esse tipo de trabalho, porque a sua influência sobre a comunicação é praticamente nula. Enquanto que o médium consciente tem maior dificuldade em isentar-se das idéias do Espírito comunicante. O mesmo se dá em relação ao médium psicógrafo, reputando-se maior segurança quanto à fidelidade da comunicação à psicografia mecânica. Como se distinguir essas faculdades? O próprio médium poderá informar em função daquilo que sente durante a comunicação. Desse modo, poderemos classificar cada médium e tratar cada comunicação de

acordo com essas características. Como diz Kardec: “O papel do médium mecânico é o de uma máquina; o médium intuitivo (consciente) age como um intérprete”. (O Livro dos Médiuns). Quanto aos médiuns audientes, também encontramos sérias restrições porque, como no caso dos videntes, não é o Espírito comunicante que se expressa diretamente utilizando-se dos órgãos específicos do médium. Ele, o médium, ouve uma suposta voz de um suposto Espírito e repete o que este diz. É fácil concluir que essa comunicação pode ser bastante modificada pelo intérprete, perdendo assim a confiabilidade quanto ao original. Obviamente, não há necessidade de se recusar esses médiuns para o trabalho. Mas, suas comunicações deverão ser cuidadosamente analisadas e se for percebida qualquer tentativa de fraude por parte do médium, o afastamento é inevitável.

CAPÍTULO SEGUNDO

I) AS REUNIÕES

1) Reuniões mediúnicas

“Uma das primeiras condições, quando se pretende evocar os mortos, é a concentração. É necessário, tanto quanto possível, que os assistentes evitem as discussões calorosas ou fúteis que perturbam os médiuns e alteram a harmonia do grupo. Sem dúvida, não há necessidade de preces, porque evocamos seres como nós, que só por sua invisibilidade diferem dos humanos; mas, a comunhão dos pensamentos, o desejo sincero de se instruírem devem guiar os experimentadores.” (Gabriel Delanne, O Fenômeno Espírita). O estilo de reunião de pesquisa, apesar de se enquadrar nas recomendações acima e de outras que em geral faz Kardec para s reuniões mediúnicas, difere bastante das sessões habituais efetuadas nos Centros Espíritas. Nossa experiência em Santos, levou-nos a considerar, por exemplo, que a iluminação artificial, a luz elétrica comum, em nada influi na realização do fenômeno mediúnico do tipo psicofônico ou psicográfico, nem na concentração dos médiuns e dos pesquisadores. Ao contrário, a claridade total torna a reunião menos formal, fazendo-a parecer-se a uma pequena assembléia onde todos têm vez de participar, ouvindo, perguntando e até trocando idéias entre si. Entretanto, a observação de Kardec é sempre válida em qualquer circunstância: “Uma reunião é um ser coletivo cujas qualidades e propriedades são a soma de todas as dos seus membros, formando uma espécie de feixe.Ora, esse feixe será tanto mais forte quanto mais homogêneo.” (O Livro dos Médiuns- n°331)

Quando da elaboração do primeiro capítulo, não nos referimos propositalmente à função de liderança, ou coordenação. Isto porque, o grupo não necessita de um condutor à moda tradicional. A liderança de alguém surgirá espontaneamente pelas qualidades naturais e o próprio grupo o reconhecerá e aceitará sem problemas. Pode-se também estabelecer coordenação rotativa por períodos, o que seria a melhor forma a ser adotada. Esse coordenador teria a responsabilidade de marcar reuniões, providenciar as atas das reuniões, manter a harmonia do grupo e abrir e fechar as reuniões.

“A prática fez notar também que a regularidade nas sessões é uma das causas de êxito. Tanto quanto possível, é necessário que a reunião se dê no mesmo local, nos mesmos dias da semana, e ás mesmas horas.” (Gabriel Delanne- O Fenômeno Espírita). Nada mais destrutivo para um trabalho do que a constante mudança de local, hora, dia. A reunião não pode ficar à mercê das dificuldades de alguns de seus participantes em comparecer. Quem não pode enquadrar-se às regras básicas para o desenvolvimento sério do trabalho, não deve se comprometer a participar.

A ordem dos assuntos e a indagação aos Espíritos obedecerão a um plano pré-estabelecido pelo grupo, em outro tipo de reunião, de que trataremos abaixo. O coordenador da reunião, inicialmente convidará a todos os presentes a ordenarem seus pensamentos para o momento procurando com algumas palavras,harmonizar o ambiente, utilizando inclusive de alguns recursos de concentração que poderá ser uma prece simples ou mesmo a leitura de algum trecho de livro ou artigo

cujo tema contribua para elevar o tônus vibratório dos que se encontram na sala, inclusive os Espíritos.não há fórmulas especiais, não se cria hábitos místicos, nem atitudes religiosas.

Da mesma forma que se estabelece uma hora para começar a reunião, o término da mesma também será previsto. O excesso de tempo contribui para o cansaço dos médiuns e dos demais participantes, além do que os Espíritos também têm seu tempo definido de participação. Mesmo porque, os assuntos naturalmente serão seriados, devendo estender-se por várias reuniões. Não deve haver pressa no trabalho de pesquisa. Terminada a reunião, o mínimo de comentários sobre as comunicações se impõe, principalmente se poderão atingir a pessoa do médium. Comentários, dúvidas, críticas serão objeto de reunião específica de que trataremos mais abaixo.

A primeira evocação deverá ser feita ao Espírito coordenador da equipe espiritual, para que ele apresente suas opiniões a respeito do trabalho, faça também suas críticas, e uma prévia do que está previsto para a reunião presente. Em seguida os médiuns serão instados a se colocarem em posição de receptores e o coordenador, se estiver previsto, evocará nominalmente o Espírito cuja presença foi selecionada pelo grupo no planejamento. A partir daí a reunião seguirá seu rumo previsto, cabendo ao coordenador a primeira indagação e as demais seguirão conforme a ordem pré-estabelecida , havendo,entretanto, liberdade de perguntas por parte dos pesquisadores, desde que dentro do tema que está sendo abordado.

As reuniões serão gravadas em fitas de áudio e vídeo (opcional). Posteriormente, as fitas de áudio serão ser transcritas e anexadas aos relatórios (Ata) e as de vídeo, reproduzidas para uma avaliação mais profunda, bem como registro de manifestações físicas que possam vir a ocorrer durante o desenvolvimento do trabalho de pesquisa. Sempre que necessário, aparelhos poderão ser usados, como por exemplo: eletrocardiógrafos, medidores de pressão, máquina kirlian, eletroencefalógrafos, etc.

Cada reunião terá uma **Ata ou Instrumento de Registro** (modelo/exemplo Anexo I), onde constem dados como: **lista de presença, data, hora, número de comunicações, assuntos tratados, médiuns que produziram, nome dos Espíritos comunicantes. O translado das fitas serão anexados às respectivas atas.**

2) Reuniões de estudo e debates

O trabalho de pesquisa, por sua importância e complexidade, não pode restringir-se a uma única reunião mediúnica, semanal. Temas devem ser pré-debatidos, estudados, assim como posteriormente, isto é, depois de receberem novas contribuições dos Espíritos, serão novamente debatidos em grupo para aferir os bons resultados. Nessas reuniões, presentes os pesquisadores, serão elaboradas as questões básicas e roteiros para as reuniões de contato com os Espíritos. Somos de opinião, muito embora verifiquemos que a maioria dos confrades com que já debatemos o presente trabalho, não concorde, que os médiuns devam participar das reuniões de preparação. Defendemos essa posição por entender que os médiuns precisam amadurecer em termos mediúnicos, desenvolvendo a capacidade de separar as suas idéias da dos Espíritos comunicantes. Os médiuns são habitualmente tratados como instrumentos “não muito confiáveis” na comunicação, e até entendemos que isso é inevitável em função da formação doutrinária, psíquica e comportamental que é comum nessa área. Como dissemos em algum lugar, isso, para a área de pesquisa precisa ser mudado. Porém, como se trata de assunto polêmico, não tomaremos posição definitiva sobre a questão, deixando a cada grupo fazer a experiência e tirar suas próprias conclusões.

Uma outra finalidade para as reuniões de **debates ou estudo,** é evitar uma segunda reunião logo após a mediúnica. Além de ser improdutiva, por causa do cansaço de todos, alguns comentários não serão nada interessantes para os médiuns presentes, porque fatalmente serão envolvidos nas críticas aos Espíritos, à qualidade da comunicação, o que em condição posterior de estudo programado, poderá ser evitado. Por outro lado, não devemos esquecer que os Espíritos comunicantes geralmente permanecem no local da reunião por algum tempo, sendo desagradável citações a seu respeito, sem que possam usar da palavra para se explicarem. Discutidas tais questões

em reuniões extras, poderão novamente ser reformuladas, dando, então, chance ao Espírito de tecer novos esclarecimentos.

Também poderão ser realizadas outras reuniões, sem a necessidade de periodicidade rigorosa, para debates mais amplos dos assuntos em estudo. Essas reuniões poderão contar com a presença de convidados, sem número pré-definido e nelas os assuntos pesquisados serão expostos para fins de estudo e debates, sem a pretensão de proclamar como verdades definitivas ou informações insuspeitas, as comunicações. Nunca esquecer que a pesquisa é inesgotável e cada dia mais se aprende. Cada assunto estudado e debatido fornecerá mais e mais material para perquirição.

3) O que perguntar aos Espíritos?- Metodologia

Allan Kardec, em **"Instruções Práticas Sobre as Manifestações Espíritas"** , trata do diálogo que se pode estabelecer com os Espíritos: "convém dirigir perguntas aos Espíritos? Algumas pessoas pensam que devemos nos abster e que é preciso deixar-lhes a iniciativa do querem dizer. Baseiam-se em que o Espírito, falando espontaneamente, expressa-se mais livremente, não diz senão o que quer, e assim ficamos mais certos de ter a expressão de seu próprio pensamento. Supõem que é até mesmo mais respeitoso deixar-lhe á livre escolha a lição que julgar conveniente ministrar." "A experiência, contínua, contradiz essa teoria, como tantas outras nascidas quando do início das manifestações. O conhecimento das diferentes categorias de Espíritos estabelece o limite do respeito que lhes é devido e prova que, a não ser que estejamos certos de não tratar senão com seres superiores, seu ensino espontâneo não seria sempre edificante". Ainda mais: "Reduzirmo-nos, em sua presença, a um papel puramente passivo seria um excesso de submissão que eles não exigem. O que desejam é atenção e recolhimento." E adverte: "Os Espíritos podem abster-se de responder por vários motivos: 1º) a pergunta pode desagradar-lhes ; 2º) eles nem sempre têm os conhecimentos necessários; 3º) há coisas que lhes é proibido revelar. Se, pois, não satisfazem a uma pergunta é porque não querem, não podem ou devem. Seja qual for o motivo, é regra invariável que todas as vezes que um Espírito se recusa categoricamente a responder nunca se deve insistir."

Quanto à metodologia, não poderíamos utilizar outra que não a kardequiana. Isto porque, o estilo de pesquisa que propugnamos neste trabalho, volta às origens do início da D.E.. Como deixamos claro na Introdução, o objetivo dos grupos de pesquisa mediúnica, não é provar a existência do Espírito, a reencarnação, a evolução, etc. etc. A pesquisa não se destina ao público não espírita. Poderá ter um caráter rigorosamente científico, se assim o grupo decidir e tiver condições técnicas para isso. Poderá restringir-se à simples perquirição com algumas experiências quando surgir oportunidade e meios mediúnicos adequados. Ela pretende ser um campo de extensão para o conhecimento espírita. Assim, nada mais do que correto utilizarmos as técnicas semelhantes às do Mestre. Evidentemente, adaptações, inovações e até uma maior ousadia são introduzidas no plano atual. De qualquer modo, Kardec traça algumas regras que não devemos nuca nos esquecer no trato com os Espíritos: "Dois pontos essenciais devem ser considerados na formulação das perguntas: o fundo e a forma. Quanto à forma elas devem, embora sem fraseologia ridícula, demonstrar as atenções e a condescendência que se devem ao Espírito que se comunica, se ele é superior, e nossa benevolência, se ele é nosso igual ou inferior à nós. De outro ponto de vista elas devem ser claras, precisas, sem ambigüidade. É preciso evitar aquelas que comportam um sentido complexo. De preferência é melhor formular duas, se necessário. Quando o assunto requer uma série de perguntas, importa que elas sejam classificadas com ordem, se encadeiem e se sucedam metodicamente. Eis porque é sempre útil prepará-las de antemão, o que, de resto, como dissemos, é uma espécie de invocação antecipada, que prepara caminhos. Meditando-as com vagar nós as formulamos e as classificamos melhor, e obtemos respostas mais satisfatórias. Isto não impede acrescentar, no curso da conversação, perguntas complementares, nas quais não se tivesse, ou que podem ser sugeridas pelas respostas; **mas o quadro está sempre traçado, e isto é o essencial**. (o grifo é nosso). (Idem, Allan Kardec- Instruções Práticas Sobre as Manifestações Espíritas-)

Dentro desse critério metodológico, é que são indispensáveis as reuniões de preparação e estudo conforme expusemos acima. É inútil querer desenvolver trabalhos sérios em aprofundamento

doutrinário, sem determinação e esforço pessoal. Se não for possível cumprir as etapas metódicas como propõe Kardec, é bom nem pensar em começar. As decepções serão muitas e os Espíritos sérios se afastarão com certeza.

Para exemplificarmos no plano prático, apresentamos um modelo desenvolvido pelo GPCEB – Grupo de Pesquisas Científicas Ernesto Bozzano, de Santos, incluso nos trabalhos já citado de Ademar Arthur Chioro dos Reis: Mecanismos da Mediunidade- Processo de Comunicação Mediúnica, para o grupo de pesquisa do Centro Espírita Allan Kardec, de Santos, do qual participamos e do qual faremos algumas inclusões a título de exemplo de experiência, mais à frente. A metodologia de trabalho utilizada foi a análise crítica dos diálogos efetuados pelo grupo com os Espíritos comunicantes e estabeleceu-se , para tanto, alguns objetos de investigação, quais sejam:

a) Estrutura do CEAK no plano espiritual
b) Estrutura do Movimento Espírita no Plano Espiritual
c) Mecanismos da Mediunidade, o processo de comunicação mediúnica;
d) A vida no Plano Espiritual;
e) Perispírito
f) Emissões Energéticas à distância.

Para cada um dos objetos designou-se um responsável, com tarefa inicial de realizar pesquisa bibliográfica em relação ao tema, com a conseqüente elaboração de um roteiro de questões a serem respondidas pelos Espíritos, como o exemplo abaixo:

I – PERISPÍRITO

1- É o espírito um princípio totalmente distinto dos conceitos hoje conhecidos de matéria/energia, ou é uma simples diferenciação destes princípios? E o perispírito?
2- Pode-se conceber a existência do espírito sem perispírito e vice-versa?
3- A analogia que se faz muito comumente entre espírito/perispírito e corpo/roupa é válida?
4- A forma do perispírito é sempre a humana ou pode tomar formas diversas como a de animais, fachos de luz, etc?

II – MEDIUNIDADE

1- Kardec coloca que só a experiência pode revelar a mediunidade. Haveria alguma característica que possibilitasse a identificação do médium? Existe alguma transformação visível no perispírito? Podem ser feitas medidas físicas (biométricas) com o médium que caracterizem a mediunidade?
2- A vontade do médium é fator limitante para os fenômenos de ordem física, ou mesmos podem ocorrer á revelia deste?
3- Nos fenômenos físicos onde há deslocamento material, Kardec cita que os espíritos dão vida factícia aos objetos. Como se dá isso? A teoria das alavancas psíquicas não é uma explicação válida?
4- A intervenção dos espíritos pode ser violenta a ponto de ferir pessoas?
5- Em alguns casos de manifestação obsessiva a prece não se mostra eficaz. Por que?
6- Nos fenômenos de transporte de objetos (aport´s) o que ocorre é uma ilusão dos sentidos, ou seja, os objetos são escondidos primeiramente para serem depois revelados, ou há alguma forma de desmaterialização?

III- VIDA ESPÍRITA

1- Podem os espíritos criar objetos permanentes? Uma maçã criada, por exemplo, teria gosto, cheiro, seria uma maçã real?

2- Pode um espírito vir a habitar um corpo que outrora pertenceu a outro espírito, ou seja, um corpo que o espírito original abandonou? (Vide relato sobre DAVID PALADIN e WASSILY KANDISNKI)
3- Como é contado o tempo?
4- O sol exerce alguma influência (através do calor, contagem do tempo,etc.) ?
5- Como são os sistemas de comunicação? Existem rádios, televisão, etc.?
6- É possível a gravação direta em fita magnética das comunicações ?
7- Como são mantidas as formas materiais no plano espiritual?
8- As relações afetivas como casamentos, relações sexuais, são mantidas apenas pelos espíritos inferiores?
9- Existem instalações de pesquisa científica como laboratórios por exemplo? No grupo a que pertencem existem interessados neste tipo de atividade?

CAPÍTULO TERCEIRO

1) Divulgação dos trabalhos

É muito comum entre os estudiosos de qualquer assunto, o desejo de levar ao conhecimento de outros aquilo que descobrimos, inventamos ou ficamos simplesmente sabendo. Essa impaciência leva ao abortamento de muitos trabalhos arduamente construídos. A precipitação não é, nem de longe, amiga da pesquisa. Na verdade, nossas incursões via mediúnica não nos vão apresentar, inicialmente, novidades surpreendentes. O resultado mais iminente, será o corolário daquilo que aprendemos na base kardequiana, em A. Luiz e outros. A partir daí, com paciência, inteligência, persistência e, mais do que nunca, seriedade, poderemos sim conseguir avançar bastante.

Convidados, considerados por nós ilustres, começarão a aparecer e isso nos fará muito felizes, mas aumentará nossa ansiedade para revelar aos outros, de fora, essa presença querida e sua contribuição. O comunicante “ilustre”, não estará interessado, assim entendemos, na exploração, ainda que carinhosa, da sua pessoa, mesmo porque, nem todos aceitariam com facilidade o fato, uma vez que há um envolvimento de grupos, amigos e parentes quando encarnado, que não aceitarão com facilidade a comunicação, podendo até considerar fraude. Em geral, pedem até que nada seja divulgado, até uma segunda ordem, principalmente quando sua opinião agora, é oposta àquela que sempre manifestou quando encarnado Por isso é necessário ter muito cuidado com comentários sobre os Espíritos comunicantes. O grupo de pesquisa pode inclusive decidir que o seu trabalho servirá apenas e tão somente, para a sua própria ilustração e dos que pertencem ao seu círculo, o que não os impedirá de participar de um trabalho mais amplo de troca de experiência com outros grupos previamente combinados.

Em se tratando de um trabalho de equipe, os membros dos grupos, em matéria de divulgação, devem decidir **quem** e **o que** deverá ser levado ao conhecimento público, abstendo-se cada membro de falar por si, sem a concordância dos demais. Evidentemente, isso não significa que cada um individualmente não possa reforçar seus temas de palestras e exposições com o material que está sendo pesquisado, tendo o cuidado, porém, de não comprometer com exacerbações o trabalho do grupo.

2) Publicação de material

No momento em que o grupo verificar que já possui um considerável material que represente algo de peso em matéria de aprofundamento doutrinário, científico ou filosófico, será interessante procurar uma forma de publicação. Isto será de muita utilidade para outros grupos e para os estudiosos em geral. Aliás, é o objetivo de todo o trabalho de pesquisa, servir de apoio ao desenvolvimento intelectual. Especialmente se o trabalho do grupo avançou a tal ponto, que seria incompreensível manter todo o material fechado ao conhecimento dos outros.

A preparação da matéria para publicação observará alguns critérios que serão decididos em conjunto com os Espíritos, porque eles são os responsáveis pelas informações e idéias, que podem ter um peso muito significativo, além do envolvimento pessoal de que já tratamos alhures. A publicação pode ser feita em forma de Atas, ou matéria corrente redigida por alguém do grupo, ou por um subgrupo, sem citação de nomes de Espíritos comunicantes, importando nesse caso, não o peso do nome, mas a profundidade do material. Excelente trabalho nesse sentido e já citado acima, foi produzido para o CPDOC por Ademar Arthur C. dos Reis– MECANISMOS DA MEDIUNIDADE- PROCESSO DE COMUNICAÇÃO MEDIÚNICA- baseado nas respostas dos Espíritos, no período de quase dois anos, do grupo de pesquisa Ernesto Bozzano, em Santos.

Em qualquer caso, as publicações devem sempre manter o caráter de material de pesquisa de grupo, não sendo propriedade de ninguém em particular, e muito menos sentido de revelação superior e inquestionável. O que seria um contra -senso.

CAPÍTULO QUARTO

1 –Uma experiência

Toda a exposição precedente baseia-se não somente na teoria doutrinaria absorvida das obras básicas e na literatura abundante que aborda os temas relativos as comunicações mediúnicas. Ela é fruto também da prática de vários anos, tanto do autor, quanto de companheiros com maior ou menor experiência na área.

No ano de1989, o Centro Espírita “Allan Kardec”, de Santos, que se caracteriza pelas suas arrojadas empreitadas e realizações inovadoras, visando dinamizar o desenvolvimento das idéias espíritas, decidiu criar uma reunião de pesquisa doutrinária, por via mediúnica., Assim, aproveitando até certo ponto, a inércia de um trabalho antigo de desobsessão, já pouco produtivo, onde médiuns experientes, doutrinariamente bem formados e habituados ao clima democrático de debates que fluía normalmente no Centro, começavam a se entediar, transformou–o em um grupo de pesquisa. Para tanto, convocou a equipe de Espíritos que trabalham na Casa, nos vários departamentos, tanto mediúnicos, quanto de vibrações, passes, mocidade, etc. Conversas foram entabuladas para se definir o novo trabalho e para conseguir o apoio e a participação efetiva dessa equipe juntamente com os encarnados, o que foi aceito sem problema porque a comunhão de idéias entre os dois lados sempre foi satisfatória.

É evidente que em se tratando de um estilo de trabalho, não comum nos meios espíritas organizados tiveram todos que se adaptar. Principalmente porque teriam que ser quebradas certas barreiras no tratamento com os Espíritos, já que estes, habituados a serem preservados de certas “impertinências” dos encarnados, uma cultura que os “guias” e dirigentes passivos de reuniões mediúnicas desenvolveram nas reuniões tradicionais de desobsessão, desenvolvimento, etc. Mas, a equipe já afinada com a “turma rebelde” do CEAK, topou participar da pesquisa, ser sabatinado com liberdade, sem mesuras, nem posições de supremacia e distanciamento entre um e outro mundo. Sem respeito, dentro do respeito que se devem as pessoas civilizadas, sérias e com objetivos superiores.

A equipe de Espíritos que atua nos trabalhos do Centro Espírita Allan Kardec, de Santos, é liderada por um Espírito de nome Rafael. Conforme ele nos informou, seu retorno ao mundo espiritual, lá pelos anos quarenta, deu-se quando ainda era um jovem e não tinha nenhum conhecimento da Doutrina Espírita. Portanto, seu aprendizado foi inteiramente construído nos cursos, palestras e leituras como Espírito errante e sua experiência mediúnica junto aos Centros Espíritas. A verdade é que esses Espíritos nunca revelam totalmente sua condição, especialmente a intelectual, deixando que nós, através das suas manifestações ou intervenções, façamos o nosso conceito a respeito deles. E, através do longo convívio aprendemos a respeitá-lo pela sua personalidade, bondade, abnegação e espírito de liderança sem afetação e sem intromissão descabida em qualquer assunto pertinente a nós encarnados. Algumas vezes, mesmo instado por alguns companheiros a avançar os limites de sua competência, recusou-se a atender, demonstrando com isso a ausência de

qualquer veleidade em relação ao poder. Assim, quando consultado sobre a possibilidade de desenvolvermos as reuniões de pesquisa com a sua colaboração e dos demais Espíritos por ele liderados (ou coordenados, como prefere dizer), não hesitou e começou imediatamente a organizar o serviço do seu lado. Foi em busca de outros elementos, distribuiu tarefas e promoveu reuniões para estudar junto com o grupo encarnado. A um dos convidados de nome Pedro, entregou o trabalho de orientação doutrinária, tendo este inclusive a responsabilidade (não sabemos se somente ele) de trazer Espíritos para atender a temas específicos.

O departamento de mocidade do Centro havia fundado em 1986, o GPCEB- Grupo de Pesquisas Científicas Ernesto Bozzano, reunindo jovens em sua maioria engenheiros e que desenvolviam um trabalho de pesquisa literária. Com a criação do grupo de pesquisa, o GPCEB foi convidado a participar das reuniões, as quais dentro em pouco tempo passou a coordenar. Assim, o grupo de pesquisa passou a contar com seis médiuns, entre psicógrafos, psicofônicos e vidente (ocasional) e seis pesquisadores, a maioria com formação universitária nas áreas de medicina, odontologia, engenharia, psicologia e direito. Observe-se que a graduação acadêmica não foi procurada, nem selecionada, simplesmente coincidiu.

Como toda nova experiência e, especialmente uma prática mediúnica diferente da habitual, o começo foi um tanto inseguro. Nem sempre se conseguia comunicações interessantes. A equipe espiritual também teve dificuldade de engrenar o novo trabalho. Como se sabe, não se faz pesquisa no estilo em que era proposto pelo grupo, praticamente em lugar nenhum do movimento espírita brasileiro.Os Espíritos não estavam habituados com esse modelo. Por isso a dificuldade.

Os médiuns, naturalmente, foram os que mais sentiram a mudança. Apesar da boa vontade e do interesse em participar, da sua experiência, as limitações naturais se fizeram presentes. Medo, inibição, complexos culturais e outros sentimentos de difícil identificação, tornaram bem difícil o andamento normal dos trabalhos. Dar “passagem” a Espíritos sofredores, obsessores, familiares, é uma coisa: o comprometimento do médium é mínimo. Quando se trata, porém, de Espíritos com nível intelectual considerável, submetidos a inquirições, contestações e, além disso por vezes personagens que foram importantes, espíritas ou não, o médium tem reações que muitas vezes travam a comunicação ou desfiguram-na. Por isso não se pode desejar os melhores resultados logo de início. Podem demorar, até que se consiga a conscientização do médium, o entrosamento das equipes.Como temos apregoado em toda a exposição, esse é um trabalho de muita paciência, constância e persistência. Se não houver esse espírito, é melhor nem começar. Os Espíritos não compactuam, com “modismos”, eles não têm tempo a perder com diletantismos, nem impulsos passageiros.

As reuniões tinham duração máxima de duas horas, das 20:00 às 22:00 h.Dados estatísticos foram levantados por Ademar Arthur C. dos Reis, no trabalho já mencionado: “No período correspondente à pesquisa houve **101** comunicações, com a participação de **63** Espíritos comunicantes. Deste total, **41** reuniões relacionaram-se direta ou indiretamente ao tema em estudo, com opiniões obtidas a partir das intervenções de **23** Espíritos comunicantes diferentes, alguns entrevistados repetidamente. As informações foram obtidas em **75%** das reuniões através de comunicações psicofônicas. Em **18%** das reuniões realizadas não houve comunicações.”

Surpreendente foi a adesão quase imediata dos nossos companheiros desencarnados, especialmente figuras do maior destaque do movimento quando encarnados. Entusiasmo e expectativa por parte deles, que sentem a falta desse trabalho, praticamente inexistente nos Centros Espíritas. Um punhado deles, cujos nomes não fomos autorizados a revelar, por motivos óbvios que não cabe aqui expor, mas que o leitor facilmente identifica. Observe-se que não se trata de privilégios, nem preferências em relação ao grupo de Santos. Simplesmente, por ausência de outros grupos com os mesmos objetivos. Imagine-se, Espírito como Herculano Pires, Deolindo Amorim, Carlos Imbassahy, por exemplo, o que fariam em reuniões do tipo desenvolvimento, desobsessão e similares? Claro que nada impede que eles até participem de trabalhos dessa natureza. Mas, não temos dúvida de que estariam mais à vontade em reuniões onde pudessem continuar o trabalho intelectual de que foram expoentes na Terra. Essa oportunidade apareceu, pena que os decepcionamos com a nossa falta de persistência.

2) Interrupção da experiência

No próximo capítulo registraremos algumas comunicações obtidas ao longo dos dois anos de trabalho do grupo de pesquisa que estamos focando. Um considerável material sobre o qual poderemos nos debruçar e realizar demorados estudos e debates. Acredito que nem mesmo os participantes do grupo detiveram-se o tempo suficiente na análise desse material, que, como se poderá verificar mais adiante, apresenta alguma originalidade no trato de algumas questões doutrinárias, além de informações mais detalhadas sobre outras.

Os problemas do dia a dia, por vezes o excesso de atividades de cada um, a realização profissional dos mais jovens, a impaciência de alguns, os problemas existenciais, etc. são freqüentemente, os nossos obstáculos na realização das tarefas a que nos propomos. A experiência nos tem ensinado, que, no meio espírita, somente pessoas abnegadas, geralmente desprovidas de ambições intelectivas, tocadas por um sentimento de caridade cristã, são capazes de manter-se por anos a fio, fiéis a compromissos, religiosamente assumidos.É comum nos Centros Espíritas, a existência de dirigentes e médiuns que participam da mesma reunião por vinte, trinta ou mais anos. Entretanto, quando se pretende algo mais avançado, no campo do conhecimento, com pessoas de nível acadêmico ou com alto grau de cultura, a tendência é durar pouco, muito pouco. Conhecemos vários grupos de estudos, em todo o Brasil, que não tiveram fôlego e morreram, como se diz, na praia. Alguém poderia dizer que é porque a mística da mediunidade consegue manter as pessoas interessadas. E o que dizer da pesquisa mediúnica, que também utiliza o mesmo canal? O problema está no interesse e amor ao trabalho, salvo melhor juízo.

Infelizmente, pelos vários motivos acima expostos, o trabalho do grupo de pesquisa do Centro Espírita Allan Kardec, de Santos, deu uma pausa. Aliás uma pausa longa demais mas que, felizmente, já terminou. O GPCEB reiniciou suas atividades em 2002, especialmente em função do momento que vive o movimento espírita, com a abertura dos seminários e congressos dentro do espírito de atualização que marcha celeremente no Brasil e no resto do Continente.

CAPÍTULO QUINTO

1 – Relato e Análise de Algumas Experiências

As páginas seguintes serão dedicadas à transcrição, com alguns comentários, de várias entrevistas com Espíritos, durante as reuniões do grupo de pesquisa. As opiniões emitidas pelos Espíritos a respeito de temas propostos, não serão objeto de crítica neste trabalho, mesmo que haja discordância doutrinária, porque este não é o escopo do mesmo e, além disso, demandaria um espaço muito maior. Limitar-nos-emos à transcrição para dar conhecimento do produto da pesquisa. As conclusões de todo o acervo conseguido ainda está para ser estudado pelo grupo para, quem sabe, a continuação do trabalho. Parcialmente e individualmente, alguns componentes do GEPCEB, utilizaram o material da pesquisa e desenvolveram excelentes trabalhos literários, tais como os de Ademar A. C dos Reis, já citado, e Reinaldo Di Lucia “Emissões Energéticas à Distância”.

Os Espíritos que participaram do grupo de pesquisa, alguns eram conhecidos porque pertenciam, quando encarnados, aos quadros de trabalhadores do Centro. Outros também conhecidos, mas vindos de outras localidades, e, entre eles, nomes de expressão nacional. Outros ainda, desconhecidos ou preferindo não ser identificados, usando assim pseudônimos.

Nos textos que transcreveremos a seguir, omitiremos nomes do grupo, usando a letra **P** para pergunta e a letra **R** para resposta. Entretanto, manteremos os nomes dos Espíritos conforme nos passaram, inclusive de personagens conhecidas do meio espírita, mesmo correndo o risco de serem rejeitados por aqueles que não aceitam as idéias da turma de Santos. Apenas retiramos os trechos em que são feitas críticas ao movimento espírita, a pedido dos próprios comunicantes.

1. Reunião do dia **5/12/89.**
Assunto: **Mediunidade**
Espírito: **Pedro de Oliveira**

Obs.: O Espírito que se identificou como Pedro de Oliveira, diz ter residido em São Paulo quando encarnado. Não foi atuante no movimento espírita. Desencarnado há cerca de vinte anos (isso em 89), é estudioso da obra de Kardec e participante de grupo de estudo e pesquisa. A comunicação que transcrevemos não é a primeira, sendo que este Espírito foi convidado pelo coordenador espiritual para trabalhar junto ao grupo.

P – *Kardec coloca que só a experiência pode revelar a mediunidade. Haveria alguma característica que possibilitasse a identificação do médium? Existe alguma transformação visível no perispírito? Podem ser feitas medidas físicas, biométricas que caracterizem a mediunidade de alguma forma, ou aparelho? É possível verificar se a pessoa é médium?*

R - Creio que Allan Kardec acrescentou que a mediunidade tinha uma repercussão biológica, física que provoca alterações perceptíveis nos circuitos das circunvoluções, no circuito elétrico do cérebro e, em certas circunstâncias provoca também alterações, ainda que temporárias, em todo o corpo do médium, uma vez que há uma ligação energética da mente com o corpo. Uma vez que essa ligação, em determinadas circunstâncias, poderá se obter modificações perceptíveis no ritmo cerebral do médium. Esta possibilidade de haver uma aceleração desse ritmo é que fundamentalmente permite que uma pessoa seja médium, em termos físicos. Em termos perispirituais as modificações, se existem, são pouco perceptíveis, diria que não são necessárias, uma vez que a mente perispiritual está naturalmente apta a receber as correntes mentais dos desencarnados.

P - *André Luiz, principalmente, descreve como ele pode ver as alterações só nas circunvoluções cerebrais, mas também no papel da epífise, glândula pineal. Gostaria que irmão pudesse falar algo sobre essa possibilidade e também sobre a questão da epífise, do aparelho físico propriamente na questão da mediunidade.*

R— Esta questão da epífise está subordinada a uma melhor questão que é o, ponto de ligação da mente e o cérebro que alguns atribuem a esta glândula. A sua função primordial é a de antena de elevado potencial capaz de converter as ondas mentais em impulsos que se espraiam sobre o cosmo cerebral. Trata-se de uma questão para nós ainda controversa, porque não é fácil identificar exatamente todos os pontos, todas as formas sem que a energia mental se liga aos impulsos cerebrais e vice-versa. Supor que esta energia se concentra nesta glândula é ainda bastante discutível, representa a antiga afirmação mística do 3º olho. O olho místico na verdade, o 3º, é o espírito quando se projeta para além dos limites do corpo. Na verdade, para nós e para o nosso campo de estudo, a glândula pineal (não)* tenha importância atualmente, uma vez que não conseguimos identificar nela todo este potencial interpretativo, de um lado redutor das correntes mentais de um Espírito desencarnado para um nível de impulsos cerebrais e de outro, de amplificador destes impulsos cerebrais para as correntes mentais do Espírito. As ligações mente a mente, são as que fundamentalmente importam na execução do processo mediúnico. O assunto, portanto, merece outras considerações, não apenas esta centralização na epífise segundo os nossos apontamentos.

P - As alterações cerebrais a que você se referiu ocorrem apenas quando em transe mediúnico ou podem ser perceptíveis mesmo em situações de vigília normal?

R - Isto vai depender da personalidade do médium que poderá, sendo mais sensível, determinar já um tipo específico vibracional que caracteriza de maneira evidente um certo desarranjo desses circuitos mentais. Mas tanto para este como para outro menos

dotado será no momento do transe que esta variação será mais acentuada e em alguns será neste momento em que ela acontecerá.

P- Acreditamos que não seja aleatório o fato de se ter mediunidade ostensiva. Qual a razão de o indivíduo apresentar esta mediunidade ostensiva, seria merecimento do médium?

R - É uma pergunta muito geral. O que me ocorre pensar é que afora algumas pessoas marcantemente destinadas pelo seu próprio processo de vida, seu próprio projeto de existência, teriam uma certa missão mediúnica, a maioria possui esta mediunidade ostensiva como uma forma possível de ser alcançada por qualquer pessoa, mas que neste caso é um fruto de uma conquista, de um processo de busca ou desejo acentuado que marcam determinadas pessoas e que lhes dão esta característica. Assim como outras demonstram sensibilidade ou não para as artes, como a música. É a resposta, mas certamente opinião pessoal.

P- Insistindo sobre a questão das ondas cerebrais. Além da alteração que se poderia pegar no Eletroencefalograma, existem algumas outras alterações hormonais, bioquímicas ou mesmo físicas, que se poderia observar, mesmo durante o transe?

R- As alterações nestes casos são eventuais e momentâneas, pois caso contrário haveria um dano no organismo. São alterações decorrentes da dramaticidade do processo que, como uma pulsação do ritmo cardíaco, pode aumentar o esforço físico e cessando esse esforço votará ao seu normal em poucos minutos. Assim também qualquer alteração nestes campos hormonais é recuperada imediatamente após cessar o processo. Daí, fica difícil testar estas alterações, a menos que houvesse instrumentos que captassem, analisassem em frações de minutos toda uma alteração.

P- Essa alteração poderia ser o cansaço, o desgaste de que se fala normalmente? Às vezes o Espírito prefere se retirar porque já há um desgaste muito grande do médium.

R- Poderia ser, mas às vezes o médium pode, por exemplo, receber o mesmo Espírito e isto lhe provocar temporariamente um estado de alerta corporal como qualquer medo provoca.

* Deve ter havido alguma falha na transcrição da fita cassete, ao nosso ver. Pelo que o Espírito comunicante dizia, faltou a partícula negativa **não,** para dar sentido à sua idéia. Por isso incluímos entre parêntesis por não existir no texto original gravado na reunião

P - Uma descarga de adrenalina, todas estas alterações?

R - Sim, ele teria este processo na medida que ele perceber o medo do Espírito ou ficar com medo do Espírito, então o organismo se colocaria em posição de alerta.

P- Mas, independentemente disto, estritamente do ponto de vista da comunicação, ela poderia estender-se por tempo indefinido?

R - Indefinido? Isto seria desgastante para qualquer pessoa, ficar em estado de tensão. O estado mediúnico é um estado de tensão, durante tantas horas seria desgastante e não recomendável.

P- Esse estado poderíamos denominar de excitabilidade mental e mesmo física?

R - Excitabilidade mental e corporal em todos os sentidos. Como disse, é um fenômeno que no momento em que ocorre há uma tensão física. Ele acelera todo o sistema nervoso do médium que está em alerta, porque neste momento cede parte da sua sensibilidade, de si mesmo, para este processo. É como se recebesse ainda que temporariamente um hospedeiro que dependendo do grau de afinidade desenvolve um processo simbiótico no campo mental e isto sempre causa tensão e alerta porque desencadeia no médium uma necessidade de defender sua própria identidade, o seu próprio eu, e neste momento ainda que simbolicamente está sendo dividido, uma hora, um momento em que fala pensando com outra mente.

P - A vontade do médium é fator limitante para os fenômenos físicos, ou estes podem ocorrer à revelia do médium?

R - Alguns fenômenos físicos mais simples podem ocorrer à revelia do médium, mas os fenômenos que possam ter uma característica mais abrangente, dependem de um desejo, pelo menos aceitação da passividade de um médium neste objetivo.

P- Há fenômenos caracterizados como Poltergeist em que há nitidamente a presença de um Espírito, de uma inteligência desencarnada. Também nestes casos podemos considerar que há presente a vontade do médium, já que tais fenômenos são extremamente desagradáveis?

R- Bom, não sei avaliar a extensão deste fenômeno que você menciona.

P- Refiro-me a ferimentos, cortes, agressões até o nível físico, destruição de objetos, combustão espontânea, etc.

R- Eu preciso estudar esses acontecimentos com mais aprofundamento porque existem forças do organismo que são liberadas pelo processo, digamos, natural. Seria interessante analisar as pessoas envolvidas, a sua instabilidade emocional, os seus medos, as suas ligações mentais, para podermos estabelecer um estudo criterioso. Me ocorre pensar que certamente, tais fenômenos serão precedidos possivelmente de uma abordagem puramente mental dos Espíritos que produzem tais fenômenos com aqueles que possam liberar energias para a sua produção. Estabelecido esse contato mental, certamente por questão de medo, de angústia, a liberação desses materiais aproveitáveis para a produção do fenômeno, seriam obtidos pela simples reação emotiva captada pela presença destes Espíritos. É uma hipótese, porque também não é comum para nós participarmos ou estudarmos este tipo de fenômeno. Apenas estou tentando refletir sobre as condições que você estabeleceu na produção desses fenômenos.

P- Seria um fenômeno semelhante ao de obsessão?

R- Sim, seria um fenômeno de obsessão. Talvez de possessão estilizada com a exteriorização de material ectoplásmico, em virtude do conluio psíquico estabelecido, uma vez que tais fenômenos desencadeados geralmente são repetitivos até certo ponto, que devem terminar quando as pessoas envolvidas. (forem esclarecidas ?) *

** Houve falha na transcrição da fita e a frase não foi concluída. colocamos entre parêntesis o que entendemos dar sentido ao final da frase.*

P- Sabemos que existem Espíritos que conhecem a técnica de produção destes fenômenos. Pode ocorrer que uma vontade grande do Espírito faça ocorrer o fenômeno sem que ele conheça o mecanismo de produção?

R- Sim, se o Espírito tem muita raiva, ódio e tendo a disposição este material, ele simplesmente arremessará o objeto, provocará uma queda e até um ferimento no atropelo do seu desejo, sem que ele fique elaborando exatamente detalhe por detalhe todo o mecanismo que tornaria possível a produção do fenômeno.

Obs.: Neste ponto, o tema em questão foi suspenso e antes de encerrar a reunião, foram formulados duas questões sobre as construções materiais do chamado plano espiritual:

P- A respeito de um assunto que foi tratado com outro Espírito, gostaríamos que o irmão opinasse sobre as construções aí do chamado plano espiritual. Essas construções, ,por exemplo um hospital, é real? Existe apenas na mente do Espírito que necessitem do hospital? Outros Espíritos poderiam não ver estas construções?

R – Creio que o primeiro embaraço desta questão é a conceituação do que é real, o real não é uma coisa absoluta. Real é um processo, muitas vezes metafórico. E outras vezes relativo na mente de uma pessoa enlouquecida. As fantasias e as imagens são metaforicamente reais, mas que evidentemente permanecem como realidade para aquela mente enfermiça. No mesmo plano as coisas são sempre reais e são sempre de acordo com o nível vibracional em que esta realidade é construída, mantida e vivida. Por isso o

hospital será uma construção real, concreta, auto-existente ao nível daquela vibração ou daquela matéria, naquele nível vibracional pode ocorrer que um Espírito em nível inferior a este real vibracional, possa não perceber a existência daquele hospital. Então, na sua vertente da realidade ele não ele não existiria, mas ele continua existindo na vertente da realidade que está construído.

P- Parece-me, que só são utilizadas aquelas coisas que são necessárias e o real é construído em cima do necessário. O Espírito em outras dimensões, sejam inferiores ou superiores, e não havendo necessidade no seu plano de existência de passarem por aquela vila , por aquele plano, por aquele hospital, passariam mas não notariam a existência. Nesse sentido é que se tornaria irreal. Só existir, só estar colocado no plano da existência, do necessário daqueles Espíritos que sentem necessidade daquela determinada construção. Mais ou menos esta é a minha interpretação. É isso?

R – Não creio, o que coloquei foi que as construções no seu nível são reais. Realidade que existe, sobrevivem e antecedem aos habitantes desse hospital, por exemplo. Ele existe antes que alguém penetre nele e sobrevive após essa pessoa sair. Esta construção não depende da mente desta pessoa que necessita do hospital. A manutenção desta construção e todo o aparato que está envolvido, depende de outras condições mentais que não estão dependentes da flutuação da eventualidade da necessidade de uma e de outras pessoas.

(Reunião encerrada)

2. Reunião do dia **01/05/90**

Tema: Emissõ**es energéticas à distância.**

Espírito: **Pedro de Oliveira**

P- Antes de começar o roteiro, eu queria procurar definir o seguinte: nas perguntas que fizemos, substituímos algumas palavras que usamos comumente, como vibrações e fluidos, por energia. Esta definição nossa está certa? Seria possível fazer esta transposição?

R- É uma designação atualizada que reconhece que o Universo vibra energeticamente em todos os campos. Em todos os campos existe energia mental, fluídica, energia do coração, enfim, energia da vibração das moléculas, da vibração da matéria, das vibrações estelares.

P – Numa das comunicações anteriores, do José *, ele nos falou que é feita uma qualificação dessas energias, tanto nesta reunião como na de vibração. Essas energias são retiradas dos presentes e qualificadas de modo a poderem ser utilizadas na (mesma) reunião? como mecanicamente falando, fisicamente falando,é feita essa qualificação? Tal qualificação tem algo em comum com a freqüência de vibração dessas energias?

R- Cada pessoa se tipifica por uma forma de exprimir o conteúdo de seu espírito em manifestações vibratórias em que, mentalmente, corporalmente, perispiritualmente, enfim, todo o ser expele como que uma energia e que se chama o seu corpo mental, o seu halo mental. Enfim, aquilo que o qualifica de um modo geral permanentemente e modos específicos. Em determinados momentos temos picos vibracionais em que há uma ascendência na carga energética e há momentos de picos depressivos em que há uma momentânea deflação desse ponto médio em que cada um se especifica. Dessa maneira, uma reunião de vibração, em que o elemento mental e físico corporal se juntam pelas várias pessoas que compõem essa reunião , também se tipifica pelo conteúdo médio das

vibrações de seus componentes. Isso já qualifica, digamos, de uma maneira constante, o teor de qualidade de tipo de reunião. Isto é alterado pela indisposição momentânea de um elemento ou pela exaltação vibracional de outro, pela entrada de novos elementos, até que se ajustem ao padrão específico. Assim como pela saída de certos elementos que cortam o conjunto, enfim, tudo isso são fatores que determinam em cada reunião a qualidade maior ou menor. Em determinadas circunstâncias, se o elemento está no pico ascendente das suas vibrações, ele evidentemente eleva o nível médio das vibrações e isso é aproveitado qualitativamente. Se um dos elementos está numa situação muito depressiva, então ele será isolado porque senão o tônus vibratório médio ficará muito prejudicado. Isso se qualifica.

* *José é um dos Espíritos que participava do grupo de pesquisa. Perguntado sobre como se operava a chamada vibração à distância, deu uma resposta, no mínimo estranha: "A vibração tem uma consistência física". "Ela é colocada dentro de um outro material para que possa ser transportada". "Espécie de balões de gás, mas esta capa externa teria uma consistência um pouquinho maior, uma vibração mais sutil, exatamente para segurar, para que não haja dispersão dessa vibração.". Evidentemente essa explicação é equivocada, senão ridícula, e Pedro de Oliveira a desconsiderou, como pode ser entendido no texto acima.*

P – Como é que se identifica a qualidade das vibrações?

R- Bem, eu diria pelo sentimento, pelo sentir, pela experiência. Mas também há técnicas de visualização da qualidade da energia exalada por cada um e até em algumas circunstâncias, algum tipo de aparelhagem que daria esse tônus médio, assim como o osciloscópio.

P – Seria o psicoscópio como nos diz André Luiz?

R- É, poderia-se dar esse nome, uma vez que ele mede a oscilação vibratória do grupo e de cada pessoa. Mas há também a possibilidade de visualizar um certo colorido, uma certa intensidade, porque cada um exala esse tipo de vibração. A pessoa que está deprimida terá bastante dificuldade de sair de um nível muito baixo de vibração.

P – A respeito dessa vibração, é muito difícil dizer a alguém como vibrar, qual o procedimento mental, qual a atitude mental.Então eu perguntaria o seguinte: alguns aqui estão como que fazendo preces mentais, dirigindo-se a Jesus, que é mais ou menos o que a maioria faz. Outros estão de olhos abertos, mas cada um com uma posição mental, quase neutra, não articulando quase nenhum pensamento. Como se dá a vibração nesse caso, a prece consegue quantidade de energia maior ou mais qualificada?

R – De modo geral cada um tem a sua qualificação. Ele precisa concentrar-se no objetivo a que está aderido. Estar na reunião com todo o seu espírito, com todo o seu coração, já é uma coisa, uma forma de concentração. A oração, claro quando não seja uma mera e cansativa repetição, ajuda sempre peneirar os sentimentos, o pensamento, mantê-lo mais equilibrado, a mente centrada no que está fazendo. Mas, o verdadeiro sentido da concentração é o sentimento e a capacidade de não se distrair, de estar presente. Isso de estar-se de olhos de olhos fechados ou abertos, não é muito importante. O que importa, não sei se me explico bem, é o conjunto de sentimentos, o conjunto de percepção, enfim, aquilo que direciona todo o conjunto vibracional do ser espiritual. Está aqui por que quer, porque gosta, porque percebe que é bom, que é um lugar, uma atividade, um determinado momento que lhe agrada e é útil. Acho que a palavra agrada seria bem aplicada. Se não agrada, não vibra. Quem nem se agrada com o que está fazendo é realmente um ponto morto, não?

P- Cada uma das suas frases daria desdobramentos em várias questões. Apesar do roteiro preparado, gostaria de pegar duas questões. Uma delas, no que diz respeito à composição do grupo, da importância dessa composição e sua variação. No nosso grupo, como exemplo, a entrada do M..., uma pessoa que pouco participa, em que varia essa energia,

essa preparação do ambiente. Em outro exemplo, o R... que é um dos médiuns que trabalha com a gente e que tem vindo poucas vezes. Qual a conseqüência disso?

R- Todo grupo mediúnico tem que ser relativamente fechado. Sempre com as mesmas pessoas e que sejam bastante assíduas, apesar de que só isto não garante o sucesso, mas é um ponto principal para haja um grupo. Depois o mais importante é o desejo de cada um estar presente, de cada um que se compromete a vir. Se esta pessoa se compromete e faz parte do grupo permanente e é pouco assíduo, isso realmente desestabiliza o que desejamos. O grupo sendo relativamente harmônico pode receber visitas sem que se altere muito e, às vezes, nada. No caso citado, a presença do nosso irmão contribui na medida em que está interessado nos resultados do trabalho. Não estou falando de nada esotérico, estou falando de uma manipulação de energias. Na verdade, o grupo permanente tem que ser assíduo, se não for alguma coisa está errada. As pessoas têm que estar muito cientes da manipulação desses elementos mentais. Creio mesmo que de tempos em tempos deva ser expurgado todo aquele que não tenha a assiduidade desejável. Para nós aquele que vem esporadicamente, como o médium, por exemplo, pouca serventia tem, não é?

P- Em relação à possibilidade revelada por você de mensurar o campo mental, o halo mental, citando métodos de visualização, e até mesmo a existência de equipamentos. Na nossa reunião, que tipos de mecanismos vocês se utilizam no preparo do ambiente, vibrações e energias?

R- Nós aqui estamos mais baseados nas pessoas que compõem o grupo e nos conhecimentos que temos dos seus desejos. Esse é o básico. E, conhecendo e sabendo cada um o seu quilate, a sua capacidade média de participação, daí sobre esses fatos é que analisamos e programamos o nosso trabalho. Não usamos necessariamente uma aparelhagem, mas poderíamos fazê-lo se fosse necessário.

P - Gostaria de voltar a um detalhe, quando pensamos em energia, obrigatoriamente falamos de onda e da freqüência da onda. A qualificação tem algo com a modificação de freqüência dessa onda energética?

R- Certamente. Por isso que eu falei desses picos para cima e para baixo. Se nós encontramos um grupo onde a freqüência é muito alta, em que o comprimento de onda é cada vez menor, então podemos realizar muitas coisas. Mas se há lassidão, se há dispersão, esse comprimento de onda é muito devagar, então se pode juntar muito pouco.

P- Dessa forma, o mecanismo que tínhamos imaginado era que haveria uma seqüência, uma certa continuidade nessa freqüência de onda, de forma que a freqüência de onda característica dos encarnados , seria bastante menor, o comprimento de onda seria bem maior do que a freqüência dos desencarnados. E que para haver a transmissão de vibração a distância, essa qualificação e essa transmissão seria feita numa faixa intermediária entre os dois. Esse mecanismo está mais ou menos correto?

R- Depende muito das pessoas. Evidentemente que o encarnado está numa posição algo desvantajosa, porque está comprometido com uma mistura físico-mental. O desencarnado, isso digamos em regra geral, tem mais possibilidade de expansão em virtude de não ter esse condicionamento do físico. No mais, não suponha que existam muitos mistérios entre esse distanciamento entre encarnados e desencarnados porque as correntes mentais, evidentemente, são de freqüências diferentes, mas o encarnado está no estado natural, freqüentemente capacitado a perceber.

Capítulo Sexto

1- Uma Proposta

Propomos a montagem de uma estrutura na qual haja um cadastramento de grupos formados ou recém-formados, que estejam interessados em participar da pesquisa de variados temas, a exemplo da OBSESSÃO, aqui citado.
Para tanto, instituir-se-ia um Grupo Administrador que se responsabilizaria por cadastrar os grupos, elaborar e distribuir os roteiros, receber as pesquisas, computar os resultados, comparar, catalogar, etc.

Um Banco de Dados experimental em ACCESS está sendo utilizado pelo GPCEB atual do Centro Espírita Allan Kardec, de Santos, no qual todos os dados extraídos dos Instrumentos de Registro (Anexo I) são digitados, bem como as transcrições das comunicações psicofônicas e as psicografias obtidas, para facilitar o controle, as pesquisas, o confronto de idéias e repostas dadas pelos espíritos sobre determinado tema, o acompanhamento dos médiuns, etc.

Os grupos interessados em participar de uma pesquisa sobre determinado tema, teriam uma cópia desse programa e enviariam os resultados por meio eletrônico, para que o Grupo Administrador faça as devidas análises e comparações.

Além disso, o Grupo Administrador organizaria Fóruns entre os Coordenadores de cada grupo, para uma análise mais profunda, debates e, por fim, decidir o que fazer com os resultados, ou seja, delinear sobre o que pode virar um texto, trabalho, tese, curso, etc., ou até, se for caso, voltar o tema para os grupos para novas consultas.

Para o desenvolvimento da pesquisa, existem duas propostas:

1) Todos os grupos iniciariam pesquisando o mesmo tema, seguindo o mesmo roteiro de perguntas e em seguida, enviando para o Grupo Administrador.
2) Definiríamos mais de um tema e faríamos um rodízio entre os grupos.

CONCLUSÃO

Conforme se pode verificar, o que apresentamos é o resultado de uma experiência. Certamente outros companheiros terão outras e talvez mais ricas e melhor estruturadas. Mas, o que destacamos, é a forma proposta de intercâmbio, com liberdade, sem receios, sem mistérios, sem complexos de submissão e inferioridade aos amigos do “outro lado”. É preciso também entender que as pesquisas não devem restringir-se a questões científicas ou filosóficas. Perguntas sobre a vida cotidiana dos Espíritos, seus costumes, seus problemas, etc., vão nos surpreender quanto, principalmente, á ignorância de boa parte deles em relação ao meio em que vivem. Certa feita, perguntamos a um Espírito se ele toma banho, defeca, urina e ele disse que sim, embora os companheiros que moravam com ele não tinham essa necessidade. Perguntei ainda se ele alguma vez olhou para dentro do vaso sanitário e viu as fezes. Ele ficou surpreso com a nossa indagação e respondeu que nunca teve essa curiosidade. Portanto, é extremamente rica a pesquisa via mediúnica e os Espíritos, ao contrário do que se possa acreditar, gostam de trabalhar com seriedade. Por outro lado, é necessário estar preparado para realizar um bom trabalho, com profundidade, porque os Espíritos sérios não estão disponíveis para brincadeiras ou deslumbramentos intelectóides.

ANEXO I

CARACTERIZAÇÃO DA REUNIÃO

- **Tipo:** [ ] **Ordinária** [ ] **Experimentação**

- **Hora Início:** _____ **Hora Final:** _____

- **Presentes:** _____

_____

_____

- **Equipamentos utilizados:** _____

CARACTERIZAÇÃO DAS COMUNICAÇÕES

Comunicação nº ____/____	Início:	Fim:	Duração:
Médium:		Espírito:	
Tipo de Mediunidade:			

Comentários / Observações:

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

Comunicação nº ____/____	Início:	Fim:	Duração:
Médium:		Espírito:	
Tipo de Mediunidade:			

Coment

Comentários / Observações:

_____

_____

_____

_____

_____

_____

O PERISPÍRITO
SEGUNDO
ALLAN KARDEC

Antologia segundo as obras básicas da Codificação Espírita.

O presente trabalho
foi realizado a partir dos textos contidos
na Homepage do
IDE-Instituto de Difusão Espírita
http://www.ide.org.br/cde-port/

Perispírito.

93 - O Espírito propriamente dito tem alguma cobertura ou está, como pretendem alguns, envolvido numa substância qualquer?
- O Espírito está revestido de uma substância vaporosa para os teus olhos, mas ainda bem grosseira para nós; muito vaporosa, entretanto, para poder elevar-se na atmosfera e se transportar para onde queira.

> **Assim como o germe de um fruto é envolvido pelo perisperma, da mesma forma o Espírito propriamente dito está revestido de um envoltório que, por comparação, pode-se chamar de perispírito.**

94 - De onde o Espírito toma o seu invólucro semi-material ?
- Do fluido universal de cada globo. Por isso, ele não é o mesmo em todos os mundos. Passando de um mundo para outro, o Espírito troca seu envoltório, como mudais de roupa.

- Assim, quando os Espíritos que habitam mundos superiores vêm entre nós, tomam um perispírito mais grosseiro?
- Já o dissemos: é preciso que eles se revistam da vossa matéria.

95 - O envoltório semi-material do Espírito tem formas determinadas e pode ser perceptível?
- Sim; tem uma forma que o Espírito deseja, e é assim que ele se vos apresenta algumas vezes, seja em sonho, seja em estado de vigília, podendo tomar forma visível e mesmo palpável.

Perispírito nos espíritos puros

186 - Há mundos onde o Espírito, cessando de habitar corpos materiais, só tenha por envoltório o perispírito?
- Sim, e esse próprio envoltório torna-se tão etéreo que, para vós, é como se não existisse; é o estado dos Espíritos puros.

- Resulta daí, ao que parece, que não há uma demarcação definida entre o estado das últimas encarnações e aquele dos Espíritos puros?
- Essa demarcação não existe; a diferença, que se desfaz pouco a pouco, torna-se imperceptível, como a noite que se desfaz aos primeiros clarões do dia.

187 - A substância do perispírito é a mesma em todos os mundos?
- Não; ela é mais ou menos etérea. Passando de um mundo para outro o Espírito se reveste da matéria própria de cada um, com mais rapidez que um relâmpago.

188 - Os Espíritos puros habitam mundos especiais ou estão no espaço universal sem estarem mais ligados a um mundo que a outro?
- Os Espíritos puros habitam certos mundos, mas não estão confinados neles como os homens sobre a Terra; eles podem, melhor que os outros, estar por toda a parte. [1]

Ensaio teórico sobre a sensação nos espíritos.

257 – O corpo é o instrumento da dor e, se não é a sua causa primeira, pelo menos é a causa imediata. A alma tem a percepção da dor mas essa percepção é um efeito. A lembrança que dela conserva pode ser muito penosa, contudo, não pode ter ação física. Com efeito, nem o frio, nem o calor podem desorganizar os tecidos da alma e esta não pode gelar-se nem queimar-se. Não vemos, todos os dias, a lembrança ou a apreensão de um mal físico, produzir efeitos tão reais e ocasionar mesmo a morte? Todo o mundo sabe que as pessoas amputadas sentem dor no membro que não existe mais. Seguramente, não é nesse membro que está a sede ou o ponto de partida da dor; apenas o cérebro conservou a impressão da dor. Pode-se, pois, crer que há alguma coisa de analogia com os sofrimentos do Espírito depois da morte. Um estudo mais aprofundado do perispírito, que desempenha um papel muito importante em todos os fenômenos espíritas, como as aparições vaporosas ou tangíveis, o estado do Espírito no momento da morte, a idéia tão freqüente de que ainda está vivo, o quadro tão comovente dos suicidas, dos supliciados, dos que se deixaram absorver nos prazeres materiais, e tantos outros fatos, vieram fazer luz sobre essa questão e dar lugar às explicações que damos, aqui, resumidas.

O perispírito é o laço que une o Espírito à matéria do corpo, sendo tirado do meio ambiente, do fluido universal; contém ao mesmo tempo, eletricidade, fluido magnético e, até certo ponto, a matéria inerte. Poder-se-ia dizer que é a quintessência da matéria, o princípio da vida orgânica, mas não da vida intelectual, porque esta está no Espírito. É, além disso, o agente das sensações externas. No corpo, essas sensações estão localizadas pelos órgãos que lhes servem de canais. Destruído o corpo, as sensações ficam generalizadas.

Eis porque o Espírito não diz que sofre mais da cabeça do que dos pés. É preciso, de resto, não confundir as sensações do perispírito, que se tornou independente, com as do corpo; não podemos tomar estas últimas como análogas, mas apenas como termo de comparação. Liberto do corpo, o Espírito pode sofrer, mas esse sofrimento não é corporal, embora não seja exclusivamente moral como o remorso, uma vez que ele se queixa de frio e de calor. Ele não sofre mais no inverno que no verão e o temos visto passar através das chamas sem nada experimentar de penoso; a temperatura não lhes causa, pois, nenhuma impressão. A dor que ele sente não é propriamente uma dor física, mas um vago sentimento íntimo que o próprio Espírito nem sempre entende, precisamente porque a dor não está localizada e não é produzida por agentes externos: é mais uma lembrança que uma realidade, porém, uma recordação também penosa. Há, algumas vezes, entretanto, mais que uma lembrança, como iremos ver.

A experiência nos ensina que no momento da morte o perispírito se liberta mais ou menos lentamente do corpo. Durante os primeiros instantes, o Espírito não entende sua situação: não se crê morto porque se sente vivo; vê seu corpo de um lado, sabe que é seu, mas não entende porque está separado dele. Este estado perdura enquanto existe alguma ligação entre o corpo e o perispírito. Um suicida nos disse: Não, não estou morto – e ajuntou – entretanto, sinto os vermes que me roem. Ora, seguramente, os vermes não roíam o perispírito, e muito menos o Espírito; roíam apenas o corpo. Entretanto, como a separação do corpo e do perispírito não tinha se completado, resultava uma espécie de repercussão moral que lhe transmitia a sensação do que se passava no corpo. Repercussão pode não ser talvez a palavra certa, pois, faria supor um efeito muito material; era antes a visão do que se passava no corpo, ligado ainda ao seu perispírito, que produzia nele uma ilusão, a qual tomava por uma realidade. Assim, não era uma lembrança, pois que, durante sua vida não havia sido roído pelos vermes; era o sentimento de um fato atual. Vê-se, por aí, as deduções que se podem tirar dos fatos, quando são observados atentamente. Durante a vida, o corpo recebe as impressões exteriores e as transmite ao Espírito

por intermédio do perispírito que constitui, provavelmente, o que se chama de fluido nervoso. Morto o corpo, ele não sente mais nada, visto que não há mais nele Espírito, nem perispírito. O perispírito, desprendido do corpo, experimenta sensação, mas como esta não lhe chega mais por um canal limitado, é generalizada. Ora, como na realidade ele não é mais que um agente de transmissão, pois é no Espírito que está a consciência, resulta disso que se pudesse existir um perispírito sem Espírito, ele não sentiria mais do que um corpo morto. Da mesma forma, se o Espírito não tivesse o perispírito, seria inacessível a toda a sensação penosa, como ocorre com os Espíritos completamente purificados. Sabemos que quanto mais eles se purificam, mais a essência do perispírito se torna etérea, do que se segue que a influência material diminui à medida que o Espírito progride, quer dizer, à medida que o próprio perispírito se torna menos grosseiro.

Mas, dir-se-á, as sensações agradáveis são transmitidas ao Espírito pelo perispírito, da mesma forma que as sensações desagradáveis; ora, se o Espírito puro é inacessível a umas, deve ser igualmente a outras. Sim, sem dúvida, para aquelas que provêm unicamente da influência da matéria que conhecemos: o som dos nossos instrumentos, o perfume de nossas flores, nenhuma impressão lhe causam. Entretanto, ele experimenta sensações íntimas, de um encanto indefinível que nem podemos imaginar, pois a esse respeito somos como cegos de nascença em relação à luz: sabemos que ela existe, mas por que meio? Aí se detém a nossa ciência.

Sabemos que existe percepção, sensação, audição, visão; que essas faculdades são atributos de todo o ser, e não, como no homem, de uma parte do ser; mas, ainda uma vez, por que intermediário? É o que não sabemos. Os próprios Espíritos não pode nos dar conta, visto que nossa linguagem não está em condições de exprimir as idéias que não temos, da mesma forma que a língua dos selvagens não tem termos para exprimir nossas artes, nossas ciências e nossas doutrinas filosóficas.

Dizendo que os Espíritos são inacessíveis às impressões da nossa matéria, queremos falar dos Espíritos muito elevados, cujo envoltório etéreo não encontra analogia em nosso mundo. O mesmo não ocorre com os de perispírito mais denso, que percebem os nossos sons e os nossos odores, embora não o façam por uma parte da sua individualidade, como quando em vida. Poder-se-ia dizer que as vibrações moleculares se fazem sentir em todo o ser e chegam, assim, ao seu sensorium commune, que é o próprio Espírito, embora de um modo diferente, e pode ser também com uma impressão diferente, o que produz uma modificação na percepção. Eles ouvem o som da nossa voz, entretanto, nos compreendem sem o auxílio da palavra, apenas pela transmissão do pensamento. Isso vem em apoio ao que dissemos: essa penetração é tanto mais fácil quanto mais o Espírito está desmaterializado. Quanto à visão, ela independe da nossa luz. A faculdade de ver é um atributo essencial da nossa alma; para ela não há obscuridade, e apresenta-se mais extensa, mais penetrante para os que estão mais purificados. A alma, ou o Espírito, tem pois, em si mesmo, a faculdade de todas as percepções; na vida corpórea elas são limitadas pela grosseria de seus órgãos, contudo, na vida extra-corpórea o são cada vez menos à medida que se torna menos compacto o envoltório semi-material.

Esse envoltório, tirado do meio ambiente, varia de acordo com a natureza dos mundos. Passando de um mundo a outro, os Espíritos trocam de envoltório como trocamos de roupa ao passarmos do inverno para o verão, ou do pólo para o equador. Os Espíritos mais elevados, quando nos vêm visitar, revestem-se do perispírito terrestre e, então, suas percepções operam como nos Espíritos vulgares; mas todos, inferiores como superiores, não ouvem e não sentem mais do que aquilo que querem ouvir ou sentir. Sem possuírem órgãos sensitivos, podem tornar, à vontade, ativas ou nulas suas percepções; só uma coisa são forçados a ouvir: os conselhos

dos bons Espíritos. A visão é sempre ativa, mas eles podem, reciprocamente, tornarem-se invisíveis uns aos outros. Segundo a categoria que ocupem, podem ocultar-se dos que lhes são inferiores, mas não o podem dos que lhes são superiores. Nos primeiros momentos que se seguem à morte, a visão do Espírito é sempre perturbada e confusa e se aclara à medida que se desprende e pode adquirir a mesma clareza que durante a vida, independentemente da sua penetração através dos corpos que nos são opacos. Quanto à sua extensão pelo espaço infinito, no futuro e no passado, depende do grau de pureza e elevação do Espírito.

Toda esta teoria, dir-se-á, não é nada tranqüilizadora. Pensávamos que, uma vez desembaraçados do nosso envoltório grosseiro, instrumento das nossas dores, não sofreríamos mais e nos informais que ainda sofreremos e, seja de uma maneira ou de outra, é sempre sofrer. Ah! sim, podemos ainda sofrer muito e por muito tempo, mas, podemos também não mais sofrer, mesmo desde o instante em que deixamos a vida corpórea.

Os sofrimentos deste mundo, algumas vezes, independem de nós, mas muitos são conseqüências da nossa vontade. Remontando à origem, ver-se-á que, em sua maior parte, resultam de causas que poderíamos evitar. Quantos males e enfermidades deve o homem aos seus excessos, à sua ambição, às suas paixões? O homem que tivesse vivido sempre sobriamente, sem abusar de nada, com simplicidade de gostos, modesto em seus desejos, se pouparia de muitas tribulações. Ocorre o mesmo com o Espírito; os sofrimentos que enfrenta são conseqüência da maneira que viveu sobre a Terra. Sem dúvida, não terá mais a gota e o reumatismo, mas terá outros sofrimentos que não são menores. Vimos que esses sofrimentos resultam dos laços que ainda existem entre o Espírito e a matéria e que quanto mais se liberta da influência da matéria, quanto mais se desmaterializa, sofre menos as sensações penosas. Ora, depende dele libertar-se dessa influência desde a vida atual; tem o seu livre arbítrio e, por conseguinte, a faculdade de escolher entre fazer e não fazer. Dome ele as suas paixões animais, não sinta ódio, nem inveja, nem ciúme, nem orgulho; não se deixe dominar pelo orgulho e purifique a sua alma pelos bons sentimentos, que faça o bem e dê às coisas deste mundo a importância que elas merecem, então, mesmo estando encarnado, já estará depurado, liberto da matéria, e quando deixar seu corpo não mais lhe suportará a influência. Nenhuma recordação dolorosa, nenhuma impressão desagradável lhe restará dos sofrimentos físicos que experimentou, porque elas afetaram o corpo e não o Espírito. Sentir-se-á feliz de ter se libertado delas e a calma de sua consciência o isentará de todo o sofrimento moral. Interrogamos milhares de Espíritos, que pertenceram a todas as categorias da sociedade terrena, a todas as posições sociais; estudamo-los em todos os períodos da sua vida espírita, a partir do momento em que deixaram o corpo; seguimo-los, passo a passo, nessa vida de além-túmulo, para observar as mudanças que neles se operavam, em idéias, em suas sensações e, sob esse aspecto, os homens mais vulgares não foram os que nos forneceram materiais de estudo menos preciosos. Ora, constatamos sempre que os sofrimentos tinham relação com a conduta, da qual suportavam as conseqüências, e que essa nova existência era a fonte de uma felicidade inefável para os que seguiram o bom caminho. Segue-se daí que os que sofrem, sofrem porque quiseram e só de si mesmos podem queixar-se, tanto neste como no outro mundo.

Conceito de perispírito

Imaginemos primeiro o Espírito em sua união com o corpo; o Espírito é o ser principal, já que é o ser pensante e sobrevivente; o corpo, pois, não é senão um acessório do Espírito, um envoltório, uma veste que ele deixa quando está estragada. Além desse envoltório material, o Espírito tem um segundo, semi-material, que o une ao primeiro; na morte, o Espírito se despoja deste, mas não do segundo ao qual damos o nome de perispírito. Esse envoltório semi-material, que afeta a forma humana, constitui para ele um corpo fluídico, vaporoso, mas que, por nos ser invisível em seu estado normal, não deixa de possuir algumas das propriedades da matéria. O Espírito não é, pois, um ponto, uma abstração, mas um ser limitado e circunscrito, ao qual não falta senão ser visível e palpável para se assemelhar aos seres humanos. Por que, pois, não agiria sobre a matéria? Por que seu corpo é fluídico? Mas não é entre os fluidos, os mais rarefeitos, aqueles que se consideram como imponderáveis, a eletricidade por exemplo, que o homem acha seus mais poderosos motores? É que a luz imponderável não exerce uma ação química sobre a matéria ponderável? Nós não conhecemos a natureza íntima do perispírito; mas supondo-o formado de matéria elétrica, ou outra tão sutil, por que não teria a mesma propriedade estando dirigido por uma vontade?

50. Sistema da alma material; consiste, unicamente, numa opinião particular sobre a natureza íntima da alma. Segundo esta opinião, a alma e o perispírito não seriam duas coisas distintas, ou, melhor dizendo, o perispírito não seria outro senão a própria alma, se depurando gradualmente pelas diversas transmigrações, como o álcool se depura pelas diversas destilações, enquanto a Doutrina Espírita não considera o perispírito senão como o envoltório fluídico da alma ou do Espírito. O perispírito sendo matéria, embora muito etérea, a alma seria assim de uma natureza material mais ou menos essencial segundo o grau da sua depuração.

Este sistema não infirma nenhum dos princípios fundamentais da Doutrina Espírita, porque nada muda na destinação da alma; as condições de sua felicidade futura são sempre as mesmas; a alma e o perispírito formam um todo, sob o nome de Espírito, como o germe e o perisperma o formam sob o nome de fruto; toda a questão se reduz em considerar o todo como homogêneo, em lugar de estar formado por duas partes distintas.

Como se vê, isso não leva a nenhuma conseqüência, e disso não teríamos falado se não tivéssemos encontrado pessoas inclinadas a ver uma nova escola no que não é, definitivamente, senão uma simples interpretação de palavras. Esta opinião, de resto muito restrita, fosse mesmo mais geral, não constituiria uma cisão entre os espíritas, mais do que as duas teorias da emissão ou das ondulações da luz não foi uma entre os físicos. Os que quisessem formar partido por uma questão tão pueril, provariam, só por isso, que dão mais importância ao acessório do que à coisa principal, e que são levados à desunião por Espíritos que não podem ser bons, porque os bons Espíritos não insuflam jamais a acrimônia e a cizânia; por isso exortamos todos os verdadeiros espíritas a se porem em guarda contra semelhantes sugestões, e não ligar a certos detalhes mais importância do que merecem; o essencial é o fundo.

Cremos necessário dever dizer, em poucas palavras, sobre o que se apoia a opinião daqueles que consideram a alma e o perispírito como duas coisas distintas. Está fundada nos ensinamentos dos Espíritos que jamais variaram a esse respeito; falamos dos Espíritos esclarecidos, porque entre eles os há os que não sabem mais, e mesmo menos do que os

homens, ao passo que a teoria contrária é uma concepção humana. Não inventamos, nem supusemos o perispírito para explicar os fenômenos; sua existência nos foi revelada pelos Espíritos, e a observação no-la confirmou (O Livro dos Espíritos, no 93). Ela se apoia, ainda, sobre o estudo das sensações dos Espíritos (O Livro dos Espíritos, no 257) e, sobretudo, sobre os fenômenos das aparições tangíveis que implicariam, segundo a outra opinião, a solidificação e a desagregação das partes constituintes da alma e, por conseqüência, sua desorganização. Seria necessário, por outro lado, que esta matéria, que pode impressionar os sentidos, fosse, ela mesma, o princípio inteligente, o que não é mais racional que confundir o corpo com a alma, ou a veste com o corpo. Quanto à natureza íntima das almas, nos é desconhecida. Quando se diz que é imaterial, é preciso entender no sentido relativo, e não absoluto, porque a imaterialidade absoluta seria o nada; ora, a alma ou Espírito é alguma coisa; quer-se dizer que sua essência é de tal modo superior que não tem nenhuma analogia com aquilo que nós chamamos matéria e, assim, para nós, é imaterial (O Livro dos Espíritos, no 23 e 82).

51. Eis aqui a resposta dada, a esse respeito, por um Espírito:

"O que uns chamam perispírito não é outra coisa senão o que os outros chamam envoltório material fluídico. Direi, para me fazer compreender de maneira mais lógica, que esse fluido é a perfectibilidade dos sentidos, a extensão da vista e das idéias: falo dos Espíritos elevados. Quanto aos Espíritos inferiores, os fluidos terrestres são ainda completamente inerentes a eles; pois são matéria como vedes; daí os sofrimentos da fome, do frio, etc., sofrimentos que não podem experimentar os Espíritos superiores, uma vez que os fluidos terrestres são depurados ao redor do pensamento, quer dizer, da alma. A alma, para seu progresso, tem sempre, necessidade de um agente; a alma, sem agente, não é nada para vós ou, melhor dizendo, não pode ser concebida por vós. O perispírito para nós, Espíritos errantes, é o agente pelo qual nos comunicamos convosco, seja indiretamente pelo vosso corpo ou vosso perispírito, seja diretamente à vossa alma; daí os infinitos matizes de médiuns e de comunicações. Agora, resta o ponto de vista científico, quer dizer, a própria essência do perispírito; este é um outro assunto. Compreendei primeiro moralmente; não resta mais do que uma discussão sobre a natureza dos fluidos, o que é inexplicável no momento; a ciência não conhece bastante, mas lá chegará se quiser caminhar com o Espiritismo. O perispírito pode variar e mudar ao infinito; a alma é o pensamento: não muda de natureza; a esse respeito não vades mais longe, é um ponto que não pode ser explicado. Credes que não procuro como vós? Vós, buscais o perispírito; nós buscamos a alma. Esperai, pois.
– Lamennais".

54. Numerosas observações de fatos irrecusáveis, dos quais falaremos mais tarde, conduziram a esta conseqüência de que há no homem três coisas:

1.ª) alma ou Espírito, princípio inteligente em que reside o senso moral;

2.ª) o corpo, envoltório grosseiro, material, do qual está temporariamente revestido para o cumprimento de certos objetivos providenciais;

3.ª) o perispírito, envoltório fluídico, semi-material, servindo de laço entre a alma e o corpo.

A morte é a destruição, ou melhor, a desagregação do envoltório grosseiro, daquele que a alma abandona; o outro se separa e segue a alma que se encontra, dessa maneira, sempre como um envoltório; este último, se bem que fluídico, etéreo, vaporoso, invisível para nós em seu estado

normal, não deixa de ser matéria, embora, até o presente, não pudéssemos apanhá-la e submetê-la à análise.

Este segundo envoltório da alma ou perispírito existe, pois, durante a vida corporal; é o intermediário de todas as sensações que o Espírito percebe, aquele pelo qual o Espírito transmite sua vontade ao exterior e age sobre os órgãos. Para nos servir de uma comparação material, é o fio elétrico condutor que serve para a recepção e a transmissão do pensamento; é, enfim, esse agente misterioso, inacessível, designado sob o nome de fluido nervoso, que desempenha um grande papel na economia e do qual não de dá bastante conta nos fenômenos fisiológicos e patológicos. A Medicina, não considerando senão o elemento material ponderável, se priva, na apreciação dos fatos, de uma causa incessante, de ação. Mas não é aqui o lugar de examinar essa questão; faremos somente notar que o conhecimento do perispírito é a chave de uma multidão de problemas até agora inexplicados.

O perispírito não é uma dessas hipóteses às quais se recorrem na ciência, algumas vezes, para a explicação de um fato; sua existência não é revelada somente pelos Espíritos, mas um resultado da observação, como teremos ocasião de demonstrá-lo. Para o momento, e para não antecipar sobre os fatos que iremos relatar, nos limitaremos a dizer que, seja durante sua união com o corpo, seja depois de sua separação, a alma jamais está separada de seu perispírito.

55. Disse-se que o Espírito é uma chama, uma chispa; isto se deve entender do Espírito propriamente dito, como princípio intelectual e moral, e ao qual não se poderia atribuir uma forma determinada; mas, em qualquer grau que se encontre, está sempre revestido de um envoltório ou perispírito, cuja matéria se eteriza à medida que ele se purifica e se eleva na hierarquia; de tal sorte que, para nós, a idéia de forma é inseparável da do Espírito, e que não concebemos um sem o outro. O perispírito faz, pois, parte integrante do Espírito, como o corpo faz parte integrante do homem; mas o perispírito sozinho não é o Espírito como apenas o corpo não é o homem, porque o perispírito não pensa; é para o Espírito o que o corpo é para o homem; é o agente ou o instrumento de sua ação.

56. A forma do perispírito é a forma humana, e quando nos aparece é, geralmente, aquela sob a qual conhecemos o Espírito em sua vida. Poder-se-ia crer, em razão disso, que o perispírito, separado de todas as partes do corpo, se amolda de alguma sorte sobre ele e lhe conserva o tipo, mas não parece que seja assim. A forma humana, com algumas diferenças aproximadas de detalhes, e salvo as modificações necessitadas para o meio no qual o ser foi chamado a viver, se encontra nos habitantes de todos os globos, é, ao menos, o que dizem os Espíritos; é, igualmente, a forma de todos os Espíritos não encarnados e que não têm senão o perispírito; é aquela sob a qual, em todos os tempos, se representaram os anjos ou Espíritos puros; de onde devemos concluir que a forma humana é a forma tipo de todos os seres humanos, qualquer que seja o grau ao qual pertencem. Mas a matéria sutil do perispírito não tema tenacidade nem a rigidez da matéria compacta do corpo; se podemos nos exprimir assim, ela é flexível e expansível; por isso a forma que toma, se bem que calcada sobre a do corpo, não é absoluta; amolda-se à vontade do Espírito, que pode lhe dar tal ou tal aparência a seu gosto, enquanto o envoltório sólido lhe oferece uma resistência insuperável. Desembaraçado desse entrave que o comprimia, o perispírito se expande ou se contrai, se transforma, em uma palavra, se presta a todas as metamorfoses, segundo a vontade que age sobre ele. É por conseqüência dessa propriedade de seu envoltório fluídico que o Espírito, que quer se fazer reconhecer, pode, quando necessário, tomar a exata aparência que tinha em sua vida, mesmo a de acidentes corporais que podem ser sinais de reconhecimento.

Os Espíritos, como se vê, são pois, seres semelhantes a nós, formando, ao nosso redor, toda uma população invisível em seu estado normal; dizemos em seu estado normal, porque, como veremos, essa invisibilidade não é absoluta.

57. Voltemos à natureza do perispírito, porque ela é essencial para a explicação que vamos dar. Nós dissemos que, embora fluídica, não deixa de ser uma espécie de matéria, e isso resulta do fato das aparições tangíveis, sobre as quais voltaremos. Viu-se, sob a influência de certos médiuns, aparecerem mãos com todas as propriedades de mãos vivas, que têm calor, que se podem apalpar, que oferecem a resistência de um corpo sólido, que vos agarram e, de repente, se esvanecem como uma sombra. A ação inteligente dessas mãos que, evidentemente, obedecem a uma vontade em executando certos movimentos, tocando mesmo melodias em um instrumento, provam que elas são a parte visível de um ser inteligente invisível. Sua tangibilidade, sua temperatura, em uma palavra, a impressão que fazem sobre os sentidos, se a viu deixar marcas sobre a pele, dar golpes dolorosos, ou acariciar delicadamente, provam que são de matéria qualquer. Sua desaparição instantânea prova, por outro lado, que essa matéria é eminentemente sutil e se comporta como certas substâncias que podem passar, alternativamente, do estado sólido para o estado fluídico, e reciprocamente.

Forma do Perispírito,

O perispírito não é uma dessas hipóteses às quais se recorrem na ciência, algumas vezes, para a explicação de um fato; sua existência não é revelada somente pelos Espíritos, mas um resultado da observação, como teremos ocasião de demonstrá-lo. Para o momento, e para não antecipar sobre os fatos que iremos relatar, nos limitaremos a dizer que, seja durante sua união com o corpo, seja depois de sua separação, a alma jamais está separada de seu perispírito.

55. Disse-se que o Espírito é uma chama, uma chispa; isto se deve entender do Espírito propriamente dito, como princípio intelectual e moral, e ao qual não se poderia atribuir uma forma determinada; mas, em qualquer grau que se encontre, está sempre revestido de um envoltório ou perispírito, cuja matéria se eteriza à medida que ele se purifica e se eleva na hierarquia; de tal sorte que, para nós, a idéia de forma é inseparável da do Espírito, e que não concebemos um sem o outro. O perispírito faz, pois, parte integrante do Espírito, como o corpo faz parte integrante do homem; mas o perispírito sozinho não é o Espírito como apenas o corpo não é o homem, porque o perispírito não pensa; é para o Espírito o que o corpo é para o homem; é o agente ou o instrumento de sua ação.

56. A forma do perispírito é a forma humana, e quando nos aparece é, geralmente, aquela sob a qual conhecemos o Espírito em sua vida. Poder-se-ia crer, em razão disso, que o perispírito, separado de todas as partes do corpo, se amolda de alguma sorte sobre ele e lhe conserva o tipo, mas não parece que seja assim. A forma humana, com algumas diferenças aproximadas de detalhes, e salvo as modificações necessitadas para o meio no qual o ser foi chamado a viver, se encontra nos habitantes de todos os globos, é, ao menos, o que dizem os Espíritos; é, igualmente, a forma de todos os Espíritos não encarnados e que não têm senão o perispírito; é aquela sob a qual, em todos os tempos, se representaram os anjos ou Espíritos puros; de onde devemos concluir que a forma humana é a forma tipo de todos os seres humanos, qualquer que seja o grau ao qual pertencem. Mas a matéria sutil do perispírito não tema tenacidade nem a rigidez da matéria compacta do corpo; se podemos nos exprimir assim, ela é flexível e expansível; por isso a forma que toma, se bem que calcada sobre a do corpo, não é absoluta; amolda-se à vontade do Espírito, que pode lhe dar tal ou tal aparência a seu gosto, enquanto o envoltório sólido lhe oferece uma resistência insuperável. Desembaraçado desse entrave que o

comprimia, o perispírito se expande ou se contrai, se transforma, em uma palavra, se presta a todas as metamorfoses, segundo a vontade que age sobre ele. É por conseqüência dessa propriedade de seu envoltório fluídico que o Espírito, que quer se fazer reconhecer, pode, quando necessário, tomar a exata aparência que tinha em sua vida, mesmo a de acidentes corporais que podem ser sinais de reconhecimento.

Os Espíritos, como se vê, são pois, seres semelhantes a nós, formando, ao nosso redor, toda uma população invisível em seu estado normal; dizemos em seu estado normal, porque, como veremos, essa invisibilidade não é absoluta.

57. Voltemos à natureza do perispírito, porque ela é essencial para a explicação que vamos dar. Nós dissemos que, embora fluídica, não deixa de ser uma espécie de matéria, e isso resulta do fato das aparições tangíveis, sobre as quais voltaremos. Viu-se, sob a influência de certos médiuns, aparecerem mãos com todas as propriedades de mãos vivas, que têm calor, que se podem apalpar, que oferecem a resistência de um corpo sólido, que vos agarram e, de repente, se esvanecem como uma sombra. A ação inteligente dessas mãos que, evidentemente, obedecem a uma vontade em executando certos movimentos, tocando mesmo melodias em um instrumento, provam que elas são a parte visível de um ser inteligente invisível. Sua tangibilidade, sua temperatura, em uma palavra, a impressão que fazem sobre os sentidos, se a viu deixar marcas sobre a pele, dar golpes dolorosos, ou acariciar delicadamente, provam que são de matéria qualquer. Sua desaparição instantânea prova, por outro lado, que essa matéria é eminentemente sutil e se comporta como certas substâncias que podem passar, alternativamente, do estado sólido para o estado fluídico, e reciprocamente.

O perispírito e as aparições

105. Pela sua natureza e em seu estado normal, o perispírito é invisível, e tem isso de comum com uma porção de fluidos que sabemos existir, mas que jamais vimos; mas pode também, como certos fluidos, sofrer modificações que o tornam perceptível à visão, seja por uma espécie de condensação, seja por uma alteração, seja por uma alteração em sua disposição molecular; é quando nos aparece sob uma forma vaporosa. A condensação (e não é preciso tomar esta palavra ao pé da letra, de vez que a empregamos na falta de outra e a título de comparação), a condensação, dizíamos, pode ser tal que o perispírito adquire as propriedades de um corpo sólido e tangível; mas pode, instantaneamente, retomar seu estado etéreo e invisível. Podemos nos inteirar desse efeito pelo do vapor, que pode passar da invisibilidade ao estado brumoso, depois líquido, depois sólido e vice-versa. Estes diferentes estados do perispírito resultam da vontade do Espírito, e não de uma causa física exterior como em nosso gás. Quando nos aparece é porque colocou seu perispírito no estado necessário para torná-lo visível; mas para isso sua vontade não basta, porque a modificação do perispírito se opera pela sua combinação com o fluido próprio do médium; ora, esta combinação não é sempre possível, o que explica porque a visibilidade dos Espíritos não é geral. Assim, não basta que o Espírito queira se mostrar; não basta, também que uma pessoa queira vê-lo: é necessário que os dois fluidos possam se combinar, que haja entre eles uma espécie de afinidade; pode ser também que a emissão de fluido da pessoa seja bastante abundante para operar a transformação do perispírito, e provavelmente existam ainda outras condições que nos são desconhecidas; é preciso, enfim, que o Espírito tenha a permissão de se fazer ver a tal pessoa, o que não lhe é sempre concedido ou não o é senão em certas circunstâncias, por motivos que não podemos apreciar.

106. Uma outra propriedade do perispírito, e que diz respeito à sua natureza etérea, é a penetrabilidade. Matéria nenhuma lhe é obstáculo: ele as atravessa todas como a luz atravessa os corpos transparentes. É por isso que não há recinto fechado que se possa opor à entrada dos Espíritos; vão visitar o prisioneiro em seu cárcere tão facilmente como ao homem que está no meio dos campos.

O perispírito e as manifestações

109. O perispírito, como se vê, é o princípio de todas as manifestações; seu conhecimento deu a chave de uma multidão de fenômenos e um passo imenso à ciência espírita, abrindo-lhe um caminho novo, tirando-lhe todo o caráter maravilhoso. Encontramos, pelos próprios Espíritos, porque, notai bem, foram eles que nos colocaram no caminho, a explicação da ação dos Espíritos sobre a matéria, do movimento dos corpos inertes, dos ruídos e das aparições. Aí encontraremos, ainda, a de vários outros fenômenos que nos restam a examinar, antes de passarmos ao estudo das comunicações propriamente ditas. Tanto melhor se as compreenderá quando melhor nos dermos conta das causas primeiras. Se se compreendeu bem esse princípio, far-se-á por si mesmo sua aplicação aos diversos fatos que poderão se apresentar ao observador.

O perispírito e as visões

19. A visão dos Espíritos se produz no estado normal ou somente em um estado de êxtase?
Pode ocorrer em condições perfeitamente normais; entretanto, as pessoas que os vêem, bastante freqüentemente, estão num estado particular, vizinho do êxtase, que lhes dá uma espécie de dupla vista (***O Livro dos Espíritos***, no 447.)

20. Aqueles que vêem os Espíritos, os vêem pelos olhos?
Eles o crêem, mas, na realidade, é a alma quem vê, e, o que o prova, é que se pode ver com os olhos fechados.

21. Como o Espírito pode se tornar visível?
O princípio é o mesmo de todas as manifestações, e prende-se às propriedades do perispírito, que pode sofrer diversas modificações à vontade do Espírito.

22. O Espírito, propriamente dito, pode se tornar visível ou não o pode senão com a ajuda do perispírito?
No vosso estado material, os Espíritos não podem se manifestar senão com a ajuda do seu envoltório semi-material; é o intermediário através do qual age sobre os vossos sentidos. É sob este envoltório que eles aparecem, às vezes, com uma forma humana, ou outra diversa, seja nos sonhos, seja mesmo no estado de vigília, tanto na luz como na obscuridade.

23. Poder-se-ia dizer que é pela condensação do perispírito que o Espírito se torna visível?
Condensação não é a palavra; é antes uma comparação que pode ajudar-vos a fazer compreender o fenômeno, porque não há realmente condensação. Pela combinação dos fluidos, se produz no perispírito uma disposição particular, que não tem analogia para vós, e que o torna perceptível.

24. Os Espíritos que aparecem são sempre inapreensíveis e inacessíveis ao tato?

Inapreensíveis como num sonho, em seu estado normal; entretanto, podem fazer impressões sobre o tato, e deixar traços de sua presença, e mesmo, em certos casos, tornarem-se momentaneamente tangíveis, o que prova que entre eles e vós há uma matéria.

113.
a) As visões são sempre reais ou, algumas vezes são o efeito da alucinação? Quando se vê, em sonho ou de outro modo, o diabo, por exemplo, ou outras coisas fantásticas que não existem, isso não é um produto da imaginação?
Sim, algumas vezes, quando se está impressionado por certas leituras ou por histórias de feitiçaria que impressionam, se as recorda pode-se crer ver o que não existe. Mas dissemos também que o Espírito, sob seu envoltório semi-material, pode tomar todas as espécies de formas para se manifestar. Um Espírito zombeteiro pode, pois, aparecer com chifres e garras se isso lhe apraz, para se divertir com a credulidade, como um bom Espírito pode se mostrar com asas e uma figura radiosa.

O perispírito é o envoltório fluídico da alma, da qual não está separado nem antes, nem depois da morte, e com a qual não faz, por assim dizer, senão um, porque um não se pode conceber sem o outro. Durante a vida, o fluido perispiritual penetra o corpo, em todas as suas partes, e serve de veículo às sensações físicas da alma; é também por esse intermédio que a alma atua sobre o corpo e dirige-lhe os movimentos.

4. – A extinção da vida orgânica provoca a separação da alma e do corpo, pela ruptura do laço fluídico que os une; mas essa separação jamais é brusca; o fluido perispiritual se separa pouco a pouco de todos os órgãos, de sorte que a separação não é completa e absoluta senão quando não reste mais um único átomo do perispírito unido a uma molécula do corpo. A sensação dolorosa, que a alma sente nesse momento, está em razão da soma dos pontos de contato que existem entre o corpo e o perispírito, e da maior ou menor dificuldade e lentidão que apresente a separação. Não é preciso, pois, dissimular-se que, segundo as circunstâncias, a morte pode ser mais ou menos penosa. São estas diferentes circunstâncias que iremos examinar.

5. – Coloquemos primeiro, como princípio, os quatro casos seguintes, que podem ser consideradas as situações extremas, entre as quais há uma multidão de nuanças:

1.ª) Se no momento da extinção da vida orgânica o desligamento do perispírito estivesse completamente operado, a alma não sentiria absolutamente nada;

2.ª) se, nesse momento, a coesão dos dois elementos está com toda sua força, produz-se uma espécie de dilaceramento que reage dolorosamente sobre a alma;

3.ª) se a coesão é fraca, a separação é fácil e se opera sem abalo;

4.ª) se, depois da cessação completa da vida orgânica, existem ainda numerosos pontos de contato entre o corpo e o perispírito, a alma poderá sentir os efeitos da decomposição do corpo, até que o laço esteja inteiramente rompido.

Disso resulta que o sofrimento, que acompanha a morte, está subordinado à força de aderência que une o corpo e o perispírito; que tudo o que pode ajudar na diminuição dessa força e na rapidez do desligamento torna a passagem menos penosa; enfim, que se o desligamento se opera sem nenhuma dificuldade, a alma não sente nenhuma sensação desagradável.

6. – Na passagem da vida corpórea para a vida espiritual, produz-se, ainda, um outro fenômeno de importância capital: o da perturbação. Nesse momento, a alma sente um entorpecimento que paralisa, momentaneamente, as suas faculdades e neutraliza, pelo menos em parte, as sensações; está, por assim dizer, cataleptizada, de sorte que quase nunca testemunha consciente o último suspiro. Dizemos quase nunca porque há um caso em que pode dele ter consciência, assim como o veremos daqui a pouco. A perturbação pode, pois, ser considerada como estado normal no instante da morte; a sua duração é indeterminada; varia de algumas horas a alguns anos. À medida que ela se dissipa, a alma está na situação do homem que sai de um sono profundo; as idéias estão confusas, vagas e incertas; vê-se como através de um nevoeiro; pouco a pouco a visão se ilumina, a memória retorna e ela se reconhece. Mas esse despertar é bem diferente, segundo os indivíduos; nuns é calmo e proporciona uma sensação deliciosa; noutros, é cheio de terror e ansiedade, e produz o efeito de um horrível pesadelo.

Propriedade luminosa do Perispírito

"O perispírito possui, por sua natureza, uma propriedade luminosa que se desenvolve sob o império da atividade e das qualidades da alma. Poder-se-ia dizer que essas qualidades são para o fluido perispiritual o que a fricção é para o fósforo. O brilho da luz está em razão da pureza do Espírito; as menores imperfeições morais a obscurecem e a enfraquecem. A luz que irradia de um Espírito é, assim, tanto mais viva quanto este seja avançado. O Espírito sendo, de alguma sorte, o seu farol, vê mais ou menos segundo a intensidade da luz que produz; de onde resulta que aqueles que nada produzem estão na obscuridade."

O Perispírito e encarnação dos Espíritos

O fluido perispiritual é, pois, o traço de união entre o Espírito e a matéria. Durante a sua união com o corpo, é o veículo de seu pensamento, para transmitir o movimento às diferentes partes do organismo que agem sob o impulso de sua vontade, e para repercutir no Espírito as sensações produzidas pelos agentes exteriores. Ele tem por fio condutor os nervos, como no telégrafo o fluido elétrico tem por condutor o fio metálico.

18. – Quando o Espírito deve se encarnar num corpo humano em vias de formação, um laço fluídico, que não é outra coisa senão uma expansão do seu perispírito, liga-o ao germe para o qual se acha atraído, por uma força irresistível, desde o momento da concepção. À medida que o germe se desenvolve, o laço se aperta; sob a influência do princípio vital material do germe, o perispírito, que possui certas propriedades da matéria, se une, molécula a molécula, com o corpo que se forma: de onde se pode dizer que o Espírito, por intermédio de seu perispírito, toma, de alguma sorte, raiz nesse germe, como uma planta na terra. Quando o germe está inteiramente desenvolvido, a união é completa, e, então, ele nasce para a vida exterior.

Por um efeito contrário, essa união do perispírito e da matéria carnal, que se cumprira sob a influência do princípio vital do germe, quando esse princípio deixa de agir, em conseqüência da desorganização do corpo, a união, que era mantida por uma força atuante, cessa quando essa força deixa de agir; então o perispírito se desliga, molécula a molécula, como estava unido, e o Espírito se entrega à sua liberdade. Assim, não é a partida do Espírito que causa a morte do corpo, mas a morte do corpo que causa a partida do Espírito.

Desde o instante que se segue à morte, a integridade do Espírito está inteira; que as suas faculdades adquirem mesmo uma penetração maior, ao passo que o princípio de vida está extinto no corpo, é a prova evidente de que o princípio vital e o princípio espiritual são duas coisas distintas.

Fluidos do perispírito

22. – Na impossibilidade que está o homem de compreender a própria essência da Divindade, não pode dela fazer senão uma idéia aproximada, com a ajuda de comparações, necessariamente, muito imperfeitas, mas, que podem, pelo menos, mostrar-lhe a possibilidade daquilo que, à primeira vista, parece-lhe impossível.

Suponhamos um fluido bastante sutil para penetrar todos os corpos; esse fluido, sendo ininteligente, age mecanicamente, tão-só pelas forças materiais; mas, se supusermos esse fluido dotado de inteligência, de faculdades perceptivas e sensitivas, ele agirá, não mais cegamente, mas, com discernimento, com vontade e liberdade; verá, entenderá e sentirá.

23. – As propriedades do fluido perispiritual podem nos dar uma idéia disso. Ele não é inteligente, por si mesmo, uma vez que é matéria, mas é o veículo do pensamento, das sensações e das percepções do Espírito.

O fluido perispiritual, não é o pensamento do Espírito, mas o agente e intermediário desse pensamento; como é ele que o transmite, dele está, de certa forma, impregnado, e, na

impossibilidade, que estamos, de isolá-lo, parece não formar senão um com o fluido, do mesmo modo que o som parece não formar senão um com o ar, de sorte que podemos, por assim dizer, materializá-lo. Do mesmo modo que dizemos que o ar se torna sonoro, poderíamos, tomando o efeito pela causa, dizer que o fluido se torna inteligente.

24. – Que ocorra assim, ou não, com o pensamento de Deus, quer dizer, que ele atue diretamente ou por intermédio de um fluido, para facilidade de nossa inteligência, represente-mo-lo sob a forma concreta de um fluido inteligente, preenchendo o Universo infinito, penetrando todas as partes da criação: a Natureza inteira está mergulhada no fluido divino; ora, em virtude do princípio de que as partes de um todo são da mesma natureza, e têm as mesmas propriedades do todo, cada átomo desse fluido, se pode exprimir-se assim, possuindo o pensamento, quer dizer, os atributos essenciais da Divindade, e esse fluido estando por toda a parte, tudo está submetido à sua ação inteligente, à sua previdência, à sua solicitude; não há um ser, por ínfimo que se o suponha, que, dele não esteja de algum modo saturado. Estamos, assim, constantemente em presença da Divindade; não há uma única das nossas ações, que possamos subtrair ao seu olhar; o nosso pensamento está em contato com o seu pensamento, e é com razão que se diz que Deus lê nas mais profundas dobras do nosso coração. Estamos nele, como ele está em nós, segundo a palavra do Cristo.

Para estender sua solicitude sobre todas as criaturas, Deus não tem, pois, necessidade de mergulhar seu olhar do alto da imensidade; as nossas preces, para serem ouvidas por ele, não têm necessidade de cortarem o espaço, nem de serem ditas com voz retumbante, porque, incessantemente ao nosso lado, os nossos pensamentos repercutem nele. Os nossos pensamentos são iguais aos sons de um sino, que fazem vibrar todas as moléculas do ar ambiente.

25. – Longe de nós o pensamento de materializar a Divindade; a imagem de um fluido inteligente universal não é, evidentemente, senão uma comparação, mais própria para dar uma idéia a mais justa de Deus, do que os quadros que o representam sob uma figura humana; ela tem por objeto fazer compreender a possibilidade, para Deus, de estar por toda parte e de se ocupar de tudo.

26. – Temos, incessantemente, sob os olhos, um exemplo que pode nos dar uma idéia do modo pelo qual a ação de Deus pode se exercer sobre as partes mais íntimas de todos os seres, e, por conseguinte, como as impressões, as mais sutis, da nossa alma, chegam a ele. Foi tirada de uma instrução dada por um Espírito a esse respeito.

27. – "O homem é um pequeno mundo cujo diretor é o Espírito, e no qual o princípio dirigido é o corpo. Nesse universo, o corpo representará uma criação da qual o Espírito seria Deus. (Compreendeis que não se pode ver aqui senão uma questão de analogia, e não de identidade.) Os membros desse corpo, os diferentes órgãos que o compõem, seus músculos, seus nervos, suas articulações, são igualmente individualidades materiais, se se pode dizer assim, localizadas em um lugar especial do corpo; se bem que o número dessas partes constitutivas, de natureza tão variadas e tão diferentes, seja considerável, entretanto, ninguém duvida que não possa se produzir um movimento, que uma impressão qualquer possa ocorrer em um lugar particular, sem que o Espírito disso tenha consciência. Há sensações diversas em vários lugares simultâneos? O Espírito as sente todas, discerne-as, analisa-as, assinala, para cada uma, a sua causa e o seu lugar de ação, por intermédio do fluido perispiritual.

"Um fenômeno análogo ocorre entre a criação e Deus. Deus está por toda a parte na Natureza, do mesmo modo que o Espírito está por toda a parte no corpo; todos os elementos da criação

estão em relação constante com ele, do mesmo modo que todas as células do corpo humano estão em contato imediato com o ser espiritual; não há, pois, nenhuma razão para que fenômenos da mesma ordem não se produzam da mesma forma, num e noutro caso.

"Um membro se agita: o Espírito o sente; uma criatura pensa: Deus o sabe. Todos os membros estão em movimento, os diferentes órgãos estão postos em vibração: o Espírito sente cada manifestação, distingue-as e as localiza. As diferentes criações, as diferentes criaturas se agitam, pensam, agem diversamente, e Deus sabe tudo o que se passa, assinala a cada um o que lhe é particular.

"Pode-se disso deduzir, igualmente, a solidariedade da matéria e da inteligência, a solidariedade de todos os seres, de um mundo, entre si, a de todos os mundos, enfim, a das criações e do Criador."

(***Quinemant***, Sociedade de Paris, 1867).

28. – Compreendemos o efeito, já é muito; do efeito remontamos à causa, e julgamos da sua grandeza pela grandeza do efeito; mas a sua essência íntima nos escapa, igual a da causa de uma multidão de fenômenos. Conhecemos os efeitos da eletricidade, do calor, da luz, da gravidade; calculamo-los e, no entanto, ignoramos a natureza íntima do princípio que os produziu. É, pois, mais racional, negar o princípio divino, porque não o compreendemos?

29. – Nada impede admitir, para o princípio de soberana inteligência, um centro de ação, um foco principal irradiando, sem cessar, inundando o Universo com seus fluidos, do mesmo modo que o Sol com a sua luz. Mas onde está esse foco? É o que ninguém pode dizer. É provável que esteja mais fixado em um ponto determinado do que não esteja a sua ação, e que percorra, incessantemente, as regiões do espaço sem limites. Se simples Espíritos têm o dom de ubiqüidade, essa faculdade, em Deus, deve ser sem limites. Deus, preenchendo o Universo, poder-se-ia, ainda, admitir, a título de hipótese, que esse foco não tem necessidade de se transportar, e que se forma sobre todos os pontos, onde a soberana vontade julgue a propósito produzir-se, de onde se poderia dizer que ele está por toda a parte e em parte alguma.

30. – Diante desses problemas insondáveis, a nossa razão deve se humilhar. Deus existe; disso não poderemos duvidar; é infinitamente justo e bom; é a sua essência; a sua solicitude se estende a todos: compreende-mo-lo; não pode, pois, querer senão o nosso bem, e é por isso que devemos ter confiança nele: eis o essencial; quanto ao mais, esperemos que sejamos dignos de compreendê-lo.

Formação e propriedades do perispírito.

7. – O perispírito, ou corpo fluídico dos Espíritos, é um dos produtos mais importantes do fluido cósmico; é uma condensação desse fluido ao redor de um foco de inteligência ou alma. Viu-se que o corpo carnal tem igualmente seu princípio neste mesmo fluido transformado e condensado em matéria tangível; no perispírito, a transformação molecular se opera diferentemente, porque o fluido conserva a sua imponderabilidade e as suas qualidades etéreas. O corpo perispiritual e o corpo carnal têm, pois, a sua fonte no mesmo elemento primitivo; um e o outro, são da matéria, embora sob dois estados diferentes.

8. – Os Espíritos haurem o seu perispírito no meio onde se encontrem, quer dizer que este envoltório é formado de fluidos ambientes; disso resulta que os elementos constitutivos do

perispírito devem variar segundo os mundos. Sendo dado como um mundo muito avançado, comparativamente à Terra, Júpiter, onde a vida corpórea não tem a materialidade da nossa, os envoltórios perispirituais devem ser ali de uma natureza infinitamente mais quintessenciada do que sobre a Terra. Ora, do mesmo modo que nós não poderíamos existir nesse mundo com o nosso corpo carnal, nossos Espíritos não poderiam ali penetrar com o seu perispírito terrestre. Deixando a Terra, o Espírito nela deixa o seu envoltório fluídico, e se reveste de um outro apropriado ao mundo onde deve ir.

9. – A natureza do envoltório fluídico está sempre em relação com o grau de adiantamento moral do Espírito. Os Espíritos inferiores não podem mudá-lo à sua vontade e, por conseqüência, não podem, à vontade, se transportar de um mundo para outro. Alguns há cujo envoltório fluídico, se bem que etéreo e imponderável, com relação à matéria tangível, é ainda muito pesado, se assim se pode exprimir, com relação ao mundo espiritual, para permitir-lhe sair de seu meio. É necessário classificar, nesta categoria, aqueles cujo perispírito é bastante grosseiro para que o confundam com o seu corpo carnal, e que, por esta razão, se crêem sempre vivos. Estes Espíritos, e o número deles é grande, permanecem na superfície da Terra, como os encarnados, crendo sempre vagar em suas ocupações; outros, um pouco mais desmaterializados, não são, entretanto, o bastante para se elevarem acima das regiões terrestres (1).

Os Espíritos superiores, ao contrário, podem vir para os mundos inferiores e mesmo neles se encarnarem. Eles retiram, nos elementos constitutivos do mundo onde entram, os materiais do envoltório fluídico, ou carnal, apropriado ao meio onde se encontrem. Fazem como o grande senhor que deixa as suas belas vestes para se revestir momentaneamente do burel, sem deixar, por isso, de ser grande senhor.

Assim é que, Espíritos de ordem mais elevada, podem se manifestar aos habitantes da Terra, ou se encarnar em missão entre eles. Estes Espíritos carregam consigo, não o seu envoltório, mas a lembrança, por intuição, das regiões de onde vêm, e que vêem pelo pensamento. São videntes entre cegos.

10. – A camada dos fluidos espirituais que envolvem a Terra pode ser comparada com as camadas inferiores da atmosfera, mais pesadas, mais compactas, menos puras do que as camadas superiores. Estes fluidos não são homogêneos, são uma mistura de moléculas de diversas qualidades, entre as quais se encontram, necessariamente, as moléculas elementares que lhes formam a base, mas, mais ou menos alteradas. Os efeitos produzidos por estes fluidos estarão em razão da soma das partes puras que encerram. Tal é, por comparação, o álcool retificado ou misturado, em diferentes proporções, com água ou outras substâncias: seu peso específico aumenta com esta mistura, ao mesmo tempo que a sua força e sua inflamabilidade diminuem, se bem que no todo haja o álcool puro.

Os Espíritos são chamados a viver nesse meio e aí haurem o seu perispírito; mas, segundo o Espírito seja mais ou menos depurado, ele mesmo, seu perispírito se forma das partes mais puras, ou as mais grosseiras, do fluido próprio do mundo onde se encarna. O Espírito aí produz, sempre por comparação e não por assimilação, o efeito de um reativo químico que atrai para si as moléculas que se assemelham à sua natureza.

Disto resulta este fato capital, que a constituição íntima do perispírito não é idêntica entre todos os Espíritos, encarnados ou desencarnados, que povoam a Terra ou o espaço circundante. Não ocorre o mesmo com o corpo carnal, que, como isso foi demonstrado, está formado dos mesmos elementos, qualquer que seja a superioridade ou a inferioridade do Espírito. Também, entre

todos, os efeitos produzidos pelo corpo são os mesmos, as necessidades semelhantes, ao passo que diferem por tudo o que é inerente ao perispírito.

Disso resulta ainda que: o envoltório perispiritual do mesmo Espírito se modifica com o progresso deste, a cada encarnação, se bem que encarnando num mesmo meio; que os Espíritos superiores se encarnando, excepcionalmente, em missão num mundo inferior, têm um perispírito menos grosseiro do que o dos indígenas desse mundo.

11. – O meio está sempre em relação com a natureza dos seres que devem nele viver; os peixes estão na água; os seres terrestres estão no ar; os seres espirituais estão no fluido espiritual ou etéreo, mesmo sobre a Terra. O fluido etéreo é para as necessidades do Espírito o que a atmosfera é para as necessidades dos encarnados. Ora, do mesmo modo que os peixes não podem viver no ar; que os animais terrestres não podem viver numa atmosfera muito rarefeita para os seus pulmões, os Espíritos inferiores não podem suportar o brilho e a impressão dos fluidos mais etéreos. Não morrem com isso, porque o Espírito não morre, mas uma força instintiva os mantêm deles distantes, como se distancia de um fogo muito ardente ou de uma luz muito ofuscante. Eis porque eles não podem sair do meio apropriado à sua natureza; para isto mudar, é preciso que mudem primeiro a sua natureza; que se despojem dos instintos materiais que os retêm nos meios materiais; em uma palavra, que se depurem e se transformem moralmente; então, gradualmente, eles se identificam com um meio mais depurado, que se torna para eles uma falta, uma necessidade, como os olhos daquele que, por muito tempo, viveu nas trevas se habituam insensivelmente à luz do dia e ao brilho do Sol.

12. – Assim, tudo se liga, tudo se encadeia no Universo; tudo está submetido à grande e harmoniosa lei da unidade, desde a materialidade mais compacta até a espiritualidade mais pura. A Terra é como um vaso de onde escapa uma fumaça espessa, que se clareia à medida que se eleva, e cujas partes rarefeitas se perdem no espaço infinito.

A força divina brilha em todas as partes deste conjunto grandioso, e se quereria que, para melhor atestar o seu poder, Deus, não contente com aquilo que fez, viesse perturbar essa harmonia! Que se abaixe ao papel de mágico, por pueris efeitos dignos de um prestigitador! E se ousa, para crescer, dar-lhe por rival, em habilidade, o próprio Satanás! Nunca, em verdade, se rebaixou mais a majestade divina, e se espanta com o progresso da incredulidade!

Tendes razão em dizer: A fé se vai", mas é a fé em tudo o que choca o bom senso e a razão que se vai; a fé semelhante àquela que fez dizer outrora:" Os deuses se vão!" Mas a fé nas coisas sérias, a fé em Deus e na imortalidade está sempre viva no coração do homem, e se ela foi abafada sob as pueris histórias com as quais a sobrecarregaram, ela se revela mais forte desde que esteja liberta, como a planta comprimida se eleva desde que receba o Sol!

Sim, tudo é milagre na Natureza, por que tudo é admirável e testemunha da sabedoria divina. Estes milagres são para todo o mundo, para todos aqueles que têm olhos para ver e ouvidos para ouvir, e não em proveito de alguns. Não! Não há milagres no sentido que se liga a este nome, porque tudo ressalta das leis eternas da criação e essas leis são perfeitas.

O perispírito e as enfermidades

10. Na encarnação, o Espírito conserva o seu perispírito: o corpo não é para ele senão um segundo envoltório mais grosseiro, mais resistente, apropriado às funções que deve cumprir, e do qual ele se despoja na morte.

O perispírito é o intermediário entre o Espírito e o corpo; é o órgão de transmissão de todas as sensações. Para aquelas que vêm do exterior, pode-se dizer que o corpo recebe a impressão; o perispírito a transmite, e o Espírito, o ser sensível e inteligente, a recebe; quando o ato parte da iniciativa do Espírito, pode-se dizer que o Espírito quer, que o perispírito transmite, e o corpo executa.

11. O perispírito, de nenhum modo, está encerrado nos limites do corpo, como numa caixa; pela sua natureza fluídica, ele é expansível; irradia ao redor e forma, em torno do corpo, uma atmosfera que o pensamento e a força de vontade podem estender mais ou menos; de onde se segue que as pessoas que, de nenhum modo, não estão em contato corporal, podem estar pelo seu perispírito e se transmitir impressões, com o seu desconhecimento, alguma vezes mesmo a intuição de seus pensamentos.

12. Sendo o perispírito um dos elementos constitutivos do homem, desempenha um papel importante em todos os fenômenos psicológicos e, até um certo ponto, nos fenômenos fisiológicos e patológicos. Quando as ciências médicas tiverem em conta a influência do elemento espiritual na economia, terão dado um grande passo, e horizontes inteiramente novos se abrirão diante delas; muitas causas de enfermidades serão então explicadas e poderosos meios de combatê-las serão encontrados.

13. É por meio do perispírito que os Espíritos agem sobre a matéria inerte e produzem os diferentes fenômenos das manifestações. A sua natureza etérea não poderia ser um obstáculo, uma vez que se sabe que os mais poderosos motores se encontram nos fluidos mais rarefeitos e fluidos imponderáveis. Não há, pois, de nenhum modo, lugar para se espantar de ver, com a ajuda dessa alavanca, os Espíritos produzirem certos efeitos físicos, tais como pancadas e ruídos de todas as espécies, levantamento de objetos, transportados ou projetados no espaço. Não há nenhuma necessidade, para disso se dar conta, de recorrer ao maravilhoso ou aos efeitos sobrenaturais.

14. Os Espíritos, agindo sobre a matéria, podem se manifestar de várias maneiras diferentes: por efeitos físicos, tais como os ruídos e o movimento de objetos; pela transmissão do pensamento, pela visão, o ouvido, a palavra, o toque, a escrita, o desenho, a música, etc., em uma palavra, por todos os meios que podem servir para colocá-los em relação com os homens.

Expansão dos fluidos do perispírito

Estaríamos agradecidos àqueles dos nossos correspondentes que quisessem fazer disso um objeto de estudo especial, seja pessoalmente, seja por intermédio dos Espíritos, de nos comunicar o resultado de suas pesquisas, bem entendido, no interesse da difusão da verdade.

Percorrendo rapidamente os anais anteriores da Revista, e aproximando os fatos assinalados e as teorias emitidas para explicá-los, deles chegamos a concluir que conviria talvez dividir os fenômenos em duas categorias bem distintas, o que permitiria aplicar-lhes explicações diferentes e demonstrar que as impossibilidades que se opõem à sua aceitação pura e simples, são antes aparentes do que reais. (Ver, para esse efeito, os artigos da Revista Espírita de janeiro de 1859, O duende de Bayonne; fevereiro de 1859, os Agêneres, Meu amigo Hermann; maio de 1859, o Laço entre o Espírito e o corpo; novembro de 1859, a alma errante; janeiro de 1860, o Espírito de um lado e o corpo do outro; março de 1860, Estudo sobre o Espírito das pessoas vivas; O Doutor V... e a Srta. S...; abril de 1860, o Fabricante de São-Petersburgo; Aparições tangíveis; novembro de 1860, História de Marie d'Agréda; julho de 1864, Uma aparição providencial, etc., etc.)

A faculdade de expansão dos fluidos perispirituais está hoje superabundantemente demonstrada pelas operações cirúrgicas, as mais dolorosas, realizadas sobre enfermos adormecidos, seja pelo clorofórmio e o éter, seja pelo magnetismo animal. Não é raro, com efeito, ver estes últimos conversando com os assistentes sobre coisas agradáveis ou alegres, ou se transportando ao longe em Espírito, enquanto que o corpo se retorce com todas as aparências de horríveis torturas; a máquina humana, imobilizada no todo ou em parte, se dilacera sob o escalpelo brutal do cirurgião, os músculos se agitam, os nervos se crispam e transmitem a sensação ao aparelho cérebro-espinhal; mas a alma, que no estado normal percebe só a dor e a manifesta exteriormente, momentaneamente afastada do corpo submetido à impressão, dominada por outros pensamentos, por outras ações, não é senão surdamente advertida do que se passa no seu envoltório mortal e nele permanece perfeitamente insensível. Quantas vezes não se viram soldados feridos gravemente, todo ao ardor do combate, perdendo seu sangue e sua força, lutar por muito tempo ainda, não se apercebendo de suas feridas? Um homem, fortemente preocupado, recebe um choque violento sem nada sentir-lhe, e não é senão quando cessa a abstração de sua inteligência que ele reconhece haver estado chocado à sensação dolorosa que prova. A quem não ocorreu, numa poderosa contenção do Espírito, de atravessar uma multidão tumultuosa e barulhenta, sem nada ver e sem nada ouvir, se bem que, entretanto, o nervo óptico e o aparelho auditivo tivessem percebido as sensações e as tivesse transmitido fielmente à alma?

Disso não se pode duvidar, pelos exemplos que precedem e por uma multidão de fatos que seria muito longo relacionar aqui, mas que cada um está no caso de apreciar, o corpo pode, de uma parte, cumprir as suas funções orgânicas, ao passo que o Espírito é levado ao longe pelas preocupações de uma outra ordem. O perispírito, indefinidamente expansível, conservando ao corpo a elasticidade e a atividade necessárias à sua existência, acompanha constantemente o Espírito durante a sua viagem distante no mundo ideal.

Perispírito, princípio das manifestações.

9. Os Espíritos, como foi dito, têm um corpo fluídico ao qual se dá o nome de perispírito. A sua substância é haurida no fluido universal, ou cósmico, que o forma e o alimenta, como o ar forma e alimenta o corpo material do homem. O perispírito é mais ou menos etéreo segundo os mundos e segundo o grau de depuração do Espírito. Nos mundos dos Espíritos inferiores, a sua natureza é mais grosseira e mais se aproxima da matéria bruta.

10. Na encarnação, o Espírito conserva o seu perispírito: o corpo não é para ele senão um segundo envoltório mais grosseiro, mais resistente, apropriado às funções que deve cumprir, e do qual ele se despoja na morte.

O perispírito é o intermediário entre o Espírito e o corpo; é o órgão de transmissão de todas as sensações. Para aquelas que vêm do exterior, pode-se dizer que o corpo recebe a impressão; o perispírito a transmite, e o Espírito, o ser sensível e inteligente, a recebe; quando o ato parte da iniciativa do Espírito, pode-se dizer que o Espírito quer, que o perispírito transmite, e o corpo executa.

11. O perispírito, de nenhum modo, está encerrado nos limites do corpo, como numa caixa; pela sua natureza fluídica, ele é expansível; irradia ao redor e forma, em torno do corpo, uma atmosfera que o pensamento e a força de vontade podem estender mais ou menos; de onde se segue que as pessoas que, de nenhum modo, não estão em contato corporal, podem estar pelo seu perispírito e se transmitir impressões, com o seu desconhecimento, alguma vezes mesmo a intuição de seus pensamentos.

12. Sendo o perispírito um dos elementos constitutivos do homem, desempenha um papel importante em todos os fenômenos psicológicos e, até um certo ponto, nos fenômenos fisiológicos e patológicos. Quando as ciências médicas tiverem em conta a influência do elemento espiritual na economia, terão dado um grande passo, e horizontes inteiramente novos se abrirão diante delas; muitas causas de enfermidades serão então explicadas e poderosos meios de combatê-las serão encontrados.

13. É por meio do perispírito que os Espíritos agem sobre a matéria inerte e produzem os diferentes fenômenos das manifestações. A sua natureza etérea não poderia ser um obstáculo, uma vez que se sabe que os mais poderosos motores se encontram nos fluidos mais rarefeitos e fluidos imponderáveis. Não há, pois, de nenhum modo, lugar para se espantar de ver, com a ajuda dessa alavanca, os Espíritos produzirem certos efeitos físicos, tais como pancadas e ruídos de todas as espécies, levantamento de objetos, transportados ou projetados no espaço. Não há nenhuma necessidade, para disso se dar conta, de recorrer ao maravilhoso ou aos efeitos sobrenaturais.

14. Os Espíritos, agindo sobre a matéria, podem se manifestar de várias maneiras diferentes: por efeitos físicos, tais como os ruídos e o movimento de objetos; pela transmissão do pensamento, pela visão, o ouvido, a palavra, o toque, a escrita, o desenho, a música, etc., em uma palavra, por todos os meios que podem servir para colocá-los em relação com os homens.

15. As manifestações dos Espíritos podem ser espontâneas ou provocadas. As primeiras ocorrem inopinadamente e de improviso; elas se produzem, freqüentemente, nas pessoas mais estranhas às idéias espíritas. Em certos casos, e sob o império de certas circunstâncias, as manifestações podem ser provocadas pela vontade, sob a influência de pessoas dotadas, para esse efeito, de faculdades especiais.

As manifestações espontâneas ocorreram em todas as épocas e em todos os países; o meio de provocá-las, certamente, era também conhecido na antigüidade, mas era o privilégio de certas castas que não o revelavam senão a raros iniciados, sob condições rigorosas, e escondendo-o ao vulgo, a fim de dominá-lo pelo prestígio de uma força oculta. Não obstante, perpetuou-se através das idades até os nossos dias, em alguns indivíduos, mas quase sempre desfiguradas pela superstição ou misturada às práticas ridículas da magia, o que havia contribuído para desacreditá-la. Isso não fora, até então, senão germes lançados aqui e ali; a Providência reservara à nossa época o conhecimento completo e a vulgarização desses fenômenos, para livrá-los de suas más ligas e fazê-los servirem para a melhoria da Humanidade, hoje madura para compreendê-los e deles tirar as conseqüências.

Penetrabilidade do perispírito

Uma outra propriedade do perispírito e que se prende à sua natureza etérea, é a penetrabilidade. Nenhuma matéria lhe é obstáculo; ele as atravessa todas, como a luz atravessa os corpos transparentes. É por isso que não há clausura que possa se opor à entrada dos Espíritos; eles vão visitar o prisioneiro em seu cárcere tão facilmente quanto o homem que está no meio dos campos.

NOTAS:

[1] - Segundo os Espíritos, de todos os globos que compõem o nosso sistema planetário, a Terra é um daqueles onde os Espíritos são os menos avançados, física e moralmente. Marte seria ainda inferior e Júpiter, o mais superior em relação a todos. O Sol não seria um mundo habitado por seres corporais, mas um local de reunião dos Espíritos superiores que, de lá, irradiam seus pensamentos para outros mundos, que dirigem por intermédio dos Espíritos menos elevados, transmitindo-os a estes, por intermédio do fluido universal. Como constituição física, o Sol seria um foco de eletricidade. Todos os sóis parecem estar numa posição idêntica.

O volume e a distância que estão do Sol não têm nenhuma relação necessária com o grau de adiantamento dos mundos, pois parece que Vênus é mais adiantado que a Terra, e Saturno menos adiantado que Júpiter.

Vários Espíritos que animaram pessoas conhecidas sobre a Terra, disseram estar encarnados em Júpiter, um dos mundos mais próximos da perfeição, e ficaram admirados de ver, nesse globo tão adiantado, homens que, na opinião do nosso mundo, não eram tão elevados. Isso não deve causar admiração, se considerarmos quer certos Espíritos que habitam aquele planeta podiam ter sido enviados à Terra para cumprir uma missão, que, aos nossos olhos, não os colocava em primeiro plano; em segundo lugar que, entre a existência que viveram na Terra e a que vivem em Júpiter, devem ter tido outras intermediárias, nas quais se melhoraram; em terceiro lugar, que nesse mundo, como no nosso, existem diferentes graus de adiantamento e que, entre esses graus, pode haver a mesma distância que separa, entre nós, o selvagem do homem civilizado. Assim, do fato de habitarem Júpiter não se segue que estão ao nível dos seres mais avançados, da mesma forma que não se está ao mesmo nível de um sábio do Instituto, só porque se habita em Paris.

As condições de longevidade não são, também, em toda a parte as mesmas de sobre a Terra e a idade não se pode comparar. Uma pessoa desencarnada havia alguns anos, sendo evocada, disse estar encarnada há seis meses num mundo cujo nome nos é desconhecido. Interrogada sobre a idade que tinha esse mundo, respondeu: *"Não posso avaliá-la porque não contamos o tempo como vós; depois o nosso modo de vida não é o mesmo, desenvolvemo-nos com muito maior rapidez; embora não faça mais que seis dos vossos meses que lá estou, quanto à inteligência, posso dizer que tenho trinta anos de idade que tive sobre a Terra."*

Muitas respostas análogas nos foram dadas por outros Espíritos e isso nada tem de inacreditável. Não vemos sobre a Terra um grande número de animais adquirir, em poucos meses, o seu desenvolvimento normal? Por que não poderia ocorrer a mesma coisa com o homem de outras esferas? Notemos, por outro lado, que o desenvolvimento alcançado pelo homem na Terra, na idade de trinta anos, pode ser uma espécie de infância comparado àquele que deve alcançar. Bem curto de vista se revela quem nos toma em tudo por protótipos da Criação, e é rebaixar a Divindade acreditar-se que, fora o homem, nada mais seja possível a Deus.

XVIII CONGRESSO ESPÍRITA PAN-AMERICANO
11 a 15 de outubro de 2000
Porto Alegre – RS

Obsessão: proposta de um projeto de pesquisa integrado

MAURO DE MESQUITA SPINOLA
ALVARO DE MESQUITA SPINOLA

Centro de Estudos Espíritas José Herculano Pires (São Paulo-SP, Brasil)
Centro de Pesquisa e Documentação Espírita (Santos-SP, Brazil)

mauro@spinola.eng.br, alvaro.spinola@incor.usp.br

Resumo

Atividades diversas voltadas para o tratamento da obsessão são realizadas em boa parte dos grupos espíritas brasileiros. Baseiam-se, em boa medida, em práticas desenvolvidas a partir da experiência dos dirigentes e médiuns dedicados a essa tarefa. Este artigo apresenta as bases e diretrizes de uma linha de trabalho e pesquisa com o objetivo de conceituar a obsessão e desenvolver uma metodologia para seu diagnóstico e tratamento. Apresenta as etapas a serem realizadas para estabelecer um projeto de pesquisa com esses objetivos. As atividades principais do projeto são: (1) levantamento do estado da arte (conceitos e práticas já desenvolvidos), (2) conceituação de obsessão (considerando o estado da arte e em contribuições recentes de disciplinas científicas correlatas, (3) desenvolvimento de uma metodologia para diagnóstico e tratamento da obsessão, (4) definição dos requisitos (necessidades) mínimos para um trabalho voltado para o diagnóstico e o tratamento da obsessão, (5) publicação e divulgação dos resultados e (6) criação de mecanismos de intercâmbio entre diversas pessoas e grupos estudiosos do assunto. O artigo apresenta o detalhamento desta proposta de trabalho, visando servir como base para amplo levantamento e conseqüente discussão do tema entre os vários grupos e pesquisadores interessados.

Palavras-chave: obsessão espírita, centro espírita

1 Introdução

Kardec definiu a obsessão como sendo a influência maléfica de um espírito sobre uma pessoa, podendo acarretar como conseqüência diversos males emocionais, físicos e comportamentais. [3] Ele realizou um trabalho profundo para compreensão e tratamento da obsessão. Seus estudos e conclusões estão apresentados sobretudo em *O livro dos espíritos [2]*, *O livro dos médiuns [3]*, *A gênese [1]* e na *Revista espírita [4]*. Sua principal contribuição está em identificar as características da obsessão, suas diversas formas de manifestação e os princípios básicos de seu tratamento. A base estabelecida por seus estudos permanece como a mais sólida contribuição sobre o tema.

Outros autores, alguns deles espíritos desencarnados, deram também contribuições importantes e algumas delas têm exercido grande influência na condução dos trabalhos dos grupos que se dedicam ao tratamento da obsessão. No entanto, a maioria dessas contribuições não respeita critérios metodológicos que permitam sua mais segura aplicação.

Ao lado da clara carência de produção pós-Kardec, observa-se, neste mesmo período, um vigoroso desenvolvimento de diversas disciplinas científicas — em especial nas áreas da Psicologia e da Medicina — que buscam, por caminhos diferentes, contribuir para o entendimento do homem, sua natureza e seus problemas.

É absolutamente necessário identificar, com maior clareza, a contribuição do espiritismo e de cada uma dessas áreas no entendimento, diferenciação e tratamento da obsessão. E buscar soluções com base em uma abordagem multidisciplinar.

Durante o XVII Congresso da CEPA realizado em Buenos Aires, em 1996, o Comitê Científico da CEPA discutiu entre outros temas a necessidade de se realizar um projeto de pesquisa integrado sobre obsessão. Esta proposta do CPDoc vem de encontro a esta preocupação do Comitê Científico e o fórum de temas deste Congresso abriu espaço para se iniciar este trabalho em conjunto com todas pessoas e grupos interessados.

Este artigo apresenta as bases e diretrizes de uma linha de trabalho e pesquisa com o objetivo de conceituar a obsessão e desenvolver uma metodologia para seu diagnóstico e tratamento. Além deste trabalho, que apresenta os objetivos, o método de trabalho e as principais ações propostas, três outros correlatos e complementares, integrantes da mesma linha de pesquisa da CPDoc, estão sendo desenvolvidos. São eles:

- ***Obsessão: método para um levantamento bibliográfico,*** **por Marissol Castello Branco e Mauro de Mesquita Spínola, que visa resgatar do ponto de vista da literatura a contribuição de Kardec e a de outros autores, entre eles espíritos desencarnados,**
- ***Obsessão: roteiro para estudo de caso*****, por Rosângela Gomes de Souza e Marina França, que propõe um método e um questionário básico para apoio ao levantamento de estudos de casos, uma atividade chave nesta pesquisa, e**
- ***Grupos espíritas de pesquisa mediúnica*****, por Egydio Régis e Sandra Régis, apresentar uma estrutura e uma metodologia para grupos de pesquisa mediúnica através de entrevistas e debates com Espíritos.**

2 Objetivo (O que?)

Vários estudos e ações isolados têm sido realizados com o objetivo de compreender e tratar a obsessão. Este projeto visa integrar esforços nesta direção, e permitir a obtenção de resultados sólidos e confiáveis, que possam ser publicados e utilizados pelos interessados.

Uma pesquisa sobre o conceito, o diagnóstico e o tratamento da obsessão constitui-se, por um lado, num esforço para realizar uma parte do compromisso histórico de atualização da contribuição do espiritismo para a compreensão e a solução de diversas dores, angústias e incertezas que afetam o homem moderno. Por outro lado, é também um grande desafio a sua realização, que envolve levantamento de informações, fomento do debate, crítica e síntese de resultados obtidos junto aos diversos grupos e estudiosos que decidirem dela participar.

2.1 Objetivo geral

O objetivo geral do projeto é conceituar obsessão e desenvolver uma metodologia para seu diagnóstico e tratamento.

2.2 Objetivos específicos

Os objetivos específicos são os seguintes:

- **levantamento do estado da arte,**
- **conceituação de obsessão,**
- **desenvolvimento de uma metodologia para diagnóstico e tratamento da obsessão,**
- **definição dos requisitos (necessidades) mínimos para um trabalho de diagnóstico e tratamento,**
- **publicação e divulgação dos resultados e**
- **criação de mecanismos de intercâmbio entre diversas pessoas e grupos estudiosos do assunto.**

2.2.1 Estado da arte

A base e o ponto de partida da pesquisa é o levantamento crítico do "estado da arte" sobre obsessão, ou seja, dos conceitos e práticas já desenvolvidos, nos seguintes aspectos:

- **conceituação (o que é obsessão, quais são as suas características — objetivas e subjetivas —, as suas causas e os seus tipos?),**
- **diagnóstico (quais são os métodos, técnicas e atividades desenvolvidos e utilizados para diagnosticar a obsessão? quais são os resultados de sua aplicação?),**
- **tratamento (quais são os métodos, técnicas e atividades desenvolvidos e utilizados para tratar a obsessão? quais são os resultados de sua aplicação?).**

Esse levantamento envolve as seguintes atividades integradas:

- **pesquisa bibliográfica sobre o tema, envolvendo levantamento e análise das pesquisas de Allan Kardec, outros autores espíritas estudiosos do assunto e autores não espíritas cujos trabalhos possam contribuir para a melhor compreensão do fenômeno obsessão,**
- **levantamento de estudos de casos controlados e registrados e**
- **catalogação, classificação, análise crítica, comparação e síntese dessas contribuições.**

2.2.2 Conceito de obsessão

O que é a obsessão? Quais são as suas características gerais? Uma etapa da pesquisa envolve conceituar e caracterizar a obsessão, com base na análise do levantamento do estado da arte, tanto quanto, na medida do possível, nas contribuições recentes de disciplinas correlatas tais como a Psiquiatria, a Neurologia e a Psicologia.

2.2.3 Metodologia

O tratamento espírita da obsessão requer uma metodologia. Uma etapa importante do projeto é o desenvolvimento de uma metodologia para diagnóstico e tratamento da obsessão. Esta metodologia será proposta com base nos estudos de casos e no estado da arte levantados, e será avaliada/aperfeiçoada pelos grupos e pessoas participantes do projeto.

Em relação a diagnóstico, a metodologia envolve:

- **métodos, técnicas e atividades para identificação e classificação da obsessão,**
- **identificação dos fatores que diferenciam a obsessão de outros fenômenos humanos, físicos e/ou psíquicos,**
- **identificação dos fatores que diferenciam os diversos tipos de obsessão entre si.**
- **documentação e registros necessários.**

Em relação a tratamento a metodologia envolve:

- **recursos e infra-estrutura necessários,**
- **perfil e preparação dos recursos humanos envolvidos,**
- **métodos, técnicas e atividades relacionados ao atendimento e acompanhamento das pessoas em tratamento,**
- **métodos, técnicas e atividades relacionados à utilização da mediunidade no processo de tratamento.**
- **documentação e registros necessários.**

2.2.4 Requisitos

A metodologia a ser desenvolvida, citada no item anterior, não poderá ser aplicada a todos os casos. A obsessão abrange uma gama variada de fenômenos, exigindo cada caso um trabalho adequado e contextualizado. Há diferenças também entre os perfis dos pacientes, tanto quanto há entre as características dos grupos. O tratamento da obsessão, necessita, conseqüentemente, respeitar e adequar-se a essas diferenças.

Uma etapa de maior amadurecimento do trabalho de pesquisa permitirá identificar um processo mais geral para diagnóstico e tratamento da obsessão, envolvendo:

- **Requisitos (necessidades) mínimos e gerais para um trabalho voltado para o diagnóstico e o tratamento da obsessão. Esses requisitos devem ser aplicáveis a contextos, necessidades e objetivos diferenciados.**
- **Regras e diretrizes para adaptação desses requisitos aos diferentes contextos, que servirão de base para elaboração e aplicação de diferenciadas metodologias de trabalho.**

2.2.5 Divulgação

Os resultados de cada etapa da pesquisa serão divulgados e publicados, de acordo com planejamento proposto pelo CPDoc e discutido com os grupos e pessoas envolvidos.

2.2.6 Intercâmbio

Um dos objetivos da pesquisa é o de criar mecanismos de intercâmbio entre diversas pessoas e grupos estudiosos do assunto, que permitam:

- **levantar informações e casos de estudos,**
- **buscar consenso sobre os conceitos e métodos propostos,**
- **aplicar a metodologia e os requisitos propostos, adaptando-os a diferentes contextos,**
- **analisar e avaliar os trabalhos e resultados obtidos,**
- **discutir o encaminhamento da própria pesquisa.**

O intercâmbio será realizado por meio de troca de correspondência e através de eventos especialmente programados. Esses eventos reunirão periodicamente pessoas e representantes dos grupos participantes para consolidação de informações e encaminhamento das novas etapas do trabalho. O uso extensivo da internet deve se constituir em uma chave para obter maior agilidade na troca de informações.

3 Participantes e colaboradores (Quem e onde?)

Estão convidados a participar todos os interessados. Os seguintes grupos e pessoas assumem, desde o início do trabalho, algumas responsabilidades:

- **CPDoc (no Brasil), em colaboração com o Comitê Científico da CEPA e outros grupos coordenadores nacionais:**
  (1) coordenação das atividades e da elaboração do trabalho,
  (2) integração com outros núcleos coordenadores que estejam desenvolvendo pesquisas correlatas, no Brasil e no exterior,
  (3) cadastramento de grupos e pessoas participantes,
  (4) manutenção de um banco de dados com informações, propostas e estudos de casos,
  (5) intercâmbio entre os grupos e pessoas participantes.
- **Grupo participante (qualquer grupo espírita que deseje participar e contribuir com a pesquisa):**
  (1) apresentação de dados e/ou propostas,
  (2) análise de dados e avaliação de propostas apresentadas,
  (3) aplicação e avaliação crítica de métodos, técnicas e atividades propostas.
- **Pesquisador participante (qualquer pessoa, espírita ou não, que deseje participar e contribuir com a pesquisa):**
  (1) apresentação de dados e/ou propostas,
  (2) análise de dados e avaliação de propostas apresentadas.

4 Método de trabalho (Como? - 1)

O método consiste em análise de dados coletados de forma ampla a partir de diversas fontes.

A pesquisa envolve 5 etapas, apresentadas na Figura. Em cada uma das 5 etapas o processo se repete:

- **Estabelece-se um objetivo específico e claro.**
- **São distribuídas e realizadas tarefas dentro de padrões pré-determinados.**

- **Os dados são coletados e feita análise e fechamento das informações num texto com proposta de trabalho.**
- **As conclusões analisadas pelos grupos são levadas e debatidas em um evento final.**

Da terceira etapa em diante são feitas publicações seqüenciais e complementares.

Em cada etapa os papéis são bem definidos, porém os grupos participantes podem contribuir com as várias atividades envolvidas: estudar, pesquisar, testar e analisar as propostas. Eles podem também participar da elaboração junto com a coordenação.

5 Publicações e divulgação (Como? - 2)

A pesquisa proposta deve gerar as seguintes publicações principais.

5.1 Livros ou apostilas

Ao final de cada etapa será gerada uma publicação na forma de livro ou apostila, com conceitos e práticas consolidados na pesquisa.

- **O que é a obsessão?**
- **Como tratar a obsessão? Uma método espírita para diagnóstico e tratamento.**
- **Obsessão: um modelo para estruturação das atividades de diagnóstico e tratamento**

5.2 Página na internet

Durante todo o desenvolvimento da pesquisa, um site na internet, controlado pelo CPDoc e acessível aos membros do CPDoc e aos participantes, reunirá todo o material que já tenha sido desenvolvido, incluindo:
(1) material para a análise crítica dos participantes (textos analíticos, entrevistas com estudiosos encarnados e desencarnados, formulários e questões propostas, respostas a questões e informações fornecidas pelos grupos),
(2) resultados consolidados, gráficos, quadros sinóticos e estatísticas,
(3) material de orientação (procedimentos de trabalho) para a aplicação da metodologia proposta,
(4) material preparatório e relatórios dos seminários de consolidação.
As trocas de informações serão feitas, de preferência, por e-mail. Fax e correio podem ser usados em casos em que o uso de e-mail não for possível ou adequado.

6 Cronograma (Quando?)

A Tabela "Cronograma" detalha as etapas, as atividades que compõem cada uma delas, os eventos que envolvem, e os produtos que devem gerar.

7 Conclusão

Esta proposta é apenas o início da estruturação de um ambicioso trabalho de pesquisa. Realizá-lo significa envolver indivíduos e grupos comprometidos com ela, motivados pela importância cada vez maior que a obsessão possui para a humanidade e pelo potencial do espiritismo para contribuir com seu entendimento e tratamento.

Este texto deve ser entendido como uma proposta passível de revisão e aperfeiçoamento, e um convite à participação.

Referências bibliográficas

1. KARDEC, Allan. *A gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo*. Trad. Vítor Tollendal Pacheco. 13ª ed. São Paulo, LAKE, 1981.
2. —. *O livro dos espíritos*. Trad. Guillon Ribeiro. 62ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1985.
3. —. *O livro dos médiuns*. Trad. Guillon Ribeiro. 48ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1983.
4. —. *Revista espírita*. Trad. Júlio de Abreu Filho. São Paulo, EDICEL, 12 v. (Sem ano de publicação).

Bibliografia complementar recomendada

AKSAKOF, Alexandre. *Animismo e Espiritismo*. Trad. C. S. 3ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1978. 2 v.

ANDRADE, Hernani Guimarães. *Morte, renascimento, evolução:* uma biologia transcendental. 3ª ed. São Paulo, Pensamento, 1985.

BOZZANO, Ernesto. *Animismo ou Espiritismo? Qual dos dois explica o conjunto dos fatos?* Trad. Guillon Ribeiro. 3ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1982.

CASTRO, Maria Laura Viveiros de. *O que é Espiritismo:* 2ª visão. São Paulo, Brasiliense, 1985. (Coleção Primeiros Passos, v. 146).

FÁVARO, Éder; DEL CHIARO Filho, Amilcar; PALAZZI, Roberto. A estrutura dos centros espíritas de KARDEC aos nossos dias. Em: CONGRESSO ESPÍRITA ESTADUAL DA USE, 7. Águas de São Pedro, SP, 22-24 ago 1986. *Anais*. s.n.t.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Orientação ao centro espírita*. 2ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1980.

GALGANO, Alberto. *Calidad total*. Diaz de Santos.

GARCIA, Wilson. *O centro espírita*. 2ª ed. São Paulo, USE Editora, set 1990.

KARDEC, Allan. *Iniciação espírita*. Trad. Joaquim da Silva Sampaio Lobo, rev. anot. J. Herculano Pires. 10ª ed. São Paulo, EDICEL, 1986.

—. *Obras póstumas*. Trad. Sylvia Mele Pereira da Silva, intr. e anot. J. Herculano Pires. 2ª ed. São Paulo, LAKE, 1979.

—. *O evangelho segundo o Espiritismo*. Trad. Salvador Gentile. 12ª ed. Araras-SP, Instituto de Difusão Espírita, nov 1980.

—. *Viagem espírita em 1862*. Trad. e pref. Wallace Leal V. Rodrigues. Matão, SP, O Clarim, 1968.

LUCIA, Reinaldo di. Passes: discussão e propostas. Em: SBPE - SIMPÓSIO BRASILEIRO DO PENSAMENTO ESPÍRITA, 3. Santos, SP, 3-6 set 1993. *Anais*. Santos, Licespe, 1993.

MAIN, Jeremy. *Guerras pela qualidade*: os sucessos e fracassos da revolução da qualidade. Trad. Outras Palavras Consultoria Linguística. Rio de Janeiro, Campus, 1994.

MARTINS, Celso. *A obsessão e seu tratamento espírita*. 2ª ed. São Paulo, EDICEL, 1983.

MESSIAS, Carlos Roberto de. *Contribuições sobre o movimento espírita brasileiro*. Apresentado no CPDoc, Santos, SP, 26 fev 1989.

O PODER e o movimento espírita. 2ª ed. Santos, DICESP, fev 1982.

PAIVA, Aylton Guido Coimbra. *Espiritismo e política*. Santos, DICESP, set 1982.

PERALVA, Martins. *Estudando a mediunidade*. 5ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1971.

PIRES, J. Herculano. *Mediunidade: vida e comunicação:* conceituação de mediunidade e análise geral dos seus problemas atuais. 7ª ed. São Paulo, EDICEL, 1987.

—. *Obsessão. O passe. A doutrinação*. 3ª ed. São Paulo, SP, Paidéia, 1985.

—. *O centro espírita*. São Paulo, Paidéia, jan 1980.

—. *Parapsicologia hoje e amanhã*. 5ª ed. São Paulo, EDICEL, 1977.

PIRONDI, Ciro. Influência do Espiritismo na evolução do homem contemporâneo. Em: CONGRESSO ESPÍRITA ESTADUAL DA USE, 7. Águas de São Pedro, SP, 22-24 ago 1986. *Anais*. s.n.t.

PORTEIRO, Manuel S. *Espiritismo dialéctico*. Buenos Aires, Editorial Vitor Hugo, 1960. p. 57.

RÉGIS, Jaci. O centro espírita no século XX. Em: CONGRESSO ESPÍRITA ESTADUAL DA USE, 7. Águas de São Pedro, SP, 22-24 ago 1986. *Anais*. s.n.t.

SHIBA, Shoji; GRAHAM, Alan; WALDEN, David. *A new american TQM*: four practical revolutions in management. Prod, 1993.

SPINOLA, Mauro de Mesquita. Leitura contextualizada do conhecimento espírita. Em: ENCONTRO NACIONAL SOBRE O ASPECTO SOCIAL DA DOUTRINA ESPÍRITA, 3. Salvador, BA, mar 1989. *Anais*. s.n.t.

—. Centro espírita: uma revisão estrutural. Em: SBPE - SIMPÓSIO BRASILEIRO DO PENSAMENTO ESPÍRITA, 3. Santos, SP, 3-6 set 1993. *Anais*. Santos, SP, Licespe, 1993.

VIEIRA, Waldo. *Conduta espírita*. Ditado pelo espírito André Luiz. 4ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1971.

XAVIER, Francisco Cândido. *Coragem*. 2ª ed. Uberaba, CEC, 1973. p. 17-18.

—; VIEIRA, Waldo. *Desobsessão*. Ditado pelo espírito André Luiz. 4ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1979.

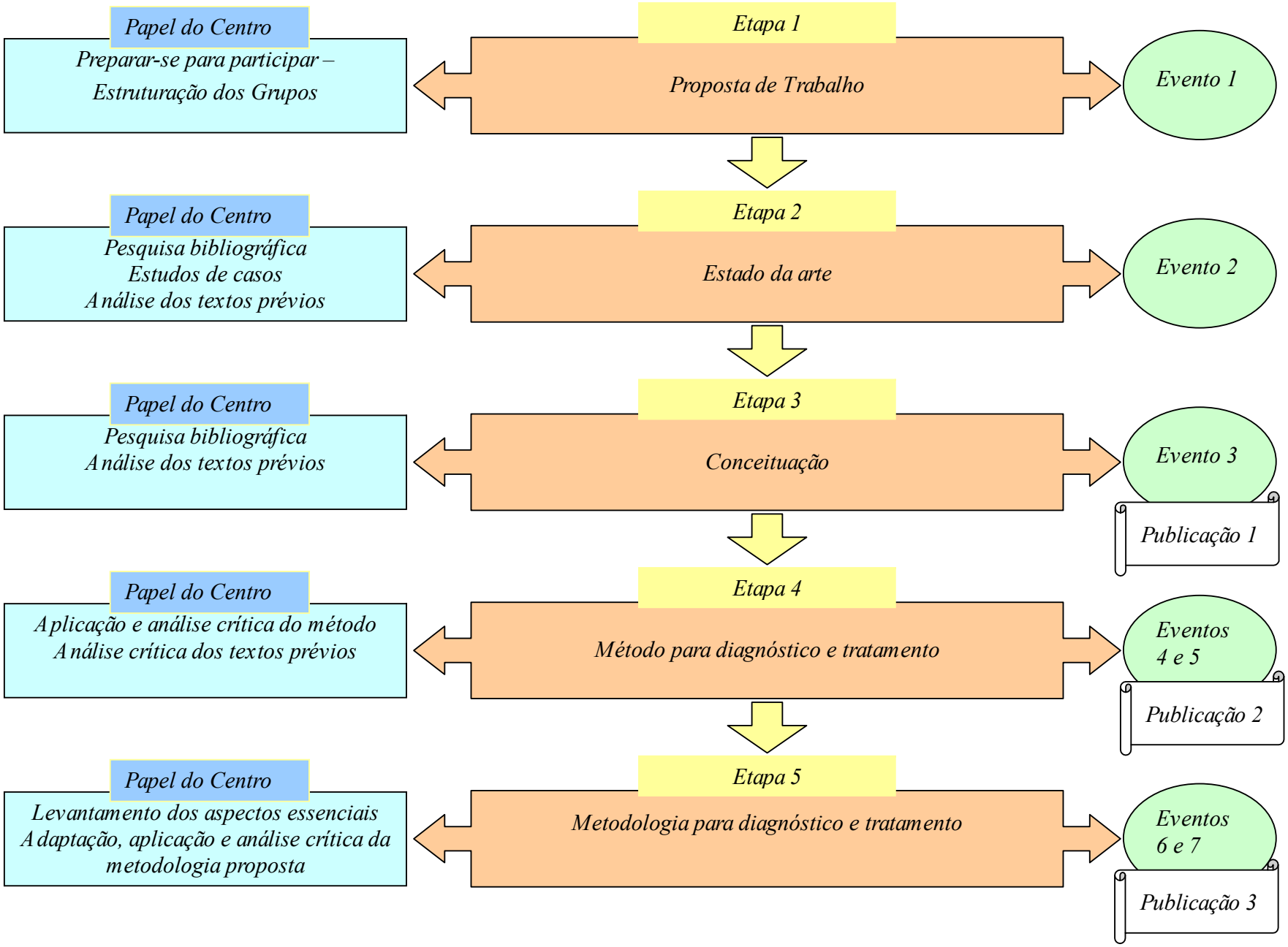
—. *Nos domínios da mediunidade*. Ditado pelo espírito André Luiz. 12ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1983.

—. *O consolador*. Ditado pelo espírito Emmanuel. 7ª ed. Rio de Janeiro, FEB.

CRONOGRAMA									
ETAPA	**SEMESTRE**								
	1	**2**	**3**	**4**	**5**	**6**	**7**	**8**	**9**
Etapa 1: Proposta de trabalho **(1) estabelecimento de infra-estrutura no CPDoc (responsabilidades, site na internet)** **(2) elaboração de uma proposta geral de trabalho a ser apresentada aos participantes da pesquisa** **(3) formação de grupos de pesquisa*** **(4) preparação dos centros para participar da pesquisa*** ***Evento 1: Encontro inicial dos participantes: discussão e consolidação da proposta de trabalho.***	**X**	**X**							
Etapa 2: Estado da arte **(1) pesquisa bibliográfica sobre obsessão*** **(2) elaboração da metodologia para levantamento de estudos de casos** **(3) levantamento de estudos de casos* e divulgação entre os participantes da pesquisa (internet, correio etc.)** **(4) entrevistas com estudiosos de obsessão** **(5) elaboração do texto "Estado da arte" (preliminar) e divulgação entre os participantes da pesquisa** **(6) análise crítica do texto "Estado da arte" (preliminar) pelos participantes da pesquisa*** ***Evento 2: Encontro dos participantes: discussão e consolidação das conclusões sobre o estado da arte.***		**X**	**X**						
Etapa 3: Conceituação (o que é obsessão) **(1) pesquisa bibliográfica sobre obsessão e disciplinas correlatas (Psiquiatria, Neurologia, Psicologia ...)*** **(2) entrevistas com estudiosos de obsessão e de disciplinas correlatas** **(3) elaboração do texto "O que é obsessão" (preliminar) e divulgação entre os participantes da pesquisa** **(4) análise crítica do texto "O que é obsessão" (preliminar) pelos participantes da pesquisa*** ***Evento 3: Encontro dos participantes: discussão e consolidação da conceituação.***			**X**	**X**					
Publicação 1: O que é obsessão?					**X**				

CRONOGRAMA (cont.)									
Etapa 4: Método para diagnóstico e tratamento da obsessão **(1) pesquisa bibliográfica sobre obsessão e disciplinas correlatas (Psiquiatria, Neurologia e Psicologia)** **(2) entrevistas com estudiosos de obsessão e de disciplinas correlatas** **(3) elaboração do texto "Método ..." (fase teórica) e divulgação entre os participantes da pesquisa** **(4) análise crítica do texto "Método" (fase teórica) pelos participantes da pesquisa*** ***Evento 4: Encontro dos participantes: discussão e análise de viabilidade da proposta de método para diagnóstico e tratamento da obsessão (fase teórica).*** **(5) aplicação do método pelos participantes e registro dos casos*; divulgação dos casos** **(5) elaboração do texto "Método ..." (fase experimental) e divulgação entre os participantes da pesquisa** **(6) análise crítica do texto "Método ..." (fase experimental) pelos participantes da pesquisa*** ***Evento 5: Encontro dos participantes: discussão e consolidação do método para diagnóstico e tratamento da obsessão (fase experimental).***					**X**	**X**			
Publicação 2: Como tratar a obsessão? Um método espírita para diagnóstico e tratamento.							**X**		

CRONOGRAMA (cont.)									
Etapa 5: Metodologia para diagnóstico e tratamento da obsessão (requisitos para a estruturação de trabalhos dos grupos) **(1) levantamento doas aspectos considerados essenciais para qualquer metodologia de diagnóstico e tratamento da obsessão*** **(2) elaboração do texto "Metodologia... " (fase teórica) e divulgação entre os participantes da pesquisa** **(3) análise crítica do texto "Metodologia ..." (fase teórica) pelos participantes da pesquisa*** ***Evento 6: Encontro dos participantes: discussão e análise de viabilidade da proposta de Metodologia (fase teórica).*** **(4) desenvolvimento de métodos específicos baseados na Metodologia*; divulgação** **(5) aplicação das metodologias pelos participantes e registro dos casos*; divulgação dos casos** **(6) análise crítica dos "Metodologia ..." baseada em sua aplicação*; divulgação das análises críticas** **(7) elaboração do texto "Metodologia ..." (fase experimental) e divulgação entre os participantes da pesquisa** **(8) análise crítica do texto "Metodologia ..." (fase experimental) pelos participantes da pesquisa*** ***Evento 7: Encontro dos participantes: discussão e consolidação da Metodologia (fase experimental).***							**X**	**X**	
Publicação 3: Obsessão: um modelo para estruturação das atividades de diagnóstico e tratamento.									**X**


Papel do Centro
Preparar-se para participar –
Estruturação dos Grupos
Etapa 1
Proposta de Trabalho
Evento 1
Papel do Centro
Pesquisa bibliográfica
Estudos de casos
Análise dos textos prévios
Etapa 2
Estado da arte
Evento 2
Papel do Centro
Pesquisa bibliográfica
Análise dos textos prévios
Etapa 3
Conceituação
Evento 3
Publicação 1
Papel do Centro
Aplicação e análise crítica do método
Análise crítica dos textos prévios
Etapa 4
Método para diagnóstico e tratamento
Eventos
4 e 5
Publicação 2
Papel do Centro
Levantamento dos aspectos essenciais
Adaptação, aplicação e análise crítica da
metodologia proposta
Etapa 5
Metodologia para diagnóstico e tratamento
Eventos
6 e 7
Publicação 3

OBSESSÃO: MÉTODO PARA UM LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

Marissol Castello Branco (apresentadora) (*)
e **Mauro de Mesquita Spínola**
São Paulo-SP, Brasil

RESUMO

Muito já foi publicado e refletido a respeito da obsessão tanto no meio espírita como na área da psiquiatria. Este artigo apresenta um método para se iniciar o levantamento bibliográfico dessas obras, sendo esta uma parte do levantamento do estado da arte que também comporta o levantamento de casos de obsessão e entrevista com estudiosos no assunto, encarnados e desencarnados. Apresenta uma análise preliminar da obra kardequiana com outros estudos elaborados atualmente dentro do espiritismo a respeito do conceito, causas, diagnóstico e tratamento da obsessão.

Palavras-chave: obsessão, bibliografia

1. INTRODUÇÃO

O processo da atualização do espiritismo iniciou há algum tempo quando se discutia a contextualização do espiritismo que é compreender a doutrina espírita na época em que foi elaborada. Essa fase do resgate histórico e filosófico da obra kardequiana chegou a um ponto onde se percebeu a necessidade de desenvolver algumas áreas não abordadas por Kardec ou tratadas superficialmente em toda sua obra. A obsessão é uma área que poderá ser enriquecida com os inúmeros estudos desenvolvidos sobre a mente neste século que se encerra.

Os métodos de tratamento utilizados na casa espírita são os mais variados e seria impossível inferir precisamente pois, não houve um levantamento criterioso a esse respeito, mas, podemos afirmar que se baseiam em práticas desenvolvidas a partir da experiência dos dirigentes e médiuns dedicados a essa tarefa, sendo perpetuado por vários anos como uma tradição. Não existe um treinamento para se executar a tarefa de uma maneira sistemática. Normalmente, aprendem vem dos outros que vieram antes deles trabalhar, assim como o artesão ensina o seu trabalho ao aprendiz. Do século XIX até nossos dias, muitas pesquisas foram realizadas pela ciência no campo psíquico. A tarefa é reunir as contribuições que poderão ser aproveitadas na pesquisa a que nos propomos.

Este trabalho é uma pequena parcela de um estudo maior que se iniciou com um projeto apresentado por Mauro Spínola (co-autor) em 2 reuniões do CPDoc e que vários membros motivados pelo tema abraçaram uma parte dele e que apresentam neste congresso.

Seu papel é dar conta de um método para uma pesquisa bibliográfica sobre o tema de uma forma tal que após levantada toda a bibliografia se possa ter acesso aos dados com maior facilidade pois o material é bastante extenso. Faz parte deste material o levantamento e análise dos relatos de Allan Kardec, outros autores espíritas estudiosos do assunto e autores não espíritas cujos trabalhos possam contribuir para a melhor compreensão do fenômeno obsessão. Com isso, busca-se resgatar do ponto de vista da literatura a contribuição de Kardec e a de outros autores, entre eles espíritos desencarnados, sobre o conceito, diagnóstico e tratamento da obsessão. Além deste trabalho, três outros correlatos e complementares, integrantes da mesma linha de pesquisa da CPDoc, estão sendo desenvolvidos. São eles:

Obsessão: proposta de um projeto de pesquisa integrado, por Álvaro de Mesquita Spínola e Mauro de Mesquita Spínola, que apresentam os objetivos, o método de trabalho e as principais ações propostas.

Obsessão: roteiro para estudo de caso, por Rosângela Gomes de Souza e Marina França, que propõem um método e um questionário básico para apoio ao levantamento de estudos de casos, uma atividade chave nesta pesquisa, e

Grupos espíritas de pesquisa mediúnica, por Egydio Régis e Sandra Régis, apresentam uma estrutura e uma metodologia para grupos de pesquisa mediúnica através de entrevistas e debates com Espíritos.

Para o CPDoc e para seus participantes, essa pesquisa constitui-se, por um lado, num esforço para realizar uma parte do compromisso histórico de atualização da contribuição do espiritismo para a compreensão e a solução de diversas dores, angústias e incertezas que afetam o homem moderno. Por outro lado, é também um grande desafio assumir a coordenação técnica da pesquisa, que envolve levantamento de informações, fomento do debate, crítica e síntese de resultados obtidos junto aos diversos grupos e estudiosos que decidirem dela participar.

2. MÉTODO PARA UM LEVANTAMENTO

O levantamento bibliográfico é uma parte do levantamento do estado da arte que também engloba o estudo de casos sobre obsessão e entrevista com estudiosos no assunto. A bibliografia referente ao assunto é extensa sendo necessário levantar alguns modelos de catalogação desse material. Para sistematizar o conteúdo levantado nas obras, criou-se um modelo de fichamento para facilitar uma posterior consulta nos dados anotados e acesso em programas de base de dados. Tanto os fichamentos assim como os outros levantamentos ficarão à disposição dos colaboradores em um site da Internet, em fase de elaboração, onde se poderá acessar esses arquivos e elaborar os estudos necessários.

Modelo de fichamento

O primeiro item se refere aos dados de identificação do livro. Nem todos os campos são preenchidos e conforme a situação da obra, outros poderão ser abertos. Quando se tratar de um livro psicografado considera-se os autores da obra tanto o espírito comunicante como o médium. Os itens segundo e terceiro descrevem a obra no geral e por capítulos de uma forma resumida. O quarto é uma coletânea de citações onde o

autor trata temas do interesse deste estudo e outros que o relator considerar importante. No final é feita uma avaliação crítica do livro e informa-se os dados do fichamento.

1. Dados da obra

Título

Subtítulo

Autor(es)

Tradutor(es) (se houver)

Revisor(es) (se houver)

Organizador(es) (se for obra conjunta)

Número da edição

Cidade

Editora

Ano da publicação

Número de páginas

Nome da série a que o livro faz parte (se houver)

2. Resumo Geral

Descrever em até 15 linhas sobre o que trata o livro de uma forma geral.

3. Resumo dos capítulos

Para cada capítulo estudado, descrever o assunto tratado, com até 5 linhas (podem ser apenas palavras-chave). Se preferir, poderá fazer o resumo por blocos de capítulos. O resumo deve transmitir a essência – a idéia principal – do capítulo ou do conjunto de capítulos. É recomendável não fazer citações do autor neste item.

Número e título do Capítulo

Resumo do capítulo

4. Temas em destaque e citações

Indicar alguns temas específicos tratados no livro, considerados importantes. Para cada um, citar trechos representativos da contribuição do autor. Alguns temas já estão

sugeridos. Acrescente tantos quanto considerar necessário. É recomendável transcrever todo o parágrafo ou parte dele referente ao tema e indicar o número da página em que se encontra.

Tema: Conceito de Obsessão

Páginas

Citações

Tema: Diagnóstico da Obsessão

Páginas

Citações

Tema: Tratamento da Obsessão

Páginas

Citações

5. Avaliação crítica (opcional)

Apresentar em até 10 linhas sua avaliação crítica sobre a obra.

6. Dados do fichamento

Data do fichamento

Fichamento feito por

Endereço

Telefones

Fax

E-mail

Dentre as obras contempladas com o fichamento temos:

Obsessão de Allan Kardec, coletânea de artigos da R Espírita, feito por Marina França.

Obsessão, o passe, a doutrinação de José Herculano Pires feito por Alcione Moreno.

Nos Bastidores da Obsessão de Divaldo Pereira Franco (médium) e Manuel Philomeno de Souza (espírito) feito por Marissol Castello Branco.

A Loucura sob novo prisma de Adolfo Bezerra de Menezes feito por Mário Muniz Jr.

3. ANÁLISE PRELIMINAR

Das contribuições sobre o estudo da obsessão encontramos muita variedade com relação ao tratamento e prevenção. Em, praticamente, todas as obras de Kardec há textos sobre obsessão ou assuntos relacionados, alguns deles são muito semelhantes e falam do conceito e a indicação do tratamento conforme a fase em que se encontra. Na Revista Espírita existem diversos casos de obsessão desenvolvidos por grupos de espíritas de outras localidades. Estes casos se confundiam com ataques de loucura ou de epilepsia mas, com características que davam pistas a uma possível obsessão. O diagnóstico confirmava-se com a comunicação do espírito obsessor evocado. No tratamento utilizavam uma seqüência de evocações ao espírito e magnetização na obsedada. No conceito da obsessão, a maioria dos autores baseia-se na definição apresentada por Kardec. Marlene Nobre, baseando-se nas obras de André Luiz e Emmanuel, classifica as obsessões de natureza anímica e espirítica, dividindo-as em efeitos inteligentes e efeitos físicos. No que diz respeito ao diagnóstico da obsessão, Bezerra de Menezes fala sobre o diagnóstico diferencial da loucura e da obsessão, acreditando ser um ponto delicado no processo. No tratamento e prevenção da obsessão vários são os que contribuíram relatando uma série de casos: Suely Caldas Schubert, Hermínio Miranda, Wilson Garcia, Richard Simonetti, entre outros. Os espíritos André Luiz, Manuel Philomeno de Miranda e Bezerra de Menezes entre outros contribuíram com o tratamento da obsessão ao descreverem como se processa esse trabalho na erraticidade. Cada um a sua maneira relataram casos obsessivos e como se sucedeu seu tratamento e êxito. Jon Aizpúrua em seu livro "Fundamentos do Espiritismo" reservou um capítulo para a obsessão onde traçou um panorama geral das doenças mentais e descreveu alguns procedimentos de seu tratamento nos centros espíritas. Marina França, Ademar Chioro e Reinaldo Di Lucia fizeram parte de um Seminário sobre Desobsessão realizado em 1999, em Santos onde em suas falas focalizaram o estudo mais propriamente no obsedado. Para Chioro o obsedado deixa-se levar por uma relação simbiótica com o obsessor onde ambos saem "lucrando" e Di Lucia entende que o tratamento da obsessão deve se preocupar mais com os estudos da psicologia e psiquiatria sobre a mente humana para tratar melhor o obsedado que procura o centro espírita, muitas vezes, num profundo processo de angústia. Marina França em seu trabalho Obsessão: uma reflexão apresentado no V SBPE em 1997, e posteriormente ao CPDoc em 1998, preocupou-se com a entrevista inicial, realizada nas casas espíritas, que normalmente indica a primeira suspeita de obsessão. Bernardo Drubich em seu livro "Personalidad y Reencarnación" dedica dois capítulos ao estudo da obsessão, levanta alguns questionamentos e indica procedimentos no diagnóstico tanto no diferencial como naquele realizado nas instituições espíritas.

Ao pesquisar a obra de Kardec, observou-se que sua preocupação maior no momento era a obsessão de origem mediúnica. Também encontrou-se opiniões divergentes a respeito do conceito de possessão. Em seus 2 primeiros livros (O livro dos espíritos e O livro dos médiuns), nega a palavra, substituindo-a por subjugação. Em Obras póstumas, há um texto em que classifica como "o mais alto grau da subjugação" e nos demais a trata como algo distinto da obsessão. Na revista espírita de 1863 explica porque mudou seu conceito em relação a possessão: "temos dito que não havia possessos, no sentido vulgar do vocábulo, mas subjugados. Voltamos a essa asserção absoluta, porque agora

nos é demonstrado que pode haver verdadeira possessão, isto é, substituição, posto que parcial, de um espírito errante a um encarnado." A evocação dos espíritos deverá ser melhor estudada porque notou-se a importância dada por Kardec e que, hoje em dia, este procedimento não é levado em conta.

O levantamento bibliográfico na área da psicologia e psiquiatria precisaria ser efetivado numa próxima, e aceitamos colaboradores na indicação de livros desta área.

4. KARDEC: UMA REFERÊNCIA

A produção literária espírita após Kardec principalmente no Brasil a respeito da obsessão é muito extensa e consideraremos o estudo realizado por Kardec como uma referência. Levantamos entre vários autores consultados diversas opiniões a respeito do conceito, causas, diagnóstico e tratamento da obsessão estabelecendo uma comparação entre as citações de alguns autores e as de Kardec:

Conceito da Obsessão:

Kardec trata da obsessão em praticamente em todas as suas obras. Encontramos textos muito semelhantes onde conceitua e traça alguns procedimentos ao tratamento em O evangelho segundo o espiritismo, A gênese e Obras Póstumas. "A obsessão é a ação persistente que um mau Espírito exerce sobre um indivíduo... Apresenta caracteres muito diferentes, desde uma simples influência moral, sem sinais exteriores sensíveis, até a perturbação completa do organismo e das faculdades mentais" Em O livro dos médiuns trata de um capítulo específico para descrever e classificar a obsessão entre os médiuns. O Herculano Pires entende que a obsessão: "se caracteriza pela ação de entidades espirituais inferiores sobre o psiquismo humano." Para Jaci Régis "...a obsessão é uma relação afetiva entre seres reais, submetidos a condições espaciais e corporais de vibração material diferenciada" e "... possível devido à transcomunicação mento-magnética espontânea entre todos os seres encarnados e desencarnados, a partir de ondas mentais específicas..." Jon Aizpúrua fala da obsessão tratada na psicopatologia, um termo empregado "para indicar uma alteração mental, caracterizada por pensamentos insistentes que dominam e atormentam a uma pessoa, e que não pode desfazer ou se livrar deles, ainda quando sabe que não têm fundamento" Bezerra de Menezes fala da obsessão em um nível mais profundo classificado por Kardec como subjugação "(Quando o Espírito obsessor) é chegado ao ponto de ter completamente hipnotizado sua presa, fá-la passar por qualquer dessas inumeráveis variedades de perversão moral, que se dão em espetáculo entre os alienados" muitas vezes confundida e tratada como ataques de loucura. "(O Espírito fá-lo louco) – A este estado a Ciência chama loucura, e o é, mas a esta loucura o Espiritismo chama de obsessão" Em "Nos bastidores da obsessão" encontramos que "a obsessão é síndrome alarmante que denuncia enfermidade grave de erradicação difícil.. o campo obsessivo se desloca da mente para o departamento somático onde as imperfeições morais do pretérito deixaram marcas profundas no perispírito" Richard Simonetti, de uma forma bem humorada conceitua a obsessão como um "torcicolo mental": "O indivíduo sente-se dominado por determinados pensamentos ou sentimentos, como se sofresse uma paralisia da vontade que lhe impõe embaraços à apreciação serena e saudável das conjunturas existenciais"

Causas da Obsessão:

Allan Kardec afirma que "os motivos da obsessão variam segundo o caráter do Espírito". Podem ser relacionamentos afetivos não resolvidos de encarnações anteriores: "Às vezes, é a prática de uma vingança contra a pessoa que o magoou na sua vida ou numa existência anterior" ou atitudes do afetado facilitam a influência do obsessor: "A impaciência das vítimas também influi .... Ao se irritar, mostrando-se zangado, a vítima faz precisamente o que ele quer" Para Herculano Pires as causas "decorrerem de vários fatores, dos quais os mais freqüentes são: problemas reencarnatórios, tendências viciosas, egoísmo excessivo, ambições desmedidas, aversão a certas pessoas, ódio, sentimentos de vinganças, futilidades, vaidade exagerada, apego ao dinheiro, e assim por diante." Em "Nos bastidores da obsessão" uma das causas da obsessão seria o descuido mental dos que sintonizam mentes atormentadas: "Mentes viciadas e em tormento não poucas vezes escravas da monoidéia obsessiva, sincronizam com outras mentes desprevenidas e ociosas" Ademar Chioro descreve a obsessão em seu processo, comparando esta relação energética com a sintonia de ondas de rádio: "A melhor expressão que existe em figura de linguagem para exemplificar o processo de obsessão é aquele da freqüência de rádio. O espírito obsessor está numa determinada freqüência de rádio e nós estamos em outra". Uma descrição que tira o foco da causa no "malvado" ou "inferior" espírito para aquele que se sintoniza, o até então "vítima" que procura, de uma forma muitas vezes inconsciente, essa relação simbiótica. "A obsessão ocorre quando no exercício de nosso livre-arbítrio pelo conjunto de problemas, dramas e fraquezas determinantes nesse processo, entramos em sintonia com o espírito obsessor." Marina França fez um importante estudo sobre a obsessão, baseando-se praticamente na obra kardequiana. A respeito do conceito e causas da Obsessão, França, observa:

"Analisando as afirmações sobre a obsessão ... constata-se ser ela uma questão de sintonia, onde se pode concluir também que:

1 – viver na Terra faz com que todos lhe estejam sujeitos, diferenciando motivos, formas de manifestação e graus de intensidade;

2 – o fortalecimento da alma é uma prerrogativa para se livrar dela;

3 – a melhoria individual é prerrogativa para o fortalecimento da alma;

4 – a vingança é apenas um dos seus motivos, acompanhada da inveja, do prazer que muitos sentem de fazer o mal, da tarefa de reabilitação do obsessor por parte do obsidiado etc.

5 – o modo pelo qual o obsidiado lida com as contrariedades da vida é fator preponderante na sua persistência;

6 – as imperfeições morais constituem os verdadeiros obstáculos à liberdade do obsidiado;

7 – em seu processo não é possível identificar de imediato quem é o culpado e quem é a vítima.

Ocorre que, não raro, Espíritos são responsabilizados por maldades, doenças e aberrações, cujas causas derivam do próprio indivíduo, processo este chamado de Auto-Obsessão por Allan Kardec."

Diagnóstico da Obsessão:

O diagnóstico é uma etapa muito importante, pois a partir disso poder-se-á encaminhar um tratamento adequado a cada situação. As novas disciplinas criadas após o desencarne de Kardec trouxeram muitas contribuições que precisam ser incorporadas. Infelizmente não foi possível fazer esse levantamento para este trabalho, mas será anexado numa fase posterior. Em O livro dos médiuns Kardec levanta 9 itens para diagnosticar a obsessão ocorrida em médiuns. Na Revista espírita encontrou-se vários relatos de casos de obsessão. Nestes relatos, conforme os fatos aconteciam suspeitavam ser um caso de obsessão, mas o diagnóstico só se completava com a comunicação do próprio espírito obsessor ou dos auxiliadores do tratamento na erraticidade. Os fatos ocorridos que levavam a suspeita de uma obsessão foram crises que ocorriam com hora marcada ou cessavam durante a gravidez. Situações que numa crise de loucura de origem orgânica dificilmente ocorreria. Para Bernardo Drubich "o diagnóstico de obsessão é complexo, porque necessita dos métodos psicológicos, parapsicológicos e mediúnicos mas, sobretudo, necessita de uma grande experiência do dirigente de sessões" pois será difícil estabelecer um diagnóstico que diferencie uma mania de perseguição originada na hipertrofia da pessoa ou originada pelo espírito obsessor, que "não pode ser realizada por nenhum dirigente de instituição ou de sessões de forma eficiente, se este não esteja preparado em psicologia ou psiquiatria, porque corre sérios riscos de interpretar mal alguma, catalogando-as como obsessão." Para Bezerra de Menezes o diagnóstico diferencial deve ser encarado com cautela pois "quem vê um louco, vê um obsedado, tanto que até hoje se tem confundido um com o outro. O mesmo olhar desvairado, a mesma aparência fisionômica, ora a excitação até a fúria, ora a prostração até o indiferentismo, sem a incoerência das idéias."

Tratamento da Obsessão:

No tratamento inclui-se um trabalho de prevenção e um trabalho conjugado entre os envolvidos, pois ao estudar o âmago das relações obsessivas conclui-se que não há vítimas nem culpados, todos são enfermos que precisam do auxílio de pessoas capacitadas para poderem sair da situação em que se encontram. Encontramos tanto em O evangelho segundo o espiritismo como em A gênese e Obras Póstumas textos muito semelhantes que tratam da obsessão. Como tratamento e prevenção indica que "para preservar das doenças, fortifica-se o corpo; para garantir contra a obsessão, é necessário fortificar a alma. Disso resulta que o obsedado precisa trabalhar pela sua própria melhoria, o que na maioria das vezes é suficiente para o livrar do obsessor, sem socorrer-se de outras pessoas." Quando a obsessão atinge um grau mais acentuado, necessitará da ajuda de terceiros e de um tratamento adequado. "Nos casos de obsessão grave, o obsedado está como envolvido e impregnado por um fluido pernicioso, que neutraliza a ação dos fluidos salutares e os repele..." Indica a emissão

energética no obsedado para conseguir "expulsar o fluido mau com a ajuda de um fluido melhor, que produz, de certo modo, o efeito de um reagente..." e o tratamento mediúnico evocando o espírito obsessor: "faz-se também necessário agir sobre o ser inteligente...convencer o Espírito perverso a renunciar aos seus maus intentos; despertar-lhe o arrependimento e o desejo do bem, através de instruções habilmente dirigidas, com a ajuda de evocações particulares" Para ser o mais didático possível e por falta de vocabulário que pudesse descrever o quadro para a época Kardec usou a dualidade do bem e do mal. Hoje em dia, isso deve ser descrito de outra maneira pois já temos um vocabulário mais rico e ampliado pela novas disciplinas que estudam a mente humana. Kardec percebeu em sua época a importância do obsedado no sucesso do tratamento, e recomenda a prece e o mais puro desejo de que essa situação deixe de existir: "A tarefa se torna mais fácil, quando o obsedado, compreendendo a sua situação, oferece o concurso da sua vontade e das suas preces... em todos os casos de obsessão, a prece é o mais poderoso auxiliar da ação contra o espírito obsessor". Em nosso século temos uma infinidade de técnicas que poderiam facilitar ao obsessor no entendimento de sua situação atual.

Encontrou-se na Revista Espírita depoimento de espíritas que obtiveram êxito no tratamento da obsessão e ali descrevem o método utilizado. Um deles Kardec intitulou de: Obsedada em Barcelona. Um grupo de espíritas espanhóis residentes em Barcelona resolveram ajudar uma senhora que sofria de crises nervosas há 15 anos. Os fatos levaram-nos a suspeitar de um caso de obsessão que foi confirmado com a comunicação do obsessor. Quando a conheceram estava sendo tratada por um emissor energético que embora sendo espírita, não bastou. Foi necessário procurar um médium: "A doente estava então submetida a um tratamento magnético que lhe havia proporcionado um certo alívio, mas o magnetizador, visto que espírita, não tinha meios de evocar o obsessor, por falta de médiuns..." Ao assumir o tratamento, o grupo iniciou com a evocação do espírito obsessor da senhora: "Tivemos muito trabalho para fazer o obsessor vir ao nosso chamado...Foi muito violento, respondeu algumas palavras descosidas e logo atirou-se com uma fúria sobre sua vítima, à qual deu uma crise violenta, logo acalmada pelo magnetizador" Depois de várias evocações o grupo enfim conseguiu receber a visita do obsessor. Nota-se que a obsedada estava presente à reunião sendo vítima de sua fúria na presença de todos. As evocações continuaram e a cada sessão o espírito se tornava mais acessível: "Na segunda sessão, poucos dias depois, pudemos por mais tempo reter o obsessor...A terceira evocação foi mais feliz: o obsessor conversou familiarmente conosco.. .Na quarta evocação orou conosco...Pouco a pouco, a cada nova evocação, tomávamos maior ascendente sobre ele ...e tivemos a satisfação de ver cessarem as crises na nona" O grupo evocou o espírito obsessor em 9 reuniões. Na quarta o espírito apresentava certa maleabilidade ao diálogo, mas as crises da obsedada cessaram bem mais tarde. Além das evocações era feita uma emissão energética na obsedada de 12 a 15 minutos para deixá-la tranqüila. Depois disso o tratamento prosseguiu, de oito em oito dias se submete a uma emissão energética e, de tempos em tempos, evoca-se o antigo perseguidor para fortalecê-lo nas boas atitudes que chegou a psicografar uma carta demonstrando seu arrependimento na vingança. Os espíritos que acompanharam o tratamento na erraticidade recomendaram ao grupo continuar a tarefa pois ambos ainda necessitavam de ajuda "um para o sustentar no bom caminho que tomou, evocando-o algumas vezes, aumentareis a sua coragem; a outra,

para dissipar totalmente o fluido malsão que a envolveu tanto tempo; fazei-lhe, de tempos em tempos, uma abundante magnetização, sem o que ela ainda se acharia exposta à influência de outros espíritos malévolos..."

Em "Nos Bastidores da Obsessão" o grupo mediúnico continuou sua tarefa de tratamento na erraticidade durante o sono, à noite, enquanto o corpo descansa e o espírito se liberta: ."Os trabalhos prosseguiram normalmente até a hora do encerramento, quando o instrutor,..., explicou que naquela noite mesma o grupo voltaria a reunir-se, em desdobramento parcial pelo sono, para prosseguimento das tarefas". (grifo nosso) Informam a importância da comunicação mediúnica no tratamento da obsessão através do diálogo esclarecedor e o envolvimento energético do obsessor com o do médium pois "...favorecendo ao desencarnado a oportunidade de adquirir conhecimento através da psicofonia atormentada, na qual pode haurir força e alento novo para aprender, meditar, perdoar, esquecer..." e "...para melhor mergulho nos fluidos do sensitivo de modo a diminuir-lhe a carga psíquica e o envolvimento nas faixas do ódio de que se via possuído desde há muitos anos." e do tratamento realizado na erraticidade quando um espírito auxiliar emite uma certa quantidade de energia diferenciada no hóspede indesejável provoca seu afastamento momentâneo "e facultando, assim, ao hospedeiro a libertação mental necessária para assepsiar-se moralmente, reeducando a vontade, meditando em oração..." A mudança de atitudes do obsedado durante o tratamento é fator de grande peso para se obter a cura da obsessão: "... do paciente depende a maioria dos resultados nos tratamentos da obsessão. Iniciado o programa de recuperação, deve este esforçar-se de imediato para a modificação radical do comportamento ..."

Herculano Pires ratifica a importância da comunicação mediúnica, como um agente acelerador do processo no tratamento da obsessão, observado por Gustave Geley: "Nesse ambiente mediúnico os espíritos apegados à matéria sentem a impressão de maior segurança, como se estivessem novamente encarnados. Muitas vezes, nas sessões espíritos orientadores servem-se de um médium para doutrinar mais facilmente essas entidades confusas."

Para Ademar Chioro entre os vários fatores que favorecem o processo de mudança de um espírito perturbado numa reunião mediúnica é a sua predisposição ao comparecer e o banho de energia diferenciada. Ao se comunicar através de um médium experimenta uma sensação diferente, reconhece que morreu mas, continua "vivo". Isso desperta sensações, emoções absolutamente distintas do que conseguia sentir naquele círculo vicioso. Quanto ao tratamento da obsessão, é imprescindível que o obsedado mude sua sintonia e deseje realmente mudar essa situação em que se encontra:

Esse processo de obsessão pode ser rompido quando mudamos a freqüência de sintonia. Ela pode ser rompida com o auxílio de um tratamento psicológico, psiquiátrico, com o auxílio de um trabalho de desobsessão no centro espírita, mas, nunca prescindida da absoluta posição determinada do indivíduo encarnado, obsedado de romper com essas ligações que foram estabelecidas. Não existe cura sem vontade, aliás, seja no fenômeno mediúnico seja no fenômeno obsessivo a vontade é determinante.

Para Reinaldo Di Lucia, "as grandes disciplinas que vão estudar profundamente a mente dos encarnados e os processos psíquicos pelos quais a nossa mente funciona ainda não

existiam no tempo do Kardec", elas iniciaram logo após o seu desencarne, cresceram em importância com Freud e muitas outras corrente da psicologia se formaram e continuam estudando o processo de influenciação recíproca. "Esse procedimento todo não pode ser esquecido pelos espíritas e, normalmente, é isso o que acontece. E o trabalho de desobsessão que deveria ser um trabalho sobre esses relacionamentos interpessoais, sobre as influências de espírito a espírito e o modo como trabalhamos a nossa própria saúde psíquica, mental tem passado ao largo desse tipo de desenvolvimento psicológico". Ressalta que "continuamos tratando a obsessão como um processo muito parecido com o exorcismo", pois o tratamento dá mais importância ao obsessor e afirma que "o processo de obsessão origina-se no obsedado". Para tratar qualquer problema de obsessão será necessário tentar entender como o obsedado posiciona-se "perante a vida, como encara a própria existência no mundo e no relacionamento com as outras pessoas"

5. BIBLIOGRAFIA LEVANTADA

Nesta primeira fase fez-se um levantamento de tudo o que foi escrito a respeito da obsessão em textos teóricos e romanceados. Ensaios, relato de casos, receitas de prevenção, cartilha de comportamentos. Seguem dois tipos listas de obras encontradas até agora sobre o assunto.

Obras que tratam especificamente do tema Obsessão:

Autor(es)	**Título**	**Editora(s)**
Allan Kardec	A Obsessão	O Clarim
José Herculano Pires	Obsessão, o passe, a doutrinação	Paidéia
José Herculano Pires	Vampirismo	Paidéia
Marina França	Obsessão: atendimento inicial	V SBPE
Jaci Régis	Perfil psicológico da Obsessão	VI SBPE
Jaci Régis	Muralhas do Passado	LICESPE
Hermínio C. Miranda	Diálogo com as sombras	FEB
Hermínio C. Miranda	A dama da noite	
Hermínio C. Miranda	O Exilado	C. Fraterno
Hermínio C. Miranda	A Irmã do Vizir	C. Fraterno
Adolfo Bezerra de Menezes	A loucura sob novo prisma	FEB
Inácio Ferreira	Novos rumos à medicina	FEESP
Marlene R. S. Nobre	A obsessão e suas máscaras	FE
Wilson Garcia	Você e a obsessão	EME
Carlos Bernardo Loureiro	Obsessão e seus misterios	M. Túlio
Suely Caldas Schubert	Obsessão/Desobsessão	FEB

Bernardo Drubich	La desobsesión	Argentina
César Bogo	El espiritismo ante la psiquiatría	Argentina
Edith Fiore	Possessão espiritual	Pensamento
Cinthya Pettiward	Dossier Posesión	
Karl Wichkland	Treinta años entre los muertos	
Universidad Espírita Argentina	Autodesobsesión	Argentina
Rubens de Freitas	Obsessão e Cura	Panorama
Manoel P. Miranda e Divaldo P. Franco	Nos Bastidores da Obsessão	FEB
Manoel P. Miranda e Divaldo P. Franco	Painéis da Obsessão	LEAL
Manoel P. Miranda e Divaldo P. Franco	Nas fronteiras da loucura	LEAL
Manoel P. Miranda e D. P. Franco	Loucura e Obsessão	FEB
Manoel P. Miranda e Divaldo P. Franco	Trilhas da Libertação	FEB
A. Publiese, M. P. Miranda e D. P. Franco	Obsessão: instalação e cura	LEAL
Bezerra de Menezes e Ivone A Pereira	Dramas da Obsessão	FEB
Bezerra de Menezes e Ivone A. Pereira	Recordações da Mediunidade	FEB
André Luiz, F. C. Xavier e Waldo Vieira	Desobsessão	FEB
A. Luiz e F. C. Xavier	Entre a Terra e o Céu	FEB
A. Luiz e F. C. Xavier	Mecanismos da Mediunidade	FEB
A. Luiz e F. C. Xavier	Nos domínios da mediunidade	FEB
Richard Simonetti	Quem tem medo da obsessão?	São João
Celso Martins	Obsessão e tratamento espiritual	DICEL
Luiz Schvartz	Obsessão: estudo introdutório	osso Lar
Vanderley Pereira	Como doutrinar os espíritos	EEC-GEPE
Helena M.C. Carvalho	Portas da Obsessão	Nosso Lar
Luiz Gonzaga Pinheiro	Terapia das Obsessões	EME
Luiz Gonzaga Pinheiro	Diário de um doutrinador	EME
Luis Carlos V. da Silva	Como venci a obsessão	EME
Roque Jacinto	Tratamento da Obsessão	Luz no Lar
Roque Jacinto	Doutrinação	FEB
Umberto Ferreira	Esclarecendo Desencarnados	FEEGO
Arthur Guirdham	Obsessão	Siciliano

Obras que tratam da obsessão em alguns capítulos e/ou textos:

Autor(es)	Título	Capítulo (s)	Editora(s)
J. Herculano Pires	Mediunidade	16-Problemas da desobsessão	Paidéia
J. Herculano Pires	O Espírito e o Tempo	Pesquisa científica da mediunidade, b) Sessões de desobsessão	EDICEL
J. Herculano Pires	Curso dinâmico de espiritismo	Psiquiatria e Espiritismo	Paidéia
J. Herculano Pires	O centro espírita	2 - Os serviços do centro	LAKE
Bernardo Drubich	Personalidad y Reencarnación	3- El Proceso obsesivo y 6- Terapéutica de la obsesión	Argentina
Jon Aizpúrua	Fundamentos do Espiritismo	7 – Obsessão	Barroso

Marina França em seu trabalho Obsessão: uma reflexão, fez um criterioso levantamento em toda a obra de Kardec citando os capítulos e respectivos números de página onde se trata sobre a obsessão.

6. CONCLUSÃO

Este trabalho iniciou o processo de catalogação de obras que possam contribuir com o projeto de conceituar, propor métodos de diagnóstico, tratamento e prevenção da obsessão. Um modelo de fichamento foi elaborado, podendo ser adaptado para o caso de artigos de jornais e revistas entre outros. Algumas obras já foram fichadas e agradecemos seus colaboradores e outros que quiserem participar desta empreitada pois, desde já, estão convidados. Levantou-se a bibliografia de várias obras espíritas sobre a obsessão ou que abordam o assunto em alguns capítulos. Falta ainda o levantamento das obras de estudo da psicologia e psiquiatria que trarão grandes contribuições a esse projeto. Nesse item também aceitamos sugestões dos leitores, principalmente os de formação nestas áreas. Fez-se uma análise preliminar, de aspecto mais geral, de algumas obras espíritas e comparou-se citações de autores a respeito do conceito, causas, diagnóstico e tratamento da obsessão.

Ainda há muito por fazer. Conforme as obras são fichadas, estas serão encaminhadas a um banco de dados que poderá ser acessado pelos pesquisadores envolvidos neste projeto. E a conclusão disso tudo levará algum tempo pois, será inversamente proporcional com a quantidade de colaboradores empenhados em elaborar o fichamento.

Na etapa de levantamento do estado da arte falta desenvolver um método para a entrevista de estudiosos, encarnados e desencarnados, sobre a obsessão que possibilite uma tabulação posterior. Numa próxima etapa da pesquisa da obsessão serão levantados os métodos de tratamento algumas instituições espíritas. Ressaltamos que este estudo é uma pequena parte de uma grande pesquisa sobre a obsessão. Tanto a análise preliminar como as opiniões levantadas iniciam um processo de uma análise mais criteriosa, pois será necessário acrescentar as contribuições dos outros estudos também apresentados neste congresso.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Kardec, Allan. Preces pelos obsidiados. Em: - O Evangelho Segundo o Espiritismo, p. 361.

Nobre, Marlene Rossi Severino. A obsessão e suas máscaras. São Paulo, FE, 1997.

Menezes, Adolfo Bezerra. A loucura sob novo prisma. Rio de Janeiro, FEB, 1963. pág. 172

Seminário sobre Desobsessão realizado em 3 de julho de 1999 em Santos no CEBAP – Centro Espírita Beneficente Ângelo Prado.

França, Marina. Obsessão: atendimento inicial. Em: Anais do V SBPE. Santos, Licespe, 1997. pág. 201

Drubich, Bernardo. Terapeutica de la obsessión: bases del tratamiento. Em: Personalidad y Reencarnación: problemas existenciales de la reencarnación. Rafaela, 1996. pág. 213

Kardec, Allan. Um caso de possessão. Em: Revista Espírita. Edicel. Ano 1863, pág.373

Kardec, Allan. Preces pelos obsidiados. Em: - O Evangelho Segundo o Espiritismo, p. 361.

Kardec, Allan. Da obsessão. Em: O livro dos médiuns. São Paulo, FEESP, 1989. pág. 276

Pires, José Herculano. Obsessão, o passe, a doutrinação. São Paulo, Paidéia, 1997. Informações preliminares

Régis, Jaci. Perfil Psicológico da Obsessão. Em: VI SBPE-Anais. Santos, Licespe, 1999. pág. 96 e 107.

Aizpúrua, Jon. Fundamentos do Espiritismo. São Paulo, Barroso, 2000.

Menezes, Adolfo Bezerra. A loucura sob novo prisma. Rio de Janeiro, FEB, 1963. pág. 162

Franco, Divaldo Pereira e Miranda, Manoel Philomeno de. Nos bastidores da obsessão. Rio de Janeiro, FEB, 1970-1992. pág. 28

Simonetti, Richard. Quem tem medo da obsessão? pág. 21 e 22

Kardec, Allan. Da obsessão. Em: - O Livro dos Médiuns, p. 280.

Pires, José Herculano. Obsessão, o passe, a doutrinação. São Paulo, Paidéia, 1997. Informações preliminares

Franco, Divaldo Pereira e Miranda, Manoel Philomeno de. Nos bastidores da obsessão. Rio de Janeiro, FEB, 1970-1992. pág. 24 e 34.

Reis, Ademar Arthur Chioro dos. Seminário sobre Desobsessão realizado em 3 de julho de 1999 em Santos no CEBAP – Centro Espírita Beneficente Ângelo Prado.

França, Marina. Obsessão: atendimento inicial. Em: Anais do V SBPE. Santos, Licespe, 1997. pág. 201

Kardec, Allan. O livro dos médiuns. São Paulo, FEESP, 1989. 2a parte, cap. 23, Da Obsessão.

Drubich, Bernardo. Terapeutica de la obsessión: bases del tratamiento. Em: Personalidad y Reencarnación: problemas existenciales de la reencarnación. Rafaela, 1996. pág. 213

Menezes, Adolfo Bezerra. A loucura sob novo prisma. Rio de Janeiro, FEB, 1963. pág. 171 e 172.

Kardec, Allan. Preces pelos obsidiados. Em: - O Evangelho Segundo o Espiritismo, p. 361.

Kardec, Allan. Os espíritos na Espanha. Em: Revista Espírita - Ano 1865. São Paulo, Edicel. trad. Júlio Abreu Filho.

Franco, Divaldo Pereira e Miranda, Manoel Philomeno de. Nos bastidores da obsessão. Rio de Janeiro, FEB, 1970-1992. pág. 110, 32, 106 e 26

Pires, José Herculano. O centro espírita. São Paulo, LAKE, 1987. pág. 7

Reis, Ademar Arthur Chioro dos. Seminário sobre Desobsessão realizado em 3 de julho de 1999 em Santos no CEBAP – Centro Espírita Beneficente Ângelo Prado.

Di Lucia, Reinaldo. Seminário sobre Desobsessão realizado em 3 de julho de 1999 em Santos no CEBAP – Centro Espírita Beneficente Ângelo Prado.

(*) Professora de Matemática, arquiteta, cursando aperfeiçoamento em Estatística, membro do Centro de Estudos Espíritas José Herculano Pires, de S. Paulo, Presidente do CPDoc-Centro de Pesquisa e Documentação Espírita, delegada da CEPA, em S. Paulo.

OBSESSÃO: ROTEIRO PARA ESTUDO DE CASO

Marina França (apresentadora) (*)
Rosângela Gomes de Souza
Diadema- SP, Brasil

RESUMO

Em geral, na literatura espírita, os casos de obsessão são relatados de formas diferentes, sem seguir um roteiro, dificultando, assim, uma análise comparativa no que diz respeito a itens fundamentais para o estudo da obsessão: conceito, diagnóstico, tratamento e desfecho. Visto que não encontramos, ainda, um modelo sistematizado que sirva de orientação para os estudos de caso, neste trabalho pretendemos elaborar um roteiro que nos permita analisar os itens fundamentais sobre o tema obsessão. A partir da revisão específica da literatura será composto um questionário semi-estruturado para:

1. Caracterização do centro espírita;

2. Caracterização do grupo de desobessão;

3. Caracterização dos participantes do grupo;

4. Roteiro do estudo de caso.

Os itens 1, 2 e 3 dar-nos-ão uma visão geral do grupo que tratou do caso de obsessão que será estudado. Compõem um primeiro questionário, que terá como principal objetivo suscitar a reflexão dos centros espíritas sobre pontos relevantes relacionados ao trabalho voltado para o tratamento da obsessão.

No item 4, objeto de um segundo questionário, serão abordadas as questões relativas ao caso específico.

Este trabalho faz parte de um contexto maior, uma pesquisa em conjunto com membros do CPDoc-Centro de Pesquisa e Documentação Espírita e com a colaboração de alguns centros espíritas para conceituar obsessão e desenvolver uma metodologia para seu diagnóstico e tratamento. O conjunto de questionários será testado durante a execução do projeto do CPDoc "Obsessão: conceituação, diagnóstico e tratamento". Posteriormente serão compostos num roteiro de estudo para casos de obsessão que poderão ser aplicados em qualquer centro espírita.

1. INTRODUÇÃO

A obsessão é colocada por Kardec no "O Livro dos Médiuns" como sendo o item de primeira linha que coloca obstáculos e perigos à prática do Espiritismo (item 237), estando o capítulo XXIII voltado mais para a questão da obsessão mediúnica. Neste capítulo, Kardec e os espíritos conceituam de forma clara o que é obsessão, relatando quais são as suas principais variedades e formas de identificá-las.

Em geral, na literatura espírita os casos de obsessão são relatados de formas diferentes, sem seguir um roteiro, dificultando, assim, uma análise comparativa no que diz respeito a

itens fundamentais para o estudo da obsessão: conceito, diagnóstico, tratamento e desfecho.

Além do citado acima há uma prática incorporada pelos centros espíritas que pode se aproximar ou se distanciar, em muito, do que é proposto na doutrina espírita.

O como as pessoas estão fazendo diagnóstico e tratamento da obsessão pode nos revelar, na prática, qual conceito está internalizado pelas pessoas sobre o que é obsessão, de que forma estão diagnosticando-a e como a estão tratando.

Na realidade, não sabemos nem mesmo se as pessoas realizam algum diagnóstico, mas, de alguma forma, elas detectam e tratam algumas pessoas consideradas obsedadas.

Desta forma, como elas realizam tal seleção de pessoas para tratamento? Quais critérios explícitos ou implícitos utilizam para diagnosticar e tratar os casos de obsessão? Ao tentar responder estas questões poderemos chegar a captar com que conceito de obsessão estão lidando.

Fazer os estudos de caso de obsessão é um caminho no sentido de levantar como está incorporado na prática o conceito de Obsessão, seu diagnóstico e tratamento. Com isto poderemos chegar a propor um modelo de referência que possibilite a comparação de vários estudos de casos.

Visto que não encontramos ainda um modelo sistematizado que sirva de orientação para os estudos de caso, neste trabalho pretendemos elaborar um roteiro que nos permita analisar os itens fundamentais sobre o tema obsessão.

O atendimento inicial que é oferecido à pessoa que pode estar passando por um processo de obsessão, é um item fundamental na proposta de estudo de caso, porque nos leva à questão de como as casas espíritas acolhem inicialmente aqueles que a procuram em situação de sofrimento.

As autoras partem do princípio de que pesquisar, neste contexto, significa voltar os olhos para o que se está fazendo, identificando os resultados práticos de cada uma das atividades do Centro Espírita.

Para tanto, é preciso coragem para rever os nossos atos. Receber as pessoas que comparecem ao Centro Espírita para minimizar seus sofrimentos precisa de técnica. Não basta boa vontade. É preciso encontrar pessoas que conheçam a Doutrina Espírita e saibam se comunicar.

Analisar como as reuniões espíritas são organizadas também constitui um outro fator importante nesta pesquisa. Kardec dedica o Capítulo XXIX de O Livro dos Médiuns às reuniões espíritas, oferecendo sugestões de como elas devem ser organizadas, de modo que todos possam se prevenir com relação à obsessão que, como foi dito no início deste trabalho, constitui umas das maiores dificuldades do Espiritismo prático.

A questão que fica é a seguinte: as reuniões mediúnicas realizadas pelos Centros Espíritas são de estudo? Se a resposta a essa pergunta for positiva, perguntamos ainda: como são feitos os registros destes estudos, para que eles não fiquem restritos ao próprio círculo? Ou ainda: os integrantes do grupo como se apropriam dos resultados destes estudos? (anotações, avaliações etc).

A intenção das autoras, portanto, é colaborar nesta pesquisa, de modo que:

1 - as próprias pessoas que procuram os Centros Espíritas participem do processo de identificação das causas dos seus sofrimentos;

2 - os próprios dirigentes revejam as práticas adotadas, de modo que não venham também a ser vítimas de espíritos obsessores que, em última análise, prejudicam o desenvolvimento da pesquisa espírita (item 340 de O Livro dos Médiuns).

Ressaltamos que os centros espíritas que participarem deste projeto serão convidados a ter um papel ativo, pois haverá muita troca de conhecimento.

A devolutiva dos dados será realizada primeiramente para os grupos pesquisados, onde os dados serão discutidos no contexto de determinado centro espírita e serão aceitas sugestões que possam colaborar nos objetivos deste estudo.

Os dados serão discutidos com o centro espírita porque entendemos que isto pode ajudar as pessoas a fazer uma avaliação do trabalho de desobsessão, podendo se tornar, inclusive, um dos instrumentos para evitar ou detectar processos obsessivos dos grupos mediúnicos (item muito ressaltado por Kardec como sendo perigoso à prática da desobsessão).

Enfim, participar deste processo de estudo e pesquisa será um ato de coragem e humildade para nós autores, e para os integrantes dos centros espíritas.

A PROPOSTA DESTE TRABALHO

O conjunto de questionários a seguir deverá ser utilizado para montar um perfil dos usuários do atendimento inicial do centro espírita e do grupo que tratou o caso de obsessão.

Atendimento Inicial

I. IDENTIFICAÇÃO DO USUÁRIO

Nome: Data nasc.: tel.:

Escolaridade: Estado civil: Profissão:

Endereço: CEP:

Bairro:

Cidade: Estado:

II. Motivo da procura (se a pessoa citar que veio ao centro espírita para minorar um sofrimento, seja ele qual for, responder também as questões do item IV até item VIII):

porque procurou o centro espírita?

O que espera do atendimento dado pelo centro espírita?

III. Conhece a doutrina espírita:

( ) sim ( ) não

Se sim, como conheceu:

( ) conheceu sozinho

( ) estudou em grupo

Quais grupos espíritas já freqüentou? De que atividades participou?

Que outros grupos religiosos já participou?

Quais livros espíritas já leu?

IV.Quando e como iniciaram os sintomas?

V. Como lida com as contrariedades na vida? (frustrações, perdas, etc)

VI. Histórico familiar.

Existe na família registro de:

1. Dependência química? ( ) sim ( ) não Especificar:_____

2. Problemas psiquiátricos? ( ) sim ( ) não Especificar:_____

3. Algum caso de suicídio? ( ) sim ( ) não Especificar:_____

4. Morte recente de algum membro próximo? ( ) sim ( ) não Especificar:_____

5. Caso de aborto? ( ) sim ( ) não Especificar:_____

VII. Relacionamento familiar:

Especificar como é o relacionamento da pessoa com:

Cônjuge

Pais

Filhos

Vizinhos

VIII. A família tem participação na vida do usuário? Como?

IX. Realiza(ou) algum tratamento médico? ( ) sim ( ) não

Diagnóstico e tempo de duração: _____

1. Tratamento neurológico: ( ) sim ( ) não Especificar:_____

2. Tratamento psicológico: ( ) sim ( ) não Especificar:_____

3. Tratamento psiquiátrico: ( ) sim ( ) não Especificar:_____

X. Realizou tratamentos alternativos? Especificar:

XI. Participa(ou) de algum grupo religioso, comunitário, etc?

XII. Cite o cotidiano, incluindo as atividades de lazer:

XIII. PLANO DE INTERVENÇÃO DOS DIRIGENTES:

Avaliação dos dirigentes:

Avaliação da equipe espiritual

Perspectiva de trabalho (incluindo a família ou não).

1. Caracterização do centro espírita

Nome do centro espírita:

Endereço completo:

Ano de fundação:

Filiações:

Número de sócios:

Número de salas (especificar para o que são utilizadas):

Atividades desenvolvidas pelo centro espírita (registrar dias e horários para cada tipo de atividade):

Estudos:

Infância:

Juventude:

Desobsessão:

Assistência espiritual:

Reuniões mediúnicas:

Atividades sociais:

Assistência social:

Eventos:

Cursos outros que não sejam estudos espíritas:

Atividades comunitárias:

Outras atividades:

2. Caracterização do grupo de desobsessão

1. Horário de funcionamento:

2. Freqüência das reuniões:

3. Número de coordenadores:

4. Número de médiuns participantes:

5. Número de espíritos assistidos por sessão:

6. Número de pessoas assistidas por sessão:

7. Número de comunicações:

8. Número de comunicações:

9. Número de comunicações:

10. Número de comunicações:

11. Quantos médiuns são envolvidos no tratamento de cada caso?

12. Como os médiuns são selecionados para participar deste trabalho?

13. Quais as mediunidades possuem?

14. Há pessoas que não são médiuns e participam da reunião? Como?

15. Há grupos voltados para o estudo da doença mental?

4. Caracterização dos participantes do grupo

Dados dos médiuns (ficha individual)

Data de nascimento: Idade:

Sexo:

Há quanto tempo está neste grupo de desobsessão?

Atividade que desenvolve no grupo de desobsessão:

Outras atividades que desenvolve/participa na casa:

Cursos realizados sobre espiritismo (especificar quais e por quanto tempo):

Outros grupos de desobsessão que já participou e por quanto tempo:

Livros ou autores que você estuda(ou) para desenvolver o trabalho de desobsessão:

Aponte quais dificuldades você encontra para realizar o trabalho no grupo de desobsessão:

Há algo de gratificante em realizar este trabalho? O quê?

5.Roteiro do estudo de caso. Data: ___/____/____

Relato resumido da situação em que chegou a pessoa:

Problemática apresentada pela pessoa ou por algum acompanhante:

Sintomas e queixas físicas relatadas e apresentadas pela pessoa:

Sintomas e queixas psicológicas relatadas e apresentadas pela pessoa:

Relato resumido da história de vida do obsedado:

Relato resumido da história familiar do obsedado:

Idade:

Profissão:

Sexo:

Nacionalidade:

Grau de escolaridade:

Naturalidade:

Como foi realizado o diagnóstico de obsessão:

Qual foi o tratamento proposto para o caso:

Como o obsedado acompanha o tratamento?

Comunicações recebidas (relatar conteúdo):

Doenças físicas e psicológicas relatadas:

Relatar tratamentos médicos, psicológicos, psiquiátricos ou outros:

Relatar o desfecho do caso (sucesso ou fracasso):

Se houve interrupção do tratamento, relatar:

1. Por quê?

2.Qual foi a atitude do centro espírita?

3. BIBLIOGRAFIA

KARDEC, Allan O livro dos médiuns. Araras, Instituto de difusão espírita, 1987. 17a edição. Tradução de Salvador Gentile da 31a edição francesa.

FRANÇA, Marina. Obsessão atendimento inicial. IN: V Simpósio Brasileiro do pensamento espírita. Cajamar, São Paulo, novembro, 1997.

(*) Assistente Social, atuando nas áreas de saúde mental, infância e juventude, coordenadora de atividades mediúnicas.

OBSESSÃO: ATENDIMENTO INICIAL

Marina França

INTRODUÇÃO

Considerando que o tratamento da obsessão tem se constituído num dos principais motivos que levam uma pessoa a procurar o Centro Espírita, visa este estudo colaborar com os seus dirigentes no seu atendimento inicial, de modo que ela venha a ter melhoria em sua qualidade de vida.

É importante frisar que este estudo não tem a pretensão de entrar nos campos difíceis do diagnóstico da obsessão e dos métodos para seu tratamento, embora parta do princípio de que o atendimento proposto dependerá de como os dirigentes tratam estas questões no Centro Espírita.

A pesquisa feita girou em tomo das obras de Allan Kardec, por ser ele o fundador do Espiritismo e um dos que possui mais relatos a respeito do assunto, com situações em que procurava verificar antes do atendimento se o era mesmo obsessional. São vários os exemplos citados na Codificação a respeito de pessoas que procuravam os tratamentos obsessionais, quando na realidade apresentavam distúrbios mentais ocasionados por idéias fixas, males imaginários ou ainda males originários do modo inadequado de viver, conforme termos da própria Codificação.

Com base nas contribuições kardequianas, este estudo identifica alguns dos cuidados a serem tomados pelo dirigente espírita nesses atendimentos e apresenta vários questionamentos sobre as práticas adotadas atualmente no movimento espírita, conforme itens abaixo relacionados:

Obsessão e centro espírita
Obsessão e mediunidade
Obsessão e auto-obsessão
Obsessão e loucura
Obsessão e suicídio
Obsessão: conceito
Obsessão: entrevista
Obsessão: cura

OBSESSÃO E CENTRO ESPÍRITA

Há muitos trabalhos desobsessivos cujos dirigentes atuam semelhantemente aos de exorcismos, sendo os obsessores tratados como demônios a serem expulsos, através de conversações centralizadas em conselhos repetitivos ou ameaças.

É importante que o dirigente espírita perceba como tem direcionado os trabalhos desobsessivos, procurando identificar o que move suas ações em cada atividade destes trabalhos

Se a reunião de desobsessão for considerada um pronto socorro de espíritos sofredores, onde funcionam as equipes de encarnados e a de desencarnados, sendo esta última a responsável pelo desenrolar do trabalho, minimizando a importância da equipe de encarnados, a participação destes acaba ocorrendo sob a forma de submissão, sendo que o espaço utilizado dificilmente oferecerá condições para o debate e a investigação.

Se a reunião de desobsessão for considerada um campo de estudo com propostas renovadas de atuação consubstanciadas na prática e na teoria, aí a equipe de encarnados passa a preponderar sobre a de desencarnados, cabendo-lhe o direcionamento dos trabalhos

desobsessivos, com uma participação ativa em suas diversas fases, almejando a busca contínua do conhecimento.

A atuação acima descrita só será possível se quem estiver comprometido com o trabalho desobsessivo, procurar continuamente associar a teoria à prática e vice-versa, não sendo mais possível aceitar a dicotomia entre as reuniões ditas de estudo e as mediúnicas, diferenciando até os participantes das mesmas, sendo os das reuniões de estudo chamados de "elitistas" ou "teóricos", e os das mediúnicas, de "trabalhadores", sem contar a ambivalência de muitos participantes que, nas reuniões de estudo têm participação ativa e quando presentes nas mediúnicas atuam submissamente.

No contexto em cuja atuação a teoria estiver associada à prática e viceversa, não cabe também a dicotomia entre as reuniões de estudo e as mediúnicas, por serem estas igualmente de estudo, sendo que a produção de materiais a partir destas reuniões podem subsidiar os grupos que atuam nas demais atividades do Centro Espírita, facilitando uma melhoria nos atendimentos às pessoas que vêm procurá-lo pelos mais diversos motivos, contribuindo também com o progresso da pesquisa espírita.

Para iniciar uma avaliação acerca do Centro Espírita na atualidade é de suma importância recorrer à obra O Livro dos Médiuns[1], consultando os capítulos X, XXIII, XXIX e XXX, onde o Codificador apresenta conceitos, reflexões e/ ou propostas acerca: 1) das possíveis características das reuniões espíritas; 2) das origens das dificuldades que podem surgir no transcorrer das reuniões espíritas; 3) dos objetivos das sociedades espíritas; 4) das formas das sociedades espíritas se organizarem; 5) de como as sociedades espíritas se relacionam. Da Revista Espírita[2], destaco o texto Escassez de Médiuns, sendo este muito útil na organização dos grupos, iniciantes ou não, que não contam com médiuns dentre os seus participantes.

No 7° Congresso Espírita Estadual promovidos pela União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo - USE, em agosto de 1986, foram apresentados trabalhos que contribuem na avaliação proposta neste trabalho acerca das estruturas dos Centros Espíritas, como:

1 - "A estrutura dos Centros Espíritas de Kardec aos nossos dias"[3] ;

2 - "Mudanças Estruturais dos Centros e Grupos Espíritas de Kardec aos nossos dias"[4];

3 - O Centro Espírita no século XX[5];

J. Herculano Pires[6] e Wilson Garcia[7] publicaram obras que tratam especificamente sobre o Centro Espírita.

Há ainda dois estudos realizados recentemente pelo Centro de Pesquisa e Documentação Espírita - CPDoc, com sede em Santos, que também muito podem contribuir com os dirigentes espíritas que estão se propondo a reavaliar os trabalhos realizados no Centro Espírita: o de Reinaldo Di Lucia[8], que apresenta "propostas e meios pelos quais a doutrina espírita pode retomar seu crescimento intelectual, a partir de discussões amplas a serem realizadas nos próprios centros espíritas e de uma melhor preparação dos recursos humanos" e o de Mauro Spínola[9], onde constam reflexões sobre o papel do Centro Espírita na sociedade, constituindo este trabalho um "livro que se destina aos dirigentes de Centros Espíritas e a todos que buscam refletir sobre o papel do Centro Espírita na sociedade".

Quanto a obsessão, relaciono no final os textos onde constam conceitos e relatos sobre obsessão e desobsessão publicados na coleção da Revista Espírita e demais obras de Allan Kardec, juntamente com os que tratam da loucura e do suicídio, por estarem estes três temas intimamente ligados nos textos relacionados, cuja quantidade e importância, principalmente por muitos ainda não terem sido devidamente explorados, pode constituir material básico para a elaboração de um Curso Sobre Obsessão no Centro Espírita visando reavaliar as suas práticas.

A relação da mediunidade com a obsessão, por exemplo, é uma prática do movimento espírita atual que merece ser confrontada com as propostas Kardequianas.

OBSESSÃO E MEDIUNIDADE

Há dirigentes espíritas que orientam pessoas aparentemente obsidiadas a desenvolverem a mediunidade, considerando inclusive este desenvolvimento como terapêutica no tratamento obsessional, atemorizando-as de que se não participarem das reuniões mediúnicas serão vítimas permanentes do processo obsessivo.

O nó inicial que se apresenta em função da prática acima é o de identificar os critérios adotados para identificar possíveis faculdades mediúnicas, independentemente das pessoas que recebem esta orientação estarem ou não obsidiadas.

Vejamos o que diz Kardec a respeito:

"Até ao presente não se conhece nenhum diagnóstico para a medi unidade: todos os que julgamos descobrir são sem valor; experimentar é o único meio de saber se a faculdade existe."[10]

Além da forma como realizam muitos dirigentes o diagnóstico mediúnico, o que estou questionando é a relação entre obsessão e desenvolvimento da mediunidade, bem como o fato da pessoa proceder esta escolha num período de sua vida em que se encontra bastante confusa.

Além dos questionamentos acima, outro que faço é o de identificar a lógica de uma pessoa aparentemente obsidiada freqüentar uma reunião onde o tempo de permanência é em tomo de duas horas, desconsiderando aspectos como disposição mental para concentração, prece e/ ou estudo, ingredientes estes que geralmente fazem parte de uma reunião mediúnica? E considerando até a possibilidade da pessoa atendida optar pelo desenvolvimento da mediunidade, caso apresente uma faculdade mediúnica bem caracterizada, por lhe ter sido apresentado como único meio de amenizar o seu sofrimento ou porque ela veio ao Centro Espírita com a idéia pré-concebida de que a sua melhora está relacionada com o desenvolvimento da mediunidade, pergunto: O que esperar do uso da mediunidade por alguém que faz esta opção num momento de desespero e que apresenta perturbações mentais, sejam elas de caráter obsessivo ou não?

É possível que nesta atitude esteja a intenção de se conseguir adeptos e creio que há dirigentes espíritas que procedem assim por acreditarem ser o melhor para a pessoa sair do sofrimento, porém esta atitude precisa ser revista, por desconsiderar a liberdade de escolher que cada qual deve desenvolver.

Não descarto também a possibilidade da pessoa obsidiada apresentar futuramente uma faculdade mediúnica bem caracterizada, nem a de existirem médiuns com faculdades mediúnicas plenamente desenvolvidas tornarem-se médiuns obsidiados, tendo em vista as causas principais abaixo citadas para atração dos maus espíritos nas comunicações mediúnicas:

"Em primeiro lugar, as imperfeições morais de toda espécie, porque o mal sempre simpatiza com o mal; em segundo lugar, a demasiada confiança com que são acolhidas as suas palavras." [11]!

Na Revista Espírita[12] é narrada história do Sr. F., moço instruído, de caráter suave e benevolente, cuja obsessão decorria do fato de um Espírito fazê-lo escrever incessante e aleatoriamente, apresentando teorias absurdas e prescrições ridículas com aparência de lógica.

Ao receber o Sr. F., Kardec reconheceu sem dificuldades a influência perniciosa em que o moço se encontrava tanto nas palavras como em certos sinais que a experiência faz reconhecer, identificando que o espírito obsessor era atraído pela confiança excessiva com que o Sr. F. acolhia as palavras dos Espíritos, sendo ele uma pessoa boa e honesta.

Para o tratamento, dada a tenacidade do Espírito obsessor, Kardec recorreu a um colega para auxiliá-lo neste difícil trabalho de persuasão. Quanto ao Sr. F., lhe foram dadas as seguintes recomendações: 1) entregar-se a um trabalho árduo, com a finalidade de que não

lhe sobrasse tempo para ouvir as más sugestões do obsessor; 2) aprender a dominar-se, sendo senhor de si mesmo, pois somente assim seria capaz de dominar os maus espíritos; 3) trabalhar o seu ponto frágil: confiança excessiva em tudo que ouvia.

No final do relato, Kardec salienta não ter sido a mediunidade a causa da obsessão, sendo ela apenas o meio do inimigo oculto ter se revelado, pois caso o Sr. F. não possuísse a mediunidade, a obsessão teria se manifestado de outra forma.

A faculdade mediúnica bem conduzida, ao constituir um meio do Espírito obsessor se manifestar, pode colaborar em diversos tratamentos obsessionais, dependendo do estudo prévio da Doutrina Espírita, por indicar ela a rota e as precauções a serem tomadas no trato com os Espíritos, tanto pelo candidato a médium quanto pelos dirigentes espíritas.

Kardec sempre ressalta que fazer espiritismo experimental sem estudo é como fazer manuseio químico sem saber química, sendo que o exercício da mediunidade nesta situação pode provocar na pessoa uma invasão de maus espíritos, alertando-nos ainda que as pessoas obsidiadas não devem desenvolver possíveis faculdades mediúnicas enquanto se apresentar o processo obsessivo, pois este desenvolvimento pode representar uma forma de abrir as portas aos espíritos obsessores e forçar o desenvolvimento de uma faculdade, por vezes inexistentes, também contribui para a piora da situação do obsidiado.[13]

Em outro texto é analisada a seguinte questão: O exercício da mediunidade pode provocar o desarranjo da saúde das faculdades mentais ou o exercício da medi unidade pode provocar em uma pessoa a invasão de maus espíritos e as suas conseqüências?[14], ressaltando a importância de ler O Livro dos Médiuns como receita de procedimentos e percebendo as questões morais que envolvem as comunicações mediúnicas.

Com o aprendizado do Espiritismo o médium e o dirigente espírita eliminarão as dificuldades decorrentes da ignorância dos princípios doutrinários e destruirão o domínio dos maus espíritos provocado por este desconhecimento, adquirindo ambos os meios de se manterem auto-vigilantes contra as sugestões desses espíritos.

Porém, na prática, o conhecimento do Espiritismo nem sempre oferece condições ao dirigente espírita de distinguir se uma pessoa em sofrimento está sendo vítima de obsessão ou se os seus sofrimentos estão ligados a graves patologias clínicas, psicológicas ou psiquiátricas. É preciso, portanto, lançar mão dos conhecimentos produzidos pelas diversas áreas da Ciência, pois assim como o entendimento do sofrimento humano não pode ser limitado a uma abordagem biológica ou psicológica, ele também não deve se limitar a uma exclusivamente espiritual.

É preciso estar atento à fragilidade humana que faz com que "...todo homem que se dedica uma especialidade escraviza a ela suas idéias... "[15] advertência esta que foi dada por Kardec com relação aos opositores do Espiritismo, valendo, portanto, o raciocínio inverso, isto é, para muitos espíritas atuais que ao se dedicarem ao estudo do Espiritismo (ou por não o conhecerem!) pretenderem que todas questões humanas sejam de sua alçada.

Conseqüentemente, um erro que pode ocorrer no atendimento às pessoas que procuram ajuda no Centro Espírita é a generalização, atribuindo tudo o que ocorre de ruim à pessoa às causas espirituais, desconhecendo quem assim procede os relatos kardequianos, onde havia a preocupação de distinguir os casos de obsessão com os de auto-obsessão ou de loucura, conforme textos citados nos próximos itens.

OBSESSÃO E AUTO-OBSESSÃO

Kardec cita que, não raro, Espíritos são responsabilizados por maldades de que eles são inocentes, sendo que muitas doenças e certas aberrações que se lançam à conta de uma causa oculta, derivam do Espírito do próprio indivíduo. "As contrariedades que de cada um concentra em si mesmo, principalmente os desgostos amorosos, dão lugar, com freqüência, a

atos excêntricos, que fora errôneo considerar-se fruto da obsessão. O homem não raramente é o obsessor de si mesmo."[16]

Um dos correspondentes de Kardec, o Sr. Demeure, cita que uma das provas que o Espiritismo deveria passar era o de distinguir as obsessões, classificando como simuladas os casos de pessoas que vão em busca do Centro Espírita para a cura de males imaginários narrando o caso de uma senhora que recebeu a orientação de "entregar-se aos cuidados da Medicina Oficial e a se afastar de toda idéia de corresponder-se com os Espíritos."[17]

É bem verdade que, exceções feitas às consultas aos guias espirituais ou à experiência, como elementos a auxiliar na identificação da obsessão, nem Kardec nem o Sr. Demeure nos fornecem maiores informes de como proceder para a realização de tal identificação.

Portanto, um desafio que se apresenta ao dirigente espírita é o de investigar como proceder esta diferenciação, visando melhorar o atendimento nos Centros Espíritas, escrevendo e divulgando os resultados desta investigação.

Um outro caso narrado na Codificação é o de uma moça que fora obrigada a se casar com um homem a quem não amava, causando-lhe uma mágoa muito grande que a levou a um distúrbio mental, tendo sido internada em função do estado deplorável em que ficou física e mentalmente.[18]

O mal daquela moça, segundo o guia espiritual consultado, provinha de uma causa moral e exclusivamente pessoal. Nem remédios nem obsessão: era a idéia fixa da moça que atraia a sua volta espíritos inferiores que a envolvia com seus fluidos e alimentava suas idéias fixas, criando assim um círculo vicioso, impedindo que os fluidos benéficos emitidos através da prece coletiva a envolvesse. A recomendação da prece como tratamento foi dada pelo guia espiritual, tendo ela apresentado resultado após um mês de tratamento.

Quanto à auto-obsessão, o estudo do conjunto das comunicações relatadas no livro O Céu e o Inferno[19] que envolveu o atendimento ao Espírito

> Julgando-nos sem dúvida com maior poder de conjurar que o padre de sua aldeia, pediu-nos um conselho. Eis a resposta que obtivemos: A mortandade ou as doenças dos animais desse homem provém dos seus currais infectados que ele não manda limpar porque isso custa."[20]

Enfim, o lavrador sofria as conseqüências de sua avareza e de seu desleixo.

OBSESSÃO E LOUCURA

Em vários de seus textos que versam sobre a loucura, Kardec afirma que ela provém de um estado patológico do cérebro, citando como causa uma predisposição orgânica que tomaria o cérebro mais ou menos acessível a certas impressões, situação em que uma pessoa preocupando-se excessivamente com uma coisa, o conteúdo desta preocupação tomar-se-ia uma idéia fixa.

Portanto, se a pessoa tiver a predisposição orgânica e o Espiritismo for a sua preocupação dominante, teremos aí o louco espírita, alertando-nos que ....deve-se afastar da prática mediúnica, por todos os meios possíveis, as que apresentam os menores sinais de excentricidade nas idéias ou de enfraquecimentos das faculdades mentais, porque são evidentemente predispostas à loucura, que qualquer motivo de superexcitação pode desenvolver"[21], devendo elas serem orientadas ainda a dirigirem suas preocupações para outras direções.

É importante ressaltar, porém, que os conceitos kardequianos sobre a loucura estão limitados aos conhecimentos da Psiquiatria da época, embora estes já estejam estreitamente ligados aos progressos das ciências sociais e da psicologia.

E aí surge outra questão de difícil solução e com pouca investigação no movimento espírita que é a de diferenciar a loucura orgânica da obsessional:

"Não confundamos a loucura patológica com a obsessão, esta não provém de lesão alguma cerebral, mas da subjugação que Espíritos malévolos exercem sobre certos indivíduos, tendo, muitas vezes, as aparências de loucura propriamente dita, sendo ainda que os casos de obsessão, possessão ou de simples perturbações por Espíritos, quando tratados como loucura, geralmente se agravam".[22]

É preciso considerar ainda que muitos adversários da propagação do Espiritismo, atribuem a este o aumentos dos casos de loucura na população em geral, e Kardec preocupava-se em responder aos que faziam esta relação como pode ser observado em resposta dada por ele ao Sr. Burlet, de Lyon que, em janeiro de 1863 havia publicado um trabalho sobre o Espiritismo, considerando-o como causa de alienação menta1.[23]

Analisando a Estatística da Loucura 24 publicada pelo Departamento de Saúde da França, ele faz questão de observar que após o advento do Espiritismo**,** contrariando os adversários deste, o número de internações nos asilos psiquiátricos havia diminuído consideravelmente.

E de suma importância constatar que Kardec tira do campo da magia e do Claire apresenta várias reflexões sobre a auto-desobsessão de um espírito desencarnado e o processo de ajuda que lhe foi dado na Sociedade Espírita de Paris, que pode auxiliar nos atendimentos a muitas pessoas que comparecem ao Centro Espírita, guardadas as devidas proporções entre a educação moral de um desencarnado com a de um encarnado, por ser a segunda mais difícil , uma vez que o encarnado encontra-se numa luta constante entre os elementos que o compõe, espírito e matéria, ficando o raciocínio embotado pelas influências motivadas por interesses materiais e! ou posição social em que se encontra, enquanto que o desencarnado, mesmo recebendo uma certa influência material, encontra-se mais livre para a conversão, conforme alerta o Espírito S. Luís em reflexões intercaladas nos atendimentos feitos à Claire.

Na primeira comunicação, Claire apresenta-se incrédula, desesperada, sentindo o "peso" do tempo como se estivesse sofrendo as penas eternas e explicando como se aproximou do médium. Na segunda, ela inicia um processo de reflexão sobre os motivos que a levaram ao sofrimento: egoísmo, inércia e preocupação excessiva com o próprio bem-estar, conseguindo destacar a diferença entre o saber e o sentir. Na terceira, exige sintonia constante do médium, querendo atenção exclusiva, mostrando-se temerosa com a possibilidade de ser abandonada. Na quarta aprofunda as reflexões sobre o seu modo de viver na última encarnação, diferenciando a moral divina e a humana. Na quinta, conclui estar mais calma e resignada à expiação das suas faltas, dizendo que o mal não estaria fora de si e que deveria ser ela mesma a se transformar em detrimento às coisas exteriores. Na sexta, finalmente, fala de alguém que não si própria, referindo-se ao sofrimento do marido, demonstrando um início de preocupação com alguém que não fosse ela própria.

O Espírito S. Luís, ao trazer suas reflexões sobre as causas dos sofrimentos, associa a solidão de Claire com o fato de não ter ela criado vínculos afetivos, dizendo até que seria um alívio a existência de um obsessor, pois teria com que se ocupar, tornando-se aí menos infeliz.

Este exemplo pode ser utilizado como parâmetro a muitos atendimentos feitos no Centro Espírita, sendo muito comum pessoas no período inicial de atendimento solicitarem atenção exclusiva, sempre tendo algo para conversar com Q dirigente tanto antes como no final da reunião e até durante a mesma, principalmente se a sua organização (ou desorganização) der chance a este tipo de interferência.

Outro exemplo que previne quanto à tendência de se atribuir aos Espíritos todas as nossas contrariedades consta em O Livro dos Médiuns, conforme abaixo:

" ...Certo dia um lavrador nos escreveu que há doze anos todas as desgraças caiam sobre os seus animais. Ora morriam as vacas ou deixavam de dar leite, ora morriam os cavalos, os carneiros ou os porcos. Fez muitas novenas que não remediaram o mal, o mesmo se dando com as missas que mandou rezar e com os exorcismos que mandou fazer. Acreditou, então, segundo as superstições do campo, que haviam feito algum mal para os seus animais,

sobrenatural tanto a obsessão como a loucura, sendo que esta última pode ser melhor verificada em uma das afirmações contidas na resposta dada pelos Espíritos à questão 474 de O Livro dos Espíritos, quando cita: "freqüentemente se tem tomado por criaturas epilépticas ou loucas, que mais necessitavam de médico do que de exorcismo." [25] E ao analisar as curas realizadas por Jesus, constatou que tanto naquela época como na da Codificação, atribuía-se à influência dos demônios todas as enfermidades cujas causas não eram conhecidas, principalmente a mudez, a epilepsia e a catalepsia.[26]

Em O Céu e o Inferno[27], por sua vez, há a transcrição da Instrução de um Espírito sobre os Idiotas e os Cretinos 2X dada na Sociedade de Paris, com análise sobre o tema que vai de encontro aos progressos feitos na área da psiquiatria até o século XIX:

"A loucura não é das leis divinas, pois resultando materialmente da ignorância, da sordidez e da miséria, pode o *homem debelá-ia. Os modernos recursos da higiene, que a Ciência hoje executa e a todos faculta, tende a destruí-la. Sendo* o *progresso a condição expressa da Humanidade, as provações tendem a modificar-se, acompanhando a evolução dos séculos. "*[29]

Ele discorre ainda sobre os tratamentos aos doentes mentais, reforçando a idéia de que o homem é responsável por sua doença e de como a propagação da Doutrina Espírita pode corroborar com a humanização do tratamento a esses doentes.

Os estudos kardequianos mostram o Espiritismo ao lado da Ciência, ao considerar: 1) que a cura da doença mental começou a sair da prática mágico religiosa somente a partir do século XV; 2) na história da humanidade sempre houve relatos de doentes mentais e a explicação sobre a existência deles nunca coube exclusivamente à medicina, havendo interferência não só da magia e da superstição, mas também de filósofos, teólogos, juristas e principalmente de políticos.

Até o século XV, segundo dados históricos os quadros patológicos implicavam numa cumplicidade com o Diabo.[30]

Na Idade Média, tudo o que ameaçava o poder da Igreja e da Religião tomava-se suspeitos de heresia, sendo que a doença mental representava o mal vindo do diabo.

No declínio da Idade Média em fogueiras espalhadas pela Europa queimavam-se os feiticeiros, os mendigos e os doentes mentais.

Para os gregos a doença seria um mal que representava punição ou vingança dos deuses. Para os hebreus implicava ela igualmente numa punição sendo que a cura caberia a Deus. Para os cristãos primitivos, a arte médica por ser obra pagã era de origem suspeita, cabendo ao Cristianismo o poder de se encarregar do homem na sua totalidade: a natureza humana saída do pecado original era a responsável pelo mal moral e físico, sendo a doença punição que poderia se transformar num instrumento de salvação ao doente que aceitasse o seu sofrimento e àquele que lhe assistisse.

E no Renascimento, que começam os primeiros estudos sobre a doença mental, com destaque para a descrição da melancolia, distinguindo aquela que vem da alma daquela que vem do corpo, sendo que esta seria curada com a medicina, enquanto que a primeira com boas palavras.

No século XVI, aponta-se pela primeira vez a influência da hereditariedade na melancolia, aparecendo também os primeiros estudos sobre a nostalgia, aneroxia, histeria e perda de memória.

No século XVII aparecem os primeiros estudos sobre o suicídio, relacionando-o com possíveis doenças mentais, não havendo ainda distinção entre as doenças do corpo com as do espírito.

O século XVIII caracterizado por exprimir a sua confiança no homem, engrandecido pelo progresso científico e pela razão, reclama uma atitude mais humana para com os doentes

mentais, sendo neste século que Filipe Pinel[31] ao propor a reforma psiquiátrica embasada num tratamento mais humano aos doentes mentais, não nega a influência das causas morais, mas não desconhece as influências do meio e as lesões orgânicas, como fatores preponderantes no diagnóstico e na cura das doenças mentais.

A medicina praticamente entra na fase científica no século XIX, onde se procura a causa da doença e um meio de combatê-la, pois até então, a cura ainda estava muito ligada a uma causa sobrenatural, motivo pelo qual o fato da Doutrina Espírita atribuir aos médicos a função de curar os epilépticos e loucos, demonstra estar ela caminhando junto com a Ciência da época no tocante às questões de saúde.

Até os dias atuais há muitos dirigentes espíritas tentando tratar a epilepsia, por exemplo, como uma doença espiritual, doença esta cujo controle teve um avanço considerável por parte da Medicina neste século.

É bem verdade que estes tipos de tratamento acabam representando alternativas àqueles que têm dificuldades de utilizar os deficitários serviços de saúde tanto na área pública como privativa, favorecendo os dirigentes espíritas esta prática ao atribuir causas espirituais a todo e qualquer mal orgânico.

É comum observar em entrevistas individuais, muitas pessoas ao serem indagadas se fazem ou fizeram algum tipo de tratamento médico, responderem que fizeram inúmeros, sendo que de nenhum obtiveram resultados satisfatórios. Porém quando indagadas que tipo de tratamento realizaram e quanto tempo durou, percebe-se pelas respostas, ou que não começaram nenhum , ou iniciaram muitos, porém como não obtiveram resultados nos primeiros dias, desistiram do tratamento.

Um dos trabalhos do dirigente espírita é levar as pessoas a perceberem que todo e qualquer tratamento, seja ele de ordem física, psíquica ou espiritual, é necessário o empenho individual, principalmente para os dois últimos, por serem eles de difícil e, muitas vezes, prolongado diagnóstico, tendo claro que há muitas doenças, de causas desconhecidas cujos tratamentos estão voltados única e exclusivamente ao controle dos sintomas, não deixando, por isso, de serem úteis na melhoria de qualidade de vida da pessoa.

Para tanto é importante que o dirigente espírita comece a se familiarizar com o assunto, estando atento às publicações de pesquisas sobre o mesmo e promovendo palestras e/ ou debates com profissionais diversos da área de saúde mental, bem como participando de eventos abertos à população em geral que visam divulgar os avanços nesta área.

Como o suicídio ocorre em 40 a 70% em pacientes psiquiátricos[32], a atenção do dirigente deve ser redobrada, dada a possibilidade de parte desta população procurar o Centro Espírita facilitando ao dirigente desenvolver um importante trabalho na área de prevenção ao suicídio, motivo pelo qual o assunto é tratado no próximo item.

OBSESSÃO E SUICÍDIO

Assim como os loucos, os suicidas também eram considerado hereges pela Inquisição na Idade Média, quando os cadáveres dos suicidas eram exumados para serem pendurados nas forcas e arrastados sobre as grades com o fim de serem expostos.[33]

Para entender a loucura, Kardec recorre à Ciência, adotando o mesmo procedimento para entender o suicídio.

Ao analisar a Estatística de Suicídios[34] ocorridos na França no período de 1836 a 1852, Allan Kardec considera a ocorrência como um mal social, definindo-o como uma verdadeira calamidade pública e diferencia os suicídios ocorridos por causas puramente fisiológicas como os efetuados em estado de embriaguez ou de loucura com aqueles que seriam originários da covardia moral, sendo que estes seriam em número bem maior, embora

reconheça a inexistência de estatísticas oficiais sobre os possíveis motivos que levariam uma pessoa ao suicídio.

A covardia moral seria conseqüência da incredulidade gerada pela simples dúvida sobre a vida futura ou da idéia falsa que se tem sobre ela.

Ele atribui ainda à publicidade dada aos suicídios um fator de encorajamento àqueles que apresentam uma predisposição suicidária, considerando inócuas as descrições detalhadas sobre as maneiras pelas quais uma pessoa se suicida, podendo estas correrem o risco de constituir incentivos para outros suicídios.

Na literatura kardequiana há vários relatos de suicídios e suas causas, ora relacionando-o com a loucura, ora com a sociedade, ora com a incredulidade sobre a vida futura ou sobre as idéias falsas que se têm sobre esta, ora com o desgosto pela vida, ora com a obsessão, podendo nestas três últimas o Espiritismo desenvolver uma ação eficaz com relação à prevenção.

Destaco duas comunicações mediúnicas que relacionam a obsessão com o suicídio: a de Antoine Be1l[35], e a de Jean Baptiste Sadoux[36], embora esta relação só tenha sido constatada após os respectivos desencarnes ..

O Sr. Antoine Bell era uma pessoa boa por natureza e trazia consigo uma vaga intuição de sua inata fraqueza e do motivo que levava aquele espírito obsessor a persegui-lo na última existência. Para resistir às sugestões do obsessor que o incitava ao suicídio eram necessários o arrependimento, a prece e a força necessária para vencer esta obsessão, segundo análise transcrita no final do relato.

Nas perguntas que fazia aos Espíritos suicidas, Kardec preocupava-se em obter esclarecimentos sobre a natureza dos seus sofrimentos e como poderiam serem ajudados, além investigar os motivos que levaram aqueles espíritos a anteciparem as suas existências terrenas.

Eram questões com dupla finalidade: a de levar o suicida a refletir sobre a situação em que se encontrava e a de servir de orientação aos encarnados, sempre evitando detalhes desnecessários e perguntas feitas por simples curiosidade

Através das respostas dadas pelos espíritos suicidas era possível perceber: 1) que os sofrimentos estavam longe de serem os mesmos para todos, dependendo eles dos motivos e das circunstâncias que os levaram a praticarem tal ato; 2) que os locais onde se encontravam dependiam da evolução individual; 3) a decepção era o único sentimento comum a todos os suicidas.

Enfim, era mais um assunto que Kardec tirava da magia e da superstição, tratando os suicidas com indulgência e benevolência, distanciando-se das Doutrinas das Penas Eternas.

O dirigente espírita deve confrontar os tratamentos que têm dados aos espíritos suicidas e às pessoas que tentam o suicídio com os realizados por Kardec, procurando entender os motivos pelos quais as pessoas pensam ou tentam tal atitude e identificar como o Centro Espírita pode colaborar no sentido de apoiar estas criaturas, procurando recorrer às pesquisas feitas a partir de outras abordagens sobre o tema e descrevendo os resultados de seus atendimentos.

Estudos recentes mostram o suicídio ou a tentativa do mesmo ligado a graves patologias psiquiátricas, outros sugerem a importância de fatores genéticos e bioquímicos, havendo ainda outros que incluem como fatores de risco as dificuldades que muitos têm em lidar com situações conflitantes da vida, como: idade, doenças físicas, mortes, relacionamentos doentios etc.

Na entrevista inicial, portanto, é importante constarem perguntas identificando se a pessoa já tentou ou pensou em suicidar, o motivo que a levou a pensar na alternativa do suicídio como solução aos seus problemas, bem como o que a levou a desistir de tal idéia.

As respostas às questões acima poderão subsidiar as diversas atividades do Centro Espírita, devendo aquelas que tenham como tema central o suicídio também contar com profissionais de outras áreas do conhecimento, levando em consideração fatores biológicos,

psicológicos, sócio-ambientais e espirituais.

Os apontamentos feitos no item anterior e nos demais levantam algumas questões que envolvem o atendimento obsessional no Centro Espírita, tendo eu a clareza de que elas foram apenas pontuadas e limitadas ao modo de como elas foram tratadas no tempo de Kardec havendo, portanto, necessidade de serem atualizados e aprofundados.

Isto posto, visando colaborar na proposta da entrevista; inicial, os passos seguintes deste estudo são: obsessão - conceito; obsessão - entrevista; obsessão - cura.

OBSESSÃO - CONCEITO

"A obsessão é a ação persistente que um mau Espírito exerce sobre um indivíduo ...sua ação malfazeja faz parte dos flagelos dos quais a humanidade é alvo neste mundo. Apresenta caracteres muito diferentes, desde uma simples influência moral, sem sinais exteriores sensíveis, até a perturbação completa do organismo e das faculdades mentais ... a obsessão é sempre resultado de uma imperfeição moral... Para preservar das doenças fortifica-se o corpo; para se garantir da obsessão é preciso fortalecer a alma; daí, para o obsidiado, a necessidade de trabalhar pela sua própria melhoria ..."[37]

"Os motivos da obsessão variam segundo o caráter do Espírito. às vezes é a prática de uma vingança contra a pessoa que o magoou na sua vida ou numa existência anterior. Freqüentemente é apenas o desejo de fazer o mal, pois como sofre, deseja fazer os outros sofrerem, sentindo uma espécie de prazer em atormentar e humilhar. A impaciência das vítimas também influi, porque ele vê atingido o seu objetivo, enquanto que a paciência acaba por cansá-lo. Ao se irritar, mostrando-se zangado, a vítima faz precisamente o que ele quer. Esses espíritos agem, às vezes, pelo ódio que lhes desperta a inveja do bem, e é por isso que lançam sua maldade sobre criaturas honestas."[38]

"Há ainda certas obsessões, sobretudo de pessoas de mérito que fazem parte das provas a que se acham submetidas. "Por vezes, mesmo, acontece que a obsessão, quando simples, seja uma tarefa imposta ao obsedado, que deve trabalhar para melhorar o obsessor, como um pai a um filho vicioso."[39]

"Existem problemas obsessivos em várias expressões, como os de um encarnado sobre outro, de um desencarnado sobre outro, de um encarnado sobre um desencarnado, e, genericamente, deste sobre aquele."[40]

"Relembrando o texto kardequiano que afirma "não raramente o homem é obsessor de si mesmo", Suely Caldas Schubert cita ainda a obsessão recíproca, definindo-a como segue: "Essa característica de reciprocidade transforma-se em verdadeira simbiose, quando dois serem passam a viver em comunhão de pensamentos e vibrações. Isto ocorre até mesmo entre os encarnados que se unem através de amor desequilibrado, mantendo um relacionamento enervante "[41].

Considerando as afirmações sobre obsessão no texto acima, constata-se:

1 - é ela uma questão de sintonia;
2 - viver na Terra faz com que todos lhe estejam sujeitos, diferenciando motivos, formas de manifestação e graus de intensidade;
3 - nem sempre é possível percebê-la;
4 - o fortalecimento da alma é uma prerrogativa para se livrar dela;
5 - a melhoria individual é prerrogativa para o fortalecimento da alma;
6 - a vingança é apenas um dos seus motivos, acompanhada da inveja, do prazer de fazer o mal, da tarefa de reabilitação do obsessor por parte do obsidiado etc.
7 - ela pode ser o resultado de encontros aleatórios entre obsessor e obsidiado, estando os motivos localizados na vida presente;

8 - o modo pelo qual o obsidiado lida com as contrariedades da vida é fator preponderante na sua persistência;

9 - a auto obsessão constitui-lhe, muitas vezes, uma porta aberta;

10 - na auto, na de encarnado para encarnado e na recíproca, os motivos geralmente estão localizados na vida presente;

11- relacionamentos mal resolvidos têm grandes probabilidades de constituir futuros processos obsessivos, além de propiciar a auto-obsessão e a obsessão recíproca no tempo presente;

12 - as imperfeições morais constituem os verdadeiros obstáculos à sua libertação;

13 - em seu processo não é possível identificar de imediato quem é o culpado e quem é a vítima.

Conclui-se:

A obsessão é, antes de tudo, uma questão de sintonia provocada pelas imperfeições morais de todos os envolvidos, pelos relacionamentos mal resolvidos e pelas dificuldades que o obsidiado apresenta em lidar com as dificuldades da vida.

Portanto:

O trabalho desobsessivo implicará no combate às imperfeições morais, na melhoria do relacionamento humano e das formas como o obsidiado lida com as contrariedades da vida

E ao dirigente espírita, a partir do motivo que levou a pessoa a procurar ajuda no Centro, terá a incumbência de levá-la a indagar-se:

1- como devo proceder a minha auto cura?

2 - o que há em mim que atrai os maus espíritos?

3 - como posso melhorar os meus relacionamentos pessoais?

4 - o que fazer para diminuir a minha irritabilidade?

O tema entrevista será tratado no próximo item, por constituir uma proposta ao dirigente de facilitar-lhe a ação citada no parágrafo acima.

OBSESSÃO: ENTREVISTA[42]

A ajuda na entrevista, dar-se-á através de uma ou mais conversação, onde o entrevistado receberá indicações que venham colaborar na percepção dos motivos que as impedem de serem felizes.

Ao ser estabelecida a relação de ajuda é importante que a entrevista seja feita em um ambiente adequado para acolhimento da pessoa e seu sofrimento, criando também uma atmosfera pautada por confiança e respeito.

Para o ambiente adequado deve ser garantido um local onde as condições externas, como barulho excessivo, não interfiram na relação de ajuda, evitando também interferências provocadas, como: batidas à porta, pessoas conversando paralelamente etc.

Após localizar o ambiente que ofereça condições mínimas para o atendimento, o dirigente focalizará a atenção para o objetivo da entrevista, identificando o motivo da procura, apresentando para si a seguinte questão:

"Qual será o melhor modo de ajudar essa pessoa na situação em que se encontra no Centro Espírita?"

A resposta à questão acima dependerá da atenção do dirigente às suas condições internas no transcorrer da entrevista, de modo que elas não venham interferir negativamente nos seus

resultados, bloquear e/ ou afetar a comunicação do entrevistado, tais como:

1 - ele está com problemas pessoais mal-resolvidos, não conseguindo desligar-se da própria situação, para concentrar-se na entrevista;

2 - as questões abordadas pelo entrevistado incomodam-no profundamente seja porque vão contra os seus princípios morais seja por coincidirem com seus próprios problemas que não consegue solucionar ou conviver;

3 - a situação apresentada é tão chocante e desesperadora do ponto de vista do entrevistador que aviva sua curiosidade, levando-o a questionar ansiosa e incisivamente, e a fazer perguntas que não tenham por objetivo a ajuda.

Portanto, o entrevistador deverá estar atento: I - a sua expressão corporal, a fim de que o entrevistado sinta a sua atenção voltada para ele, evitando movimentos e gestos que possam embaraçá-lo durante a entrevista, como folhear livros ou olhar para o relógio enquanto ele fala; 2 - à sua disposição mental, afastando pensamentos e problemas diversos, concentrando a atenção na entrevista e na situação apresentada; 3 - às suas emoções, constatando os sentimentos que o entrevistado e/ ou situações apresentadas possam despertar em si.

A entrevista, por sua vez, implicará no desenvolvimento de algumas atitudes e/ ou ações adequadas por parte do entrevistador, como:

I - OUVIR: consiste em estar voltado ao entrevistado tanto corporal, mental como emocionalmente, evitando interromper a sua verbalização indevidamente. É comum entrevistadores iniciantes estarem tão preocupados com o que irão falar em seguida que não conseguem ouvir e absorver o que está acontecendo. O ouvir adequadamente constitui um agente motivador à verbalização do entrevistado, facilitando a comunicação.

II - FALAR: após ouvir a situação relatada, a intervenção do entrevistador dar-se-á através do entendimento do motivo pelo qual a pessoa está procurando o Centro Espírita, através da análise da respostas à seguinte questão:

" - O que ela busca e espera do Centro Espírita?

Para elaboração das perguntas posteriores, recomendo a leitura do texto Perguntas Que Se Podem Fazer[43] que embora tenha como objetivo colaborar com o dirigente na interpelação aos Espíritos comunicantes em reuniões mediúnicas, o texto pode subsidiá-lo na elaboração das perguntas a serem feitas às pessoas que procuram o Centro Espírita no tocante à maneira de perguntar e à natureza das perguntas.

O entrevistador deverá elaborar questões que levem a pessoa a refletir sobre a sua situação evitando aquelas: I - que tenham por objetivo a satisfação de simples curiosidade; 2 - que estimulem detalhamentos desnecessários; 3 - que possam propiciar respostas duplas; 4 - mal formuladas, apressadas e repetitivas.

Ele deverá evitar ainda de realizar as perguntas como se estivesse fazendo um bombardeio, isto é, lançando-as rápida, incisiva, contundente e incoerentemente, a fim de não bloquear a comunicação do entrevistado, sendo que este bloqueio também pode ocorrer quando: 1 – há interrupções indevidas no falar do entrevistado, pois estas além de não demonstrar interesse pelo que ele diz, evidencia a ansiedade do entrevistador ao concluir, por exemplo, a frase do entrevistado em seu lugar; 2 - o entrevistador fala tanto ou mais que o entrevistado, intercalando discursos prontos de aconselhamento, sem antes ouvir ou independentemente do que o entrevistado tem a dizer, demonstrando com isso uma atitude de autoritarismo, ao agir como um ser superior que deve ser respeitosamente ouvido, não respeitando os sentimentos do entrevistado.

III - HUMILDADE: esta atitude oferece condições ao entrevistador de perceber que jamais será capaz de solucionar problema algum de quem quer que seja se a própria pessoa não o quiser, por deter ela a responsabilidade exclusiva pelas suas escolhas. A humildade caracteriza-

se também pela disposição do entrevistador de tomar cada entrevista uma fonte de aprendizado.

IV - FLEXIBILIDADE: representa também um aprendizado constante ao oferecer ao entrevistado alternativas criativas e liberdade de experimentar certos modos de viver, levando-os a: 1- perceberem-se como agentes da própria mudança; 2 - a escutarem a si mesmos; 3 - encontrarem paulatinamente as maneiras adequadas de expressarem o que sentem.

Constitui a flexibilidade um aprender a conviver com as diferenças, levando o entrevistador a evitar ao maniqueísmo de dividir as pessoas entre as boas e as más ou entre vítimas e algozes, por constituírem estas divisões formas sutis de preconceitos que impedem a aproximação humana.

V - PERSPICÁCIA E SENSIBILIDADE: necessárias para que o entrevistador, ao contrário dos espíritos obsessores que atuam nas fragilidades humanas, aprenda a identificar e atuar no "ponto forte" de quem está atendendo, a fim de que este eleve a sua auto-estima, adquirindo com isso precondições para o seu fortalecimento interior almejando que não seja ele derrubado pelo sofrimento

VI - ACONSELHAMENTO: o entrevistador deverá evitar uma atuação através de ameaças ou pressões, por afastarem estas muitas pessoas da relação de ajuda. No processo de aconselhamento deverá também estar atento às idéias pré-concebidas e/ ou preconceitos que venham a contaminar a relação de ajuda. Por exemplo, o dirigente que acredita que todo alcoolista é um sem-vergonha, numa entrevista com este tipo de viciado corre o risco de ser induzido a levá-lo ao descrédito, ridicularizando o seu modo de ser, crendo que assim o entrevistado passará a modificar o seu comportamento.

No aconselhamento, o entrevistador terá como meta contribuir para que a pessoa aprenda a viver uma vida saudável, adquirindo confiança em si mesma e desenvolvendo a crença em seu próprio valor. Neste processo também irá adquirindo condições de perceber o que leva o entrevistado a se sintonizar com o obsessor e como agir para a quebra da sintonia, caso esteja sendo vítima real de uma obsessão.

É como se a pessoa ao procurar o Centro Espírita estivesse com a vista embaraçada e o aclaramento de sua visão, pela mudança de direção de seu olhar constituísse a meta do dirigente.

Ou então imaginemos essa pessoa perdida numa floresta, sem uma bússola capaz de lhe indicar o caminho da saída, estando presa em armadilhas, ora armadas por ela mesma ora por companheiros de jornada, tendo aí o dirigente a meta de construir com ela um mapa das armadilhas, de modo que a pessoa se comprometa a encontrar o caminho da saída, planejando como e quando pedir socorro e estando atenta àquelas armadilhas mais comuns que faz com que fique emperrada, como:

1 - justificativas externas para a situação em que se encontra, não tomando providência alguma para escapar da armadilha;
2 - tentativas de esconder tanto de si como de outros que está presa em uma armadilha, ficando imobilizada com isso;
3 - visão da situação como sendo de responsabilidade de outras pessoas ou de forças alheias a sua vontade, principalmente as sobrenaturais.
4 - repressão do que sente, não tendo com isso condições de encontrar o caminho da saída.

No aconselhamento o dirigente deverá estar atento às armadilhas que possam surgir para si no processo de ajuda, tendo como parâmetros:

1 - o conhecimento da Doutrina Espírita, identificando como o seu entendimento poderá colaborar na melhoria de qualidade de vida da pessoa;
2 - o conhecimento das finalidades das atividades do Centro a fim de distinguir a mais indicada àquela pessoa na situação em que se encontra;

3 - a reflexão conjunta sobre os motivos que a levou a procurar o Centro, confrontando suas expectativas com o posicionamento espírita a respeito das mesmas.

A entrevista poderá representar uma ajuda efetiva à pessoa que, através das informações recebidas adequadamente, poderá identificar o campo de atuação do Espiritismo, libertando-se de crenças negativas, expectativas indevidas e idéias pré-concebidas a seu respeito, identificando o auto-conhecimento como o meio prático e eficaz para se melhorar nesta vida e resistir ao arrastamento do mal, conforme questões 919 de O Livro dos Espíritos[44], constituindo o estudo destas questões de grande utilidade no processo de alívio do sofrimento humano, seja de caráter obsessivo ou não.

OBSESSÃO: CURA

A principal arma no combate à obsessão apresentada pelo Espiritismo é o auto-conhecimento, tendo claro que tanto conhecimento da Doutrina Espírita como o auto-conhecimento, bem como toda e qualquer realização que o ser humano se propõe, exige: seriedade, perseverança, isenção de idéias pré-concebidas, enfraquecimento de preconceitos e desejo sincero de chegar a um resultado.

O auto-conhecimento torna-se também de vital importância na investigação das causas dos sofrimentos, tornando-se estes transitórios à medida que a pessoa for encontrando um sentido e uma razão para viver, podendo ele, porém, representar um processo doloroso, ao fazer com que a pessoa perceba os motivos reais de suas ações. Na questão 9l9-a do Livro dos Espíritos, por exemplo, menciona que o avarento jamais se considera como tal, afirmando ele ser econômico. Robin Norwoop em seu livro destinado às mulheres que criam seus próprios sofrimentos afirma que, muitas vezes, esforços para ajudar alguém podem ser, na verdade, tentativas de controlar o outro, afirmando que a ajuda, nestas situações representa o lado ensolarado do controle.

Vejamos o que ela diz:

"Quando fazemos por outra pessoa o *que ela pode fazer por si própria, quando planejamos* o *futuro de outras pessoas ou suas atividades diárias, quando instigamos, aconselhamos, lembramos, advertimos ou persuadimos outras pessoas que não sejam lima criança, quando não conseguimos tolerar no lugar dela as conseqüências de seus atos e tentamos mudá-los ou impedimos suas conseqüências - isso é controlar."*[45]

E a pessoa quando no exercício do controle deixa de estar em contato com os seus próprios sentimentos, sendo incapaz de tomar decisões sábias a respeito da própria vida.

Esta análise oferece condições tanto ao entrevistador com ao entrevistado de perceber quais são os motivos reais que estimulam suas ações, ao colaborar tanto no auto-conhecimento como na identificação das causas dos sofrimentos, podendo estes serem conseqüências: 1 - da personalidade inflexível da pessoa, com esquema de vida rígido ou atividades tão rotinizadas, extremamente exigente consigo própria e com os seus companheiros, sem consciência de que está sendo responsável e, ao mesmo tempo, vítima de seu próprio modo de ser; 2 - de situações específicas de crises das quais todos os seres humanos são suscetíveis: perda de emprego, vítima de violência social, separações conjugais, morte de entes queridos etc., situações estas que estão mais ligadas às dificuldades que os seres humanos têm em lidar com a perda, devendo esta a questão a ser trabalhada; 3 - fortalecimento dos preconceitos, onde todos são induzidos a viverem da mesma maneira, independentemente de crenças, sonhos e aptidões; 4 - de várias situações da vida cotidiana que podem levar ao estresse, causando vários outros sofrimentos e produzindo, principalmente, relacionamentos insatisfatórios e, conseqüentemente, infelizes; 5 - da tendência de encontrar explicações esdrúxulas para as causas dos sofrimentos, negando sua responsabilidade sobre os acontecimentos da vida; 6 - da falta de habilidade de lidar com as mágoas, ingratidões e decepções que surgem no transcorrer da vida, transformando-as em práticas obsessivas.

A mudança de estilo de vida que possa ocorrer em função do auto conhecimento constitui um compromisso com a evolução, e não com a perfeição, pois o compromisso com esta última implicaria em exigir da pessoa o que não seria possível na situação evolutiva em que se encontra.

Concluo este trabalho destacando parte do roteiro para a cura da obsessão proposto por J. Herculano Pires:[46]

"Reformule o seu conceito do si mesmo. Você não é pobrezinho abandonado no mundo. Os próprios vermes são protegidos pelas leis naturais. Por que só você não teria proteção? Tire da mente a idéia de pecado e castigo. O que chamam de pecado é o erro, e o erro pode e deve ser corrigido ...

" ...As más idéias e os maus pendores existem para você vencê-los, nunca para se entregar."

"Mude a sua maneira de encarar os semelhantes. Na essência, somos todos iguais. Se ele está irritado não entre na irritação dele ... "

"Não se considere vítima. Você pode estar sendo algoz sem perceber. Pense nisso constantemente para melhorar as suas relações com os outros. Viver é permutar. Examine o que você troca com os outros"

"Você não depende dos outros, depende de sua mente. Mantenha a mente arejada, abra suas janelas ao mundo, respire com segurança e ande com firmeza ... "

RELAÇÃO DE TEXTOS SOBRE OBSESSÃO, LOUCURA E SUICIDIO CONTIDOS NA CODIFICAÇAO

01 - KARDEC, Allan. A Loucura e suas causas. Em: -. O Livro dos Espíritos. São Paulo: FEESP, 1989, 4ª, p.42 a 44;

02 - Idem. Influência do Organismo. Em: - O Livro dos Espíritos. São Paulo: FEESP, 1989, 4ª, p. 367 a 375;

03 - Idem. Idiotismo e Loucura. Em: - O Livro dos Espíritos. São Paulo: FEESP, 1989, 4ª, p. 371 a 378;

04 - Idem. Intervenção dos espíritos no mundo corporal. Em: - O Livro dos Espíritos. São Paulo, 1989, 4ª, p. 200 a 227;

05 - Idem. Loucura, Suicídio e obsessão. Em: - O que é o Espiritismo. Segundo diálogo. Rio de Janeiro: FEB, 1983, 27ª, p. 111 a 114;

06 - Idem. Sistema de loucura. Em: - O Livro dos Médiuns. Primeira Parte. São Paulo: LAKE, 1988, 44ª, p. 51;

07 - Idem. Sistema de alucinação. Em: - O Livro dos Médiuns. Primeira Parte. São Paulo: LAKE, 1988, 4 ª, p.51 e 52;

08 - Idem. Inconvenientes e perigos da mediunidade. Em: - O Livro dos Médiuns. Segunda Parte. São Paulo: LAKE, 1988, 4ª, item 221 (q.l a 5) e item 222, p. 234 a 237;

09 - Idem. Da obsessão. Em: - O Livro dos Médiuns. Segunda Parte. São Paulo: LAKE, 1988, 4ª, p. 274 a 290;

10 - Idem. O suicídio e a loucura. Em: - O Evangelho Segundo o Espiritismo, Cap. V, itens 14 a 17. Rio de Janeiro: FEB, 1977, 70ª, p.112 a 114;

11- Idem. A melancolia. Em: - O Evangelho Segundo o Espiritismo, Cap. V, item 25. Rio de Janeiro: FEB, 1977, 70 ª, p.125;

12 - Idem. Reconciliar-se com os adversários. Em: - O Evangelho Segundo o Espiritismo, Cap. X, itens 5 e 6. Rio de Janeiro: FEB, 1977, 70ª p.l77 a 178;

13 - Idem. Os inimigos desencarnados. Em: - O Evangelho Segundo o Espiritismo, Capo XII, itens 5 e 6. Rio de Janeiro: FEB, 1977, 70ª, p. 206 a 208;

14 - Idem. Prece para afastar os maus espíritos. Em: - O Evangelho Segundo o Espiritismo, Capo XXVIII, item 16. Rio de Janeiro: FEB, 1977, 70ª, p. 418;

15 - Idem. Prece para pedir a força de resistir a uma tentação. Em: - O Evangelho Segundo o Espiritismo,

Cap. XXVIII, item 20. Rio de Janeiro: FEB, 1977, 70ª, p. 420;

16 - Idem. Prece por um suicida. Em: - O Evangelho Segundo o Espiritismo, Capo XXVIII, item 71. Rio de Janeiro: FEB, 1977, 70ª, p.445;

17 - Idem. Prece pelos espíritos endurecidos. Em: - O Evangelho Segundo o Espiritismo, Capo XXVIII, item 75. Rio de Janeiro: FEB, 1977, 70 ª, p.447;

18 - Idem. Preces pelos doentes e pelos obsidiados. Em: - O Evangelho Segundo o Espiritismo, Cap. XXVIII, itens 77 e 81. Rio de Janeiro: FEB, 1977, 70ª, p. 450 e 451;

19 - Idem. A carne é fraca. Em: O Céu e o Inferno, Primeira Parte, Capo VII. Rio de Janeiro: FEB, 1984, 32ª, p.86 a 89;

20 - Idem. Espíritos suicidas. Em: O Céu e o Inferno, Segunda Parte, Capo Rio de Janeiro: FEB, 1984, 32ª, p. 295 a 327;

21 - Idem. Instrução de um espírito sobre os idiotas e os cretinos dada na Sociedade de Paris. Em - O Céu e o Inferno, Segunda Parte, Capo VIII. Rio de Janeiro: FEB, 1984, 32", p. 408 a 410;

22 - Idem. Obsessões e possessões. Em: - A Gênese, Capo Xv. Rio de Janeiro: FEB, 1992, 35ª, p. 304 a 308;

23 - Idem. Possessos. Em: A Gênese, Capo Xv. Rio de Janeiro: FEB, 1992, 35", p. 327 a 331;

24 - Idem. Da obsessão e da possessão. Em: - Obras Póstumas, Primeira Parte Manifestação dos espíritos, par. 7°. Rio de Janeiro: FEB, 1969, 24ª, p. 67 a 74;

25 - Idem. Obsedados e subjugados. Em: - Revista Espírita, out 1858, p.275 a287;

26 - Idem. Teoria móvel de nossas ações. Em: - Revista Espírita, out 1858, 292 a 294;

27 - Idem. Problemas morais: sobre o suicídio. Em: - Revista Espírita, nov 1858, p. 314 a 315;

28 - Idem. Processos para afastar os maus espíritos. Em: - Revista Espírita, set 1859, p. 251 a 260;

29 - Idem. Uma semente de loucura. Em:- Revista Espírita, jun 1860, p.191 a193;

30 - Idem. História de um danado. Em: - Revista Espírita, fev 1860, p. 52 a 53 (transcrição de um processo desobsessivo);

31- Idem. O espírito batedor de Aube. Em: - Revista Espírita, jan 1861, p. 24 a 30 (processo desobsessivo à distância e intervenção familiar);

32-Idem. O espírito de um idiota. Em: - Revista Espírita,jun 1860, p.181 a183; 33 - Idem. Epidemia demoníaca na Sabóia. Em: - Revista Espírita, abr 1862, p.107 a III (distinção da loucura patológica da obsessiona1);

34 - Idem. A noiva traída. Em: - Revista Espírita, ma 1860, p. 160.e 161; 35 - Idem. Educação de um espírito. Em: - Revista Espírita, dez 1860, p. 396 a 400;

36 - Idem. Estatística de suicídios. Em- Revista Espírita, jul1862, p.196 a 202; 37 - Idem. Estudos sobre os possessos de Morzine - causas da obsessão e meios de combate - art. I. Em: - Revista Espírita, dez 1862, p. 355 a 365; 38 - Idem. Idem - art. 11. Em: - Revista Espírita, jan 1863, p. 1 a 8;

39 - Idem. Idem - art. m. Em: - Revista Espírita, fev 1863, p. 33 a 40;

40 - Idem. Idem. - art. IV Em: - Revista Espírita, ab 1863, p. 99 a 110;

41- Idem. Idem - art. V Em: - Revista Espírita, maio 1863, p. 131 a 140;

42 - Idem. A loucura espírita. Em: - Revista Espírita, fev 1863, p. 50 a 57;

43 - Idem. Ação material dos espíritos sobre o organismo. Em: - Revista Espírita, ag 1863, p. 242 a 244;

44 - Idem. Um caso de possessão - Senhora Julia. Em: Revista Espírita, dez 1863, p. 373 a 377;

45 - Idem. A loucura espírita. Em: - Revista Espírita, fev 1863, p. 50 a 57;

46 - Idem. Um caso de possessão - Senhora Júlia - 2° art. - p. 11 a 17;

47 - Idem. Palestras de além túmu10: Fredegunda. Em: - Revista Espírita, jan 1864, p.17 a 20;

48 - Idem. Variedades: curas de uma obsessão. Em: - Revista Espírita, fev 1864, p. 45 a 46;

49 - Idem. Variedades: a jovem obsedada de Marmande (cont.). Em: Revista Espírita, jun 1864, p. 168 a 172;

50 - Idem. Novos detalhes sobre os possessos de Morzine. Em: - Revista Espírita, ag 1864, p. 225 a 231;

51 - Idem. Nova cura de uma jovem obsedada de Marmande. Em: - Revista Espírita, jan 1865, p. 4 a 19;

52 - Idem. Manifestações diversas - curas: carta do Sr. Delanne. Em: Revista Espírita, ma 1865, p. 138 a 142;

53 - Idem. Variedades: o fumo e a loucura. Em: - Revista Espírita, ma 1865, p.142 a 144;

54 - Idem. Os espíritos na Espanha: cura de uma obsedada em Barcelona. Em: -Revista Espírita,jun 1865, p.167 a174;

55 - Idem. Curas de obsessões. Em: - Revista Espírita, fev 1866, p. 38 a 42;

56 - Idem. Estatística da loucura. Em: - Revista Espírita. jul1866, p. 204 a 211:

57 - Idem. Grupo curador de Marmande: intervenção dos parentes nas curas. Em: - Revista Espírita, jun 1867, p.l78 a 181;

58 - Idem. Extraído dos manuscritos de um jovem médium bretão - alucinados. Em: - Revista Espírita, fev 1868, p. 33 a 36:

59 - Idem. Suicídio por obsessão. Em: - Revista Espírita. jan 1869, p. 27 a 28;

60 - Idem. Obsessões simuladas. Em: - Revista Espírita.. jan 1869, p. 31 a 32;

61 - Idem. Um caso de loucura causado pelo medo do diabo. Em: - Revista Espírita, fev 1869, p. 43 a 45.

BIBLIOGRAFIA

ALFRED, Benjamim. Entrevista de ajuda. 5ª *ed.* São Paulo. Ed. Martins Fontes, 1988

CARVALHO, Antonio Cesar Perri de. Mudanças estruturais dos centros e grupos espíritas de KARDEC aos nossos dias. Em: - CONGRESSO ESPÍRITA ESTADUAL DA USE, Águas de São Pedro. SP. 22-24 ago 1986

FÁVARO, Éder e outros. A estrutura dos centros espíritas de KARDEC aos nossos dias. Em: - idem

GARCIA, Wilson. O centro espírita. 2ª ed. São Paulo, Ed. USE, 1990 KARDEC, Allan. A gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo. 35ª ed. Riode Janeiro, Ed. FEB, 1992

Idem. Obras póstumas. 24' ed. Rio de Janeiro, Ed. FEB 1969

Idem. O evangelho segundo o espiritismo. 7ª ed. Rio de Janeiro, Ed. FEB, 1977 Idem. O livro dos espíritos. 4' ed. São Paulo, Ed. FEESP, 1989

Idem. O livro dos médiuns. 4ª ed. São Paulo, Ed. LAKE, 1988

Idem. O que é espiritismo. 27ª ed. Rio de Janeiro, Ed. FEB, 1983

Idem. Revista Espírita. São Paulo, Ed. EDICEL, anos 1858, 1859, 1861, 1862, 1863, 1866, 1869

LUCIA, Reina1do di. O processo de mudanças do espiritismo. Texto apostilado - CPDoc, Santos, mar 1997-09-29

MIRANDA, Manoel Philomeno de. Sementes da vida eterna, psicografia de Divaldo Pereira Franco

NORWOOP, Robin. Mulheres que amam demais. São Paulo, Ed. Martins Fontes PELICIER, Ives. História da psiquiatria, Coleção Saber, Publicação Europa America, 1971

PIRES, J. Herculano. Obsessão o passe a doutrinação. 3' ed. São Paulo, Ed. Paidéia, 1985

Idem. O centro espírita. ed. São Paulo. Ed. Paidéia, 1980

REGIS, Jaci. O centro espírita no século XX. Em:- CONGRESSO ESPÍRITA ESTADUAL DA USE, 7. Águas de São Pedro, SP, 22-24 ago 1986 RUSHEL Sandra Inês e outros. Marcadores biológicos do suicídio. Em:Informações Psiquiátricas, v. 15, n° 2

SCHUBERT, Suely Caldas. Obsessão e desobsessão. 2ª ed. Rio de Janei**ro,** Ed. FEB, 1981

SPÍNOLA, Mauro Mesquita de. Centro espírita: uma revisão estrutural. lª ed; Santos, CPDoc, 1997.

NOTAS

1 Allan KARDEC. O Livro dos Médiuns

2 Idem. Revista Espírita, v. 4, ano 1861, p. 47 a 51

3 Eder FÁ V ARO e outros. Em: Congresso Espírita Estadual, 7

4 Antonio Cesar Perri de CARVALHO. Em: Congresso Espírita Estadual, 7 5 Jaci REGIS. Em: Congresso Espírita Estadual, 7

6 J. Herculano PIRES. O Centro Espírita

7 Wilson GARCIA. O Centro Espírita

8 Reinaldo di LUCIA. O processo de mudanças do Espiritismo. Texto apostilado

9 Mauro de Mesquita SPÍNOLA. Centro espírita: uma revisão estrutural.

10 Allan KARDEC. Meios de comunicação. Em: O que é o espiritismo. Segundo diálogo p.96

11 Allan KARDEC. Processos para afastar maus espíritos. Em: Revista Espírita,v. 2, ano1859, p. 253;

12 Idem. Obsedados e subjugados. Em: Revista Espírita, v.l, ano 1858, p. 275 a 287

13 Idem .. Estudos sobre os possessos de Morzine - Causas da obsessão e meios de combatê-la - art. II. Em: Revista Espírita, v. 6, ano 1863, p. 6

14 Idem. Estudos sobre os possessos de Morzine - causas da obsessão e meios de combatê-Ia - art. lI. Em: - Revista Espírita, v. 6. ano 1863, p. 8

15 Allan KARDEC. A ciência e o espiritismo. Em: O Livro dos Espíritos, Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita, p. 30 a 32

16 Idem. Da obsessão e da possessão. Em: Obras Póstumas, p.72

17 Idem. Obsessões simuladas. Em: - Revista Espírita, v. 12, ano 1869, p. 31. 1S Idem. Estudos sobre os possessos de Morzine - Causas da obsessão e meios de combate - II artigo. Em: Revista Espírita, v. 6, ano 1863, p. 5 e 6

19 Allan KARDEC. Espíritos sofredores - Claire. Em: O Céu e o Inferno, p. 285 a327

20 Idem. Da obsessão. Em: - O Livro dos Médiuns, p. 287

21 Allan KARDEC. Inconvenientes e perigos da mediunidade. Em: O Livro dos Médiuns, p. 237

22 Idem. Loucura, suicídio e obsessão. Em: - O que é espiritismo, p. 111

23 Idem. A loucura espírita. Em: Revista Espírita, v. 6, ano 1863, p.50

24 Idem. Estatística da loucura. Em: Revista Espírita, v. 9, ano 1866, p:204

25 Idem. Possessos. Em: O Livro dos Espíritos, p.204

26 Idem. Possessos. Em: A Gênese, capo XIV, p.327 a 331

27 A11an KARDEC. Instrução de um Espírito sobre os idiotas e os cretinos. Em: - O Céu e o Inferno, p. 408 a 410

28 nomenclatura da época pela psiquiatria aos portadores de doenças e de deficiências mentais

29 Allan KARDEC Expiações terrestres. Em: - O Céu e o Inferno, p. 408 a 411

30 Os dados históricos contidos neste texto foram extraídos do livro História da Psiquiatria, de Ives Pelicier, tradução de Ramiro da Fonseca

31 Filipe Pinel (1745 -1826) em 1793 recebe os serviços de alienados de Bicêtre, sendo este um depósito de doentes mentais amontoados em condições miseráveis, com os doentes mais agitados em corrente. Inicia o seu trabalho retirando as cadeias da maior parte dos doentes e esforçando-se por suprimir o regime de cárcere. Procura classificar os doentes mentais com a maior precisão possível, considerando que a doença pode se alterar no decurso da vida.

32 Sandra Inês RUSHEL e outros. Marcadores Biológicos do Suicídio. Em: - Informações Psiquiátricas, v. 15, n° 2, p. 62.

33 Ives PELICIER. A maré alta das heresias. Em: - História da Psiquiatria, p. 37

34 AIlan KARDEC. Estatística de suicídios. Em: - Revista Espírita, v. 5, ano 1862, p. 197

35 Idem. Espíritos suicidas - Antoine Bell. Em: - O Céu e o Inferno, p. 323 a 327

36 Idem. Suicídio por obsessão. Em: -RevistaEspírita, v. 12, ano 1869, p. 37 a38

37 Allan KARDEC. Preces pelos obsidiados. Em: - O Evangelho Segundo o Espiritismo, p.361

38 Idem. Da obsessão. Em: - O Livro dos Médiuns, p. 280

39 Idem. Estudos sobre os possessos de Morzine. Em: - Revista Espírita, v. 5.ano 1862, p.365

40 Manoel Philomeno MIRANDA. Sementes da Vida Eterna, psicografia de Divaldo Pereira Franco, cap.30

41 Suely Caldas SCHUBERT. Obsessão recíproca. Em: - Obsessão e desobsessão, p.38

42 a elaboração deste texto foi feita a partir de consulta ao Livro Entrevista * Ajuda, de Benjamin Alfred.

43 Allan KARDEC. Perguntas que se podem fazer. Em: - O Livro dos médiuns, p. 338 a 341

44 Allan KARDEC. Conhecimento de si mesmo. Em: - O Livro dos Espíritos p.339

45 Robin NORWOOP. Em: - Mulheres que amam demais.

46 as citações deste final de texto foram extraídas do livro Obsessão o passe a doutrinação

PASSES: DISCUSSÃO E PROPOSTAS

1- INTRODUÇÃO:

É possível afirmar, sem medo de erros, que o passe é, juntamente com as reuniões de desobsessão, a prática efetuada mais freqüentemente nos centros espíritas. Com efeito, é muito comum ouvir dizer a qualquer pessoa nervosa ou com os mais variados problemas que ela precisa " tomar um passe " .

Esta prática, apesar de não ser tipicamente espírita, foi introduzida na doutrina através do próprio Kardec, que, admirador e estudioso do magnetismo, conhecia-a de longa data. Entretanto, em tese, ela adapta-se plenamente aos princípios básicos do espiritismo, já que se trata de uma transmissão de energias.

Dentro do movimento espírita atual, os passes são utilizados com os mais diferentes objetivos: acalmar pessoas irritadiças, principalmente crianças, auxiliar em processos de desobsessão, e principalmente como prática terapêutica, visando a cura dos mais variados tipos de doenças físicas ou psicológicas.

O que se observa, no entanto, no movimento espírita brasileiro, é que a prática do passe foi transformada num ritual religioso, onde a coreografia e a crendice são mais importantes que a técnica. Além disso, incorporou-se ao movimento, e notadamente ao passe, termos e conceitos oriundos de filosofias estranhas a ele, principalmente de origem oriental, como é o caso de CHACRAS e KARMA.

Paralelamente a isto, deve-se anotar que a ciência teve uma evolução muito rápida nos últimos dois séculos, tendo atualizado sua terminologia e aprofundado seus conceitos, tanto na área da biologia (entendida aqui como o estudo da vida) quanto na da física (em seu aspecto energético). Infelizmente, o movimento espírita, na condição de sucessor das teses do magnetismo, não foi capaz de absorver e desenvolver estas novas idéias, permanecendo parado na história e à margem do conhecimento científico atual.

Isto posto, consideramos como objetivo deste trabalho aprofundar a discussão a respeito do passe, analisando não só as práticas observadas em nossos centros espíritas como também aquilo que tem sido publicado a respeito, seja através de autores encarnados ou desencarnados, e, em conclusão, propor um mecanismo para sua emissão e absorção, baseado no avanço do conhecimento científico atual.

Por outro lado, não devemos nos esquecer da metodologia proposta por Kardec para a codificação do espiritismo, qual seja, o questionamento dos espíritos através de médiuns, com a comparação das respostas obtidas de diferentes espíritos por diferentes médiuns. O Grupo de Pesquisas Científicas Ernesto Bozzano, de Santos, São Paulo, iniciou um projeto de pesquisa usando uma adaptação desta metodologia para o tema em epígrafe, cujo piloto é apresentado no decorrer da presente monografia.

2- GOLPE DE VISTA HISTÓRICO:

Os passes são derivações diretas das práticas terapêuticas oriundas de diversas formas do magnetismo, sendo então impossível estudar sua história desvinculando-a da própria história do magnetismo.

Historicamente, observamos já no Egito a existência dos " Templos do Sono ", cujo objetivo era obter a cura de diversas doenças através dos sonhos. Em praticamente todas as civilizações orientais já foi relatado algum tipo de terapêutica baseada em toques, imposição das mãos e ímãs, notadamente na Índia, Pérsia, Assíria, China e Judéia. Na Grécia, tem-se relatos de curas obtidas nos " Templos de Esculápio ", as quais baseavam-se em sugestão através de rituais extremamente complicados, aliados à prática de higiene e a rigorosas dietas. Nem é preciso dizer dos fenômenos magnético-curadores realizados por Jesus, através da imposição de mãos, com ênfase na vontade e no merecimento do paciente.

É, entretanto, no século XV que se encontram as primeiras referências a uma transmissão de energias. Nesse século, um professor de Florença, Ficini, postulava que "os indivíduos exercem ações uns sobre os outros através de fluidos que passam pelos olhos, sob o domínio da vontade."[1] . No mesmo século, outro italiano, Pomponage, imaginou que "espíritos animais" podiam escapar dos olhos e de outras partes do corpo para exercerem à distância uma "ação da alma".

No século seguinte, o suíço Philipus Theofrastus Bombastus von Hohenheim, célebre alquimista conhecido com o nome de Paracelso, chamou de magnetismo à comunicação, de um indivíduo a outro, de um fluido que faz parte do fluido universal. Mais tarde, um médico escocês, W. Maxwell, definiria o agente magnético como " o misterioso princípio de vida que unifica o corpo e a alma e que se pode comunicar de um indivíduo a outro. " [2]. Em seu *Traité de Medecine magnétique*, recomendava o máximo cuidado com estas práticas, a seu ver perigosas, devido "às facilidades em satisfazer a luxúria".

Entretanto, o mais afamado magnetista, e também seu principal divulgador, foi o austríaco Franz-Anton Mesmer. Já em sua tese de doutorado, expôs as influências dos astros sobre os indivíduos, exercidas através de um fluido sutil. Em 1775, publica em Viena uma Carta Explicativa, na qual aplica o princípio Newtoniano da atração universal à idéia do *fluido universal*, teorizando que este exerce sobre o corpo efeitos análogos ao do ímã, devido à presença, nos nervos, de um fluido eletromagnético, ao qual ele denominou "magnetismo animal". Ele considerava que era possível curar as doenças atuando sobre este estranho fluido.

Em 1779, após estudos profundos e variados, Mesmer publica *Mémoire sur le magnétisme animal*, onde postulava a não necessidade do ímã, mas apenas dos PASSES MAGNÉTICOS. Em 1780 vai para Paris, onde abre um consultório, baseado em práticas não destituídas de um certo charlatanismo, porém com uma freqüência altíssima: chegava a atender aproximadamente 300 pacientes por dia, em grupos de 30. Tais práticas, completamente não-ortodoxas, provocaram fortes protestos da Igreja Católica, o que levou o rei Luís XVI a pedir a Lavoisier que constituísse uma comissão de inquérito, visando estudar o processo.

Esta comissão verificou que muitos doentes podiam curar-se após tocar uma barra de ferro que eles julgavam magnetizada (mas que não estava). Alguns sábios concluíram então pela

---

[1] Lantier, Jacques, "O Espiritismo", Coleção Esfinge nº 36, Ed. Edições 70, pg. 29.

[2] Lantier, Jacques, *opus citatus*, pg. 29.

inexistência do fenômeno, postulando a cura através da sugestão: foram chamados de "animistas". Entretanto, um membro da comissão, o botânico Jussieu, demostrou a existência da cura sem sugestão, concluindo assim pela existência do fluido; seus partidários passaram a chamar-se "fluidistas", e esta divisão de idéias permanece até os nossos dias.

Em 1774, um discípulo de Mesmer, o Marquês de Puységur, magnetizando um camponês por natureza reservado e taciturno, observa-o cair num sono desconhecido, manifestando-se uma segunda personalidade, alegre e inteligente, que dava mostras de possuir uma espécie de vidência. Estava descoberto o *sonambulismo experimental* , e uma conexão entre o magnetismo e o que viria a chamar-se hipnotismo e percepção extra-sensorial.

Em finais do século XVIII, seguidores de Puységur fundam em Paris os primeiros "Círculos Magnéticos", os quais, após o fenômeno das mesas girantes, transformar-se-iam em círculos espíritas. Em 1830, um médico alemão, o Dr. Justinus Kerner, publicou um livro, " La Voyante de Prevorst ", no qual relatava os estudos que fizera com uma sonâmbula, Frédérique Hauffe, a qual, em transe hipnótico, possuía faculdades extraordinárias, como, por exemplo, percepção extra-sensorial, visão de espíritos, predições, etc. Este foi, provavelmente, o primeiro caso de um médium identificado e estudado com afinco.

Contudo, mesmo com todos estes fenômenos, o magnetismo entra em declínio no último quarto do século XIX, com o avanço das ciências biológicas (descobertas de Pasteur e Freud) e físicas (fim do éter e mudança no conceito de fluido). Ainda assim, muitas de suas práticas foram incorporadas aos movimentos que o seguiram, dentre eles o espiritismo: " O passe, a câmara de passe, a música magnetizante no ambiente, a água fluídica, a divisão da assistência em lugares distintos por sexo, a incorporação de temas como o sonambulismo, êxtase, dupla vista, letargia e catalepsia, etc. e, principalmente, a incorporação da mentalidade assistencial-curativa na prática espírita (...) corroboram esta afirmação." [3]

3- TEORIAS SOBRE O PASSE:

Desde sua incorporação pelo espiritismo, muitos autores espíritas, sejam eles encarnados ou desencarnados, têm expressado opiniões a respeito do passe e de como é o seu mecanismo de atuação. Todavia, este tema tem sido sistematicamente ignorado por quaisquer contraditores, a despeito das pesquisas que já foram realizadas neste campo. Procuraremos analisar neste capítulo as principais teorias elaboradas, em confronto com os princípios aceitos por Kardec.

3.1- AUTORES NÃO ESPÍRITAS:

Poucos são os autores não espíritas que se propuseram a falar de passe. Dentre eles, a quase totalidade pertence a alguma escola filosófica ou religiosa mística ou ocultista, e normalmente utilizam-se de uma mistura de idéias, ocidentais e orientais, cristãs ou não, fazendo uma mescla das mais variadas superstições. Citaremos um exemplo:

" Todo passe magnético comporta quatro tempos:

1º) Fechar as mãos sem crispação.

2º) Levá-las ao ponto de partida do trajeto do passe.

---

[3] Chioro dos Reis, Ademar Arthur, "Magnetismo, Vitalismo e o Pensamento de Kardec", monografia, 1992, pg. 26.

3º) Abri-las com um gesto de projeção procedente de um movimento maleável dos polegares.

4º) Efetuar o passe propriamente dito, ou seja, descrever, com a ponta dos dedos, a alguns centímetros da pele, uma linha definida.

Volta-se depois ao primeiro tempo: fecha-se novamente as mãos e recoloca-se no nível de onde partirá o passe seguinte.

Estes gestos devem ser executados com agilidade, sem a menor rigidez. Deve-se, por outro lado, dar aos dedos estendidos uma direção mais ou menos perpendicular (e não paralela ou tangencial) à superfície magnetizada.

Os passes lentos (trinta segundos, pelo menos, da cabeça ao epigástrio) saturam, sobrecarregam, excitam, entorpecem. É bom não afastar mais de dois centímetros da superfície do corpo.

Os passes rápidos (5 segundos no máximo para o mesmo percurso) soltam, dispersam, acalmam, e despertam. Executados da cabeça aos pés, sem descontinuidade, são chamados "passes de grandes correntes". Sua ação opera uma regularização do conjunto.

Para soltar (para despertar, especialmente) empregam-se os passes transversais, ou seja, executados do meio do corpo para os lados. (...)

O toque (ou seja, os passes com contato) é um procedimento secundário. seus efeitos são análogos aos dos passes sem contato. " [4]

Pode-se observar claramente os elementos básicos acima descritos. É proposta uma metodologia de aplicação dos passes claramente mística, sem qualquer embasamento científico que justifique os rituais e formalismos demonstrados. Não há dúvida que tais ritos apresentam-se ao paciente, principalmente àqueles que o buscam na condição de última esperança, como uma prática flagrantemente científica, o que facilita a cura através da sugestão. Entretanto, do ponto de vista dos mecanismos, nada há que os justifique.

Outros autores utilizam-se de um ponto de vista aparentemente científico para demonstrar estas idéias, procurando empregar termos e conceitos da física para uma explicação desses mecanismos:

"No fenômeno da magnetização da água, os nêutrons lentos emitidos pelo corpo encontram os prótons do núcleo do hidrogênio da água e lhes comunicam uma parte de sua força viva. Há um choque elástico.

As experiências de Muller com aparelhos elétricos muito sensíveis permitiram uma verificação experimental desse fato cada vez que foi tentada. (...)

No caso do magnetismo animal curativo, trata-se de um fenômeno complexo, no qual intervém uma proporção variável de vontade. Junte-se isso a um fenômeno natural, ao qual atribuímos importância considerável, mas que, por assim dizer, não sabemos aproveitar: a irradiação cósmica." [5]

---

[4] Jagot, Paul-Clément, "Iniciação à arte de curar pelo magnetismo humano", Ed. Pensamento, pg. 21,22.

[5] Guéret, André e Oudinot, Pierre, "O Homem e os Imponderáveis", ed. Pensamento, pg. 110

É interessante anotar também as definições, mais imparciais, dos dicionários e enciclopédias:

"Passe - Ato de passar as mãos repetidamente ante os olhos de uma pessoa para magnetizá-la, ou sobre uma parte doente de uma pessoa para curá-la." [6]

"Passe: ato de passar as mãos repetidas vezes por diante ou por cima de pessoa que se pretende curar pela força mediúnica." [7]

3.2- AUTORES ESPÍRITAS ENCARNADOS:

Dentre os autores encarnados, raros são os que procuraram contribuir para o crescimento das teorias a respeito do passe. A maioria deles resume-se em ser um mero repetidor das idéias já relacionadas por outros autores, principalmente os desencarnados, não se preocupando sequer em reelaborá-las; ou então, há um forte componente de ritualismo e misticismo. De modo sintomático, as linhas que se escreveram sobre o tema são originadas de capítulos que tratam de mediunidade curadora. Abaixo citamos alguns textos de autores encarnados:

" O passe é uma transfusão de fluidos do médium curador ou passista para o doente, ação essa que pode ser exercida também com fluidos dos espíritos e da própria natureza ou meio ambiente.

O passe classifica-se em: LONGITUDINAL, ROTATÓRIO, TRANSVERSAL, PERPENDICULAR e de SOPRO.

O sopro curador é uma modalidade do passe não muito divulgada entre os espíritas. Entretanto, ele é muito empregado pelo magnetismo na prática vulgar, por quase todos os que necessitam socorrer os doentes em angústia. " [8]

"Mas, mesmo quando equilibrados, em alguns centros, ainda há certos trabalhos em que o médium é colocado a dar passes por si só, sem a intervenção dos espíritos, atuando com seu próprio magnetismo.

Trata-se dos *passes magnéticos*, uma prática desaconselhável (...)" [9]

"Quanto à origem dos fluidos administrados durante o tratamento espiritual, podemos dividir os passes em dois grupos:

1) Passes materiais (magnéticos): São os aplicados pelos operadores encarnados, que a isso se dedicam, mesmo não sendo médiuns. Consistem na transmissão, pelas mãos ou pelo sopro, de fluido animal do corpo físico do operador para o doente. (...)

2) Passes espirituais: São os realizados pelos espíritos desencarnados, através dos médiuns, ou diretamente sobre o perispírito dos enfermos; o que se transfere aos necessitados não são mais fluidos animais de encarnados, mas outros, mais finos e mais puros do próprio espírito operante (...)

---

[6] Buarque de Holanda Ferreira, Aurélio, " Novo Dicionário da Língua Portuguesa", Ed. Nova Fronteira.

[7] Enciclopédia Mirador Internacional, vol. II, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, pg. 1289

[8] Toledo, Wenefledo de, "Passes e curas espirituais", Ed. Pensamento, Lição Décima.

[9] Curti, Rino, "O passe (imposição de mãos)", Ed. Lake, 3ª edição, pg. 89.

Para todos os efeitos, fica estabelecido que os passes magnéticos se referem às curas materiais e os espirituais às perturbações de origem ou fundo espiritual. " [10]

"O passe é uma transfusão de energias psíquicas e espirituais; isto é, a passagem de um para outro indivíduo de uma certa quantidade de energias fluídicas vitais (psíquicas) ou espirituais propriamente ditas." [11]

3.3) AUTORES ESPÍRITAS DESENCARNADOS:

Muitos autores desencarnados, através de obras mediúnicas, já fizeram referência à aplicação de passes, mas poucos procuraram falar algo sobre sua mecânica. Dentre estes últimos, destacam-se principalmente André Luiz e Emmanuel, que, através de Chico Xavier, procuraram, em suas obras, escrever sobre este tema do ponto de vista dos desencarnados. Citaremos aqui apenas alguns textos de André Luiz, já que, em linhas gerais, não difere muito da opinião de Emmanuel.

" Tendo mencionado o fenômeno hipnótico em diversas passagens de nossas anotações, a ele recorreremos, ainda uma vez, para definir o medianeiro do passe magnético por autêntico representante do magnetizador espiritual, à frente do enfermo.

Estabelecendo o clima de confiança, qual acontece entre o doente e o médico preferido, cria-se a ligação sutil entre o necessitado e o socorrista, e, por semelhante elo de forças, ainda imponderáveis no mundo, verte o auxílio da esfera superior, na medida dos créditos de um e de outro.

Ao toque da energia emanante do passe, com a supervisão dos benfeitores desencarnados, o próprio enfermo, na pauta da confiança e do merecimento de que dá testemunho, emite ondas mentais características, assimilando os recursos vitais que recebe, retendo-os na própria constituição física (...). " [12]

"Na maioria dos casos, não precisavam tocar o corpo dos pacientes, de modo direto. Os recursos magnéticos, aplicados a reduzida distância, penetravam assim mesmo o "halo vital" ou aura dos doentes, provocando modificações subitâneas.

Os passistas afiguravam-se-nos como duas pilhas humanas deitando raios de espécie múltipla, a lhes fluírem das mãos, depois de lhes percorrerem a cabeça, ao contato do Irmão Conrado e de seus colaboradores.

No terreno das vantagens espirituais, é imprescindível que o candidato apresente uma certa "tensão favorável". Essa tensão decorre da fé. Certo, não nos reportamos ao fanatismo religioso, ou à cegueira da ignorância, mas sim à atitude de segurança íntima, com reverência e submissão, diante das Leis Divinas, em cuja sabedoria e amor procuramos arrimo.

O passe é uma transfusão de energias, alterando o campo celular. Vocês sabem que na própria ciência humana de hoje o átomo não é mais o tijolo indivisível da matéria... que, antes

---

[10] Armond, Edgard, "Passes e Radiações", Ed. Aliança, 24ª edição, cap. 9.

[11] Centro Espírita Luz Eterna, Curitiba, "COEM-Centro de Orientação e Educação Mediúnica", vol. 4, "Passe-explicação da mecânica".

[12] André Luiz, " Mecanismos da Mediunidade", ed. FEB, 11ª edição, cap. XXII.

dele, encontram-se as linhas de força, aglutinando os princípios subatômicos, e que, antes desses princípios, surge a vida mental determinante. (...) " [13]

É de observar-se que, apesar da linguagem rebuscada e da forte conotação religiosa e evangélica dos textos mencionados, há uma preocupação em definir-se as formas de ação das energias envolvidas no passe, bem como dos fenômenos que ocorrem tanto com o doador quanto com o receptor dessas energias, o que não se observa entre os autores encarnados.

3.4) A POSIÇÃO DE KARDEC:

Relacionamos abaixo alguns dos textos nos quais Kardec trata do tema em pauta:

"A diferença entre o magnetizador, propriamente dito, e o médium curador, é que o primeiro magnetiza com seu fluido pessoal, e o segundo com o fluido dos espíritos, ao qual serve de condutor. O magnetismo produzido pelo fluido do homem é o *magnetismo humano*; o que provem do fluido dos espíritos é o *magnetismo espiritual*.

O fluido magnético tem, pois, duas fontes distintas: Os espíritos encarnados e os espíritos desencarnados. Essa diferença de origem produz uma grande diferença na qualidade do fluido e nos seus efeitos.

O fluido humano está sempre mais ou menos impregnado das impurezas físicas ou morais do encarnado; o dos bons espíritos é necessariamente mais puro, e, por isso mesmo, tem propriedades mais ativas, que acarretam uma cura mais pronta.

Assim, seria um erro considerar o magnetizador como simples máquina de transmitir fluidos. Por este motivo, seria imprudente submeter-se à ação magnética do primeiro desconhecido. Abstração feita dos conhecimentos práticos indispensáveis, o fluido do magnetizador é como o leite de uma nutriz: salutar ou insalubre.

O espírito pode agir diretamente, sem intermediário, sobre um indivíduo, (...) quer para o aliviar e o curar, se possível, quer para produzir o sono sonambúlico." [14]

"Sabe-se que o fluido magnético ordinário pode dar a certas substâncias propriedades particularmente ativas. Neste caso, age de certo modo como agente químico, modificando o estado molecular dos corpos; não há, pois, nada de admirar que possa modificar o estado de certos órgãos (...)" [15]

" (...) este gênero de mediunidade (curadora) consiste, principalmente, no dom que possuem certas pessoas de curar pelo simples toque, pelo olhar, mesmo por um gesto, sem o concurso de qualquer medicação.

(...) A força magnética reside, sem dúvida, no homem, mas é aumentada pela ação dos espíritos que ele chama em seu auxílio. Se magnetizas com o propósito de curar, por exemplo, e invocas um bom espírito que se interessa por ti e pelo teu doente, ele aumenta a tua força e tua vontade, dirige teu fluido e lhe dá as qualidades necessárias." [16]

---

[13] André Luiz, "Nos domínios da mediunidade", 18ª edição, cap. 17.

[14] Kardec, Allan, "Revista Espírita", setembro de 1865, ed. Edicel, "Da mediunidade Curadora".

[15] Kardec, Allan, "Revista Espírita", janeiro de 1864, ed. Edicel, "Médiuns Curadores".

[16] Kardec, Allan, "O Livro dos Médiuns", ed. FEB, 52ª edição, cap. XIV, item 7.

Observa-se facilmente, mesmo nestes textos curtos, as qualidades que fizeram de Kardec o grande cientista que era. De uma maneira ativa, ele absorve os conceitos do magnetismo, do qual era adepto, adaptando-os aos postulados espíritas. Não se detém, entretanto, somente neste aspecto, mas vai mais além, questionando os espíritos e postulando então uma nova teoria.

Nesta tese, Kardec aventa a possibilidade de os espíritos desencarnados exercerem um papel ativo no produção do fenômeno de cura por imposição das mãos, misturando suas próprias energias àquelas do médium, de modo a fornecer ao receptor uma qualidade energética melhor.

É ainda interessante notar que ele, apesar de frisar constantemente a necessidade de um aprimoramento contínuo do médium que se propõe a realizar curas, e isto tanto no aspecto intelectual, da técnica, quanto no moral, o da "intenção boa e coração puro", não se deixa arrastar pelo religiosismo exacerbado, mantendo sua postura característica em todo o desenvolvimento da idéia.

Deve ser observado também que Kardec evita o uso do termo passe, substituindo-o, tanto quanto possível, pelo verbo magnetizar. Esta postura pode indicar que ele, apesar de acatar as teses da escola magnética, já então considerava esta palavra inadequada, ou então por demais ligada a outras práticas espúrias, para a doutrina em formação.

4- ALGUMAS PESQUISAS CIENTÍFICAS:

A prática da cura através da imposição de mãos não é privilégio do movimento espírita. De fato, em muitos países, mesmo aqueles onde a medicina está consideravelmente avançada e ao alcance de toda a população, observa-se uma considerável presença de curandeiros e magnetizadores na sociedade, em alguns casos, mesmo em hospitais, e com a conivência das autoridades médicas.

Este fato levou alguns cientistas, que figuram na ala mais progressista da ciência, a procurar realizar estudos sobre este fenômeno, mesmo encontrando forte oposição acadêmica em função dos preconceitos que ainda vicejam neste meio. A posição destes cientistas, em sua grande maioria não espíritas, é simplesmente a de tentar demonstrar, de maneira inequívoca e, se possível, através de aparelhagem conveniente, a realidade do fenômeno de cura fora da terapêutica ortodoxa. Assim, eles não estão preocupados em admitir ou não a existência dos desencarnados neste processo.

Uma das dificuldades que faz com que os médicos evitem proceder a estas pesquisas está nos Códigos de Ética Médica da maioria dos países do mundo, os quais consideram irregular, e portanto passível de penas que podem chegar à cassação do diploma, o uso de práticas terapêuticas não referendadas pelos processos rigorosamente científicos das academias de medicina (o que equivale a dizer, sujeito aos seus preconceitos).

Não fosse isto suficiente, há sérias dificuldades nesta pesquisa. Como diz Jeanne P. Rindge, "Legitimar as curas como paranormais - isto é, aceitas fora dos princípios da ciência - é mais difícil do que poderia parecer. Uma pessoa enferma não representa uma experiência de laboratório com todas as variáveis, a não ser a que deseja ver removida, e tampouco a situação

exata pode ser multiplicada pelos números suficientes para obter resultados estatísticos. (...) Enquanto houver outra hipótese pendente, não existe nenhuma outra prova incontestável." [17]

Entretanto, a questão " Pode o método de cura mediante a imposição das mãos surtir resultados? " ainda incomoda aqueles cientistas mais ousados. Um deles, o Dr. Bernard Grad, do McGill University's Allen Memorial Institute, idealizou uma pesquisa na qual 48 camundongos fêmeas, devidamente amansados, tiveram uma quantidade de pele removida das costas. As feridas sofriam medições e pesagens sistemáticas durante toda a experiência, projetada para efetuar o acompanhamento de sua cicatrização.

O sujeito testado foi um coronel do exército húngaro aposentado, Oskar Estebany. As cobaias foram divididas em três grupos: " O primeiro foi testado pelo coronel Estebany numa gaiola sobre a palma esquerda de sua mão, enquanto que a direita segurava a parte superior da grade de arame, sem tocar nos animais. O segundo grupo foi tratado de modo idêntico, mas não pelo curandeiro. O terceiro grupo recebeu um procedimento semelhante, sem tratamento, porém foi aquecido no mesmo grau daqueles que tinham sido aquecidos ligeiramente pelas mãos do curandeiro. isto foi feito para verificar se só o calor aceleraria a cura da ferida." [18]

Os resultados obtidos com esta experiência demonstraram cabalmente que as feridas do grupo tratado pelo curandeiro tiveram um coeficiente de cura muito maior que as dos grupos de controle. Os controles aquecidos não tiveram alteração significativa.

A mesma experiência foi repetida pela Universidade de Manitoba, com 300 cobaias, obtendo-se resultados consistentes. Descobriu-se também que o cel. Estebany tinha o poder de influir no crescimento das plantas apenas tratando a água com a qual elas seriam regadas, mesmo em condições do mais absoluto controle.

Outras pesquisas interessantes utilizaram como agentes um famoso casal de curandeiros norte americanos, Ambrose e Olga Worrall. Num experimento controlado, solicitou-se a eles que mentalizassem no desenvolvimento da germinação de uma planta de azevém, enviando-lhe energia exatamente às 9 horas da noite, no dia 4 de janeiro. Antes que eles iniciassem a mentalização, a taxa de crescimento do azevém estacionara em 6,25 milésimos de polegada por hora. Exatamente às 9 horas, o coeficiente começou a elevar-se, até que pela manhã atingiu o incrível índice de 52,5 milésimos de polegada por hora. Houve um aumento de 840 %, sendo que os curandeiros encontravam-se a uma distância de 600 milhas do laboratório.

Foram feitas muitas outras pesquisas com este casal, que apresentaram alguns resultados importantes:

- Utilizando-se uma câmara de bolhas (ou câmara de condensação), era possível detectar formas de onda paralelamente às mãos dos pacientes, as quais moviam-se conforme suas mãos eram movimentadas, quando numa mentalização para dentro da câmara.

- Soluções cúprico-clorídricas, tratadas pelos curandeiros, mantinham sua cor original verde, mesmo mantidas num ambiente com umidade relativa de 50%, enquanto que as do grupo de controle transmutavam-se para o azul turquesa característico.

- Em trabalhos com a magnetização de uma certa quantidade de água, podia-se observar uma sensível redução na tensão superficial da mesma, bem como uma redução do teor de hidrogênio composto da ordem de 3 %.

---

[17] Meek, George W., "As curas paranormais", Ed. Pensamento, cap. 13.

Estas pesquisas, realizadas principalmente pelo Dr. Robert N. Miller, de Atlanta, Georgia, levaram os cientistas a quatro importantes conclusões:

1) Uma energia associada com a cura existe e pode ser medida com instrumentos adequados.

2) A água que foi tratada por um curandeiro muda a cor da solução de cristal, proporcionando assim uma indicação da presença desta energia curativa.

3) A água tratada por um curandeiro muda a tensão superficial, a liga de hidrogênio e as propriedades elétricas da água.

4) Um curandeiro é mais eficiente quando num estado consciente de absoluto relaxamento, ou seja, na onda alfa.

Entretanto, tais pesquisas, não demonstram cabalmente a possibilidade de uma transmissão energética de um indivíduo a outro, apesar de a fortalecerem sobremaneira. Não se demostra o mecanismo de transmissão, e nem mesmo se essa prática é válida enquanto prática terapêutica.

5- PESQUISAS DO GPCEB:

Em vista da importância deste tema para o espiritismo, ou ao menos para os centros espíritas, o Grupo de Pesquisas Científicas Ernesto Bozzano (GPCEB), de Santos, projetou e está realizando uma pesquisa teórica, objetivando um maior conhecimento dele.

Esta pesquisa baseia-se no "método GPCEB", que é, na verdade, uma adaptação do método clássico adotado por Kardec, em suas conversas com os espíritos, aos dias de hoje. Pode resumir-se nos pontos abaixo:

- Realiza-se durante uma reunião de pesquisa mediúnica, que tem lugar no Centro Espírita Allan Kardec, em Santos, São Paulo, no qual o GPCEB responde pela Diretoria de Pesquisas. É feita às segundas feiras, das 20 às 22 horas, tendo a presença de 4 médiuns e três coordenadores, estes últimos membros do grupo.

- Para cada tema escolhido, designa-se um responsável, o qual terá, como primeira incumbência, a realização de uma pesquisa na bibliografia disponível, com a conseqüente elaboração de um roteiro de questões a serem respondidas pelos espíritos.

- Durante a reunião mediúnica, é feita uma evocação pelo tema, solicitando-se a presença de algum espírito que deseje colaborar conosco. Normalmente, na primeira reunião de cada roteiro, apresenta-se um dos coordenadores espirituais do trabalho, mais afeitos ao tema em pauta.

- Todas as reuniões de pesquisa são gravadas em fita cassete e / ou em vídeo, a fim de possibilitar sua transcrição posterior para análise e discussão, já que praticamente todas as comunicações dão-se através de mediunidade psicofônica.

- As mesmas questões são feitas a diferentes espíritos, comunicando-se através de diferentes médiuns, a fim de que seja feita uma comparação entre as respostas, evitando-se os problemas que surgiriam da exclusividade.

---

[18] Meek, George W., *opus citatus*.

• Ao fim da pesquisa, o responsável elabora um relatório, ou monografia, a qual é divulgada, primeiramente para a comunidade do centro, e em seguida para toda a comunidade espírita.

No que diz respeito ao tema que ora abordamos, a pesquisa ainda encontra-se em andamento, razão pela qual consideramos as conclusões e teorias que serão apresentadas não mais que um resultado piloto destas pesquisas. Estas teorias são de um único espírito, amigo da casa de muitos anos e, segundo suas próprias palavras, coordenador da reunião de passes neste centro.

As conclusões fornecidas por este espírito podem ser resumidas nos seguintes tópicos:

1) A maioria dos passes é dada segundo o conceito de *passe misto*, isto é, uma mescla das energias de ambos, encarnado e desencarnado. O encarnado pode fazer isto sem a ajuda dos desencarnados, mas o contrário é muito mais difícil. Normalmente, quando há atuação do desencarnado sem a presença ostensiva de um doador encarnado, é obtida energia de outros encarnados que se encontrem pelo local, ou perto dele.

2) A energia transmitida, notadamente a parte que é obtida dos encarnados presentes, é uma energia vital, não se diferenciando daquela que se transmite à distância. Uma transmissão que ocorresse sem a presença desta energia vital teria apenas o efeito de uma sugestão, que procuraria efetivar uma mudança no padrão mental do receptor, para então provocar uma auto-cura.

3) Apesar de a transmissão poder ser realizada em direção a algum órgão específico do receptor, o mecanismo de absorção é obrigatoriamente perispiritual. Para os fins que nos propomos, este termo significa um campo energético, mais ou menos sutil, formado pela ação do espírito sobre o meio que o cerca. Qualquer recepção de energias é feito por este campo, o qual, por estar em contato íntimo com as partes componentes do corpo físico, influencia-o e sofre influência dele. Um estado saudável é obtido quando há harmonia energética entre o corpo e este campo perispiritual.

4) O ambiente onde está sendo efetuada esta transmissão de energias é uma mistura das energias dos presentes, em vários graus energéticos, sejam eles encarnados ou desencarnados. É dele (ambiente) que são retiradas as energias a serem transmitidas neste processo. Em função disto, a sala só mantém estas energias enquanto permanecerem nela os doadores, ou seja, durante o processo do passe. Acabado este propósito, as energias dispersam-se. Esta sala recebe, normalmente, um tratamento especial no sentido de protege-la de energias espúrias. Isto facilita o trabalho.

5) Os encarnados atuam, fundamentalmente, como dínamos que potencializam a energia do ambiente, dirigindo-a para o receptor. Atuam, desta forma, não só como doadores, mas na verdade comandam o processo, direcionados pelos desencarnados. Em razão disto, é fundamental que estejam em boas condições físicas, e que não dispersem sua atenção. Mas, mais importante que tudo, é fundamental que tenha um equilíbrio psicológico suficiente, que seu otimismo, seu estar no mundo seja de alto nível para que ele possa colaborar efetivamente no trabalho a ser realizado.

6) Quando há, no ambiente, a presença de um doador encarnado com problemas, ele na verdade coloca-se mais no papel de receptor, já que também está necessitado daquelas energias. Em função disto, os desencarnados procuram anulá-lo, a fim que ele não prejudique o trabalho realizado.

7) O resultado do passe, do ponto de vista do receptor, é um equilíbrio temporário, benéfico, naquele momento, de acordo com o que ele estiver disposto a receber. Para manter este estado, tornando-o mais longo, quase permanente, é necessário que o encarnado mude o seu estado mental, isto é, eleve o seu padrão vibratório.

8) A principal interferência significativa no trabalho de passe é a postura de cada um e de todos os que estiverem presentes naquele momento. Considerando que o passe é também uma tarefa semi-mediúnica, é necessário que os encarnados abram seu campo mental para permitir alguma atuação por parte dos desencarnados. Em paralelo, é necessário que o doador prepare-se para o trabalho, participando dele com a clara finalidade de auxiliar seu próximo, não deixando que seus problemas particulares interfiram na sua concentração. Já os fatores ambientais (raios, emissões, luz, barulho, cores, práticas ritualísticas) não interferem na emissão, a não ser de maneira psicológica, em nível de irritação ou relaxamento, tanto do emissor quanto do receptor.

9) É possível fazer-se a energização (fluidificação) da água, na medida em que ela, sendo um solvente universal, pode alterar-se de acordo com as energias recebidas. Contudo, esta não é uma prática usual, e por isso mesmo não são todos os espíritos que, mesmo tendo condições de emitir energias através de um passe, saberiam fazê-lo de maneira útil. Ainda assim, tal energização é momentânea, não tendo sentido algum guardar esta água para ser utilizada durante algum tempo.

10) A qualificação das energias transmitidas durante um trabalho de passe é feita pelos encarnados, pela maneira como eles emitem. Não se pode esquecer que a energia transmitida é a resultante do conjunto que se forma pelas emissões de todos os que estão presentes naquele ambiente. Assim, o máximo que os desencarnados podem fazer é limitar as emissões daquele(s) que não estiver(em) bem, mas este processo também não é perfeito.

11) No que diz respeito à quantidade, o que ocorre na realidade é a intensificação do campo energético formado, em razão da própria vontade da pessoa de doar sua energia. Essa intensificação é, de alguma forma, física também, já que os órgãos dos encarnados são considerados como dínamos. Entretanto, se não houver harmonia no grupo, esta intensificação fica prejudicada.

12) Com relação aos passes aplicados sobre animais e plantas, pode-se dizer que apenas a parcela puramente física (vital) da emissão pode, de algum modo, ser absorvida. Sendo os vegetais e animais substancialmente diferentes do homem, não é possível aproveitar de modo completo esta emissão.

6- PROPOSTAS:

É interessante observar que, infelizmente, os estudos sobre o passe, ou qualquer outra emissão energética, não sofreram as atualizações que poderiam, com os avanços da ciência. Isto, aliás, é muito comum em todo o meio espírita, o que tem contribuído sobremaneira para o isolamento do espiritismo das fontes vivas da cultura.

Especificamente no que diz respeito ao tema em estudo, procuraremos fazer algumas considerações comparando as teses descritas acima com aquilo que a prática científica trouxe de novo ao mundo.

Primeiramente, é preciso que façamos uma revisão de toda a terminologia utilizada para exprimir este fenômeno. Com efeito, não é mais admissível que usemos os termos *fluido,*

passista, chakras, só para citar alguns, sob pena de não conseguirmos exprimir de maneira clara os conceitos envolvidos. Mesmo a palavra passe, usada universal e historicamente, já pode ser considerada ultrapassada, e até Kardec evitou seu uso.

Outro perigo, neste aspecto, é a mistura de termos, procurando exprimir algo novo com as mesmas palavras anteriormente utilizadas. Assim, por exemplo, o termo *fluido espiritual* é um paradoxo, já que *fluido* designa exclusivamente as energias intrínsecas do campo material, incompatíveis, portanto, com o adjetivo *espiritual*.

Isto posto, fazemos aqui algumas propostas, no tocante à terminologia:

- É preciso, absolutamente necessário, acabar de vez com o uso do termo *fluido*, substituindo-o por *energia*, conforme já detalhado em outra monografia, " Relações matéria-espírito: Uma discussão teórica ".

- É interessante substituir o termo *passe*, talvez por *emissão energética próxima* - EEP - (para diferenciá-la da *emissão energética à distância* - EED, ou irradiação).

- Os doadores de energia tanto podem ser encarnados ou desencarnados. Assim, é conveniente substituir o termo *passista* ou mesmo *fluidoterapêuta*, por *emissor encarnado* (EE) e *emissor desencarnado* (ED).

- Apesar de que, normalmente, quem procura o passe o faz devido a algum desajuste físico ou psíquico, não consideramos conveniente o uso de *paciente*. O termo *receptor* ajusta-se melhor à posição da pessoa neste momento.

Feitas estas sugestões, consideramos fundamental que, para que a EEP perca esse caráter de misticismo e ritual que hoje o acompanha, ela passe a ser encarada como uma técnica de auxílio a pessoas portadoras de qualquer desequilíbrio energético, quer provocando alterações somáticas, quer psíquicas. Deste ponto de vista, torna-se imprescindível que os EE sejam convenientemente instruídos, tanto sob o aspecto teórico quanto prático, a fim de poder realizar do melhor modo possível esta emissão. Esta necessidade, já alertada por Kardec em alguns textos, foi contudo sistematicamente ignorada, até hoje, pela maioria dos espíritas.

No entanto, é imprescindível que tal treinamento seja feito com base nos conceitos referendados por pesquisas, e não em opiniões pessoais deste ou daquele dirigente, e menos ainda com a incorporação de teorias e técnicas estranhas. Não se deve perder de vista que, sendo uma transmissão energética realizada de campo perispiritual a campo perispiritual, as únicas influências significativas neste processo são a vontade de ser útil e as condições físicas e mentais, tanto do EE quanto do receptor.

Assim sendo, não há a menor necessidade de efetuar-se uma coreografia especial, a fim de mais facilmente localizar estas energias. Menos ainda é necessário "efetuar uma limpeza psíquica" antes de efetivar a emissão. Também não há importância em se manter cruzadas qualquer parte do corpo, tais como braços e pernas. O que importa é a postura mental com que se participa do processo.

Encerrando, fazemos uma sugestão de como se processa a EEP, no que diz respeito ao seu mecanismo de ação:

A componente material do homem é formada por um *continuum* energético, diferenciando-se cada estrutura pelo seu nível de energia próprio. Assim sendo, existem energias mais ligadas ao corpo físico, de nível mais baixo, as quais são possíveis de serem emitidas num processo de EEP para um ou mais receptores. Tais energias são exclusivas dos encarnados que participam

do processo. Da mesma forma, há energias mais ligadas ao corpo perispiritual, as quais, mesmo possuindo um nível maior que aquele anterior, têm uma gradação quase infinita, dependendo fundamentalmente daquilo que é cada espírito envolvido. Essas energias, também passíveis de emissão, não são privilégio único dos encarnados.

A união destas formas energéticas características a cada espírito forma aquilo que se pode chamar o seu *campo energético* próprio. Numa reunião de EEP, todos estes campos somam-se, formando o campo característico daquela reunião, aquilo que se costuma chamar de "atmosfera". Quando um receptor adentra a sala, o seu campo energético interage com o campo da reunião, e, através da vontade dos EE e ED, estabelece-se um fluxo energético em sua direção. Na medida em que o receptor permanece com uma postura receptiva, ele abre seu campo energético próprio a essa interação, e então ocorre um equilíbrio entre os campos, benéfico ao receptor.

A diferença que se observa entre este tipo de emissão e a EED é que, nesta ultima, o campo energético característico dos encarnados forma um canal de transmissão, através do qual são projetadas as energias direcionadas aos diversos receptores.

Na EEP, os desencarnados participam ativamente do processo, seja preparando o ambiente onde se realizará a emissão, seja colaborando na formação do campo da reunião, seja incentivando emissores e receptores a colocarem-se melhor, a fim de tornar o trabalho mais produtivo, para uns e para outros. Entretanto, eles sozinhos não podem manter uma reunião deste tipo, conforme já havia postulado André Luiz.

7- CONCLUSÃO:

Pudemos observar, no decorrer deste trabalho, que a EEP é um fato real, que pode ser de grande valia como auxílio a todos aqueles que se encontram em diversos estados de desequilíbrio, brando ou grave. É preciso, porém, remover dele a aura de superstição e misticismo que o envolve, e que pode comprometer não somente este trabalho específico, mas toda a Doutrina Espírita.

Entretanto, observa-se também que, por mais que os espíritas venham praticando a EEP durante aproximadamente um século, muito pouco se sabe do mecanismo que a envolve. A principal razão disto é a falta de estudos que, infelizmente caracteriza o espiritismo no Brasil. É necessário, pois que sejam efetivados estudos e pesquisas sistemáticos para o esclarecimento deste problema.

A nosso ver, tais pesquisas podem ser realizadas utilizando-se o cabedal de conhecimentos que a física põe diante de nós, já que estas emissões, caracteristicamente materiais, podem muito bem ser exploradas desta forma. Para tanto, é preciso que tanto os cientistas quanto as instituições espíritas convençam-se desta necessidade, providenciando recursos necessários, tanto materiais quanto humanos.

REINALDO DI LUCIA

Perispírito - Uma visão do século XX

Reinaldo de Lucia

INTRODUÇÃO

O conceito de perispírito foi introduzido por Allan Kardec ao formular a filosofia espírita a partir da observação experimental (de fenômenos físicos tais como a materialização) e da afirmação dos espíritos que possuíam um *corpo*, que lhes permitia identificarem-se como seres individuais que sobreviveram à morte do corpo físico.

Essa idéia foi rapidamente assimilada pelos pensadores da época, principalmente por aqueles que assumiram a doutrina espírita, uma vez que respondia a inúmeras questões que a própria ciência ainda deixava em aberto. Em função disto, muitas funções que deveriam ser atribuídas ao espírito, por serem referentes à inteligência do ser, o foram ao perispírito.

Isto acabou criando no movimento espírita um conjunto de idéias a respeito do tema que, com o avanço do conhecimento científico em campos como os da física, da biologia e da genética, apresentam-se hoje ultrapassados. Ao mesmo tempo, tal conjunto de idéias é usado como suporte para a manutenção de conceitos errôneos sobre as bases filosófica do espiritismo.

O propósito deste trabalho é a partir de um histórico sobre as idéias que levaram ao desenvolvimento do conceito perispírito e da avaliação da evolução do pensamento científico desde o início deste século XX, analisar criticamente os postulados de diversos autores espíritas sobre o tema (encarnados e desencarnados) e propor um novo modelo teórico, a título de hipótese, para a.natureza; formação, propriedades e funções do perispírito.

A intenção mais ampla é que uma melhor compreensão sobre este assunto possa clarear alguns outros temas polêmicos da doutrina espírita, tais como as emissões, energéticas, as curas espirituais e paranormais, as relações entre espíritos encarnados e desencarnados, o problema da obsessão e os diversos gêneros de comunicações mediúnicas. Propõe-se que inicie-se um debate em todos os setores da comunidade espírita sobre o tema,visando o fortalecimento dos novos conceitos.

1- Novos conceitos da física

É de fundamental importância que conceitos do campo da física, alguns deles trazidos à luz pela chamada física moderna (desenvolvida após a morte de Kardec) sejam, ainda que superficialmente, compreendidos. Isto porque, de acordo com a teoria que se pretende apresentar neste trabalho, algumas das idéias de Kardec sobre o perispírito podem sofrer sensíveis modificações a partir do desenvolvimento destes conceitos.

O primeiro deles é o de *energia*. No século XX, tornou-se muito difícil prover uma única definição de energia, que seja abrangente e independa do campo de estudo. A definição tradicional, de energia como a capacidade de realizar trabalho, é restrita à parte da física conhecida como Mecânica. Como diz o prof. Alberto Ricardo Präss:

> *"Usando apenas a experiência do nosso cotidiano, poderíamos conceituar energia como "algo que é capaz de originar mudanças no mundo".* [1]

Este conceito é de importância capital para este estudo do perispírito. É importante frisar que, desde que Einstein popularizou a célebre fórmula da interrelação entre matéria e energia ($E=m.c^2$),o termo energia tornou-se cada vez mais conhecido e empregado, muitas vezes sema devida atenção à idéia que é (ou deveria ser) expressa por esta palavra.

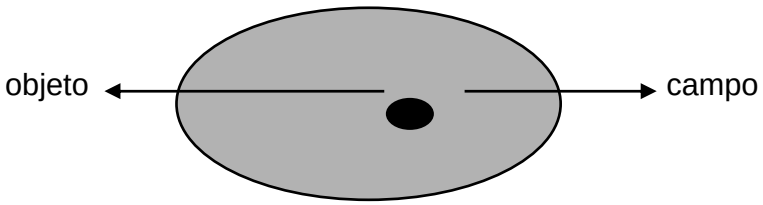
No movimento espírita, o termo energia muitas vezes é empregado para designar uma quantidade qualquer de força que pode; de algum modo, atuar sobre o corpo o perispírito ou o espírito, para a cura de doenças e outros fenômenos semelhantes.

É bastante comum o uso da expressão *energias espirituais*, que deve ser acompanhado de um grande cuidado: lembrar-se que energia é matéria. Se com esta expressão se quiser denominar um grupo de energias distintas daquelas que são características da matéria mais densa (como, por exemplo, o corpo físico-), seu uso é possível. Mas, apesar de estas energias serem acionadas pela vontade do espírito, que as pode manipular a seu critério, elas não são parte do espírito, não participam de sua essência; enfim são partes constituintes do princípio material.

Para efeito deste trabalho, adotar-se-á a definição descrita acima: **energia é alguma coisa capaz de provocar transformações no mundo**, seja este o mundo corpóreo ou incorpóreo.

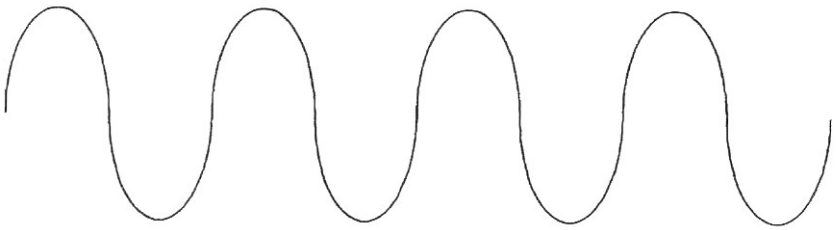
Outro conceito físico importante é o de *campo*. Campo pode ser definido com e uma área ao redor de um objeto, na qual uma interação eletro magnética ou gravitacional é exercida sobre outros objetos; é o que se poderia chamar de um *lugar geométrico*. Apesar de o conceito de campo ter sido usado pela primeira vez por Isaac Newton, em sua teoria da Gravitação Universal, e já ser empregado por Faraday em meados do século XIX para explicar forças eletromagnéticas, foi com Maxwell, um físico escocês da mesmo século, que o conceito de campo tornou-se fundamental na teoria eletromagnética (como lançamento do *Tratado sobre a eletricidade e o magnetismo*, em 1873), tende sido empregado de modo amplo na física moderna do século XX.

A força de um campo, ou seja, a quantidade física medida no espaço ao redor do objeto que lhe dá origem depende fundamentalmente de dois parâmetros: o valor da quantidade física do objeto e a sua distância do ponto de medição. No caso de um campo eletromagnético, por exemplo, o objeto que origina o campo é uma carga eletromagnética pontual, e a força é tanto maior quanto maior for o valor da carga e tanto menor quanto maior fora distância dela.

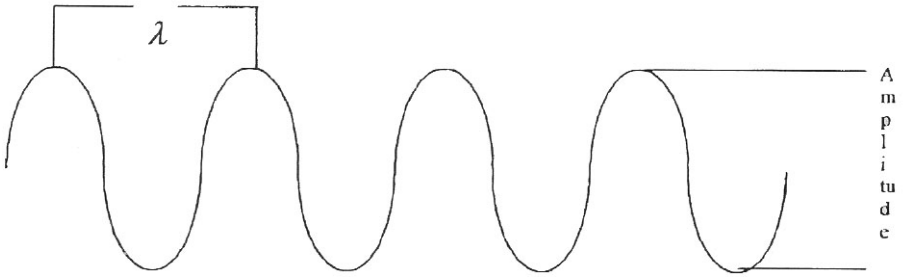


Com a comprovação experimental da teoria dos campos, a física percebeu que o termo força, até então usado para definir a ação exercida por um corpo sobre outro era inadequada, uma vez que dá a idéia de um objeto a gente (ou seja, aquele que efetivamente exerce a ação, ativo) e um que, inerte, limitar-se-ia a receber esta influência. O que ocorre na verdade é uma ação recíproca de um corpo sobre o outro. O termo mais empregado hodiemamente é interação, que exprime melhor o conceito físico.

Importantes, também, são os conceitos ligados à mecânica ondulatória. Um dos modos pelos quais a energia e a informação são transmitidas de um dado ponto a outro no Universo são as ondas, as quais podem ser representadas como segue:



O ponto mais alto de uma onda chama-secrista, e o mais baixo, *vale*. A distância entre duas cristas consecutivas é chamada de *comprimento de onda* (1), e é uma das características fundamentais da ondulatória. Juntamente coma freqüência, ou seja, o número de cristas por unidade de tempo, e a *amplitude*, a distância entre uma crista e um vale consecutivos, caracterizam qualquer onda:"



Matematicamente, a relação entre a freqüência e o comprimento de onda é inversamente proporcional:

$$f = \frac{1}{\lambda}$$

Os conceitos de freqüência, comprimento de onda e amplitude, aliados aos de energia e campo, serão) fundamentais para o entendimento do perispírito em bases cientificas atuais.

2 - Histórico de um envoltório da alma

A crença em uma alma imortal é tão antiga quanto as civilizações humanas. Talvez porque o homem via seus mortos em sonhos, ou porque aparições destes mesmos mortos, mesmo em vigília, acontecessem, o fato é que as idéias absolutamente materialistas da morte como fim de toda a individualidade são bastante recentes, tendo-se firmado apenas na Idade Contemporânea.

Este fato é corroborado pelas pesquisas arqueológicas que mostram período megalítico (a chamada Idade da Pedra Polida). O homem tinha o costume de sepultar seus mortos com armas e pertences. Posteriormente, as civilizações que deixaram algo escrito confirmam, todas elas, esta conclusão.

Tão antiga quanto a crença na alma imortal é a crença de que esta possui um envoltório, um tipo de "segundo corpo" que, de alguma forma, acompanha-a permanência no além. Em

muitas civilizações antigas esta idéia permanece. Entretanto em algumas delas, este conceito difere frontalmente daquilo que entendemos hoje, por um mero envoltório.

Na índia, por exemplo. O bramanismo fala de um "corpo sutil", chamado *suksmasarira*. Este corpo, porém, não é um mero envoltório, como se fosse uma “roupa” que seria usada por uma alma. Nesta filosofia, o verdadeiro Eu, que constitui a individualidade, a essência de tudo o que somos ou sabemos, chama-se *atman*, ou *brahma*. Este Eu fica envolto pelo corpo sutil (*suksma-sarira*), que e composto pelos elementos pertencentes à esfera mutável da psique, ou seja, os pensamentos, emoções, sentimentos e percepções, Finalmente, há o corpo denso - "nervos e órgãos tangíveis que são os receptáculos e veículos do processo vital manifestado”.[2]

Como se pode perceber, o conceito de corpo sutil do bramanismo difere essencialmente daquele de perispírito adotado tradicionalmente pela doutrina espírita. Tais conceitos orientais são, via de regra, de muito difícil compreensão pelas mentes ocidentais, razão pelas quais são, normalmente, bastante deturpados.

Também no Egito há registros desse envoltório:

> *“O corpo, dizia o egípcio, era habitado por um duplo de nome Ka, e também por uma alma que pousava no corpo como um passarinho na árvore. Todos três – corpo - Ka e alma – sobreviviam à morte, enquanto o cadáver não desaparecesse na dissolução”.*[3]

Segundo Dellane[4], tais crenças num envoltório da alma permeiam todo o mundo antigo. Na China antiga, Confúcio dizia que “(...) a essência dos Koûci-Chin (espíritos diversos) não pode deixar de manifestar-se sob uma forma qualquer. O Zoroastrismo persa fala dos *ferúers* que, sem serem propriamente um envoltório, posto que possuíam uma certa inteligência independente, estavam, cada um, destinados a um ser humano. A cabala judaica chama de *Nephesh* o corpo fluídico do principio pensante.

Na Grécia também disseminava-se a idéia de um envoltório da alma:

> *“O claro gênio dos gregos percebeu a necessidade de um intermediário entre a alma e, o corpo. Para explicar a união da alma imaterial com do corpo terrestre, os filósofos da Hélade reconheceram a existência de uma substância mista, denominada Ochema, que lhe servia de envoltório e que os oráculos denominavam o veículo leve, o corpo luminoso, o carro sutil. Falando daquilo que move a matéria, diz Hipócrates que o movimento é devido a uma força imortal, ignis a que dá o nome de enormon, ou corpo fluídico”.*[5]

Na mais conhecida Tradição do misticismo que se disseminou no Ocidente, a Teosofia, o homem possui sete corpos: *o físico, o astral, o mental, o búdico, o nirvânico, o paranirvânico, e o mahaparanirvânico*[6], cada um com suas atribuições especificas. Alguns ainda descrevem um *corpo etérico*, que seria o campo vital associado ao corpo físico, e que poderia ser visto pelos clarividentes como uma espécie de aura[7].

3 - A posição do espiritismo

Todas estas crenças de um envoltório, um corpo para a alma de alguma forma influenciaram Kardec quando da elaboração do espiritismo. Assim, numa das perguntas do Livro dos Espíritos, Kardec é informado que o espírito

"tem a envolvê-lo uma substância, que é vaporosa para ti, mas bastante grosseira para nós”[8]

Sendo um homem de espírito cientifico, Kardec foi buscar na ciência o nome para tal envoltório, chamando-o de perispírito, à semelhança do perisperma que envolve as sementes dos frutos.

As principais idéias desenvolvidas por Kardec sobre o perispirito nada falam sobre a constituição da energia de que é composto, mas atenta principalmente para suas funções e propriedades. Resume-se no seguinte:

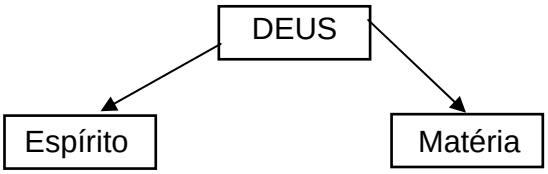
O perispirito é o liame que, no homem, liga o Espírito ao corpo físico. Tem por função agir como intermediário entre eles:

> *"O liame ou perispirito que une corpo e Espírito é uma espécie de invólucro semimaterial. A morte é a destruição do invólucro mais grosseiro. O Espírito conserva o segundo, que constitui para ele um corpo etéreo, invisível para nós no seu estado normal, mas que ele pode tornar acidentalmente visível, e mesmo tangível, como se verifica nos fenômenos de aparição".*[9]

Tal envoltório é tomado do fluído universal de cada globo, não sendo assim o mesmo em todos os mundos. Quando os Espíritos de mundos superiores vão aos inferiores, revestem-se da matéria própria deste último. Toma qualquer forma, ao arbítrio do Espírito.

Vem de Kardec a conceituação do perispirito como um elo intermediário entre o corpo físico e o espírito, indispensável tanto para fazer o espírito agir, sobre quanto para que aquele receba as impressões experimentadas por este. Esta idéia tomou tal forma em todo o movimento espírita brasileiro que, pode-se dizer, é o único motivo que os espíritas acham para a existência do perispirito.

Mas em nenhum ponto de suas obras Kardec refere-se ao perispírito como algo diferente da matéria. Deve-se lembrar que, para a teoria espírita. O Universo compõe-se única e dualmente de dois princípios básicos: o espírito, inteligente e responsável por todos os fenômenos intelectivos, e a matéria, inerte do ponto de vista da consciência e sujeita à ação do espírito responsável pelos fatos orgânicos, inclusive a vida:



Dentro deste esquema, o perispírito aparece diretamente ligado à matéria. Como um produto da matéria básica, ou, no dizer de Kardec, uma modificação do fluído universal.

> *"Posto que invisível para nós em estado normal, o perispirito não deixa de ser matéria etérea".*[10]
>
> *"Jamais o Espiritismo confundiu a alma com o perispírito, que não passa de um invólucro, como o corpo é um outro. Tivesse ela dez envoltórios, isto nada tiraria de sua essência imaterial".*[11]

Ainda que matéria, o perispírito, segundo Kardec, absolutamente penetrável, isto é, nenhuma matéria lhe oferece obstáculo; ele atravessa todas, como a luz atravessa os corpos transparentes.[12]

Uma segunda função primordial do perispírito, segundo Kardec, é a de servir como evidência da manutenção da individualidade para o espírito desencarnado:

"P – Como a alma constata a sua individualidade, se já não tem mais o corpo material?

R – Tem fluido que lhe é próprio, que tira da atmosfera do seu planeta e que representa a aparência de sua última encarnação: seu perispírito". [13]

Assim é que o espírito, mesmo não possuindo mais o corpo físico, e mesmo estando acostumado a ver-se com uma forma determinada, pode perceber-se existindo, a aprtir da evidência formal que lhe fornece seu perispírito.

Finalmente, uma última função básica do perispírito, conforme Kardec, é a de servir como meio às manifestações mediúnicas, notadamente àquelas de ordem física, como as materializações, as aparições e os fenômenos de transporte. Isto se deve à propriedade que possui o perispírito de tornar-se tangível, no dizer dos espíritos por "condensação", e também de somar-se aos fluídos (energias) característicos dos encarnados, possibilitando a movimentação de objetos materiais inertes.[14]

Depois de Kardec, muitos pensadores espíritas, desde seus continuadores mais diretos até alguns escritores do final do século XX (encarnados ou desencarnados) acrescentaram mais algumas propriedades ao perispírito. Dentre estes, destacam-se, na-quilo que interessa a este estudo: Gabriel Delanne, Hernani Guimarães Andrade e AndréLuiz.

Dentre todos os continuadores do pensamento de Allan Kardec, Delanne é o que maior importância atribui ao perispírito. Provavelmente, isto se dá na medida em que é de grande dificuldade para qualquer pessoa adepta do positivismo aceitar que o Espírito, este ser imaterial e, para muitos, puramente abstrato, possa ser o princípio de todas as manifestações intelectivas do homem.

Assim, ele vai atribuir ao perispírito uma gama significativa de funções relativas à organização ou mesmo às capacidades inteligentes do ser humano. As principais f1mções cujas bases são por ele atribuídas ao perispírito são sumariamente descritas abaixo.

Primeiramente, temos a formação do corpo físico. Delanne depara-se com o pro-blema de explicar como o corpo físico pode ser formado com tantos detalhes e reconstruído, com a mesma semelhança, sempre que certas partes são destruídas. Lança mão então da explicação perispiritual:

"A força vital por si só não bastaria para explicar a forma característica de todos os indivíduos, e tampouco justificaria a hierarquia sistematizada de todos os órgãos, sua sinergia em função de um esforço comum, visto serem eles, simultaneamente, autônomos e solidários. Neste ponto é que incide o ascendente da intervenção do perispírito, ou seja, de um órgão que possua as leis organogenéticas, mantenedoras da fixidez do organismo, através de constantes mutações moleculares" [15]

O perispírito é então, em sua opinião, o modelo fluídico, o molde que servirá para construir o corpo físico. Como veremos, esta também é a opinião de Hernani Guimarães Andrade, atualizando o raciocínio a partir de recentes descobertas científicas.

A grande preocupação deste pensador, para atribuir ao perispírito o papel de molde do corpo está na explicação da *forma*. Enquanto que ele podia perfeitamente admitir uma *força*

vital primária idêntica para todos os seres vivos, desde a planta até o homem, pressupunha que deveria existir uma outra força que diferenciasse as muitas espécies no que tange à sua forma. Essa força seria o perispírito.

Em segundo lugar, Delanne dá ao perispírito um papel psicológico fundamental. Para ele, o perispírito é a base da memória do homem, a qual, por sua vez, é fundamental para a asseguração contínua de sua identidade.

Ele baseia esta opinião sobre a idéia que, mais que qualquer outra célula do corpo humano, as do cérebro são substituídas rapidamente, o que impossibilitaria a manutenção, neste órgão, da memória:

> *"O cérebro, porém, muda perpetuamente, as células dos seus tecidos são incessantemente agitadas, modificadas, destruídas por sensações vindas do interior e do exterior. Ai/ais do que as outras, essas células submetem-se a uma desagregação rápida, e, num período assaz curto, são integralmente substituídas".*[16]

Partindo do princípio acima descrito; o eminente pensador espírita debita ao perispírito a função da memória, já que esta não poderia ser unicamente do corpo. Em sua tese, qualquer fato guardado pela memória é registrado no perispírito. Quando uma célula cerebral morre, é substituída por outra formada pelo mesmo perispírito, que lhe imprimirá, qual disco gravado por uma matriz, as mesmas impressões que ele próprio guarda. Fica assim resguardada a memória.

Idéias semelhantes a essas são igualmente defendidas por Leon Denis e Gustave Geley, em vários dos seus livros, o que nos dá a impressão que eram bastante difundidas no meio espírita à época - apesar de não terem sido defendidas por Allan Kardec em sua obra.

A principal tese de Hernani Guimarães Andrade sobre o perispírito aproxima-se bastante de algumas daquelas defendida pelos autores anteriormente citados - a de que este é uma espécie de molde do corpo físico. Entretanto, a base de sua teoria repousa (diferentemente de Delanne) não no problema da reconstrução do organismo, mas na aparente violação do Segundo Princípio da Termodinâmica pela origem e evolução da vida.

O Segundo Princípio da Termodinâmica (ou Lei de Carnot-Clausius) prevê que num sistema termodinamicamente isolado, a quantidade de *entropia* (ou grau de desordem do sistema) aumenta continuamente. Ou seja, nestes sistemas, se não houver nenhum tipo de ação organizadora, haverá uma homogeneização cada vez maior dos seus elementos, misturando-se e aumentando a desordem do sistema.

Ora, o processo de evolução da vida a partir de elementos não vivos, aparentemente, é um processo *neguentrópico*, isto é, em que há diminuição da desordem - o sistema vai se organizando cada vez melhor, desde elementos mais simples (por exemplo, seres unicelulares) até organismos altamente complexos, como o homem.

A conclusão de Hernani Guimarães Andrade é que, para que a vida pudesse ter acon-tecido e continuasse a manter-se e evoluir, é necessária a presença de um elemento organizador. Hernani chama este elemento de MOB (Modelo Organizador Biológico) e postula que este papel seria do perispírito.

Assim, para este autor, o perispírito possui um papel de informador, isto é, é o elemento

que provê o corpo da informação necessária para sua constituição e desenvolvimento. Assim é que, além de Modelo Organizador Biológico, Andrade chama-o também de *domínio informacional histórico*, onde a informação provida é acumulada ao longo do tempo entre muitas encarnações.

Pouco acrescentam os espíritos desencarnados sobre o tema. Tanto André Luiz quanto Emmanuel, os mais lidos dentre eles, admitem para o perispírito as mesmas funções de Kardec e Delanne. Emmanuel chega a afirmar que:

> *"O corpo espiritual não retém somente prerrogativa de constituir a fonte da misteriosa força plástica da vida, a qual opera a oxidação orgânica; é também ele a sede das faculdades, dos sentimentos, da inteligência e, sobretudo, o santuário da memória, em que o ser encontra os elementos comprobatórios de sua identidade, através de todas as mutações e transformações da matéria."*[17]

André Luiz foca a importância do perispírito na origem do corpo físico, bem como na manutenção de sua saúde ou no desenvolvimento de algumas doenças. Para ele, o perispírito, ou corpo espiritual, ou ainda psicossoma, possui células e órgãos que darão origem ao corpo físico:

> *"Todos os órgãos do corpo espiritual, e, conseqüentemente, do corpo físico, foram, portanto, construídos com lentidão, atendendo-se à necessidade do campo mental em seu condicionamento e exteriorização no meio terrestre "*[18]

> *"Com o transcurso dos evos, surpreendemos as células como princípios inteligentes de feição rudimentar, a serviço do princípio inteligente em es-tágio mais nobre nos animais superiores e nas criaturas humanas, renovando-se continuamente no corpo físico e no corpo espiritual, em modulações vibratórias diversas, conforme a situação da inteligência que as senhoreia, depois do berço ou depois do túmulo."*[19]

Em resumo, as principais idéias sobre o perispírito expostas por estes eminentes pensadores, e ainda hoje bastante difundidas no movimento espírita são:

- O perispírito é um envoltório do espírito, que o acompanha desde sua criação, e, portanto, pré-existe ao nascimento e sobrevive à morte do corpo físico.
- É composto de matéria, porém em nível diferente daquela a que os encarnados estão acostumados. Kardec afirma ser uma matéria quintessenciada, obtida por modificação direta do fluido cósmico (que é a matéria primordial), contendo ainda elementos do princípio vital e mesmo de componentes físicos e eletromagnéticos.
- Sua composição energética é tanto mais densa, ou menos sutil, quanto menos evoluído (dos pontos de vista intelectual e moral) for o espírito. Com a evolução deste, vai-se tornando mais sutil (ainda que não se saiba ao certo o que isto significa fisicamente), mas sempre acompanha o espírito.
- É totalmente sujeito à vontade do espírito, que pode plasma-lo a seu gosto e dar-lhe a forma que desejar.
- Serve como elemento de ligação entre o espírito e o corpo físico, uma vez que um e outro não podem interagir diretamente devido à diferença estrutural entre ambos.
- É o elemento que possibilita a manutenção de uma forma para o espírito desencarnado, e, assim, permite que este possa identificar-se como uma individualidade.

- É o princípio fundamental das manifestações mediúnicas, em especial daquelas caracterizadas como efeitos físicos.
- É o molde do corpo físico, uma forma que conteria os elementos informacionais que permitiriam sua formação e manutenção. Esta função é também a única forma de adequar o surgimento da vida à Segunda Lei da Termodinâmica.
- É a sede dos sentimentos e das faculdades, notadamente da memória. Por vezes, á apontado como sede da inteligência.
- Possui órgãos e células, como o corpo físico. Este, aliás, é uma cópia daquele.

4 - Crítica às idéias espíritas

Muitas das idéias anteriormente expostas são passíveis de contestação e constituem, minimamente, uma desatualízação em relação aos avanços do conhecimento humano. Faz-se, portanto, necessária uma análise crítica delas e o desenvolvimento de uma nova hipótese que seja mais adequada aos problemas e observações atuais.

A afirmação que o perispírito é um envoltório para o espírito é tirada diretamente da observação que os espíritos desencarnados têm de si mesmos. Kardec, ao querer in-formar-se sobre a vida no mundo espírita, pergunta se esses espíritos possuem um envoltório ou se vivem" a descoberto" (O Livro dos Espíritos, perg. 93), ao que os espíritos respondem ter um envoltório. A denominação *perispírito*, como já dissemos anteriormente, é fruto de analogias que Kardec (e não os espíritos) fazem com elemen-tos da ciência.

Também não causa dúvida a afirmação que o perispírito pertence ao elemento material do Universo. No dizer de Kardec, é composto da quintessência da matéria[20]. Entretanto, o conceito de matéria sofreu modificações profundas desde a época em que o espiritismo veio ao mundo. É assentado nestas modificações que se propõe neste traba-lho um novo modelo (ou, ao menos, um novo entendimento) do perispírito.

Também da experiência direta obtém-se a informação que o perispírito pode ser modificado em forma de acordo com a vontade do espírito. Muitos médiuns videntes têm relatado estas modificações, assim como pesquisadores em experimentos de materialização. Entretanto, esta observação leva a uma conclusão interessante: a de que o espírito pode atuar sobre o elemento material diretamente. É preciso, então, rever a idéia, fortemente disseminada em todo o movimento espírita, de que espírito e matéria não interagem por serem de essências distintas.

Esta última idéia leva um número grande de espíritas a interpretar o termo *semimaterial*, empregado por Kardec para referir-se ao perispírito, como sendo um terceiro elemento universal, que participaria de ambas as naturezas (de espírito e matéria) e, assim, permitiria a ligação entre ambas. Não há respaldo nenhum para esta interpretação. Kardec foi claro quando postulou um sistema dualista completivo para a filosofia espírita, isto é, formado de duas e só duas substâncias essenciais em mútua e incessante interação.

Nesta mesma linha de raciocínio, parece estranha a afirmação que o perispírito deve servir de elo de ligação, ou laço que prende o espírito à matéria. Se assim fosse, porque os desencarnados, dotados de perispírito, não conseguem mover objetos sem o concurso de um médium?

O problema está no modo de pensar da ciência do século XIX. Esta ciência é discreta, ou seja, pensa o Universo, macroscopicamente, em elementos distintos e estanques, ligados entre si por algum tipo de meio físico. Assim, o perispírito seria um ente particular, perfeitamente definido em si mesmo, que serviria de meio entre dois elementos, o espírito inteligente e a matéria bruta.

A ciência do século XX quebrou estes dois conceitos: mostrou que, apesar de no âmbito das partículas subatômicas as energias serem trocadas em quantidades determinadas, ou "pacotes" fechados, e existirem "saltos quânticos" que afetam drasticamente as partículas, no mundo macro há um desenvolvimento contínuo da matéria no que tange, por exemplo, às freqüências envolvidas, nos níveis em que é possível a detecção pelos equipamentos disponíveis. E mostrou também que não são necessários quaisquer meios para transmissão de energia ou informações à distância no espaço-tempo (a luz, por exemplo, transmite-se no vácuo). Parece então mais lógico postular o perispírito como uma continuação energética da matéria, como será descrito adiante.

Não é também muito claro o papel do perispírito nas comunicações mediúnicas. Claro que, estando indissoluvelmente ligado ao espírito e sendo responsável por dar-lhe uma forma, o perispírito atua nas manifestações físicas. Entretanto, se a comunicação mediúnica classificada como manifestação inteligente (a psicofonia ou a psicografia, por exemplo) é uma transmissão mente a mente (equivale a dizer, de espírito a espírito), que, como vimos, não precisa de intermediários, essa função de perispírito necessita ser revista.

As três últimas idéias apresentadas pelos pensadores descritos parecem as mais problemáticas, ainda que se possa dar uma explicação viável do porque elas apareceram.

A primeira é a do perispírito como molde do corpo físico. As principais tentativas neste sentido foram feitas para resolver um problema sério que a ciência já enfrentava desde a antiguidade, qual seja, o de como é possível; a formação de um ser tão complexo a partir, aparentemente, da união fortuita de elementos materiais, sem que existisse algum organizador para estes elementos.

Ocorre que a última metade do século XX trouxe significativos avanços no entendimento do modo como a matéria orgânica estrutura-se e transmite as informações necessárias para sua manutenção. Os avanços da genética, iniciados com o descobrimento dos ácidos nucléicos e de sua estrutura, e que atingiram o auge com o Projeto Genoma (estudo de mapeamento dos genes humanos) forneceram e continuam fornecendo explicações cada vez mais precisas sobre o organização corporal. Criou-se, uma nova disciplina, a Engenharia Genética, especializada em estudar técnicas de modificação destas características, alterando as funções, propriedades e aparências de órgãos, vegetais, etc.

Ao mesmo tempo, estudos de biologia celular e aplicações médicas destes avanços, como no caso das intervenções diretas sobre órgãos doentes, através de terapias químicas ou de transplantes, mostraram definitivamente que a própria matéria tem, sim, condições de auto gerenciamento, sem a necessidade de um organizador extrínseco a ela.

A questão dos estudos termodinâmicos da vida ainda não esta perfeitamente equacionada, mas uma série de grandes cientistas, e não só da área biológica, como o físico austríaco Erwin Schrödinger (Prêmio Nobel de Física de 1933) têm feito sérias restrições às dificuldades da

vida em relação à entropia. Este é um campo ainda aberto, com muitas possibilidades a serem estudadas.

Mais difícil ainda é sustentar o perispírito como sede de faculdades racionais ou emocionais, como a memória, as sensações ou a inteligência. Tais funções intelectivas são, consoante a filosofia espírita, de competência exclusiva do espírito, uma vez que só ele possui inteligência. Sendo o perispírito matéria, ele não poderia participar destes processos.

A argumentação de Delanne, neste aspecto, perdeu muito da força quando se demonstrou que as células do cérebro não se modificam com o passar dos anos, sendo as únicas no organismo incapazes de regenerarem-se - uma vez destruí das, perdem-se para sempre.

Claro está que os estudos das relações mnemônicas no cérebro e da permanência das lembranças após o fim da vida córporal encontram-se longe de estarem completos.

As relações entre o espírito e o cérebro é um dos temas mais fascinantes da ciência espírita, e um dos menos estudados.

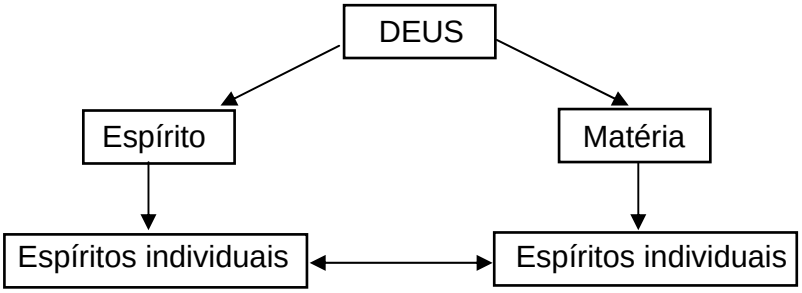
Finalmente, a idéia da existência de órgãos no perispírito também parece estranha, já que eles são estruturas organizadas que servem apenas para a manutenção da vida física. Provavelmente, esta idéia surgiu como suporte à função do perispírito de organizador biológico. Em não se admitindo esta, aquela deixa de ter importância.

5 - Proposta: uma nova visão do perispírito

Mas, se o modelo teórico do teórico do perispírito tal qual apontado acima já não satisfaz as modernas concepções científicas, é necessária a proposição de um novo modelo, ainda que como uma hipótese, mais coerente. É que se procurará fazer.

Este novo modelo baseia-se, cientificamente nos conceitos físicos anteriormente explicados. Filosoficamente, parte do dualismo espírito-matéria, e da contínua interrelação existente entre eles.

As essências dos princípios material e espiritual, criados por Deus para formar o Universo, são apenas conceitos fundamentais, sem existência física real. Ocorre que estas essências individualizam-se, formando os diversos entes que compõem o Universo real. Estas individualizações é que forma os espíritos imortais a que nos referimos quando tratamos com os desencarnados:



As individualizações do princípio inteligente (que aqui chamaremos de Espíritos, com maiúscula, seguindo a nomenclatura de Kardec) estão sempre e incessantemente interagindo com diversas formas de matéria. Isto ocorre graça à peculiar constituição do Universo

(segundo os fundamentos da filosofia espírita), em que só pode haver evolução a partir desta interação.

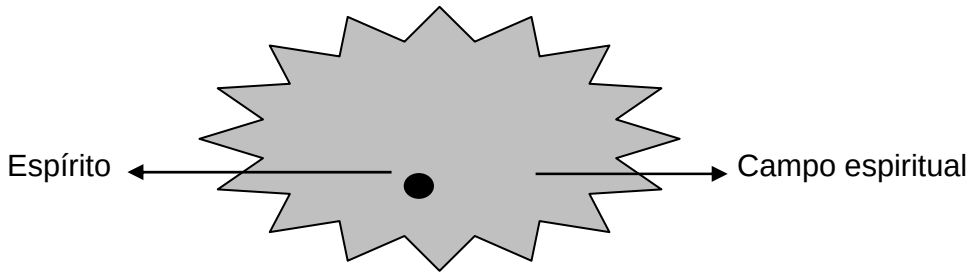
É exatamente isto que o espiritismo quer dizer quando afirma que o Espírito tem experiências em todos os reinos da criação. Esta afirmação costuma ser entendida como se o Espírito "encarnasse" numa rocha ou numa montanha, com todas as dificuldades lógicas que daí resultam. Na verdade, o que ocorre é que o Espírito, em contato íntimo com diversos tipos de matéria, aprende com todas estas interações.

Mas, se a matéria é essencialmente uma só, (aquilo que Kardec chama de *fluido cósmico* ou *fluido universal*), convenientemente modificada para adquirir as diversas propriedades funcionais nos diversos graus em que ela apresenta-se, então deve ocorrer um *continuum* material que vai da matéria mais "bruta" àquela mais "sutil". Alguma das propriedades da matéria (como, somente a título de exemplo, a freqüência) deve apresentar um gradiente que diferencie estes diversos tipos de matéria.

O perispírito pode ser, então, formado por esta mesma matéria numa dada condição de freqüência, que, atualmente, não conseguimos captar com nossos equipamentos nem nossos sentidos, Quanto mais evoluído o Espírito, tanto mais elevada a freqüência desta matéria, e mais depurado é o perispírito.

Neste modelo, a matéria que compõe o perispírito (na verdade, um tipo de energia) é perfeitamente integrada com a matéria "densa", podendo, assim, interagir com partos dela. Da mesma forma, por ser muito mais sutil, é perfeitamente suscetível de ação direta pelo Espírito, que pode moldá-la segundo sua vontade.

O Espírito age como se fosse (numa analogia grosseira) uma carga. Tal como uma carga elétrica cria em torno de si um campo eletromagnético, o Espírito cria em torno de si um campo, que, à falta de nome melhor, poderia ser chamado de *campo espiritual:*



Este campo espiritual é o lugar geométrico onde aglutinam-se as energias que constituem o perispírito. Este não seria, então, um corpo, um organismo propriamente falando, mas um aglomerado energético-material em constante interação com o espírito.

Encarado sob este novo modelo, o perispirito passa a ter propriedades e funções mais adequadas aos conceitos atualmente aceitos pela ciência, sem descaracterizar as funções principais que lhes foram atribuídas por Kardec:

- Permite ao Espírito adquirir experiências que lhe são absolutamente necessárias para seu progresso intelectual.
- Age como individualizador dos Espíritos desencarnados, dando-lhes uma forma que lhes permita, especialmente em estágios menos avançados do processo evolutivo, seguir aprendendo e atuando. Pode ser modificado segundo a vontade do Espírito.

- Age durante a encarnação, permitindo que o espírito consiga uma união perfeita Com a matéria mais densa que compõe o corpo físico. Poder-se-ia dizer que, de certa forma, é um intermediário entre o corpo físico e o espírito. A diferença é ser um intermediário estruturado como um *continuum* da própria matéria corporal, sob a forma energética, e não algo completamente distinto dela.
- Tem papel importante nas manifestações mediúnicas de efeitos físicos, tais como materialização. Sua atuação nas manifestações inteligentes ainda precisa ser estudada.
- Recebe a influência de energias externas, vindas normalmente de outros Espíritos. sejam elas benéficas ou não.
- Não possui a função de transmissor de sensações do corpo para o Espírito ou de ordens no sentido inverso. Da mesma forma, não tem nenhuma atuação sobre a memória ou a inteligência. Não possui órgãos nem nenhuma constituição semelhante, que são exclusivas do corpo físico.
- Modifica-se de acordo com as necessidades e capacidades do Espírito, mas não obrigatoriamente em mundos distintos (há de se verificar a questão da isotropia material do Universo).

Referências:

[1] PRÄSS. A. R. *Curso de Energia Mecânica.* Disponível no site htp://fisica.net/cursos/emec/emec.html – cópia em papel datada de 16/03/99

[2] ZIMMER, H. *Filosofias da Índia*, p. 63.

[3] DURANT, W *História da Civilização*, tomo 1 p, 212.

[4] DELLANE, G. *A alma é imortal*, pp, 18 a 38.

[5] Idem, *Ibidem*, p. 28.

[6] LEADBEATER, C. W. *O homem visível e invisível* – um estudo das variações da aura dos diferentes indivíduos, p. II.

[7] BENDIT L. J. e BENDIT P. D. *O corpo etérico do homem* – a fonte da consciência, p. 15.

[8] KARDEC, A. *O livro dos Espíritos*. pg. 93.

[10] Idem, *Revista Espírita – Jornal de estudos psicológicos,* 1864. pg. 108.

[11] Idem, *Ibidem*, 1863, p. 172.

[12] Idem, *Ibidem*, 1858, p. 336.

[13] Idem, *O livro dos Espíritos*. perg. 150-a.

[14] Em alguns trechos de sua obra, Kardec refere-se ao perispírito como princípio da vida orgânica, o que leva algumas pessoas a considerar que Kardec atribuía a vida à presença do perispírito. Na verdade, Kardec, vitalista que era, postulava a existência de um *fluido vital*, modificação da matéria básica universal que animaria a matéria. Este fluido estaria também na composição do perispírito, daí a referência a este como princípio da vida orgânica. Entretanto, um olhar geral sobre a obra mostra que Kardec admitia a vida sem a presença de espírito, e portanto, também sem um perispírito.

[15] DELANNE, G. *A evolução anímica*, p. 38.

[16] Idem, *ibidem*, p. 47.

[17] EMMANUEL, *Dissertações mediúnicas* (psicografia de Francisco C. Xavier), apud JORGE, J. *Antologia do Perispírito*, p.160.

[18] LUIZ, A. *Evolução em dois mundos* (psicografia de Francisco C. Xavier), p. 40.

[19] Idem, *ibidem*, p. 42.

[20] O termo quintessência, nesta acepção, significa algo que atingiu o mais puro grau. A quintessência da matéria é, assim, a pura essência do elemento material, ou seja, o próprio fluido universal que constitui a matéria básica do Universo.

XVIII CONGRESSO ESPÍRITA PAN-AMERICANO

AGENDA ESPÍRITA:

Identificando antigas e novas demandas para atualizar o Espiritismo

Autor:

Ademar Arthur Chioro dos Reis

OUTUBRO – 2000

AGENDA ESPÍRITA:

Identificando antigas e novas demandas para atualizar o Espiritismo

Autor: [1]

Ademar Arthur Chioro dos Reis

Colaboradores: [2]

Sandra Regis

Nelson Melchior dos Santos Junior

INTRODUÇÃO

> "Por que os Espíritos não ensinaram em todos os tempos o que ensinam hoje? – *Não ensinais às crianças o que ensinais aos adultos, e não dais para um recém-nascido um alimento que ele não possa digerir;* ***cada coisa em seu tempo.*** *Eles ensinaram muitas coisas que os homens não compreenderam ou desnaturaram, mas que podem compreender atualmente. Por seus ensinamentos,* ***mesmo incompletos****, prepararam o terreno para receber a semente que vai frutificar hoje."* **(Livro dos Espíritos, Livro III, cap. VIII, questão 801, pág. 312)**

O Espiritismo é uma doutrina profundamente abrangente, fundada por Allan Kardec dentro de um contexto histórico determinado, mergulhado em seu tempo - o século XIX - pautado pelo embate entre diferentes concepções filosóficas, científicas, ideológicas e religiosas que se degladiavam na compreensão da realidade e na produção de "verdades" possíveis aos limites do conhecimento daquele período.

Foi construído por Kardec a partir das perquirições e problemas de uma determinada época e dos limites impostos pelo método utilizado (a mediunidade), entre os quais destacam-se fatores relacionados aos médiuns, aos Espíritos que com ele colaboraram, à linguagem, ao conhecimento científico e tecnológico de então, etc.

Ao mesmo tempo em que estruturava as bases do pensamento espírita e de imediato reconhecia estas limitações, Kardec propunha que o Espiritismo (enquanto uma doutrina filosófica espiritualista fundamentada no pensamento racional e com base na experimentação científica, responsável por uma abordagem inovadora sobre a imortalidade da alma, a natureza dos Espíritos e suas relações com os homens, as leis morais, a via presente, a vida futura e o futuro da Humanidade,

---

[1] Presidente do Centro Espírita Allan Kardec, de Santos – SP, membro fundador do CPDoc e delegado da CEPA em Santos-SP.
[2] Membros do Centro Espírita Allan Kardec, de Santos-SP.

segundo os ensinamentos dado pelos Espíritos superiores com a ajuda de diversos médiuns), não se esgotasse em si mesmo, desatualizando-se com o passar do tempo e o desenvolvimento do conhecimento científico.

Sua gênese epistemológica impõe, portanto, que o Espiritismo acompanhe cada nova descoberta da ciência, num processo de atualização permanente e ativo, articulado e em sintonia com as diferentes correntes de construção do conhecimento humano.

> *"O Espiritismo, avançando com o progresso, jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrarem que está em erro acerca de um ponto, ele se modificará nesse ponto; se uma verdade nova se revelar, ela a aceitará."* (**A Gênese**, Cap. I - Caracteres da Revelação Espírita).

Esta era a lógica de Kardec, que rejeitava categoricamente a infalibilidade dos espíritos e médiuns que com ele edificaram o corpo doutrinário espírita. Submetia todas as opiniões, conceitos e idéias ao crivo da razão e ao método da concordância universal dos ensinamentos[3]. Ao mesmo tempo, é possível perceber, ao analisarmos sua produção literária, que Kardec procurou ser extremamente criterioso na incorporação de conceitos, teorias e novos conhecimentos contemporâneos ao período em que se dedicou a formulação do Espiritismo [4]. É possível identificar trechos de sua produção literária espírita onde procurou destacar a existência de teses as quais, prudentemente, preferiu aguardar o desenvolvimento de novas pesquisas e ao avanço de áreas do conhecimento que pudessem consolidá-las enquanto verdades científicas, antes de incorporá-las ao corpo doutrinário do Espiritismo.

De certa forma, utilizou a **Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos**[5] enquanto um laboratório experimental para o debate e a maturação destas idéias. Infelizmente, a grande maioria destas teses, destacadas por Kardec de forma condicional, foram sendo absorvidas pelos espíritas como conceitos incorporados ao corpo doutrinário e transformadas em verdades inquestionáveis.

Por outro lado, diversas questões, temas e problemas colocados para análise da sociedade contemporânea não foram abordados por Kardec. Algumas porque se desenvolveram efetivamente através de contribuições da ciência e de pensadores posteriores à Kardec, como é o caso de Freud e a Psicanálise, para citar um exemplo clássico e inquestionável.

Outras, por tratarem de temas extremamente atuais, como a doação de órgãos inter vivos, as viagens interplanetárias, a influência dos meios de comunicação de massa, os problemas relacionados à produção, tráfico, consumo e dependência das drogas e a clonagem de seres humanos, por exemplo. Outro grupo de temas, provavelmente em função das dificuldades e

---

[3] Ver para tanto Kardec, A. **"O Livro dos Médiuns" e "Obras Póstumas"**.

[4] De 1855, quando efetivamente iniciou-se no processo experimental de investigação mediúnica, até março de 1869, quando desencarnou.

[5] Kardec, Allan. **"Revista Espírita - Jornal de Estudos Psicológicos"**. Publicação mensal sob direção de Kardec de janeiro de 1858 à março de 1869.

limitações éticas e morais daquela época, como por exemplo as questões relacionadas à sexualidade, entre outras, não foram abordadas em seu tempo.

Mesmo temas eminentemente espíritas, tais como a vida no mundo dos espíritos, o perispírito, as emissões energéticas, entre outros, foram incorporados de forma superficial e/ou precariamente desenvolvidas nas obras espíritas consideradas básicas.

O conhecimento disponível em relação à temas desta natureza foram posteriormente desenvolvidos, incorporados e transformados na "visão espírita" sobre determinado assunto quase que exclusivamente através da contribuição mediúnica de um único médium, geralmente idolatrado, o que obviamente resultou num abandono da produção de conhecimentos através da mediunidade através do método racional proposto, experimentado e utilizado por Allan Kardec.

Na verdade, a incorporação destes conhecimentos de origem mediúnica pós Kardec deveram-se muito mais em função da sua capacidade de legitimar as proposituras e o domínio político e ideológico de federativas e grupos hegemônicos no movimento espírita, que foram alavancadas e se consolidaram através da sua força editorial. Obras mediúnicas de autoria de espíritos conservadores e religiosos, sem que nenhuma metodologia científica fosse utilizada, nem mesmo a da "concordância universal" proposta por Kardec, foram (e continuam sendo) transpostas à categoria de verdades absolutas: em verdades espíritas! (por mais absurdas e inverossímeis que sejam as teses defendidas)

Uma doutrina que se quer filosófica e que se dispõe e pleiteia o status e a categoria de doutrina atual, progressista, humanista e aberta ao diálogo com as outras formas de construção do conhecimento, deve ter a capacidade de abordar e expor para análise crítica do conjunto da sociedade, mesmo que de forma não conclusiva, sua visão sobre os problemas e questões colocadas como desafios para o homem e o mundo atual.

METODOLOGIA

Este estudo tem por escopo propor para os pensadores espíritas comprometidos com a atualização do Espiritismo a construção (e pactuação) de uma ***Agenda Espírita***, que permita identificar o quê atualizar. Com esse propósito, desenvolvemos este texto a partir da seguinte metodologia, descrita a seguir.

Inicialmente, com o apoio dos colaboradores, foi realizada uma revisão bibliográfica criteriosa de toda a obra de Allan Kardec[6] , incluindo as seguintes obras: **O Livro dos Espíritos** (1857), **Instruções Práticas Sobre as Manifestações Espíritas** (1858)[7], **O que é o Espiritismo?** (1859), **O Livro do Médiuns** (1861), **O Espiritismo na sua mais Simples Expressão** (1862), **O Evangelho Segundo Espiritismo** (1864), **O Céu e o Inferno** (1865), **A Gênese** (1868), todas de

[6] Por ser considerada pelo autor um laboratório de idéias, utilizado para debater conceitos e refutar críticas, antes da incorporação definitiva à obra doutrinária, entendeu-se por bem não incluir os volumes da **Revista Espírita**, editados por Allan Kardec, na revisão bibliográfica efetuada.

[7] Substituída por Kardec, em 1861, pelo "**Livro dos Médiuns**" e reeditada em 1923 por Jean Meyer.

autoria de Allan Kardec, além de **Óbras Póstumas** (1890), publicação que reuniu textos inéditos do mestre lionês. Para tanto, padronizamos a edição em português publicada pelo Instituto de Difusão Espírita (exceção feita para os livros **Instruções Práticas Sobre as Manifestações Espíritas** e **O Espiritismo na sua mais Simples Expressão,** para os quais utilizamos a edição da EDICEL), cujas edições respectivas podem ser observadas na referência bibliográfica ao final deste texto.

Em virtude das limitações para apresentação oral e do texto escrito impostas pelo Regulamento do *" Fórum de Temas Livres "*, uma vez que esse trabalho foi originalmente elaborado para apresentação no XVIII Congresso Espírita Pan-americano, optou-se em priorizar e dar ênfase ao **"Livro dos Espíritos"**, por se tratar da base filosófica do pensamento espírita, onde estão contidos os princípios da Doutrina Espírita.

Com isso, será possível abordar, em outra publicação a ser produzida em breve pelos autores, uma versão mais abrangente da identificação de temas para atualização na obra de Kardec. Utilizou-se para a realização deste trabalho, portanto, como referência fundamental, conforme aqui destacado, o **Livro dos Espíritos**.

Com o processo de revisão bibliográfica efetuado foi possível identificar seis eixos principais para subsidiar a construção de uma **Agenda Espírita**, capaz de destacar temas a serem abordados num processo de permanente atualização do Espiritismo, que serão descritos e desenvolvidos a seguir.

O QUÊ ATUALIZAR?

Este trabalho procura delinear objetivamente um conjunto de questões que podem vir a ser objeto de uma releitura ou atualização permanente do Espiritismo, compreendidas em seis diferentes grupos ou eixos temáticos, através da identificação:

a) De idéias e conceitos para as quais a linguagem utilizada por Kardec e/ou pelos Espíritos (e posteriormente incorporadas ao discurso espírita), encontram-se desatualizadas, incongruentes, ou desprovidas de seus significados originais e da intencionalidade a elas atribuídas no momento da elaboração da Doutrina Espírita;
b) Do conjunto de idéias e conceitos espíritas (conteúdos) que com o tempo desatualizaram-se ou encontram-se em desacordo, parcial ou integralmente, em relação ao conhecimento humano e, em especial, ao científico;
c) De um conjunto de idéias e conceitos formulados parcialmente ou em caráter condicional por Allan Kardec e pelos espíritos que com ele fundaram o Espiritismo, em virtude:
   - da alegada incapacidade de definir ou descrever determinadas situações devido à inexistência de meios para tanto, por limitação de nossos conhecimentos ou de nossa linguagem (cremos que já é possível compreender muitas coisas que em meados do século XIX seriam impossíveis);

- da inexistência de permissão para a análise e aprofundamento de determinadas questões, ora porque não era chegada a hora, ora por entenderem que seria de competência dos espíritos encarnados a tarefa de produzir o conhecimento em torno de determinado assunto;
- a necessidade de acompanhar o desenvolvimento científico para que fosse possível comprovar (ou não) uma determinada hipótese formulada e posteriormente incorporá-la definitivamente ao Espiritismo (expediente utilizado fartamente no último livro publicado por Allan Kardec, em 1868, denominado ***"A Gênese – Os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo"***, muito embora até hoje, transcorridos mais de 130 anos, este processo de confirmação crítica das hipóteses ainda não tenha sido realizado).

d) De temas antigos ou novos problemas ainda não abordados pelo Espiritismo ou conjunto de questões relacionadas ao mundo contemporâneo para as quais o Espiritismo não possui posições claramente definidas que possam produzir uma contribuição aos seres humanos e à sociedade. Ou cuja versão, difundida publicamente, restringe-se à opiniões individuais de algumas lideranças ou figuras com alguma projeção pública. E ainda, o que é mais grave, restritas a opinião de um espírito (muitas vezes legitimadas não pelo seu conteúdo, mas sim pelo reconhecimento moral e projeção do médium) sem que sejam submetidas à análise crítica, ao método da concordância universal ou qualquer outro tratamento elementar exigidos ao lidar-se com informações de origem mediúnica (aceita-se as informações, equivocadamente, por sua pretensa origem divina, tal qual uma revelação de origem religiosa);
e) De temas que permitam uma releitura e validação ou não de hipóteses e teorias estabelecidas através de literatura mediúnica (a excelente produção teórica a partir das reportagens do espírito André Luiz, por exemplo) ou a contribuição de estudiosos espíritas encarnados e que formularam suas contribuições posteriormente à Allan Kardec, como Léon Denis, Gabriel Delanne, Manoel Porteiro, José Herculano Pires, Hernani Guimarães Andrade, entre tanto outros;
f) De um conjunto de práticas espíritas de origem diversas incorporadas pelo Movimento Espírita e que não foram submetidas a análise de coerência, eficácia e validação de seus resultados.

Impõe-se, portanto, dada inclusive a variedade e quantidade de temas a serem objeto de investigação, estudo, formulação, debate e análise crítica e posterior atualização, que se defina de alguma forma o processo pelo qual será desenvolvido todo esse árduo mas necessário trabalho de atualização do Espiritismo, ou seja, a constituição de uma ***Agenda Espírita*** (o quê atualizar?) e de um ***Método de Atualização*** (como fazer a atualização?).

Entende-se que é possível desenvolver os seis eixos aqui apontados simultaneamente. Entretanto, torna-se fundamental que seja priorizada a abordagem de antigos, porém ainda atuais, e novos problemas e questões relacionadas ao homem e ao mundo atual para os quais não se tem ainda uma proposta espírita firmada. Desta forma, é possível ampliar o grau de intervenção e inter-relação do conhecimento espírita com o conjunto de outros olhares produzidos pelas diferentes concepções filosóficas, religiosas, culturais e científicas existentes.

Enquanto o cidadão espírita, numa perspectiva individual, ou o próprio movimento espírita, como um movimento social, não puderem efetivamente contribuir com sua visão filosófica e profundamente ética e moral junto à sociedade, teremos perpetuada uma situação de auto-isolamento.

Nossa visão de Deus, da evolução infinita, da imortalidade da alma, da reencarnação, da mediunidade e de tantos outros conceitos produzem um olhar esperançoso e positivo sobre o presente e o futuro da humanidade. Não podemos esperar que a totalidade (ou mesmo a maioria) dos habitantes do planeta virem espíritas.

A vida é plural, assim como os mundos, as individualidades, as necessidades humanas e espirituais também são plurais. Devemos projetar sim é a nossa capacidade de ampliar a influência espírita, a partir da universalização das idéias e a capilarização entre os seres humanos e as mais diferentes culturas, dos conceitos filosóficos básicos do Espiritismo e de suas conseqüências ético-morais.

Não deve haver temas proibidos. Tudo deve e pode ser discutido. Entretanto, para que se obtenha o êxito esperado, é preciso conduzir com cautela esta agenda para a atualização. Deve-se experimentar, inicialmente, por cerca de cinco a dez anos, um processo de discussão em que se busque o maior consenso possível, em temas centrados:

- na epistemologia espírita, ou seja, sobre a natureza e o caráter do Espiritismo, em particular sobre a forma como se deu (e portanto como se dará) a construção do pensamento espírita;
- na revisão, atualização e modernização da linguagem e seus significados.
- na formulação de conceitos espíritas relacionados aos problemas humanos contemporâneos e que não tenham sido objeto de análise no período da fundação do Espiritismo ou pelos principais continuadores de Allan Kardec (questões relacionadas à bioética e ao desenvolvimento tecnológico, por exemplo);

Desta forma, propõe-se que a discussão em torno dos eixos paradigmáticos do Espiritismo, independentemente de alguns destes terem sido neste estudo identificados como objetos passíveis de atualização, seja programada para uma segunda etapa, quando além da análise crítica e dos acúmulos do processo desencadeado, poderemos estabelecer mais claramente o que se pretende e como avançar neste sentido.

Este importante assunto, ou seja, o como atualizar, será discutido de forma mais detalhada em outro trabalho apresentado ao XVIII Congresso Espírita Pan-americano, intitulado: ***"Como? Uma proposta metodológica para o processo de atualização permanente do Espiritismo".***

O estabelecimento de uma **Agenda Espírita** é talvez um dos maiores desafios da Confederação Espírita Pan-americana, a CEPA, a partir do XVIII Congresso Espírita Pan-americano. Se isto for empreendido, o êxito do Congresso estará garantido e o esforço da CEPA recompensado.

AGENDA ESPÍRITA

Atualização da linguagem

> *"As palavras pouco nos importam. Cabe a vós formular linguagem adequada a vos entenderdes. As controvérsias surgem, quase sempre, por não vos entenderdes sobre as palavras, visto que a vossa linguagem é incompleta para exprimir as coisas que não ferem os vossos sentidos."*
> **(O Livro dos Espíritos, Livro I, cap. II, questão 28, pág. 53)**

A resposta obtida por Kardec quando o fundador do Espiritismo sugeria denominar os dois elementos gerais do universo, a matéria e o espírito, respectivamente por "matéria inerte" e "matéria inteligente" para evitar menos confusão, uma vez que seus interlocutores invisíveis afirmavam que o Espírito era, de fato, alguma coisa (muito embora não conseguissem explicá-la de forma adequada ao nosso entendimento), reflete de modo inconteste o grau de dificuldade relacionados à linguagem e aos conceitos de que trata o Espiritismo.

Lidamos, efetivamentente, com um objeto de estudo e análise para o qual nem sempre os conceitos podem ser descritos pela linguagem usual e cujos significados, muitas vezes definidos por alegorias e comparações a referenciais usuais, permitem toda uma sorte de confusões e distorções conceituais.

Kardec teve – e talvez esse seja um aconselhável caminho a continuar a seguir – que criar muitos neologismos, tomando um cuidado especial com a clareza e a objetividade da linguagem, de tal monta que abriu a Introdução de seu **"O Livro dos Espíritos"** da seguinte forma:

> ***"Para as coisas novas necessitam-se de palavras novas, assim o quer a clareza da linguagem para evitar a confusão inseparável do sentido múltiplo dos mesmos vocábulos.(...)"***

Por outro lado, há que se considerar que determinados textos, conceitos, temas e idéias foram formulados a partir da visão de mundo prevalecente no século XIX. Não há porque considerá-las com o mesmo sentido a elas atribuídas pela linguagem (e o que ela representa) neste final de século XX.

Podemos encontrar situações absolutamente simples e facilmente recontextualizáveis à linguagem atual, como por exemplo:

> *"O que seria supérfluo para um não se torna necessário para outros, e reciprocamente, segundo a posição? – Sim, de acordo com as vossas idéias materiais, (...). Sem dúvida, aquele que tinha cinquenta* ***mil libras de renda*** *e se encontra reduzido a dez, se crê bem infeliz porque não pode mais fazer uma*

figura tão grande, ter aquilo que chama sua posição, ter ***cavalos, lacaios,*** *satisfazer todas as suas paixões, etc. (...)"* (LE, Livro IV, cap. I, questão 923, pág. 359)

A dolarização (moeda e linguagem universal nos dias de hoje) dos valores financeiros e a transposição dos sinais de status social para carros, jatos, empregados, mordomos e outras regalias típicas do consumismo exibicionista dos tempos modernos seria suficiente. Infelizmente, entretanto, nem todos os textos que se apresentam desatualizados são tão simples e automaticamente transpostos à realidade atual.

O conceito de Fluido, por exemplo, fartamente utilizado por Kardec e pelos Espíritos e fundamental para a visão espírita proposta, perpassando diversos temas, tais como, os elementos gerais do universo, a criação, o princípio vital, o mundo espírita, o perispírito, a mediunidade, etc., não guarda mais nenhuma relação com o conceito de fluido hoje atribuído pela Física e pela ciência, em geral.

O que isto significa? Que a hipótese espírita está errada? Que é inconsistente? Não. Muito pelo contrário. De certa forma, a hipótese espírita é extremamente atual, muito embora ainda necessite de melhor fundamentação, mas não pode ser descartada *a priori* por ser considerada cientificamente ultrapassada. Neste caso, o problema é que Kardec e os Espíritos, ao referirem-se a este tema, falam de algo cujo significado não guarda mais absolutamente nenhuma correlação com o seu significado científico atual. Então por que não atualizar a linguagem espírita?

Vejamos alguns exemplos:

"Esse seria, então, o ***fluído vital*** *que segundo certas opiniões, não seria outro que o* ***fluido elétrico*** *animalizado, designado também sob os nomes de* ***fluido magnético, fluido nervoso****, etc."* (Livro dos Espíritos, Introdução, item II, pág. 11)

"(...) Portanto, não há nada de espantoso que o fenômeno do movimento dos objetos pelo ***fluido humano*** *tenha também suas condições de ser e cesse de se produzir quando o observador(...)"*(Livro dos Espíritos, Introdução, item III, pág. 14)

Ora, o fluido humano, conforme as ciências biológicas assim definem, é todo o líquido extra-celular. O sentido pretendido por Kardec e pelos Espíritos, muito diferente do atual, é o que hoje equivale à **energia.** Então por que não utilizá-lo? Ou então, por convenção, por que não adotarmos uma nomenclatura específica (mesmo que seja um neologismo), como fazem todas as doutrinas científicas, porém de forma padronizada, a ser utilizada pelos espíritas, correspondendo a um conceito específico, claramente entendido por todos que desejarem travar contato com o pensamento espírita?

Temos que atribuir o real significado das coisas através da utilização de uma linguagem adequada, sem subterfúgios. Assim, qualquer referência à lei de causa e efeito e ao livre arbítrio, não pode e não deve ser efetuada, por exemplo, utilizando-se a expressão "*Karma*".

Palavras de origem oriental, esotérica ou impregnadas de um sentido religioso (pecado, céu e inferno, purificação, etc.), em geral, acabam denotando sentidos conceituais opostos à visão

filosófica do homem e do mundo pela ótica espírita. E, portanto, são indesejadas. Não significam uma atualização, mas sim uma deturpação do pensamento espírita kardecista.

Vejamos alguns exemplos de:

*"(...) cada um é **punido** por aquilo que **pecou**(...)."* **(**LE, Livro II, cap.VII, questão 399, pág. 184)

*"(...) As doenças, as enfermidades, a própria morte, que são as consequências dos abusos, ao mesmo tempo são **punição** à transgressão da lei de Deus*." **(**LE, Livro III, cap.V, comentário à questão 714, pág. 285)

*"(...)É que o homem não aproveita; é preciso **castigá-lo** em seu orgulho e fazê-lo sentir sua fraqueza.(...)."* **(**LE, Livro III, cap.VI , questão 738, pág. 291)

*"(...) Todos vois suportais, a cada instante, essa **pena, porque sois punidos pelo que pecastes**, nesta vida ou em outra(..)."* **(**LE, Livro III, cap.VI, questão 764, pág. 298)

*"(...) – Pobres seres que **Deus castigará**. Eles serão transportados pelas torrentes que querem deter.."* **(**LE, Livro III, cap.VIII , questão 781, pág.304)

*" O homem é responsável pelo seu pensamento? – Ele é responsável diante de Deus. Só Deus, podendo conhecê-lo, o **condena** ou o absolve segundo a sua justiça*." **(**LE, Livro III, cap. X, questão 834, pág.323)

*" (...) Essa deformação, frequentemente, é uma **punição** para o Espírito que, em uma existência anterior, pode ter sido vão e orgulhoso e ter feito mau uso de suas faculdades*." **(**LE, Livro III, cap.X, questão 326, pág.326)

*"As provas que restam a suportar para rematar sua **purificação** não são para a alma uma apreensão penosa, que perturba a sua felicidade?"* **(**LE, Livro IV, cap. II, questão 979, pág. 381)

*"Qual a consequência do arrependimento no estado espiritual? – O desejo de uma nova encarnação, para se **purificar**.(...)"* **(**LE, Livro IV, cap. II, questão 991, pág. 384).

Afinal, o espírito é criado simples e ignorante ou impuro? É esta a visão de justiça divina que se apreende no primeiro capítulo do Livro dos Espíritos? Há problemas de linguagem, identificáveis na obra espírita como um todo, que merecem ser revistos e atualizados. Fundamentalmente porque influenciam não apenas a linguagem mas o pensamento de muitos autores e os espíritas, de maneira geral, ainda excessivamente presos aos arquétipos de pecado original, da existência como um castigo, etc., fruto da tradição religiosa ocidental, mas que também impregnam o pensamento das principais correntes religiosas e filosóficas orientais, em relação as quais o Espiritismo representa um grande avanço.

Para o Espiritismo, a Terra é um "mundo de provas e expiações" e não de **penas e castigos.** Como se vê, a visão evolucionista e da justiça de Deus que se apreende destes conceitos são absolutamente distintas.

Os exemplos aqui destacados demonstram a necessidade imperiosa de adequar e atualizar a linguagem espírita, tornando-a coerente com a linguagem estabelecida para o conhecimento contemporâneo. Redefinir e ressignificar conceitos e idéias espíritas, mesmo que para tanto precisemos enriquecer o nosso vocabulário, torna-se um imperativo, não apenas para o processo de atualização em si, mas para que o Espiritismo possa ser lido, estudado, debatido, pesquisado e tomado como referência pela sociedade contemporânea. Não podemos deixar que se transforma numa idéia velha, dúbia, carcomida pelo tempo.

Idéias e conceitos espíritas desatualizadas ou em desacordo com o conhecimento científico:

> *"Se entre os adeptos do Espiritismo há os que diferem de opinião sobre quaisquer pontos da teoria, todos concordam sobre os pontos fundamentais.(...)".*
> **(**LE, Conclusão, item IX, pág. 413)

A atualidade da Doutrina Espírita é incontestável. Esta magnífica constatação, entretanto, não impede que alguns temas tratados por Allan Kardec e pelos Espíritos que com ele edificaram a filosofia espírita, decorridos 143 anos do surgimento do Espiritismo e, em particular, em função do desenvolvimento científico e tecnológico, da formação e desenvolvimento de várias disciplinas e novas áreas específicas do conhecimento humano, encontram-se desatualizados ou em desacordo com o conhecimento humano, e em especial o saber científico.

Kardec, em "*Caracteres da Revelação Espírita*", texto que compõe a Introdução de seu livro **"A Gênese – Os Milagres e as Predições Segundo O Espiritismo",** já percebia a rapidez com que avançava o conhecimento científico em meados do século XIX, concebendo o Espiritismo como uma doutrina dinâmica, progressista, apta a acompanhar, incorporar e modificar-se em função do desenvolvimento da Ciência.

A seguir, procuramos destacar algumas idéias e conceitos que se encontram nestas condições aqui referidas, compondo um importante e decisivo capítulo no processo de atualização do Espiritismo:

- **Fluido Vital:**

> *"Esse seria, então,* ***o fluído vital*** *que segundo certas opiniões, não seria outro que o* ***fluido elétrico*** *animalizado, designado também sob os nomes de* ***fluido magnético, fluido nervoso****, etc."* (LE, Introdução, item II, pág. 11)
>
> *"(...) Portanto, não há nada de espantoso que o fenômeno do movimento dos objetos pelo* ***fluido humano*** *tenha também suas condições de ser e cesse de se produzir quando o observador(...)"(*LE, Introdução, item III, pág. 14)
>
> *"Haveriam assim, dois elementos gerais do Universo: a matéria e o espírito? – Sim, e acima de tudo Deus, o criador, o pai de todas as coisas; (...) Ma, ao elemento material é preciso juntar o* ***fluido universal****, que desempenha papel intermediário entre o espírito e a matéria propriamente dita, (...). Ele está colocado entre o espírito e a matéria;* ***é fluido, como a matéria é matéria****(...)"* **(**LE, Livro I, cap. II, questão 27, pág. 52)
>
> *"Esse* ***fluido universal****, ou primitivo, ou elementar, sendo agente que o espírito utiliza, é o princípio sem o qual a matéria estaria em perpétuo estado de divisão e* ***jamais adquiriria as propriedades que a gravidade lhe dá****."* **(**LE, Livro I, cap. II, questão 27, pág. 52)

"(...) Dissemos que ele é suscetível de inúmeras combinações e o que chamais fluido universal, que não é propriamente falando, senão uma matéria mais perfeita, mais sutil, e que ***pode ser considerada como independente."*** **(**LE, Livro I , cap. II, questão 27, pág. 53)

"O Universo compreende a infinidade dos mundos que vemos e aqueles que não vemos, todos os seres animados e inanimados, todos os astros que se movem no espaço, assim como ***os fluidos que o enchem."*** **(**LE, Livro I , comentário introdutório ao cap. III, pág. 56)

"O princípio vital reside em alguns dos corpos que conhecemos? – Ele tem sua fonte no ***fluido universal;*** *é o que chamais de fluido magnético ou elétrico animalizado. É o intermediário, o elo entre o espírito e a matéria"* (LE, Livro I, cap. IV, questão 64, pág. 65)

Não se trata apenas, conforme discutido anteriormente, de atualizar a linguagem. É preciso reconceitualizar o Vitalismo dinamista que caracteriza a visão espírita. Se o Universo é constituído de dois, e tão somente dois elementos, o espírito e a matéria, o que é denominado fluido, nada mais pode ser do que diferentes estágios de modificação da própria matéria, a energia. Urge aprofundar o conhecimento sobre o tema, levando em consideração todo o acúmulo científico disponível, afinal, a Física deste final de século XX trabalha com referenciais absolutamente distintos dos que eram utilizados no tempo de Kardec.

- **Epistemiologia Espírita:**

"A Ciência, propriamente dita, como ciência, portanto, é incompetente para se pronunciar na questão do Espiritismo: não tem que se ocupar com isso e seu julgamento, qualquer que seja, favorável ou não, não poderia ter nenhuma importância." **(**LE, Introdução, item VII, pág. 22)

"Vede, pois que o Espiritismo não é da alçada da Ciência." **(**LE, Introdução, item III, pág. 23)

Obviamente que estes conceitos relativos ao papel da ciência, e sua relação com o Espiritismo, são incompatíveis com o caráter dado à Doutrina Espírita por Kardec. Tratam-se, pois, de trechos descontextualizados e equivocados.

- **Loucura e saúde mental:**

Aqui temos um conjunto de temas, conceitos e idéias que acabaram consubstanciando uma nova disciplina científica, a Psicanálise, formulada posteriormente ao desencarne de Kardec por inúmeros pensadores, entre os quais destaca-se Freud, resultando em práticas sociais específicas e cada vez mais sofisticadas, como a Psiquiatria e a Psicologia, por exemplo.

O conceito de loucura utilizado por Kardec e pelos Espíritos está em profundo desacordo com o conhecimento científico. Kardec, restrito aos conceitos vigentes, possui da loucura uma visão organicista, restrita a idéia de que os estados patológicos são todos determinados pela lesão dos órgãos do sistema nervoso, ou seja, restringindo a abordagem a sua dimensão física, orgânica. Desta forma, estados psicóticos, por exemplo, são discutidos em situação de (falsa) correlação às deficiências mentais, oligofrenias, etc. Kardec parte do pressuposto, em grande parte corroborado

pelos Espíritos, de que o que adoece é o corpo físico, e não o espírito que animam e dá vida aquele corpo (coerente com o pensamento científico e com a prática médica de então). Vejamos:

> *"Sabe-se o número de loucos e de maníacos produzidos pelos estudos matemáticos, médicos, musicais, filosóficos e outros? (...) Pelos trabalhos corporais estropiam-se os braços e as pernas, que são os instrumentos da ação material; pelos trabalhos da inteligência estropiam-se o cérebro, que é o instrumento do pensamento. Mas se o instrumento está quebrado, o Espírito não o está por isso: ele está intacto e, quando desligado da matéria, não goza menos da plenitude de suas faculdades.* **(**LE, Introdução, item XV, pág. 35)
>
> "A loucura tem por causa primeira uma predisposição orgânica do cérebro que o torna mais ou menos acessível a certa impressões.(...)" **(**L E, Introdução, item XV, pág. 35)
>
> "Entre as causas mais numerosas de **superexcitação cerebral**, é preciso contar as decepções, os desgostos, as afeições contrariadas, que são, ao mesmo tempo, a causa mais frequente de suicídio." **(**LE, Introdução, item XV, pág. 35)
>
> *" (...) e por esse belo resultado (o medo como uma das causas da loucura) não se conta o número das epilepsias causadas pelo abalo de um cérebro delicado."* **(**LE, Introdução, item XV, pág. 36)
>
> *"Tem fundamento a opinião segundo a qual os* ***cretinos e os idiotas*** *têm uma alma de natureza inferior?"* **(**LE, Livro II, cap. VII, questão 371, pág. 174)

Além disso, é preciso que se destaque os problemas de linguagem, conforme já discutido no item anterior. Não se utiliza mais as expressões *cretinos* e *idiotas* para se referir aos portadores de sofrimentos psíquicos (há mais de um século).

Kardec atribui os problemas mentais à um defeito físico. Confunde, por falta de elementos e traduzindo a visão científica de seu tempo, a doença neurológica e a deficiência mental com a loucura e os variados graus de sofrimento psíquico. Vejamos:

> *"É necessário distinguir o estado normal do estado patológico. No estado normal, o moral suplanta o obstáculo que lhe opõe a matéria; mas existem casos em que a matéria oferece uma resistência tal qual as manifestações são obstadas ou desnaturadas, como na idiotia e na loucura(...)"***(**LE, Livro II, cap. VII, comentário à questão 372, pág. 175)
>
> *"Qual é a situação do Espírito na loucura? - (...) Imagina agora que o órgão que preside aos efeitos da inteligência e da vontade seja parcial ou inteiramente atacado ou modificado, e te será fácil compreender que o Espírito, não tendo mais a seu serviço senão órgãos incompletos ou desnaturados, deve lhe resultar uma perturbação, da qual, por si mesmo e no seu foro íntimo, tem perfeita consciência, mas não é senhor para deter o curso"*
>
> *"É então sempre o corpo e não o Espírito que está desorganizado? - Sim (...) Pode acontecer que, com o tempo, quando a loucura durou bastante, a repetição dos mesmos atos acaba por Ter, sobre o Espírito, uma influência da qual não se livra senão depois de sua completa separação de todas as impressões materiais.* **(**LE, Livro II, cap. VII, questão 375, pág. 176)
>
> *"O Espírito do alienado se ressente, depois da morte, do desarranjo de suas faculdades? – Ele pode sentir algum tempo depois da morte, até que esteja completamente desligado da matéria (...)"* **(**LE, livro II, cap. VII, questão 377, pág. 177)
>
> *"(...) É por isso que, quanto mais durar a loucura durante a vida, muito mais tempo dura a opressão, o constrangimento depois da morte (...)"* **(**LE, livro II, cap. VII, questão 378, pág. 177)

Poucos campos do conhecimento humano possuem uma contribuição tão farta e valiosa quanto a que o Espiritismo pode fornecer para ampliar a compreensão dos sofrimentos psíquicos, seus determinantes e conseqüências. A dimensão espiritual do homem, a existência de uma personalidade pré existente e a preservação de sua individualidade após a morte, permitem uma verdadeira revolução conceitual e uma nova abordagem prática sobre o tema.

Mas é preciso destacar, ainda, que não há correspondência entre o pensamento científico moderno e a visão estabelecida no Livro dos Espíritos sobre, entre outros temas, o suicídio e a loucura. Hoje, se tem claro, que ao contrário, o suicídio é uma das manifestações do sofrimento psíquico.

> *"Por que motivo a loucura leva, algumas vezes, ao suicídio? – O Espírito sofre com o constrangimento que experimenta e com a impossibilidade, em que se encontra, de se manifestar livremente, por isso busca na morte um meio de romper os seus laços."* **(**LE, Livro II, cap. VII, questão 376, pág. 176)
>
> *"(...) O suicídio não é sempre voluntário? – O louco que se mata não sabe o que faz.(...)"* **(**LE, Livro IV, cap. I, questão 944, pág. 368)

- **Sono e os sonhos:**

O desenvolvimento científico faz com que, novamente, os trechos aqui destacados encontrem-se desatualizados em relação aos conhecimentos obtidos através da neurologia, da hipnologia e da eletroneurofisiologia, que estudam a dinâmica e as disfunções relacionadas ao sono e, ainda, de alçada da Psicologia e suas diferentes escolas e correntes, contribuições para a compreensão do papel e dos significados dos sonhos para a personalidade (e suas disfunções) humana.

> *"(...)os sonhos em uma criança, não têm o caráter dos de um adulto; seu objeto é quase sempre pueril, o que é indício da natureza das preocupações do Espírito.***"** **(**LE, livro II , cap. VII, comentário à questão 380, pág. 177)
>
> *"Durante o sono, a alma repousa como o corpo? - Não, o Espírito jamais está inativo (...)"* **(**LE, livro II, cap. VIII, questão 401, pág. 186)
>
> *"Como podemos apreciar a liberdade do Espírito durante o sono? - Pelos sonhos (...) O sonho liberta, em parte a alma do corpo (...) O sonho é a lembrança do que vosso Espírito viu durante o sono (...) Os sonhos são o produto da emancipação da alma, (...)"* **(**LE, livro II, cap. VIII, questão 402, pág. 186 à 188)
>
> *"Durante o sono, a alma repousa como o corpo? - Não, o Espírito jamais está inativo (...)"* **(**LE, livro II, cap. VIII, questão 401, pág. 186)

- **Astronomia / Formação do planeta:**

Aqui temos um dos pontos de maior fragilidade teórica entre os contidos nas obras espíritas. Todo o capítulo intitulado Uranografia Geral, incluído em **A Gênese**, assim como as referências existentes em **O Livro dos Espíritos** relativas ao tema, requerem um processo de revisão e atualização, pois a quantidade de conceitos e informações ultrapassadas ou equivocadas é de tal monta que constitui, nos dias de hoje, obviamente, uma agressão à inteligência do leitor e dos

estudiosos espíritas, exigindo que não mais divulguemos idéias que não são mais condizentes com a realidade.

Em **O Livro dos Espíritos**, ao referir-se à uma das hipóteses para explicar o fenômeno das mesas gigantes, Kardec afirma equivocadamente:

> *"O movimento circular não tinha nada de extraordinário. Está na Natureza;* ***todos os astros se movem circularmente.*** **(**Livro dos Espíritos, Introdução, item III, pág. 13)

Ou ainda, coerente como pensamento científico vigente em sua época, vejamos o conjunto de afirmações a seguir, desatualizadas em relação ao conhecimento científico atual:

> ***"****Os cometas seriam, como se pensa atualmente, um começo de condensação da matéria e dos mundos em via de formação? –* ***Isto é exato****; mas o que é absurdo é crer-se em sua influência (...)todos os corpos celestes têm sua parte de influência em certos fenômenos físicos*. (LE, Livro I, cap. III, questão 40, pág. 56)
>
> *"Podemos conhecer a duração da formação dos mundos: da Terra; por exemplo? – Nada te posso dizer a respeito, porque só o Criador o sabe, e bem louco seria quem pretendesse saber ou conhecer o número de séculos dessa formação."* **(**LE, Livro I, cap. III, questão 42, pág. 57)
>
> "*Todos os globos que circulam no espaço são habitados? – Sim, (...)"* **(**LE, Livro I, cap. III, questão 55, pág. 60)
>
> *"Os mundos mais afastados do Sol estão privados de luz e de calor, uma vez que o Sol se mostra a eles apenas com a aparência de uma estrela? – Credes, pois, que não existem outras fontes de luz e de calor além do Sol, e não considerais em nada a eletricidade, que, em certos mundos, tem um papel que desconheceis (...)"* **(**LE, Livro I, cap. III, questão 58, pág. 60)
>
> *"Esses mundos podem, pois, conter em si mesmos as fontes de calor e de luz necessárias aos seus habitantes."* **(**LE, Livro I, cap. III, comentário de Kardec, pág. 61)
>
> *"Segundo os Espíritos (...) a Terra é um daqueles globos onde os Espíritos são os menos avançados, física e moralmente. Marte seria ainda inferior e Júpiter, o mais superior em relação a todos. O Sol não seria um mundo habitado por seres corporais, mas um local de reunião dos Espíritos superiores que, de lá, irradiam seus pensamentos para outros mundos(...). Como constituição física, o Sol seria um foco de eletricidade. (...) parece que Vênus é mais adiantado que a Terra, e Saturno menos adiantado que Júpiter."* **(**LE, Livro II , cap. IV, nota de Kardec à questão 188, pág. 110)

Não é exata a definição atribuída aos comentas, assim como nem todos os globos que circulam no espaço são habitados. Aliás, a existência de vida em outros planetas, mesmo em nosso Sistema Solar, um dos paradigmas espíritas, saliente-se, é ainda uma hipótese científica, provável, porém não comprovada. Não considera, ainda a existência de outros sóis no universo. Por outro lado, fontes de energia artificial já estão disponíveis, em relativa abundância, em nosso planeta, tais como a nuclear, a hidroelétrica e a termoelétrica, por exemplo. Mas pelas evidências científicas, é impossível florescer vida inteligente sem a energia produzida por estrelas semelhantes às denominadas, em nossa sistema solar, como "Sol".

- **Matéria:**

"Define-se a matéria como sendo o que tem extensão, impressiona os nossos sentidos e é impenetrável. São exatas estas definições? – Do vosso ponto de vista essas definições são exatas, porque não falais senão do que conheceis. (...)" (LE, Livro I, cap. II, questão 22, pág. 51)

"De onde provêm as diferentes propriedades da matéria? – São modificações que as moléculas elementares sofrem pela sua união, e em certas circunstâncias." (LE, Livro I , cap. II, questão 31, pág. 54)

Questionados se a matéria elementar é suscetível de receber todas as modificações e adquirir todas as propriedades, os espíritos afirma que sim. E mais, que a matéria possui duas propriedades essenciais: a força e o movimento. Todas as demais seriam efeitos secundários da variação dessas duas propriedades. Mais desatualizado, entretanto, é o conceito utilizado para moléculas, distante da concepção da física quântica.

"As moléculas têm uma forma determinada? – Sem dúvida, as moléculas têm uma forma determinada, mas **que não é para vós apreciável.**" **(**Livro dos Espíritos, Livro I, cap. II, questão 33, pág. 54)

"Essa forma é constante ou variável? – Constante para as moléculas primitivas, mas variáveis para as moléculas secundárias que não são mais que aglomerações das primeiras; porque o que chamais molécula está ainda distante da molécula elementar . **(**Livro dos Espíritos, Livro I , cap. II, questão 34, pág. 55)

- **Aptidões Físicas:**

"O Espírito, se encarnado traz certas predisposições, admitindo-se, para cada uma, um órgão correspondente no cérebro, o desenvolvimento desses órgãos será um efeito e não uma causa." (LE, Livro II, cap. VII, comentário à questão 370, pág. 174)

Conceito ultrapassado, distante das idéias hoje em voga de rede neural, especificação neuro-motora e múltiplas formas de aptidão relacionadas à distintos tipos de inteligência.

- **Criação / Geração espontânea:**

*"De onde vieram os seres que vivem sobre a Terra? – (...) A Terra continha os germes que aguardavam momento favorável para se desenvolverem. Os princípios orgânicos se congregaram desde que cessou a força que os mantinha afastados, e eles formaram os germes de todos os seres vivos. Os germes estiveram em estado latente e inerte(...) até o momento propício para a eclosão de cada espécie; (...)"***(**LE, Livro I , cap. III, questão 44, pág. 57)

"Existe, ainda, seres que nasçam espontaneamente? – Sim, mas o germe primitivo existia já em estado latente. (...) Os tecidos dos homens e animais não encerram os germes de uma multidão de vermes que aguardam, para eclodir, a fermentação pútrida necessária à sua existência? É um pequeno mundo que dormita e que se cria" (LE, Livro I, cap. III, questão 46, pág. 58)

Há evidentemente uma defesa da tese da geração espontânea e uma fundamentação com base na Teoria Miasmática, crença compartilhada por grande parte do saber médico-científico do século XIX, para a qual as febres epidêmicas tinham origem na matéria vegetal e animal em

putrefação e nas emanações das águas estagnadas. Parte dos cientistas contemporâneos de Kardec, aderiram à teoria do contágio, muito embora, é importante ressaltar, o significado do mundo dos seres microscópios só tenha sido desvendado a partir das descobertas de Pasteur e Koch, em 1870, até então prevalecendo a teoria da geração espontânea.[8]

> *"Se o germe da espécime humana se encontrava entre os elementos orgânicos do globo, por que não se formam mais, espontaneamente, os homens como na sua origem? – (...) pode-se dizer que os homens uma vez espalhados sobre a Terra, absorveram neles os elementos necessários à sua formação para transmitir segundo as leis de reprodução. O mesmo se deu com as diferentes espécies de seres vivos" (*LE, Livro I , cap. III, questão 49, pág. 58)

Aqui os espíritos retomam, subjetivamente, a questão, recolocando a Teoria da Evolução da Espécies. (mas será que referem-se as leis relativas à hereditariedade quando mencionam leis de reprodução?). Mas a questão é confusa.

> *"Podemos conhecer a época do aparecimento do homem e dos outros seres vivos sobre a Terra? – Não; todos os vossos cálculos são quiméricos."* **(**LE, Livro I, cap. III, questão 48, pág. 56)
> *"Podemos saber em que época viveu Adão? – Mais ou menos na que assinalais: aproximadamente 4000 anos antes de Cristo."* (LE, Livro I , cap. III, questão 51, pág. 59)

Eram quiméricos. Hoje já estão disponíveis métodos científicos, em processo crescente de aperfeiçoamento, com diversas tecnologias distintas, cada vez mais precisas, capazes de analisar e registrar com precisão cada etapa e elos de nossa história.

- **Diversidade das Raças:**

> *"De onde vêm as diferenças físicas e morais que distinguem as variedades de raças humanas sobre a Terra? – Do clima, da vida e dos costumes. (...)"* **(**LE, Livro I, cap. III, questão 52, pág. 59)
> *"O progresso reunirá um dia todos os povos da terra em uma só nação? – Não em uma só nação, isso é impossível, porque da diversidade dos climas nascem os costumes e as necessidades diferentes que constituem as nacionalidades. (...)"* **(**LE, Livro III , cap. VIII, questão 789, pág. 307)
> *"A desigualdade natural das aptidões não coloca certas raças humanas sob a dependência de raças mais inteligentes? – Sim, para as erguer e não para as embrutecer ainda mais pela servidão. (...)"* (LE, Livro III, cap. X, questão 831, pág. 322)

Esta visão antropológica eurocêntrica, vigente no século XIX, em que as variações e condições climáticas determinavam o atraso verificado em determinadas raças, povos e nações, está hoje absolutamente ultrapassada.

[8] Reis, A.AC, "Magnetismo, Vitalismo e o Pensamento de Kardec". CPDoc, Santos, 1996, pág. 21.

- **Magnetismo, catalepsia, morto aparente, sonambulismo:**

  "O sonambulismo chamado magnético tem relação com o sonambulismo natural? – É a mesma coisa, exceto que ele é provocado." (LE, Livro II , cap. VIII, questão 426, pág.195)

  "Qual a natureza do agente chamado fluido magnético? – Fluido vital, eletricidade animal, que são modificações do fluido universal." (LE, Livro II , cap. VIII, questão 427, pág.195)

Em relação a esse conjunto temático, é necessário, além da revisão conceitual, empreender ainda atualização geral da linguagem. Esse capítulo mereceria um novo nome, talvez intitulado "fenômenos anímicos". É preciso ainda incorporar os conhecimentos advindos dos estudos empreendidos pelos principais seguidores de Kardec, pela Metapsíquica e a Parapsicologia.

- **Convulsionários:**

Da mesma forma, este tema, contido entre as seções do Capítulo IX, Livro II do L.E., prescinde de revisão conceitual e de atualização geral da linguagem. A própria seção mereceria um novo nome.

- **Homens e mulheres:**

  "(...) O homem é para os trabalhos rudes, por ser o mais forte; a mulher para os trabalhos suaves, e ambos para se entreajudarem nas provas de uma vida plena de amargura. **(**LE, livro III, cap. IX, questão 819, pág. 318)

  "(...) É preciso que cada um esteja colocado no seu lugar. Que o homem se ocupe do exterior e a mulher do interior, cada um segundo sua aptidão.(...) **(**LE, livro III, cap. IX, questão 822, pág. 319)

- **Motivação das ações do Homem:**

  "(...) Pelo conhecimento das leis que regem essa natureza moral, chegar-se-á a modificá-la, como se modifica a inteligência pela instrução, e o ***temperamento pela higiene.*****"** (LE, livro III , cap. X, questão 872, pág. 334)

- **Eutanásia:**

  " Quando uma pessoa vê diante de si uma morte inevitável e terrível, é ela culpada por abreviar de alguns instantes seus sofrimentos por uma morte voluntária? – Sempre se é culpado por não esperar o termo fixado por Deus. Aliás, se está bem certo que esse termo chegou, malgrado as aparências, e que não se pode receber um socorro inesperado no último momento? (...) É sempre uma falta de resignação e de submissão à vontade do Criador. (...)" (LE, Livro IV, cap. I, questão 953, pág. 371)

Idéias e conceitos formulados em caráter condicional ou parcialmente

> *"Os Espíritos que disseram que o homem é um ser à parte na ordem da criação, enganaram-se? – Não, mas a questão não foi desenvolvida e, aliás,* ***há coisas que não podem chegar senão em seu tempo.*** *O homem é, com efeito, um ser à parte, porque ele tem faculdades que o distinguem de todos os outros e tem um outro destino.* (...)"(LE, Livro II , cap. XI, questão 610, pág. 253)

- **Deus:**

> *"Um dia será dado ao homem compreender o mistério da Divindade? – Quando seu espírito não estiver mas obscurecido pela matéria e, pela sua perfeição, estiver próximo dele, então, ele o verá e o compreenderá."* (LE, Livro I , cap. I, questão 11, pág. 47)
>
> *"Quando dizemos que Deus é eterno, infinito, imutável, imaterial, único, todo-poderoso, soberanamente justo e bom, não temos uma idéia completa dos seus atributos? – Do vosso ponto de vista, sim, porque credes tudo abraçar. Mas sabeis que há coisas acima da inteligência do homem mais inteligente, e* ***para as quais vossa linguagem limitada às vossas idéias e às vossas sensações, não tem expressão adequada****.(...)"* (LE, Livro I , cap. I, questão 13, pág. 48)
>
> *"Deus existe, não o podeis duvidar, é o essencial. Crede-me,* ***não vades além****. (...)" (*LE, Livro I, cap. I, pág. 48)

Dentre os princípios paradigmáticos do Espiritismo, avançar na formulação de uma concepção existencial sobre este tema é, sem sombra de dúvidas, ainda um enorme desafio a ser empreendido pelos estudiosos do Espiritismo, mesmo reconhecendo a nossa enorme limitação de ordem intelectual e moral.

- **Elementos Gerais do Universo:**

> *"É dado ao homem conhecer o princípio das coisas? – Não****. Deus não permite que tudo seja revelado ao homem, neste mundo***." (LE, Livro I , cap. II, questão 17, pág. 50)
>
> *"O vazio absoluto existe em alguma parte do espaço universal? – Não, nada é vazio; o que te parece vazio está ocupado* ***por uma matéria que escapa aos teus sentidos e instrumentos***." (LE, Livro I, cap. II, questão 36, pág. 55)

Kardec estabelece uma hipótese assimilada pelos espíritas como definitiva: a de que existem dois elementos que constituem o Universo, o espírito e a matéria. Mas a leitura atenta de sua obra permite vislumbrar que mesmo tal hipótese foi formulada de forma condicional pelo fundador do Espiritismo, senão vejamos:

> *"Um fato patente domina todas as hipóteses: vemos matéria que não é inteligente e vemos um princípio inteligente independente da matéria. A o****rigem e a conexão dessas duas coisas nos são desconhecidas. Que elas tenham, ou não, uma fonte comum, com pontos de contato necessários; que a inteligência***

tenha sua existência própria ou que ela seja uma propriedade, um efeito; que seja mesmo, segundo a opinião de alguns, uma emanação da Divindade, é o que ignoramos. Elas nos parecem distintas, e por isso admitimo-las como formando os dois princípios constituintes do Universo. *(...)"* (Livro dos Espíritos, Livro I, cap. II, comentário de Kardec ao item Espírito e Matéria, pág. 53)

- **Matéria:**

"A matéria existe desde o princípio, como Deus, ou foi criada por ele em determinado momento? – ***Só Deus o sabe****. (...)"* (LE, Livro I , cap. II, questão 21, pág. 51)

"Define-se a matéria como sendo o que tem extensão, impressiona os nossos sentidos e é impenetrável. São exatas estas definições? – Do vosso ponto de vista essas definições são exatas, porque não falais senão do que conheceis. Mas ***a matéria existe em estados que vos são desconhecidos.*** *Pode ser, por exemplo, tão etérea e sutil que nenhuma impressão vos cause aos sentidos; entretanto, é sempre matéria, embora para vós não o seja*." (Livro dos Espíritos, Livro I, cap. II, questão 22, pág. 51)

Sobre o fluido universal: "(...) Ele está colocado entre o espírito e a matéria; é fluido, como a matéria é matéria, suscetível, pelas inumeráveis combinações com esta e sob a ação do espírito, de produzir uma infinita variedade de coisas **das quais não conheceis senão uma pequena parte.**(...)" (LE, Livro I, cap. II, pág. 52)

- **Espírito:**

"(...) – Qual é a natureza íntima do espírito? – O espírito, ***com a linguagem humana, não é fácil de ser analisado****. Porque o espírito não é uma coisa palpável, para vós ele não é nada;* ***mas para nós é alguma coisa****. (...)"* (LE, Livro I , cap. II, questão 23, pág. 51)

"O espírito é sinônimo de inteligência? – A inteligência é um atributo essencial do espírito. Todavia, como ambos se confundem num princípio comum, ***para vós são a mesma coisa****. (...)"* (LE, Livro I , cap. II, questão 24, pág. 51)

"Os espíritos têm uma forma determinada, limitada e constante? – ***Para vós, não; para nós, sim.*** *O Espírito é, se quiserdes, uma chama, um clarão ou uma centelha etérea*." (LE, Livro II, cap. I, questão 88, pág. 73)

"A alma tem uma sede determinada e circunscrita no corpo? – Não; mas ela está mais particularmente na cabeça dos grandes gênios, em todos aqueles que pensam muito, e no coração, naqueles que sentem muito e dirigem suas ações a toda a Humanidade. (...) pode-se dizer que a sede da alma está mais particularmente nos órgãos que servem às manifestações intelectuais e morais." (LE, Livro II, cap. II, questão 146, pág. 93*)*

"(...) Temos uma alma, mas o que é a nossa alma? Ela tem uma forma, uma aparência qualquer? É um ser limitado ou indefinido? (...)" (LE, Livro II, comentário de Kardec, cap. II, pág. 95)

O que é o espírito, então? Até quando continuaremos não reunindo capacidade para compreendê-lo de forma mais concreta? Para nós, o espírito é sinônimo de inteligência. E para os Espíritos? Não é possível saber? E qual a sua forma?

- **Origem e natureza dos espíritos:**

"Deus existe de toda a eternidade e isto é incontestável.; mas saber quando e como nos criou, ***não o sabemos.*** *(...) mas quando e como ele criou cada um de nós, digo-te, ainda, ninguém o sabe;* ***aí é que está o mistério****."* (LE, Livro II, cap. I, questão 78, pág. 71)

"(...) os Espíritos são individualizações do princípio inteligente como os corpos são individualizações do princípio material. ***A época e o modo dessa formação é que são desconhecidos.****"* (LE, Livro II, cap. I, questão 79, pág. 71)

"Deus os cria (os espíritos), como a todas as outras criaturas, pela sua vontade; mas, ainda uma vez, ***a origem deles é um mistério***"(LE, Livro II, cap. I, questão 81, pág. 71)

"É exato dizer-se que os espíritos são imateriais? – Como se pode definir uma coisa, ***quando faltam termos de comparação e com uma linguagem insuficiente****?(...) Imaterial não é o termo; incorpóreo seria mais exato*(...)"(LE, Livro II, cap. I, questão 82, pág. 71)

"(...) Os espíritos têm fim? (...) – ***Existem coisas que não compreendeis porque a vossa inteligência é limitada*** *e isso não é razão para que as rejeiteis.(...) Dissemos que a existência do Espírito não tem fim;* ***é tudo o que podemos dizer, por enquanto****."* (LE, Livro II, cap. I, questão 83, pág. 72)

- **Inteligência:**

"Qual a fonte da inteligência? – Já o dissemos: a inteligência universal. (...) a inteligência é uma faculdade própria de cada ser, e constitui sua individualidade moral. De resto, como sabeis, ***há coisas que não é dado ao homem penetrar e esta é desse número, no momento***" (LE, Livro I, cap. IV, questão 72, pág. 69)

- **Simpatia e afinidade entre os Espíritos:**

" (...) – Há entre os seres pensantes laços que não conheceis ainda. O magnetismo é o guia desta ciência ***que compreendereis melhor mais tarde****."* (LE, Livro II , cap. VII, questão 388, pág. 180)

- **Livre-arbítrio e Determinismo, Influência dos Espíritos sobre os acontecimentos da vida:**

" Os Espíritos influem sobre os nossos pensamentos e as nossas ações? – A esse respeito sua influência é maior do que credes porque, ***freqüentemente, são eles que vos dirigem****."* (LE, Livro II, cap. IX, questão 459, pág. 208)

" Os Espíritos que dirigem os acontecimentos da vida podem ser contrariados pelos Espíritos que queiram o contrário? – O que Deus quer, deve ser; se há atraso ou obstáculo, é por sua vontade" (LE, Livro II, cap. IX, questão 529, pág. 227)

" (...) poderia então haver Espíritos habitando o interior da Terra e presidindo seus fenômenos geológicos? – Esses Espíritos não habitam positivamente a Terra, mas presidem e dirigem segundo suas atribuições. ***Um dia, tereis a explicação de todos esses fenômenos e os compreendereis melhor****."* (LE, Livro II, cap. IX, questão 537, pág. 230)

" Na produção de certos fenômenos, as tempestades por exemplo, é um (...) Espírito que age ou se reúne em massa? – Em massas inumeráveis." (LE, Livro II, cap. IX, questão 539, pág. 231)

- **Missão dos Espíritos:**

“ Em que consistem as missões de que podem estar encarregados os Espíritos errantes? – ***Elas são tão variadas que seria impossível descrevê-las, além de que não podeis compreender****. Os Espíritos executam a vontade de Deus e não podeis penetrar todos os seus desígnios.”* (LE, Livro II, cap. X, questão 569, pág. 240)

- **Vitalismo:**

“Qual é a causa da animalização da matéria? – Sua união com o princípio vital.” (LE, Livro I , cap. IV, questão 62, pág. 65)

“O princípio vital reside num agente particular ou não é mais que uma propriedade da matéria organizada; numa palavra é efeito ou causa? – É uma e outra coisa (...)” (LE, Livro I, cap. IV, questão 64, pág. 65)

- Criação:

“Podemos conhecer o modo da formação dos mundos? – ***Tudo o que se pode dizer, e podeis compreender****, é que os mundos se formam pela condensação da matéria disseminada no espaço.”* (LE, Livro I , cap. III, questão 39, pág. 56)

- **Astronomia / Formação do planeta:**

“Podemos conhecer com exatidão o estado físico e moral dos diferentes mundos? – Nós, os Espíritos, ***só podemos responder de acordo com o grau de adiantamento em que vos achais****; quer dizer que não devemos revelar estas coisas a todos, porque nem todos estão em condições de compreendê-las, e isso os perturbaria.”* (LE, Livro II, cap. IV, questão 182, pág. 108)

- **Perispírito:**

“O princípio vital reside em alguns dos corpos que conhecemos? – Ele tem sua fonte no fluido universal; é o que chamais de fluido magnético ou elétrico animalizado. ***É o intermediário, o elo entre o espírito e a matéria”*** (LE, Livro I , cap. IV, questão 64, pág. 65)

O perispírito é tratado, em determinados trechos da obra de Kardec, como sinônimo de princípio vital. Sendo assim, os demais seres orgânicos também possuem perispírito?

“O Espírito está revestido de uma substância vaporosa para teus olhos, mais ***ainda bem grosseira para nós;*** *(...)”* (LE, Livro II , cap. I, questão 93, pág. 74)

“(...) por que intermediário? ***É o que não sabemos. Os próprios Espíritos não pode nos dar conta, visto que nossa linguagem não está em condições de exprimir as idéias que não temos****,* (...)”(LE, Livro II , cap. VI, questão 257, pág. 142)

“(...) Passando de um mundo a outro, os Espíritos trocam de envoltório como trocamos de roupa ao passarmos do inverno para o verão, ou do pólo para o equador.(...)” (LE, Livro II, cap. VI, questão 257, pág. 143)

Será que é mesma desta forma tão trivial que se dá esse processo? Não há aqui uma alegoria em função da limitação proporcionada pela linguagem? Não é possível explorar de forma mais adequada e aprofundada o perispírito, suas funções, atribuições, fisiologia, características, gênese, etc., uma vez que esse tema reveste de importância destacada para o pensamento espírita?

- **Evolução das Espécies:**

> *"(...) É assim que tudo serve, tudo se coordena na Natureza, desde o átomo primitivo até o arcanjo que, ele mesmo, começou pelo átomo.* ***Admirável lei da harmonia da qual vosso espírito limitado não pode ainda entender o conjunto.*** (LE, Livro II , cap. IX, questão 540, pág. 231)

Qual a atualidade da tese defendida no Capítulo XI, Livro II do **Livro dos Espíritos**, intitulado: Os três reinos?

Kardec claramente admite distintas concepções à respeito desta questão, incorporando-a de forma condicional em **O Livro dos Espíritos**. Senão vejamos:

> *"É assim, por exemplo, que todos não pensam a mesma coisa com respeito às relações que existem entre o homem e os animais. Segundo alguns, o Espírito não alcança o período de humanidade senão depois de ser elaborado e individualizado nos diferentes graus dos seres inferiores da criação. Segundo outros, o Espírito do homem teria sempre pertencido à raça humana, sem passar pela experiência animal.(...)"* (LE, Livro II , cap. XI, comentário ao capítulo, pág. 254)

A seguir, Kardec afirma que:

> *" o primeiro sistema tem a vantagem de dar um objetivo ao futuro dos animais que formariam, assim, os primeiros elos da cadeia dos seres pensantes. O segundo está mais conforme com a dignidade do homem e pode se resumir como se segue: (...)"*(LE, Livro II , cap. XI, comentário ao capítulo, pág. 254)

E passa a discorrer sobre este importante tema, afirmando por fim:

> *" Quanto às relações misteriosas que existem entre o homem e os animais, repetimos, isso está nos segredos de Deus, como muitas outras coisas, cujo* ***conhecimento atual*** *não importa ao nosso adiantamento e sobre as quais seria inútil insistir."* (LE, Livro II, cap. XI, comentário ao capítulo, pág. 255)

Importa destacar que no livro **"A Gênese – Os Milagres e as Predições Segundo O Espiritismo",** Kardec volta a discorrer sobre esse assunto, inclinando-se claramente pela primeira hipótese. Portanto, é preciso retomar com maior clareza (e sob à lógica científica atual) o tema em questão.

> *"Os Espíritos que disseram que o homem é um ser à parte na ordem da criação, enganaram-se? – Não, mas a questão não foi desenvolvida e, aliás,* ***há coisas que não podem chegar senão em seu tempo.*** *O homem é, com efeito, um ser à parte, porque ele tem faculdades que o distinguem de todos os outros e tem um outro destino.* (...)"(LE, Livro II , cap. XI, questão 610, pág. 253)

Há ainda um conjunto de temas sobre os quais Allan Kardec lançou hipóteses e formulou teorias espíritas mas que devem ser aperfeiçoados e complementados, exigindo um esforço para que seja desenvolvido um processo de revisão, atualização e/ou complementação. Entre estes, destacamos a título de sugestão:

- Epistemologia Espírita
- Concepção Existencial de Deus
- Princípio Vital (Vitalismo)
- Mundo dos Espíritos: organização, natureza, formação, etc.
- Os animais no mundo dos Espíritos
- Sentidos e sensações para os espíritos
- A questão do tempo para os Espíritos
- A Memória Espiritual
- Necessidade de repouso para os espíritos
- A música no mundo dos espíritos
- Fatalidade e Determinismo
- A Infância nos mundos mais adiantados
- Importância e papel do corpo físico
- Importância e papel do Mundo Material
- Perispírito:
- Pluralidade dos Mundos Habitados
- Influência do Espiritismo sobre o Progresso

Problemas (antigos ou novos) ainda não abordados ou para as quais o Espiritismo não possui posições claramente definidas:

> *"(...) O Egoísmo se enfraquecerá com a predominância da vida moral sobre a vida material e, sobretudo, com a inteligência que o Espiritismo vos dá de vosso estado futuro real e não desnaturado pelas ficções alegóricas. O Espiritismo bem compreendido, quando estiver identificado com os costumes e as crenças, transformará os hábitos, os usos e as relações sociais."* (LE, Livro III, cap. XII, questão 917, pág. 352)

É possível apresentar ao debate público uma visão espírita sobre a maioria dos temas de interesse para a humanidade, relacionados aos problemas do homem e do mundo atual. Por que não produzir uma abordagem, clara e direta, como as que se pode em diversas oportunidades encontrar ao longo da obra de Kardec? A questão do divórcio, por exemplo, destacada abaixo:

> *"A indissolubilidade absoluta do casamento está na lei natural ou somente na lei humana? – É uma lei humana muito contrária à lei natural, Mas os homens podem mudar suas leis: só as da Natureza são imutáveis." (LE, Livro III, cap. IV, questão 697, pág. 281)*

De forma similar, pode-se conceber um processo que permita construir, a partir dos referenciais éticos que resultam da filosofia espírita, uma visão objetiva, sem subterfúgio ou tergiversação, em relação às questões que consideremos dotadas de pertinência social e que, portanto, requeiram um posicionamento espírita perante à sociedade.

Uma doutrina livre-pensadora, progressista, humanista e moderna não pode fugir da responsabilidade de produzir (e difundir) sua visão de mundo, de estruturar conceitos e fornecer, a partir destes, uma orientação moral e propor uma postura ética a ser seguida livremente pelos seus adeptos (note-se, orientação e não imposição, uma vez que se reconhece a preponderância do livre arbítrio de cada espírito para tomar, responsavelmente, cada uma das decisões que a vida lhe impõe).

Esta é a motivação que nos leva a propor um aprofundamento e atualização do conhecimento espírita. O reconhecimento que a nossa concepção filosófica é portadora de uma mensagem excepcionalmente dotada de elementos capazes de contribuir para o progresso da sociedade e das individualidades imortais que a compõe.

Sendo assim, identificamos e propomos para o debate entre os espíritas motivados pelas mesmas preocupações aqui exaradas, a seguir, entre outros assuntos que possam vir a serem formulados e priorizados ao longo do processo permanente de atualização do Espiritismo que se inicia, um conjunto temático de problemas para os quais entendemos que há necessidade de construção (ou complementação por terem sido abordados de forma superficial ou não conclusiva) de uma abordagem espírita:

- Utilização dos avanços científicos e tecnológicos no interesse da paz e em benefício da humanidade
- Inteligência Artificial
- Pesquisa em Seres Humanos
- Eutanásia e Distanásia
- Coma e os variados graus de inconsciência (é possível aproveitar para atualizar parte do capítulo VIII, Livro II, do Livro dos Espíritos, que trata de temas tais como letargia, catalepsia e morte aparente)
- Hipnose
- Transplantes
- Doação de órgãos e de células (*post-morten* , inter-vivos, doação presumida)
- Cremação
- Manipulação genética de organismos vivos (transgênicos)
- Projeto Genoma Humano e a Medicina Preditiva
- Clonagem de seres vivos e em especial de seres humanos:

  "O aperfeiçoamento das raças animais e vegetais, pela ciência, é contrário à lei natural? Seria mais conforme essa lei deixar as coisas seguirem seu curso natural? – Deve-se fazer tudo para alcançar a perfeição, e o próprio homem é um instrumento do qual Deus se serve para alcançar seus fins. A perfeição, sendo o objetivo para o qual tende a Natureza, favorecê-la é corresponder a essa finalidade." (LE, Livro III, cap. IV, questão 691, pág. 279)
- Reprodução Assistida (Inseminação assistida, Fertilização Artificial, criopreservação e transferência de embriões, doação de gametas, diagnóstico genético etc.)
- Planejamento Familiar e Controle da Natalidade:

  "As leis e costumes humanos que têm por objetivo ocasionar obstáculos à reprodução, são contrárias à lei natural? – Tudo o que entrava a marcha da Natureza é contrário à lei geral. (... segue-se nova pergunta...) – (...) Deus deu ao homem, sobre todos os seres vivos, um poder que deve usar para o bem, mas não abusar. Ele pode regrar a reprodução segundo as necessidades, mas não deve entravá-la sem necessidade. (...)." (LE, Livro III, cap. IV, questão 693, pág. 280)
- Saúde mental e sofrimentos psíquicos
- Doenças crônico-degenerativas
- Medicina e práticas alternativas em saúde (em particular as energéticas e holistas)
- Aborto (quando ocorre violência sexual ou há inviabilidade fetal total ou parcial)
- Sexualidade, identidade sexual e energias sexuais
- Homossexualidade
- União civil e afetiva entre pessoas do mesmo sexo
- Planejamento Familiar e controle da natalidade
- Criação de filhos por pais solteiros ou do mesmo sexo
- Gravidez de substituição (Maternidade de aluguel)
- Condições espirituais durante a prematuridade

- Teorias econômicas (entre as alternativas para a sociedade: socialismo, capitalismo/neoliberalismo ou uma terceira via, qual se adequa a visão espírita?):
- Alcoolismo, Drogas e toxico-dependências.

  "A aberração das faculdades intelectuais por embriaguez escusa os atos repreensíveis? – Não, porque o bêbado está involuntariamente privado de sua razão para satisfazer paixões brutais: em lugar de uma falta, ele comete duas." (LE, Livro III, cap. X, questão 848, pág. 326)
- Transição demográfica da população humana
- Violência urbana e social
- Violação aos direitos humanos

  "(...) Toda sujeição ***absoluta*** *de um homem a outro homem é contrária à Lei de Deus.(...)"* (LE, Livro III, cap. X, questão 829, pág. 322)
- Escravidão e exploração do trabalho alheio (prostituição, trabalho infantil, etc.)
- Democracia
- Pacifismo
- Totalitarismo
- Justiça social
- Aperfeiçoamento da Legislação humana
- Ética (termo não utilizado por Kardec) x Moral
- Ecumenismo e a Religião Moderna
- Pluralidade cultural, étnica e racial (racismo, fundamentalismo religioso e étnico)
- Lazer e Ócio
- Desenvolvimento Sustentável (Ecologia, Meio Ambiente, Desenvolvimento Econômico e Participação Social)

  "(...) A ação inteligente do homem é um contrapeso estabelecido por Deus para restabelecer o equilíbrio entre as forças da Natureza, e é isso, ainda, que o distingue dos animais, porque o faz com conhecimento de causa. (...)" (LE, Livro III, cap. IV, questão 693, pág. 280)
- Terceiro Setor e Participação Social
- Consumismo e Utilitarismo
- Propaganda ideológica e aspectos éticos relativos à Publicidade e aos Meios de Comunicação de Massa
- Vegetarianismo e Alimentação Natural
- Ufologia e Pluralidade dos Mundos Habitados (extraterrestres)
- Problemas relativos à Adolescência
- Responsabilidade civil de crianças e adolescentes

Hipóteses e teorias espíritas estabelecidas através de literatura mediúnica ou da contribuição de estudiosos espíritas encarnados e que não foram devidamente validadas ou refutadas

"O Espiritismo será no futuro o que dele os espíritas fizerem."
(León Denis)

A seguir, são apenas e tão somente destacadas, a título de exemplo e sem que se queira esgotar a grande variedade de contribuições teóricas formuladas por autores encarnados e desencarnados desde os tempos de Allan Kardec, uma sequência de temas relacionados à hipóteses e teorias:

a) elaboradas através da literatura mediúnica, por médiuns cuja produção é mais ou menos reconhecida, independentemente da qualidade, coerência e factibilidade de cada uma destas proposituras, mas que sem exceção, não foram submetidas a nenhum método de validação (ou refutação), nem ao menos ao clássico controle universal das comunicações proposto e utilizado por Allan Kardec, entre as quais pode-se destacar:

- **A vida no Mundo Espiritual:** André Luiz, Luiz Sérgio, Zíbia Gasparetto, etc.
- **Evolução em Dois Mundos:** André Luiz
- **Mecanismos da Mediunidade:** André Luiz
- **O Suicídio e a situação dos Suicidas:** Yvonne A Pereira
- **Determinismo Histórico do Brasil (O chamado "Coração do Mundo e Pátria do Evangelho"):** Humberto de Campos
- **Almas Gêmeas:** Emmanuel
- **Espiritismo como o Cristianismo Redivivo:** Emmanuel, Bezzera de Menezes e outros
- **O Tríplice Aspecto do Espiritismo (com ênfase a um religioso):** Emmanuel

b) Formuladas por estudiosos espíritas que produziram contribuições ao pensamento espírita, incorporadas ou não ao corpo doutrinário do Espiritismo, mas que também não foram devidamente debatidas, analisadas, refutadas ou formalmente consideradas válidas. Merecem ser destacadas, muito embora seja muito provável que venhamos a incorrer em imperdoável omissão de outras importantes hipóteses e teorias, uma vez que tem sido pouco (ou quase nada) difundidas e valorizadas em nosso meio espírita as contribuições desta natureza.

- **Evolução anímica:** Gabriel Delanne
- **Uranografia e Pluralidade dos Mundos Habitados:** Camile Flamarion
- **Os animais no mundo dos espíritos:** Camile Flamarion
- **Inconsciente e Perispírito:** Gabriel Dellane, Gustave Geley, Jorge Andréa

- **Perispírito como sede da memória espiritual:** Gabriel Dellane
- **O Tríplice Aspecto do Espiritismo (com ênfase a um religioso):** Carlos de Brito Imbassahy
- **Filosofia interexistencial:** José Herculano Pires
- **Educação Espírita (teoria aparencial da criança):** José Herculano Pires, Humberto Mariotti
- **Antropologia Espírita:** José Herculano Pires
- **Vampirismo:** José Herculano Pires
- **Mediunidade Zoófila:** José Herculano Pires, Humberto Mariotti
- **Modelo Organizador Biológico e Campo Biomagnético:** Hernani Guimarães de Andrade
- **Teoria Corpuscular do Espírito:** Hernani Guimarães de Andrade
- **Sociologia Espírita:** Manuel S. Porteiro
- **Dialética Espírita:** Manuel S. Porteiro, José Herculano Pires, Gustave Geley
- **Doutrina Social Espírita:** León Denis, Deolindo Amorim, Cosme Mariño, Santiago Bossero, Paz Basulto, Fernando Ortiz, Rufino Juanco, entre outros.
- **Partido Espírita:** José Freitas Nobre
- **Espiritossomática:** Jaci Regis
- **Transcomunicação instrumental:** Friedrich Jürgenson, Konstantin Raudive, George Meek, Hans Otto König, Jules e Maggy Harscg-Fischbach, Hernani Guimarães de Andrade
- **Terapia de Vidas Passadas:** Helen Wambach, Denis Kelsey, Edith Fiore, Brian L. Weiss, Florence Wagner McClain
- **Mediunidade (aspectos diversos):** Gabriel Delanne, Camile Flamarion, León Denis, Gustave Geley, Alexander Akssakoff, Ernesto Bozzano, Caibar Schutel, José Herculano Pires, Rino Curti, Edgard Armond, Hermínio C. Miranda, Alan Gauld, entre outros
- **Reencarnação (aspectos diversos):** Gabriel Delanne, Camile Flamarion, León Denis, Ernesto Bozzano, Gustave Geley, José Herculano Pires, Manuel Porteiro, Paul Bodier, Karl Muller, Humberto Mariotti, Ian Steveason, H. Banerjee, entre outros

Práticas espíritas de origem diversas incorporadas pelo Movimento Espírita que não foram submetidas a análise de eficácia e validação

Uma série de práticas vem sendo desenvolvidas em parte considerável de instituições e grupos que fundamentam suas atividades a partir dos princípios doutrinários espíritas. Muitas destas, fruto de uma tradição cultural, carecem de melhor fundamentação teórica e de uma avaliação de sua eficácia, bem como a validação dos resultados obtidos.

A seguir, destacamos um grupo representativo destas práticas que podem compor um produtivo esforço de atualização, fundamentação teórica, comprovação de seus resultados e validação científica:

- Fluidoterapia ou Emissões energéticas próxima (passe)
- Água fluídica
- Emissões energéticas à distância (vibração ou irradiação) direcionados à encarnados
- Emissões energéticas à distância (vibração ou irradiação) direcionados à desencarnados
- Práticas mediúnicas diversas
- Formação e desenvolvimento mediúnico
- Desobsessão
- Doutrinação de espíritos desencarnados
- Curas mediúnicas
- Consultas médicas espirituais (com utilização de procedimentos terapêuticos diversos)
- Apometria
- Cromoterapia
- Filantropia e assistência social (diversas práticas)
- Assistência Espiritual à portadores de doenças mentais e sofrimentos psíquicos
- Consultas espirituais (orientação)
- Catecismo Espírita, Escolas de Evangelização e outras práticas religiosas
- Culto do Evangelho no Lar

CONCLUINDO

> *"Muitas pessoas pensam , por outro lado, que O Livro dos Espíritos esgotou a série de perguntas de moral e de filosofia; é um erro; por isso é talvez útil indicar a fonte de onde se pode tirar assuntos de estudo, por assim dizer, ilimitados."* (Livro dos Médiuns – item 343, pág. 402)

A constituição de uma **Agenda Espírita** é um passo essencial e inadiável para que o processo de atualização do Espiritismo possa ocorrer de forma concreta e não apenas como um desejo de estudiosos espíritas, comprometidos com o pensamento kardecista, que identificam essa iniciativa como de fundamental importância para a sobrevivência e o fortalecimento do Espiritismo.

Procuramos formular e desenvolver, ainda que de forma sumária, uma proposta que parte de seis eixos temáticos para a atualização do Espiritismo, a serem aprofundados, debatidos e progressivamente apropriados pelos espíritas como uma tarefa doutrinária permanente da maior seriedade e importância.

P.G.Leymarie, um dos mais importantes vultos do Espiritismo de todos os tempos, ao concluir o livro Obras Póstumas, conta-nos que:

"No Congresso espírita e espiritualista internacional de 1890, os delegados declararam que, desde 1869, os estudos seguintes tinham revelado coisas novas, e que, segundo o ensinamento preconizado por Allan Kardec, alguns dos princípios do Espiritismo, sobre os quais o mestre baseara seu ensinamento, deveriam ser colocados no ponto e de acordo com os progressos da ciência há 20 anos". (Obras Póstumas, pág. 377).

Retomemos, pois, o ideal de Kardec. O Espiritismo é uma doutrina dinâmica, aberta, livre-pensadora, progressista, profundamente humanista. Façamos um Espiritismo para os encarnados, para o mundo de hoje, onde se constrói o amanhã. Para tanto, utilizemo-nos das bases sólidas e insuperáveis (porém não intocáveis) fornecidas no passado por Allan Kardec e a plêiade de Espíritos que tanto colaboraram no processo de edificação do Espiritismo.

Mais do que nunca é atual a palavra de Leymarie. Colocar o Espiritismo no ponto e de acordo com os progressos da ciência nos últimos 143 anos, eis o desafio para todos aqueles que compreendem a importância e a magnitude da Filosofia Espírita.

BIBLIOGRAFIA

- Kardec, Allan. **O Livro dos Espíritos.** Tradução de Salvador Gentile. Araras, SP, IDE- Instituto de Difusão Espírita, 116ª edição, 1998.
- Kardec, Allan. **Instruções Práticas Sobre as Manifestações Espíritas.** Tradução de Joaquim da Silva Sampaio Lobo e Caibar Schutel. Sobradinho, DF, EDICEL, 12ª edição, 1990.
- Kardec, Allan. **O que é o Espiritismo?** Tradução de Salvador Gentile. Araras, SP, IDE- Instituto de Difusão Espírita, 22ª edição, 1998.
- Kardec, Allan. **O Livro do Médiuns.** Tradução de Salvador Gentile. Araras, SP, IDE- Instituto de Difusão Espírita, 46ª edição, 1997.
- Kardec, Allan. **O Espiritismo na sua mais Simples Expressão.** Tradução de Joaquim da Silva Sampaio Lobo e Caibar Schutel. Sobradinho, DF, EDICEL, 12ª edição, 1990.
- Kardec, Allan. **O Evangelho Segundo Espiritismo.** Tradução de Salvador Gentile. Araras, SP, IDE- Instituto de Difusão Espírita, 227ª edição, 1998.
- Kardec, Allan. **O Céu e o Inferno ou A Justiça Divina Segundo o Espiritismo.** Tradução de Salvador Gentile. Araras, SP, IDE- Instituto de Difusão Espírita, 15ª edição, 1998.
- Kardec, Allan. **A Gênese – Os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo.** Tradução de Salvador Gentile. Araras, SP, IDE- Instituto de Difusão Espírita, 16ª edição, 1998.
- Kardec, Allan. **Óbras Póstumas.** Tradução de Salvador Gentile. Araras, SP, IDE- Instituto de Difusão Espírita, 6ª edição, 1997.
- Kardec, Allan. **"Revista Espírita - Jornal de Estudos Psicológicos"**. 12 Volumes (1858-1869). São Paulo, SP, EDICEL, sem data.
- Reis, A.A C, **"Magnetismo, Vitalismo e o Pensamento de Kardec".** CPDoc, Santos, 1996.

CENTRO ESPÍRITA: uma revisão estrutural

MAURO DE MESQUITA SPINOLA

CENTRO ESPÍRITA: uma revisão estrutural

CPDoc
Centro de Pesquisa e Documentação Espírita
Santos
1997

CENTRO ESPÍRITA: uma revisão estrutural
Mauro de Mesquita Spinola
1997 - 1ª edição - 500 exemplares

Copyright © 1997 by CPDoc
Centro de Pesquisa e Documentação Espírita
Rua Saturnino de Brito, 84/55 - 11070-000 - Santos - SP

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio.

Capa: *Álvaro de Mesquita Spinola.*
Revisão Final: *Marissol Castello Branco.*
Produção : *Marissol Castello Branco e Alcione Moreno.*

Fotolito da capa: *Magda Salomão – Microart Comunicação.*
Rua Dr. Nogueira Martins, 442 - 04143-020 - São Paulo - SP.

Impressão e acabamento: *Grafpel Artes Gráficas Ltda.*
Rua Soldado João Espinardi, 63 - 07093-010 - Guarulhos - SP.

Ficha catalográfica:

Spinola, Mauro de Mesquita. 1956-
Centro espírita: uma revisão estrutural. Santos, CPDoc, 1997. 104p.

ISBN: 85-86429-02-3

1. Espiritismo I.t

CDU 133.9

Impresso no Brasil - Printed in Brasil.

Aos meus pais Neyde e Geraldo, que me ensinaram o que é o Espiritismo.

À minha companheira Diva e meus filhos Fernando e Maíra, que estão sempre ao meu lado e me provam a cada dia que existe algo mais por trás desta vida.

SOBRE O CPDOC

O *Centro de Pesquisa e Documentação Espírita — CPDoc* — é um grupo formado em 1988, em Santos-SP, por jovens espíritas que se conheciam dos encontros regionais realizados no Estado de São Paulo. Formado com a finalidade de desenvolver pesquisas sobre o Espiritismo, o *CPDoc*, desta maneira, criou um espaço para a elaboração, discussão e divulgação de estudos e pesquisas nas diversas áreas do conhecimento relacionadas com o Espiritismo.

Suas reuniões são bimestrais, alternando-se entre as cidades de Santos e São Paulo. A atividade principal tem sido a discussão dos trabalhos escritos por integrantes do grupo. Cada membro do grupo desenvolve monografias nos temas de seu interesse. Cada monografia é repassada aos demais membros e, numa data previamente marcada, é feita sua apresentação e debate. Os membros levam para esta reunião seus comentários, críticas e sugestões para aperfeiçoamento do texto proposto. Após esta reunião o autor revisa o texto original e reapresenta-o aos demais para nova apreciação.

O objetivo deste método é fazer com que os trabalhos apresentados cheguem ao nível de serem publicados, como este livro agora apresentado. O *CPDoc* também divulga sua produção em simpósios, centros espíritas e atividades culturais.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 17

CAPÍTULO 1
EM BUSCA DE UMA DEFINIÇÃO 22

1.1. ASPECTOS HISTÓRICOS 22
1.2. CENTRO ESPÍRITA X ESPIRITISMO: alguns confrontos 27
1.3. AS DIVERSAS FEIÇÕES DOS CENTROS ESPÍRITAS 33
1.4. EVENTOS DE RENOVAÇÃO 34
1.5. É POSSÍVEL DEFINIR UM MODELO ? 36

CAPÍTULO 2
A MEDIUNIDADE 41

2.1. O PAPEL DA MEDIUNIDADE 41
2.2. AS REUNIÕES MEDIÚNICAS 44
2.3. ATIVIDADES MEDIÚNICAS NO CENTRO ESPÍRITA 49
2.3.1. Estudos de mediunidade 50
2.3.2. Assistência a espíritos desencarnados 50
2.3.3. Atendimento de pessoas 52
2.3.4. Terapia de obsessão 52
2.3.5. Passes 54
2.3.6. Pesquisas de mediunidade 55

2.4. Conclusão: a mediunidade na revisão do centro espírita 56

Capítulo 3
Estudos e Pesquisas 58

3.1. A base do centro 58
3.2. Critérios necessários para uma estrutura baseada em estudos e pesquisas 62
3.3. Atividades de estudos e pesquisas no centro espírita 64
3.3.1. Estudos doutrinários 65
3.3.2. Estudos para a infância 66
3.3.3. Estudos para a juventude 67
3.3.4. Pesquisas 67
3.3.5. Divulgação do Espiritismo 70
3.4. Conclusão: estudos e pesquisas na revisão do centro espírita 70

Capítulo 4
O Centro Espírita e a Sociedade 73

4.1. Defesa do Espiritismo 74
4.2. O centro espírita para o homem 76
4.3. A sociedade como tema de estudo 78
4.4. Atuação social 81
4.5. O centro espírita e a comunidade 83
4.6. Conclusão: para ser um remo 84

Capítulo 5
O Poder no Centro Espírita 86

5.1. Mandatos divinos 86
5.2. Critérios para abertura 88
5.3. Conclusão: o centro de todos 89

Capítulo 6
Integração entre Centros Espíritas 91

6.1. Integração: uma necessidade 91
6.2. O movimento de unificação: para a frente e para trás 93
6.3. Conclusão: caminhos que se abrem para uma integração real 95

Conclusão 98

A base conceitual já existe 98
O modelo proposto serve de base para a reestruturação 99
Uma opção diferente 100
Por onde começar? 101
As pessoas 105

Bibliografia 107

Sobre o Autor 112

APRESENTAÇÃO

Conheço Mauro de Mesquita Spinola há muitos anos, e entre nós existe uma profunda amizade que, certamente, ultrapassa os estreitos limites de uma existência. Por ele tenho profundo respeito e admiração. Diria que é mais do que isso, tenho-o como um filho do coração. É interessante que a nossa amizade solidificou-se com uma pequena divergência doutrinária. Escrevi uma carta ao programa Momento Espírita, que vai ao ar pela Rádio Boa Nova de Guarulhos, discordando de uma questão doutrinária defendida por ele e pelo Plínio Paulo Leiva de Lucca, depois conversamos longamente sobre o assunto e passamos a respeitar-nos mais ainda.

Recentemente viajávamos no mesmo carro para uma tarefa doutrinária em Santos, quando ele surpreendeu-me, pedindo-me, como se fosse um favor, para escrever a apresentação do seu livro. Ele não percebeu porque estava no banco traseiro e eu no dianteiro, mas os meus olhos ficaram úmidos por duas lágrimas que não chegaram a cair, mas que perolaram nas janelas de minha alma. Sei que somente o seu coração bondoso poderia fazer esse pedido, pois o professor universitário desce de sua cátedra para estender a mão a alguém que não superou as primeiras séries escolares.

Li os originais da obra com um interesse incomum para quem, depois de mais de 40 anos de movimento espírita já leu muitos livros sobre o tema Centro Espírita. Haveria algo mais a abordar? Haveria alguma faceta inexplorada? Sim! Havia a própria estrutura do Centro Espírita a ser explorada.

O trabalho do Mauro foi escrito, reescrito, criticado em reuniões do CPDoc e corrigido mais de uma vez. Seria o autor um contestador? Alguém disposto a contrariar o que está sedimentado? Sim, mas com o objetivo de melhorar a atuação do Centro Espírita. O mais importante é que o autor não é um teórico, um espírita de gabinete, mas alguém que se formou espírita nas agremiações juvenis do movimento, participando de debates doutrinários, liderando Encontros de Mocidades, dinamizando o movimento jovem. Viveu intensamente o período de Mocidade Espírita e, mal saído da adolescência, integrou-se ao Centro Espírita, participando de cargos diretivos, vivendo o dia-a-dia do Centro, esbarrando com personalismos e incompreensões de adultos, mas respeitando-os carinhosamente.

Felizmente começamos a sair do missionarismo, ou seja, pessoas que por causa de fenômenos mediúnicos se julgam fadados a fundar um centro espírita juntamente com o seu guia ou mentor, ambos ignorantes de Doutrina Espírita, mas com pretenso mandato divino para salvar a humanidade, ou parte dela.

Por outro lado, encontramos centros espíritas que se ocupam tanto de curas físicas que mais parecem um Centro de Saúde ou Ambulatório Hospitalar. O que dizer, então, daqueles que se assemelham a sacristias de igrejas ou que mais parecem púlpitos "pentecostais"?

Isto se dá, segundo o autor, e concordamos plenamente com ele, pelo desconhecimento do Espiritismo. Sabemos que poderão argumentar que os grandes centros espíritas mantêm escolas de Espiritismo, mas talvez um grande número deles não faça uma leitura correta da obra Kardequiana.

O Centro Espírita é comprometido com o Espiritismo, afirma Mauro Spinola, isso nos dá uma profunda alegria, pois de há muito tempo compreendemos que a prioridade do Centro Espírita é ensinar e vivenciar Espiritismo. Alegra-nos, também, o fato do autor não se afastar um só momento de Allan Kardec.

Mauro de Mesquita Spinola propõe um programa próprio para a infância, que desenvolva uma educação espírita integral, que inclua também o Evangelho, mas que seja abrangente.

O livro traz sugestões importantes para a reestruturação do Centro Espírita. A nosso ver, essa reestruturação deverá passar também pela imprensa espírita, com a transformação dos nossos periódicos em veículos informativos e formativos, que propiciem o conhecimento e apóiem a cultura espírita. Logicamente, incluímos neste contexto os programas espíritas de rádio, e as ainda tímidas incursões na televisão.

O autor, no capítulo 6º – subtítulo 6.2. O Movimento de Unificação: para frente e para trás – toca numa ferida ainda superficialmente cicatrizada no movimento de Unificação do Estado de São Paulo. Ele foi breve e direto no assunto. Apenas uma estocada, talvez o suficiente para reabrir feridas, mas que exemplifica a nossa imaturidade para discutir pontos divergentes, quer sejam doutrinários, quer sejam de organização e de poder.

Com o texto desta apresentação ainda na tela do computador, lemos com atenção e concluímos que ele seria desnecessário, pois, o Centro espírita: uma revisão estrutural*, é suficientemente claro na sua proposta, e o autor escreve de forma gostosa de ser lida, um assunto árido por natureza. Seu estilo é claro e elegante, e a sua maturidade doutrinária é incontestável. Entretanto, não podíamos deixar de atender o convite do Mauro e aqui está. Tenho a impressão que muitos leitores dispensam a leitura da apresentação, porém, os que o lerem compreenderão o nosso carinho para com o autor, e a nossa admiração. A proposta do livro é exeqüível? Certamente sim, mas é preciso uma conscientização pessoal de cada dirigente espírita, porque esta, a nosso ver, é uma proposta de verticalização de todos aqueles que militam nas instituições espíritas, inclusive os assistidos.*

Faço votos para que este livro possa despertar nos seus leitores, especialmente nos que forem dirigentes espíritas, a reflexão sobre a sua instituição, de coração aberto, para que compreendamos todos o que Herculano Pires escreveu no seu livro, O Centro Espírita*, "O Centro Espírita não é templo nem laboratório, mas o ponto visual de convergência do movimento doutrinário."*

Amilcar Del Chiaro Filho
Guarulhos/SP
Março de 1997

PREFÁCIO

É necessário — e é possível — realizar uma revisão estrutural dos centros espíritas na atualidade, que permita a eles traçar seus caminhos vinculados e comprometidos com o próprio desenvolvimento do Espiritismo, além de se caracterizarem socialmente de forma clara. Isso hoje não ocorre. Viso com este estudo contribuir para essa revisão.

Parto da constatação de que os centros espíritas vivem hoje uma dificuldade de identificação, gerada sobretudo pelos confrontos entre sua estrutura, a leitura do Espiritismo e a modernização cultural e moral da sociedade. Tanto como casa do Espiritismo quanto como célula social o centro ainda busca uma definição mais precisa.

O texto que agora apresento começou a ser desenvolvido em 1987, quando escrevi o artigo "*O centro espírita e a sociedade*"[1] para o **II ENSASDE** - ***Encontro Nacional sobre o Aspecto Social da Doutrina Espírita***, realizado naquele ano em São Paulo. Na época a maior preocupação foi a de propor caminhos para aperfeiçoar as relações entre o centro espírita e a sociedade, sobretudo no sentido de reduzir a apatia reinante nos centros em relação às questões sociais. Boa parte daquele texto original foi reaproveitado, com pequenas modificações, para este livro, aparecendo sobretudo no Capítulo 4 - O centro espírita e a sociedade. A partir daquele artigo surgiu a idéia de ampliar o estudo, fazendo-o abranger os diversos aspectos conceituais que orientam a criação e o desenvolvimento dos centros espíritas. Realizei inicialmente uma pesquisa na literatura espírita sobre as principais propostas existentes para os centros espíritas. Esta pesquisa determinou os grandes temas de interesse — que denominei de elementos da estrutura do centro espírita — e com base neles desenvolvi os capítulos.

Em 1989 apresentei a primeira versão do texto no **CP-Doc** - ***Centro de Pesquisa e Documentação Espírita***. Com as críticas e sugestões ali recebidas dos companheiros, ele foi ampliado e aperfeiçoado. Foi reapresentado em 1992 e recebeu novas sugestões. Em 1993 foi apresentado, já na forma final, no **III SBPE** - ***Simpósio Brasileiro do Pensamento Espírita***,[2] realizado em Santos/SP. Pequenas adaptações foram acrescentadas desde então, visando esta publicação na forma de livro.

Quero fazer um agradecimento especial aos amigos do CPDoc, por me incentivarem, criticarem e aperfeiçoarem o texto, desde seu primeiro rascunho.

Mauro de Mesquita Spinola
e-mail: <mspinola@usp.br>
São Paulo/SP
Março de 1997

[1] Mauro de Mesquita Spinola. O centro espírita e a sociedade. Em: Autores diversos. Espiritismo e sociedade. p. 59-66.

[2] Mauro de Mesquita SPINOLA. Centro espírita: uma revisão estrutural. Em: SBPE - SIMPÓSIO BRASILEIRO DO PENSAMENTO ESPÍRITA, 3. *Anais*.

INTRODUÇÃO

A análise da estrutura do centro espírita e as possíveis propostas que dela possam advir esbarram em várias dificuldades. Eis algumas delas:

(1) É difícil definir centro espírita. É muito grande a heterogeneidade existente entre os grupos e como conseqüência surgem dúvidas: o que estaríamos analisando? a que e a quem estaríamos propondo?

(2) Em muitos centros espíritas vive-se hoje um período de discussão e revisão estrutural. Há também a criação de novos grupos, com estruturas alternativas e claramente diferentes das existentes. Os resultados são apenas preliminares e não há indícios de tendências generalizadas.

A primeira dessas dificuldades é discutida no capítulo 1. Lá escolho alguns critérios para identificar um centro espírita, e os justifico, no sentido de encontrar um caminho para análise. Em relação à segunda, busco no decorrer de todo o texto identificar conceitos, problemas e propostas apresentados por vários autores que se dedicaram a esse assunto específico e combino-os com a experiência que tenho adquirido através da participação no Centro de Estudos Espíritas "*José Herculano Pires*"[3] e no movimento espírita. Não terei condições de apresentar soluções finais nem modelos definitivos, mas buscarei formulá-los sempre que possível, visando entrelaçar e avaliar melhor as idéias discutidas.

[3] Centro de Estudos Espíritas "*José Herculano Pires*", Rua Alicante 389, Vila Granada, Penha, São Paulo-SP, CEP 03654-010.

Uma reflexão sobre a estrutura dos centros espíritas exige a identificação dos elementos que compõem essa estrutura. Assumo que são os seguintes:

a) *a mediunidade*,

b) *os estudos e as pesquisas*,

c) *as relações entre o centro espírita e a sociedade*,

d) *o poder*, e

e) *a integração entre centros espíritas*.

ELEMENTOS ESTRUTURAIS DO CENTRO ESPÍRITA
Mediunidade
Estudos e pesquisas
Relações com a sociedade
Poder
Integração com outros centros espíritas

O capítulo 2 trata da mediunidade no centro espírita. A mediunidade é o elemento chave da estrutura do centro. A comunicação com os espíritos deu origem ao Espiritismo e foi desde o início o seu maior instrumento de desenvolvimento. Os centros espíritas em geral se formam em torno do fenômeno mediúnico e os médiuns são sua maior referência. Os caminhos e descaminhos da utilização da medi-

unidade têm delineado a própria história dos centros espíritas.

O capítulo 3 enfoca os estudos e pesquisas no centro, elementos básicos e ponto de partida para uma revisão conceitual e estrutural.

A inserção social do centro espírita é estudada no capítulo 4: identifico as relações entre o centro espírita e a sociedade, e proponho caminhos.

Uma análise da estrutura do centro espírita passa necessariamente pelas relações de poder. Há um conjunto de procedimentos que merecem revisão. No capítulo 5 trato desse assunto.

O último elemento da estrutura do centros espíritas que abordo é a integração entre os centros, no capítulo 6. Essa integração é necessária, sem dúvida, para intercâmbio e cooperação entre os grupos e para consolidação de conquistas, mas tem sido muitas vezes instrumento de cristalização de velhas estruturas e conceitos.

Este livro não trata, de forma sistemática, dos aspectos de organização e administração do centro espírita. Há alguns livros e apostilas que tratam do assunto. *O centro espírita*, de Wilson GARCIA, sintético e objetivo, é um livro de valor.[4]

Entre os autores pesquisados, dediquei especial atenção aos dois que deram contribuições mais significativas para o estudo da estrutura do centro espírita até agora: Allan KARDEC e José Herculano PIRES. Em toda a extensão do texto eles são citados, sobretudo em suas respectivas obras *O livro dos médiuns*[5] e *O centro espírita.* [6]

4 Wilson GARCIA. *O centro espírita*.
5 Allan KARDEC. *O livro dos médiuns*.
6 J. Herculano PIRES. *O centro espírita*.

O livro dos médiuns, publicado em 1861, continua sendo referência obrigatória para formação, avaliação e dinamização dos grupos. Reputo grande importância a este livro no contexto da obra de KARDEC. Se em *O livro dos espíritos* encontramos a apresentação da doutrina como um todo, constituindo-se por isso no mais abrangente trabalho seu, é no entanto em *O livro dos médiuns* que passamos mais claramente a conhecer a sua maneira de trabalhar, o método kardequiano. E é esse método que referenda toda a sua obra. Marco maior da lucidez de KARDEC, esse compêndio ainda não esgotou seus recursos de aplicação.

O livro de José Herculano PIRES *O centro espírita* se propõe a apresentar um estudo sobre as origens, o sentido e a significação do centro espírita. É um trabalho poderoso, que capta conceitos importantes, identifica distorções e propõe um modelo, mas não escapa ao envolvimento de algumas idéias já cristalizadas. Não me proporia a tentar fixar de forma precisa a função do centro, como faz Herculano, sobretudo porque é difícil trabalhar com uma "verdade" que não é praticada. Mas concordo com ele quando constata que a função e a significação do centro são desconhecidas, só ficando uma dúvida: alguém conhece completamente?

Cabe ainda uma consideração sobre tudo o que se segue: a discussão que este livro traz sobre o centro espírita não está isolada do contexto social e histórico em que estão inseridos os centros espíritas brasileiros neste final de século. As análises que faço e as propostas que apresento em cada um dos assuntos estão sempre marcadas por todo um conjunto de fatores reais que envolvem a vida do centro. Os centros espíritas também são reflexos da nossa sociedade, de seus valores, seus anseios, seus problemas,

seus vícios. Portanto, a contribuição deste texto está vinculada e limitada a esse contexto.

Capítulo 1
O EM BUSCA DE UMA DEFINIÇÃO

problema de definição conceitual e estrutural dos centros espíritas é estudado neste capítulo. Se olhamos para o conjunto dos centros, identificaremos grande indefinição e heterogeneidade, dificultando uma definição precisa. Discuto essa heterogeneidade e algumas características problemáticas da estrutura atual dos centros. Proponho depois um modelo conceitual.

Para entender o que são os centros hoje é fundamental que se reveja a sua história. Por isso inicio por um levantamento de aspectos históricos relevantes. São dados que esclarecem as origens de diversas características atuais dos centros espíritas. Não há aqui espaço suficiente para um detalhamento, mas o tema pode ser aprofundado através das referências indicadas.

1.1. ASPECTOS HISTÓRICOS

Para entendermos a origem dos grupos espíritas temos que buscar os grupos que os antecederam, surgidos antes do trabalho de elaboração do Espiritismo, realizado por Allan KARDEC na França. Como ignorar os grupos de magnetistas e magnetizadores, com destaque para os seguidores de MESMER, que foram muitos no final do século

XVIII e início do XIX na França?[7] Como deixar de considerar os diversos grupos de adeptos do "*modern spiritualism*" que surgiram nos Estados Unidos a partir dos fenômenos ocorridos com as irmãs FOX?[8] E os grupos que passaram a realizar reuniões de mesas girantes na Europa, em meados do século XIX, que na França acabaram por chamar a atenção de KARDEC?[9] Muitos médiuns, magnetizadores e mágicos polarizaram a criação de grupos mais ou menos efêmeros, mais ou menos sérios, em torno de si. Esses agrupamentos são os antecessores dos grupos espíritas criados no período pós-KARDEC e dos grupos espíritas atuais.

É com KARDEC, no entanto, a partir de 1855, que o Espiritismo ganha feição doutrinária.[10] Ele lançou *O livro dos espíritos* em 1857, com as bases da nova doutrina[11] e fundou, em 1858, a ***Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas*** (SPEE), cujos estatutos foram publicados posteriormente em *O livro dos médiuns* para servir de modelo aos centros espíritas que nasciam por toda parte.[12] A SPEE, sob a coordenação do próprio KARDEC, firmou uma meto-

7 Ubiratan MACHADO. *Os intelectuais e o Espiritismo*: de Castro Alves a Machado de Assis. cap. II, p. 40-42.

8 Ibid., p. 43-44.

9 Ibid., p. 44.
Allan KARDEC. O Espiritismo em sua mais simples expressão. Em: —. *Iniciação espírita*. p. 19.
—. Extratos "in extenso" do livro das previsões concernentes ao Espiritismo: manuscrito feito com especial cuidado por Allan Kardec. Em: —. *Obras Póstumas*. parte 2, p. 217-219.

10 Ibid. p. 218-222.

11 —. *O livro dos espíritos*.

12 Éder FÁVARO e outros. A estrutura dos centros espíritas de Kardec aos nossos dias. Em: CONGRESSO ESPÍRITA ESTADUAL DA USE, 7. *Anais*. p. 1.
Allan KARDEC. Regulamento da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. Em: —. *O livro dos médiuns*. parte 2, cap. XXX, p. 435-444.

dologia de estudo e pesquisa da mediunidade, documentada sobretudo através da *Revista espírita*.[13]

FÁVARO, DEL CHIARO e PALAZZI fazem um estudo do "*perfil psicossocial do freqüentador dos centros espíritas do tempo de KARDEC*" e concluem:

> "*Chegamos à conclusão de que os fenômenos espíritas foram estudados num primeiro momento por homens aristocratas da nobreza européia. Não eram "João Ninguém" e também não eram cientistas, pois viam no fenômeno mais um passatempo do que ciência. Isto não invalidou suas pesquisas, pois na verdade elas incomodaram os cientistas, que viam naqueles fenômenos a ignorância, o misticismo, a superstição do povo ou o cambalacho de alguns espertalhões."* [14]

Os autores comparam esses dados com a realidade de nossos centros, afirmando que na França os freqüentadores eram nobres, intelectuais, pesquisadores da alta burguesia e classe média à procura de comprovações científicas da imortalidade da alma.

> *"Não era o sofrimento, a angústia existencial, o medo do futuro, a doença e a pobreza. Não era a consolação ou a cura da loucura, da obsessão."* [15]

No Brasil esses motivos se tornaram os principais para a criação e manutenção de centros espíritas.

O trabalho de KARDEC influenciou fortemente a estruturação dos grupos franceses e, por conseqüência, teve grande impacto sobre os primeiros agrupamentos brasilei-

13 —. *Revista espírita*.
—. Introdução - II - Autoridade da doutrina espírita. Em: —. *O evangelho segundo o Espiritismo*. p. 11-18.
—. Caracteres da revelação espírita. Em: —. *A gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo*. cap. I, itens 12-18, p. 15-18.

14 Éder FÁVARO e outros. A estrutura dos centros espíritas de Kardec aos nossos dias. Em: CONGRESSO ESPÍRITA ESTADUAL DA USE, 7. *Anais*. p. 4-6.

15 Ibid., p. 9.

ros. Ubiratan MACHADO[16] relata que na Bahia "*a repressão do clero aguçou fortemente o instinto de luta dos pioneiros. Em meados da década de 1860, Salvador conheceu uma explosão espírita de que não há paralelo no Brasil. As obras de* KARDEC*, lidas em francês, eram discutidas apaixonadamente nas classes mais cultas*."

Segundo Ubiratan MACHADO, o primeiro centro kardecista surgiu na Bahia:

> *"Oficialmente, a eclosão do Espiritismo brasileiro se daria neste ano (1865) quando, em Salvador, foi fundado o Grupo Familiar de Espiritismo, o primeiro centro Kardecista de conhecimento público, do país. Sob a direção do Dr. Luís Olímpio Teles de Menezes, o maior apóstolo do Espiritismo em seus inícios no Brasil, realizou-se ali, às 22,30 horas do dia 17 de setembro de 1865, a primeira sessão registrada nos anais da doutrina espírita, no Brasil. Uma hora após o início dos trabalhos, os membros recebiam a primeira mensagem psicografada de nossa terra e divulgada de forma oficial. Estava assinada por "Anjo de Deus"*[17]

Em Salvador e no Rio de Janeiro os grupos foram se multiplicando. Antonio Cesar Perri de CARVALHO cita os seguintes grupos na Capital: *Grupo Confucius* (criado em 1873*), Sociedade Espírita Fraternidade* (1880), *Sociedade de Estudos Espíritas Deus, Cristo e Caridade* (1876) e *União Espírita do Brasil*. "*Em 1884 era fundada a Federação Espírita Brasileira*"[18] (FEB). A FEB esteve, desde a sua fundação, no centro das lutas pela hegemonia do movimento espírita brasileiro. [19]

Os grupos espíritas brasileiros foram aos poucos adquirindo características próprias. Surgiu e cresceu o "sincretismo afro-espírita-católico":

> *"Ao lado do kardecismo, desenvolveu-se um vigoroso Espiritismo popular. Em alguns momentos a vitalidade deste chegou a parecer uma ameaça à sobrevivência da doutrina de KARDEC em sua pureza. A ameaça, porém, era apenas aparente. O caminho dos vários Espiritismos, apesar dos atalhos de ligação e das influências recíprocas, sempre foram distintos."* [20]

O caminho dos centros espíritas após os anos 30 foi estudado por Carlos Roberto de MESSIAS:

> *"Dos círculos experimentais franceses aos grupos quase esotéricos do Império, os centros espíritas pós trinta se transformaram mais nitidamente em templos, prontos-socorros e casas de caridade em auxílio de um mundo esquizo que vai deixando de ser rural."* [21]

As características identificadas historicamente pelos autores citados tornaram-se majoritárias, com o tempo, no crescente número de centros espíritas brasileiros. Uma análise dessas características na atualidade nos leva à identificação de confrontos entre muitas delas e o próprio Espiritismo, como desenvolvo a seguir.

---

16 Ubiratan MACHADO. O grupo baiano. Em: —. *Os intelectuais e o Espiritismo:* de Castro Alves a Machado de Assis. cap. IV, p. 81.

17 —. A noite dos precursores. Em: Ibid, cap. III, p. 68.

18 Antonio Cesar Perri de CARVALHO. Mudanças estruturais dos centros e grupos espíritas de Kardec aos nossos dias. Em: CONGRESSO ESPÍRITA ESTADUAL DA USE, 7. *Anais*. p. 3.

19 Carlos Roberto de MESSIAS. O uno e o múltiplo. Em: —. *Contribuições sobre o movimento espírita brasileiro*. cap. III, p. 19-30.
Airton LAUFER Jr.; Cosme Valtenis de FRANÇA. Análise dos mecanismos estruturais de manipulação e perpetuação de poder. Em: —. *O poder no movimento espírita do Brasil.*

20 Ubiratan MACHADO. Os forçados do invisível. Em: —. *Os intelectuais e o Espiritismo:* de Castro Alves a Machado de Assis. cap. X, p. 230.

21 Carlos Roberto de MESSIAS. O Espiritismo e a sociedade urbano-industrial. Em: —. *Contribuições sobre o movimento espírita brasileiro*. p. 11.

1.2. Centro espírita x Espiritismo:
ALGUNS CONFRONTOS

CONFRONTOS ENTRE O CENTRO ESPÍRITA E O ESPIRITISMO
Desconhecimento do Espiritismo
Sincretismo
Assistencialismo
Cultos exteriores e religiosismo
Grandeza física
Clientelismo e proselitismo
Isolamento cultural

Desconhecimento do Espiritismo nos centros, sincretismo, assistencialismo, cultos exteriores e religiosismo, grandeza física, clientelismo, proselitismo e isolamento cultural são alguns dos aspectos contrastantes entre a estrutura de grande parte dos centros e a proposta do Espiritismo. O levantamento desses pontos contribui para uma crítica aos centros espíritas modernos. Começo pelo primeiro e mais importante: o desconhecimento do Espiritismo.

O Espiritismo, desde KARDEC, possui um corpo doutrinário e metodológico que, embora passível de revisão, tem se mostrado suficientemente consistente para não se descaracterizar por completo. No entanto, muitos grupos não o conhecem, não o estudam e não o aplicam. Segundo José Herculano PIRES isso ocorre em todo o mundo.[22]

[22] J. Herculano PIRES. Introdução. Em: —. *O centro espírita*. p. XXV.

O desconhecimento do Espiritismo por parte de seus adversários tem sido também um problema, desde a época de KARDEC.[23] Na atualidade, muitos opositores sistemáticos se utilizam da confusão de idéias e da charlatanice para atacar o Espiritismo.[24]

Como se já não bastasse o desconhecimento reinante, alguns livros lançados exatamente com o intuito de esclarecer acabam por cristalizar preconceitos e distorções.

É comum encontrarmos nos centros espíritas um grande sincretismo. As práticas utilizadas possuem origens religiosas, filosóficas e culturais diversas, devido à falta de compromisso dos grupos com o Espiritismo. Segundo Herculano PIRES uma das causas está na domesticação católica e protestante, que "*criara em nossa gente uma mentalidade de rebanho*"[25] Penso que essa mentalidade propicia a inserção das idéias assistencialistas ("esmolares"), salvacionistas e místicas, que se misturam às idéias espíritas.

A discussão do sincretismo tem aberto espaço muitas vezes para posicionamentos racistas em relação a negros e pretos velhos. Não é esse o ponto. Há que se analisar as idéias e práticas sob o ponto de vista conceitual e metodológico.[26]

O assistencialismo é certamente uma das características mais marcantes dos centros espíritas. A necessidade de "assistência espiritual" e "assistência material" condicionam as diversas atividades. As lideranças espíritas em geral tiveram sua imagem vinculada à assistência a pesso-

[23] Allan KARDEC. Introdução. Em:*O livro dos espíritos*,item VII, p.27-30

[24] J. Herculano PIRES. Os padres mágicos. Em: *Parapsicologia hoje e amanhã*. cap. XVI, p. 205-212.

[25] —. Introdução. Em: —. *O centro espírita*. p. XXI.

[26] —. Raízes africanas. Em: Ibid., cap. IV, p. 27-31.
Deolindo AMORIM. *O Espiritismo e as doutrinas espiritualistas*.

as necessitadas: Bezerra de MENEZES foi o "médico dos pobres", Caibar SCHUTEL foi o "pai da pobreza", e assim por diante. Antonio C. Perri de CARVALHO comenta que essa característica foi detectada inclusive por estrangeiros em visita ao Brasil:

> *"No ano de 1941, Gabriel Gobron anotou em "Le Fraterniste": "... à frente do mundo no tocante à organização espírita de assistência pública vem o Brasil. Não há centros que não tenham ou não cuidem de ter uma assistência aos necessitados... — O Espiritismo brasileiro é a caridade em ação... — e o Brasil e seus espíritas são pobres!"*[27]

A cura, que se estende desde a aplicação de passes até as cirurgias mediúnicas, passando por tratamentos de doenças físicas e espirituais diversas, é um dos pontos de sustentação dos grupos. É notável, por exemplo a quantidade de hospitais psiquiátricos espíritas no Brasil.[28]

Por mais que se busque vincular o Espiritismo à caridade (muitas vezes confundida com esmola), não se pode obter uma relação direta entre Espiritismo e assistencialismo. Parece-me claro que não podemos simplificar a busca das causas do assistencialismo vinculando-as apenas às características dos líderes. A nossa condição social e nossa formação cultural certamente contribuem para esse caráter dos nossos centros.

Os cultos exteriores, a idéia de salvação pela fé, o sectarismo, o fanatismo, os pedidos, as penitências e, de uma forma geral, a adoção de conceitos e práticas desvinculadas de análise têm sido ainda características dos grupos espíritas. É a face religiosa dos centros espíritas. "*Não compareço a reuniões de espíritas rezadores*", dizia o Dr.

[27] Antonio Cesar Perri de CARVALHO. Mudanças estruturais dos centros e grupos espíritas de Kardec aos nossos dias. Em: CONGRESSO ESPÍRITA ESTADUAL DA USE, 7. *Anais*. p. 4-5.

[28] Ibid., p. 5.

Souza RIBEIRO, de Campinas, citado por Herculano PIRES.[29]

Em viagem de divulgação que realizou em 1862, KARDEC teve a oportunidade de abordar o problema que os cultos exteriores podiam trazer para os centros espíritas:

> *"Tudo nas reuniões espíritas deve se passar religiosamente, isto é, com gravidade, respeito e recolhimento. Mas é preciso não esquecer que o Espiritismo se dirige a todos os cultos. Por conseguinte ele não deve adotar as formalidades de nenhum em particular."* [30]

KARDEC considerava que era missão do Espiritismo abolir o antagonismo religioso, e não perpetuá-lo.[31]

Na visão de José Herculano PIRES, a procura do centro espírita como refúgio substitui no presente os templos do passado. Ele alerta:

> *"As almas frágeis precisam ser constantemente vigiadas e orientadas no Centro Espírita, pois se entregam facilmente a um misticismo inferior, tentando alcançar a angelitude através da submissão interesseira a espíritos mistificadores, dirigentes de vistas curtas e médiuns pretensiosos. Gostam de Ordens, Fraternidades, Escolas Evangélicas, de sacristia e coisas semelhantes, onde possam usar distintivos, insígnias e serem classificadas em graus de evolução."* [32]

Um trabalho importante para o entendimento da face religiosa dos centros espíritas foi escrito pela antropóloga Maria Laura Viveiros de CASTRO,[33] analisando o comportamento dos participantes de um centro espírita e identificando símbolos e práticas que compõem o que chama de

[29] J. Herculano PIRES. Introdução. Em: —. *O centro espírita*. p. XX.

[30] Allan KARDEC. Instruções particulares. Em: —. *Viagem espírita em 1862*. item XI, p. 128.

[31] Ibid., p. 129.

[32] J. Herculano PIRES. As almas frágeis. Em: —. *O centro espírita*. cap. VI, p. 43 e 47.

[33] Maria Laura Viveiros de CASTRO. *O que é Espiritismo:* 2a. visão.

"*ritual espírita*". Sua pesquisa, embora limitada pela consideração de um único grupo, contribui com a análise de um centro como agrupamento de pessoas.

A leitura do religiosismo nos centros espíritas também pode ser feita através de sua arquitetura.[34] O arquiteto Ciro PIRONDI compara as instituições espíritas a templos religiosos:

> *"Se olharmos agora a disposição de uma igreja, bastaria substituir a mesa por um púlpito ou altar, as cadeiras por bancos (...), tirar as fotos de Kardec, Bezerra e Chico Xavier das paredes e colocarmos crucifixos ou santos e teríamos uma igreja."* [35]

O debate sobre a natureza religiosa ou laica do Espiritismo, quando realizado filosoficamente, tem contribuído para uma avaliação do religiosismo, do proselitismo e do misticismo em nossos centros.[36]

Os centros espíritas tendem a ser grandes e heterogêneos. KARDEC, percebendo a dificuldade de reunir, já no seu tempo, grupos grandes e ao mesmo tempo homogêneos, defendeu que fossem pequenos (com quinze a vinte pessoas), para que houvesse uniformidade de sentimentos, maior eficácia dos elementos que para eles entram, menor divergência dos caracteres, das idéias, das opiniões e menor facilidade para os espíritos perturbadores semearem a

[34] Ciro PIRONDI. O desenho arquitetônico e o centro espírita. Em: Autores diversos. *Espiritismo e sociedade*. p. 67-70.
Jaci RÉGIS. O centro espírita no século XX. Em: CONGRESSO ESPÍRITA ESTADUAL DA USE, 7. *Anais*. p. 12.

[35] Ciro PIRONDI. O desenho arquitetônico e o centro espírita. Em: Autores diversos. *Espiritismo e sociedade* p. 67-68.

[36] J. Herculano PIRES. Problemas religiosos. Em: —. *O centro espírita*. cap. IX, p. 70-81.
Krishnamurti de Carvalho DIAS. *O laço e o culto:* é o Espiritismo uma religião?

discórdia.[37]

> *"A dificuldade, ainda grande, de reunir crescido número de elementos homogêneos deste ponto de vista, nos leva a dizer que, no interesse dos estudos e por bem da causa mesma, as reuniões espíritas devem tender antes à multiplicação de pequenos grupos, do que à constituição de grandes aglomerações."* [38]

Embora tenhamos hoje fatores complicadores para essa proposta, tais como as dificuldades para se adquirir e manter uma sede e outros recursos materiais com poucos participantes, a preocupação de KARDEC procede. Podemos identificar sobretudo nas grandes instituições os problemas mais graves de nossos centros, entre eles, a luta pelo poder, a heterogeneidade de pensamentos e sentimentos (que acaba por dificultar ou retardar a definição objetiva de caminhos a seguir), a adoção de símbolos e práticas exteriores, etc.

O clientelismo e o proselitismo são, certamente, duas entre as causas de engrandecimento excessivo dos grupos.

O centro espírita, como casa do Espiritismo, tem se constituído numa ilha, isolada do desenvolvimento cultural. Esse assunto foi objeto de estudo de Ciro PIRONDI. Para ele, o Espiritismo não influenciou na evolução do homem contemporâneo pelo fato de os espíritas se afastarem da cultura temporal e deixarem de lado os estudos e as pesquisas que visavam interrelacionar o Espiritismo com as demais áreas do conhecimento.

> *"(...) O Espiritismo é um processo vivo não acabado, que caminha em par com o desenvolvimento tecnológico e com as descobertas do homem e por trazer ao conhecimento um dos elementos constitutivos do universo — o e-*

[37] Allan KARDEC. Das reuniões e das sociedades espíritas - Das sociedades propriamente ditas. Em: —. *O livro dos médiuns*. parte 2, cap. XXIX, item 335, p. 422-423.

[38] Ibid., item 334, p. 422.

lemento espiritual — ele deveria contribuir com todos os avanços da ciência e da filosofia. (...) Com uma filosofia aberta e revolucionária montamos um movimento fechado e sectário." [39]

1.3. AS DIVERSAS FEIÇÕES DOS CENTROS ESPÍRITAS

Qual é o objetivo dos centros espíritas? Impossível encontrar uma resposta válida para todos os grupos. Com certeza esse objetivo varia segundo fatores culturais, a ponto de podermos encontrar dois centros espíritas com objetivos (e portanto atividades) completamente diferentes. Num centro, maior ênfase é dada aos conhecimentos do Espiritismo, num outro se dá maior valor à prática da mediunidade, num terceiro as pessoas se dedicam prioritariamente ao atendimento de necessitados, num quarto centro a cura é o maior objetivo, e assim por diante.[40]

Seria de se esperar que o uso da palavra "espírita" ao menos identificasse um compromisso dos grupos com o Espiritismo, mas nem mesmo nesse ponto os centros espíritas são unânimes. Jaci RÉGIS assim se expressa sobre esse problema:

"Os Centros Espíritas parecem, em sua maioria, não ter qualquer compromisso com a Doutrina. Desenvolvem atividades baseadas em comunicações esparsas, fraudam as normas e métodos indicados para a mediunidade e, muitas vezes, passam a ser subsidiários do desejo de "caridade" que avassala seus dirigentes, sempre às voltas com sopas, roupas usadas e rifas para obter recursos. Atendem a centenas de pessoas, como o fazem o Rotary, o Lions Clube, e entidades filantrópicas religiosas ou leigas. Admitem que

[39] Ciro PIRONDI. Influência do Espiritismo na evolução do homem contemporâneo. Em: CONGRESSO ESPÍRITA ESTADUAL DA USE, 7. *Anais*. p. 3-5.

[40] Mauro de Mesquita SPINOLA. O centro espírita e a sociedade. Em: Autores diversos. *Espiritismo e sociedade*. p. 60.

não ensinam o Espiritismo para não faltar à caridade." [41]

1.4. EVENTOS DE RENOVAÇÃO

Temos hoje uma diversidade de tendências. Alguns grupos firmam-se no religiosismo, no mediunismo, no assistencialismo e na ignorância. Outros buscam caminhos de renovação. Mas não se pode dizer que esse movimento é novo.

Em vários momentos da história do movimento espírita brasileiro puderam ser identificadas ações renovadoras, voltadas para uma identificação maior dos grupos com o Espiritismo, conceitual e metodologicamente. Isoladas, essas ações não chegaram, na maioria das vezes, a deixar a sua marca, o que não significa que não cumpriram seu papel. Muitas vezes acabam contribuindo para a criação de focos de reconstrução e renovação que nascem à margem da inércia geral. Uma avaliação fria conclui, no entanto, que poucas pessoas foram atingidas.

Entre as ações renovadoras cujo efeito atingiu ou tem atingido um número significativo de centros está a criação das editoras espíritas, como a da FEB, no Rio de Janeiro-RJ, e O Clarim, em Matão-SP. Considero que este foi o mais significativo conjunto de eventos para superação de nossas limitações doutrinárias.[42] As editoras espíritas se proliferaram e são hoje uma realidade. Servem, em geral, à divulgação da ideologia reinante, mas isso é apenas uma conseqüência de sua forte ligação com o movimento. Com os livros, revistas e jornais existe um meio de transmissão,

[41] Jaci RÉGIS. O centro espírita no século XX. Em: CONGRESSO ESPÍRITA ESTADUAL DA USE, 7. *Anais*. p. 4.

[42] Antonio Cesar Perri de CARVALHO. Mudanças estruturais dos centros e grupos espíritas de Kardec aos nossos dias. Em: CONGRESSO ESPÍRITA ESTADUAL DA USE, 7. *Anais*. p. 5.

discussão e consolidação de idéias, certamente um fator de progresso.

Houve processos de renovação levados pelo movimento de unificação entre centros,[43] entre eles:

a) a divulgação das "*Deliberações do Simpósio Centro-Sulino*", realizado em 1962, com uma abrangente caracterização funcional dos centros espíritas,

b) a proliferação do "COEM - *Centro de Orientação e Educação Mediúnica*", um programa de estudo e sistematização da prática mediúnica elaborado pelo Centro Espírita Luz Eterna, de Curitiba, PR, a partir de 1970,

c) a criação do "*Estudo Sistematizado de Doutrina Espírita*" pela Federação Espírita do Rio Grande do Sul e sua posterior divulgação nacional pela FEB,

d) a divulgação de documentos de orientação aos centros espíritas, pela USE - União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo, como a "*Carta aos Centros Espíritas*", a partir de 1975, e o "*Esquema de Atividades Doutrinárias de um Centro Espírita*", desde 1978,

e) a divulgação, pela FEB, dos documentos "*A adequação do Centro Espírita para o melhor atendimento de suas finalidades*", a partir de 1977, e "*Orientação ao Centro Espírita*",[44] desde 1980,

[43] Antonio Cesar Perri de CARVALHO. Mudanças estruturais dos centros e grupos espíritas de Kardec aos nossos dias. Em: CONGRESSO ESPÍRITA ESTADUAL DA USE, 7. *Anais*. p. 6.
Éder FÁVARO e outros. A estrutura dos centros espíritas de Kardec aos nossos dias. Em: CONGRESSO ESPÍRITA ESTADUAL DA USE, 7. *Anais*. p. 11-14.

[44] FEDERAÇÃO Espírita Brasileira. *Orientação ao centro espírita*.

f) a campanha "*Comece pelo Começo*", realizada pela USE a partir de 1975, para divulgação das obras de Allan KARDEC, e estendida depois, para todo o país.

A listagem desses eventos pode dar a impressão de que coube em todos esses momentos ao movimento de unificação e à sua direção a vanguarda da renovação. A verdade é que essas conquistas aparecem muitas vezes como concessões a propostas formuladas e defendidas à revelia dos dirigentes.

Diversos desses documentos, programas de cursos, cartas e orientações citados seriam hoje passíveis de revisão, mas representaram avanços na reaproximação dos grupos com o Espiritismo, mais marcantes até que alguns excelentes livros, artigos de jornais e revistas publicados que não tiveram espaço para divulgação.

A criação de grupos de pesquisas, vinculados ou não a centros espíritas, mostra que o movimento ainda busca novos caminhos.

1.5. É POSSÍVEL DEFINIR UM MODELO ?

Apesar daqueles esforços, uma análise do panorama atual nos mostra uma grande miscelânea, o que torna impossível responder, com base no que se vê, a questão "*o que é o centro espírita*?" Estabelecer um modelo seria muito difícil; analisar e propor, impossível.

Para estabelecer um modelo teríamos que optar por uma conceituação mais precisa de centro espírita, assumindo algumas de suas características. Esse modelo viabilizaria a análise e a elaboração de propostas.

Faço, portanto, com o objetivo de poder continuar esse trabalho, um exercício de modelamento.[45] O seu principal objetivo é estabelecer uma referência conceitual que sirva de base para a estruturação de uma casa espírita ou mesmo para a reestruturação de uma casa já existente. São critérios básicos a considerar na avaliação e na organização dessas casas.

O modelo não toca no problema de organização administrativa e financeira do centro, mas estabelece diretrizes para que essa organização, qualquer que seja, se volte para os objetivos de tornar o centro uma casa do Espiritismo. São três os seus componentes: as pessoas, o relacionamento do centro com o Espiritismo e a estrutura de poder, como descrevemos a seguir:

CENTRO ESPÍRITA: MODELO CONCEITUAL
O centro espírita é uma associação de pessoas
O centro espírita é comprometido com o Espiritismo
Não existe no centro espírita hierarquia estática e restritiva

a) *O centro espírita é uma associação de pessoas encarnadas, de homens*. Poderia, por opção, abranger também os espíritos desencarnados nessa associação, já que os centros espíritas contam, em geral, com a participação ativa dos espíritos. Os motivos pelos quais não farei isso são:

a.1) Considero que o centro espírita é organizado e dirigido por homens, tendo espíritos desencarnados como convidados. Desta forma, qualquer estudo relativo à estrutura, atividades, métodos, prioridades e orientação doutrinária em um centro passa necessariamente pelo comportamento dos homens que o compõem.

a.2) As atividades do centro espírita, incluindo as reuniões mediúnicas, são organizadas e dirigidas por homens. As propostas relativas a essas reuniões devem se dirigir, pelo menos num primeiro momento, a eles.

a.3) São os homens que participam da vida social, contexto em que está inserido o centro.

b) *O centro espírita é comprometido com o Espiritismo*. Esse compromisso se concretiza através do estudo de livros espíritas, incluindo necessariamente as obras de Allan KARDEC, e adequação das diversas atividades aos conceitos e métodos próprios da doutrina.

c) *Não existe no centro espírita hierarquia estática e restritiva*. O efeito mais importante dessa estrutura é a igualdade para aprender, praticar e influir.

Um centro espírita aberto à participação integral de pessoas interessadas em aprender e contribuir, e comprometido com o aprendizado e desenvolvimento do Espiritismo será o modelo, para os centros espíritas modernos,

[45] Mauro de Mesquita SPINOLA. O centro espírita e a sociedade. Em: Autores diversos. *Espiritismo e sociedade*. p. 59-61.

que adotarei a partir daqui. Mas caberia perguntar: *como será o centro espírita do futuro*?[46]

[46] Éder FÁVARO e outros. A estrutura dos centros espíritas de Kardec aos nossos dias. Em: CONGRESSO ESPÍRITA ESTADUAL DA USE, 7. *Anais*. p. 14.

"*A dificuldade, ainda grande, de reunir crescido número de elementos homogêneos deste ponto de vista, nos leva a dizer que, no interesse dos estudos e por bem da causa mesma, as reuniões espíritas devem tender antes à multiplicação de pequenos grupos, do que à constituição de grandes aglomerações.*"[47]

Allan KARDEC (1804-1869)

[47] Allan KARDEC. Das reuniões e das sociedades espíritas - Das sociedades propriamente ditas. Em: —. *O livro dos médiuns*. parte 2, cap. XXIX, item 334, p. 422.

Capítulo 2
A MEDIUNIDADE

O Espiritismo está histórica e metodologicamente vinculado à mediunidade. Ele nasceu e cresceu a partir do estudo dos fenômenos mediúnicos. Sem a mediunidade o Espiritismo simplesmente não existiria. A mediunidade é o elemento mais importante da estrutura do centro espírita pois concretiza o mundo dos espíritos, objeto principal de estudo do Espiritismo.

2.1. O PAPEL DA MEDIUNIDADE

> *"Mediunidade é a faculdade humana, natural, pela qual se estabelecem as relações entre homens e espíritos."* [48]

KARDEC dedicou grande importância à mediunidade e à comunicação com os espíritos. O relato que fez do início de suas pesquisas mostra isso:

[48] J. Herculano PIRES. *Mediunidade: vida e comunicação:* conceituação de mediunidade e análise geral dos seus problemas atuais. cap.I, p. 11.

> *"Compreendi, logo à primeira vista, a importância das pesquisas que iria fazer. Vislumbrei naqueles fenômenos a chave do problema do passado e do futuro da Humanidade, tão confuso e tão controvertido, a solução daquilo que eu havia buscado toda a minha vida."* [49]

Com o tempo fortaleceu ainda mais a convicção que a mediunidade deve ser estudada e praticada com seriedade. O sua principal obra sobre o assunto, *O livro dos médiuns,*[50] foi lançada em 1861 em substituição a uma outra de mesma natureza, *Instruções práticas sobre as manifestações espíritas,*[51] que havia sido lançada em 1858, pois considerou que esta não era suficientemente completa.[52] Nos seus estudos, dedicou especial atenção à psicografia, pois percebeu que a escrita "*tem a vantagem de assinalar, de modo mais material, a intervenção de uma força oculta e de deixar traços que se podem conservar, como fazemos com nossa correspondência*".[53] Essa sua preocupação esclarece, em parte, o caráter que atribuía à mediunidade: um forte instrumento de comunicação com o invisível, tanto quanto de documentação.

Para KARDEC era necessária uma conceituação precisa de "mediunidade" (e "médiuns"), além de uma classificação detalhada dos fenômenos. Foi o que fez.[54] Um ponto delicado referia-se à questão: quem é médium? Resolveu-a da seguinte forma: todo aquele que sente, num grau qual-

[49] Allan KARDEC. Extratos "in extenso" do livro das previsões concernentes ao Espiritismo: manuscrito feito com especial cuidado por Allan Kardec. Em: —. *Obras Póstumas*. parte 2, p. 220.

[50] —. *O livro dos médiuns*.

[51] —. Instruções práticas sobre as manifestações espíritas. Em: —. *Iniciação espírita*. p. 175-299.

[52] —. Introdução. Em: —. *O livro dos médiuns*. p. 13.

[53] —. Da psicografia. Em: Ibid, parte 2, cap. XIII, item 152, p. 190.

[54] Allan KARDEC. Instruções práticas sobre as manifestações espíritas - Vocabulário espírita. Em: —. *Iniciação espírita*. p. 182-216.
—. *O livro dos médiuns*. parte 2, cap. XIV-XVI, p. 195-236 e cap. XXXII, p. 478-480.

quer, a influência dos espíritos é, por esse fato, médium, mas, usualmente, assim só se qualificam aqueles em que a faculdade mediúnica se mostra bem caracterizada e se traduz por efeitos patentes, de certa intensidade, o que então depende de uma organização mais ou menos sensitiva.[55] Estudando esse problema mais recentemente, CRAWFORD chamou de "*estática*" a mediunidade natural, que todos possuem, e "*dinâmica*" a mediunidade ativa. José Herculano PIRES apresenta também as denominações de "*mediunidade generalizada*" e "*mediunato*", respectivamente.[56]

Esse continua sendo um dos pontos mais delicados no trato da questão mediúnica, pois toca no problema da necessidade de dedicação do médium à mediunidade. É muito comum a frase: "*você é médium*", por vezes emitida numa primeira entrevista, ser utilizada como instrumento de proselitismo. Penso que essa postura deve ser reavaliada, mesmo que se constate a presença de mediunidade ativa (caracterizada, ostensiva, mediunato). Não está demonstrado que os médiuns necessitam se dedicar ao centro espírita "*para não sofrer perturbações*".

Há ainda um outro ponto em que o conceito de mediunidade generalizada toca: o do caráter de graça ou provação atribuído à mediunidade:

> *"O conceito de mediunidade que vigora entre nós, na maioria esmagadora dos centros, é espantosamente ambivalente e portanto contraditória. Afirma-se ao mesmo tempo que a mediunidade é uma graça e uma provação, que os médiuns são espíritos grandemente faltosos, não obstante adorados como enviados de Deus. Os que estudam seriamente a Doutrina logo percebem a falsidade desse conceito. A mediunidade é uma faculdade natural da espécie humana, como todas as demais faculdades."* [57]

A atitude de adoração, adulação ou até louvação de médiuns tem como causa principal a falta de reflexão sobre o papel da mediunidade.

[55] Allan KARDEC. Dos médiuns. Em: *O livro dos médiuns*, parte 2, cap. XIV, item 159, p. 195.

[56] J.Herculano PIRES. *Mediunidade: vida e comunicação:* conceituação de mediunidade e análise geral dos seus problemas atuais. cap.II, p 18.

2.2. AS REUNIÕES MEDIÚNICAS

Nas reuniões mediúnicas realizam-se os contatos com espíritos no centro espírita. Qualquer processo de análise ou revisão envolve necessariamente essas reuniões. De acordo com o modelo proposto no capítulo 1, elas devem consagrar conceitos e métodos próprios do Espiritismo.

Quando KARDEC classificou as reuniões mediúnicas como frívolas, experimentais e instrutivas,[58] buscou identificar as "condições especiais" em que as reuniões sérias devem ser realizadas, destacando a necessidade de participação de pessoas sérias e o intuito de se instruir.

A uniformidade de objetivos e sentimentos, só possível com um número pequeno de participantes, ganha aqui um significado vital.[59] Mesmo os centros espíritas que optam por crescer necessitam cuidar para que as reuniões mediúnicas não inchem e portanto não percam esse caráter.

Seria possível estabelecer critérios generalizados? Creio que alguns, sim. A começar pela busca de aperfeiçoamento e instrução. As reuniões mediúnicas que perpetuam os seus objetivos, métodos, médiuns e até comunica-

[57] J.Herculano PIRES. O centro e a comunidade. Em: *O centro espírita*. p.18.

[58] Allan KARDEC. Das reuniões e das sociedades espíritas. Em: —. *O livro dos médiuns*. parte 2, cap. XXIX, itens 324-329, p. 413-418.

[59] Ibid., parte 2, cap. XXIX, itens 332, 334 e 335, p. 420-423.
Éder FÁVARO e outros. A estrutura dos centros espíritas de Kardec aos nossos dias. Em: CONGRESSO ESPÍRITA ESTADUAL DA USE, 7. *Anais*. p. 3.

ções podem estar perdendo a oportunidade de contribuir para o aprimoramento técnico e moral dos participantes e do próprio Espiritismo. Essa observação vale também para chamadas reuniões de assistência, que discutirei adiante, onde estrutura e personagens costumam se cristalizar no centro espírita.

Duas das características de um trabalho sério são a regularidade e a continuidade, pois a experiência mostra que a participação dos espíritos é também regular. No entanto, KARDEC alerta que, "*se bem os Espíritos prefiram a regularidade, os de ordem verdadeiramente superior não se mostram meticulosos a esse extremo. A exigência de pontualidade rigorosa é sinal de inferioridade, como tudo que seja pueril*." [60]

Quando estudou a influência do meio, KARDEC colocou que "*uma reunião é um ser coletivo, cujas qualidades e propriedades são a resultante das de seus membros e formam como que um feixe*". Como conseqüência, apresenta as "*condições mais favoráveis para uma Sociedade que aspira granjear a simpatia dos bons Espíritos*", entre elas: perfeita comunhão de vistas e sentimentos, cordialidade recíproca, desejo de se instruir e melhorar, recolhimento e silêncio respeitosos, e outras.[61] No trato com espíritos perturbadores, propôs "enérgica resistência", envolvendo prece, caridade e atenção.[62]

Há um ponto sobre o qual pairam dúvidas na organização de reuniões mediúnicas: a validade de se evocar espíritos. Largamente utilizado e defendido por KARDEC, esse

60 Allan KARDEC. Das reuniões e das sociedades espíritas. Em: —. *O livro dos médiuns*. parte 2, cap. XXIX, item 333, p. 421.

61 Ibid., itens 331 e 341, p. 419 e 427-428.
—. Da influência do meio. Em: —. *O livro dos médiuns*. p. 285-288.

62 —. Das reuniões e das sociedades espíritas. Em: —. *O livro dos médiuns*. parte 2, cap. XXIX, item 340, p. 426-427.

método foi fundamental em suas pesquisas.[63] Nos relatos constantes do livro *O céu e o inferno*, por exemplo, é grande o número de casos estudados com uso de evocações. EMMANUEL, através da mediunidade de Francisco C. XAVIER, recomenda que as evocações não sejam utilizadas "em caso algum", e justifica a sua posição:

> *"Se essa evocação é passível de êxito, sua exeqüibilidade somente pode ser examinada no plano espiritual. Daí a necessidade de sermos espontâneos, porquanto, no complexo dos fenômenos espiríticos, a solução de muitas incógnitas espera o avanço moral dos aprendizes sinceros da Doutrina. O estudioso bem-intencionado, portanto, deve pedir sem exigir, orar sem reclamar, observar sem pressa, considerando que a esfera espiritual lhe conhece os méritos e retribuirá os seus esforços de acordo com a necessidade de sua posição evolutiva e segundo o merecimento de seu coração.*
>
> *"Podereis objetar que Allan Kardec se interessou pela evocação direta, procedendo a realizações dessa natureza, mas precisamos ponderar, no seu esforço, a tarefa excepcional do Codificador, aliada a necessidades e méritos ainda distantes da esfera de atividade dos aprendizes comuns."* [64]

A idéia de EMMANUEL é generalizada entre os centros, e é no mínimo estranha. A maior dificuldade em potencial — a de identificação dos espíritos — também foi sentida e estudada por KARDEC.[65] A organização de reuniões mediúnicas em geral, e os trabalhos de pesquisas, em particular, requerem um novo estudo desses conceitos. Senão estaremos correndo o risco de obedecer a proibições bíbli-

63 Allan KARDEC. Das evocações. Em: —. *O livro dos médiuns*, cap. XXV, p. 338-368.

64 Francisco Cândido XAVIER. *O consolador*. parte IV, item 369, p. 207.

65 Allan KARDEC. Da identidade dos espíritos. Em: —. *O livro dos médiuns*. parte 2, cap. XXIV, p. 315-337.

cas com a justificativa única de que não estamos preparados.

O preparo contínuo dos médiuns para a realização de suas tarefas requer a elaboração de um processo de desenvolvimento da mediunidade, também chamado de educação mediúnica. Não é mais admissível deixar que a "prática" ou a "vida" ensinem por si mesmo. KARDEC colocou a necessidade de desenvolvimento, estudando sobretudo a mediunidade psicográfica.[66] Há, basicamente, dois aspectos no desenvolvimento do médium:[67]

(1) a prática, que envolve a necessidade de aperfeiçoamento técnico,

(2) a aplicação, que abrange a compreensão da influência moral e intelectual que exerce sobre as comunicações, da melhor maneira de aplicar seu potencial e das dificuldades e cuidados que a atividade mediúnica envolve.

Em termos de aplicação, é fundamental que a formação de médiuns leve em consideração o seu papel nas comunicações. O animismo, fenômeno observado por KARDEC e outros pesquisadores, requer um estudo aprofundado no processo de desenvolvimento da mediunidade, pois o seu desconhecimento tem levado ora a confusões e enganos em relação a comunicações, ora a preconceitos descabidos em relação a médiuns. Adoto a conceituação utilizada por Alexandre AKSAKOF,[68] em que animismo e mediunidade não se excluem. Segundo ele podem ser identificados os seguintes tipos de fenômenos:

66 —. Da formação dos médiuns - Desenvolvimento da mediunidade. Em: Ibid., cap. XVII, itens 200-218, p. 237-249.

67 Ibid., itens 200-217, p. 237-249.

68 Alexandre AKSAKOF. A hipótese dos espíritos. Em: —. *Animismo e Espiritismo*. v. II, cap. IV, p. 226-404.

a) *anímicos não mediúnicos*, que envolvem exteriorizações do próprio ser através dos sonhos, do sonambulismo, da telepatia, da clarividência no espaço e no tempo, da telecinesia, da telemnesia, da psicometria etc.

b) *anímicos mediúnicos*, que envolvem participação de pessoas vivas em fenômenos mediúnicos tais como psicografia, psicofonia, aparições etc.

c) *espíritas* (necessariamente mediúnicos), que envolvem participação de pessoas desencarnadas.

Essa classificação foi também adotada por Ernesto BOZZANO.[69] Segundo ela, o médium que transmite mensagem de seu próprio espírito, quando em estado de emancipação, realiza um fenômeno anímico mediúnico. KARDEC estudou esse caso e concluiu que esse assunto é sutil e delicado, necessitando muitas observações e meditações antes de se concluir qualquer coisa sobre a natureza de determinado fenômeno. Concluiu também que é generalizada e natural a influência do médium nas comunicações.[70] Isso nos leva à necessidade de rever duas posições: por um lado, o descuido na identificação dos fenômenos mediúnicos de natureza anímica e, por outro, o preconceito em relação a médiuns que apresentam características anímicas, confundindo-os com charlatães.[71]

Todas essas considerações, se não resolvem, pelo menos levantam aspectos relevantes na estruturação das reu-

69 Ernesto BOZZANO. *Animismo ou Espiritismo? Qual dos dois explica o conjunto dos fatos?*

70 Allan KARDEC. Do papel do médium nas comunicações espíritas. Em: —. *O livro dos médiuns*. parte 2, cap. XIX, item 223, p. 259-266.

71 Alexandre SECH. Animismo e mediunismo. Em: Autores diversos. *Encontro com a cultura espírita*. p. 174-176.
Francisco Cândido XAVIER. *Nos domínios da mediunidade*. cap. 22, p. 209-215.
Martins PERALVA. *Estudando a mediunidade*. cap. XXXVI, p.186-190

niões mediúnicas. Passemos agora às reuniões propriamente ditas.

2.3. ATIVIDADES MEDIÚNICAS NO CENTRO ESPÍRITA

Apresento aqui, a título de sugestão, uma estrutura de atividades mediúnicas do centro espírita, ainda de acordo com o modelo proposto no capítulo 1. Essas atividades podem caracterizar reuniões específicas ou ser combinadas entre si para formar as reuniões:

a) *estudos de mediunidade*

b) *assistência a espíritos desencarnados*

c) *atendimento de pessoas*

d) *terapia de obsessão*

e) *passes*

f) *pesquisas de mediunidade*

ATIVIDADES MEDIÚNICAS NO CENTRO ESPÍRITA
Estudos de mediunidade
Assistência a espíritos desencarnados
Atendimento de pessoas
Terapia de obsessão
Passes
Pesquisas de mediunidade

2.3.1. Estudos de mediunidade

Essas reuniões estão voltadas para o conhecimento da mediunidade, teórico e prático. Delas participam os elementos ativos das diversas reuniões mediúnicas. A programação deve envolver o desenvolvimento mediúnico e o aprimoramento contínuo.

KARDEC alertou para a importância desses estudos. Coloca como um dos motivos mais importantes a necessidade de preparo contra a "tola presunção de infalibilidade" e a "fascinação". Para ele, a instrução "*não abrange apenas o ensinamento moral que os Espíritos dão, mas também o estudo dos fatos*". Os estudos das comunicações produzidas nas próprias reuniões de estudos e fora delas (envolvendo conteúdo, forma, linguagem, participação do médium etc.), constituem-se em instrumentos simples e relevantes.[72] O estudo teórico deve envolver textos básicos consagrados, em especial *O livro dos médiuns*[73] e a *Revista espírita*.[74]

2.3.2. Assistência a espíritos desencarnados

Na assistência a espíritos desencarnados é estabelecido contato mediúnico com espíritos desencarnados para que:

(1) os espíritos exponham suas idéias e sensações,

(2) quando for o caso, as pessoas do grupo mediúnico falem aos espíritos — com base no conhecimento espírita e em experiências anteriores no contato com outros espíritos — sobre seu estado de desen-

---

72 Allan KARDEC. Das reuniões e das sociedades espíritas. Em: —. *O livro dos médiuns*. parte 2, cap. XXIX, itens 328-329 e 343-347, p. 416-418 e 429-432.

73 —. *O livro dos médiuns*.

74 —. *Revista espírita*.
J. Herculano PIRES. O centro e a comunidade. Em: —. *O centro espírita*. cap. III, p. 15.

carnado (muitas vezes não percebido pelos espíritos) e sobre as idéias que apresentam,

(3) quando for o caso e mais uma vez com base no conhecimento espírita, as pessoas reconfortem e orientem os espíritos em relação a suas dores e sofrimentos, que são em geral fruto de sua inferioridade e do processo às vezes doloroso de transição entre o mundo material e o espiritual,

(4) as pessoas e os próprios espíritos conheçam mais sobre a vida no mundo espiritual.

Questiona-se esse tipo de atividade considerando que seria melhor ou mais lógico que os próprios espíritos superiores, também desencarnados, orientassem os demais. Já ouvi também argumentos no sentido de que o número de espíritos que se pode assistir é diminuto, frente ao de necessitados. No entanto, os estudos e observações demonstram a utilidade desta atividade no centro, pois:

(1) os espíritos atendidos são, em geral, restritos a um grupo ligado ao próprio centro,

(2) muitos espíritos inferiores ou sofredores se mostram mais sensíveis ao contato com pessoas encarnadas que com os próprios espíritos, possivelmente pelo efeito do ambiente e da presença de energia animal, e

(3) essas comunicações constituem-se, como tantas outras, em motivo de aprendizado e experiência.[75]

Cabe aqui alertar para a necessidade do enquadramento dessa atividade dentro de um processo amplo de aperfeiçoamento de médiuns e espíritos. A assistência a espíritos sempre corre o risco de se tornar estática e repetitiva, pouco contribuindo para aquele aperfeiçoamento real.

[75] Ibid., p. 15.

2.3.3. Atendimento de pessoas

Essas reuniões, realizadas em massa nos centros espíritas, necessitam obter um caráter mais definido e um aprimoramento técnico. Destinam-se ao atendimento, diagnóstico e tratamento de pessoas com possíveis problemas de natureza espiritual, possivelmente com encaminhamento posterior para reuniões de passes ou terapia de obsessão.

Na grande maioria dos centros espíritas o processo de diagnóstico é ainda realizado de forma empírica e intuitiva. Conta-se, em geral, com "orientação de espíritos desencarnados", desprezando-se a necessidade de desenvolver e aplicar métodos e técnicas específicas para esta importante área de atuação espírita.

2.3.4. Terapia de obsessão

KARDEC dedicou boa parte de seu trabalho ao estudo da obsessão e seu tratamento.[76] Para José Herculano PIRES, é a parte "*mais importante e necessária das atividades mediúnicas*".[77] Concordo que é uma das áreas de maiores possibilidades para o Espiritismo na atualidade, mas o seu desenvolvimento dependerá de uma mudança de postura em relação à terapia, passando a assumir o seu caráter

[76] Allan KARDEC. Da obsessão. Em: —. *O livro dos médiuns*. parte 2, cap. XXIII, p. 297-314.
—. Os fluidos. Em: *A gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo*. cap. XIV, itens 45-49. p. 258-261220-305.
—. Manifestações dos espíritos - § 7º Da obsessão e da possessão. Em: —. *Obras Póstumas*. parte 1, p. 40-46.
Éder FÁVARO e outros. A estrutura dos centros espíritas de Kardec aos nossos dias. Em: CONGRESSO ESPÍRITA ESTADUAL DA USE, 7. *Anais*. p. 7.

[77] J. Herculano PIRES. Os serviços do centro. Em: —. *O centro espírita*. cap. II, p. 8.

essencialmente técnico e interdisciplinar.[78] Com todo o desenvolvimento atual da psicologia, da medicina (sobretudo da psiquiatria) e do Espiritismo, não se pode mais realizar um tratamento que desconsidere a necessidade de combinar as contribuições dessas áreas da ciência. Não é suficiente (embora seja necessário) afixarmos uma placa no salão com os dizeres: "*Recomendamos a todos os pacientes em tratamento que busquem sempre consultar o médico de sua confiança*". É fundamental estabelecer critérios claros para o diagnóstico e o tratamento, que estabeleça a contribuição efetiva e os limites do tratamento espírita. Há uma dificuldade: essa necessidade demanda um trabalho grandioso de pesquisa ainda por ser realizado (tanto sob o ponto de vista técnico como legal) no sentido de conjugar esforços e dar ao paciente um tratamento integral: físico, psicológico, mental, espiritual.

A terapia da obsessão no centro espírita visa:

(1) atender pessoas envolvidas em processos obsessivos, visando sua cura,

(2) avaliar e aperfeiçoar continuamente o método e as técnicas da terapia.

As reuniões de terapia de obsessão devem contar com uma equipe preparada e especializada nesse tipo de atendimento, além de uma metodologia de atendimento, tratamento, acompanhamento, avaliação e catalogação dos casos.

[78] Celso MARTINS. *A obsessão e seu tratamento espírita*. Francisco Cândido XAVIER; Waldo VIEIRA. *Desobsessão*.

2.3.5. Passes

São também chamados de fluidoterapia. [79] Seu objetivo é o de combinar potencialidades anímicas (das almas de pessoas vivas) e espirituais para a cura de enfermidades de natureza física (psicossomática), mental ou espiritual. Pode ser realizado através da emissão energética próxima sobre a pessoa enferma ou mesmo à distância.[80]

As atividades de passes têm sido responsáveis, em grande parte, pela descaracterização dos centros espíritas, que passam a privilegiar o atendimento de um número cada vez maior de pessoas e se distanciam das atividades vinculadas ao estudo e desenvolvimento do Espiritismo.

Penso que o problema está no fato de que muitos grupos desvinculam os passes de um tratamento mais profundo e metodologicamente elaborado. O passe passa a ser distribuído como aspirina, em reuniões públicas. A idéia geral é a de que "não contém contra-indicações"(a comparação que faço com aspirinas é uma força de expressão, devido ao seu uso popular generalizado, mas é sabido que as aspirinas possuem contra-indicações). Essa distribuição à granel põe em cheque até mesmo a suposta missão de hospital espiritual que muitos grupos buscam realizar, pois o centro deixa de ser hospital para ser farmácia.

Um outro problema está no caráter ainda mágico que se atribui ao passe. Pouco conhecem sobre ele os dirigentes, aplicadores e receptores, a despeito dos estudos de

[79] Estudos recentes têm demonstrado a necessidade de substituição dos termos "passe" e "fluidoterapia" por expressões mais próprias, que denotem o caráter de transmissão energética nesses fenômenos. Uma contribuição importante para esses estudos é dada por Reinaldo di Lucia em:
Reinaldo di LUCIA. Passes: discussão e propostas. Em: SBPE - SIMPÓSIO BRASILEIRO DO PENSAMENTO ESPÍRITA, 3. *Anais*.

[80] J. Herculano PIRES. IV - Passe à distância. Em: —. *Obsessão. O passe. A doutrinação*. p. 45-47.

KARDEC e outros.[81] José Herculano PIRES combateu as visões distorcidas em relação ao significado do passe e as práticas que não condizem com a concepção espírita:

> *"O passe espírita é simplesmente a imposição das mãos, usada e ensinada por Jesus, como se vê nos Evangelhos. (...)*
>
> *"O passe espírita não comporta as encenações e gesticulações em que hoje o envolveram alguns teóricos improvisados, geralmente ligados a antigas correntes espiritualistas de origem mágica ou feiticista. (...) Toda a beleza espiritual do passe espírita, que provém da fé racional no poder espiritual, desaparece ante as ginásticas pretensiosas e ridículas gesticulações.*
>
> *"As encenações preparatórias: mão erguidas ao alto e abertas, para suposta captação de fluidos pelo passista, mãos abertas sobre os joelhos, pelo paciente, para melhor assimilação fluidica, braços e pernas descruzados para não impedir a livre passagem dos fluidos, e assim por diante, só servem para ridicularizar o passe, o passista e o paciente. A formação das chamadas* pilhas mediúnicas*, com o ajuntamento de médiuns em torno do paciente, as correntes de mão dadas ou de dedos se tocando sobre a mesa — condenadas por Kardec — nada mais são do que resíduos do mesmerismo do século passado, inúteis, supersticiosos, ridicularizantes. (...)*
>
> *"O passe espírita é prece, concentração e doação."* [82]

2.3.6. Pesquisas de mediunidade

Todas as reuniões mediúnicas possuem esse caráter, no sentido de que a análise, sistematização, compilação e codificação das comunicações devem estar presentes em todas elas, visando o aperfeiçoamento do pessoal, o desenvolvimento do Espiritismo e a divulgação interna e

[81] Allan KARDEC. *A gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo*. cap. XIII-XV, p. 220-305.

[82] J. Herculano PIRES. *Obsessão. O passe. A doutrinação*. p. 35-38.

externa dos dados de interesse. No entanto, algumas áreas novas podem merecer a formação de grupos de pesquisas especiais, visando o seu mais rápido desenvolvimento.

As atividades de pesquisa no centro espírita são discutidas no próximo capítulo.

2.4. CONCLUSÃO: A MEDIUNIDADE NA REVISÃO DO CENTRO ESPÍRITA

A revisão estrutural das reuniões mediúnicas tem base teórica sólida para ser realizada nos centros espíritas. Envolve antes de mais nada uma definição mais objetiva do papel da mediunidade e a valorização das atividades de formação de recursos humanos. O ponto mais importante é a mudança de visão dos dirigentes, médiuns e freqüentadores de uma forma geral: a mediunidade deixa de ser um sacerdócio para ser um instrumento de trabalho e pesquisa, deixa de ser uma expiação para ser uma das mais ricas manifestações da natureza humana.

O aprimoramento das reuniões mediúnicas é decisivo para o centro. Quanto mais voltadas para o próprio desenvolvimento do Espiritismo, maior impacto trarão à feição e à estrutura da casa espírita.

"*O conceito de mediunidade que vigora entre nós, na maioria esmagadora dos centros, é espantosamente ambivalente e, portanto, contraditória. Afirma-se ao mesmo tempo que a mediunidade é uma graça e uma provação, que os médiuns são espíritos grandemente faltosos, não obstante adorados como enviados de Deus. Os que estudam seriamente a Doutrina logo percebem a falsidade desse conceito. A mediunidade é uma faculdade natural da espécie humana, como todas as demais faculdades*"[83]
J. Herculano PIRES (1914-1979)

[83] J.Herculano PIRES. O centro e a comunidade. Em: *O centro espírita*. p.18.

Capítulo 3
ESTUDOS E PESQUISAS

Os espíritas em geral consideram que o caminho de continuidade do Espiritismo e dos próprios centros está nas atividades de estudos e pesquisas. Apesar disso elas ainda buscam seu lugar ao sol, pois faltam medidas objetivas. Neste capítulo estudo essas atividades e suas perspectivas.

3.1. A BASE DO CENTRO

Os estudos e as pesquisas são o sustentáculo do centro cujo modelo propus no capítulo 1. As diversas atividades do centro são embasadas e orientadas por eles. As pessoas tomam contato com o Espiritismo, criam, desenvolvem e substituem atividades baseadas neles. No entanto, isso não tem sido verdade na grande maioria dos nossos centros reais, por razões culturais diversas.

Embora reconhecida como fundamental por dirigentes e freqüentadores de todas as casas, poucas vezes se encontra um centro espírita em que as atividades de estudos e pesquisas sejam colocadas como as mais importantes. Muitas vezes a necessidade salvadora de "praticar a caridade" (dar roupas e alimentos, dar passes, atender pessoas e espíritos) substitui o peso do conhecimento espírita, que

daria certamente uma grande contribuição para libertar as pessoas de seus maiores problemas existenciais.

Allan KARDEC chegou a propor uma estrutura para as reuniões, baseado na experiência da ***Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas***. Nota-se a preocupação básica com estudos e pesquisas:

> *"Os trabalhos de cada sessão podem regular-se conforme se segue:*
>
> *1a Leitura das comunicações espíritas recebidas na sessão anterior, depois de passadas a limpo.*
>
> *2a Relatórios diversos. - Correspondência. - Leitura das comunicações obtidas fora das sessões. - Narrativa de fatos que interessem ao Espiritismo.*
>
> *3a Matéria de estudo. - Ditados espontâneos. - Questões diversas e problemas morais propostos aos Espíritos. - Evocações.*
>
> *4a Conferência.-Exame crítico e analítico das diversas comunicações. - Discussão sobre diferentes pontos da ciência espírita."*[84]

A proposta de KARDEC sugere que:

(1) estudos e pesquisas são as atividades básicas da sociedade,

(2) o nosso principal objeto de estudo é a mediunidade,

(3) podemos utilizar as próprias comunicações obtidas na casa como instrumentos de aprendizado e pesquisa.

Para os grupos que não possuíssem médiuns, KARDEC propôs também que realizassem estudos diversos.[85]

Em relação à pesquisa, em particular, é necessário, antes de tudo uma desmistificação da palavra. Denomino

[84] —. Das reuniões e das sociedades espíritas - Das sociedades propriamente ditas. Em: —. *O livro dos médiuns*. parte 2, cap. XXIX, item 346, p. 430-431.

[85] Ibid., item 347, p. 431-432.

pesquisa a todas as atividades do centro que envolvam um trabalho de elaboração humano.[86] Assim sendo, a mais simples reunião mediúnica pode realizar pesquisa, bastando para isso que adote uma metodologia de trabalho e um conjunto de técnicas para aplicá-la, sempre na busca de conhecer algo mais.

O maior exemplo que tivemos neste sentido veio do próprio KARDEC. As diversas obras da codificação apresentam exemplos da postura de KARDEC em relação à pesquisa mediúnica. Para ele era muito clara a diferença entre o seu papel e dos espíritos: ele era o pesquisador, enquanto os espíritos, médiuns e fenômenos eram objetos de pesquisa. Cabia a ele planejar, conduzir e avaliar continuamente os resultados da pesquisa (este era o trabalho de elaboração humano, necessário em qualquer pesquisa).

A título de ilustração, escolho um caso relatado em *O livro dos médiuns*, que ilustram com muita clareza a sua forma de trabalhar: numa pesquisa sobre o laboratório do mundo invisível, em que entrevista o espírito São Luís, KARDEC conduz passo a passo a discussão e não se submete com facilidade às explicações dadas pelo espírito para a aparição de objetos. KARDEC considerava, antes da argüição, que essas aparições se explicavam pela existência de um duplo etéreo no mundo invisível, da mesma forma que os homens são nele representados pelos espíritos. Quando São Luís dá uma explicação diferente, dizendo que os próprios espíritos podem concentrar elementos da atmosfera e dar-lhes uma aparência, KARDEC ainda volta à questão, para obter uma confirmação de São Luís. Este chega a responder de forma lacônica: "*Parece-me que a minha resposta precedente resolve a questão*", mas não há cons-

[86] Allan KARDEC. Caracteres da revelação espírita. Em: Allan KARDEC. *A gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo*, cap. I, itens 13-15, p. 15-16.

trangimentos: tanto um quanto outro conhecia o seu próprio papel no jogo da busca de conhecimento.[87]

Este simples exemplo mostra que pesquisar depende mais de uma postura de observação e crítica do que de títulos acadêmicos: na maioria dos grupos espíritas modernos uma manifestação de São Luís (ou de um espírito elevado qualquer) causaria tanta admiração que suas palavras seriam absorvidas sem qualquer análise ou questionamento. Por causa dessa postura não se evocam os espíritos, não se fazem perguntas objetivas sobre assuntos de interesse da ciência, não se registram, avaliam e divulgam os resultados.

Uma estrutura baseada em estudos e pesquisas traz problemas a serem enfrentados. O primeiro se refere à necessidade de restrições à freqüência e à integração de novos participantes.[88] São atividades que exigem intensa participação das pessoas, assiduidade e amadurecimento dos grupos de trabalho. Se pessoas novas e inexperientes entram e saem de um grupo continuamente, é muito difícil fazê-lo progredir e dar uma contribuição real. O processo de integração de novas pessoas necessita de critérios claros que envolvem seu conhecimento prévio de Espiritismo, seus vínculos com o centro e com o grupo de estudo, sua idade, seus interesses etc. O estabelecimento desses critérios só trarão realmente algum problema se forem mantidas as velhas idéias de grandeza do centro e da necessidade de conquistar freqüentadores a qualquer custo.

Os novos participantes se integram aos poucos e recebem recursos para se aperfeiçoarem e se prepararem para

87 —. Do laboratório do mundo invisível. Em: —. O livro dos médiuns. cap. VIII. p. 156-165.

88 Jaci RÉGIS. O centro espírita no século XX. Em: CONGRESSO ESPÍRITA ESTADUAL DA USE, 7. *Anais*. p. 10.

atividades mais elaboradas, através de cursos, palestras e seminários. Só não podemos cair na armadilha do catecismo, que estabelece passos rígidos e predeterminados para se atingir algum estágio. O centro espírita possui uma estrutura aberta ao crescimento e à participação. Há pessoas que com pouco tempo mostram-se preparadas para novos desafios: já leram vários livros, compreenderam os pontos fundamentais da doutrina e têm interesse pelo trabalho. Elas não podem ficar enterradas em cursos infindáveis antes de começar a contribuir.

Outro problema se refere à integração de crianças e jovens nas atividades, que numa estrutura moderna, deve ser a maior possível. As crianças e, em menor escala, os jovens, compartilham o mundo com uma visão diferenciada. São preocupações, interesses, formas de abordagem diferentes e que podem receber, por parte do centro espírita, espaço próprio para sua expansão. Qualquer que seja o campo de visão a contribuição do Espiritismo é muito grande, porque toca no que todos temos de mais profundo: nossa capacidade de ser, existir e crescer. É fundamental, no entanto, identificar os pontos comuns e as oportunidades de convivência para aprendizado conjunto. Através de sua participação em atividades integradas os jovens têm contribuído para que os estudos ganhem espaço nos centros.[89]

3.2. CRITÉRIOS NECESSÁRIOS PARA UMA ESTRUTURA BASEADA EM ESTUDOS E PESQUISAS

89 Ibid., p. 11.

A criação de uma estrutura baseada no conhecimento envolve alguns critérios necessários para lhe dar consistência:

a) *Os estudos e pesquisas devem levar em consideração os contextos histórico, cultural e social.*

> *"A leitura não pode ser entendida sem a consideração dos contextos culturais e sociais em que se inserem autor e leitor. O primeiro deixa marcados no texto uma época e um conjunto de ideologias e relações sociais. Depois sai do processo. O segundo interpreta e vive o texto segundo um grupo análogo de fatores. Processa-se o diálogo."* [90]

O estudo do Espiritismo, como de qualquer disciplina, exige a consideração de contextos, para se evitar estudos abstratos que consideram os textos independentemente do tempo e do espaço. É assim que se deve estudar profundamente, entre outros fatores: o contexto histórico no estudo das obras espíritas,[91] o contexto social em que o grupo social está inserido,[92] as relações entre aqueles estudos e os conhecimentos das demais áreas da ciência e da filosofia, etc.

A pesquisa espírita também encontrará nas pesquisas e métodos de outras disciplinas a base que necessita. Uma pesquisa isolada do desenvolvimento científico não pode ter valor real.

b) *O material de estudos deve ser consistente e abrangente*.

---

[90] Mauro de Mesquita SPINOLA. Leitura contextualizada do conhecimento espírita. Em: ENCONTRO NACIONAL SOBRE O ASPECTO SOCIAL DA DOUTRINA ESPÍRITA, 3. *Anais*. p. 5.

[91] Ibid., p. 8-21.
Carlos Roberto de MESSIAS. *Contribuições sobre o movimento espírita brasileiro*.

[92] Mauro de Mesquita SPINOLA. Leitura contextualizada do conhecimento espírita. Em: ENCONTRO NACIONAL SOBRE O ASPECTO SOCIAL DA DOUTRINA ESPÍRITA, 3. *Anais* p. 22-27.

Os livros e outros materiais utilizados nos estudos e pesquisas devem envolver as obras básicas do Espiritismo, complementadas por outros relatos de pesquisas antigos e modernos, obras mediúnicas e demais textos elucidativos, espíritas ou não, que tenham relação com os assuntos de estudos. Os materiais produzidos nos próprios grupos podem contribuir com os estudos e pesquisas posteriores.

A organização de uma biblioteca e uma livraria abrangentes é indispensável para aperfeiçoamento dos estudiosos e a difusão de idéias.[93]

c) *As reuniões devem possuir uma estruturação didática.*

O aperfeiçoamento dos grupos de estudos tem determinado o aprimoramento da estruturação didática e a diversificação das técnicas de estudos. A tendência deve ser a de permitir cada vez mais o acesso de todos ao conhecimento, de acordo com o interesse.

d) *Os participantes de cada grupo devem estar integrados em termos de trabalho e relacionamento*.

Havendo comunicação entre eles, a possibilidade de satisfação e êxito nas atividades é muito maior.

3.3. ATIVIDADES DE ESTUDOS E PESQUISAS NO CENTRO ESPÍRITA

A título de sugestão, apresento uma estrutura de atividades de estudos e pesquisas no centro espírita:

a) *estudos doutrinários*

b) *estudos para a infância*

---

[93] MANUAL do divulgador do livro espírita.

c) *estudos para a juventude*

d) *pesquisas*

e) *divulgação do Espiritismo.*

ATIVIDADES DE ESTUDOS E PESQUISAS NO CENTRO ESPÍRITA
Estudos doutrinários
Estudos para a infância
Estudos para a juventude
Pesquisas
Divulgação do Espiritismo

3.3.1. Estudos doutrinários

Esses são os estudos de Espiritismo, envolvendo seu conteúdo científico, filosófico e moral. Aqui os temas básicos se entrelaçam com os diversos assuntos relacionados, tais como ciência, história, moral, sociedade, família, problemas atuais etc. Os estudos de mediunidade, abordados no capítulo 2, estão também aqui incluídos.

Os estudos espíritas contribuem para uma maior compreensão e para uma continua e sistemática reflexão sobre nossa vida. O Espiritismo é um convite ao pensar, ao criar, ao descobrir. Seu conteúdo filosófico convida-nos a enfrentar as questões da existência, o seu significado em relação ao passado e o futuro. Nos estudos espíritas as pessoas são convidadas a pensar, a criticar, a discutir, para crescer.

Por outro lado, a base científica da doutrina — seu método, suas técnicas, seus critérios — compromete-nos com o trabalho continuo de busca de novas informações, análises e elaborações, visando a construção do conhecimento espírita. Os estudos espíritas partem da constatação kardequiana de que o Espiritismo não é uma obra acabada e necessita de elaboração e contextualização contínuas.

Uma consideração especial merecem os estudos de moral. Para KARDEC, eles devem se basear na reflexão que os demais conhecimentos espíritas trazem, tais como a imortalidade, a reencarnação e a vida futura.[94] As doutrinações que abrangem aspectos puramente comportamentais ferem o método espírita de abordagem do problema. Há na literatura espírita muitos exemplos dessa distorção, em que a análise moral se limita a uma série de recomendações sobre a forma de se comportar.[95]

3.3.2. Estudos para a infância

A infância deverá possuir um programa próprio, baseado nos conceitos básicos do Espiritismo e na integração desses conhecimentos com os demais. Métodos didáticos modernos, próprios para cada uma das faixas etárias, necessitam ser aplicados, tanto quanto o são nas escolas. As atividades devem ser diversificadas, contextualizando o conhecimento espírita e permitindo a expressão completa das características infantis. Desta forma criam-se condições para uma melhor percepção das idéias espíritas.

---

94 Allan KARDEC. Conclusão. Em: —. *O livro dos espíritos*. item VIII, p. 489-491.

95 Ney Prieto PERES. *Manual prático do espírita*.
Waldo VIEIRA. *Conduta espírita*.
Francisco Cândido XAVIER. Cultivando paciência. Ditado pelo espírito Albino Teixeira. Em: —. *Coragem*. p. 17-18.

Durante muitos anos desenvolveu-se no movimento espírita a idéia de evangelizar as crianças. Os educadores passaram a ser chamados de evangelizadores. É necessário que nos libertemos disso e passemos a realizar um trabalho de educação integral espírita, que envolve não só o ensino de lições dos Evangelhos, mas sim de todo o conhecimento espírita, envolvendo ciência, filosofia e moral (veja item anterior). A idéia de evangelizar não só restringe como também distorce a estratégia espírita de aperfeiçoamento das pessoas, podendo levar à inadequada abordagem comportamental que citei acima. Esta forma de tratar as questões morais pode ser ainda mais fortemente prejudicial no caso do ensino de crianças, que viverão situações de vida certamente diferentes das imaginadas pelos educadores. Cabe a ele prepará-la, levando-a ao conhecimento e à reflexão sobre o Espiritismo.

3.3.3. Estudos para a juventude

Os jovens devem participar, tanto quanto possível das mesmas atividades que os adultos. Por opção, pode-se conceber reuniões de estudos para a juventude, visando incentivar sua auto-organização e permitir que imprimam métodos próprios às suas atividades.

3.3.4. Pesquisas

As atividades de pesquisa estão ligadas a todas as demais atividades do centro. No entanto, num processo inicial de reestruturação, podem ser criadas e utilizadas para dar base a mudanças a serem realizadas. Elas devem criar um vínculo entre o centro espírita e o desenvolvimento científico, tanto a nível conceitual quanto metodológico, sem subordinação ilógica a métodos e técnicas de outras

áreas científicas, que descaracterize as conquistas próprias do Espiritismo.[96]

Segue-se uma descrição das principais tarefas envolvidas na atividade de pesquisa no centro espírita:

a) *Análise*, que compreende:

- a identificação do problema a ser pesquisado,
- o detalhamento de suas diversas variantes (formas diferentes em que se apresenta) e causas,
- a definição dos critérios para observação, interpretação e avaliação (no caso de uma pesquisa sobre cura, por exemplo, como serão observados e interpretados os resultados, e como podem ser avaliados e comparados?)

b) *Pesquisa bibliográfica*, com levantamento das principais contribuições da literatura sobre o tema em estudo incluindo os casos de pesquisas análogas — se existirem — relatados

c) *Sistematização*, cujo papel é o de consolidar o método, as técnicas e os instrumentos necessários para execução da pesquisa. O método espírita de pesquisa mediúnica foi proposto pelo próprio KARDEC,[97] mas a diversificação e a especificidade dos campos de atuação leva à necessidade de detalhamento do método kardequiano para cada uma das áreas pesquisadas, bem como a especificação de procedimentos adequados aos recursos existentes e às características dos grupos.

---

96 J. Herculano PIRES. *Parapsicologia hoje e amanhã*. parte 2, cap. XV, p. 199-204.

97 Allan KARDEC. Introdução - II - Autoridade da doutrina espírita. Em: —. *O evangelho segundo o Espiritismo*. p. 11-18.
—. Caracteres da revelação espírita. Em: —. *A gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo*. cap. I, itens 12-18, p. 15-18.

d) *Compilação e codificação*, que compreende:

- o registro das comunicações (planos executados, ações tomadas, resultados obtidos, recursos utilizados, pessoas e espíritos envolvidos, condições ambientais e outros dados considerados relevantes no método utilizado)
- a classificação dos registros para posterior pesquisa, avaliação e comparação.

É importante observar que essas tarefas se desenvolvem e se consolidam à medida que o trabalho cresce. Não é necessário estabelecer uma estrutura complexa como ponto de partida. Pelo contrário, o ponto de partida é a predisposição para olhar os fenômenos do dia-a-dia do centro como objetos de pesquisa e aprendizado: analisar, estudar, observar, interpretar, criticar e registrar.

Uma incógnita para o momento é o futuro dessa atividade nos centros reais e sua relação com as associações especializadas em pesquisas espíritas que tendem a se formar como uma reação à inércia dos grupos espíritas. Alguém sabe? Penso que o mais ponderado para o momento é imaginar que com o tempo cada um definirá o seu papel.

Entre as áreas de pesquisas que não têm recebido a devida atenção dos centros há algumas que podem ser melhor trabalhadas. Cito os seguintes exemplos prioritários, todos no campo da mediunidade: animismo, passes, terapia da obsessão, obsessão e loucura, curas, pesquisa básica (sobrevivência, Transcomunicação Instrumental) etc.[98]

[98] Hernani Guimarães ANDRADE. *Morte, renascimento, evolução:* uma biologia transcendental.

3.3.5. Divulgação do Espiritismo

Essas reuniões podem ser utilizadas para divulgação do Espiritismo e dos trabalhos de pesquisas do centro.[99]

3.4. CONCLUSÃO: estudos e pesquisas na revisão do centro espírita

A mudança de caráter dos centros espíritas tem nos estudos e pesquisas sua mola mestra. Se por um lado está na mediunidade a pedra de toque — podendo-se afirmar que só as alterações metodológicas da maneira como esse tema é tratado realmente caracterizariam um novo centro — cabe por outro lado ao trabalho de estruturação dos estudos e pesquisas espíritas no centro o papel de iniciar ou consolidar todo o processo de revisão.

Dar importância ao estudo não se resume a dedicar quinze minutos de cada reunião à leitura de um livro, como se fosse apenas uma atividade acessória. Trata-se de colocá-lo no centro do processo de estruturação e crescimento do centro, criando, avaliando e orientando as demais atividades.

No que se refere à pesquisa, em particular, cabe uma palavra sobre a documentação. O registro de planos, procedimentos e resultados é uma característica dos grupos de pesquisa sérios, que visam se aperfeiçoar sempre e ainda deixar sua contribuição.

A preparação de recursos humanos e a reunião de materiais adequados constituem-se nos dois melhores instrumentos para a colocação dos estudos e pesquisas como base do centro espírita.

[99] Jaci RÉGIS. O centro espírita no século XX. Em: CONGRESSO ESPÍRITA ESTADUAL DA USE, 7. *Anais*. p. 11.

Principais tarefas envolvidas na atividade de pesquisa no centro espírita:

- Análise;
- Pesquisa Bibliográfica;
- Sistematização;
- Compilação e Codificação.

Capítulo 4
O Centro Espírita e a Sociedade

Todos os espíritas concordam que as relações entre o centro espírita e a sociedade são necessárias, mas em que forma? Recebendo as pessoas aflitas, aconselhando-as e curando-as? Assistindo a pobres? Salvando as almas? Divulgando o Espiritismo? Ou fazendo, por outro lado, campanhas para políticos espíritas? Penso que nenhuma dessas atividades resolve, por si só, a questão.

É certo que já existem hoje características marcantes nas relações sociais do centro espírita, entre elas:

(1) a busca dos centros espíritas por pessoas de diversos matizes, geralmente à procura de um amparo às suas dores,

(2) a assistência social realizada pelos espíritas,

(3) a ligação dos médiuns com a comunidade, através dos serviços que prestam no centro ou nos atendimentos fora dele, e o reconhecimento do seu papel social.[100]

Uma revisão dessas relações deve partir de uma reflexão sobre os seguintes pontos:

[100] J. Herculano PIRES. O centro espírita e a comunidade. Em: —. *O centro espírita*. cap. III, p. 18.

(1) a necessidade de abandonar o proselitismo e o clientelismo, caracterizados sobretudo pela intenção de prender as pessoas ao centro (já abordados no capítulo 1),

(2) a necessidade de estudar, acompanhar e discutir a evolução cultural e moral da sociedade, ao invés de simplesmente ignorá-la e se afastar dela,

(3) a importância de estudar, formar uma visão crítica, buscar e propor caminhos reais para uma evolução da sociedade, sobretudo no que se refere a suas injustiças e desigualdades.

Existe uma falsa idéia de que a sociedade tem algo a buscar no centro e este nada tem a receber dela. Esse conceito, que aparece ora implícita, ora explicitamente, distorce e reduz a inserção social do centro. Uma coexistência viva e claramente assumida, uma troca bilateral ativa, uma busca em comum, são características desejáveis para uma revisão dessas relações.

4.1. Defesa do Espiritismo

Defender o Espiritismo é — ainda — uma das tarefas principais do centro espírita. Há três preocupações nessa área: os ataques de adversários, as distorções geradas por muitos adeptos e as confusões que se fazem com outras doutrinas espiritualistas.

Quanto aos ataques, é certo que não vivemos mais o período que Kardec identificou como "de luta".[101] No Brasil, onde a história também registra momentos difíceis para os espíritas, o respeito e reconhecimento social pelo Espiritismo são hoje inquestionáveis, a menos de setores

[101] Allan KARDEC. Período de luta. Em: —. *Revista espírita*. v. 6, ano 1863.

mais reacionários ainda existentes em alguns meios religiosos. Há também uma crescente adesão a conceitos adotados pelo Espiritismo, como a imortalidade, a comunicabilidade dos espíritos e a reencarnação. Tudo isso faz com que hoje as relações com os adversários sejam outras. Não cabem mais os debates emocionais. Mas não procede, por outro lado, o descuido e a omissão. É de responsabilidade dos centros espíritas esclarecer a comunidade, sempre que possível, sobre os ataques, principalmente quando se baseiam em casos isolados de charlatanismo. Para José Herculano PIRES a defesa do Espiritismo não prescinde da energia e da virilidade:

> *"Propagou-se no meio espírita, através de mensagens mediúnicas, tendendo a um masoquismo de cilícios e autopunições, a estranha idéia de que a virilidade só pertence aos cultores da violência. Voltamos assim ao sistema igrejeiro dos rebanhos de ovelhinhas inocentes devoradas por lobos famintos sem qualquer possibilidade de defesa. Entregues a essa idéia derrotista, o meio espírita abastardou-se a ponto de até mesmo recusar-se a defender a Doutrina aviltada pela ignorância travestida de bondade e doçura."* [102]

As confusões que ainda existem entre Espiritismo e outras doutrinas precisam ser desfeitas. Uma contribuição importante à elucidação dessa questão foi dada por Delindo Amorim em sua obra *O Espiritismo e as doutrinas espiritualistas*,[103] onde mostra as diferenças entre o Espiritismo e doutrinas com os quais chega a ser confundido, tais como a umbanda, o candomblé e a cabala. Entendo que a principal diferença é metodológica, embora haja também diferenças conceituais importantes. O centro se firma como espírita não só por adotar as obras de Allan

[102] J. Herculano PIRES. *O centro espírita*. p. 21.
[103] Deolindo AMORIM. *O Espiritismo e as doutrinas espiritualistas*.

KARDEC, mas sobretudo por assumir sua metodologia de abordagem das diversas questões.

As distorções geradas no âmbito do próprio movimento espírita merecem atenção especial. São as que têm causado maiores prejuízos. O centro espírita comprometido metodológica e conceitualmente com o Espiritismo age em sentido contrário a essas distorções e realiza, desta forma, a maior entre todas as tarefas de defesa social da doutrina.

4.2. O CENTRO ESPÍRITA PARA O HOMEM[104]

O Espiritismo rompe com as doutrinas que vendem a salvação depois da morte. Não promete nada, não sugere adesão involuntária, não se mostra como único caminho. Oferece a sua luz sem pedir subordinação, substitui a obediência cega pela atuação consciente e entrega a cada um a responsabilidade pela própria vida. Liberta o homem.

A liberdade que o Espiritismo oferece é baseada no conhecimento. Compreendendo o significado da vida e a verdadeira natureza de si mesmo, o homem começa a dar passos seguros, deixa de ser joguete das circunstâncias e traça o seu próprio caminho.

É claro que isso não é uma receita de liberdade, pois cada um que se encontrar com o Espiritismo reagirá a seu modo. Uns darão mais voltas, hesitarão mais, serão mais vagarosos ou passarão por maiores conflitos, enquanto outros encontrarão com maior facilidade seus próprios caminhos de libertação. Mas para todos o Espiritismo traz

[104] Este texto é uma adaptação de outro escrito em 1986, que faz parte do artigo: Mauro de Mesquita SPINOLA. O centro espírita e a sociedade. Em: Autores diversos. *Espiritismo e sociedade*. p. 59-66.

a liberdade em potencial. Cada um que o aproveite a seu modo.

O centro espírita é a casa do Espiritismo e deverá canalizar o potencial libertador da doutrina. Para conseguir isso, deverá antes de tudo ver as pessoas como indivíduos diferentes entre si, com capacidades morais-intelectuais, anseios, preocupações e problemas diferentes. Ao contrário do que fazem os templos religiosos, o centro espírita não pode se propor a uma massificação de idéias e comportamentos. Cabe a ele manter, é bem verdade, um certo zelo com a doutrina, defendendo sua autenticidade, seu caráter racional, e evitando desvios, infiltrações ou distorções, mas não é possível conceber um centro realmente espírita que distribua a todos uma interpretação particular do Espiritismo. Estaria boicotando a doutrina, desviando os objetivos do grupo e escravizando as pessoas.

O Espiritismo visa o homem. O centro espírita é um dos meios de atingi-lo. O homem do centro espírita transformará a si mesmo e à sociedade se tiver o Espiritismo como instrumento. Se o centro espírita inverte essa relação, isolando-se da vida real e exigindo do homem que abandone seu mundo, está traindo os próprios objetivos do Espiritismo. A "paz" que oferece, "não encontrada lá fora", é uma versão disfarçada da fuga que incentiva. Não vai contribuir para construir ou libertar nada.

O centro espírita é feito para o homem, não o contrário. O homem do centro espírita vai ver o seu dia-a-dia como a continuidade de um movimentado processo evolutivo. Passará a compreender o significado revolucionário da imortalidade e o verdadeiro sentido da vida que vive. Compreenderá as relações entre os mundos material e espiritual, as mudanças de estado entre encarnação e desencarnação e as influências mútuas entre o livre arbítrio e a

lei de causa e efeito. Entenderá o caráter transitório da vida atual, que não pode ser analisada fora do contexto da eternidade, mas ao mesmo tempo valorizará esta vida. Afinal, dentro do vai-e-vem da evolução, que momento não é importante?

O homem do centro espírita valoriza o momento em que vive porque sabe que a vida não é uma farsa. Tudo que está aprendendo e realizando é fundamental. Compreende e valoriza a vida após a morte, mas não vive em função dela, pois sabe que o entendimento das relações entre as vidas atual e futura só tem significado se contribuir para entender a realidade de sua existência atual. O momento que vive é, para ele, enquanto vive, o mais importante, pois é quando está preparando, ou realizando, a grande arrancada.

4.3. A SOCIEDADE COMO TEMA DE ESTUDO

A sociedade é um dos mais importantes e interessantes objetos de estudos e pesquisas no centro espírita. Marginalizados na maioria dos grupos, devido à tradição politicamente conservadora do movimento, os temas sociais tendem a encontrar seu lugar nos estudos à medida que a própria sociedade se democratiza.

Tem sido até agora com certa dificuldade que algumas pessoas ou grupos têm tentado trazer para o movimento espírita um estudo e uma discussão mais aberta da sociedade e seus problemas, à luz do Espiritismo. Nos anos 80, por exemplo, alguns encontros de jovens do Estado de São Paulo se propuseram a debater a questão social e foram fortemente criticados por isso. O mesmo aconteceu com o **ENSASDE - *Encontro Nacional sobre o Aspecto Social da Doutrina Espírita***, realizado em 1985 (Santos), 1987

(São Paulo) e 1989 (Salvador). Reunidos nesses encontros exclusivamente para analisar a questão social, diversos espíritas produziram extenso material de pesquisa e abriram espaço para uma maior abertura a essa temática nos centros espíritas.

A posição de KARDEC em relação a isso é claríssima. Chega a sugerir que sejam discutidas as matérias dos jornais:

> *"A par das obras especiais, formigam os jornais repletos de fatos, de narrativas, de acontecimentos, de rasgos de virtudes e de vícios, que levantam graves problemas morais, cuja solução só o Espiritismo pode apresentar, constituindo isso ainda um meio de se provar que ele se prende a todos os ramos da ordem social."* [105]

O próprio *O livro dos espíritos* apresenta, na sua terceira parte, um estudo vigoroso das leis morais, que tocam em vários aspectos da vida social, tais como a distribuição de riquezas, a liberdade, a justiça, a família, o trabalho e outros.[106] Um estudo sério dessa parte do livro básico do Espiritismo não prescinde da reflexão e do debate social, bem como da busca de caminhos para os homens, para a comunidade em que vivem e para a sociedade como um todo. Nesse sentido uma contribuição importante foi dada por Aylton PAIVA com seu livro *Espiritismo e política*,[107] onde encontramos um estudo das leis morais sob o enfoque da análise social e política.

O estudo espírita da sociedade se baseia em dois conceitos fundamentais:

(1) o homem é um espírito encarnado, e vive em cada momento toda a sua história espiritual,

[105] Allan KARDEC. Assuntos de estudo. Em: —. *O livro dos médiuns*. parte 2, cap. XXIX, item 347, p. 431-432.
[106] —. As leis morais. Em: —. *O livro dos espíritos*. parte III, p. 305-426.
[107] Aylton Guido Coimbra PAIVA. *Espiritismo e política*.

(2) as relações que estabelece condicionam em grande parte o seu desenvolvimento.

Para entender o homem e a sociedade não é suficiente enxergá-lo como indivíduo em evolução espiritual, pois o homem não é apenas um produto de si mesmo, da mesma forma que a sociedade não é apenas uma soma ponderada de homens. Também grosseira seria a redução do homem a um produto do meio.

Tratar abertamente da temática social e política nos centros espíritas, como proponho, é uma atitude que ainda encontra resistências. Os dirigentes adotam em geral uma interpretação conservadora da doutrina, baseando-se num suposto caráter "apolítico" do Espiritismo e dos centros. Autores conceituados também fazem coro. É um engano, pelo simples motivo de que não há conceito, atitude, grupo ou pessoa apolítica. Não discutir política, por exemplo, é uma atitude política, no sentido de que evita a reflexão sobre todo um conjunto de problemas do homem e da sociedade, como se fossem irrelevantes.

O grande pensador espírita argentino Manuel PORTEIRO deixa muito claro que o Espiritismo não pode ser um instrumento de conivência com a injustiça:

> *"Dedicando o Espiritismo a resolver somente problemas metafísicos, próprios da velha escolástica, somente à investigação do além-túmulo, preso à velha moral das religiões, que ensina a respeitar falsos direitos e injustos privilégios, como coisas absolutamente necessárias e de acordo com a justiça divina e causalidade moral de cada ser, perde seu caráter de ciência integral e progressiva e, em vez de ser um ideal humano, propulsor do progresso e das causas nobres, aberto a toda iniciativa de bem-estar social, a toda tendência renovadora e libertária, torna-se, em mãos de espíritos limitados, numa doutrina retrógrada e conservadora, numa arma formidável para abater consciências e conter todo impulso generoso que tenda a estabelecer um no-*

vo regime social, mais justo e conforme as exigências do progresso." [108]

4.4. ATUAÇÃO SOCIAL

A conscientização não tem um fim em si mesma. Visa relacionar a teoria com a prática, a idéia com a realidade. Se o centro espírita der ao homem a chance de conhecer o Espiritismo e se conscientizar de seu papel individual, estará também contribuindo para a ação. Para KARDEC a conscientização é decisiva:

> *"A aspiração por uma ordem superior de coisas é indício da possibilidade de atingi-la. Cabe aos homens progressistas ativar esse movimento pelo estudo e a aplicação dos meios mais eficazes."* [109]

Realmente, a atuação social consciente e determinada é uma conseqüência natural do estudo da sociedade. E é também uma forma de buscar na realidade social vigente subsídios para esses estudos.

Em que termos essa atuação pode ser feita pelos espíritas individualmente e pelos centros como grupos? Aqui, mais uma vez, não cabem regras, mas quero discutir essa questão.

Cabe aos homens conscientes, cada um a seu modo, contribuir para que a sociedade progrida, não simplesmente "fazendo a sua parte", mas buscando influenciar para que novos e cada vez melhores rumos sejam traçados. Apenas um exemplo: na ótica espírita a educação de boa qualidade é uma condição importante para o progresso material e espiritual. Os pais espíritas são orientados nos centros a valorizarem a educação. A luta por uma melhoria

[108] Manuel S. PORTEIRO. *Espiritismo dialéctico*. p. 57.

[109] Allan KARDEC. Liberdade, igualdade e fraternidade. Em: —. *Obras póstumas*. parte 1, p. 193.

na educação pública, que não é uma preocupação só dos espíritas, passa a ser também um desafio para esses pais, juntamente com muitos outros.

No plano individual não cabe colocar limites aos campos de atuação. Deixando a apatia e a passividade de lado, cada um vai buscar seus campos e formas próprias, de acordo com o que sabe e busca. Isso tem relação com uma posição de KARDEC em *O livro dos espíritos*:

> *"Por que, no mundo, os maus, tão freqüentemente, sobrepujam os bons em influência?*
>
> *- Pela fraqueza dos bons; os maus são intrigantes e audaciosos, os bons são tímidos. Quando estes o quiserem dominarão."* [110]

Em relação à atuação social do centro espírita, como grupo, é necessário ter alguns cuidados:

(1) Lembrar sempre que o compromisso primeiro do centro espírita é com o Espiritismo, ou seja, a difusão e o desenvolvimento da doutrina. Engajar diretamente o centro nas lutas sociais só tem sentido se não forem esquecidas as áreas próprias da doutrina.

(2) As preocupações com o poder temporal, inevitáveis nas lutas sociais, podem ofuscar os objetivos maiores a que o Espiritismo se propõe em relação ao homem e à própria sociedade.

(3) A política partidária, com suas campanhas eleitorais e interesses contrastantes de partidos e pessoas, poderá, em momentos de descuido, engajar o centro espírita em interesses outros que nada têm a ver com o Espiritismo.

[110] —. Felicidade e infelicidade relativas. Em: —. *O livro dos espíritos*. parte IV, cap. I, questão 932, p. 431-432.

Havendo equilíbrio e firmeza doutrinária, tenho certeza de que nenhum desses prejuízos ocorrerá.

Qualquer que seja a forma e o grau de atuação de cada um, espíritas e grupos espíritas — tanto quanto o próprio Espiritismo — possuem um compromisso com a vida, a cidadania e a democracia. A luta pela valorização do homem como ser integral e pela construção de uma sociedade para todos é tarefa também dos espíritas.

4.5. O CENTRO ESPÍRITA E A COMUNIDADE

É sobretudo através da assistência social e espiritual que o centro espírita tem marcado sua presença na comunidade. Já expus os motivos pelos quais considero que num processo de revisão a tônica maior das atividades do centro deverá ser a difusão e o desenvolvimento do Espiritismo.

Em relação à comunidade a divulgação do Espiritismo pode ser feita de várias formas: eventos culturais, feiras de livros, programas de rádio e TV, jornais, revistas, editoras e publicações diversas.

Além das atividades voltadas para a divulgação do Espiritismo há também outras formas possíveis de participação e abertura do centro espírita à comunidade. Eis algumas delas:

a) a própria assistência social, que pode contar com a participação conjunta de pessoas não espíritas,

b) a abertura da biblioteca do centro para a comunidade, tornando-a uma biblioteca pública,

c) a realização conjunta de atividades de interesse comum com as associações organizadas da comunidade,

d) a organização ou a cessão de espaço para a realização de cursos diversos,

e) a promoção de eventos e a criação de espaço para o desenvolvimento de atividades culturais.

Algumas dessas atividades, além de outras mais, podem contribuir para a própria manutenção da sede do centro, muitas vezes um pesado ônus para seus sócios.

4.6. CONCLUSÃO: para ser um remo

A tradicional apatia do centro espírita em relação à organização social tende a desaparecer. O homem moderno não se conforma mais com conceitos abstratos de “bem”, “mal”, “amor” e “caridade”, busca o que realmente significam. Abrindo as suas portas para a sociedade, com seus problemas, angústias e anseios, o centro espírita talvez deixe de ser uma ilha de tranqüilidade no mar tempestuoso para ser o remo que faltava ao navegador.

"*Dedicando o Espiritismo a resolver somente problemas metafísicos, próprios da velha escolástica, somente à investigação do além-túmulo, preso à velha moral das religiões, que ensina a respeitar falsos direitos e injustos privilégios, como coisas absolutamente necessárias e de acordo com a justiça divina e causalidade moral de cada ser, perde seu caráter de ciência integral e progressiva e, em vez de ser um ideal humano, propulsor do progresso e das causas nobres, aberto a toda iniciativa de bem-estar social, a toda tendência renovadora e libertária, torna-se, em mãos de espíritos limitados, numa doutrina retrógrada e conservadora, numa arma formidável para abater consciências e conter todo impulso generoso que tenda a estabelecer um novo regime social, mais justo e conforme as exigências do progresso.*"[111]

Manuel S. PORTEIRO (1881-1936)

[111] Manuel S. PORTEIRO. *Espiritismo Dialéctico*. pág. 57

Capítulo 5
O PODER NO CENTRO ESPÍRITA

No modelo que apresentei no capítulo 1, ressaltei a importância de não existir no centro hierarquia estática e restritiva. A manutenção de pessoas ou grupos por períodos longos no poder é uma causa freqüente de cristalização de idéias e criação de mecanismos de defesa do poder já estabelecido. Aquele modelo deixa bastante claro também que é dos homens a responsabilidade pela definição dos rumos do centro, não dos espíritos.

5.1. MANDATOS DIVINOS

A principal causa da centralização de poder no centro espírita tem sido a alegação de existência de mandato conferido pela "espiritualidade superior". Dirigentes, médiuns e espíritos, em geral visando o melhor para suas casas espíritas, acabam por estabelecer critérios e procedimentos de fechamento do poder. O periódico espírita *Espiritismo e Unificação* realizou um estudo sobre o poder no movimento espírita que identifica esse problema:

> *"Nos nossos meios, a revelação mediúnica tem sido usada como instrumento para avalizar ou determinar um tipo de mandato divino, seja ele circunscrito a um centro, a um médium ou dirigente, seja, em maior amplitude, através de determinadas organizações federativas. Todos alegam*

possuir um certo poder divino, que lhes teria sido dado pela Espiritualidade Superior.

"A ignorância generalizada do Espiritismo, mesmo nos meios mais dinâmicos, voltados, quase sempre, para o fator místico, se traduz no fascínio que a mediunidade exerce. Sem dúvida, esse fascínio é uma clara acepção de Poder. O médium, nos nossos meios, extravasa o sentido de medianeiro, de intercomunicador, para se transformar em autoridade, capaz de dominar não somente um núcleo específico, mas projetar-se por toda a coletividade. Um exemplo típico é que certos médiuns se transformam em oráculos e muitos nada fazem sem consultá-los e suas opiniões já não são analisadas, mas ao contrário são ordenações infalíveis.

"Por isso identificamos o Poder clássico fluir, sem esforço, no médium-principal, que aconselha e dita ordens como verdades irrecorríveis; podemos constatá-lo no Guia Espiritual que domina grupos, não permitindo iniciativas dos encarnados; ou verificamos no presidente perpétuo, no "dono do centro".[112]

Médiuns, dirigentes e espíritos assumem muitas vezes papéis messiânicos e de infundada autoridade nos centros, sem que haja qualquer motivo para se atribuir a eles rótulos diferenciadores. Em momentos de divergência ou discordância, invocam sua autoridade divina para impor suas posições. É bem verdade que essas são atitudes humanas compreensíveis, mas é necessário que a estrutura do centro não as incentive.

Médiuns, dirigentes e espíritos possuem papéis relevantes no centro, é importante frisar. O que deve ser evitado é o seu endeusamento, a mistificação e o engrandecimento imotivado de suas funções, que prejudicam a eles e ao grupo. É indisfarçável a posição desconfortável dos dirigentes e dos médiuns-principais que a todos têm que amparar, aconselhar, e em todos os momentos têm que apresentar as soluções finais para cada assunto. Uma situação que eles, juntamente com seus seguidores, criaram.

[112] O PODER e o movimento espírita. p. 5-6.
Os termos "médium principal" e "dono de centro" designam, respectivamente, o médium supostamente mais importante no centro (incumbido, geralmente, de receber as comunicações do espírito orientador — guia — do grupo) e o dirigente que ocupa continuamente as funções de presidente e coordenador das atividades da casa. Essas figuras existem, sob diversas formas, em vários grupos.

Não pode ser esquecido também que o poder existe, sendo um espaço a ser ocupado. É sempre possível identificar, numa estrutura de poder centralizado, aquele ou aqueles que o exercem, por um lado, e aqueles que, apaticamente, se permitem ficar longe dele. Alguns até reclamam, mas não ocupam seu espaço. Seria muito difícil nesses casos identificar nos "vilões autocráticos" a causa única da centralização. Por trás de um dono de centro existe muitas vezes uma história de dedicação e luta solitária por uma causa.

5.2. CRITÉRIOS PARA ABERTURA

Num processo de abertura à participação é fundamental que os princípios espíritas e os objetivos básicos do centro sejam respeitados. Aqueles que não o conhecem ou que ainda não mostraram condições para aplicá-los não estão preparados para assumir funções relevantes. Um caso que presenciei em São José dos Campos ilustra a importância desse cuidado: um grupo numeroso de freqüentadores de um centro de umbanda da cidade começou a freqüentar um centro espírita, por recomendação de seu guia, que disse que deveriam conhecer Allan KARDEC. Logo se tornaram sócios e, por discordarem de alguns procedimentos da direção lançaram uma chapa de oposição. Venceram as eleições seguintes.

Existem mecanismos inerciais utilizados por vários grupos espíritas para evitar essas situações. Um exemplo é a criação de um quadro de sócios efetivos, no qual só ingressam sócios que freqüentam a sociedade há um certo tempo e que demonstram seu conhecimento do Espiritismo. Esses sócios, e só eles, participam das Assembléias, podendo eleger e ser eleitos a cargos da diretoria.

Na ***Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas*** havia restrições à participação, só sendo aceitos aqueles que demonstravam conhecer os princípios básicos do Espiritismo ou que desejavam se instruir, entre outras exigências. Além disso reservava-se o direito de limitar, se conveniente, o número de associados livres e dos sócios titulares.[113]

5.3. CONCLUSÃO: O CENTRO DE TODOS

Para aperfeiçoar e democratizar as relações entre as pessoas no centro espírita deve-se partir da constatação de que o poder é um elemento real e necessário nos diversos grupos e instituições, não podendo ser diferente nos centros.

A criação de um centro espírita aberto e dinâmico, com ampla liberdade de crescimento, é um desafio para todos os seus participantes. É sobretudo nessa área que se torna importante a preparação sistemática de recursos humanos. Aos poucos os interessados vão se preparando para dar maiores vôos, dentro de suas características.

[113] Allan KARDEC. Regulamento da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. Em: —. *O livro dos médiuns*. parte 2, cap. XXX, artigos 3º e 6º, p. 436-437.

As relações de poder serão tratadas também no próximo capítulo, que enfoca o movimento espírita.

Capítulo 6
INTEGRAÇÃO ENTRE CENTROS ESPÍRITAS

ntegrar sem interferir na individualidade de cada grupo. Reunir para intercâmbio de idéias e informações. Realizar atividades voltadas para objetivos comuns. Estes são os principais objetivos da integração entre centros espíritas. Apesar de ser indiscutível sua necessidade, a integração entre centros ainda busca seu caminho de realização. É que também aqui pesam as relações de poder, e num grau muito maior.

6.1. INTEGRAÇÃO: UMA NECESSIDADE

Na *Revista espírita* de janeiro de 1862, Allan KARDEC convidou os grupos espíritas a participarem do desenvolvimento da doutrina, através de três textos:[114]

(1) "*Publicidade das comunicações mediúnicas*", em que discute as alternativas para publicação do número cada vez maior de comunicações e referenda a criação da "*Biblioteca do mundo invisível*" pelos Srs. Didier & Cia., com essa finalidade,

[114] —. Publicidade das comunicações espíritas. Controle do ensino espírita. Questões e problemas propostos aos vários grupos espíritas. Em: —. *Revista espírita*. v. 5, ano 1862, p. 11-20.

(2) "*Controle do ensino espírita*", no qual apresenta a conformidade do ensino dos espíritos como o melhor critério para garantir sua autoridade e informa que a Sociedade de Paris encaminhará a partir daquela data diversas questões doutrinárias para serem estudadas pelos grupos que com ela se correspondem, por correspondência particular ou por intermédio da *Revista*,

(3) "*Questões e problemas propostos aos vários grupos espíritas*", com seis questões a serem estudadas e discutidas, sempre baseadas em comunicações de espíritos, uma delas com a incrível afirmação de que "*nenhum Espírito humano pode manifestar-se ou comunicar-se com os homens*".

Estava dada então a tônica da integração que desejava para os grupos e o tipo de participação que cada um poderia ter: caberia a cada um deles contribuir para que as questões em aberto fossem resolvidas. Posteriormente, em dezembro de 1868, apresentou na própria Revista a "*Constituição transitória do Espiritismo*", com proposta de continuidade do Espiritismo e criação de um comitê central de coordenação.[115]

Começo com essas lembranças para ressaltar um ponto que se perdeu no movimento espírita brasileiro. Em geral, quando se fala em movimento espírita, integração ou unificação, esquece-se o desenvolvimento do Espiritismo, através da pesquisa e do intercâmbio de informações, possivelmente a principal contribuição que se poderia tirar

[115] —. Constituição transitória do Espiritismo. Em: Ibid., v. 11, ano 1868, p. 367-392. O mesmo texto, ampliado, pode ser encontrado em:
—. Constituição do Espiritismo - exposição de motivos. Em: —. *Obras Póstumas*. parte 2, p. 288-319.

dessa união. E era exatamente essa a maior preocupação de KARDEC.

É sobretudo nesse sentido que a integração se faz necessária. Mas ela pode trazer outras contribuições, como o aperfeiçoamento dos próprios centros a partir do intercâmbio que estabelecem. Um grupo espírita que mantenha contato com outros que têm objetivos análogos terá sempre material para aperfeiçoar seu conhecimento, seus métodos e seus resultados.

Esse é o pano de fundo. Sem ele o movimento espírita se torna fórum para questões menores e palco para disputas de poder.

6.2. O MOVIMENTO DE UNIFICAÇÃO: PARA A FRENTE E PARA TRÁS

O movimento de unificação entre centros espíritas tem realizado progressos em termos de aproximação com os objetivos do Espiritismo, como já citei em "*Eventos de renovação*", no capítulo 1. Mas tem, por outro lado, protagonizado grandes desvios e patrocinado longos períodos de estagnação. Por trás da busca de entendimento cria-se uma luta de idéias e os grupos hegemônicos criam mecanismos de manutenção de poder.

Mais uma vez os mandatos divinos são utilizados como instrumentos de poder. A ***Federação Espírita Brasileira*** (FEB) é um exemplo de entidade que considera que realiza missão conferida pela espiritualidade superior. Atualmente se autodenomina Casa Máter do Espiritismo (antes se cognominava Casa Máter do Espiritismo no Brasil) e tem como guia o "Anjo" Ismael, que seria também o coordenador espiritual do Brasil. As distorções que impõe, como a defesa e divulgação das obras de ROUSTAING, que

apresentam frontais contradições com conceitos básicos do Espiritismo, resistem apesar das fortes reações em contrário por parte de setores mais conscientes. As outras entidades federativas e de unificação seguem, em geral a mesma linha.

Algumas entidades buscaram estabelecer um sistema mais democrático em seus estatutos, mas não deixaram de viver momentos constrangedores para sua história. No ano de 1988 uma delas, a ***União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo*** (USE), em atitude inédita na sua história, convidou, sutilmente, as sociedades espíritas que não concordavam com o tríplice aspecto do Espiritismo, para se desligarem. Segue-se a citação do trecho capital do documento aprovado pelo Conselho Deliberativo Estadual:

> *"Finalmente, cumpre esclarecer que, em decorrência dos fatos relatados e ocorridos, as Sociedades Unidas que estiverem EM DESACORDO com o Estatuto vigente da USE, têm a mais ampla liberdade de optarem, de maneira fraterna, por outros caminhos.*
>
> *"Assim sendo, aquelas Sociedades que desejarem, poderão solicitar o seu desligamento por não concordarem com seu Estatuto, bem como, a qualquer instante, poderão solicitar o retorno ao quadro de Sociedades Unidas quando os princípios adotados forem os mesmos da USE, os quais só serão alterados quando democraticamente a MAIORIA USEANA assim o desejar."* [116]

Esse episódio encerrou um tumultuado processo que teve na discussão da questão religiosa seu tema principal e como pano de fundo a disputa pelo poder na USE. Pelo menos uma lição trouxe para todos: é um erro pensar numa unificação geral dos centros espíritas. Há diferenças

---

[116] UNIÃO das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo. *Relatório da comissão nomeada pelo CDE da USE, em 13 de setembro de 1987, para apurar denúncias feitas contra a UME de Santos*.

dificilmente superáveis a curto prazo. E poucos querem superá-las. Pode-se dizer que a convivência com a divergência de idéias é possivelmente a maior dificuldade do movimento de unificação. Busco mais uma vez em KARDEC um critério para a busca de caminhos em comum:

> *"A imobilidade, em lugar de ser uma força, torna-se causa de fraqueza e ruína para os que não seguem o movimento geral. Rompe a unidade, porque os que desejam ir para a frente separam-se dos que se obstinam em ficar para trás. Entretanto, embora seguindo o movimento progressista, é mister fazê-lo com prudência e evitar entregar-se às cegas aos devaneios, utopias e novos sistemas. Importa fazê-lo a tempo, nem muito cedo, nem muito tarde e com conhecimento de causa."* [117]

6.3. CONCLUSÃO: CAMINHOS QUE SE ABREM PARA UMA INTEGRAÇÃO REAL

Os grupos espíritas tendem a se diversificar cada vez mais. A integração entre eles não poderá ser suportada mais por uma sistemática massificante e de caráter global. Uns buscarão intercâmbio para seus estudos e pesquisas, outros organizarão cursos de preparação. Outros ainda, trocarão idéias sobre formas de aplicar o passe e de realizar a assistência social. As grandes instituições unificacionistas poderão manter o seu papel se aprenderem a conviver com a divergência e buscar o que há de comum. Mas independentemente delas, os grupos procurarão cada vez mais seus pares para com eles crescer. Ao contrário do que muitos pensam, pode estar aí o caminho de libertação do Espiritismo, pois ele não pertence a nenhuma dessas instituições.

[117] Allan KARDEC. Constituição transitória do Espiritismo: III - Dos cismas. Em: —. *Revista espírita*. v. 11, ano 1868, p. 375-376.

Desenho esquemático da estrutura de um centro espírita[118]

[118] Esquema idealizado por Mauro de Mesquita Spinola e confeccionado eletronicamente por Magda Selvero Salomão.

CONCLUSÃO

Para que realizar uma revisão estrutural do centro espírita? O primeiro e grande motivo para revisar é adequar o centro espírita à sua finalidade maior: estudar, pesquisar, desenvolver, consolidar e difundir o Espiritismo, tendo como base a obra de Allan KARDEC. Mais do que um simples pano de fundo, mais do que uma motivação ou orientação, o Espiritismo precisa ser o objetivo primeiro do centro espírita, já que este é a casa daquele. O Espiritismo é ao mesmo tempo a base e meta do centro espírita. Como base, direciona e dá subsídios para a estruturação das diversas atividades. Como meta, estabelece parâmetros para definir quais são as atividades que permitem ao centro melhor contribuir com o Espiritismo, sem desviar os seus esforços para outros objetivos.

Busquei neste trabalho apresentar a base conceitual e os meios para a realização desta tarefa. Sintetizo agora, de forma mais sistemática e objetiva, algumas propostas para implementação das melhorias necessárias.

A BASE CONCEITUAL JÁ EXISTE

A base conceitual do centro espírita — o Espiritismo — foi desenvolvida inicialmente por Allan KARDEC. Além de nos apresentar informações sobre o mundo dos espíri-

tos e a discussão filosófica das diversas conseqüências da imortalidade e da reencarnação, a sua obra nos forneceu um método de trabalho.[119] É sobretudo neste método que está baseado o centro espírita. Adotando-o, o centro torna-se porta voz, duplicador e continuador do trabalho de KARDEC.

Não é espírita o centro que:

- não tem por base a obra de Kardec;
- não utiliza o método de KARDEC no trato da mediunidade;
- utiliza conceitos e métodos que confrontam com as propostas de Kardec.

O MODELO PROPOSTO SERVE DE BASE PARA A REESTRUTURAÇÃO

O modelo conceitual apresentado no capítulo 1 é simples o suficiente para se adaptar a diferenças e transformações culturais, mas oferece restrições à manutenção de conceitos, estruturas, métodos e costumes ainda vigentes nos centros espíritas. Exige uma revisão estrutural que priorize o compromisso com o Espiritismo e a libertação de estruturas arcaicas de poder. A discussão crítica e contínua da estrutura necessária para implementar e consolidar este modelo num centro espírita pode contribuir para que seja estabelecido um caminho seguro e direcionado para o aprimoramento.

[119] —. Introdução - II - Autoridade da doutrina espírita. Em: —. *O evangelho segundo o Espiritismo*. p. 11-18.
—. Caracteres da revelação espírita. Em: —. *A gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo*. cap. I, itens 12-18, p. 15-18.

UMA OPÇÃO DIFERENTE

Como foi visto no capítulo 1, é grande a variedade de faces dos grupos que se autodenominam espíritas. Assim sendo, a opção estritamente espírita — sem desvios doutrinários e sem outros objetivos que dispersem as ações perdendo o foco principal — pode ser vista como uma opção "diferente". Sem dúvida, poderá ser considerado diferente da maioria o centro espírita que:

- tem no estudo a sua base; (v. capítulo 3 deste livro)
- realiza pesquisa espírita; (cap. 3)
- aplica o método de KARDEC no trato com a mediunidade; (cap. 2)
- não distribui passes "à granel" em todas as suas reuniões; (cap. 2)
- não trata qualquer pessoa que procura o centro como doente, e não a encaminha desde o início para uma "entrevista" e um tratamento espiritual; (cap. 2)
- apresenta-se como uma casa de estudos e não como um hospital; evita dizer, logo no primeiro contato com uma pessoa que procura o centro, que ela "*é médium e precisa desenvolver a mediunidade para se livrar de suas perturbações*"; (cap. 2)
- está voltado para o homem e não obriga o homem a estar voltado para o centro, como se este fosse um fim em si mesmo (cap. 4)
- discute abertamente a contribuição do Espiritismo nos diversos temas que afetam o homem moderno; contextualiza o estudo espírita; (cap. 4)

- é dirigido por um grupo representativo de pessoas; não é dirigido por espíritos ou pelos médiuns que transmitem suas orientações; (cap. 5)
- comunica-se, troca idéias e integra-se com outros grupos, mas propõe a integração como instrumento de crescimento do Espiritismo; (cap. 6)
- na integração com outros grupos não se subordina a idéias e práticas massificantes (não focadas nos objetivos principais do Espiritismo e do centro espírita), luta contra as distorções e a inércia. (cap. 6)

O centro que adota esta opção poderá ser único num bairro ou mesmo numa cidade, às vezes isolado, sem ter com quem trocar idéias. É fundamental evitar este isolamento, aproximando-se e mantendo contato contínuo com grupos afins, mesmo que geograficamente distantes. Poderá ter menos freqüentadores que os demais da região e alguns de seus freqüentadores, que prefeririam vê-lo recebendo muitas pessoas, talvez questionem. Poderá ser acusado de não praticar a caridade e tudo o mais, mas estará oferecendo um produto diferenciado: o Espiritismo. E esta certeza basta.

POR ONDE COMEÇAR?

Esta dúvida pode aparecer. Tanto há para fazer que não se sabe como planejar, iniciar e conduzir um processo de revisão estrutural. Para responder a esta questão podemos fazer analogia à tarefa de subir uma grande escada: o que temos a fazer é começar, dar o primeiro passo. Temos a direção a seguir (os conceitos espíritas) e possuímos ins-

trumentos poderosos (livros, pessoas, grupos afins para trocarmos idéias). Portanto, só temos que começar.

Qual é o objetivo do centro espírita? Esta é a primeira questão a ser respondida por todo grupo espírita que desejar iniciar ou rever suas atividades. A partir dessa reflexão será possível criar, desenvolver, excluir, modificar ou aperfeiçoar as diversas atividades, para que se adeqüem aos objetivos estabelecidos. Um critério é básico para todas: que firmem o compromisso do centro com o desenvolvimento, a aplicação e a divulgação do Espiritismo.

É claro que não há um único caminho. Busquei identificar neste livro os principais critérios para realizar este trabalho. Citei também as principais referências encontradas na literatura sobre o assunto. Mas o caminho propriamente dito depende das características e da estratégia de cada centro. Rediscutidos os objetivos, o processo se desdobra de forma planificada.[120]

Uma atividade que passa a ser fundamental é a gestão do processo de estruturação, que garantirá a sua implementação. Para realizá-la, podem ser obtidas algumas lições dos estudos de organização de empresas, que costumam trabalhar com objetivos, métodos e resultados precisos. Muitos estudos e experiências sobre a Gestão da Qualidade Total aplicados em diversas organizações fabris e de serviços no mundo todo podem também ser aproveita-

---

[120] Os textos de KARDEC que apresentam de maneira mais objetiva as diretrizes para a estruturação do centro espírita são "Das reuniões e das sociedades" e "Regulamento da sociedade parisiense de estudos espíritas", ambos de *O livro dos médiuns:*
Allan KARDEC. *O livro dos médiuns*. parte 2, cap. XXIX e XXX, p. 413-444.

dos na gestão do centro espírita, aplicando-se de acordo com os objetivos específicos a que se propõe o centro.[121]

Os elementos básicos a serem considerados para a implantação são apresentados a seguir:

[121] Jeremy MAIN. *Guerras pela qualidade:* os sucessos e fracassos da revolução da qualidade. Trad. Outras Palavras Consultoria Linguística. Rio de Janeiro, Campus, 1994.
Alberto GALGANO. *Calidad total*. p. 373-388.
Shoji SHIBA e outros. *A new american TQM. p. 461-501.*

ELEMENTOS BÁSICOS DO PROCESSO DE ESTRUTURAÇÃO DO CENTRO ESPÍRITA	
1	Definição de objetivos claros para a (re)estruturação
2	Estabelecimento de uma estrutura organizacional e de atividades que envolva as diversas pessoas
3	Treinamento e educação
4	Atividades de promoção do processo de (re)estruturação
5	Acompanhamento e avaliação

1. *Definição de objetivos claros para a (re)estruturação*. Todos os participantes ativos participam de sua definição e todas as pessoas que freqüentam ou têm contato com o centro conhecem os objetivos. A partir dos objetivos gerais (longo prazo) derivam-se as metas de médio e curto prazo a serem atingidas. Estabelecem-se também os meios e critérios para realizar avaliações periódicas dos resultados.
2. *Estabelecimento de uma estrutura organizacional e de atividades que envolva as diversas pessoas.* As pessoas ajudam a planejar e mobilizar a implementação da (re)estruturação. É necessário romper com estruturas estáticas, baseadas exclusivamente em funções fixas (presidente, secretário, diretor de doutrina etc.) para permitir um envolvimento das pessoas de acordo com as atividades a serem realizadas. As atividades são definidas, por sua vez, de a-

cordo com as metas a serem alcançadas. É fundamental que as atividades não dependam de pessoas específicas para serem realizadas ou continuadas. Por isso os objetivos delas, bem como os métodos adotados para executá-las (os procedimentos) devem ser definidos e, se possível, escritos.

3. *Treinamento e educação.* A formação das pessoas que participam das atividades, com base nas propostas do capítulo 4, cria uma estrutura sólida para as mudanças necessárias. O treinamento está voltado tanto para o conhecimento espírita quanto para a preparação à execução das diversas atividades.
4. *Atividades de promoção do processo de (re)estruturação,* através da divulgação e discussão dos seus objetivos, palestras, seminários, comunicações periódicas, campanhas, vídeos, etc.
5. *Acompanhamento e avaliação*. Um grupo que reúne pessoas envolvidas nas diversas atividades, com a participação da direção (pode ser chamado de grupo de estruturação) avalia e discute continuamente o processo, visando aperfeiçoá-lo.

AS PESSOAS

As atividades do centro espírita não necessitam viver amarradas a uma coordenação centralizada e fiscalizadora. O seu desenvolvimento exige um ambiente de liberdade e criação. Por outro lado, há de se criar meios de não se perder a unidade existencial. Evitar o engrandecimento excessivo é um pressuposto básico.

A preparação de recursos humanos e materiais para o aprimoramento das atividades constitui-se no elemento chave do processo de revisão estrutural.

No centro espírita as pessoas passam a compreender cada vez mais o significado da sua existência. Lá se encontram como protagonistas de uma grande jornada, trocam informações, idéias, olhares, abraços, atenção, amor. Conversam, aprendem, discutem, criam, crescem. Sabem que seu caminho não é o mesmo, mas há ali um comprometimento mútuo. A evolução é uma tarefa individual e coletiva. Essas pessoas estão comprometidas com ela. O Espiritismo e o centro espírita também.

É Espírita o centro que:

- tem por base a obra de Kardec;
- utiliza o método de Kardec no trato da mediunidade;
- não utiliza conceitos e métodos que confrontam com as propostas de Kardec.

BIBLIOGRAFIA

AKSAKOF, Alexandre. *Animismo e Espiritismo*. Trad. C. S. 3ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1978. 2 v.

Autores diversos. *Encontro com a cultura espírita*. Matão, SP, O Clarim, set 1981. v. 1.

Autores diversos. *Espiritismo e sociedade*. São Paulo, ENSASDE, 1986.

AMORIM, Deolindo. *O Espiritismo e as doutrinas espiritualistas*. 4ª ed. Curitiba, Livraria Ghignone Editora, 1984.

ANDRADE, Hernani Guimarães. *Morte, renascimento, evolução:* uma biologia transcendental. 3ª ed. São Paulo, Pensamento, 1985.

BOZZANO, Ernesto. *Animismo ou Espiritismo? Qual dos dois explica o conjunto dos fatos?* Trad. Guillon Ribeiro. 3ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1982.

CARVALHO, Antonio Cesar Perri de. Mudanças estruturais dos centros e grupos espíritas de KARDEC aos nossos dias. Em: CONGRESSO ESPÍRITA ESTADUAL DA USE, 7. Águas de São Pedro, SP, 22-24 ago 1986. *Anais*. s.n.t.

CASTRO, Maria Laura Viveiros de. *O que é Espiritismo:* 2ª visão. São Paulo, Brasiliense, 1985. (Coleção Primeiros Passos, v. 146).

DIAS, Krishnamurti de Carvalho. *O laço e o culto*: é o Espiritismo uma religião? Santos, SP, DICESP, jun 1985.

FÁVARO, Éder; DEL CHIARO Filho, Amilcar; PALAZZI, Roberto. A estrutura dos centros espíritas de KARDEC aos nossos dias. Em: CONGRESSO ESPÍRITA ESTADUAL DA USE, 7. Águas de São Pedro, SP, 22-24 ago 1986. *Anais*. s.n.t.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Orientação ao centro espírita*. 2ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1980.

GALGANO, Alberto. *Calidad total*. Diaz de Santos.

GARCIA, Wilson. *O centro espírita*. 2ª ed. São Paulo, USE Editora, set 1990.

KARDEC, Allan. *A gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo*. Trad. Vítor Tollendal Pacheco. 13ª ed. São Paulo, LAKE, 1981.

—. *Iniciação espírita*. Trad. Joaquim da Silva Sampaio Lobo, rev. anot. J. Herculano Pires. 10ª ed. São Paulo, EDICEL, 1986.

—. *Obras Póstumas*. Trad. Sylvia Mele Pereira da Silva, intr. e anot. J. Herculano Pires. 2ª ed. São Paulo, LAKE, 1979.

—. *O evangelho segundo o Espiritismo*. Trad. Salvador Gentile. 12ª ed. Araras-SP, Instituto de Difusão Espírita, nov 1980.

—. *O livro dos espíritos*. Trad. Guillon Ribeiro. 62ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1985.

—. *O livro dos médiuns*. Trad. Guillon Ribeiro. 48ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1983.

—. *Revista espírita*. Trad. Júlio de Abreu Filho. São Paulo, EDICEL, 12 v. (Sem ano de publicação).

—. *Viagem espírita em 1862*. Trad. e pref. Wallace Leal V. Rodrigues. Matão, SP, O Clarim, 1968.

LAUFER Jr., Aírton; FRANÇA, Cosme Valtenis de. *O poder no movimento espírita do Brasil.* Monografia de licenciatura e bacharelado em Ciências Sociais. Curitiba, PUC, 1990.

LUCIA, Reinaldo di. Passes: discussão e propostas. Em: SBPE - SIMPÓSIO BRASILEIRO DO PENSAMENTO ESPÍRITA, 3. Santos, SP, 3-6 set 1993. *Anais*. Santos, Licespe, 1993.

MACHADO, Ubiratan. *Os intelectuais e o Espiritismo*: de Castro Alves a Machado de Assis. Rio de Janeiro, Antares, 1983.

MAIN, Jeremy. *Guerras pela qualidade*: os sucessos e fracassos da revolução da qualidade. Trad. Outras Palavras Consultoria Linguística. Rio de Janeiro, Campus, 1994.

MANUAL do divulgador do livro espírita. Araras, SP, Divulgador do livro espírita.

MARTINS, Celso. *A obsessão e seu tratamento espírita*. 2ª ed. São Paulo, EDICEL, 1983.

MESSIAS, Carlos Roberto de. *Contribuições sobre o movimento espírita brasileiro*. Apresentado no CPDoc - Centro de Pesquisa e Documentação Espírita, Santos, SP, 26 fev 1989.

O PODER e o movimento espírita. 2ª ed. Santos, DICESP, fev 1982.

PAIVA, Aylton Guido Coimbra. *Espiritismo e política*. Santos, DICESP, set 1982.

PERALVA, Martins. *Estudando a mediunidade*. 5ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1971.

PERES, Ney Prieto. *Manual prático do espírita*. 4ª ed. São Paulo, Pensamento, 1988.

PIRES, J. Herculano. *Mediunidade: vida e comunicação:* conceituação de mediunidade e análise geral dos seus problemas atuais. 7ª ed. São Paulo, EDICEL, 1987.

—. *Obsessão. O passe. A doutrinação*. 3ª ed. São Paulo, SP, Paidéia, 1985.

—. *O centro espírita*. São Paulo, Paidéia, jan 1980.

—. *Parapsicologia hoje e amanhã*. 5ª ed. São Paulo, EDICEL, 1977.

PIRONDI, Ciro. Influência do Espiritismo na evolução do homem contemporâneo. Em: CONGRESSO ESPÍRITA ESTADUAL DA USE, 7. Águas de São Pedro, SP, 22-24 ago 1986. *Anais*. s.n.t.

PORTEIRO, Manuel S. *Espiritismo dialéctico*. Buenos Aires, Editorial Vitor Hugo, 1960. p. 57.

RÉGIS, Jaci. O centro espírita no século XX. Em: CONGRESSO ESPÍRITA ESTADUAL DA USE, 7. Águas de São Pedro, SP, 22-24 ago 1986. *Anais*. s.n.t.

SHIBA, Shoji; GRAHAM, Alan; WALDEN, David. *A new american TQM*: four practical revolutions in management. Prod, 1993.

SPINOLA, Mauro de Mesquita. Leitura contextualizada do conhecimento espírita. Em: ENCONTRO NACIONAL SOBRE O ASPECTO SOCIAL DA DOUTRINA ESPÍRITA, 3. Salvador, BA, mar 1989. *Anais*. s.n.t.

—. Centro espírita: uma revisão estrutural. Em: SBPE - SIMPÓSIO BRASILEIRO DO PENSAMENTO ESPÍRITA, 3. Santos, SP, 3-6 set 1993. *Anais*. Santos, SP, Licespe, 1993.

UNIÃO DAS SOCIEDADES ESPÍRITAS DO ESTADO DE SÃO PAULO. *Relatório da comissão nomeada pelo CDE da USE, em 13 de setembro de 1987, para apurar denúncias feitas contra a UME de Santos*. São Paulo, USE, 22 mai 1988.

VIEIRA, Waldo. *Conduta espírita*. Ditado pelo espírito André Luiz. 4ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1971.

XAVIER, Francisco Cândido. *Coragem*. 2ª ed. Uberaba, CEC, 1973. p. 17-18.

—; VIEIRA, Waldo. *Desobsessão*. Ditado pelo espírito André Luiz. 4ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1979.

—. *Nos domínios da mediunidade*. Ditado pelo espírito André Luiz. 12ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1983.

—. *O consolador*. Ditado pelo espírito Emmanuel. 7ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1977.

SOBRE O AUTOR

Mauro de Mesquita Spinola é engenheiro eletrônico. Trabalha como professor universitário — Escola Politécnica da USP, Universidade São Judas Tadeu e Universidade Paulista — e consultor técnico nas áreas de Sistemas de Informação e Qualidade de Software.

Nascido em São Paulo em 1956, participa de centro espírita e do movimento espírita desde muito jovem. Atua no Centro de Estudos Espíritas *José Herculano Pires*, de São Paulo e no Centro de Pesquisa e Documentação Espírita (CPDoc), de Santos. Integra também a equipe do programa radiofônico *Momento Espírita*, da Rádio Boa Nova de Guarulhos.

Suas principais áreas de estudo e interesse são o centro espírita, a mediunidade, o animismo e as contribuições do Espiritismo à organização social.

CENTRO ESPÍRITA: OS CINCO FATORES CRÍTICOS PARA UMA REFORMA ESTRUTURAL

Mauro de Mesquita Spínola (*)
São Paulo-SP, Brasil

RESUMO

Este trabalho apresenta as bases para uma revisão estrutural dos centros espíritas na atualidade, que permita a eles traçar seus caminhos vinculados e comprometidos com o próprio desenvolvimento do Espiritismo, além de se caracterizarem socialmente de forma clara. São apresentados os cinco fatores críticos para esta revisão: a mediunidade, os estudos e pesquisas, a relação com a sociedade, o poder e a integração com outros centros espíritas.

Palavras-chave: centro espírita, mediunidade, pesquisa espírita, espiritismo e sociedade, poder

1. INTRODUÇÃO

É necessário — e é possível — realizar uma revisão estrutural dos centros espíritas na atualidade, que permita a eles traçar seus caminhos vinculados e comprometidos com o próprio desenvolvimento do Espiritismo, além de se caracterizarem socialmente de forma clara. Isso hoje não ocorre. Viso com este estudo contribuir para essa revisão.

Parto da constatação de que os centros espíritas vivem hoje uma dificuldade de identificação, gerada sobretudo pelos confrontos entre sua estrutura, a leitura do Espiritismo e a modernização cultural e moral da sociedade. Tanto como casa do Espiritismo quanto como célula social o centro ainda busca uma definição mais precisa.

Este texto apresenta de forma sucinta os principais conceitos e propostas apresentados no livro "*Centro espírita: uma revisão estrutural*"[27], lançado em 1997 pelo CPDoc – Centro de Pesquisa e Documentação Espírita.

Desconhecimento do Espiritismo nos centros, sincretismo, assistencialismo, cultos exteriores e religiosismo, grandeza física, clientelismo, proselitismo e isolamento cultural são alguns dos aspectos contrastantes entre a estrutura de grande parte dos centros e a proposta do Espiritismo. A identificação desses pontos contribui para uma crítica aos centros espíritas modernos. Entre todos, o mais importante é o desconhecimento do Espiritismo.

[27] Mauro de Mesquita SPINOLA. *Centro espírita*: uma revisão estrutural.

Dificuldades

A análise da estrutura do centro espírita e as possíveis propostas que dela possam advir esbarram em várias dificuldades. Eis algumas delas:

a) É difícil definir centro espírita. É muito grande a heterogeneidade existente entre os grupos e como conseqüência surgem dúvidas: o que estaríamos analisando? a que e a quem estaríamos propondo?

b) Em muitos centros espíritas vive-se hoje um período de discussão e revisão estrutural. Há também a criação de novos grupos, com estruturas alternativas e claramente diferentes das existentes. Os resultados são apenas preliminares e não há indícios de tendências generalizadas.

Qual é o objetivo dos centros espíritas? Impossível encontrar uma resposta válida para todos os grupos. Com certeza esse objetivo varia segundo fatores culturais, a ponto de podermos encontrar dois centros espíritas com objetivos (e portanto atividades) completamente diferentes. Num centro, maior ênfase é dada aos conhecimentos do Espiritismo, num outro se dá maior valor à prática da mediunidade, num terceiro as pessoas se dedicam prioritariamente ao atendimento de necessitados, num quarto centro a cura é o maior objetivo, e assim por diante.[28]

Apesar daqueles esforços, uma análise do panorama atual nos mostra uma grande miscelânea, o que torna impossível responder, com base no que se vê, a questão "*o que é o centro espírita*?" Estabelecer um modelo seria muito difícil; analisar e propor, impossível.

Para estabelecer um modelo teríamos que optar por uma conceituação mais precisa de centro espírita, assumindo algumas de suas características. Esse modelo viabilizaria a análise e a elaboração de propostas.

Faço, portanto, com o objetivo de poder continuar esse trabalho, um exercício de modelamento.[29] O seu principal objetivo é estabelecer uma referência conceitual que sirva de base para a estruturação de uma casa espírita ou mesmo para a reestruturação de uma casa já existente. São critérios básicos a considerar na avaliação e na organização dessas casas.

Um modelo

O modelo não toca no problema de organização administrativa e financeira do centro, mas estabelece diretrizes para que essa organização, qualquer que seja, se volte para os objetivos de tornar o centro uma casa do Espiritismo. São três os seus componentes: as pessoas, o relacionamento do centro com o Espiritismo e a estrutura de poder, como descrevemos a seguir:

---

[28] Mauro de Mesquita SPINOLA. O centro espírita e a sociedade. Em: Autores diversos. *Espiritismo e sociedade*. p. 60.

[29] Ibid., p. 59-61.

CENTRO ESPÍRITA: MODELO CONCEITUAL
O centro espírita é uma associação de pessoas
O centro espírita é comprometido com o Espiritismo
Não existe no centro espírita hierarquia estática e restritiva

a) *O centro espírita é uma associação de pessoas encarnadas, de homens*. Poderia, por opção, abranger também os espíritos desencarnados nessa associação, já que os centros espíritas contam, em geral, com a participação ativa dos espíritos. Os motivos pelos quais não farei isso são:

a.1) Considero que o centro espírita é organizado e dirigido por homens, tendo espíritos desencarnados como convidados. Desta forma, qualquer estudo relativo à estrutura, atividades, métodos, prioridades e orientação doutrinária em um centro passa necessariamente pelo comportamento dos homens que o compõem.

a.2) As atividades do centro espírita, incluindo as reuniões mediúnicas, são organizadas e dirigidas por homens. As propostas relativas a essas reuniões devem se dirigir, pelo menos num primeiro momento, a eles.

a.3) São os homens que participam da vida social, contexto em que está inserido o centro.

b) *O centro espírita é comprometido com o Espiritismo*. Esse compromisso se concretiza através do estudo de livros espíritas, incluindo necessariamente as obras de Allan KARDEC, e adequação das diversas atividades aos conceitos e métodos próprios da doutrina.

c) *Não existe no centro espírita hierarquia estática e restritiva*. O efeito mais importante dessa estrutura é a igualdade para aprender, praticar e influir.

Um centro espírita aberto à participação integral de pessoas interessadas em aprender e contribuir, e comprometido com o aprendizado e desenvolvimento do Espiritismo será o modelo, para os centros espíritas modernos, que adotarei a partir daqui. Mas caberia perguntar: *como será o centro espírita do futuro*?[30]

[30] Éder FÁVARO e outros. A estrutura dos centros espíritas de Kardec aos nossos dias. Em: CONGRESSO ESPÍRITA ESTADUAL DA USE, 7. *Anais*. p. 14.

A estrutura proposta

Uma reflexão sobre a estrutura dos centros espíritas exige a identificação dos elementos que compõem essa estrutura. Assumo que são os seguintes:

ELEMENTOS ESTRUTURAIS DO CENTRO ESPÍRITA
Mediunidade
Estudos e pesquisas
Relações com a sociedade
Poder
Integração com outros centros espíritas

Neste trabalho não são tratados, de forma sistemática, os aspectos de organização e administração do centro espírita. Há alguns livros e apostilas que tratam do assunto. *O centro espírita*, de Wilson GARCIA, sintético e objetivo, é um livro de valor.[31]

Entre os autores pesquisados, dediquei especial atenção aos dois que deram contribuições mais significativas para o estudo da estrutura do centro espírita até agora: Allan KARDEC e José Herculano PIRES. Em toda a extensão do texto eles são citados, sobretudo em suas respectivas obras *O livro dos médiuns*[32] e *O centro espírita*.[33]

O livro dos médiuns, publicado em 1861, continua sendo referência obrigatória para formação, avaliação e dinamização dos grupos. Reputo grande importância a este livro no contexto da obra de KARDEC. Se em *O livro dos espíritos* encontramos a apresentação da doutrina como um todo, constituindo-se por isso no mais abrangente trabalho seu, é no entanto em *O livro dos médiuns* que passamos mais claramente a conhecer a sua maneira de trabalhar, o método kardequiano. E é esse método que referenda toda a sua obra. Marco maior da lucidez de KARDEC, esse compêndio ainda não esgotou seus recursos de aplicação.

O livro de José Herculano PIRES *O centro espírita* se propõe a apresentar um estudo sobre as origens, o sentido e a significação do centro espírita. É um trabalho poderoso, que capta conceitos importantes, identifica distorções e propõe um modelo, mas não escapa ao envolvimento de algumas idéias já cristalizadas. Não me proporia a tentar fixar de forma precisa a função do centro, como faz Herculano, sobretudo porque é difícil trabalhar com uma "verdade"

31 Wilson GARCIA. *O centro espírita*.
32 Allan KARDEC. *O livro dos médiuns*.
33 J. Herculano PIRES. *O centro espírita*.

que não é praticada. Mas concordo com ele quando constata que a função e a significação do centro são desconhecidas, só ficando uma dúvida: alguém conhece completamente?

2. A MEDIUNIDADE

O Espiritismo está histórica e metodologicamente vinculado à mediunidade. Ele nasceu e cresceu a partir do estudo dos fenômenos mediúnicos. Sem a mediunidade o Espiritismo simplesmente não existiria. A mediunidade é o elemento mais importante da estrutura do centro espírita pois concretiza o mundo dos espíritos, objeto principal de estudo do Espiritismo.

2.1 - O que é mediunidade?

> *"Mediunidade é a faculdade humana, natural, pela qual se estabelecem as relações entre homens e espíritos."* [34]

KARDEC dedicou grande importância à mediunidade e à comunicação com os espíritos. O relato que fez do início de suas pesquisas mostra isso:

> *"Compreendi, logo à primeira vista, a importância das pesquisas que iria fazer. Vislumbrei naqueles fenômenos a chave do problema do passado e do futuro da Humanidade, tão confuso e tão controvertido, a solução daquilo que eu havia buscado toda a minha vida."*[35]

Com o tempo fortaleceu ainda mais a convicção que a mediunidade deve ser estudada e praticada com seriedade. O sua principal obra sobre o assunto, *O livro dos médiuns,*[36] foi lançada em 1861 em substituição a uma outra de mesma natureza, *Instruções práticas sobre as manifestações espíritas,*[37] que havia sido lançada em 1858, pois considerou que esta não era suficientemente completa.[38] Nos seus estudos, dedicou especial atenção à psicografia, pois percebeu que a escrita "*tem a vantagem de assinalar, de modo mais material, a intervenção de uma força oculta e de deixar traços que se podem conservar, como fazemos com nossa correspondência*".[39] Essa sua preocupação esclarece, em parte, o caráter que atribuía à mediunidade: um forte instrumento de comunicação com o invisível, tanto quanto de documentação.

Para KARDEC era necessária uma conceituação precisa de "mediunidade" (e "médiuns"), além de uma classificação detalhada dos fenômenos. Foi o que

---

34 J. Herculano PIRES. *Mediunidade: vida e comunicação:* conceituação de mediunidade e análise geral dos seus problemas atuais. cap.I, p. 11.

35 Allan KARDEC. Extratos "in extenso" do livro das previsões concernentes ao Espiritismo: manuscrito feito com especial cuidado por Allan Kardec. Em: —. *Obras Póstumas*. parte 2, p. 220.

36 —. *O livro dos médiuns*.

37 —. Instruções práticas sobre as manifestações espíritas. Em: —. *Iniciação espírita*. p. 175-299.

38 —. Introdução. Em: —. *O livro dos médiuns*. p. 13.

39 —. Da psicografia. Em: Ibid, parte 2, cap. XIII, item 152, p. 190.

fez.[40] Um ponto delicado referia-se à questão: quem é médium? Resolveu-a da seguinte forma: todo aquele que sente, num grau qualquer, a influência dos espíritos é, por esse fato, médium, mas, usualmente, assim só se qualificam aqueles em que a faculdade mediúnica se mostra bem caracterizada e se traduz por efeitos patentes, de certa intensidade, o que então depende de uma organização mais ou menos sensitiva.[41] Estudando esse problema mais recentemente, CRAWFORD chamou de "*estática*" a mediunidade natural, que todos possuem, e "*dinâmica*" a mediunidade ativa. José Herculano PIRES apresenta também as denominações de "*mediunidade generalizada*" e "*mediunato*", respectivamente.[42]

Esse continua sendo um dos pontos mais delicados no trato da questão mediúnica, pois toca no problema da necessidade de dedicação do médium à mediunidade. É muito comum a frase: "*você é médium*", por vezes emitida numa primeira entrevista, ser utilizada como instrumento de proselitismo. Penso que essa postura deve ser reavaliada, mesmo que se constate a presença de mediunidade ativa (caracterizada, ostensiva, mediunato). Não está demonstrado que os médiuns necessitam se dedicar ao centro espírita "*para não sofrer perturbações*".

Há ainda um outro ponto em que o conceito de mediunidade generalizada toca: o do caráter de graça ou provação atribuído à mediunidade:

> *"O conceito de mediunidade que vigora entre nós, na maioria esmagadora dos centros, é espantosamente ambivalente e portanto contraditória. Afirma-se ao mesmo tempo que a mediunidade é uma graça e uma provação, que os médiuns são espíritos grandemente faltosos, não obstante adorados como enviados de Deus. Os que estudam seriamente a Doutrina logo percebem a falsidade desse conceito. A mediunidade é uma faculdade natural da espécie humana, como todas as demais faculdades."* [43]

A atitude de adoração, adulação ou até louvação de médiuns tem como causa principal a falta de reflexão sobre o papel da mediunidade.

2.2 - As reuniões mediúnicas

Nas reuniões mediúnicas realizam-se os contatos com espíritos no centro espírita. Qualquer processo de análise ou revisão envolve necessariamente essas reuniões. De acordo com o modelo proposto elas devem consagrar conceitos e métodos próprios do Espiritismo.

---

40 Allan KARDEC. Instruções práticas sobre as manifestações espíritas - Vocabulário espírita. Em: —. *Iniciação espírita*. p. 182-216.

—. *O livro dos médiuns*. parte 2, cap. XIV-XVI, p. 195-236 e cap. XXXII, p. 478-480.

41 —. Dos médiuns. Em: *O livro dos médiuns*, parte 2, cap. XIV, item 159, p. 195.

42 J.Herculano PIRES. *Mediunidade: vida e comunicação:* conceituação de mediunidade e análise geral dos seus problemas atuais. cap.II, p 18.

43 —. O centro e a comunidade. Em: *O centro espírita*. p.18.

Quando KARDEC classificou as reuniões mediúnicas como frívolas, experimentais e instrutivas,[44] buscou identificar as "condições especiais" em que as reuniões sérias devem ser realizadas, destacando a necessidade de participação de pessoas sérias e o intuito de se instruir.

A uniformidade de objetivos e sentimentos, só possível com um número pequeno de participantes, ganha aqui um significado vital.[45] Mesmo os centros espíritas que optam por crescer necessitam cuidar para que as reuniões mediúnicas não inchem e portanto não percam esse caráter.

Seria possível estabelecer critérios generalizados? Creio que alguns, sim. A começar pela busca de aperfeiçoamento e instrução. As reuniões mediúnicas que perpetuam os seus objetivos, métodos, médiuns e até comunicações podem estar perdendo a oportunidade de contribuir para o aprimoramento técnico e moral dos participantes e do próprio Espiritismo. Essa observação vale também para chamadas reuniões de assistência, que discutirei adiante, onde estrutura e personagens costumam se cristalizar no centro espírita.

Duas das características de um trabalho sério são a regularidade e a continuidade, pois a experiência mostra que a participação dos espíritos é também regular. No entanto, KARDEC alerta que, "*se bem os Espíritos prefiram a regularidade, os de ordem verdadeiramente superior não se mostram meticulosos a esse extremo. A exigência de pontualidade rigorosa é sinal de inferioridade, como tudo que seja pueril*." [46]

Quando estudou a influência do meio, KARDEC colocou que "*uma reunião é um ser coletivo, cujas qualidades e propriedades são a resultante das de seus membros e formam como que um feixe*". Como conseqüência, apresenta as "*condições mais favoráveis para uma Sociedade que aspira granjear a simpatia dos bons Espíritos*", entre elas: perfeita comunhão de vistas e sentimentos, cordialidade recíproca, desejo de se instruir e melhorar, recolhimento e silêncio respeitosos, e outras.[47] No trato com espíritos perturbadores, propôs "enérgica resistência", envolvendo prece, caridade e atenção.[48]

Há um ponto sobre o qual pairam dúvidas na organização de reuniões mediúnicas: a validade de se evocar espíritos. Largamente utilizado e defendido por KARDEC, esse método foi fundamental em suas pesquisas.[49] Nos relatos constantes do livro *O céu e o inferno*, por exemplo, é grande o número de casos

---

44 —. Das reuniões e das sociedades espíritas. Em: —. *O livro dos médiuns*. parte 2, cap. XXIX, itens 324-329, p. 413-418.

45 Ibid., parte 2, cap. XXIX, itens 332, 334 e 335, p. 420-423.
Éder FÁVARO e outros. A estrutura dos centros espíritas de Kardec aos nossos dias. Em: CONGRESSO ESPÍRITA ESTADUAL DA USE, 7. *Anais*. p. 3.

46 Allan KARDEC. Das reuniões e das sociedades espíritas. Em: —. *O livro dos médiuns*. parte 2, cap. XXIX, item 333, p. 421.

47 Ibid., itens 331 e 341, p. 419 e 427-428.
—. Da influência do meio. Em: —. *O livro dos médiuns*. p. 285-288.

48 —. Das reuniões e das sociedades espíritas. Em: —. *O livro dos médiuns*. parte 2, cap. XXIX, item 340, p. 426-427.

49 —. Das evocações. Em: —. *O livro dos médiuns*, cap. XXV, p. 338-368.

estudados com uso de evocações. EMMANUEL, através da mediunidade de Francisco C. XAVIER, recomenda que as evocações não sejam utilizadas "em caso algum".

A idéia de EMMANUEL é generalizada entre os centros, e é no mínimo estranha. A maior dificuldade em potencial — a de identificação dos espíritos — também foi sentida e estudada por KARDEC.[50] A organização de reuniões mediúnicas em geral, e os trabalhos de pesquisas, em particular, requerem um novo estudo desses conceitos. Senão estaremos correndo o risco de obedecer a proibições bíblicas com a justificativa única de que não estamos preparados.

O preparo contínuo dos médiuns para a realização de suas tarefas requer a elaboração de um processo de desenvolvimento da mediunidade, também chamado de educação mediúnica. Não é mais admissível deixar que a "prática" ou a "vida" ensinem por si mesmo. KARDEC colocou a necessidade de desenvolvimento, estudando sobretudo a mediunidade psicográfica.[51] Há, basicamente, dois aspectos no desenvolvimento do médium:[52]

(1) a prática, que envolve a necessidade de aperfeiçoamento técnico,

(2) a aplicação, que abrange a compreensão da influência moral e intelectual que exerce sobre as comunicações, da melhor maneira de aplicar seu potencial e das dificuldades e cuidados que a atividade mediúnica envolve.

Em termos de aplicação, é fundamental que a formação de médiuns leve em consideração o seu papel nas comunicações. O animismo, fenômeno observado por KARDEC e outros pesquisadores, requer um estudo aprofundado no processo de desenvolvimento da mediunidade, pois o seu desconhecimento tem levado ora a confusões e enganos em relação a comunicações, ora a preconceitos descabidos em relação a médiuns. Adoto a conceituação utilizada por Alexandre AKSAKOF,[53] em que animismo e mediunidade não se excluem. Segundo ele podem ser identificados os seguintes tipos de fenômenos:

a) *anímicos não mediúnicos*, que envolvem exteriorizações do próprio ser através dos sonhos, do sonambulismo, da telepatia, da clarividência no espaço e no tempo, da telecinesia, da telemnesia, da psicometria etc.

b) *anímicos mediúnicos*, que envolvem participação de pessoas vivas em fenômenos mediúnicos tais como psicografia, psicofonia, aparições etc.

c) *espíritas* (necessariamente mediúnicos), que envolvem participação de pessoas desencarnadas.

---

50 Allan KARDEC. Da identidade dos espíritos. Em: —. *O livro dos médiuns*. parte 2, cap. XXIV, p. 315-337.

51 —. Da formação dos médiuns - Desenvolvimento da mediunidade. Em: Ibid., cap. XVII, itens 200-218, p. 237-249.

52 Ibid., itens 200-217, p. 237-249.

53 Alexandre AKSAKOF. A hipótese dos espíritos. Em: —. *Animismo e Espiritismo*. v. II, cap. IV, p. 226-404.

Essa classificação foi também adotada por Ernesto BOZZANO.[54] Segundo ela, o médium que transmite mensagem de seu próprio espírito, quando em estado de emancipação, realiza um fenômeno anímico mediúnico. KARDEC estudou esse caso e concluiu que esse assunto é sutil e delicado, necessitando muitas observações e meditações antes de se concluir qualquer coisa sobre a natureza de determinado fenômeno. Concluiu também que é generalizada e natural a influência do médium nas comunicações.[55] Isso nos leva à necessidade de rever duas posições: por um lado, o descuido na identificação dos fenômenos mediúnicos de natureza anímica e, por outro, o preconceito em relação a médiuns que apresentam características anímicas, confundindo-os com charlatães.[56]

Todas essas considerações, se não resolvem, pelo menos levantam aspectos relevantes na estruturação das reuniões mediúnicas.

A revisão estrutural das reuniões mediúnicas tem base teórica sólida para ser realizada nos centros espíritas. Envolve antes de mais nada uma definição mais objetiva do papel da mediunidade e a valorização das atividades de formação de recursos humanos. O ponto mais importante é a mudança de visão dos dirigentes, médiuns e freqüentadores de uma forma geral: a mediunidade deixa de ser um sacerdócio para ser um instrumento de trabalho e pesquisa, deixa de ser uma expiação para ser uma das mais ricas manifestações da natureza humana.

O aprimoramento das reuniões mediúnicas é decisivo para o centro. Quanto mais voltadas para o próprio desenvolvimento do Espiritismo, maior impacto trarão à feição e à estrutura da casa espírita.

3. ESTUDOS E PESQUISAS

Os espíritas em geral consideram que o caminho de continuidade do Espiritismo e dos próprios centros está nas atividades de estudos e pesquisas. Apesar disso elas ainda buscam seu lugar ao sol, pois faltam medidas objetivas. Neste item estudo essas atividades e suas perspectivas.

3.1 - A base do centro

Os estudos e as pesquisas são o sustentáculo do centro. As diversas atividades do centro são embasadas e orientadas por eles. As pessoas tomam contato com o Espiritismo, criam, desenvolvem e substituem atividades baseadas neles. No entanto, isso não tem sido verdade na grande maioria dos nossos centros reais, por razões culturais diversas.

---

54 Ernesto BOZZANO. *Animismo ou Espiritismo? Qual dos dois explica o conjunto dos fatos?*

55 Allan KARDEC. Do papel do médium nas comunicações espíritas. Em: —. *O livro dos médiuns*. parte 2, cap. XIX, item 223, p. 259-266.

56 Alexandre SECH. Animismo e mediunismo. Em: Autores diversos. *Encontro com a cultura espírita*. p. 174-176.
Francisco Cândido XAVIER. *Nos domínios da mediunidade*. cap. 22, p. 209-215.
Martins PERALVA. *Estudando a mediunidade*. cap. XXXVI, p.186-190

Embora reconhecida como fundamental por dirigentes e freqüentadores de todas as casas, poucas vezes se encontra um centro espírita em que as atividades de estudos e pesquisas sejam colocadas como as mais importantes. Muitas vezes a necessidade salvadora de "praticar a caridade" (dar roupas e alimentos, dar passes, atender pessoas e espíritos) substitui o peso do conhecimento espírita, que daria certamente uma grande contribuição para libertar as pessoas de seus maiores problemas existenciais.

Allan KARDEC chegou a propor uma estrutura para as reuniões, baseado na experiência da ***Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas***. Nota-se a preocupação básica com estudos e pesquisas:

"Os trabalhos de cada sessão podem regular-se conforme se segue:
1a Leitura das comunicações espíritas recebidas na sessão anterior, depois de passadas a limpo.
2a Relatórios diversos. - Correspondência. - Leitura das comunicações obtidas fora das sessões. - Narrativa de fatos que interessem ao Espiritismo.
3a Matéria de estudo. - Ditados espontâneos. - Questões diversas e problemas morais propostos aos Espíritos. - Evocações.
4a Conferência.-Exame crítico e analítico das diversas comunicações. - Discussão sobre diferentes pontos da ciência espírita."[57]

A proposta de KARDEC sugere que:
(1) estudos e pesquisas são as atividades básicas da sociedade,
(2) o nosso principal objeto de estudo é a mediunidade,
(3) podemos utilizar as próprias comunicações obtidas na casa como instrumentos de aprendizado e pesquisa.

Para os grupos que não possuíssem médiuns, KARDEC propôs também que realizassem estudos diversos.[58]

Em relação à pesquisa, em particular, é necessário, antes de tudo uma desmistificação da palavra. Denomino pesquisa a todas as atividades do centro que envolvam um trabalho de elaboração humano.[59] Assim sendo, a mais simples reunião mediúnica pode realizar pesquisa, bastando para isso que adote uma metodologia de trabalho e um conjunto de técnicas para aplicá-la, sempre na busca de conhecer algo mais.

O maior exemplo que tivemos neste sentido veio do próprio KARDEC. As diversas obras da codificação apresentam exemplos da postura de KARDEC em relação à pesquisa mediúnica. Para ele era muito clara a diferença entre o seu papel e dos espíritos: ele era o pesquisador, enquanto os espíritos, médiuns e

---

[57] Allan KARDEC. Das reuniões e das sociedades espíritas - Das sociedades propriamente ditas. Em: —. *O livro dos médiuns*. parte 2, cap. XXIX, item 346, p. 430-431.

[58] Allan KARDEC. Das reuniões e das sociedades espíritas - Das sociedades propriamente ditas. Em: —. *O livro dos médiuns*. parte 2, cap. XXIX, item 347, p. 431-432.

[59] —. Caracteres da revelação espírita. Em: Allan KARDEC. *A gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo*, cap. I, itens 13-15, p. 15-16.

fenômenos eram objetos de pesquisa. Cabia a ele planejar, conduzir e avaliar continuamente os resultados da pesquisa (este era o trabalho de elaboração humano, necessário em qualquer pesquisa).

Uma estrutura baseada em estudos e pesquisas traz problemas a serem enfrentados. O primeiro se refere à necessidade de restrições à freqüência e à integração de novos participantes.[60] São atividades que exigem intensa participação das pessoas, assiduidade e amadurecimento dos grupos de trabalho. Se pessoas novas e inexperientes entram e saem de um grupo continuamente, é muito difícil fazê-lo progredir e dar uma contribuição real. O processo de integração de novas pessoas necessita de critérios claros que envolvem seu conhecimento prévio de Espiritismo, seus vínculos com o centro e com o grupo de estudo, sua idade, seus interesses etc. O estabelecimento desses critérios só trarão realmente algum problema se forem mantidas as velhas idéias de grandeza do centro e da necessidade de conquistar freqüentadores a qualquer custo.

Os novos participantes se integram aos poucos e recebem recursos para se aperfeiçoarem e se prepararem para atividades mais elaboradas, através de cursos, palestras e seminários. Só não podemos cair na armadilha do catecismo, que estabelece passos rígidos e predeterminados para se atingir algum estágio. O centro espírita possui uma estrutura aberta ao crescimento e à participação. Há pessoas que com pouco tempo mostram-se preparadas para novos desafios: já leram vários livros, compreenderam os pontos fundamentais da doutrina e têm interesse pelo trabalho. Elas não podem ficar enterradas em cursos infindáveis antes de começar a contribuir.

Outro problema se refere à integração de crianças e jovens nas atividades, que numa estrutura moderna, deve ser a maior possível. As crianças e, em menor escala, os jovens, compartilham o mundo com uma visão diferenciada. São preocupações, interesses, formas de abordagem diferentes e que podem receber, por parte do centro espírita, espaço próprio para sua expansão. Qualquer que seja o campo de visão a contribuição do Espiritismo é muito grande, porque toca no que todos temos de mais profundo: nossa capacidade de ser, existir e crescer. É fundamental, no entanto, identificar os pontos comuns e as oportunidades de convivência para aprendizado conjunto. Através de sua participação em atividades integradas os jovens têm contribuído para que os estudos ganhem espaço nos centros.[61]

3.2 - Critérios necessários para uma estrutura baseada em estudos e pesquisas

A criação de uma estrutura baseada no conhecimento envolve alguns critérios necessários para lhe dar consistência:

a) *Os estudos e pesquisas devem levar em consideração os contextos histórico, cultural e social.*

---

60 Jaci RÉGIS. O centro espírita no século XX. Em: CONGRESSO ESPÍRITA ESTADUAL DA USE, 7. *Anais*. p. 10.

61 Jaci RÉGIS. O centro espírita no século XX. Em: CONGRESSO ESPÍRITA ESTADUAL DA USE, 7. *Anais*. p. 11.

b) *O material de estudos deve ser consistente e abrangente*.

c) *As reuniões devem possuir uma estruturação didática.*

d) *Os participantes de cada grupo devem estar integrados em termos de trabalho e relacionamento*.

A mudança de caráter dos centros espíritas tem nos estudos e pesquisas sua mola mestra. Se por um lado está na mediunidade a pedra de toque — podendo-se afirmar que só as alterações metodológicas da maneira como esse tema é tratado realmente caracterizariam um novo centro — cabe por outro lado ao trabalho de estruturação dos estudos e pesquisas espíritas no centro o papel de iniciar ou consolidar todo o processo de revisão.

Dar importância ao estudo não se resume a dedicar quinze minutos de cada reunião à leitura de um livro, como se fosse apenas uma atividade acessória. Trata-se de colocá-lo no centro do processo de estruturação e crescimento do centro, criando, avaliando e orientando as demais atividades.

No que se refere à pesquisa, em particular, cabe uma palavra sobre a documentação. O registro de planos, procedimentos e resultados é uma característica dos grupos de pesquisa sérios, que visam se aperfeiçoar sempre e ainda deixar sua contribuição.

A preparação de recursos humanos e a reunião de materiais adequados constituem-se nos dois melhores instrumentos para a colocação dos estudos e pesquisas como base do centro espírita.

4. CENTRO ESPÍRITA E A SOCIEDADE

Todos os espíritas concordam que as relações entre o centro espírita e a sociedade são necessárias, mas em que forma? Recebendo as pessoas aflitas, aconselhando-as e curando-as? Assistindo a pobres? Salvando as almas? Divulgando o Espiritismo? Ou fazendo, por outro lado, campanhas para políticos espíritas? Penso que nenhuma dessas atividades resolve, por si só, a questão.

É certo que já existem hoje características marcantes nas relações sociais do centro espírita, entre elas:

(1) a busca dos centros espíritas por pessoas de diversos matizes, geralmente à procura de um amparo às suas dores,

(2) a assistência social realizada pelos espíritas,

(3) a ligação dos médiuns com a comunidade, através dos serviços que prestam no centro ou nos atendimentos fora dele, e o reconhecimento do seu papel social.[62]

Uma revisão dessas relações deve partir de uma reflexão sobre os seguintes pontos:

---

62 J. Herculano PIRES. O centro espírita e a comunidade. Em: —. *O centro espírita*. cap. III, p. 18.

(1) a necessidade de abandonar o proselitismo e o clientelismo, caracterizados sobretudo pela intenção de prender as pessoas ao centro,

(2) a necessidade de estudar, acompanhar e discutir a evolução cultural e moral da sociedade, ao invés de simplesmente ignorá-la e se afastar dela,

(3) a importância de estudar, formar uma visão crítica, buscar e propor caminhos reais para uma evolução da sociedade, sobretudo no que se refere a suas injustiças e desigualdades.

Existe uma falsa idéia de que a sociedade tem algo a buscar no centro e este nada tem a receber dela. Esse conceito, que aparece ora implícita, ora explicitamente, distorce e reduz a inserção social do centro. Uma coexistência viva e claramente assumida, uma troca bilateral ativa, uma busca em comum, são características desejáveis para uma revisão dessas relações.

4.1 - Defesa do Espiritismo

Defender o Espiritismo é — ainda — uma das tarefas principais do centro espírita. Há três preocupações nessa área: os ataques de adversários, as distorções geradas por muitos adeptos e as confusões que se fazem com outras doutrinas espiritualistas.

Quanto aos ataques, é certo que não vivemos mais o período que KARDEC identificou como "de luta".[63] No Brasil, onde a história também registra momentos difíceis para os espíritas, o respeito e reconhecimento social pelo Espiritismo são hoje inquestionáveis, a menos de setores mais reacionários ainda existentes em alguns meios religiosos. Há também uma crescente adesão a conceitos adotados pelo Espiritismo, como a imortalidade, a comunicabilidade dos espíritos e a reencarnação. Tudo isso faz com que hoje as relações com os adversários sejam outras. Não cabem mais os debates emocionais. Mas não procede, por outro lado, o descuido e a omissão. É de responsabilidade dos centros espíritas esclarecer a comunidade, sempre que possível, sobre os ataques, principalmente quando se baseiam em casos isolados de charlatanismo. Para José Herculano PIRES a defesa do Espiritismo não prescinde da energia e da virilidade:

> *"Propagou-se no meio espírita, através de mensagens mediúnicas, tendendo a um masoquismo de cilícios e autopunições, a estranha idéia de que a virilidade só pertence aos cultores da violência. Voltamos assim ao sistema igrejeiro dos rebanhos de ovelhinhas inocentes devoradas por lobos famintos sem qualquer possibilidade de defesa. Entregues a essa idéia derrotista, o meio espírita abastardou-se a ponto de até mesmo recusar-se a defender a Doutrina aviltada pela ignorância travestida de bondade e doçura."* [64]

As confusões que ainda existem entre Espiritismo e outras doutrinas precisam ser desfeitas. Uma contribuição importante à elucidação dessa questão foi dada por Delindo Amorim em sua obra *O Espiritismo e as doutrinas*

---

63 Allan KARDEC. Período de luta. Em: —. *Revista espírita*. v. 6, ano 1863.

64 J. Herculano PIRES. *O centro espírita*. p. 21.

espiritualistas,[65] onde mostra as diferenças entre o Espiritismo e doutrinas com os quais chega a ser confundido, tais como a umbanda, o candomblé e a cabala. Entendo que a principal diferença é metodológica, embora haja também diferenças conceituais importantes. O centro se firma como espírita não só por adotar as obras de Allan KARDEC, mas sobretudo por assumir sua metodologia de abordagem das diversas questões.

As distorções geradas no âmbito do próprio movimento espírita merecem atenção especial. São as que têm causado maiores prejuízos. O centro espírita comprometido metodológica e conceitualmente com o Espiritismo age em sentido contrário a essas distorções e realiza, desta forma, a maior entre todas as tarefas de defesa social da doutrina.

4.2 - O centro espírita para o homem[66]

O Espiritismo rompe com as doutrinas que vendem a salvação depois da morte. Não promete nada, não sugere adesão involuntária, não se mostra como único caminho. Oferece a sua luz sem pedir subordinação, substitui a obediência cega pela atuação consciente e entrega a cada um a responsabilidade pela própria vida. Liberta o homem.

A liberdade que o Espiritismo oferece é baseada no conhecimento. Compreendendo o significado da vida e a verdadeira natureza de si mesmo, o homem começa a dar passos seguros, deixa de ser joguete das circunstâncias e traça o seu próprio caminho.

É claro que isso não é uma receita de liberdade, pois cada um que se encontrar com o Espiritismo reagirá a seu modo. Uns darão mais voltas, hesitarão mais, serão mais vagarosos ou passarão por maiores conflitos, enquanto outros encontrarão com maior facilidade seus próprios caminhos de libertação. Mas para todos o Espiritismo traz a liberdade em potencial. Cada um que o aproveite a seu modo.

O centro espírita é a casa do Espiritismo e deverá canalizar o potencial libertador da doutrina. Para conseguir isso, deverá antes de tudo ver as pessoas como indivíduos diferentes entre si, com capacidades morais-intelectuais, anseios, preocupações e problemas diferentes. Ao contrário do que fazem os templos religiosos, o centro espírita não pode se propor a uma massificação de idéias e comportamentos. Cabe a ele manter, é bem verdade, um certo zelo com a doutrina, defendendo sua autenticidade, seu caráter racional, e evitando desvios, infiltrações ou distorções, mas não é possível conceber um centro realmente espírita que distribua a todos uma interpretação particular do Espiritismo. Estaria boicotando a doutrina, desviando os objetivos do grupo e escravizando as pessoas.

O Espiritismo visa o homem. O centro espírita é um dos meios de atingi-lo. O homem do centro espírita transformará a si mesmo e à sociedade se tiver o

---

65 Deolindo AMORIM. *O Espiritismo e as doutrinas espiritualistas*.

66 Este texto é uma adaptação de outro escrito em 1986, que faz parte do artigo: Mauro de Mesquita SPINOLA. O centro espírita e a sociedade. Em: Autores diversos. *Espiritismo e sociedade*. p. 59-66.

Espiritismo como instrumento. Se o centro espírita inverte essa relação, isolando-se da vida real e exigindo do homem que abandone seu mundo, está traindo os próprios objetivos do Espiritismo. A "paz" que oferece, "não encontrada lá fora", é uma versão disfarçada da fuga que incentiva. Não vai contribuir para construir ou libertar nada.

O centro espírita é feito para o homem, não o contrário. O homem do centro espírita vai ver o seu dia-a-dia como a continuidade de um movimentado processo evolutivo. Passará a compreender o significado revolucionário da imortalidade e o verdadeiro sentido da vida que vive. Compreenderá as relações entre os mundos material e espiritual, as mudanças de estado entre encarnação e desencarnação e as influências mútuas entre o livre arbítrio e a lei de causa e efeito. Entenderá o caráter transitório da vida atual, que não pode ser analisada fora do contexto da eternidade, mas ao mesmo tempo valorizará esta vida. Afinal, dentro do vai-e-vem da evolução, que momento não é importante?

O homem do centro espírita valoriza o momento em que vive porque sabe que a vida não é uma farsa. Tudo que está aprendendo e realizando é fundamental. Compreende e valoriza a vida após a morte, mas não vive em função dela, pois sabe que o entendimento das relações entre as vidas atual e futura só tem significado se contribuir para entender a realidade de sua existência atual. O momento que vive é, para ele, enquanto vive, o mais importante, pois é quando está preparando, ou realizando, a grande arrancada.

4.3 - A sociedade como tema de estudo

A sociedade é um dos mais importantes e interessantes objetos de estudos e pesquisas no centro espírita. Marginalizados na maioria dos grupos, devido à tradição politicamente conservadora do movimento, os temas sociais tendem a encontrar seu lugar nos estudos à medida que a própria sociedade se democratiza.

Tem sido até agora com certa dificuldade que algumas pessoas ou grupos têm tentado trazer para o movimento espírita um estudo e uma discussão mais aberta da sociedade e seus problemas, à luz do Espiritismo. Nos anos 80, por exemplo, alguns encontros de jovens do Estado de São Paulo se propuseram a debater a questão social e foram fortemente criticados por isso. O mesmo aconteceu com o **ENSASDE - *Encontro Nacional sobre o Aspecto Social da Doutrina Espírita***, realizado em 1985 (Santos), 1987 (São Paulo) e 1989 (Salvador). Reunidos nesses encontros exclusivamente para analisar a questão social, diversos espíritas produziram extenso material de pesquisa e abriram espaço para uma maior abertura a essa temática nos centros espíritas.

A posição de KARDEC em relação a isso é claríssima. Chega a sugerir que sejam discutidas as matérias dos jornais:

> *"A par das obras especiais, formigam os jornais repletos de fatos, de narrativas, de acontecimentos, de rasgos de virtudes e de vícios, que levantam graves problemas morais, cuja solução só o Espiritismo pode apresentar, constituindo isso ainda um meio de se provar que ele se prende*

a todos os ramos da ordem social." [67]

O próprio *O livro dos espíritos* apresenta, na sua terceira parte, um estudo vigoroso das leis morais, que tocam em vários aspectos da vida social, tais como a distribuição de riquezas, a liberdade, a justiça, a família, o trabalho e outros.[68] Um estudo sério dessa parte do livro básico do Espiritismo não prescinde da reflexão e do debate social, bem como da busca de caminhos para os homens, para a comunidade em que vivem e para a sociedade como um todo. Nesse sentido uma contribuição importante foi dada por Aylton PAIVA com seu livro *Espiritismo e política*,[69] onde encontramos um estudo das leis morais sob o enfoque da análise social e política.

O estudo espírita da sociedade se baseia em dois conceitos fundamentais:

(1) o homem é um espírito encarnado, e vive em cada momento toda a sua história espiritual,

(2) as relações que estabelece condicionam em grande parte o seu desenvolvimento.

Para entender o homem e a sociedade não é suficiente enxergá-lo como indivíduo em evolução espiritual, pois o homem não é apenas um produto de si mesmo, da mesma forma que a sociedade não é apenas uma soma ponderada de homens. Também grosseira seria a redução do homem a um produto do meio.

Tratar abertamente da temática social e política nos centros espíritas, como proponho, é uma atitude que ainda encontra resistências. Os dirigentes adotam em geral uma interpretação conservadora da doutrina, baseando-se num suposto caráter "apolítico" do Espiritismo e dos centros. Autores conceituados também fazem coro. É um engano, pelo simples motivo de que não há conceito, atitude, grupo ou pessoa apolítica. Não discutir política, por exemplo, é uma atitude política, no sentido de que evita a reflexão sobre todo um conjunto de problemas do homem e da sociedade, como se fossem irrelevantes.

O grande pensador espírita argentino Manuel PORTEIRO deixa muito claro que o Espiritismo não pode ser um instrumento de conivência com a injustiça:

> *"Dedicando o Espiritismo a resolver somente problemas metafísicos, próprios da velha escolástica, somente à investigação do além-túmulo, preso à velha moral das religiões, que ensina a respeitar falsos direitos e injustos privilégios, como coisas absolutamente necessárias e de acordo com a justiça divina e causalidade moral de cada ser, perde seu caráter de ciência integral e progressiva e, em vez de ser um ideal humano, propulsor do progresso e das causas nobres, aberto a toda iniciativa de bem-estar social, a toda tendência renovadora e libertária, torna-se, em mãos de*

---

67 Allan KARDEC. Assuntos de estudo. Em: —. *O livro dos médiuns*. parte 2, cap. XXIX, item 347, p. 431-432.

68 —. As leis morais. Em: —. *O livro dos espíritos*. parte III, p. 305-426.

69 Aylton Guido Coimbra PAIVA. *Espiritismo e política*.

espíritos limitados, numa doutrina retrógrada e conservadora, numa arma formidável para abater consciências e conter todo impulso generoso que tenda a estabelecer um novo regime social, mais justo e conforme as exigências do progresso." [70]

4.4 - Atuação social

A conscientização não tem um fim em si mesma. Visa relacionar a teoria com a prática, a idéia com a realidade. Se o centro espírita der ao homem a chance de conhecer o Espiritismo e se conscientizar de seu papel individual, estará também contribuindo para a ação. Para KARDEC a conscientização é decisiva:

"A aspiração por uma ordem superior de coisas é indício da possibilidade de atingi-la. Cabe aos homens progressistas ativar esse movimento pelo estudo e a aplicação dos meios mais eficazes." [71]

Realmente, a atuação social consciente e determinada é uma conseqüência natural do estudo da sociedade. E é também uma forma de buscar na realidade social vigente subsídios para esses estudos.

Em que termos essa atuação pode ser feita pelos espíritas individualmente e pelos centros como grupos? Aqui, mais uma vez, não cabem regras, mas quero discutir essa questão.

Cabe aos homens conscientes, cada um a seu modo, contribuir para que a sociedade progrida, não simplesmente "fazendo a sua parte", mas buscando influenciar para que novos e cada vez melhores rumos sejam traçados. Apenas um exemplo: na ótica espírita a educação de boa qualidade é uma condição importante para o progresso material e espiritual. Os pais espíritas são orientados nos centros a valorizarem a educação. A luta por uma melhoria na educação pública, que não é uma preocupação só dos espíritas, passa a ser também um desafio para esses pais, juntamente com muitos outros.

No plano individual não cabe colocar limites aos campos de atuação. Deixando a apatia e a passividade de lado, cada um vai buscar seus campos e formas próprias, de acordo com o que sabe e busca. Isso tem relação com uma posição de KARDEC em *O livro dos espíritos*:

"Por que, no mundo, os maus, tão freqüentemente, sobrepujam os bons em influência?

- Pela fraqueza dos bons; os maus são intrigantes e audaciosos, os bons são tímidos. Quando estes o quiserem dominarão."[72]

Em relação à atuação social do centro espírita, como grupo, é necessário ter alguns cuidados:

---

70 Manuel S. PORTEIRO. *Espiritismo dialéctico*. p. 57.

71 Allan KARDEC. Liberdade, igualdade e fraternidade. Em: —. *Obras póstumas*. parte 1, p. 193.

72 Allan KARDEC. Felicidade e infelicidade relativas. Em: —. *O livro dos espíritos*. parte IV, cap. I, questão 932, p. 431-432.

(1) Lembrar sempre que o compromisso primeiro do centro espírita é com o Espiritismo, ou seja, a difusão e o desenvolvimento da doutrina. Engajar diretamente o centro nas lutas sociais só tem sentido se não forem esquecidas as áreas próprias da doutrina.

(2) As preocupações com o poder temporal, inevitáveis nas lutas sociais, podem ofuscar os objetivos maiores a que o Espiritismo se propõe em relação ao homem e à própria sociedade.

(3) A política partidária, com suas campanhas eleitorais e interesses contrastantes de partidos e pessoas, poderá, em momentos de descuido, engajar o centro espírita em interesses outros que nada têm a ver com o Espiritismo.

Havendo equilíbrio e firmeza doutrinária, tenho certeza de que nenhum desses prejuízos ocorrerá.

Qualquer que seja a forma e o grau de atuação de cada um, espíritas e grupos espíritas — tanto quanto o próprio Espiritismo — possuem um compromisso com a vida, a cidadania e a democracia. A luta pela valorização do homem como ser integral e pela construção de uma sociedade para todos é tarefa também dos espíritas.

Algumas dessas atividades, além de outras mais, podem contribuir para a própria manutenção da sede do centro, muitas vezes um pesado ônus para seus sócios.

A tradicional apatia do centro espírita em relação à organização social tende a desaparecer. O homem moderno não se conforma mais com conceitos abstratos de "bem", "mal", "amor" e "caridade", busca o que realmente significam. Abrindo as suas portas para a sociedade, com seus problemas, angústias e anseios, o centro espírita talvez deixe de ser uma ilha de tranqüilidade no mar tempestuoso para ser o remo que faltava ao navegador.

5. PODER NO CENTRO ESPÍRITA

No modelo apresentado, ressaltei a importância de não existir no centro hierarquia estática e restritiva. A manutenção de pessoas ou grupos por períodos longos no poder é uma causa freqüente de cristalização de idéias e criação de mecanismos de defesa do poder já estabelecido. Aquele modelo deixa bastante claro também que é dos homens a responsabilidade pela definição dos rumos do centro, não dos espíritos.

5.1 - Mandatos divinos

A principal causa da centralização de poder no centro espírita tem sido a alegação de existência de mandato conferido pela "espiritualidade superior". Dirigentes, médiuns e espíritos, em geral visando o melhor para suas casas espíritas, acabam por estabelecer critérios e procedimentos de fechamento do poder. O periódico espírita *Espiritismo e Unificação* realizou um estudo sobre o poder no movimento espírita que identifica esse problema:

"Nos nossos meios, a revelação mediúnica tem sido usada como instrumento para avalizar ou determinar um tipo de mandato divino, seja ele

circunscrito a um centro, a um médium ou dirigente, seja, em maior amplitude, através de determinadas organizações federativas. Todos alegam possuir um certo poder divino, que lhes teria sido dado pela Espiritualidade Superior.

"A ignorância generalizada do Espiritismo, mesmo nos meios mais dinâmicos, voltados, quase sempre, para o fator místico, se traduz no fascínio que a mediunidade exerce. Sem dúvida, esse fascínio é uma clara acepção de Poder. O médium, nos nossos meios, extravasa o sentido de medianeiro, de intercomunicador, para se transformar em autoridade, capaz de dominar não somente um núcleo específico, mas projetar-se por toda a coletividade. Um exemplo típico é que certos médiuns se transformam em oráculos e muitos nada fazem sem consultá-los e suas opiniões já não são analisadas, mas ao contrário são ordenações infalíveis.

"Por isso identificamos o Poder clássico fluir, sem esforço, no médium-principal, que aconselha e dita ordens como verdades irrecorríveis; podemos constatá-lo no Guia Espiritual que domina grupos, não permitindo iniciativas dos encarnados; ou verificamos no presidente perpétuo, no "dono do centro".[73]

Médiuns, dirigentes e espíritos assumem muitas vezes papéis messiânicos e de infundada autoridade nos centros, sem que haja qualquer motivo para se atribuir a eles rótulos diferenciadores. Em momentos de divergência ou discordância, invocam sua autoridade divina para impor suas posições. É bem verdade que essas são atitudes humanas compreensíveis, mas é necessário que a estrutura do centro não as incentive.

Médiuns, dirigentes e espíritos possuem papéis relevantes no centro, é importante frisar. O que deve ser evitado é o seu endeusamento, a mistificação e o engrandecimento imotivado de suas funções, que prejudicam a eles e ao grupo. É indisfarçável a posição desconfortável dos dirigentes e dos médiuns-principais que a todos têm que amparar, aconselhar, e em todos os momentos têm que apresentar as soluções finais para cada assunto. Uma situação que eles, juntamente com seus seguidores, criaram.

Não pode ser esquecido também que o poder existe, sendo um espaço a ser ocupado. É sempre possível identificar, numa estrutura de poder centralizado, aquele ou aqueles que o exercem, por um lado, e aqueles que, apaticamente, se permitem ficar longe dele. Alguns até reclamam, mas não ocupam seu espaço. Seria muito difícil nesses casos identificar nos “vilões autocráticos” a causa

---

[73] O PODER e o movimento espírita. p. 5-6.

Os termos "médium principal" e "dono de centro" designam, respectivamente, o médium supostamente mais importante no centro (incumbido, geralmente, de receber as comunicações do espírito orientador — guia — do grupo) e o dirigente que ocupa continuamente as funções de presidente e coordenador das atividades da casa. Essas figuras existem, sob diversas formas, em vários grupos.

única da centralização. Por trás de um dono de centro existe muitas vezes uma história de dedicação e luta solitária por uma causa.

5.2 - Critérios para abertura

Num processo de abertura à participação é fundamental que os princípios espíritas e os objetivos básicos do centro sejam respeitados. Aqueles que não o conhecem ou que ainda não mostraram condições para aplicá-los não estão preparados para assumir funções relevantes. Um caso que presenciei em São José dos Campos ilustra a importância desse cuidado: um grupo numeroso de freqüentadores de um centro de umbanda da cidade começou a freqüentar um centro espírita, por recomendação de seu guia, que disse que deveriam conhecer Allan KARDEC. Logo se tornaram sócios e, por discordarem de alguns procedimentos da direção lançaram uma chapa de oposição. Venceram as eleições seguintes.

Existem mecanismos inerciais utilizados por vários grupos espíritas para evitar essas situações. Um exemplo é a criação de um quadro de sócios efetivos, no qual só ingressam sócios que freqüentam a sociedade há um certo tempo e que demonstram seu conhecimento do Espiritismo. Esses sócios, e só eles, participam das Assembléias, podendo eleger e ser eleitos a cargos da diretoria.

Na ***Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas*** havia restrições à participação, só sendo aceitos aqueles que demonstravam conhecer os princípios básicos do Espiritismo ou que desejavam se instruir, entre outras exigências. Além disso reservava-se o direito de limitar, se conveniente, o número de associados livres e dos sócios titulares.[74]

Para aperfeiçoar e democratizar as relações entre as pessoas no centro espírita deve-se partir da constatação de que o poder é um elemento real e necessário nos diversos grupos e instituições, não podendo ser diferente nos centros.

A criação de um centro espírita aberto e dinâmico, com ampla liberdade de crescimento, é um desafio para todos os seus participantes. É sobretudo nessa área que se torna importante a preparação sistemática de recursos humanos. Aos poucos os interessados vão se preparando para dar maiores vôos, dentro de suas características.

As relações de poder serão tratadas também no próximo item, que enfoca o movimento espírita.

6. INTEGRAÇÃO ENTRE CENTROS ESPÍRITAS

Integrar sem interferir na individualidade de cada grupo. Reunir para intercâmbio de idéias e informações. Realizar atividades voltadas para objetivos comuns. Estes são os principais objetivos da integração entre centros espíritas. Apesar de ser indiscutível sua necessidade, a integração entre centros ainda

---

74 Allan KARDEC. Regulamento da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. Em: —. *O livro dos médiuns*. parte 2, cap. XXX, artigos 3º e 6º, p. 436-437.

busca seu caminho de realização. É que também aqui pesam as relações de poder, e num grau muito maior.

Na *Revista espírita* de janeiro de 1862, Allan KARDEC convidou os grupos espíritas a participarem do desenvolvimento da doutrina, através de três textos:[75]

(1) "*Publicidade das comunicações mediúnicas*", em que discute as alternativas para publicação do número cada vez maior de comunicações e referenda a criação da "*Biblioteca do mundo invisível*" pelos Srs. Didier & Cia., com essa finalidade,

(2) "*Controle do ensino espírita*", no qual apresenta a conformidade do ensino dos espíritos como o melhor critério para garantir sua autoridade e informa que a Sociedade de Paris encaminhará a partir daquela data diversas questões doutrinárias para serem estudadas pelos grupos que com ela se correspondem, por correspondência particular ou por intermédio da *Revista*,

(3) "*Questões e problemas propostos aos vários grupos espíritas*", com seis questões a serem estudadas e discutidas, sempre baseadas em comunicações de espíritos, uma delas com a incrível afirmação de que "*nenhum Espírito humano pode manifestar-se ou comunicar-se com os homens*".

Estava dada então a tônica da integração que desejava para os grupos e o tipo de participação que cada um poderia ter: caberia a cada um deles contribuir para que as questões em aberto fossem resolvidas. Posteriormente, em dezembro de 1868, apresentou na própria Revista a "*Constituição transitória do Espiritismo*", com proposta de continuidade do Espiritismo e criação de um comitê central de coordenação.[76]

Começo com essas lembranças para ressaltar um ponto que se perdeu no movimento espírita brasileiro. Em geral, quando se fala em movimento espírita, integração ou unificação, esquece-se o desenvolvimento do Espiritismo, através da pesquisa e do intercâmbio de informações, possivelmente a principal contribuição que se poderia tirar dessa união. E era exatamente essa a maior preocupação de KARDEC.

É sobretudo nesse sentido que a integração se faz necessária. Mas ela pode trazer outras contribuições, como o aperfeiçoamento dos próprios centros a partir do intercâmbio que estabelecem. Um grupo espírita que mantenha contato com outros que têm objetivos análogos terá sempre material para aperfeiçoar seu conhecimento, seus métodos e seus resultados.

---

[75] Allan KARDEC. Publicidade das comunicações espíritas. Controle do ensino espírita. Questões e problemas propostos aos vários grupos espíritas. Em: —. *Revista espírita*. v. 5, ano 1862, p. 11-20.

[76] —. Constituição transitória do Espiritismo. Em: Ibid., v. 11, ano 1868, p. 367-392.

O mesmo texto, ampliado, pode ser encontrado em:

—. Constituição do Espiritismo - exposição de motivos. Em: —. *Obras Póstumas*. parte 2, p. 288-319.

Esse é o pano de fundo. Sem ele o movimento espírita se torna fórum para questões menores e palco para disputas de poder.

Os grupos espíritas tendem a se diversificar cada vez mais. A integração entre eles não poderá ser suportada mais por uma sistemática massificante e de caráter global. Uns buscarão intercâmbio para seus estudos e pesquisas, outros organizarão cursos de preparação. Outros ainda, trocarão idéias sobre formas de aplicar o passe e de realizar a assistência social. As grandes instituições unificacionistas poderão manter o seu papel se aprenderem a conviver com a divergência e buscar o que há de comum. Mas independentemente delas, os grupos procurarão cada vez mais seus pares para com eles crescer. Ao contrário do que muitos pensam, pode estar aí o caminho de libertação do Espiritismo, pois ele não pertence a nenhuma dessas instituições.

7. CONCLUSÃO

Para que realizar uma revisão estrutural do centro espírita? O primeiro e grande motivo para revisar é adequar o centro espírita à sua finalidade maior: estudar, pesquisar, desenvolver, consolidar e difundir o Espiritismo, tendo como base a obra de Allan KARDEC. Mais do que um simples pano de fundo, mais do que uma motivação ou orientação, o Espiritismo precisa ser o objetivo primeiro do centro espírita, já que este é a casa daquele. O Espiritismo é ao mesmo tempo a base e meta do centro espírita. Como base, direciona e dá subsídios para a estruturação das diversas atividades. Como meta, estabele-ce parâmetros para definir quais são as atividades que permitem ao centro melhor contribuir com o Espiritismo, sem desviar os seus esforços para outros objetivos.

Busquei neste trabalho apresentar a base conceitual e os meios para a realização desta tarefa. Sintetizo agora, de forma mais sistemática e objetiva, algumas propostas para implementação das melhorias necessárias.

7.1 - A base conceitual já existe

A base conceitual do centro espírita — o Espiritismo — foi desenvolvida inicialmente por Allan KARDEC. Além de nos apresentar informações sobre o mundo dos espíritos e a discussão filosófica das diversas conseqüências da imortalidade e da reencarnação, a sua obra nos forneceu um método de trabalho.[77] É sobretudo neste método que está baseado o centro espírita. Adotando-o, o centro torna-se porta voz, duplicador e continuador do trabalho de KARDEC.

Não é espírita o centro que:

- não tem por base a obra de Kardec;
- não utiliza o método de KARDEC no trato da mediunidade;
- utiliza conceitos e métodos que confrontam com as propostas

[77] Allan KARDEC. Introdução - II - Autoridade da doutrina espírita. Em: —. *O evangelho segundo o Espiritismo*. p. 11-18.
—. Caracteres da revelação espírita. Em: —. *A gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo*. cap. I, itens 12-18, p. 15-18.

de Kardec.

7.2 - O modelo proposto serve de base para a reestruturação

O modelo conceitual apresentado é simples o suficiente para se adaptar a diferenças e transformações culturais, mas oferece restrições à manutenção de conceitos, estruturas, métodos e costumes ainda vigentes nos centros espíritas. Exige uma revisão estrutural que priorize o compromisso com o Espiritismo e a libertação de estruturas arcaicas de poder. A discussão crítica e contínua da estrutura necessária para implementar e consolidar este modelo num centro espírita pode contribuir para que seja estabelecido um caminho seguro e direcionado para o aprimoramento.

7.3 - Uma opção diferente

Como foi visto no início, é grande a variedade de faces dos grupos que se autodenominam espíritas. Assim sendo, a opção estritamente espírita — sem desvios doutrinários e sem outros objetivos que dispersem as ações perdendo o foco principal — pode ser vista como uma opção "diferente". Sem dúvida, poderá ser considerado diferente da maioria o centro espírita que:

- tem no estudo a sua base;
- realiza pesquisa espírita;
- aplica o método de KARDEC no trato com a mediunidade;
- não distribui passes "à granel" em todas as suas reuniões;
- não trata qualquer pessoa que procura o centro como doente, e não a encaminha desde o início para uma "entrevista" e um tratamento espiritual;
- apresenta-se como uma casa de estudos e não como um hospital; evita dizer, logo no primeiro contato com uma pessoa que procura o centro, que ela "*é médium e precisa desenvolver a mediunidade para se livrar de suas perturbações*";
- está voltado para o homem e não obriga o homem a estar voltado para o centro, como se este fosse um fim em si mesmo;
- discute abertamente a contribuição do Espiritismo nos diversos temas que afetam o homem moderno; contextualiza o estudo espírita;
- é dirigido por um grupo representativo de pessoas; não é dirigido por espíritos ou pelos médiuns que transmitem suas orientações;
- comunica-se, troca idéias e integra-se com outros grupos, mas propõe a integração como instrumento de crescimento do Espiritismo;
- na integração com outros grupos não se subordina a idéias e práticas massificantes (não focadas nos objetivos principais do Espiritismo e do centro espírita), luta contra as distorções e a inércia.

  O centro que adota esta opção poderá ser único num bairro ou mesmo numa cidade, às vezes isolado, sem ter com quem trocar idéias. É fundamental evitar este isolamento, aproximando-se e mantendo contato contínuo com grupos afins, mesmo que geograficamente distantes. Poderá ter menos

freqüentadores que os demais da região e alguns de seus freqüentadores, que prefeririam vê-lo recebendo muitas pessoas, talvez questionem. Poderá ser acusado de não praticar a caridade e tudo o mais, mas estará oferecendo um produto diferenciado: o Espiritismo. E esta certeza basta.

7.4 - Por onde começar?

Esta dúvida pode aparecer. Tanto há para fazer que não se sabe como planejar, iniciar e conduzir um processo de revisão estrutural. Para responder a esta questão podemos fazer analogia à tarefa de subir uma grande escada: o que temos a fazer é começar, dar o primeiro passo. Temos a direção a seguir (os conceitos espíritas) e possuímos instrumentos poderosos (livros, pessoas, grupos afins para trocarmos idéias). Portanto, só temos que começar.

Qual é o objetivo do centro espírita? Esta é a primeira questão a ser respondida por todo grupo espírita que desejar iniciar ou rever suas atividades. A partir dessa reflexão será possível criar, desenvolver, excluir, modificar ou aperfeiçoar as diversas atividades, para que se adeqüem aos objetivos estabelecidos. Um critério é básico para todas: que firmem o compromisso do centro com o desenvolvimento, a aplicação e a divulgação do Espiritismo.

É claro que não há um único caminho. Busquei identificar neste livro os principais critérios para realizar este trabalho. Citei também as principais referências encontradas na literatura sobre o assunto. Mas o caminho propriamente dito depende das características e da estratégia de cada centro. Rediscutidos os objetivos, o processo se desdobra de forma planificada.[78]

Uma atividade que passa a ser fundamental é a gestão do processo de estruturação, que garantirá a sua implementação. Para realizá-la, podem ser obtidas algumas lições dos estudos de organização de empresas, que costumam trabalhar com objetivos, métodos e resultados precisos. Muitos estudos e experiências sobre a Gestão da Qualidade Total aplicados em diversas organizações fabris e de serviços no mundo todo podem também ser aproveitados na gestão do centro espírita, aplicando-se de acordo com os objetivos específicos a que se propõe o centro.

Referências bibliográficas

AKSAKOF, Alexandre. *Animismo e Espiritismo*. Trad. C. S. 3ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1978. 2 v.

Autores diversos. *Encontro com a cultura espírita*. Matão, SP, O Clarim, set 1981. v. 1.

Autores diversos. *Espiritismo e sociedade*. São Paulo, ENSASDE, 1986.

[78] Os textos de KARDEC que apresentam de maneira mais objetiva as diretrizes para a estruturação do centro espírita são "Das reuniões e das sociedades" e "Regulamento da sociedade parisiense de estudos espíritas", ambos de *O livro dos médiuns:*

Allan KARDEC. *O livro dos médiuns*. parte 2, cap. XXIX e XXX, p. 413-444.

AMORIM, Deolindo. *O Espiritismo e as doutrinas espiritualistas*. 4ª ed. Curitiba, Livraria Ghignone Editora, 1984.

ANDRADE, Hernani Guimarães. *Morte, renascimento, evolução:* uma biologia transcendental. 3ª ed. São Paulo, Pensamento, 1985.

BOZZANO, Ernesto. *Animismo ou Espiritismo? Qual dos dois explica o conjunto dos fatos?* Trad. Guillon Ribeiro. 3ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1982.

CARVALHO, Antonio Cesar Perri de. Mudanças estruturais dos centros e grupos espíritas de KARDEC aos nossos dias. Em: CONGRESSO ESPÍRITA ESTADUAL DA USE, 7. Águas de São Pedro, SP, 22-24 ago 1986. *Anais*. s.n.t.

CASTRO, Maria Laura Viveiros de. *O que é Espiritismo:* 2ª visão. São Paulo, Brasiliense, 1985. (Coleção Primeiros Passos, v. 146).

DIAS, Krishnamurti de Carvalho. *O laço e o culto*: é o Espiritismo uma religião? Santos, SP, DICESP, jun 1985.

FÁVARO, Éder; DEL CHIARO Filho, Amilcar; PALAZZI, Roberto. A estrutura dos centros espíritas de KARDEC aos nossos dias. Em: CONGRESSO ESPÍRITA ESTADUAL DA USE, 7. Águas de São Pedro, SP, 22-24 ago 1986. *Anais*. s.n.t.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Orientação ao centro espírita*. 2ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1980.

GALGANO, Alberto. *Calidad total*. Diaz de Santos.

GARCIA, Wilson. *O centro espírita*. 2ª ed. São Paulo, USE Editora, set 1990.

KARDEC, Allan. *A gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo*. Trad. Vítor Tollendal Pacheco. 13ª ed. São Paulo, LAKE, 1981.

—. *Iniciação espírita*. Trad. Joaquim da Silva Sampaio Lobo, rev. anot. J. Herculano Pires. 10ª ed. São Paulo, EDICEL, 1986.

—. *Obras Póstumas*. Trad. Sylvia Mele Pereira da Silva, intr. e anot. J. Herculano Pires. 2ª ed. São Paulo, LAKE, 1979.

—. *O evangelho segundo o Espiritismo*. Trad. Salvador Gentile. 12ª ed. Araras-SP, Instituto de Difusão Espírita, nov 1980.

—. *O livro dos espíritos*. Trad. Guillon Ribeiro. 62ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1985.

—. *O livro dos médiuns*. Trad. Guillon Ribeiro. 48ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1983.

—. *Revista espírita*. Trad. Júlio de Abreu Filho. São Paulo, EDICEL, 12 v. (Sem ano de publicação).

—. *Viagem espírita em 1862*. Trad. e pref. Wallace Leal V. Rodrigues. Matão, SP, O Clarim, 1968.

LAUFER Jr., Aírton; FRANÇA, Cosme Valtenis de. *O poder no movimento espírita do Brasil*. Monografia de licenciatura e bacharelado em Ciências Sociais. Curitiba, PUC, 1990.

LUCIA, Reinaldo di. Passes: discussão e propostas. Em: SBPE - SIMPÓSIO BRASILEIRO DO PENSAMENTO ESPÍRITA, 3. Santos, SP, 3-6 set 1993. *Anais*. Santos, Licespe, 1993.

MACHADO, Ubiratan. *Os intelectuais e o Espiritismo*: de Castro Alves a Machado de Assis. Rio de Janeiro, Antares, 1983.

MAIN, Jeremy. *Guerras pela qualidade*: os sucessos e fracassos da revolução da qualidade. Trad. Outras Palavras Consultoria Linguística. Rio de Janeiro, Campus, 1994.

MANUAL do divulgador do livro espírita. Araras, SP, Divulgador do livro espírita.

MARTINS, Celso. *A obsessão e seu tratamento espírita*. 2ª ed. São Paulo, EDICEL, 1983.

MESSIAS, Carlos Roberto de. *Contribuições sobre o movimento espírita brasileiro*. Apresentado no CPDoc - Centro de Pesquisa e Documentação Espírita, Santos, SP, 26 fev 1989.

O PODER e o movimento espírita. 2ª ed. Santos, DICESP, fev 1982.

PAIVA, Aylton Guido Coimbra. *Espiritismo e política*. Santos, DICESP, set 1982.

PERALVA, Martins. *Estudando a mediunidade*. 5ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1971.

PERES, Ney Prieto. *Manual prático do espírita*. 4ª ed. São Paulo, Pensamento, 1988.

PIRES, J. Herculano. *Mediunidade: vida e comunicação:* conceituação de mediunidade e análise geral dos seus problemas atuais. 7ª ed. São Paulo, EDICEL, 1987.

—. *Obsessão. O passe. A doutrinação*. 3ª ed. São Paulo, SP, Paidéia, 1985.

—. *O centro espírita*. São Paulo, Paidéia, jan 1980.

—. *Parapsicologia hoje e amanhã*. 5ª ed. São Paulo, EDICEL, 1977.

PIRONDI, Ciro. Influência do Espiritismo na evolução do homem contemporâneo. Em: CONGRESSO ESPÍRITA ESTADUAL DA USE, 7. Águas de São Pedro, SP, 22-24 ago 1986. *Anais*. s.n.t.

PORTEIRO, Manuel S. *Espiritismo dialéctico*. Buenos Aires, Editorial Vitor Hugo, 1960. p. 57.

RÉGIS, Jaci. O centro espírita no século XX. Em: CONGRESSO ESPÍRITA ESTADUAL DA USE, 7. Águas de São Pedro, SP, 22-24 ago 1986. *Anais*. s.n.t.

SHIBA, Shoji; GRAHAM, Alan; WALDEN, David. *A new american TQM*: four practical revolutions in management. Prod, 1993.

SPINOLA, Mauro de Mesquita. Leitura contextualizada do conhecimento espírita. Em: ENCONTRO NACIONAL SOBRE O ASPECTO SOCIAL DA DOUTRINA ESPÍRITA, 3. Salvador, BA, mar 1989. *Anais*. s.n.t.

SPINOLA, Mauro de Mesquita. *Centro espírita*: uma revisão estrutural. São Paulo, CPDoc, 1997.

—. Centro espírita: uma revisão estrutural. Em: SBPE - SIMPÓSIO BRASILEIRO DO PENSAMENTO ESPÍRITA, 3. Santos, SP, 3-6 set 1993. *Anais*. Santos, SP, Licespe, 1993.

UNIÃO DAS SOCIEDADES ESPÍRITAS DO ESTADO DE SÃO PAULO. *Relatório da comissão nomeada pelo CDE da USE, em 13 de setembro de 1987, para apurar denúncias feitas contra a UME de Santos*. São Paulo, USE, 22 mai 1988.

VIEIRA, Waldo. *Conduta espírita*. Ditado pelo espírito André Luiz. 4ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1971.

XAVIER, Francisco Cândido. *Coragem*. 2ª ed. Uberaba, CEC, 1973. p. 17-18.

—; VIEIRA, Waldo. *Desobsessão*. Ditado pelo espírito André Luiz. 4ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1979.

—. *Nos domínios da mediunidade*. Ditado pelo espírito André Luiz. 12ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1983.

—. *O consolador*. Ditado pelo espírito Emmanuel. 7ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1977.

(*) Engenheiro eletrônico, doutor em engenharia de computação, professor universitário, membro do CPDoc, Diretor do Centro de Estudos Espíritas José Herculano Pires, de S. Paulo, autor do livro Centro Espírita – uma revisão estrutural, presidente da Comissão Organizadora da XIV Conferência Espírita Pan-Americana.

COMO? UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA O PROCESSO PERMANENTE DE ATUALIZAÇÃO DO ESPIRITISMO

I. INTRODUÇÃO

Entre os estudiosos espíritas identificados com uma concepção laica, não dogmática e não religiosa do Espiritismo, foram sendo construídos, progressivamente, neste final de século, alguns consensos.

Vem ganhando força, dentre estes, a necessidade de desencadear um processo de discussão sobre a atualização do Espiritismo, mesmo sob forte reação por parte daqueles que dominam o movimento espírita de matiz religioso. Neste contexto está inserido o XVIII Congresso Espírita Pan-Americano, promovido pela Confederação Espírita Pan-Americana, CEPA e realizado pelo Centro Cultural Espírita de Porto Alegre no período de 11 a 15 de outubro de 2.000, com o Tema Central: "Deve o Espiritismo Atualizar-se?", importante marco histórico e referencial para o processo de atualização do Espiritismo.

Pressupomos que tal propositura, fundamentada na obra e no pensamento de Kardec em relação à natureza e à necessidade de progresso do Espiritismo, é pertinente e vital para a própria sobrevivência da doutrina espírita, condenada ao mesmo destino das religiões tradicionais se mantida a postura reinante, assumida pelos espíritas evangélicos. A única possibilidade que se coloca para que o Espiritismo prossiga contribuindo com o desenvolvimento evolutivo da humanidade é atualizar-se continuamente, num processo permanente, respondendo às velhas (para as quais possui farta contribuição) e novas (as quais nem sempre identifica) demandas do homem e do mundo contemporâneo, em permanente mutação.

Qualquer atualização que se queira empreender, entretanto, não poderá dispensar uma análise de conteúdo, a constituição de uma Agenda Espírita que identifique conceitos, temas, afirmativas e informações defasadas em face de novos conhecimentos não abordados nas obras básicas ou que foram tratados de forma condicional por Kardec e pelos espíritos que com ele construíram o corpo doutrinário.

Não poderá prescindir de uma adequação semiótica e da redefinição e atualização da linguagem, que sabidamente utiliza-se de terminologias e expressões ultrapassadas ou inadequadas.

Tampouco de uma redefinição epistemológica, afinal persistem para a grande maioria dos espíritas enormes dúvidas e confusões sobre a natureza e o caráter do Espiritismo, em particular sobre a forma como se deu (e portanto como se dará) a construção do pensamento espírita.

Passa ainda pelo reconhecimento de que o Espiritismo, enquanto conjunto de idéias identificadas com sujeitos sociais concretos (embora reconheçamos a existência e a importância de sujeitos incorpóreos, os espíritos desencarnados), na medida em que se institucionalizou foi se constituindo como um movimento social, portador de diferentes e, sob vários aspectos, conflitantes leituras, relações de poder e disputas ideológicas que devem ser consideradas em qualquer proposta de atualização.

Este trabalho procura desenvolver uma proposta metodológica para o processo de permanente atualização do Espiritismo, estruturada a partir do conjunto de preocupações acima esboçadas.

Acreditamos que a discussão do método de atualização é vital para que seja atingido e viabilizado tal objetivo. Se, a priori, for simplesmente desconsiderada ou considerada secundária a formulação de uma metodologia a ser utilizada neste processo, a atualização do Espiritismo será sumariamente abortada, restringindo-se, desta forma, a um momento histórico de reflexão crítica empreendida por setores contra-hegemônicos do movimento espírita, um "insignificante" movimento nascido na última década e que morreu de inanição no último ano do século XX. E essa é exatamente a história que não desejamos escrever e transportar para o próximo milênio.

Antes de abordarmos de forma objetiva uma proposta metodológica de atualização do Espiritismo, salientamos que algumas reflexões sobre o caráter, a natureza e o futuro do mesmo, intimamente relacionadas ao assunto tratado neste texto devem ser aprofundadas, as quais por limite de espaço não serão aqui efetuadas, apenas discriminadas:

Qual o verdadeiro caráter e natureza do Espiritismo?

Qual a herança do Espiritismo para o conhecimento humano de 1857 até o presente? Qual efetivamente a sua influência do ponto de vista da evolução do conhecimento e do comportamento humano? O que representa para a sociedade humana contemporânea?

Qual a atualidade da concepção filosófica espírita e qual sua capacidade em produzir respostas aos problemas do homem e do mundo atual, vislumbrando-se a sociedade do século XXI?

Existe viabilidade para que seja empreendida uma atualização do Espiritismo?

Terão os espíritas capacidade de reverter a postura atual (absolutamente contemplativa e submissa a uma postura religiosa, estagnante, cristólatra e "absolutizadora" do caráter divino atribuído às manifestações mediúnicas de origem religiosa) e as enormes contradições que daí resultam no seio deste movimento?

Talvez fosse possível imaginar um cenário diferente da evolução real na qual se construiu a história do Espiritismo após o desencarne de Allan Kardec. Tenho presenciado alguns exercícios especulativos muito interessantes neste sentido. O que teria ocorrido com o Espiritismo, por exemplo, se não tivessem ocorrido as duas grandes guerras mundiais? Ou se não houvesse a Revolução Russa de 1917? A polarização do mundo em capitalismo e comunismo durante tanto tempo? Teria sido diferente sua evolução na Europa e em todo o mundo?

É preciso reconhecer, antes de mais nada, nossa incapacidade de definir o futuro das coisas. O futuro se constrói no presente. O resto é ficção.

É fundamental planejar estrategicamente o futuro, construir "imagens-objetivos", nossas utopias referenciais. Mas não podemos, por respeito à inteligência, admitir cenários spilbergianos, onde se manipula e altera o futuro a nosso bel-prazer. Nossa capacidade de alterar o destino das coisas é diretamente proporcional ao quanto nos esforçamos e trabalhamos para que isto de fato ocorra.

Em relação ao futuro do Espiritismo, é necessário reconhecer que do ponto de vista daquilo que imaginava Kardec e os espíritos que com ele fundaram a Doutrina Espírita, houve um grande fracasso[1] .

Não é por menos que Léon Denis celebrizou uma expressão, exaustivamente repetida porém pouco ou nada compreendida e observada pelos espíritas: "O Espiritismo será no futuro o que dele os espíritas fizerem".

Qual o futuro imediato do Espiritismo? Em minha opinião, desenham-se dois cenários possíveis:

Num primeiro, o Espiritismo consolida-se no século XXI como mais uma seita cristã restrita à América Latina, fortemente enraizada no Brasil e, sob sua influência, pequenos grupos em outros países da Europa e das Américas. Um pequeno grupo contra-hegemônico, articulado em torno da CEPA, experimenta algum crescimento no final do século XX e início do XXI, procurando estabelecer um processo de redefinição de rumos, mas sucumbe frente ao poder conservador da tendência hegemônica.

Em outro cenário, o movimento religioso espírita segue seu rumo, firme e forte, consolidando-se como mais uma seita evangélica. Ao contrário do cenário anterior, entretanto, vislumbro a possibilidade de crescimento vertiginoso do número de espíritas livre pensadores, humanistas e progressistas, laicos ou não, pois nesta adjetivação está certamente incluída parcela significativa de espíritas e entidades que se auto designam religiosas mas que não aceitam a dominação conservadora de algumas instituições e lideranças cristólatras e/ou místicas, com todos seus rituais e formalismos religiosos e a conseqüente esclerose intelectual. Este crescimento, em minha opinião, tende a se desenvolver sob liderança da CEPA, exatamente porque esta instituição está aberta ao progresso das idéias e à unificação de propósitos sinceros em prol do desenvolvimento do Espiritismo. Pode, desta forma, induzir um processo de ampliação do número e da qualidade dos adeptos da filosofia espírita, angariando maior respeito e consideração da universidade, das disciplinas científicas e dos meios de comunicação de massa. E o que é mais importante, ampliar consideravelmente a capacidade de influenciar objetivamente a sociedade humana através dos princípios fundamentais que compõem a filosofia espírita, alargando os laços de solidariedade, respeito, justiça, amor e fraternidade, contribuindo para a construção de um mundo mais civilizado. Sem a necessidade obsessiva de transformar (com o objetivo de "salvar") os habitantes do planeta em adeptos do Espiritismo. Mas influenciando-os através da visão de homem e de mundo e das derivações éticas e morais decorrentes de nossa filosofia.

A seguir, destaco alguns pressupostos que considero de fundamental importância para a formulação de uma proposta metodológica de atualização do Espiritismo, intimamente relacionados às formulações levantadas anteriormente:

- o Espiritismo é a ciência que trata das relações do mundo espiritual e material, portadora de uma concepção filosófica humanista, que resulta em conseqüências éticas e morais (comuns às preocupações religiosas sinceras e desprovidas de ritualismos e sectarismos);
- a atualização não pode ser um modismo mas deve constituir-se num processo permanente, incorporado definitivamente à Praxis espírita;

- deve admitir a heterogeneidade, o direito de ser e pensar diferente, de estabelecer novos referenciais a partir dos fundamentos espíritas básicos;
- é necessário reconhecer que a Filosofia Espírita, fundamentada na obra de Kardec, permite o desenvolvimento de distintas leituras, a partir do conjunto de interesses e necessidades humanas (e que isso também é democrático);
- não é necessário decidir por maioria quantitativa, mas pela capacidade/qualidade do conjunto de idéias impondo-se pela sua própria força, clareza e atualidade como novas verdades;
- é fundamental buscar de forma prioritária a atualização em torno de pontos convergentes. O que é consensual em primeiro lugar, o que pode vir a ser consensual (mesmo que parcialmente) em segundo plano e por último, aquilo que de fato estabelece as distintas concepções e nos divide (mesmo que partamos ou não dos mesmos referenciais);
- só se atualiza o que não se nega, o que ainda tem valor essencial (caso contrário estaríamos substituindo o Espiritismo por algo diferente). Somente se atualiza sobre bases estabelecidas (mesmo que em parte ultrapassadas ou defasadas). Por outro lado há novos conhecimentos a serem formulados;
- que a busca da atualização deve ser estabelecida a partir das mesmas bases sérias e coerentes que pautaram a obra de Kardec, guiada pela racionalidade e pela ciência, sem afetações, partidarismo e misticismo;

Allan Kardec identificou desde o primeiro instante a necessidade de atualizar o Espiritismo, o que pode ser claramente percebido em trechos de sua obra, em particular no Capítulo Primeiro de "A Gênese - Os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo", intitulado Caracteres da Revelação Espírita, publicado em 1868 e que já havia sido veiculado por Kardec, numa primeira versão, na Revista Espírita em 1867;[(2)]

"O Espiritismo, avançando com o progresso, jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrarem que está em erro acerca de um ponto, ele se modificará nesse ponto; se uma verdade nova se revelar, ela a aceitará." (A Gênese, Cap. I - Caracteres da Revelação Espírita).

"O terceiro ponto, enfim, é inerente ao caráter essencialmente progressivo da Doutrina. Pelo fato de ela não se embalar com sonhos irrealizáveis, não se segue que se imobilize no presente. Apoiada tão-só nas leis da Natureza, não pode variar mais do que estas leis; mas, se uma nova lei for descoberta, tem ela que se pôr de acordo com essa lei. Não lhe cabe fechar a porta a nenhum progresso, sob pena de se suicidar. Assimilando todas as idéias reconhecidamente justas, de qualquer ordem que sejam, físicas ou metafísicas, ela jamais será ultrapassada, constituindo isso uma das principais garantias da sua perpetuidade." (Obras Póstumas - Constituição do Espiritismo - Dos Cismas)

"Não será, pois, invariável o programa da Doutrina, senão como referência aos princípios que hoje tenham passado à condição de verdades comprovadas. Com relação aos outros, nãos os admitirá, como há feito sempre, senão a título de hipóteses, até que sejam confirmados. Se lhe demonstrarem que está em erro acerca de um ponto, ela se modificará nesse ponto." (obra citada)

"O princípio progressivo, que ela inscreve no seu código, será a salvaguarda da sua perenidade e a sua unidade se manterá, exatamente porque ela não assenta no princípio da imobilidade." (obra citada)

"Serão estas as atribuições principais da comissão central: 1°...; 2° O estudo dos novos princípios, suscetíveis de entrar no corpo da Doutrina; 3° ... 15ª A convocação dos congressos e assembléias gerais." (Obras Póstumas - Constituição do Espiritismo - Comissão Central)

Que há setores significativos do Movimento Espírita que consideram desnecessário e lesivo qualquer processo de atualização do Espiritismo, uma vez que concebem sua origem e natureza como "divina", portanto passível de modificação apenas por ordem e graça da "espiritualidade";

Que mesmo companheiros espíritas que discutem a necessidade de atualizar o Espiritismo, em função de distorções em suas concepções e formação doutrinária, tendem a assumir uma postura arrogante e conservadora do ponto de vista intelectual. Vejamos, por exemplo, um pequeno trecho de um "mail"[(3)] que identifica claramente esta concepção: "Apesar disso ainda temos uma sólida e imbatível doutrina. É plataforma segura para se alcançar novos vôos com a ciência responsável e metodológica, pois esta é a sina do Espiritismo: ir onde a ciência está, já sabendo que a ciência vai onde o Espiritismo já foi..." (o grifo é meu);

Que é indiscutível a atualidade de partes importantes e fundamentais da obra de Kardec, não superadas pela Ciência, encontrando-se estas, portanto, em plena vigência;

Que atualizar o Espiritismo é procurar "torná-lo atual, situá-lo na época em que vivemos, torná-lo presente e atuante em todos os setores do pensamento humano. Isso implica numa releitura, numa ressignificação, portanto, numa revisão dos conteúdos, não só da obra de Allan Kardec, como da dos demais autores espíritas, encarnados e desencarnados, como também da linguagem e do método empregados na sua elaboração. Não se pode atualizar sem revisar.";[(4)] não se deve permitir a alteração ou supressão, parcial ou completa, dos textos e das obras de qualquer autor que seja – e em especial a de Allan Kardec. "Já as idéias, concepções e teorias expostas nas obras da Codificação e nas que lhe são complementares, como o próprio fundador do Espiritismo afirmava, não sendo mais do que a expressão do conhecimento dos seus autores, subordinadas ao contexto de uma época, são passíveis de revisão e de atualização.";[(5)]

II. O QUÊ ATUALIZAR?

Em outro trabalho apresentado ao Fórum de Temas Livres, no XVIII Congresso Espírita Pan-Americano, intitulado "AGENDA ESPÍRITA: identificando antigas e novas demandas para atualização do Espiritismo", desenvolvido com a colaboração de Sandra Regis e Nelson Melchior dos Santos Junior(6), procuramos delinear objetivamente um conjunto de questões que podem vir a ser objeto de uma releitura ou atualização, compreendidas em quatro diferentes grupos:

a. Conjunto de idéias e conceitos espíritas que com o tempo desatualizaram-se ou encontram-se em desacordo em relação ao conhecimento humano e, em especial, ao científico;
b. Conjunto de idéias e conceitos formulados parcialmente ou em caráter condicional por Allan Kardec e pelos espíritos que com ele fundaram o Espiritismo, em virtude:

da alegada incapacidade de definir ou descrever determinadas situações devido à inexistência de meios para tanto, por limitação de nossos conhecimentos ou de nossa linguagem (creio que já podemos compreender muitas coisas que em meados do século XIX seriam impossíveis);

da inexistência de permissão para a análise e aprofundamento de determinadas questões, ora porque não era chegada a hora, ora por entenderem que seria de competência dos espíritos encarnados a tarefa de produzir o conhecimento em torno de determinado assunto;

a necessidade de acompanhar o desenvolvimento científico para que fosse possível comprovar (ou não) uma determinada hipótese formulada e posteriormente incorporá-la definitivamente ao Espiritismo (expediente utilizado fartamente no último livro publicado por Allan Kardec, em 1868, denominado "A Gênese – Os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo", muito embora até hoje, transcorridos mais de 130 anos, este processo de confirmação crítica das hipóteses ainda não tenha sido realizado).

c. Antigos ou novos problemas ainda não abordados pelo Espiritismo ou conjunto de questões relacionadas ao mundo contemporâneo para as quais o Espiritismo não possui posições claramente definidas que possam produzir uma contribuição aos seres humanos e à sociedade, ou cuja versão difundida publicamente restringe-se à opiniões individuais de algumas lideranças ou figuras com alguma projeção pública. Ou, o que é mais grave ainda, restritas a opinião de um espírito (muitas vezes legitimadas não pelo seu conteúdo, mas sim pelo reconhecimento moral e projeção do médium) sem que sejam submetidas à análise crítica, ao método da concordância universal ou qualquer outro tratamento elementar exigidos ao lidar-se com informações de origem mediúnica (aceita-se as informações, equivocadamente, por sua pretensa origem divina);

d. A releitura e validação ou não de hipóteses e teorias estabelecidas através de literatura mediúnica (a excelente produção teórica a partir das reportagens do espírito André Luiz, por exemplo) ou a contribuição de estudiosos espíritas encarnados e que formularam suas contribuições posteriormente à Allan Kardec, como Léon Denis, Gabriel Delanne, Manoel Porteiro, José Herculano Pires, Hernani Guimarães Andrade, entre tantos outros.

Impõe-se, portanto, dada inclusive a variedade e quantidade de temas a serem objeto de investigação, estudo, formulação, debate e análise crítica e posterior atualização, que se defina de alguma forma o processo pelo qual será desenvolvido todo esse árduo mas necessário trabalho de atualização do Espiritismo, ou seja, a constituição de uma Agenda Espírita (o quê atualizar?) e de um Método de Atualização (como fazer a atualização?).

Não deve haver temas proibidos. Tudo deve e pode ser discutido. Entretanto, é preciso ter claro que os pressupostos aqui alinhavados induzem-nos a estabelecer com certa cautela esta agenda. Creio que devemos experimentar, inicialmente, por cerca de cinco a dez anos, um processo de discussão em que se busque o maior consenso possível, em temas centrados:

- na formulação de conceitos espíritas relacionados aos problemas humanos contemporâneos e que não tenham sido objeto de análise no período da fundação do Espiritismo ou pelos principais continuadores de Allan Kardec (questões relacionadas à bioética e ao desenvolvimento tecnológico, por exemplo);

- na epistemologia espírita, ou seja, sobre a natureza e o caráter do Espiritismo, em particular sobre a forma como se deu (e portanto como se dará) a construção do pensamento espírita;
- na revisão, atualização e modernização da linguagem e seus significados.
- Desta forma, proponho que a discussão em torno dos eixos paradigmáticos do Espiritismo seja programada para uma segunda etapa, quando além da análise crítica e dos acúmulos do processo desencadeado, poderemos estabelecer mais claramente o que se pretende e como avançar neste sentido.

Reafirmo, entretanto, a importância de estabelecer claramente uma Agenda Espírita. Creio firmemente que um dos maiores desafios da CEPA, a partir do XVIII Congresso Espírita Pan-Americano, será o de definir esta agenda para a atualização. Se isto for empreendido, o êxito do Congresso estará garantido e o esforço da CEPA recompensado.

III. COMO ATUALIZAR?

A partir da Agenda Espírita, o problema a ser estudado e para o qual se pretende produzir uma atualização deve ser claramente definido e abordado. Para tanto, proponho a elaboração de um Protocolo de Estudo ou Carta de Intenções, consensualizado entre todos os participantes, dando conta das seguintes formulações:

a. Que estudo está sendo proposto? (Definição, delimitação e caracterização do problema a ser abordado)

A ciência e o conseqüente domínio do homem sobre o meio progridem pela anexação de novos conhecimentos. Estes são gerados pela solução de problemas, e problemas só os têm aqueles que vivem em relação íntima com os fatos que os suscitam. Presença participante nos fatos, sensibilidade perceptiva e entusiasmo pela resolução de problemas são, no homem, as qualidades que o fazem produtor de conhecimentos.

Detectado um problema, seja ele evidente de tal forma que até leigos o percebam, ou encoberto a ponto de estar obscurecido mesmo para especialistas, a próxima tarefa é torná-lo concreto e explícito. Deve então ser colocado sob a forma de perguntas que possam ser respondidas através de hipóteses verificáveis ao longo de um estudo.

A análise de um problema envolve várias operações intelectuais e metodológicas que se complementam. Se consideramos que o problema seja a necessidade de explicar fatos empíricos até o momento não compreendidos, torna-se necessária uma completa elucidação das circunstâncias sob as quais os fatos ocorreram e o problema foi gerado. Deve-se buscar repostas através de perguntas formuladas que o bom senso e conhecimento relativo julguem significativas.

A explicação do problema sob a forma de perguntas às vezes é feita pari passu à sua análise. Tratando-se de um problema complexo, pode-se partir de um enunciado bastante geral e, à medida que o problema for sendo analisado, o enunciado estará sendo decomposto em problemas mais simples, respondíveis através de hipóteses claras, concisas e refutáveis.

É necessário ter sempre presente o fato de que a forma e o conteúdo das perguntas determinarão o encaminhamento da investigação, sua direção e limites. Uma análise mal feita ou enunciado mal colocado poderão levar a nada, quando não ao erro.

Na caracterização do problema a ser estudado reside um fator de alta complexidade para os propósitos de atualização do Espiritismo: os problemas que estão na base do Espiritismo podem ser problemas próprios da doutrina (a relação do mundo material e o espiritual, a mediunidade, a relação espírito e matéria, o perispírito, por exemplo) ou comuns à outros ramos do conhecimento humano (sexualidade, loucura e sofrimento psíquico, educação, ecologia, justiça, direitos humanos, drogas, amor, liberdade, política, etc.).

A solução deste segundo grupo de problemas, portanto, é multidisciplinar e mesmo em relação aos problemas formulados pelo próprio Espiritismo, é impossível abordá-los de forma isolada de outras disciplinas e saberes.

Isto exige, como não poderia deixar de ser, o manuseio do método, da forma própria de pensar e do corpo de conhecimento espírita. Exige também a utilização de outras ciências, que, consideradas em função de um objetivo comum, são complementares (porém essenciais) ao Espiritismo.

Ao contribuir com o Espiritismo para o esclarecimento dos problemas propriamente espíritas e para uma abordagem doutrinária dos problemas não especificamente espíritas, as ciências complementares colocam, naturalmente, problemas não-espíritas que lhe são respectivos: problemas estatísticos, epistemológicos, de linguagem, físicos, antropológicos, econômicos, sociológicos, psicológicos, etc.

Deve-se ter uma Justificativa consistente, incluindo-se de maneira clara, por que realizar a atualização deste tema e quais os benefícios que resultarão para o Espiritismo, os espíritas e/ou a sociedade. Da mesma forma, é necessário fornecer uma idéia geral do que será pesquisado, delimitando-se claramente qual será o Objetivo Geral do trabalho e seus Objetivos Específicos, incluindo-se uma listagem completa de todos os tópicos a serem estudados. Posteriormente, quando forem apresentados os resultados, deverão ser apresentadas respostas para cada um dos objetivos específicos elencados.

É de fundamental importância, ainda, a realização de completa Revisão e Análise Bibliográfica, compreendendo a revisão da literatura geral e especializada não espírita sobre o tema a ser estudado e os livros e trabalhos espíritas e espiritualistas, em especial as obras de Allan Kardec e seus principais continuadores. Entende-se por espíritas as que tratam dos assuntos pertinentes à Doutrina Espírita, incluindo-se nesta categoria obras de origem mediúnica ou não.

b. Quem vai participar do projeto?

Deverão ser constituídos grupos de trabalho formados por espíritas com experiência e conhecimento da obra de Allan Kardec e seus principais continuadores e que possam, a partir de sua área de formação profissional ou acadêmica, por se constituírem em especialistas em determinadas ramos do conhecimento humano, ou por serem estudiosos e interessados no estudo do Espiritismo e outras disciplinas, mesmo que autodidatas, contribuir com o processo de atualização do conhecimento espírita.

Não é necessário que estejam vinculados à uma determinada instituição espírita ou entidade confederativa. Estudiosos espíritas, em seus lares e escritórios poderão participar e contribuir decisivamente neste processo. Não serão estabelecidos filtros ideológicos, selecionando ou eliminando do estudo participantes por afinidade ou oposição à teses previamente definidas. Exige-se, obviamente, que sejam reconhecidamente espíritas.

Por outro lado, será estimulada a participação de instituições e agrupamentos espíritas que possam progressivamente redefinir parte do tempo de execução de suas atividades para o estudo e a atualização do pensamento espírita.

É fundamental que todos os participantes tenham o espírito e a mente abertos para o progresso das idéias, nível intelectual e uma boa formação cultural, além de disponibilidade e compromisso para participar em todas as etapas do estudo, a serem definidas no cronograma.

Os participantes serão divididos nas seguintes categorias:

Participantes individuais

Instituições participantes

Coordenadores Gerais e adjuntos

Relatores

Críticos externos

Estes últimos serão convidados para efetuar análise crítica dos resultados do estudo e não precisam ser adeptos do Espiritismo. Pelo contrário, seu distanciamento e formação forjados em outras áreas de conhecimento será de fundamental importância para que possam exercer livremente a análise crítica externa pretendida. O papel de cada uma das diferentes categorias de participantes propostas será discutido posteriormente.

c. Como o estudo será conduzido?

Sobre o método:

O ciclo necessário para o estabelecimento de um processo de atualização do Espiritismo deve se constituir numa série de etapas, que apenas particularizam um roteiro quase que obrigatório do modelo empírico de produção de conhecimentos em geral:

- a construção da questão e a formulação de hipóteses deverão ser feitas preferencialmente de modo a indicar com precisão e objetividade possíveis a natureza dos problemas em estudo. Toda hipótese resulta da construção de algum quadro teórico, apesar da maioria dos pesquisadores e estudiosos tradicionalmente omitir os modelos conceituais em que baseiam suas hipóteses. Para cumprir essa etapa, é recomendável um estudo cuidadoso da literatura científica específica sobre o assunto, a fim de não se repetir os passos (e equívocos) de outros pesquisadores, além de não se desperdiçar tempo e recursos;
- o planejamento do estudo deverá definir com a maior precisão possível qual a estratégia de investigação mais adequada em relação aos objetivos do estudo. A partir da definição e delimitação da abordagem do problema, é possível delinear o método de investigação mais adequado a cada objeto a ser investigado. Não deve haver, a priori, um único método (ou "o método") aceitável para que se produza o estudo visando a

Deve-se selecionar as técnicas de produção de dados mais eficientes para os objetivos da pesquisa e mais adequadas para o estudo. A fonte ("matéria-prima") desses dados pode ser registros de comunicações mediúnicas, de questionários ou registros de experimentações, ou outras formas de registro que constituem os dados secundários, como textos publicados e produzidos por outros autores;

Os instrumentos e procedimentos de produção e análise de dados deverão preencher critérios de operacionalidade e adequação para a aplicação por diferentes participantes e grupos, o que implica na simplificação de técnicas empregadas em âmbitos de pesquisa e estudos com grupos reduzidos. Além disso, quando se amplia a quantidade de grupos e participantes, é necessário desenvolver uma técnica de estudo, registro, circulação e sistematização dos resultados simples e com confiabilidade. Pode ser necessário, neste sentido, o treinamento dos participantes do estudo na coleta de informações e uso de técnicas padronizadas, soluções geralmente eficazes para a melhoria da confiabilidade dos dados;

A última fase consiste no chamado trabalho de campo, que na verdade constitui-se no próprio processo de produção de dados referentes às variáveis e temas em estudo, através do emprego criterioso das técnicas de coleta dentro da estratégia de pesquisa selecionada. O processo de investigação deverá produzir dados de modo a alimentar a análise e sistematização capaz de efetivamente abordar o problema da pesquisa, transformando dados em informação útil.

Procuro, a partir deste trabalho, traçar algumas sugestões que considero factíveis e coerentes. Trata-se, apenas, de propostas preliminares, contribuições para o debate e que deverão ser amplamente discutidas, reformuladas e modificadas. Assim como a definição da Agenda Espírita, abordada anteriormente, considero a delimitação e definição deste processo, ou seja, o como fazer a atualização do Espiritismo, outro importante desafio para o XVIII Congresso Espírita Pan-Americano e para a CEPA.

Formação de Grupos de Trabalho:

A implementação de grupos de trabalho multicêntricos, construídos numa perspectiva ascendente (piramidal ou em mosaicos), pode, potencialmente, implementar uma enorme, envolvente e produtiva rede de estudo que desenvolva com legitimidade o processo de atualização do Espiritismo. Desta forma, estabelecer-se-ia, inicialmente, um grupo de trabalho em uma determinada instituição espírita, onde parte de seus membros se disponibilizassem a participar do processo de atualização de uma certa questão em estudo.

Naquela cidade ou região, dependendo da quantidade de participantes, realizar-se-iam oficinas de trabalho reunindo os participantes individuais e instituições envolvidas no trabalho, com uma periodicidade bimestral ou trimestral, dependendo novamente do objeto em estudo.

Semestral ou anualmente seriam realizadas oficinas de caráter nacional e se possível internacional, com um grupo de participantes indicados e que representassem os grupos de trabalho regionais. Para tanto, o Simpósio Brasileiro do Pensamento Espírita(7) e eventos similares realizados em outros países poderiam ser utilizados como pontos de referência, a partir de sua própria estrutura e programação ou através de eventos paralelos, facilitando e estimulando a realização destas oficinas, aproveitando o deslocamento de companheiros espíritas de várias localidades do país.

As Conferências Regionais Espíritas, promovidas periodicamente pela CEPA, poderiam facilitar em muito o processo de aglutinação dos espíritas de distintos países e continentes que se dispusessem a participar deste processo. Para tanto, deveriam assumir, em caráter prioritário, estes conteúdos temáticos, ou então proporcionar flexível programação de estudos que possibilitasse a realização de oficinas paralelas de atualização doutrinária.

Se este processo for construído de forma ascendente, possibilitará a participação de muitos espíritas em todo o planeta. A utilização de listas de discussão espíritas na Internet e em canais de chat, entre cada uma das fases do estudo, permitirá ainda a realização de oficinas virtuais (em tempo real) e disseminação dos dados, análises e críticas, eliminando os problemas relacionados às enormes distâncias e aos custos inerentes ao deslocamento dos participantes.

Por mais democrático que se queira estabelecer este processo, entretanto, em cada oficina (local, regional, nacional ou internacional) devem participar de 10 a 20 membros do grupo de trabalho, no máximo. É improvável que haja um produto efetivo e consubstancial se este processo for caracterizado por um "assembleísmo".

Deve-se apenas garantir, democraticamente, o acesso irrestrito a todo os participantes do grupo de trabalho aos bancos de dados e aos papers com as sínteses que forem sendo produzidas ao longo do processo.

Coordenação e Sistematização:

É fundamental que o Grupo de Trabalho, composto por espíritas estudiosos, especialistas e interessados, tenha claramente delimitada uma coordenação. Não acreditamos em espontaneísmo ou na capacidade de auto-coordenação de um grupo multicêntrico e tão heterogêneo.

Para tanto, creio que deva ser designado um Coordenador Geral para cada um dos grupos de trabalhos temáticos que vierem a ser constituídos, auxiliados por dois coordenadores adjuntos. Estes terão como tarefa a coordenação e o acompanhamento do cumprimento de cada uma das etapas estabelecidas no Protocolo e no Cronograma do Estudo, na organização das oficinas, nas relações com as universidades e pesquisadores que farão a crítica externa ao trabalho, servindo ainda como referência para os membros e instituições participantes.

Em cada grupo local ou regional deve-se estabelecer uma referência para organizar o processo, as oficinas, sistematizar os produtos do trabalho (textos, bancos de dados, etc.) e uma ponte de representação junto à coordenação geral, através da indicação de um representante regional.

Deve-se ainda estabelecer uma Coordenação de Sistematização, composta por membros (duas a três pessoas) dos Grupos de Trabalho com reconhecida capacidade de redigir e sistematizar as conclusões parciais e, posteriormente, finais do trabalho de atualização.

Pesquisa Mediúnica e a Concordância Universal

Sempre que estiver contida entre as estratégias metodológicas para o trabalho de atualização de determinado assunto, a mediunidade deverá ser utilizada seguindo-se o método estabelecido por Allan Kardec em "O Livro dos Médiuns", adaptando e introduzindo, para efeitos de comodidade e melhor aproveitamento das informações obtidas, algumas tecnologias de baixa complexidade e alta resolutividade, tais como gravação das comunicações em vídeo, K-7 e transcrição e disseminação dos resultados obtidos através da Internet.

A experiência obtida através dos trabalhos desenvolvidos pelo Grupo de Pesquisa Científicas Ernesto Bozzano, no C.E. Allan Kardec, de Santos-SP, que relatamos de forma sumária a seguir, poderiam ser utilizadas como referência inicial, por sua simplicidade, praticidade e fidelidade ao método estabelecido por Allan Kardec.

O método de investigação mediúnica utilizado pelo GPCEB procurou reproduzir e adaptar a metodologia clássica construída e consagrada por Allan Kardec.

O GPCEB utilizou, como metodologia de trabalho, a análise crítica dos diálogos efetuados pelo grupo com os espíritos desencarnados. Estabeleceu-se, para tanto, alguns objetos de investigação, quais sejam: Estrutura do Centro Espírita Allan Kardec (de Santos-SP) no Plano Espiritual; Estrutura do Movimento Espírita no Plano Espiritual; Mecanismos da Mediunidade: o Processo de Comunicação Mediúnica; A Vida no Plano Espiritual; Perispírito e Emissões Energéticas à Distância.

Paralelamente, a equipe de Espíritos que coordena o trabalho no CEAK e que se integrou à pesquisa de forma entusiasmada, desenvolveu um objeto alternativo, posteriormente identificado pelos membros do GPCEB, demonstrando as diferentes formas de pensamento dos espíritos desencarnados.

Para cada um dos objetos designou-se um responsável, com a tarefa inicial de realizar pesquisa bibliográfica em relação ao tema, com a conseqüente elaboração de um roteiro de questões a serem respondidas pelos espíritos.

As informações foram obtidas através de diálogos estabelecidos a partir desses roteiros pré-elaborados pelo GPCEB. Como no método desenvolvido pelo fundador do Espiritismo(8) , "... chegávamos a cada sessão com uma série de perguntas preparadas, e metodicamente arrumadas".

Foi comum a prática de evocação relacionada aos temas a serem pesquisados, sem que houvesse, entretanto, direcionamento à determinada personalidade. Em algumas reuniões foram evocados nominalmente entidades para debater questões pontuais e dúvidas persistentes. Na ausência de questionários previamente elaborados, o que ocorreu de forma esporádica, as reuniões foram desenvolvidas com temas livres.

O roteiro de perguntas foi repetidamente submetido a vários espíritos, em diferentes reuniões, por diferentes médiuns. O processo de formulação intelectual dos membros encarnados, pertencentes ao GPCEB, foi permanente e intenso.[9]

Para a consecução do trabalho de análise, foram utilizadas as transcrições das gravações de fitas magnéticas referentes as dezenas de reuniões de pesquisa mediúnica realizadas semanalmente, às segundas feiras, com aproximadamente duas horas de duração, por mais de três anos, no Centro Espírita Allan Kardec, de Santos-SP. Estas reuniões contaram com a presença de dois coordenadores que alternavam a cada semana a direção dos trabalhos, três pesquisadores membros do GPCEB e seis médiuns. Destes, dois proporcionaram comunicações psicográficas e psicofônicas e os demais se restringiram às comunicações psicofônicas; todos conscientes (intuitivos e semi-mecânicos na classificação proposta por Kardec[10]) e com mais de 25 anos de exercício mediúnico.

Após alguns meses, o GPCEB foi convidado pela direção do CEAK a assumir a direção do Departamento de Pesquisas daquela entidade, passando a se responsabilizar pela direção desta reunião mediúnica, inteiramente destinada à pesquisa científica. A qualidade do produto final e a própria metodologia utilizada pelo GPCEB são ainda hoje consideradas experiências referências, que podem ser utilizadas no processo de atualização do Espiritismo, particularmente no que diz respeito a utilização do método mediúnico com tal finalidade.

O "método" mediúnico pressupõe a utilização do controle e da concordância universal dos ensinamentos e opinião dos espíritos. Toda nova tese somente será validada se após a análise crítica de seu conteúdo (e não de forma) apresentar coerência e consistência comparativa, adquirindo caráter universal e não a visão particular de um espírito ou grupo de espíritos.

Pressupõe-se e estabelece-se como de fundamental importância que os investigadores tenham pleno conhecimento teórico e prático da mediunidade (cuja referência fundamental é o "Livro dos Médiuns", de Allan Kardec), sendo capazes de lidar com as diversas situações que podem induzir a erros em relação a produção e análise das informações obtidas através da mediunidade.

Importa salientar, todavia, que a investigação mediúnica não deve ser utilizada como a única via de produção de conhecimento e de atualização do pensamento espírita. Não pode, por outro lado, ser desprezado ou subutilizado esse instrumento de investigação da realidade, particularmente nos assuntos correlacionados à vida no mundo espírita, perispírito, entre outros temas, em que a opinião dos espíritos (se for estabelecida uma concordância universal e submetida à análise crítica e racional) pode alargar em muito nossa compreensão em torno do objeto em estudo. Reforça-se, desta forma, sobremaneira o papel dos espíritas (encarnados) no progresso do Espiritismo.

Crítica externa:

Todas as conclusões resultarão em teses de atualização em relação a visão espírita sobre algum tema ou conceito. É extremamente desejável, entretanto, que estas contribuições não "nasçam velhas", superadas ou em contradição com os conhecimentos e avanços científicos atuais.

Torna-se de fundamental importância, portanto, submeter as conclusões à crítica externa, utilizando-se profissionais reconhecidamente especialistas na área abordada, preferencialmente ligados à universidade, para análise quanto ao conteúdo das formulações, resultados, linguagem e método utilizados. Não é necessário que haja concordância, por exemplo, do parecer exarado em relação ao conteúdo das conclusões do Grupo de Trabalho ao se solicitar uma análise de um professor de física nuclear ou de um especialista da área de biologia molecular, tradicionalmente vinculados à concepção materialista. Mas a crítica pode ser extremamente útil na formulação de teses e hipóteses mais consistentes e na adequação da linguagem e do método.

Busca-se, desta forma, auferir e aumentar a validade, a precisão e a confiabilidade dos resultados obtidos.

Não tenho dúvida, ainda, do papel positivo e estimulador da produção de conhecimentos (quase que provocador) e da divulgação do Espiritismo que esta mudança de postura em relação à academia provocaria. Hoje (assim como ontem), os espíritas esperam que a universidade e o desenvolvimento científico venham ao encontro dos conceitos espíritas, como se este fosse um caminho inexorável para a ciência. Não é. Os pequenos mas consistentes avanços obtidos pela ciência espírita foram exatamente quando o fenômeno espírita foi analisado pelo método científico e por pesquisadores não espíritas que se debruçaram na investigação uma vez provocados pelos espíritas ou pela própria fenomenologia.

Conclusão do Estudo:

Uma vez estabelecidas as conclusões finais do Grupo de Trabalho, far-se-ia a circulação e divulgação das mesmas por um período de um a dois anos, sob o título de "Tese para a atualização do tema:.....". Neste período, procurar-se-ia submetê-la a um grande processo de crítica interna (junto ao movimento espírita) e externa (conhecimentos científicos de outras disciplinas e correntes do pensamento humano), avaliando a vulnerabilidade e a consistência desta nova proposta de formulação conceitual.

Ao cabo deste período, poder-se-ia incorporar parcialmente algumas destas críticas, refutá-las integral ou parcialmente para enfim, em um Fórum Espírita Internacional especificamente criado para tal fim, desencadear um processo de deliberação.

Creio que o ideal é que este Fórum Espírita Internacional fosse realizado, a princípio, a cada 5 ou 6 anos e, posteriormente, a cada 10 anos, se possível com a participação das diversas tendências existentes no movimento espírita (respeitando-se sua heterogeneidade e reconhecendo a impossibilidade de uniformizá-lo em uma corrente única), com a responsabilidade de estabelecer o processo de deliberação e incorporação deste tema em estudo, devidamente atualizado, ao contexto e aos conceitos da doutrina espírita.

A CEPA, definitivamente extrapolando seu caráter interamericano, deve procurar dirigir partilhadamente com outras instituições federativas, grupos e tendências do movimento espírita, a responsabilidade pela articulação deste Fórum Espírita Internacional, dedicando-se ao exaustivo processo de negociação que irá requerer tal empreitada.

Deve estar preparada, entretanto, para assumir a direção deste movimento caso não haja correspondência ao convite público que tem emitido à outras entidades e lideranças federativas para o desenvolvimento deste processo de atualização do Espiritismo. Mesmo que para isso

tenha que mudar seus estatutos e finalidades, passando de fato e de direito a liderar os espíritas kardecistas laicos, livre pensadores, humanistas e preocupados com o progresso do Espiritismo em todo o mundo.

A CEPA deve, assim, independentemente da resposta e da participação do movimento espírita no processo de atualização do Espiritismo, constituir imediatamente uma Comissão de Relações Intercontinentais, de caráter permanente, com representantes das três Américas, da Europa e na medida do crescimento do Espiritismo, dos demais continentes. Tendo em vista o vigor do movimento espírita no Brasil, Argentina e Venezuela, inicialmente esta comissão poderia contar com representação também destes três países.

Caso não haja consenso, será necessário estabelecer um pacto ético que permita a cada tendência do movimento espírita caminhar com suas próprias conclusões, tomando cada uma o cuidado de advertir em suas publicações, congressos, conferências, etc., de forma honesta e respeitosa, que não se tratam de teses aceitas pela totalidade do movimento espírita. De toda forma, antevejo enormes e aparentemente insuperáveis dificuldades para a obtenção de unanimidade em torno de questões extremamente polêmicas, mesmo que partamos das mesmas referências conceituais de análise (as obras de Allan Kardec e os princípios básicos da filosofia espírita). É praticamente impossível supor que haja unanimidade e consenso em torno da revisão e atualização do Espiritismo, até mesmo porque parte significativa do movimento não o considera passível de atualização em função de seu entendimento quanto à natureza (divina) daquele.

Divulgação e Disseminação dos Resultados

Deve-se definir prioritariamente como os resultados serão divulgados e disseminados, uma vez aprovados pelo Fórum Espírita Internacional, pois o coroamento e êxito de todo este processo depende em muito da capacidade de disseminar e capilarizar os resultados obtidos.

É importante planejar (e aí identifico outra importante pauta para a próxima Diretoria Executiva da CEPA, a ser constituída a partir do XVIII Congresso da CEPA) como os resultados serão apresentados e difundidos para a comunidade espírita e para a sociedade em geral.

Não tenho propostas prontas e acabadas para tanto. Quando muito ouso fazer algumas sugestões, reconhecendo as especificidades e complexidade do campo da Publicidade e da Propaganda, uma das mais novas áreas sistematizadas de conhecimento humano e para a qual o movimento espírita ainda não despertou, lidando amadoristicamente com a questão.

Temos inúmeros companheiros espíritas, profissionais e especialistas na área que deverão, em conjunto com aqueles de labutam há muitos anos na área da divulgação espírita, produzir uma política de comunicação e propaganda competente e consistente, moderna e adequada aos novos tempos e aos meios de comunicação de massa e formação de opinião existentes.

Algumas idéias, entretanto, aqui são apresentadas:

utilização massiva da Internet, através de Home-page específica e das entidades espíritas;

publicação de livros (em vários idiomas) com as conclusões e deliberações finais do Fórum Internacional (impressos, em CD-ROM e multimídia);

publicação nos periódicos (jornais, boletins e revistas), programas de rádio e TV espíritas e espiritualistas;

realização de Seminários e outros eventos para públicos espíritas e não espíritas abordando os assuntos atualizados;

eficiente e persistente manifestação da visão espírita em relação aos principais problemas humanos nos debates públicos promovidos pelos meios de comunicação de massa;

utilização estratégica de manifestações culturais e artísticas para difusão destes conhecimentos (vídeo, cinema, música, teatro, fotografia, artes plásticas, etc.) com envolvimento de artistas e produtores simpatizantes e adeptos do Espiritismo;

estímulo à jovens profissionais e acadêmicos espíritas para que desenvolvam monografias e teses de pós-graduação correlacionando, na medida do possível, sua área de atuação profissional ou acadêmica específica com a investigação e ampliação do conhecimento espírita.

Cronograma

Torna-se fundamental o desenvolvimento de um Cronograma de Trabalho (anexo) que esteja contido no Protocolo de Estudos, tanto para o acompanhamento e organização do processo como para que haja um real comprometimento dos envolvidos quanto a apresentação de resultados.

Os espíritas não devem imaginar que participarão de um processo que se encerra em si mesmo. O produto final esperado é da maior relevância para o destino e progresso do Espiritismo. Desta forma, justifica-se a importância que destinamos ao conceber este processo de atualização do Espiritismo e cada uma das etapas que compõe o Cronograma de Trabalho.

IV. CONCLUSÕES

O momento não permite conclusões. Este estudo reflete preocupações cuja análise e formulação de propostas estão totalmente em aberto, aguardando o processo de debate, crítica, sugestões e novas formulações. Numa conjuntura em que a expressão "abertura" reveste-se de caráter especial.

O XVIII Congresso Espírita Pan-Americano representa o marco inicial deste processo de atualização do Espiritismo. À CEPA cabe em grande parte a responsabilidade pela continuidade e seqüência deste processo. O sucesso deste evento e os avanços que poderão ser empreendidos dependerão única e exclusivamente de nossa participação efetiva, vibrante, corajosa, despojada de pré-conceitos e do espírito bélico que caracteriza as relações entre os espíritas.

É preciso que não nos esqueçamos das sábias e prudentes recomendações que Allan Kardec inseriu no penúltimo parágrafo da Conclusão de O Livro dos Espíritos, referindo-se às divergências de opiniões sobre pontos da teoria entre os adeptos do Espiritismo:

"Pode pois haver escolas que procurem se esclarecer sobre as partes ainda controvertidas da ciência; não deve haver seitas rivais uma das outras. (...) todos têm um laço comum que os deve unir num mesmo pensamento; todos têm um mesmo objetivo. (...) Nenhuma deve se impor pelo constrangimento material ou moral (...) A razão deve ser o supremo argumento e a

moderação assegurará melhor o triunfo da verdade do que a crítica envenenada pela inveja e pelo ciúme." (grifos deste autor).

Este processo não poderá dispensar, ainda, um intenso e competente esforço intelectual e muita determinação para levar em frente as oportunidades que se abrem e não desprezá-las futilmente.

As bases para a releitura e atualização do Espiritismo estão plantadas. Foram germinadas no século XIX por Allan Kardec em sua genial obra de estruturação do pensamento espírita. Deste processo depende o futuro do Espiritismo. Depende a sua capacidade de interlocutar e influir nos destinos da humanidade, de contribuir com o processo de evolução do planeta e ao mesmo tempo de se revigorar enquanto uma potente doutrina filosófica.

Mais do que nunca permanece vivo, atual e instigante o desafio lançado por León Denis: "O Espiritismo será no futuro o que dele os espíritas fizerem".

REFERÊNCIAS

Ver para tanto:
Kardec, A . Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos. "O Futuro do Espiritismo". São Paulo, Edicel: Ano 1863 (pág. 192) e 1868 (pág. 049).

Kardec, A . Obras Póstumas. "O Futuro do Espiritismo". Araras, São Paulo, IDE, 6ª edição, 1997, pág.289.

Kardec, A. Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos. São Paulo, Edicel Setembro de 1867, pág. 262.

Trecho de um e-mail recebido em abril de 1999, oriundo de uma lista de discussão espírita pela Internet.

Circular n.º 01 da Comissão Organizadora do XVIII Congresso Espírita Pan-Americano, 1999.

Ibidem.

Membros do Centro Espírita Allan Kardec, de Santos-SP.

O Simpósio Brasileiro do Pensamento Espírita encontra-se atualmente em sua 6ª edição, sendo promovido bienalmente pela LICESPE, vinculada ao Lar Veneranda (Santos-SP), com o apoio de diversas instituições espíritas.

KARDEC, A . – Obras Póstumas. 6ª ed. IDE. Araras, SP, 1997. p. 260.

Mais dados sobre o método de pesquisa podem ser encontrado no trabalho de autoria de Gisela Régis Henrique, denominado "Histórico e Método de Trabalho sobre a formação de um Grupo de Pesquisa – GPCEB", apresentado no II Simpósio Brasileiro do Pensamento Espírita, em Mongaguá-SP, 1991.

Em O Livro dos Médiuns (p. 198-199), Kardec define médium intuitivo como aquele em que a transmissão do pensamento ocorre por intermédio do Espírito do médium. O Espírito não atua sobre a mão; não a toma, não a guia; ele age sobre a alma, com a qual se identifica. Já os médiuns semi-mecânicos sentem uma impulsão externa, malgrado seu, mas, ao mesmo tempo, tem a consciência do que escrevem ou falam.

(*) Médico sanitarista e homeopata, consultor e especialista em gestão e planejamento em saúde, professor de Saúde Pública da Faculdade de Medicina de Santos-SP, membro fundador do CPDoc, escritor, expositor, 2º vice-presidente da CEPA (2000/04), Presidente do Centro Espírita Allan Kardec, de Santos-SP, autor do livro "Espiritismo e Vitalismo".

EPISTEMOLOGIA E CIÊNCIA ESPÍRITA
Contribuição para Debate

Reinaldo Di Lucia

Trabalho apresentado no IV SBFE - 1995

1- INTRODUÇÃO:

Indubitavelmente, existe, no Brasil, um movimento espírita, se entendermos por movimento um conjunto organizado de pessoas que se dizem espíritas, ou que, de alguma forma, procuram" seguir" os ensinamentos que nos foram proporcionados por Allan Kardec. Prova disto são os inúmeros centros, casas, núcleos, etc., espíritas, com os quais nos deparamos diariamente, mesmo que alguns deles com nomes que indicam mais um sincretismo religioso - seja de origem afro ou cristã - que propriamente espírita.

Entretanto, o que se observa é que tal movimento espírita é, por assim dizer, amorfo. Senão vejamos, em que se baseia sua existência? Apesar das reiteradas afirmações de Kardec sobre a função dos grupos de espíritas, focando-a principalmente no estudo e desenvolvimento do espiritismo (e, conseqüentemente, com o dever de dar séria importância à divulgação dos conceitos espíritas, da maneira mais atualizada possível, o que se observa é o foco no assistencialismo imediatista. Este, mesmo sendo necessário num dado momento, visando atacar problemas agudos que proliferam na sociedade brasileira (tais como a fome, o desabrigo, o desemprego, entre outros); não passa de uma" ação de bombeiro", que apaga o fogo mas não constrói o futuro.

E é exatamente neste sentido, o de construção do futuro, que foi dito que o movimento espírita é amorfo. Existem grandes e sérias perguntas que se fazem e que, a contragosto, acabam ficando sem resposta: que contribuição efetiva trouxe a doutrina espírita para a humanidade, considerada em seu todo? Qual a influência do espiritismo sobre a cultura, seja nos meios acadêmicos formais, ou informais? Que papel vem cumprindo o espiritismo na elaboração de um mundo mais evoluído, onde o homem possa ser mais feliz?

Nada, infelizmente, ou ao menos muito pouco. Depois de um início fulgurante, onde o espiritismo andava paripasso com a ciência oficial, onde os maiores expoentes espíritas ocupavam postos proeminentes nas academias, onde a principal preocupação dos grupos espíritas era a confirmação formal das teorias - e idéias apresentadas pelos espíritos desencarnados (normalmente através de médiuns com pouco ou nenhum conhecimento), ocorreu uma transformação radical no seio da doutrina espírita. Esta transformação incluiu:

- ✓ O quase desaparecimento do espiritismo na Europa;
- ✓ A vinda para o Brasil, onde encontrou campo fértil ao seu florescimento;
- ✓ O sincretismo, no Brasil, com as várias escolas religiosas aqui existentes;
- ✓ A superestimação da ”caridade”, em detrimento do conhecimento;

As conseqüências desta transformação acabaram sendo altamente funestas para o espiritismo, do ponto de vista que estamos abordando. De fato, hoje, o espiritismo é um ilustre desconhecido nos meios culturais. Quando muito, e isto no Brasil, refere-se à doutrina espírita como uma religião, ou talvez uma seita, que, portanto, pertence ao campo da mística, ao lado da cromoterapia, cristais, anjos, etc.

Dentro do meio espírita, a idéia vigente é que tudo corre da melhor maneira possível. O movimento espírita, como conseqüência direta das transformações já citadas, encara o espiritismo como um tripé, constituído de ciência, filosofia e religião. É importante frisar que este é um tripé desigual, onde o aspecto “religião" suplanta com larga margem os demais. Em meados da década de 80, observou-se uma reação a este ponto de vista, reação esta que, tendo por base o próprio Kardec, contestava o caráter de religiosidade da doutrina espírita. Desde esta época, a grande questão em pauta é saber se o espiritismo deve ou não ser considerado uma religião.

No entanto, muito pouco se discute sobre os demais aspectos expostos. Na verdade, é muito difícil contestar o caráter filosófico do espiritismo, uma vez que sua principal contribuição é uma cosmo visão inteiramente nova, antecipando, ao menos na forma como são estruturados os seus princípios básicos, em mais de 100 anos a proposta de uma *visão holística,* preconizada pela psicóloga francesa Monique-Thoening, em 1980. Assim, até mesmo devido a esta facilidade, o desenvolvimento da filosofia espírita é uma realidade, apesar dos problemas que serão discutidos mais adiante.

Já no que diz respeito à ciência espírita, a situação é muito mais nebulosa. A despeito de Kardec encarar a doutrina espírita como uma ciência, e sujeita aos mesmos critérios de validação então vigentes, a noção de ciência espírita tem sido usada, com grande freqüência, de duas maneiras distintas:

- Pelo movimento espírita “oficial”, como sendo uma antecipação de todas as grandes descobertas que serão, <u>um dia,</u> realizadas. De fato, é muito comum ouvir-se frases como: *“Mais cedo ou mais tarde,* a *ciência demonstrará que* o *espiritismo estava certo”.*
- Por aqueles que questionam o caráter religioso, como sendo uma contra posição à postura mística que se observa em grande parte das organizações que formam o movimento espírita “oficial".

Como se observa, o aspecto científico da doutrina espírita não é questionado pelos espíritas, apesar das razões diversas apresentadas pelos místicos e pelos não “místicos”. Apesar disto, o meio científico tem solenemente ignorado o espiritismo, remetendo-o, na melhor das hipóteses, ao campo da metafísica. As teses espíritas, mesmo sendo racionais e baseadas em pesquisas realizadas por luminares da história das ciências, não encontram campo para desenvolverem-se nas academias.

Em vista disto, será que ainda podemos afirmar que o espiritismo é uma ciência (mesmo se o encararmos como a “ciência do futuro”)? Quais são os pré-requisitos indispensáveis

para que uma disciplina possa adquirir o estatuto de ciência? Quais os elementos comprobatórios da cientificidade do espiritismo? O que seria necessário para que a doutrina espírita passasse a ocupar um lugar nas academias de ciências? Como seria a epistemologia do espiritismo?

Tais são as questões que o presente trabalho se propõe a discutir. Deve-se, no entanto, levar em consideração que tal discussão passa, necessariamente, por:

- ✓ Uma avaliação daquilo que hoje é considerado como sendo ciência, e que, portanto, pode receber a "chancela oficial" das academias. Este é um campo de debate que vem sendo muito abordado pela filosofia da ciência, cujas discussões, de cunho basicamente epistemológico, são deveras complexas.
- ✓ O confronto dos postulados da ciência espírita com os paradigmas vigentes, os quais podem não ser adequados ao seu objeto de estudo. Talvez seja necessário questionar estes paradigmas, e propor a criação de novos, o que também traz uma considerável carga de complexidade.
- ✓ A falta de uma discussão, no meio espírita, da questão metodológica, sem a qual é impossível fazer ciência. A ciência espírita ressente-se muito da ausência desta discussão, que deveria, dada a abrangência do objeto de estudo, envolver vários segmentos do meio espírita.

Isto posto, considerando as dificuldades inerentes ao tema, propõe-se que esta primeira apresentação tenha o caráter não de uma tese ou mesmo uma monografia, mas de uma contribuição para debate, que deverá ser posteriormente enriquecida.

2- O ESTATUTO DE CIENTIFICIDADE:

Este é, provavelmente, o grande x da questão, e é também a tema mais complexo a ser desenvolvido: quando algo pode ser considerado científico, porquê o pode e como? Para possibilitar esta discussão, vamos partir de algumas concepções que temos a respeito da ciência - ou seja, vamos delimitar os termos a serem empregados.

Podem-se encontrar as seguintes concepções de *ciência:*

- ➢ "1. Conhecimento. 2. Saber que se adquire pela leitura e meditação; instrução, erudição, sabedoria. 3. Conjunto organizado de conhecimentos relativos a determinado objeto, especialmente os obtidos mediante a observação, a experiência dos fatos e um método próprio: *ciências históricas; ciências físicas.* 4. Soma de conhecimentos práticos que servem a um determinado fim: *ciência da vida.* 5. A soma dos conhecimentos humanos considerados em conjunto: os *progressos da ciência* em *nossos dias.* 6. *Filosofia.* Processo pelo qual o homem se relaciona com a natureza, visando a dominação dela em seu próprio benefício. [Atualmente este processo se configura na determinação segundo um método e na expressão em linguagem matemática de leis em que se podem ordenar os

fenômenos naturais, do que resulta a possibilidade de, com rigor, classificá-los e *controlá-los.] {Seguem-se as seguintes definições: ciência cristã, ciência econômica, ciência infusa, ciências aplicadas, ciências econômicas, ciências exatas, ciências experimentais, ciências físicas, ciências humanas, ciências morais, ciências naturais, ciências normativas, ciências ocultas, ciências sociais}"*[1]

- Para Ernest Nagel, a ciência tem três aspectos obrigatórios:
  - Permitir um controle prático da natureza, que desemboca na tecnologia e nos problemas éticos que dela advem.
  - "(...) algo que se propõe *atingir conhecimento* sistemático e seguro, de sorte que seus resultados possam ser tomados como *conclusões* certas a propósito de condições mais ou menos amplas e uniformes sob as quais ocorrem os vários tipos de acontecimentos."
  - Uma forma de conhecimento que parte de um método de investigação " Aspecto .muitas vezes mal interpretado e sempre difícil de descrever com brevidade, mas que é, talvez, seu traço mais permanente e garantia última do crédito que merecem as conclusões da investigação científica." Para Nagel este método" é a lógica geral, tácita ou explicitamente empregada para apreciar os méritos de uma pesquisa. "[2]
- Divisão particular do conhecimento, especialmente uma que trabalha com um conjunto de fatos ou verdades sistematicamente arranjadas, e mostrando a operacionalização de leis gerais."[3]

Resumindo, tais definições enfatizam os seguintes pontos, no que tange ao conceito de ciência:

- ✓ *Conjunto organizado de conhecimentos,* isto é, o saber estruturado de forma a pertencer a uma comunidade.
- ✓ *Conhecimentos obtidos através da observação, da experiência dos fatos e de um método próprio,* o que descredencia o saber obtido fora destes critérios do estatuto de "científico".
- ✓ *Ciência como meio de dominação da natureza,* isto é, a possibilidade da predição: "ciência, logo previsão, logo ação", como dizia Comte.
- ✓ A *obtenção da verdade,* a *partir da descoberta de leis,* equivalendo a reputar como verdadeiro somente o saber adquirido desta forma.

Há uma explicação histórica para que a ciência seja, até hoje, vista desta maneira. De fato, apesar de o problema do conhecimento existir no homem desde os primórdios da civilização, as motivações e os métodos que levam ao conhecimento são inerentes à época em que se deram.

O início da jornada do conhecer humano é marcado por uma forma mítica de pensar. O mito é a primeira forma de descrição do universo, cujos principais expoentes foram Hesíodo e Homero. Na descrição mítica (canto), os fenômenos naturais são frutos das ações dos deuses, num momento de paixão (*pathos*). O objetivo do canto (evocação) é realizar este *pathos,* através das características próprias de cada deus.

A este dizer mítico contrapõe-se o estudo racional (*logos*) do universo, que teve início no século VI a.C. com Thales de Mileto. Entretanto, esta contraposição se faz não tanto no sentido da essência dos pensamentos, mas principalmente, no método[4] de estudo empregado. Ainda assim, a. grande novidade desta forma de descrever o universo (que, de resto, era o objetivo último de toda a filosofia pré-socrática), é o desejo de encontrar a *arché,* ou seja, a substância primordial e fundamental que constituiria o universo, da qual todas as demais seriam derivadas.

É, porém, com Sócrates (Séc. V a. C.) e com seu discípulo Platão que o homem volta-se para dentro de si. A mudança de foco que se faz então, deixando de priorizar o objeto cognoscível para focar o sujeito cognoscente (e é, então, que se delineia o humanismo socrático), é uma verdadeira revolução epistemológica, a ponto de só ser inteiramente compreendida séculos mais tarde. A partir da filosofia de Sócrates, e sua busca incansável pela definição precisa dos termos (conceito), Platão cria o idealismo. A proposta é que o homem traz consigo, de forma inata, uma representação do mundo verdadeiro, o Mundo das Idéias, da qual nosso mundo sensório não é mais que simples corruptela (este Mundo é a fonte das idéias inatas que os homens apresentam sem que nada lhes tivesse sido ensinado).

Outra revolução é feita com um discípulo de Platão, Aristóteles. Diferentemente do mestre, Aristóteles não aceitava a tese das idéias inatas, considerando que o homem nascia absolutamente ignorante (o homem é uma *tabula* rasa), vindo a aprender e aprender o mundo através dos sentidos: "Nada existe no intelecto que não tenha passado" antes pelos sentidos". Pode-se dizer que Aristóteles é o primeiro cientista, no sentido moderno do termo: com sua lógica (a qual estuda não o processo - o como - a inteligência chega aos conseqüentes, mas, sim, a correção - a validade - do processo uma vez terminado) ele delimita o conhecimento e suas possibilidades metódicas.

Estes dois pontos de vista dissonantes, tanto do ponto de vista do método como do principio do conhecimento (o idealismo *I* racionalismo de um lado e o empirismo *I* realismo de outro), tiveram (e a rigor ainda têm) profunda influência em toda a história da filosofia. Na verdade, o primeiro pensador a ocupar-se destas questões sob um prisma diverso é Descartes (1596 - 1650), no século XVII. É claro que estas questões estão mais afeitas à filosofia, tendo ficado por longo tempo afastada das academias de ciência. Os cientistas somente agora, ao final do século XX, é que estão se dando conta da importância capital desta discussão.[5]

Mesmo assim, estas questões eram parte integrante (talvez mesmo o principal fundamento) das teorias dos precursores do método científico até hoje vigente. Vemos que foi a partir deste debate que Bacon[6], logo complementado por locke[7], define o método empírico como base fundamental da investigação científica, e formula o raciocínio indutivo, cujo método parte de um ou mais dados conhecidos para se chegar a uma conclusão científica (neste conceito, já se percebe um caminho que levará fatalmente à experimentação). Mas não se pode esquecer que a principal fonte motivadora desta postura é a oposição às teses de Aristóteles que, através da filosofia tomista (numa tentativa de conciliar a fé e a razão), dominou o cenário intelectual durante toda a idade média.

Descartes ocupou-se com outra questão, Preocupado em analisar nem tanto a verdade a ser obtida, mas o modo como se conhece, ele antepõe a epistemologia à ontologia, postura decididamente inédita em toda a história da filosofia, e estabelece como único método possível a dúvida (princípio da *dúvida metódica*). A partir dai. postula a existência de uma coisa pensante, que seria o próprio eu,*"Penso, logo existo",* Eis definido o racionalismo, poderosa arma a contestar o dogmatismo ainda vigente na época. A seguir, Descartes define seu método, que parte da intuição, utiliza a clareza e a distinção como regras do conhecimento e emprega a decomposição analítica do objeto em seus componentes básicos.

Apesar de toda esta carga racionalista, que é fundamental para a construção do modelo mecanicista do mundo, Descartes usa um conceito metafísico (Deus) para validar o seu método. A introdução deste elemento metafísico faz com que ele postule também o dualismo, separando o corpo (res *extensa)* da alma (res *cogitans*).

A formulação filosófica do moderno método científico estava completa. O arremate viria com as descobertas das leis do mundo físico, realizadas e consolidadas, principalmente, por Galileu e Newton.

Galileu Galilei (1564 - 1642), físico, astrônomo e matemático italiano, "foi quem primeiro utilizou a combinação de raciocínio teórico, observação experimental e rigorosa linguagem matemática, que até hoje caracteriza essa ciência básica".[8] Estabelece as principais leis do movimento, criando o ramo da cinemática (e a conseqüente relatividade galileana), as leis da queda e, através da observação astronômica, validou a teoria heliocêntrica. Teve muita Influência sobre as idéias de Descartes.

Isaac Newton (1642 - 1727) matemático, físico, astrônomo e teólogo inglês, é no dizer de Isaac Asimov, o maior cientista que já viveu. Criador da mecânica clássica, da física dos fenômenos celestes, das leis da dinâmica (as famosas leis de Newton), de parte da hidrodinâmica, da ótica (principalmente a reflexão e refração da luz), do cálculo infinitesimal, das leis da gravitação universal, e da teoria sobre a natureza corpuscular da luz. Em sua maior obra, Princípios matemáticos da filosofia natural, Newton define o seu método de investigação, inteiramente experimental, baseado na descrição matemática para se chegar à avaliação crítica dos fenômenos. "Graças a Newton, estabeleceu-se de

forma refinada e precisa a visão do mundo como tKi1I espetacular e perfeita máquina, movida por leis determinadas, em última instância, por seu Divino Criador."[9]

O modelo mecanicista do universo, base do método científico ainda hoje vigente, completa-se no século XIX, com Auguste Comte (1798 - 1857), filósofo francês. Comte delineia os princípios básicos da ciência, através de uma hierarquização das disciplinas conhecidas e da formulação de um sistema que é, ao mesmo mecanicista (encara o universo como uma máquina), reducionista (o objetivo da ciência reduz-se ao fato positivo, observável) e determinista (busca estabelecer relações causais constantes e necessárias entre os fenômenos). É o positivismo, cujas bases ainda hoje são válidas nos meios acadêmico e científico.

Assim, podemos definir os princípios do moderno método científico:

- **A experimentação, através da qual se pode comprovar ou não a teoria, e que permite a repetição por qualquer cientista convenientemente aparelhado.**
- **A universalidade, isto é, a confirmação dos experimentos em diversos locais por diversos cientistas.**
- **O critério de falseabilidade, que permite que uma teoria possa ser falseável, para que possa, também, ser convenientemente demonstrada.**
- **A quantificação, que permite uma delimitação precisa do "até onde." podemos considerar válida a teoria. A partir da definição do princípio da incerteza, esta quantificação passou a incluir, necessariamente, critérios estatísticos.**

A evolução do conhecimento, a qual se realizou com uma diretriz científica em direção ao modelo mecanicista, foi despojando o homem de sua condição central no universo, e relegando-o a nada mais que uma máquina. Segundo Kart Jaspers, houve, no decorrer desta evolução, três verdadeiras revoluções científicas que levaram a isto:

- A primeira, de cunho cosmológico, foi a aceitação do heliocentrismo em detrimento do geocentrismo. (Séc. XVII).
- A segunda, de cunho biológico, foi a descoberta da evolução darwiniana.
- A terceira, de cunho psicológico, deu-se com as pesquisas de Wundt, que culminaram com a teoria behaviorista.

No entanto, eis que o final do século XIX e início do XX trouxeram uma total inversão dos valores positivistas, notadamente na física. "Duas descobertas no campo da física, culminando na teoria da relatividade e na teoria quântica, pulverizaram todos os principais conceitos da visão de mundo cartesiana e da mecânica newtoniana. A noção de espaço e tempo absolutos, as partículas sólidas elementares, a substância material fundamental, a natureza estritamente causal dos fenômenos físicos e a descrição objetiva da natureza -

nenhum destes conceitos pôde ser estendido aos novos domínios que a física agora penetrava."[10]

Além das novidades no campo puramente físico, duas das descobertas causaram (ou ao menos seriam capazes de causar) uma revolução das mais sérias no seio da Teoria do Conhecimento e no método científico:

- A primeira delas é o Princípio da Incerteza de Heisenberg. Descrito fisicamente como a impossibilidade de podermos determinar ao mesmo tempo a posição e a velocidade de uma partícula subatômica, sua influência na base filosófica da ciência é derrubar a raiz determinista do positivismo. A partir desta descoberta, foi necessário reavaliar toda a relação de causalidade, bem como admitir que uma mesma causa pode redundar em diferentes efeitos. Foi também necessário passar a avaliar a interferência do acaso, (a-caso, sem causa determinada ou conhecida) nos fenômenos naturais.
- A outra descoberta, realizada por Luis DeBroglie, é a dualidade Partícula: Onda, isto é, a capacidade que determinadas unidades subatômicas têm de se apresentarem ora como partícula, ora como onda, dependendo, a rigor, do tipo de experimento (ou, em linguagem mais poética, do modo como o cientista realiza a pergunta). "A dualidade partícula - onda, que as unidades subatômicas exibem, faz desabar solenemente o princípio da não contradição da lógica formal, que se encontra na base do raciocínio clássico. A é A, e também A é não-A!".[11]

Apesar disso, incrivelmente, tais descobertas não foram bastante fortes para causarem uma ruptura do paradigma então (e ainda) vigente. Entretanto, as próprias ciências da natureza, hoje, pouco se apóiam neste paradigma e, mais que isto, apelam para o conhecimento intuitivo do homem para compreendê-la:

"A resolução, do paradoxo partícula */* onda forçou os físicos a aceitarem um aspecto da realidade que contestava o próprio fundamento da visão mecanicista de mundo - o conceito de realidade da matéria. Em nível subatômico, a matéria não existe com certeza em lugares definidos; em vez disso, mostra" tendências para existir", e os eventos atômico não ocorrem com certeza em tempos definidos e de maneiras definidas, mas antes mostram" tendências para ocorrer". No formalismo da mecânica quântica, essas tendências são expressas como probabilidades e estão associadas a quantidades que assumem a forma de ondas; são semelhantes às formas matemáticas usadas para descrever, digamos, uma corda de violão em vibração, ou uma onda sonora. É assim que as partículas podem ser, ao mesmo tempo, ondas. Não são ondas tridimensionais reais, como as ondas da água ou as ondas sonoras. São" onda.s de probabilidade" - quantidades matemáticas abstratas com todas as propriedades características de ondas - que estão relacionadas com as probabilidades de se encontrarem as partículas em determinados pontos do espaço e em momentos determinados. Todas as leis da física

atômica se expressam em termos destas probabilidades. Nunca podemos predizer com certeza um evento atômico: apenas podemos prever a possibilidade de sua ocorrência".[12]

O efeito que estas descobertas teve pode ser comparado ao de uma bomba na mente dos cientistas. Mais de um deles (mesmo nomes imortais, como Einstein, Heisenberg, Bohr) afirmaram em diversas ocasiões que não estavam preparados para absorver todo o impacto destas novas concepções (apesar de eles mesmos serem seus criadores). E isto levou diretamente às profundas discussões epistemológicas do fim do século (Popper, Kühn, Schlick, Camap) e à formação de um paradigma que pudesse dar conta destas novas questões: um Paradigma holístico.[13]

Se, por um lado, dentro das próprias ciências de investigação da natureza já se levantam dúvidas sobre a validade do modelo científico vigente, a coisa se toma muito mais grave nas ciências ditas humanas.[14]

Michel Foucault[15], por exemplo, acha inteiramente desnecessário considerar as ciências humanas como falsas ciências, uma vez que elas não são, em absoluto, ciências. Nada têm a ver com aquilo que pode ser denominado ciência. A configuração daquilo que define a positividade daquilo que hoje chamamos de "ciências humanas", e que as enraíza na episteme moderna coloca-as fora do estatuto de cientificidade. Os motivos que levam Foulcault a dizer isto baseiam-se, principalmente, na teoria que sua "arqueologia do saber" o conduziu a formular sobre as ciências humanas e no próprio conceito de homem. Para Foucault, "O homem é uma invenção cuja data recente a arqueologia de nosso pensamento mostra facilmente. E talvez o fim próximo.“[16]

A crítica pode parecer muito dura, mas, não deixa de ter uma razão muito profunda. As ciências humanas, visando talvez garantir, a qualquer preço, o direito de ocupar uma cadeira nas academias, fundamentaram-se no positivismo tanto ou mais que as ciências exatas. Falando dos temas gerais da cientificidade das ciências humanas, Japiassu define: "O primeiro tema consiste na preocupação sempre constante de uma *referência empírica* na base de toda a elaboração do conhecimento; o segundo diz respeito ao esforço intelectual para extrair *formas ordenadoras* do conhecimento e de constituição dos objetos de pensamento: esquematismo, formalismo, etc.; o terceiro concerne à busca de *modelos explicativos,* operatórios e preditivos permitindo ao pensamento não somente a leitura inteligente dos dados, mas também uma manipulação da realidade que ela aborda; o quarto, enfim, refere-se ao *uso* do *cálculo* e da *quantificação.*[17]

Em base ao quanto foi exposto, acreditamos que o único caminho viável para que as ciências humanas possam continuar a pretender manterem-se ciências é uma mudança de vértice, com a assunção de um novo paradigma. E é considerando que a ciência espírita pode perfeitamente encaixar-se no âmbito das ciências humanas que postulamos a necessidade de um novo paradigma para ela. Na realidade, sob um certo ponto de vista, o próprio desenvolvimento do espiritismo justifica esta mudança.

3- O ESPIRITISMO:

Historicamente, o espiritismo já surge aspirando o estatuto de científico. Seu codificador, Allan Kardec,o define como: “O Espiritismo é uma ciência que trata da natureza, da origem e da destinação dos Espíritos, e das suas relações com o mundo corporal.”[18] Kardec, um cientista imerso no meio cultural de sua época, considerava que o espiritismo deveria seguir uma linha científica positivista. Mais de uma vez ele afirmou que o espiritismo não se baseia senão nos fatos observáveis, que são a base do método científico então (e ainda hoje) vigente.

Entretanto, o próprio Kardec cai na tentação de considerar a doutrina espírita como uma ciência para o futuro (apesar de não ter permanecido sentado, esperando-o). Talvez tenha sido esta postura do codificador que gerou a inércia em que vive hoje o movimento espírita: "As corporações científicas não têm, e não terão jamais, que se pronunciar sobre a questão (da *doutrina espírita* - *N.* do A.)*;* ela não é mais da sua alçada que a de decretar se Deus existe, ou não. Portanto, é um erro fazer delas juízes. O espiritismo é uma questão de crença pessoal que não pode depender do voto de uma assembléia, porque esse voto, mesmo favorável, não pode forçar as convicções. Quando a opinião pública estiver formada a este respeito, os sábios como indivíduos, a aceitarão, e suportarão a força das coisas. Deixai passar uma geração e, com ela, os preconceitos do amor próprio em que se obstina, e vereis que ocorrerá com o espiritismo como ocorreu com tantas outras verdades que se combateu, e que agora seria ridículo po-las em dúvida. Hoje são os crentes que se chama de loucos; amanhã serão todos os que não creiam; da mesma forma como se chamou de loucos outrora, aqueles que criam que a Terra girava.“[19]

Entretanto, esta postura de Kardec revela mais uma vez que ele adiantava-se ao seu tempo. De fato, a colocação acima, principalmente no que tange ao dogmatismo que se exprime na posição da maioria dos cientistas - sejam do século XIX ou do XX - e que Tho918S Kühn chama de *paradogmas* (em contraposição aos paradigmas), vem sendo muito discutida pela filosofia da ciência.

O espiritismo surge, em meados do século XIX, baseado em dois alicerces:

- ✓ A extensa fenomenologia mediúnica que se dissemina em diversos países da Europa e também nos Estados Unidos da América a partir do início do mesmo século: Edward Irving, pastor protestante de uma igreja escocesa em Londres (1830); Andrew Jackson Davis, trabalhador braçal nos distritos rurais de New York, (1844); a família Fox, em Hydesville, New York (1848); Mrs. Hayden, esposa de um jomalista da Nova Inglaterra (1852); Daniel Dunglas Home, em Currie, Edimburgo (1855); o fenômeno das mesas girantes, na França (a partir da década de 1840). Estes fenômenos, impressionantes não só pela sua abundância, mas principalmente pela sua qualidade intrínseca (não do teor das comunicações, mas em relação à produção do fenômeno propriamente dito), formaram uma base na

qual foi possível o desenvolvimento do espiritismo sem as características de magia ou bruxaria que poderiam obstaculizar esse desenvolvimento.

- ✓ O desenvolvimento do magnetismo, cuja fenomenologia vinha sendo observada desde o século XV, mas que firmou-se definitivamente como campo de pesquisas entre o final do século XVIII e o início do XIX, com Franz Anton Mesmer, o criador da teoria do magnetismo animal. Nesta teoria, Mesmer "(...) aplica o princípio Newtoniano da atração universal à idéia do *fluido universal,* teorizando que este exerce sobre o corpo efeitos análogos ao do ímã, devido à presença, nos nervos, de um fluido eletromagnético (...)"[20]. Kardec era um adepto das teses do magnetismo, a ponto de ter aceito, inicialmente, o fenômeno das mesas girantes como sendo promovido por ação magnética.

A partir destas bases, e da grande elaboração teórica formulada por Allan Kardec sobre as respostas dos espíritos a questões que ele mesmo preparara, surge o espiritismo sob a forma de um corpo de doutrina, ou antes, de uma filosofia espiritualista, que é como o espiritismo é apresentado no Livro dos Espíritos, porém como já dissemos, com pretensões de cientificidade. Esta postura, cabal em Kardec, que a explicita em mais de um texto em toda a sua obra, foi fortemente deturpada pelos que vieram após, notadamente no Brasil, onde adquiriu uma conotação religiosa, concorrendo com religiões tradicionais, como as diversas denominações evangélicas (e mesmo setores da igreja católica), e com os sincretismos religiosos afro-brasileiros pela aquisição de adeptos, quase prometendo a salvação.

É interessante notar que os princípios básicos que alicerçam a doutrina espírita (existência de Deus, existência e imortalidade do espírito, evolução infinita, reencarnação, pluralidade de mundos habitados e comunicabilidade com os desencarnados) não foram trazidas a lume pelo espiritismo. Todos estes princípios já haviam sido expressos por doutrinas, religiões *e/ou* filosofias anteriores a ele, tanto do oriente quanto do ocidente. O grande mérito da doutrina espírita foi unir todas estas idéias num todo indivisível, integrando-as entre si de modo a formarem uma visão de mundo única, na qual alguns pontos de vista muito particulares acabam destacando-se:

- ➢ A possibilidade de admitir a existência do espírito como princípio inteligente do universo, dissociado, em essência, forma e manifestação, da matéria, sem que esta existência necessite ser admitida unicamente pela fé. A realidade dos espíritos é, se não um fato cientificamente comprovado pela ciência "oficial", ao menos uma tese suficientemente aceitável, uma vez que" (...) nem a razão nem a consciência a repelem."[21]
- ➢ A individualização definitiva deste princípio em seres incorpóreos, os quais são responsáveis pelas atividades intelectuais dos homens, sendo imortais e permanecendo eternamente individualizados.

- O progresso inexorável como lei da natureza, à qual estão submetidos todos os seres, mas que não é concedido sob a forma de graça, devendo ser conquistado com o esforço do próprio ser.
- A idéia de reencarnação não como punição ou expiação dos erros cometidos, mas como possibilidade de aprendizado do espírito num contato íntimo com a matéria, e, portanto, como necessidade absoluta para sua própria evolução e para a concretização da lei de progresso.
- O livre-arbítrio como patrimônio inalienável do homem, o qual pode decidir livremente aquilo que deseja para sua vida e seu futuro. porém sabendo que cada decisão provoca efeitos diretos, com base no princípio de ação e reação, e que, portanto, o homem é o único responsável pelos resultados de suas ações.

A partir destes pontos, os quais são, esses sim, absolutamente novos na história da humanidade, a doutrina espírita pode desenvolver-se de modo amplo. Se tivéssemos que localizá-Ia entre as diversas filosofias, poderíamos fazê-Io colocando-a entre as idéias radicais de. crença absoluta (misticismo) e não-crença absoluta (materialismo) e também como precursora das tentativas modernas no sentido de uma teoria holística sobre o universo: “O espiritismo é uma proposta equilibrada entre os extremismos místicos e materialistas. Ele os supera dialeticamente, transcendendo-os, buscando a síntese. Como tal, propõe uma visão dinâmica do processo da vida, sem, contudo, apresentar um quadro acabado, final. Ao contrário. Coloca como definitivo apenas princípios básicos, permitindo que o pensamento e a pesquisa se ampliem, através do tempo, conforme a ciência e o conhecimento cresçam. Isto é, o espiritismo não se aventura a formular hipóteses desvinculadas das possibilidades do entendimento humano porque isso só serve para manter o homem ignorante, confuso, exigindo dele uma crença irracional.”[22]

Tudo isto faz com que possamos, sem cair no risco de uma segmentação exagerada do espiritismo, identificar dois aspectos pelos quais ele se apresenta:

- O *Espiritismo enquanto doutrina moral:* do ponto de vista espírita, do mesmo modo que há um dualismo no universo, representado pelos princípios material e espiritual, há um conjunto de leis específicas para cada um deles. A matéria é governada pelas leis físicas, as quais estão sendo continuamente descobertas pelas ciências de investiga o da natureza (as quais não são da competência específica do espiritismo),[23] enquanto que o espírito deve ser governado *por* leis morais. Rara o espiritismo, moral é a capacidade de distinguir o bem do mal, e, portanto é a adequação às leis divinas, ou naturais, as quais Kardec expôs, didaticamente, no livro III de O Livro dos Espíritos.

  Uma diferença entre o conceito de moral conforme entendido pela sociologia e aquele defendido pelo espiritismo é que, uma vez que o espiritismo concebe as leis divinas como eternas, a moral, para ele, é absoluta, assim como os conceitos de bem e mal. A relativização da moral pelo homem, para ser utilizada como base aos sistemas legais

que regem as sociedades é que provocam as distorções, as quais vão sendo corrigidas com a evolução.

Isto posto, vemos que o espiritismo pode ser considerado como uma doutrina moral, na medida em que fornece ao homem noções sobre as leis que o regem, enquanto espírito imortal. Ao mesmo tempo, é uma doutrina fortemente consoladora, uma vez que coloca nas mãos do ser humano os instrumentos (mas também a responsabilidade) para sua própria evolução, postulando que o futuro será aquilo que dele fizermos. Talvez por isto é que o próprio Kardec assumiu, para o espiritismo, o papel do Consolado r citado por Jesus na bíblia[24] (ainda que sem o conteúdo de fatalismo presente na maioria das religiões): "

Assim, o Espiritismo realiza o que Jesus disse do Consolador prometido: conhecimento das coisas, fazendo com que o homem saiba donde vem, para onde vai, e por que está na Terra; atrai para os verdadeiros princípios da lei de Deus e consola pela fé e pela esperança."[25]

- <u>O *espiritismo enquanto filosofia:*</u> o surgimento da filosofia no mundo dá-se a partir do desejo do ser humano em explicar o universo que o cerca, e as relações entre ele, ser humano, e este universo. Apesar de surgir como contraposição metódica *ao* dizer mítico (ver p. 4), a filosofia não é exclusivamente racional: "Quando se dá a passagem da consciência mítica para a racional, aparecem os primeiros sábios, *sophos* (...). Um deles, Pitágoras (séc VI a.C.) que também era matemático, usou pela primeira vez a palavra filosofia (*philos* + *sophia*), que significa 'amor à sabedoria'. É bom observar que a própria etimologia mostra que a filosofia não é puro *logos,* pura razão: ela é a procura amorosa da verdade.“[26]. É nesta ânsia de saber, muitas vezes intuitivo, que o homem cria os sistemas. e escolas filosóficas.

  Na medida em que o espiritismo procura também explicar o universo e mostrar as relações entre o espírito e a matéria, ele é uma filosofia. No dizer de Herculano Pires, um dos maiores filósofos espíritas, "A Filosofia Espírita sintetiza em sua ampla e dinâmica conceituação todas as conquistas reais da tradição filosófica, *ao* mesmo tempo que inicia o novo ciclo dialético da nova civilização em perspectiva. [27]

  E é como filosofia que o espiritismo se destaca, uma vez que traz, através de uma cosmovisão diferenciada - porque livre dos preconceitos que embotam a visão do homem - respostas lógicas a questões até então insolúveis ou relegadas *ao* campo da fé. Herculano Pires postula a existência de uma ontologia, um existencialismo e uma sociologia espíritas, formando um corpo filosófico único e complexo.

  Desta forma, não há como negar a existência, muito bem definida e delimitada, da filosofia espírita. Ela se faz a despeito dos próprios espíritas. os quais preferem encarar a doutrina espírita apenas como doutrina moral (e muitas vezes religiosa ou dogmática) a ter de exercitar seu pensamento na filosofia.

Já vimos que o espiritismo é uma doutrina moral e uma filosofia. Mas. poderá ele ser considerado uma ciência? E, se puder, quais as suas bases necessárias?

4- UMA DISCUSSÃO SOBRE A CIÊNCIA ESPÍRITA:

Allan Kardec considerava o espiritismo como uma ciência, e mais, como uma ciência positiva: “É, pois, resultado da observação, numa palavra. uma ciência; a ciência das relações entre os mundos visível e invisível; ciência ainda imperfeita. mas que diariamente se completa por novos estudos e que. tende certeza. tomará posição *ao* lado das ciências *positivas.* Digo *Positivas,* porque toda ciência que repousa sobre fatos é uma ciência positiva, e não puramente especulativa.“[28]

Não podemos esquecer-nos que tais considerações são perfeitamente concordantes com os princípios e a formação de Kardec. Sendo ele um homem de cultura, criado no meio positivista do século passado, não admitia como válido senão aquele conhecimento que proviesse de uma fonte de fatos confiáveis, e que pudessem ser corroborados racionalmente. Assim é que somente interessa-se pelos fatos espíritas quando, presente a uma reunião de mesas girantes, sua inteligência é posta a prova para explicar, a si mesmo, o fenômeno observado; e a partir de então começa a pesquisar. acabando por formular o espiritismo.

Outra consideração que se faz necessária é que a época em que o espiritismo surgiu foi marcada pela desmistificação de alguns conceitos, principalmente na biologia, que levaram o homem a relegar toda a metafísica ao campo da religião e, portanto, indigna de ser objeto por parte das ciências. A síntese da uréia em laboratório, em 1831, é um golpe mortal na teoria do vitalismo, reforçando a concepção mecanicista da vida. Estavam em curso as experiências que levariam à destruição do conceito de geração espontânea. O espírito da época era o da necessidade da experimentação como base fundamental do processo científico.

O pensar da ciência espírita como uma ciência positiva levava à necessidade do estabelecimento de dois aspectos fundamentais que pudessem alicerçar o seu florescimento: o objeto de pesquisa e seu método. Kardec não se furtou a estabelece-los. e o fez segundo critérios bem definidos:

- O objeto de estudo - Quanto a isto, parece-nos não haver o menor problema. O próprio Kardec, ao definir os limites da ciência espírita, delimita o objeto: é o espírito, no que diz respeito à sua natureza, origem e destinação, e as relações este espírito (aqui compreendido como princípio inteligente, e, portanto, distinto da matéria, que é não-inteligente) com o mundo corporal. Note-se que esta delimitação coloca como objeto da ciência espírita uma gama muito larga de teorias, fenômenos e entes, tais como: o ser inteligente e tudo aquilo que lhe diz respeito (e, portanto, englobando aqui todas as assim chamadas ciências humanas), os modos de relação entre este ser inteligente com o mundo que o cerca (abarcando, então. os fenômenos produzidos devido a esta interação. a saber, não somente os fenômenos mediúnicos e anímicos, mas também as partes das ciências físicas nas quais o observador é participante essencial do processo) e os fenômenos do mundo corporal que têm interferência direta no ser inteligente (o que abrange também as chamadas ciências biológicas). Bem entendido, não estamos defendendo a criação de uma *física espírita.* de uma

biologia ou medicina espírita, de uma *psicologia espírita;* afirmamos apenas que o espiritismo tem algo a dizer em conjunto com todas estas disciplinas.

- O método da pesquisa - Para que uma ciência possa aspirar este título. é absolutamente necessária a definição do método, isto é, o modo pelo qual se espera atingir os resultados da pesquisa. Ao mesmo tempo, é também imprescindível que se delimite os critérios de validação, em base as quais serão verificados os mesmos resultados, visando comprová-Ios ou negá-Ios. Tanto os métodos quanto os critérios de validação da ciência "oficial" já foram expostos no item 2. O que pretendemos discutir aqui é exatamente este tema no que tange à ciência espírita.

Kardec também não se negou a efetivar esta definição. Uma vez que os critérios tradicionais de validação não eram aplicáveis à nova doutrina que se criava, ele estabeleceu seus próprios critérios, sem, contudo deixar de empregar a idéia básica vigente, a de experimentação contínua e diversificada de todas as possibilidades. No dizer de Herculano, “Kardec não se perdeu, como Wundt[29], Weber[30] e Fechner[31], no sensível das pesquisas epidérmicas do limiar das sensações. Percebeu logo que os métodos não podiam ser aplicados a fenômenos extrafísicos e estabeleceu o princípio da adequação do método ao objeto.“[32]

Para tanto, Kardec estabelece que as pesquisas espíritas só teriam validade se fossem baseadas na experimentação mediúnica (isto é, os dados da pesquisa deveriam ser obtidos por meio de discussão direta dos temas com os desencarnados, através de médiuns), ou seja, ele define a mediunidade como método da pesquisa espírita. Para validar este método, postula que os resultados assim obtidos só seriam considerados verdadeiros se fossem igualmente recebidos por vários experimentadores, através de diferentes médiuns em diferentes partes do mundo (critério de universalidade do ensino dos espíritos). Paralelamente, o codificador emprega o crivo da razão (critério da racionalidade das comunicações espíritas) como validador complementar: “Os Espíritos são o que são e nós não podemos alterar a ordem das coisas. Como nem todos são perfeitos, não aceitamos suas palavras senão com reservas e jamais com a credulidade das crianças. Julgamos, comparamos, tiramos conclusões do que observamos e os seus próprios erros constituem ensinamentos para nós, uma vez que não renunciamos ao nosso discernimento.“[33]

Não há dúvida que, ao tentar resolver este problema, Kardec realizava um pensar metodol6gico sobre a doutrina que estava criando. Ainda assim, parece-nos que ele próprio percebeu a dificuldade que enfrentava, de fazer a ciência espírita aceita universalmente, como demonstra no seguinte texto: “Talvez nos contestem a denominação de ciência, que damos ao espiritismo. Ele não teria, sem dúvida e em nenhum caso, as características de uma ciência exata, e precisamente nisso está o erro dos que pretendem julgar e experimentar como uma análise química ou um problema de matemática; já é bastante que seja uma ciência filosófica. Toda ciência deve basear-se em fatos; mas estes, por si sós, não constituem a ciência; ela nasce da coordenação e da dedução lógica dos fatos: é o conjunto das leis que os regem. Chegou o espiritismo ao estado de ciência? Se se trata de uma ciência acabada, sem dúvida será prematuro

responder afirmativamente; mas as observações já são hoje bastante numerosas para permitir pelo menos deduzir os princípios gerais, onde começa a ciência."[34]

A nosso ver, o grande problema da ciência espírita reside no fato de ela não ter sabido transformar a novíssima cosmovisão trazida pela filosofia espírita, a qual se fundamenta nos pontos básicos que nos referimos acima (p. 10) num paradigma verdadeiramente científico que pudesse embasá-la e às suas descobertas. Não possuindo este paradigma, ou ao menos a sua proposta, a ciência espírita, por tratar de temas que são verdadeiros traumas para os cientistas, que os encaram como mera superstição, não consegue penetração suficiente na cultura para que possa vir a ter influência nas academias.

Ao mesmo tempo, outro problema se apresenta. Para que a medi unidade possa ser empregada convenientemente como método de pesquisa, é necessário que saiba enfrentar as teorias alternativas, hoje existentes, que se propõem a explicar o fenômeno mediúnico sem a participação dos espíritos desencarnados. Os critérios de universalidade e racionalidade postulados por Kardec, se apresentam válidos para uma crítica do conteúdo das comunicações, e conseqüentemente da identidade do espírito comunicante, partem do princípio da veracidade do fato mediúnico e da possibilidade da imortalidade da alma, elementos ainda não demonstrados de maneira cabal.

Assim sendo, à guisa de conclusão, podemos afirmar que é absolutamente necessário que a ciência espírita não só defina um novo paradigma, que poderá sem problemas ser chamado de um paradigma espírita, mas que faça-o aceito nas academias de ciências. Para a definição deste paradigma, será necessária uma ampla discussão entre os setores culturalmente mais avançados dos diversos movimentos espíritas existentes, uma vez que é muito improvável que ele possa surgir de um *insight* pessoal. Não podemos esquecer, contudo, que já temos, na filosofia espírita, a base necessária para a criação deste novo paradigma, uma base tão distinta de tudo o que ainda hoje existe que sua aceitação seria, para usar a terminologia de Kühn, uma *ruptura revolucionária não-cumulativa,* ou seja, uma verdadeira revolução científica.

Ao mesmo tempo, é necessário que a ciência espírita crie, a partir deste paradigma, novos métodos de pesquisa e critérios de validação que possam ser facilmente e convenientemente empregados por todos os cientistas espíritas. Isto serviria para que a ciência espírita pudesse consolidar-se, e assim demonstrar cabalmente seus princípios básicos.

É claro que se pode argumentar que a própria ciência "oficial" tem, também, seus problemas metodológicos, e que o paradigma sobre a qual ela se baseia repousa em princípios bastante frágeis. Tal argumentação é correta. Entretanto, só conseguiremos mudar um ponto de vista falho se tivermos outro para substituí-lo, além de força de vontade e conhecimentos suficientes para impo-lo. Se nós, cientistas espíritas ficarmos parado aguardando que o desenvolvimento científico e/ou cultural comprove nossas próprias teses, perderemos o trem da história e correremos o risco de sermos engolidos pela própria evolução intelectual que tanto desejamos.

REFERÊNCIAS

[1] Aurélio BUARQUE DE HOLANDA FERREIRA, *Novo dicionário da língua portuguesa.*

[2] Ernest NAGEL, *Filosofia da Ciência.*

[3] *New Webster's Dictionary of lhe English Language* (tradução livre)

[4] Etimologicamente, a palavra método (do grego meta + hodós) significa “percorrer um caminho" ou seja, como chegar ao fim desejado a partir do estado atual. Já metodologia (meta + hodós + logos) é a problematização do método, é perguntar-se se há um caminho a ser percorrido, e como ele pode sê-lo. Esta diferença etimológica leva-nos a concluir que, apesar de haver problemas de método na ciência espírita, há, principalmente, uma quase que total ausência de metodologia. Trataremos mais profundamente desta questão futuramente, durante a revisão deste texto.

[5] Uma outra discussão, a qual não cabe neste trabalho, mas que é também fundamental num questionamento sobre o conhecimento, refere-se à existência de uma Verdade absoluta, independente do ser humano, pré existente e eterna, e da possibilidade de o homem atingir esta Verdade. A alternativa é a impossibilidade do conhecimento desta Verdade, mas somente de uma verdade relativa. Esta discussão é sintetizada por Kant, com seus postulados de coisa-em-si (númeno), inefável, e coisa-em-nós (fenômeno), cognoscível.

[6] Sir Francis Bacon (1561 - 1626), pensador inglês, barão de Verulan, escreveu o *Novum* Organon *Scientiarum*, óbvia oposição ao Organon de Aristóteles.

[7] John Locke (1632 - 1704), filósofo inglês, criador do empirismo científico, escreveu *Ensaio* sobre o *entendimento humano,* no qual procurava descrever uma teoria completa do conhecimento

[8] Roberto CREMA, *Introdução* à *visão holística,* p. 30.

[9] Ibidem, p.34

[10] Fritjof CAPRA, O *ponto de mutação,* p. 69.

[11] Roberto CREMA, *opus citatus,* p. 41.

[12] Fritjof CAPRA, *opus citatus,* p. 75.

[13] A questão do paradigma holístico é sobremaneira importante para a ciência espírita, uma vez que indica um caminho que ela mesma (ciência espírita) pode seguir em direção à definição de seu próprio paradigma. Entretanto, devido à profundidade exigida por esta questão, sua discussão será deixada para a continuação deste trabalho.

[14] A denominação *ciências humanas* nos parece inadequada, e talvez seja inadequada mesmo a denominação anteriormente usada, *ciências da natureza.* Afinal, se uma ciência deve possuir método e objeto, ambos incluem o homem (compreendido como "ser pensante") em seu trabalho. Uma possibilidade (mas talvez esta seja uma sugestão um tanto ousada!), seria o emprego, respectivamente, dos termos *ciências do espírito* e *ciências da matéria,* coerentemente com a postura de Kardec.

[15] Michel FOUCAUL T, *Les mots et les choses,* cap. X (citado por Hilton JAPIASSU, *Introdução* à *epistemologia da psicologia,* p.15).

[16] *Ibidem,* p. 16.

[17] Hilton JAPIASSU, *opus citatus,* p.19.

[18] Allan KARDEC, O *que* é o *espiritismo,* p.10.

[19] *Ibidem,* p. 34.

[20] Reinaldo DI LUCIA, *Passes: discussão* e *propostas,* monografia apresentada no III Simpósio Brasileiro do Pensamento Espírita, 1993, p.2

[21] Allan KARDEC, O *livro* dos *médiuns,* p. 19.

[22] Jaci RÉGIS, *Uma nova visão do homem* e *do mundo,* p.2

[23] Deve-se entender por "leis sendo descobertas continuamente" como pesquisas incessantes sobre os mecanismos que regem o universo físico. Porém não se pode esquecer que, ultimamente, estas pesquisas têm levado a conceitos de organicidade (em oposição ao mecanicismo) e probabilidade (aceitação do acaso), os quais contrariam a visão positivista do universo, como já foi aqui relatado.

[24] Evangelho de João, cap. XIV, w. 15 a 17 e 26.

[25] Allan KARDEC, O *evangelho segundo* o *espiritismo.* p. 135.

[26] Maria L. de A. ARANHA e Maria H .P. MARTINS, *Filosofando: Introdução* à *filosofia.* p. 72.

[27] J. Herculano PIRES. *Introdução* à *filosofia espírita,* p.28.

[28] Allan KARDEC, Revista espírita. novembro 1964, p. 323.

[29] Wilhelm Wundt (1832 - 1920) é considerado o criador e sistematizador da psicologia como ciência experimental, através de seu livro *Manual de psicologia fisiológica.*

[30] Weber, fisiólogo inglês, foi o realizador dos primeiros estudos sobre o tempo de reação psicomotora, uma das bases para o estabelecimento da psicologia experimental.

[31] Fechner, a partir das pesquisas de Weber, elabora uma série de métodos para a obtenção de medidas quantitativas das sensações, formulando a lei de Weber - Fechner: "A intensidade da sensação aumenta por igual, quando a razão dos estímulos continua a ser igual, em todos os sentidos."

[32] J. Herculano PIRES, *Ciência espírita,* p. XV.

[33] Allan KARDEC, *Revista espírita,* julho de 1859, p. 195.

[34] Allan KARDEC, *opus citatus,* janeiro de 1858, p. 2.

BIBLIOGRAFIA

1. Alves, Rubem. Filosofia da ciência, 58 ed, São Paulo, Brasiliense, 1981
2. Arruda Aranha, Maria Lúcia e Pires Martins, Maria Helena. Filosofando: introdução à filosofia, 28 ed, São Paulo, Modema, 1993
3. Capra, Fritjof. O ponto de mutação, São Paulo, Cultrix, 1982
4. Conan Doyle, Arthur. História do espiritismo, São Paulo, Pensamento
5. Crema, Roberto. Introdução à visão holística, 18 ed, São Paulo, Summus, 1989
6. Garcia Morente, Manuel. Fundamentos de filosofia, 88 ed., São Paulo, Mestre Jou, 1980
7. Gauld, Alan. Mediunidade e sobrevivência, São Paulo, Pensamento, 1982.
8. Hempel, Carl G. Filosofia da ciência natural, 28 ed, Rio de Janeiro, Zahar, 1974
9. Herculano Pires, José. Ciência espírita, 28 ed, São Paulo, Paidéia, 1981
10. Herculano Pires, José. Introdução à filosofia espírita, 28 ed, São Paulo, FEESP, 1993
11. Japiassu, Hilton. Introdução à epistemologia da psicologia, 38 ed, Rio de Janeiro, Imago, 1982
12. Kardec, Allan. O evangelho segundo o espiritismo, 918 ed, Rio de Janeiro, FEB, 1944
13. Kardec, Allan. O livro dos espíritos, São Paulo, Pensamento.
14. Kardec, Allan. O livro dos médiuns, 528 ed, Rio de Janeiro, FEB, 1944
15. Kardec, Allan. O que é o espiritismo, 58 ed, São Paulo, Instituto de Difusão espírita, 1978
16. Kardec, Allan. Obras póstumas, 18 ed, São Paulo, LAKE, 1975
17. Kardec, Allan. Revista espírita, Sobradinho, Edicel, volumes dos anos de 1858, 1859 e 1864
18. Kühn, Thomas. A estrutura das revoluções científicas, in Coleção Os Pensadores, 18 ed, São Paulo, Abril Cultural, 1975
19. Lantier, Jacques, O espiritismo, Lisboa, edições 70
20. Nagel, Emest. Filosofia da ciência, São Paulo, Cultrix, 1968
21. Popper, Karl. A lógica da investigação científica, in Coleção Os Pensadores, 18 ed, São Paulo, Abril Cultural, 1975
22. Régis, Jaci. Uma nova visão do homem e do mundo, 18 ed, Santos, Dicesp, 1984
23. Ronan, Colin A. História ilustrada da ciência - a ciência nos séculos XIX e XX, São Paulo, Jorge Zahar Editor, 1987
24. Tinoco, Carlos Alberto. Parapsicologia e ciência: origens e limites do conhecimento parapsicológico, 18 ed, São Paulo, Ibrasa, 1993
25. Vergez, Andre e Huisman, Denis. História dos filósofos ilustrada pelos textos, 48 ed, Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1980

O PROCESSO DE MUDANÇAS DO ESPIRITISMO

Reinaldo Di Lucia

INTRODUÇÃO

Um dos principais problemas, senão o maior, com que o espiritismo defronta-se hoje é a recusa por parte dos componentes do movimento espírita, seja no âmbito pessoal, seja no organizacional, em encetar uma busca por novos conhecimentos que culminasse com necessárias atualizações na estrutura doutrinária, em seus aspectos científico e filosófico.

Essa busca é necessária na medida em que o espiritismo é, como definiu o próprio Kardec, uma" ciência filosófica"[1]. Isso significa que a doutrina espírita baseia-se não somente em fatos experimentalmente verificáveis, mas em conjunto de idéias que apresentam estes fatos, coordenando-os em uma tese lógica que engloba todo o Universo. Em suma, o objetivo da doutrina espírita é mostrar como o Universo é constituído, e, a partir daí, propor uma modificação pessoal de cada espírito, para que estes passem a agir de acordo com a lei natural.

Assim sendo, e considerando que os conhecimentos do homem sobre o universo vão crescendo de maneira paulatina, é necessário que o espiritismo esteja constantemente atualizando-se, o que significa dizer, repensando-se a cada novidade que a ciência ou o pensar humano descobrir. Esse repensar levará, fatal mente, a mudanças na estrutura ideológica e organizacional do espiritismo.

Tais mudanças foram previstas para a doutrina espírita pelo próprio Kardec, Ao discutir sobre o modo pelo qual o espiritismo vem a ser conhecido, e o que acontecerá com ele no futuro, Kardec deixa claro que modificações serão realizadas na medida que a verdade venha a ser conhecida com mais plenitude: “O espiritismo, marchando com o progresso, jamais será ultrapassado porque, se novas descobertas demonstrassem estar em erro sobre um certo ponto, ele se modificaria sobre esse ponto; se uma nova verdade se revelar, ele a aceitará “[2].

Essa recusa em aceitar um processo de mudanças para a doutrina espírita, mesmo tendo este processo sido preconizado pelo próprio Allan Kardec, faz com que, cada vez mais, o espiritismo esteja afastando-se da posição de ciência ou de filosofia moral, com a qual ele próprio se define. Em fazendo isso, o movimento espírita acaba dando razão àqueles que vêem no espiritismo não mais que uma seita mística, desvinculada de qualquer processo racional, guiando-se apenas pela fé cega.

É compreensível que o processo de mudanças, sendo, sempre, traumático, provoque certo receio, notadamente naquelas pessoas que ocupam posições de poder. Entretanto, o que está em jogo é nada menos que a própria sobrevivência da doutrina espírita, que, incapaz de atuar como uma religião formal (o que, aliás, não é seu escopo), também não tem sido capaz de fazer-se ver pelo movimento de cultura como uma filosofia capaz de contribuir, com uma visão racional e otimista, para a felicidade do homem.

Atualmente, em contraposição ao que acontecia à época em que o espiritismo foi criado, a elite cultural da humanidade não se preocupa com ele, aplicando aos fenômenos que lhe deram origem explicações que desconsideram a possibilidade de sobrevivência do espírito. E o meio espírita não tem sido capaz de impor suas idéias, nem ao menos como hipóteses de trabalho válidas.

O presente texto objetiva discutir os motivos que levam o espiritismo a esta posição de estagnação no aspecto cultural, que o tem feito sustentar posições em desacordo com o atual estágio do conhecimento humano. Salienta meios pelos quais a doutrina espírita pode retomar seu crescimento intelectual, a partir de discussões amplas a serem realizadas nos próprios centros espíritas e de uma melhor preparação dos recursos humanos. Enfatiza também a necessidade de estimular a produção intelectual sobre espiritismo, e de participação do espírita nos meios acadêmicos, de modo a tomá-lo conhecido e respeitado.

1. A "QUESTÃO RELIGIOSA", AINDA UMA VEZ

Aquilo que estou chamando de "questão religiosa" refere-se, obviamente, à discussão que já tem se tomado clássica: saber se o espiritismo é ou não é religião. A freqüência com que tal discussão tem acontecido no âmbito do espiritismo é tão grande que já se tomou, há muito, cansativa e estéril. Então, por quê reativá-la?

Fundamentalmente porque a maioria (senão a totalidade) das discussões que se efetuam sobre este tema raramente saem do campo pessoal, indo, quando muito, ao significado da palavra" religião" (e normalmente sem grandes pesquisas). Não se atinge o domínio das idéias, não se discute o que se quer dizer com "é religião" ou "não é religião", não se debate a verdadeira essência do espiritismo. A discussão não é prática, e nem mesmo acadêmica: é somente facciosa.

É claro que existem bons textos sobre o assunto, mas, infelizmente, eles acabam passando despercebidos no mar das publicações tendenciosas. E, mais prejudicial ainda, é o descaso com a informação da comunidade espírita, que, sob o falso pretexto de "não polemizar inutilmente", cala sobre o assunto, esperando que ele morra por inanição.

Mais do que uma simples discussão da existência de um sentimento de religiosidade dentro da doutrina espírita, o fundo desta questão é a postura do espiritismo perante o mundo cultural. E o grande motivo pelo qual a maioria das lideranças espíritas não quer discuti-la é de ordem política, e não conceitual. Tal como em qualquer grupo organizado, a luta pelo poder é bastante significativa dentro do movimento espírita, apesar de, hipocritamente, se querer convencer as pessoas do contrário.

Mas, porquê é importante discutir se o espiritismo é ou não uma religião? Primeiramente porque há, claramente, uma distinção entre o conteúdo etimológico (sentido denotativo) e a conotação da palavra religião assumida pela maioria da população brasileira. Em segundo lugar, porque a *postura religiosa*, tal como tem sido proposta, tem um caráter cerceador sobre o crescimento do espiritismo enquanto filosofia. Finalmente, porque, sem resolvermos claramente esta questão, a meu ver relativamente simples, é impossível partirmos para uma discussão mais profunda da doutrina espírita.

A definição etimológica do termo, que normalmente é o ponto mais importante a ser considerado numa discussão deste tipo, destitui-se de maior importância no caso de religião. Senão, vejamos: não se pode definir com clareza a etimologia da palavra; dá-se como mais provável a referência ao verbo *legere*, no caso, *re-legere* (trazer de novo à mente, refletir)[3]. Entretanto, o étimo mais comum, desde Lactâncio, remete a *ligare, re-ligare* (religar, tomar a unir). Uma alternativa é dada por Krishnamurti C. Dias, que liga religião a *religionis* (laço que une os membros de uma mesma crença).[4]

O problema com todas estas definições etimológicas é que elas indicam conceitos distintos. A primeira refere-se a um refletir sobre a natureza, e eventualmente possui conotação metafísica ou mesmo teológica. A segunda liga-se claramente a uma posição política, impondo um liame para a união do homem com a divindade (representado pelas estruturas igrejeiras hierarquizadas que estamos acostumados a ver). Na terceira, temos uma representação prática, simbólica, da comunhão de idéias que formam as diversas escolas de pensamento humano.

Como não se pode dar absoluta preferência a qualquer uma delas, que tenha um mínimo de comprovação histórica, assentar a discussão sobre este tema em bases puramente etimológicas conduz quase que necessariamente ao campo minado das opiniões, além de não levar em consideração o que se entende atualmente pela palavra religião.

Este, na verdade, é o grande x da questão. Segundo o dicionário, religião é: "**1**. Crença numa força ou forças sobrenaturais, considerada(s) como criadora(s) do Universo, e que como tal devem ser adorada(s) e obedecida(s). **2**. A manifestação de tal crença por meio de doutrina e ritual próprios, que envolvem, em geral, preceitos éticos. (...)"[5]. Ora, esta definição representa muito bem o sentido conotativo que tem a palavra religião, ao menos no Brasil: o de uma doutrina indissoluvelmente ligada a cultos, rituais, dogmas, etc. para defender uma postura de dona de verdades incontestáveis. Independe

de qual Deus está em jogo, ou dos meios que serão usados para reverenciá-la: as formas de adoração exteriores são as marcas mais fortes da idéia comum de religião.

Este não é o caso da doutrina espírita. Ela, que nasceu em meio a um florescimento cultural, que lutou bravamente contra radicalismos materialistas espiritualistas, não possui nem pretende possuir verdades incontestáveis. Sua grande busca é a de uma idéia que forneça uma explicação do Universo que inclua o homem, em seus múltiplos aspectos e que leve em consideração os fenômenos aparentemente inexplicáveis da mediunidade. Não tem e nunca terá rituais ou cultos exteriores, os quais não se coadunam com sua proposta de existência.

Este é o motivo pelo qual Kardec manifestou-se contrário a chamar o espiritismo de religião: "Não tendo o espiritismo nenhum dos caracteres de religião, na acepção usual do vocábulo, não podia nem devia enfeitar-se com um título sobre cujo valor inevitavelmente se teria equivocado. Eis porque simplesmente se diz: doutrina filosófica e moral".[6]

Entretanto, se o problema fosse simplesmente esta dificuldade de entendimento semântico, ele seria de menor importância. O grande mal em ser considerada uma religião é que, devido a isto, a doutrina espírita tem sido constantemente paralisada naquilo que é a principal característica de uma ciência, e mesmo de uma filosofia: a capacidade de buscar o novo, encarando o Universo como se houvesse (e com certeza há) muito de uma verdade essencial escondida, velada, que precisa ser trazida a lume. Tais descobertas não se dão apenas como complemento dos conceitos espíritas já publicados, mas também pela revisão desses conceitos em face às novas descobertas do conhecimento humano em todos os seus diversos aspectos.

É nisto que a assunção de uma postura religiosa (vale dizer, dogmática) tem sido altamente prejudicial. Fazendo com que o meio espírita acredite que as verdades essenciais já foram postuladas pela nossa doutrina, os artífices desse comportamento desestimulam o livre pensar nos meios espíritas. O resultado disto é que o espiritismo vem sistematicamente repetindo as mesmas coisas nos últimos cem anos, e, assim, tornando-se uma doutrina anacrônica, chegando mesmo, em certos casos, a defender posicionamentos ridículos[7].

Mais se nós, espíritas, não conseguimos discutir em alto nível uma questão relativamente simples, e encontrar uma solução que permita a conceituação precisa da real idéia do espiritismo sobre ele mesmo e sobre o mundo que o cerca, não conseguiremos discutir questões mais profundas, que envolvam os conceitos mais fortemente definidos por Kardec. E, ainda, não poderemos analisar as novas teorias que constantemente são apresentadas aos olhos do público científico, filosófico ou mesmo leigo, e que vão na direção contrária à explicação espírita.

E continuaremos com o que vemos por aí, com os espíritas sendo ridicularizados por uns como místicos retrógrados, e por outros como adoradores do demônio, sem competência para rebater as críticas e firmarmo-nos, ao menos, com a mesma coerência com que Kardec posicionou o espiritismo em sua época.

2. QUESTIONAMENTO E ATUALIZAÇÃO

Já vimos que a posição religiosa assumida pelo movimento espírita tem como conseqüência cercear o desenvolvimento do espiritismo enquanto filosofia e, além disso, dificultar a discussão mais profunda de alguns temas relevantes. Por que isto ocorre?[8]

Toda filosofia necessita, para seu crescimento, de apenas uma coisa: que seus adeptos exerçam, de maneira plena, a capacidade de pensar (que nos diferencia dos demais entes da criação), de discutir (para proporcionar o crescimento das idéias) e de produzir (para que mais pessoas tenham acesso às novas idéias). Ora, isto é impossível se considerarmos que uma postura religiosa só se mantém à base de dogmas (verdades indiscutíveis), que, conforme sua própria definição, não permitem a discussão e as novas produções.[9]

Esta postura religiosa do movimento espírita é uma conseqüência história de seu desenvolvimento

no Brasil. De fato, apesar de o espiritismo ter sido introduzido no país por membros da aristocracia dominante no século XIX (normalmente, filhos de grandes senhores rurais que iam estudar na França, pólo cultural da época), houve, desde o início, forte junção dele com as religiões, principalmente a umbanda e o catolicismo.

Grande parte dos primeiros espíritas do Brasil, ou, ao menos, dos primeiros grupos a basear-se em Kardec, eram fortemente religiosos, influenciados desde cedo não só por encarnados com este cunho (como Bezerra de Menezes) mas também, principalmente, por comunicações de desencarnados, alguns, supostamente, de grandes nomes, como, por exemplo, do próprio Kardec. Mas o principal idealizador do espiritismo religioso foi um espírito de nome Ismael. cujas mensagens levaram grande parte dos espíritas a defender, até hoje, " a prevalência do espiritismo religioso"[10].

Já desde o século passado, o espiritismo brasileiro dividia-se em "místicos" e "científicos", liderados, aqueles, por Bezerra de Menezes e os últimos pelo professor Ângelo Torterolli. Esta oposição de idéias levou a uma luta encarniçada, na qual as idéias dos místicos predominaram, tendo estes usado "(...) para isso duma violência inusitada nos arraiais espíritas"[11]. É desta forma que surge a Federação Espírita Brasileira, "Para travar com maior probabilidade de vitória a luta contra 'os quatro inimigos do espiritismo: o materialismo, o positivismo, o racionalismo e o catolicismo' "[12].

O desenvolvimento do espiritismo no Brasil não pode ser entendido sem uma análise profunda da situação da época e das peças que o fizeram. A análise histórico-sociológica é fundamental para que se compreenda porque a doutrina espírita tem, hoje, o desenho que tem, e porque foi transformada numa religião[13].

É preciso também bastante cuidado ao se definir o modelo epistemológico espírita, isto é, o modo pelo qual o conhecimento espírita vem a lume. Se considerarmos o espiritismo como uma doutrina revelada, corremos o risco de mistificar aquelas idéias que nos foram trazidas pelos reveladores (em nosso caso, os espíritos desencarnados que se manifestaram mediunicamente a Kardec). O raciocínio é simples: se, como se costuma dizer e repetir no movimento espírita, os espíritos que responderam às perguntas de Kardec eram efetivamente de uma classe intelecto-moral muito elevada, então como discutir e questionar suas idéias e seus ensinamentos?

É verdade que há uma outra forma de se encarar o conceito de revelação, que remonta à etimologia deste termo. Revelação vem de *re-velare,* no mesmo sentido de desvelar, descobrir algo que estava velado, mostrar um fato desconhecido. Se considerado neste sentido, qualquer demonstração de um fato até então desconhecido, que possua a propriedade de mostrar-se verdadeiro, é uma revelação. Assim, o trabalho do professor, do cientista, do descobridor, é um trabalho essencialmente de revelação. Somente desta forma se pode admitir a idéia de ***revelação espírita***.

Mas, normalmente, as filosofias não vêem ao mundo por revelação. Filosofias são idéias, teses ou teorias que surgem do pensar do homem ao tentar explicar determinados fenômenos. Como normalmente estes fenômenos referem-se ao Universo e aos entes que nele habitam, eis que as filosofias normalmente possuem parcelas de cosmologia, metafísica, ética e política. É a busca da ampliação incessante da compreensão da realidade, através do saber.

Ora, sendo o espiritismo uma filosofia, é mais fácil para nós imaginar que seu surgimento dá-se do mesmo modo que surgem as demais filosofias, isto é, pela capacidade de organização de um pensador, que sistematiza uma teoria a partir de determinadas observações. No caso específico da filosofia espírita, o pensador era Kardec, e as observações, suas conversas com os espíritos desencarnados. Isto é corroborado pela importância que o próprio Kardec dava à razão como instrumento validador de suas observações e teses.

Entretanto, uma filosofia não cresce se ficar restrita apenas a seu criador. A diversidade de pensares, mesmo que concordando nos pontos essenciais, oriunda do trabalho de diversos homens é que faz com que uma filosofia firme-se no tempo e no contexto de sua própria época, imortalizando-se. Não existe

filosofia sem seguidores e opositores, sem contestação e aprimoramento dos argumentos, sem a réplica e a tréplica.

O caso espírita é ainda mais especial. Normalmente, as filosofias restringem-se a tratar de elementos da verdade quase que inacessíveis à investigação científica, e, por isso, permanecem estruturadas em suas características principais, no decorrer do tempo. Ao contrário, Kardec formulou a filosofia espírita como indelevelmente associada à investigação científica, de modo que suas verdades pudessem ir-se atualizando com o desenvolvimento do conhecimento científico.

Infelizmente, o desenvolvimento filosófico do espiritismo está ainda estagnado exatamente pela falta de uma conexão permanente entre ele e o desenvolvimento científico. Apesar da afirmação kardequiana de modificação das teses espíritas a partir das descobertas científicas, o que se vê é que estas descobertas não penetram o meio espírita, nem mesmo para um estudo mais aprofundado. Isto é conseqüência direta da postura imobilista que o movimento espírita assumiu, no que tange à aquisição de novos conhecimentos.

Uma segunda (e mais grave) conseqüência deste imobilismo é que os espíritas acabaram perdendo a capacidade de discutir racionalmente. Com isto, tomou-se impossível aprofundar qualquer questão que toque, ainda que se deve, os "dogmas" que se formaram na doutrina espírita. Tais discussões, quando provocadas, são tomadas em caráter pessoal, com acusações ridículas de desfiguramento da doutrina ou ainda (absurdo!!) de "influências de espíritos das trevas".

Todavia, quando se pensa numa discussão mais profunda de alguns temas relevantes para a doutrina espírita, não se pode esquecer que a atualização de conhecimentos do espiritismo não se refere somente àquelas idéias que Kardec deixou em suspenso, aguardando comprovações científicas ou experimentais. Não pode existir, no espiritismo, nenhuma idéia ou tese que esteja isenta da possibilidade de revisão.

As atualizações das idéias espíritas devem abranger também aquelas que Kardec postulou como verdades, ou, ao menos, como conceitos definidos. Afina. a evolução do conhecimento humano não se submete a limites de ordem pessoal; isto é, por mais autorizado que seja um pensador, suas idéias podem e serão questionadas sempre que novos fatos contrapuserem-se a elas. Deu-se isto em toda a história da humanidade, e loucos aqueles que pretenderam deter o conhecimento baseados apenas no argumento de autoridade.

Kardec, ao adentrar em campo científico, ao falar livremente da matéria como do espírito e das relações entre ambos, expôs-se a este questionamento. E, com sua característica perspicácia e bom senso, nunca se furtou a responder ao questionamento, rebatendo aos questionadores com absoluto conhecimento de causa. Mas, certamente, rendendo-se quando lhe era demonstrado encontrar-se em erro.

Estes campos específicos onde o questionamento é possível permeiam toda a obra kardequiana. Conceitos como perispírito, fluido vital, espaço universal, criação, evolução, pluralidade dos mundos habitados, reencarnação, influência dos desencarnados sobre os encarnados, os três reinos, são todos fortemente influenciados pelas novas descobertas das diversas ciências. E, portanto, passíveis de discussão e eventual revisão, mesmo quando Kardec é afirmativo.

Para tanto, é necessário que se estruture, dentro dos centros espíritas, grupos de estudo que tenham por finalidade trazer estes temas à baila, entendendo quais sejam estas novas descobertas científicas e comparando-as teses de Kardec. Esta fundamentação é absolutamente necessária, para que não sejam agregados à doutrina espírita conceitos que ainda não foram digeridos pela ciência, ou que sejam claramente produto de arroubos místicos.

Certamente, alguns dirão que o questionamento do mestre é uma heresia, e que, com certeza, a verdade está no espiritismo, devendo nós aguardar que a ciência chegue a esta conclusão. Entretanto, devemos lembrar-nos que nós, espíritas, não detemos o monopólio do conhecimento propugnado por Kardec, de modo que, se nós não nos propusermos a este questionamento, outros, não espíritas, o farão.

Negando-se à discussão e à eventual atualização dos conceitos, mesmo com a demonstração de uma nova verdade descoberta, os espíritas fecham-se num mundo particular, assemelhando-se cada vez mais às religiões dogmáticas que diz combater. E a doutrina espírita aparece, para a opinião pública, como mais uma seita minoritária, sem força e antiga, sobrevivendo da fé cega. Exatamente o contrário do que propunha Kardec.[14]

3. A VERDADE ESPÍRITA

Já dissemos que o espiritismo é uma filosofia que busca fornecer uma visão global do funcionamento do Universo, em todos os seus níveis. Isto significa que a filosofia espírita não se desvincula do universo prático, mas procura explicitá-lo num contexto mais abrangente. Assim, ela só poderá continuar existindo se suas teses representarem efetivamente a realidade. À conformidade com o real, a realidade, segundo o dicionário, dá-se o nome de *verdade.*

É natural, portanto, que os espíritas, ao considerarem que a teoria espírita sobre o Universo representa a realidade, julguem estar de posse da verdade. Entretanto, já temos tido provas suficientes do mal que esta crença pode trazer ao mundo, quando é tomada em seu sentido absoluto. Portanto, um estudo sobre a verdade, e sobre o modo como ela se apresenta, parece ser não somente salutar, mas imprescindível para a manutenção de um espiritismo aberto à possibilidade de evolução.

Mas, se verdade é a conformidade com o real, parece importante que se defina o modo pelo qual este real vem a ser conhecido. Já analisamos o conceito de revelação na doutrina espírita, concluindo que, em benefício de uma maior clareza, é melhor não admitir que o espiritismo veio ao mundo por revelação. Vamos procurar discutir as outras formas de obtenção do conhecimento. Numa classificação possível, são elas: o empirismo, o racionalismo, o intelectualismo, o apriorismo e o intuicionismo.

O **empirismo** afirma que o conhecimento só é possível quando derivado diretamente da observação sensível dos fenômenos ou dos fatos. Primeiro, o sujeito tem a sensação de algo; em seguida, percebe-o; finalmente, forma uma idéia dele. O ciclo sensação - percepção - idéia caracteriza o empirismo.

No **racionalismo**, ao contrário, a razão humana, a atividade do intelecto puro ou o conhecimento abstrato são as únicas formas para se atingir o conhecimento. A única coisa que importa é a razão. A maioria dos pensadores exclusivamente racionalistas admitem a existência de um conhecimento inato, chamado de conhecimento *a priori.*

Numa tentativa de conciliar o empirismo e o racionalismo, alguns pensadores afirmam que o conhecimento é obtido por uma combinação de ambos. Assim, primeiramente se adquire a experiência das coisas, que, depois, serão elaboradas pela razão, a qual pode, desta forma, conhecer coisas inacessíveis pela experiência. Este é o **intelectualismo**, e foi em seu seio que se desenvolveram os conceitos de ***dedução*** (conhecimento iniciando-se no geral e chegando ao particular) e ***indução*** (conhecimento iniciando-se no particular e chegando ao geral).

Uma outra forma de sintetizar o empirismo e o racionalismo foi proposta por Kant. Considerou ele que o homem possui alguns conhecimentos a priori, cujo conteúdo, porém será desenvolvido com a experiência. Mais ainda, pro· pôs que a realidade só poderia ser parcialmente conhecida. Este é o **apriorismo**.

Finalmente, o **intuicionismo** considera a possibilidade de se obter o conhecimento sem a experiência nem a razão. A intuição é a apreensão pura do conhecimento diretamente de uma fonte, não necessariamente conhecida.

O espiritismo, filosoficamente, faz uma nova síntese, ao mesmo tempo que amplia o campo de obtenção do conhecimento. Nesta síntese, entram o empirismo (notadamente naqueles campos em que a matéria, em suas várias formas, é elemento importante), o intelectualismo (no qual a razão entra só como complemento da experiência e sua continuadora, mas também como elemento de validação) e o intuicionismo (que seria representado pela apreensão direta da realidade pelo espírito, sem a matéria

intermediária). A ampliação fica por conta da reencarnação e da imortalidade do espírito, que não limita a possibilidade de obtenção do conhecimento no tempo.

Mas todo conhecimento, para ser válido, deve ser verdadeiro, e com isto retomamos à nossa questão inicial. Em linhas gerais, existem três concepções de verdade que são consideradas na filosofia:

A primeira delas, oriunda da Grécia, diz que a verdade é o dês-velamento de algo que se encontrava oculto. É a manifestação daquilo que existe ou é tal como é, o evidente, o que se apresenta a razão. Presume uma realidade que, mesmo desconhecida, é preexistente ao conhecimento. Chama-se aletheia (não esquecido, ou não escondido), e se refere às coisas que são. É a verdade do presente. O mesmo conceito existe na Índia, onde a verdade recebe o nome de satyia.

Outra, remanescente principalmente da época do Império Romano, diz que a verdade é a precisão de relato de algo que aconteceu. Diz respeito a enunciados que dizem as coisas exatamente como aconteceram. Presume apenas o desconhecimento de algo que já ocorreu. Chama-se ***veritas,*** e se refere às coisas que **foram**. É a verdade do passado e da linguagem.

Finalmente, a terceira concepção vem do povo hebreu, e diz que a verdade é o cumprimento de algo que se prometeu. Funda-se na esperança de um futuro que será ou virá. Exemplifica-se pela revelação divina, e presume que o conhecimento ocorre antes da realidade. Chama-se ***emunah*** (confiança, em hebraico), e se refere às coisas que **serão**. É a verdade do futuro e da profecia.

Em qual destes tipos de verdade localiza-se a verdade espírita? Temos de considerar que o espiritismo encara o Universo como sendo uma obra da divindade, que, apesar de altamente dinâmica, contém, no geral, as características de perfeição desta divindade. Portanto, o conhecimento, para a doutrina espírita é uma busca, a busca de algo existente, mas oculto. Entretanto, não se pode esquecer que o espiritismo surge a partir de um diálogo entre os encarnados e os desencarnados. Neste diálogo, há, como já dissemos, uma espécie de revelação, a mesma revelação de um professor em uma sala de aula.

Mas, em nenhum momento a doutrina espírita coloca-se em posição de aguardar uma verdade qualquer, prometida e ainda não realizada. O espiritismo não espera um messias, nem um salvador. Simplesmente mostra um caminho, uma direção a ser seguida para que o próprio homem construa seu destino.

Portanto, a verdade espírita tem um forte componente de aletheia e algum de veritas, mas não de emunah. E isto apesar do movimento espírita formal, que continua esperando que se cumpra a transformação do Brasil em "coração do mundo e pátria do evangelho", e que o espiritismo venha a ser a mais importante, senão a única, doutrina vigente. Espera inútil.

4. O "CONTROLE UNIVERSAL DOS ESPÍRITOS"

Apesar dos vários argumentos que foram descritos a favor de uma postura de busca constante de novos conhecimentos e contra o imobilismo, há ponderações que são sistematicamente repetidas pela absoluta maioria dos espíritas, a maior parte das vezes sem um pensar mais profundo sobre elas. Uma das mais expostas, e que pode causar (e, efetivamente, causa) grande prejuízo a esta busca, se for mal interpretada, é a que limita os novos conhecimentos à aprovação do controle universal dos espíritos.

Normalmente, esta expressão é empregada para evitar quaisquer alterações na teoria espírita. Isto estaria ótimo se as restrições fossem limitadas a conceitos espúrios[15], e se as idéias de Kardec sobre a validação dos conceitos espíritas e as mudanças a que eles estão sujeitos fossem perfeitamente entendidas. Entretanto, o que se observa é que a referida expressão só é empregada para obstar ainda mais os progressos necessários para que o espiritismo não permaneça estagnado no tempo, anacrônico, e acabe morrendo por inanição.

Antes de mais nada, reafirmamos o óbvio: é claro que não propomos que o espiritismo incorpore toda e qualquer" nova idéia" ou as pseudo descobertas científicas que diariamente são veiculadas na mídia. Adivinhações, poder dos cristais, runas, etc., são coisas que necessitam de um maior

embasamento, tanto conceitual quanto experimental, para que possam ser seriamente consideradas, se é que poderão.

As mudanças a que nos referimos dizem respeito às novas descobertas da ciência e ao avanço do conhecimento humano, como já dissemos anteriormente. Estas sim, precisam ser rapidamente estudadas pelos espíritas, para que a atualização da doutrina seja feita de forma a acompanhá-las. É a isso que Kardec referia-se, quando disse que o espiritismo modificar-se-á de acordo com as novas verdades científicas.

A discussão sobre as modificações a serem feitas no espiritismo passam pelo modo como Kardec validava os novos conhecimento" que iam sendo expostos, e que acabaram originando a doutrina espírita. O problema que se apresentava a Kardec era claro: esses conhecimentos, além de indicarem um caminho que mudaria radicalmente a visão que o homem tinha de seu Universo, estavam sendo obtidos por um meio que, apesar de muito antigo, nunca esteve ligado à ciência, mas à religião - a mediunidade.

Ora, como poderia Kardec, um homem acostumado ao rigor científico, apresentar de maneira inequívoca esses conhecimentos para uma sociedade cientificamente positivista? Era necessário que ele possuísse algum meio de validá-los, primeiramente a si mesmo, e depois para as academias e para o povo.

O critério básico que ele utilizou foi a razão. "O primeiro controle é, sem sombra de dúvida, o da razão, à qual é preciso submeter, sem exceção, tudo o que vem dos espíritos".[16] Kardec era da opinião que o espiritismo é uma ciência positiva, isto é, parte da experimentação de fatos concretos para chegar a uma generalização, às leis que regem o fenômeno e o próprio Universo. Por isso, recusava-se terminantemente a aceitar qualquer idéia baseado somente no argumento de autoridade, isto é, num nome.

Kardec, em consonância com sua visão positivista de ciência, propugnava que qualquer teoria deveria, antes de mais nada, ser lógica: "Toda teoria em manifesta contradição com o bom senso, com uma lógica rigorosa e com os dados positivos que se possuem, por mais respeitável que seja sua assinatura, deve ser rejeitada ".[17]

Mas, como ele mesmo observou, este controle era insuficiente. De fato, a aprovação racional de uma teoria simplesmente significa que ela não fere o bom senso, e que, portanto, há uma característica de verossimilhança nela. No entanto, somente esta aprovação não garante que ela seja verdadeira, podendo ser apenas o produto de uma mente coerente, porém desconhecedora da realidade universal.

Assim, Kardec estabeleceu um segundo método de validação: a confirmação da teoria por uma quantidade de comunicações obtidas em diferentes pontos do globo, através de diferentes pesquisadores consultando diferentes médiuns. "A concordância no ensino dos espíritos é, pois, o melhor controle; (...)". É a essa concordância que Kardec dá o nome de controle universal do ensino dos espíritos.

Na realidade, isto é uma adaptação do critério de validação mais usual que existe nas ciências da matéria: o da repetitividade. Qualquer descoberta científica só é validada quando, tendo os experimentos sido realizados por diferentes pesquisadores em diferentes laboratórios, os resultados apresentam-se compatíveis entre si. Como, no caso de pesquisas que envolvam o espírito, a repetição é duvidosa e difícil, devido à interferência do livre-arbítrio, uma boa aproximação deste critério é a concordância entre diversos espíritos.

Fica, pois, clara a motivação de Kardec: a de prover a incipiente ciência espírita de métodos de validação que pudessem sustentar os novos conceitos que ela trazia, e mesmo sua concatenação numa teoria mais abrangente, a filosofia espírita. Foram considerações de caráter puramente metodológico e, até esse ponto, perfeitamente válidas.

Não foi intenção de Kardec, como fica patente, submeter às descobertas das ciências formais ao controle dos espíritos. Como encontra-se muito bem explicitado no Livro dos Espíritos, a ciência foi dada por Deus ao homem para que este aprendesse a conhecer a natureza e apreender o Universo por seus próprios meios, sem esperar ser para sempre tutelado por revelações vindas do mundo espírita, do próprio Deus ou de qualquer outro lugar.

O que não podemos esquecer é que esses anos decorridos desde a publicação do Livro dos Espíritos trouxeram modificações não somente no conhecimento científico, mas no próprio modo pelo qual o homem encara o conceito de ciência. A ciência positivista, mecanicista e reducionista do século XIX está dando lugar a uma ciência orgânica[19], probabilística e colaborativa, na qual o homem não domina a natureza, mas integra-se a ela, conhecendo seus princípios e a maneira pela qual ele próprio participa deles.

Sendo a verdade espírita fundamentalmente calcada na idéia de que há um Universo previamente existente; sendo a função básica do sábio a de descortinar este Universo a todos os seres humanos, a ciência espírita não pode permanecer parada, esperando que novas revelações promovam este descobrimento. É absolutamente necessário que o cientista espírita integre-se nesta busca do conhecimento, produzindo um pensar que coloque o espiritismo numa postura pró-ativa, indo ao conhecimento, e não esperando que o conhecimento venha a ele.

Esta postura pró-ativa começa pela percepção de que ainda há um longo caminho a percorrer se desejamos conhecer a verdade. Depois, passa pela discussão dos modos pelos quais essa verdade pode ser atingida, e qual ou quais desses caminhos são os mais adequados à pesquisa espírita. Estabelecem-se planos de trabalho e então, finalmente, enceta-se a busca pelos caminhos escolhidos. Os resultados são publicados e discutidos. Só assim pode-se evolver na escalada do conhecimento.

Se o movimento espírita continuar a fiar-se somente no que os espíritos desencarnados têm a nos dizer, descobrirá, pela pior via possível, que eles não sabem mais que nós, na média, e que, enquanto esperávamos a revelação da verdade, ela já se tomou de domínio público. E o destino do espiritismo, neste caso, será aquele de todas as doutrinas que já não têm mais nada a dizer: um verbete em livros de história.

5. AS MUDANÇAS

Comentamos sobre a necessidade de mudanças na doutrina espírita. Entretanto, mudanças são, sempre, fenômenos traumáticos, e por isso necessitam ser feitas com determinados cuidados. Ao falarmos em mudanças, quatro questões precisam ser respondidas antes que qualquer movimento em sua direção possa ser sequer iniciado. São elas: Por quê mudar? Para que mudar? Para o quê mudar? Como mudar? Estas questões são o objeto deste item.

Por quê mudar refere-se à causa da mudança. O que, na situação atual, está insatisfatório a ponto de exigir mudanças? Em nosso caso, a causa cristalina, ao menos para aqueles que se preocupam com o futuro do espiritismo. Em primeiro lugar, há alguns conceitos da doutrina espírita que não mais se enquadram no estágio atual do conhecimento humano. Em segundo, há, como o próprio Kardec já havia previsto, novas verdades a serem descobertas, e o espiritismo precisa preparar-se, principalmente em termos metódicos, para essa busca.

Para que mudar refere-se ao objetivo da mudança. Qual o fundamento teórico que justifica uma mudança no espiritismo? A resposta é que o espiritismo deve mudar para não estagnar-se. Como disse Kardec, "O princípio progressivo que *[a doutrina espírita]* inscreveu em seu código será a salva-guarda de sua perpetuidade. E sua unidade será mantida principalmente por que ela não repousa sobre o princípio da imobilidade".[20] Reafirmando, não podemos nunca esquecer que, se o espiritismo parar no tempo, ele se distanciará tanto da realidade que será lembrado apenas como uma seita anacrônica e minoritária, sem nenhum significado maior para o homem.

Para o que mudar refere-se àquilo que se deseja. Qual é a situação final que o espiritismo espera alcançar? O que a doutrina espírita necessita é retomar o *status* que possuía no tempo em que Kardec o trouxe ao mundo, ou seja, o de uma filosofia universal, possuidora de conceitos adequados aos fatos científicos demonstrados e que encara o Universo como um todo orgânico e consistente. O espiritismo surgiu como uma doutrina que, por tratar de maneira racional temas de elevada complexidade, sempre foi discutida nos meios intelectuais. O que hoje, infelizmente, não ocorre.

Como mudar, finalmente, refere-se ao método, ao caminho a ser empregado pelos espíritas para concretizar as mudanças necessárias sem descaracterizar a doutrina espírita, ou seja, mantendo seus pontos fundamentais enquanto forem cientifica e filosoficamente válidos.

Por quê? Nem todos concordarão comigo que a situação atual do espiritismo é insatisfatória. Essa diferença de opinião é resultado de duas visões distintas e, pode-se dizer, inconciliáveis no que diz respeito aos objetivos e aos métodos do espiritismo. Aqueles que acham que a principal razão de ser doutrina espírita é a salvação do homem, é claro que não compreendem a necessidade de atualização. O conceito de salvação é absoluto e estático: o homem acha-se em erro e há um caminho previamente definido pela divindade ou por espíritos superiores que levam-no à perfeição; portanto, o que precisa ser modificado?

O principal objetivo do espiritismo é explicar o "modo de funcionamento" do Universo, a verdade universal ainda oculta. Claro que isto envolve o ser humano, e, portanto, envolve considerações éticas e morais. Mas, além de não se restringir apenas a isto, fica a questão: é possível a existência de uma ética independente do conhecimento da verdade? A resposta é não.

Não podemos esquecer também que, a favor do imobilismo (da postura que diz que "como está, está bem") existem considerações de ordem política. Basta ver a estrutura de poder de nossos centros e federações espíritas para constatar que a principal forma de comando é uma ditadura disfarçada (e, às vezes, nem tanto): presidentes perpétuos e que mais.

Para que? Uma coisa precisa ser sempre lembrada, independente da necessidade de mudanças: é a posição em que Kardec colocou o espiritismo em relação à cultura. Kardec foi, sempre, claro ao posicionar a doutrina espírita como uma ciência que possuía conseqüências éticas e morais. E foi, também, claro ao dizer que o espiritismo acompanhará o desenvolvimento das ciências. Se uma autoridade fosse necessária, ninguém melhor que o criador da ciência espírita para autorizar a sua atualização.

Para o quê? Algumas pessoas discordam da necessidade de o espiritismo colocar-se entre as doutrinas influentes do mundo, do ponto de vista intelectual. Isto é importante porque nenhuma ciência ou filosofia pode sobreviver sem que haja um fervilhar intelectual sobre seus conceitos. E esse fervilhar, como já foi dito, não deve ser somente favorável, mas também contrário a esses conceitos. Ora, isto só acontece quando uma doutrina é importante o suficiente para que elementos de destaque nos meios acadêmicos tratem dela, a favor ou contra.

Numa análise histórica, observa-se que isto é o que acontecia à época de Kardec. O espiritismo sofreu ataques não somente do clero (que, num dado momento, sentiu sua posição de supremacia nos temas do espírito ameaçada), mas também de elementos tão importantes para a ciência quanto Faraday, por exemplo. Ora, atualmente, os intelectuais que se dispõem a falar da doutrina espírita o fazem, sempre, de um ponto de vista teológico, místico ou religioso, não se preocupando com as considerações filosóficas e/ou científicas.

Este é um passo claro para a estagnação. Se não houver uma discussão muito bem fundamentada, fora do meio espírita, o que acontecerá é que, mesmo que haja espíritas de boa vontade em promover discussões internas, a doutrina espírita permanecerá fechada em si mesma, pouco evoluindo em relação ao conhecimento humano. Estagnada, portanto.

Como? Talvez o grande problema a ser resolvido seja o modo pelo qual espiritismo deva conduzir suas mudanças próprias. Jaci Régis fez uma proposta21 composta de seis passos: não fechar as portas a nenhum progresso, não sair do círculo das idéias práticas, apoiar a descoberta de novas leis, assimilar todas as idéias reconhecidamente justas, seguir o movimento progressista com prudência e não imobilizar-se. Esses seis passos são importantes, mas referem-se à postura que o espírita deve ter para permitir a existência das mudanças. O maior problema são as ações que devem ser materializadas para que as mudanças ocorram, no espiritismo, de acordo com os critérios do método e prudência estabelecidos por Kardec.

Precisamos, antes de mais nada, da disposição para a mudança. Em seguida, necessitamos definir os fundamentos estruturais da doutrina espírita, isto é, a base que deve ser mantida. Depois, são necessários recursos humanos adequados, previamente preparados, que permitam que as discussões sejam produtivas. Uma vez realizadas estas discussões, nos próprios centros espíritas, o próximo passo deve ser a produção de trabalhos, sob a forma de textos, monografias, livros, fitas, ou qualquer outro meio que permita uma divulgação destas idéias a todos os interessados, dentro e fora do meio espírita. Seguinte, a reunião destes pensadores em encontros que fomentem ainda mais a discussão. Finalmente, um esforço de divulgação que permita que esta novas idéias sejam levadas a todos os lugares e a todos os níveis. Estes passos são melhor explicados no item 7.

O resultado disto será que as idéias espíritas, convenientemente discutidas, serão inscritas nos meios culturais de modo permanente, livrando o espiritismo da pecha de seita religiosa inerte. Com isto, estaremos seguindo o caminho que Kardec traçou para o futuro do espiritismo.

6. FUNDAMENTOS ESTRUTURAIS DO ESPIRITISMO

As respostas às questões por quê, para que, para o que e como mudar faz supor que o caminho está aplainado para que se inicie o processo de mudanças. Entretanto, mais uma questão se faz necessária: o que é a mudança?

Mudança pode ser definida como um processo de passagem de um estado a outro estado (ou de uma situação a outra), realizado por um ente ou por uma idéia. O que se deve atentar é que toda mudança necessita de um pólo móvel, sem o que não há como falar em mudança, e um pólo fixo, ao qual o primeiro deve ser referido.

Isto ocorre porque, quando falamos em mudança, não podemos descaracterizar o ente ou idéia que muda, sob pena de não mais o reconhecermos, e, assim, não aceitar o próprio processo de mudança. Um grande problema é definir exatamente quais são estes pólos, ou seja, traçar a linha divisória entre o processo de mudança e a perda de identidade. No dizer de Karl Popper: "Como pode uma coisa mudar sem perder sua identidade? Se permanece a mesma, não muda; todavia, se perde sua identidade, então não é mais aquela coisa que mudou".[22]

Com muito mais razão este problema coloca-se no espiritismo, sendo o movimento espírita tão avesso a qualquer modificação. É preciso definir claramente quais os fundamentos estruturais da doutrina espírita, que representam seu pólo fixo, aquele em referência a que serão feitas as mudanças. Alterações significativas neste pólo descaracterizariam a doutrina, e não poderíamos mais falar em processo de mudança.

Deve-se notar que, do modo como o espiritismo foi constituído, mesmo este núcleo que chamamos de pólo fixo pode ser discutido e, eventualmente, rechaçado, desde que a evolução científica demonstre a falsidade de qualquer proposição dele. Porém, neste caso, não se pode mais falar em processo de mudança, porque, a rigor, não se poderá mais falar sequer de espiritismo.

O problema que se apresenta, portanto, é definir a fundamentação estrutural do espiritismo, de modo que possamos aclarar o caminho para as mudanças necessárias. Esta definição só pode ser feita sobre o conjunto de idéias que, juntas, constituem nossa doutrina. Se fixarmo-nos apenas nos seus princípios éticos, ficaremos com uma doutrina piegas que propõe modelos arbitrários de conduta, sem uma justificativa filosófica, racional, para eles.

Uma análise dos seis princípios básicos que, tradicionalmente, diz-se que formam o alicerce sobre o qual o espiritismo se desenvolve (existência de Deus, existência e imortalidade do espírito, evolução infinita, pluralidade das existências, pluralidade dos mundos habitados e comunicabilidade entre encarnados e desencarnados) nos revela não serem eles originais. Isto é, o espiritismo não foi o primeiro sistema a falar sobre ou mesmo a praticar os fenômenos derivados destas idéias.

A grande contribuição da doutrina espírita foi (como já foi dito) ter formado, com estes conceitos, um

todo coeso que nos mostrasse um modelo para a constituição e funcionamento do Universo. Este todo é, sim, novo, e forma a filosofia espírita, no que há de mais grandioso. Tentemos resumir esta filosofia.

O Universo é um conjunto orgânico e dinâmico, formado fundamentalmente por dois elementos principais: o espírito, definido como o princípio inteligente, e a matéria, elemento inerte (do ponto de vista inteligente), com o qual o espírito interage num processo de evolução contínua. Esta evolução se faz a partir de um estado de total ausência de complexidade e conhecimentos (daí dizer-se que o espírito é criado simples e ignorante) e estende-se infinitamente.

Este conjunto foi criado pelo Ser por excelência, que denominamos Deus, que é, assim, a causa primária (eficiente) deste todo universal. É infinito em todas as dimensões, sejam espaciais ou temporais, razão pela qual falamos que a evolução do espírito é infinita. Deus, contudo, não está sujeito a esta evolução, uma vez que deve ser perfeito. Não participa, pois, do Universo, tal qual este é constituído.

Este Universo sustenta-se, dinamicamente, através de leis que o dirigem. As leis específicas do elemento material são chamadas de leis físicas, e sua competência de estudo pertence às ciências de investigação da natureza. As do espírito denominam-se leis morais[23], e são tratadas pela filosofia, no ramo da ética. A investigação do espírito é feita pelas ciências humanas, cada uma com seu método próprio, e pela ciência espírita, através, principalmente, da mediunidade.

As relações entre os espíritos, encarnados ou desencarnados, são baseadas em critérios de afinidade, de ordem afetiva, intelectual ou de qualquer outra ordem. A sua evolução se dá em dois eixos: um referente ao conhecimento da verdade universal; outro, à postura perante aos demais espíritos e à lei natural. Por isso, dizemos que esta evolução é intelecto-moral.

Eis, portanto, as estruturas fundamentais do espiritismo, que formam seu pólo fixo, em referência ao qual se poderão fazer as mudanças:

- Deus como causa eficiente do Universo, não sujeito às suas leis;
- O Universo como um conjunto dinâmico, composto dualmente de matéria e espírito;
- Matéria e espírito como elementos distintos e em constante interação;
- A existência de leis específicas para a matéria e espírito, respectivamente, leis físicas e morais;
- A evolução infinita, intelecto-moral, do espírito;
- Conseqüências éticas e morais estabelecidas em função da filosofia espírita, e não de modo arbitrário.
- A possibilidade de comunicação mediúnica entre espíritos encarnados e desencarnados, ou seja, a comunicação mediúnica.

Em se mantendo esta base, descrita de maneira mais extensa na introdução do Livro dos Espíritos, estaremos sempre falando de doutrina espírita. É interessante notar que temas como perispírito, fluido vital, etc. são simples acessórios, importantes, sem dúvida, mas não afetando a estrutura fundamental. E mesmo assuntos que fazem parte dos seis princípios básicos, como reencarnação e pluralidade dos mundos habitados, poderiam vir a ser remodelados e até eliminados sem que isto descaracterizasse o espiritismo como uma filosofia particularizada e própria.[24]

7. O COMPROMETIMENTO DO ESPÍRITA COM AS MUDANÇAS

Uma vez que fique claro para nós que deva haver mudanças na doutrina espírita, para evitar que ela torne-se completamente ultrapassada, uma última questão que se coloca é: quem deve efetivar tais mudanças?

O grande problema que o movimento espírita enfrenta hoje, nesta área, é que os órgãos de unificação, que, hierarquicamente, deveriam zelar pelo futuro do espiritismo, não estão preparados para assumir a necessidade ou mesmo a possibilidade de se atualizar a doutrina. Rigidamente estruturados, com o poder de decisão concentrado na mão de poucos, esses órgãos não conseguem (e na verdade nem querem)

formar centros espíritas capazes de propor tal atualização.

Por outro lado, os centros espíritas reproduzem, em menor escala, a mesma estrutura. Amedrontados com o novo mundo de conhecimentos que seria descortinado com estas mudanças, seus dirigentes inibem o estudo mais profundo, coíbem a livre manifestação das mocidades espíritas e, com isso, conseguem manter o *status quo*, seja no campo político, seja no das idéias.

Ainda, outro problema que se apresenta é o comodismo dos participantes. Realmente, a maioria deles prefere manter-se apenas freqüentando palestras de cunho evangélico, que não comprometem sua estrutura mental ao exigir um pensar mais profundo e um posicionamento crítico sobre as coisas que se acredita e se pratica. Ao mesmo tempo, observa-se em alguns freqüentadores, que têm uma atividade intelectual intensa em sua profissão, uma tendência a separar, de modo incoerente, esta atividade daquela que exerce no centro espírita: encaram o centro como um lugar onde vão satisfazer uma necessidade mística. Separam, assim, em si mesmos, o "místico" do "cientista", não percebendo que o espiritismo não propõe esta dualidade em sua visão de mundo.

Ora, se o debate não partir dos próprios centros, os quais precisam passar por lima reformulação no que diz respeito aos seus métodos de trabalho e objetivos, nunca se formará uma massa crítica de pensadores espíritas capazes de não só realizar a atualização da doutrina espírita, mas também de colocá-la seriamente no rol das filosofias a serem estudadas.

O primeiro passo que os centros espíritas precisam dar é realizar uma ampla discussão interna sobre quais são os objetivos da doutrina e do próprio Centro espírita. Se esta discussão for realmente imparcial, os centros descobrirão (alguns com muita surpresa) que Kardec reservava a eles a função de núcleos geradores do pensamento espírita. Nada contra uma possível atuação na área da promoção social, mas deve-se ter muito claro que o principal objetivo é o estudo e divulgação da doutrina espírita.

É imprescindível a criação de cursos básicos de doutrina espírita, que proporcionem aos não espíritas um entendimento correto dela, ainda que superficial. A definição de espaços onde os freqüentadores da casa possam aprofundar suas discussões e adquirir novos conhecimentos é, também, de fundamental importância. No campo da divulgação, as palestras públicas devem ser voltadas para temas doutrinários, de modo que incentive nos assistentes a vontade de participar dos cursos e dos grupos de estudos.

Mas, para tanto, é preciso que os dirigentes e coordenadores de cursos sejam pessoas muito bem preparadas. Na verdade, o aprimoramento dos recursos humanos é uma das principais falhas que existem dentro dos centros espíritas. Observa-se, com muita freqüência, oradores, coordenadores e dirigentes completamente despreparados para transmitir ao público os fundamentos da doutrina espírita, que dirá de aprofundá-los.

Quando tais idéias são expostas, muitos acusam-nas de elitistas, afirmando que o que se pretende é restringir o acesso do público ao espiritismo. Entretanto, normalmente, este argumento é usado para esconder o despreparo daqueles que, por sua função de dirigentes e monitores de cursos de espiritismo, representam o primeiro contato que o não espírita tem com a doutrina. Não se pode esquecer que estas pessoas estão colocadas na função de verdadeiros professores de cultura espírita e que, para transmiti-la, precisam primeiro possuí-la. E não se pode pretender possuir esta cultura espírita sem estar em constante processo de busca da verdade, um questionamento sem fim.

O que se vê no meio espírita são pessoas que, unicamente por serem médiuns ou por freqüentarem há muito tempo a casa espírita, são colocadas na função de palestrantes ou coordenadores de cursos. Ora, a mediunidade é uma potencialidade que deve ser bem aproveitada no centro, mas nada tem a ver com a transmissão de conhecimentos espíritas.

Para ser um palestrante, é necessário possuir a capacidade de, de modo claro e adequado ao público alvo, explanar bem as idéias doutrinárias. De nada adianta escalar um palestrante que, por incapacidade para falar em público, não consiga manter sua atenção. O principal objetivo da palestra, que é divulgar

o espiritismo, não terá sido atingido. Da mesma forma, para ser um coordenador de cursos, é necessário conseguir transmitir os conhecimentos do programa, o que só se faz quando se tem uma boa didática. Do contrário, os participantes sairão com menos conhecimento que quando entraram. Ou, pior, sairão achando que entenderam a mensagem e que compreendem o espiritismo. O que, normalmente, não é verdade.

Uma vez criados os espaços necessários para os estudos, é função dos dirigentes incentivar a participação dos membros da casa neles. É preciso que se entenda que não pode haver um trabalho produtivo no centro espírita, seja como médiuns, seja no atendimento às pessoas, nas transmissões energéticas, ou em qualquer outra área, sem que haja um constante aperfeiçoamento, tanto em termos teóricos como práticos. A exemplo do que acontece em qualquer profissão, um profissional que não se recicla é conduzido rapidamente à obsolescência, porque o conhecimento da área está em contínua evolução.

Agora, para que os centros colaborem como se deve para a evolução da ciência espírita, é necessário que sejam criados grupos de pesquisa sobre temas específicos. Estes grupos devem ser multidisciplinares, compostos de pessoas de certo nível cultural e que estejam bem informadas sobre as áreas específicas de seu interesse. Nestes grupos, a pesquisa deve ser muito profunda, comparando-se os avanços das demais áreas do conhecimento com os postulados espíritas.

Todavia, os resultados destas pesquisas não devem ficar restritos aos grupos de estudos. É fundamental que estes resultados sejam publicados, para que outros grupos tenham acesso a eles e possam contribuir com suas próprias idéias e pesquisas. Na verdade, o centro deveria prever uma verba anual para a publicação desses trabalhos, e sua divulgação deve ser a mais ampla possível.

Finalmente, quando da ocorrência de simpósios ou congressos, os membros do centro devem ser fortemente incentivados a participar, de modo que possam absorver as pesquisas realizadas por outros grupos, e, posteriormente, discutir essas pesquisas no próprio centro, refazendo-as, se necessário, para validar de modo pleno seus resultados. Isto, além de divulgar, nestes espaços, suas próprias pesquisas.

Tudo isto é resultado do comprometimento que os espíritas devem ter com sua própria doutrina. Não somente os dirigentes, não somente aqueles que gostam do estudo, mas todos aqueles que querem se dizer espíritas. Espiritismo é ciência e filosofia. Não se faz nem uma coisa nem outra sem esforço e comprometimento, em todos os níveis.

É isso. Ou o fim do espiritismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABREU, Canuto, Bezerra de Menezes; subsídios para a história do espiritismo no Brasil até o ano de 1895, 5. Ed. São Paulo: FEESP. 1996. 117 p.

DIAS, Krishnamurti C. O laço e o culto; é o espiritismo uma religião? 1ª ed. Santos: Dicesp, 1985. 160 p.

HUBY, José. Christus; história das religiões. Vol. 1. São Paulo: Saraiva, 1956. 337 p.

KARDEC, Allan. Revista espírita. Vol. 2, ano 1859. Edicel, 414 p.

KARDEC, Allan. Revista espírita. Vol. 7, ano 1864. Edicel, 402 p.

KARDEC, Allan. Revista espírita. Vol. 11, ano 1868. Edicel, 398 p.

KARDEC, Allan. A Gênese; os milagres e as predições segundo o espiritismo. 17. ed. São Paulo: LAKE, 1994. 400 p.

KARDEC, Allan. Obras póstumas. 1. ed. São Paulo: LAKE, 1975.326 p.

POPPER, Karl. Conjectures and refutations. Apud EPSTEIN, Isaac. Revoluções científicas. São Paulo: Ática, 1988. Ensaios 126. 144 p.

REGIS, Jaci. Método para a atualização do espiritismo. In Anais do III Simpósio Brasileiro do Pensamento Espírita. Santos, 1993.

NOTAS

[1] Allan KARDEC. *Revista espírita, julho* de 1859, p.195.

[2] *Idem, A Gênese,* p. 37.

[3] José HUBY. *Christus - História das religiões.* S. Paulo: Saraiva, 1956, p.21.

[4] Krishnamurti C. DIAS. O *laço e o culto - É o espiritismo uma religião?.* Santos: DICESP, 1985, p.55.

[5] Aurélio B. de Holanda FERREIRA, *Novo dicionário de língua portuguesa.*

[6] Allan KARDEC. O espiritismo é uma religião? *Revista espírita,* v. 11, dezembro 1868, p. 357.

[7] Chamo de ridículas certas idéias que ainda se prendem a antigas concepções de punição (como é o caso da lei de ação e reação sendo encarada como pena de Talião) ou tentativas de ritualizar práticas nos centros espíritas (por exemplo, impedir que o passe seja aplicado quando braços ou pernas estão cruzados, alegando que isso" dispersa a energia"). Tais idéias e posicionamentos merecem um estudo mais aprofundado e detalhado, no que tange às suas origens, apresentação e refutação, o que não é o escopo deste trabalho.

[8] A ligação entre a postura religiosa e o imobilismo de idéias é, certamente, uma generalização. Entretanto, infelizmente, pode ser observada na quase totalidade dos espíritas "místicos". As raras exceções de espíritas que, apesar de defenderem uma posição religiosa para o espiritismo não permaneceram imóveis no campo das idéias (a exemplo de Herculano Pires e Carlos Imbassahy, só para citar os mais conhecidos) só confirmam a regra.

[9] Alguns pensadores espíritas entendem que o dogma na religião é uma criação eclesiástica, e que nada impede a existência de uma religião sem dogmas. Entretanto, como praticamente todas as religiões formais existentes no mundo possuem esta postura, a argumentação do texto permanece válida.

[10] Canuto ABREU, *Bezerra de Menezes,* p. 38 (nota da editora).

[11] *Idem, ibidem,* p. 39.

[12] *Idem, ibidem,* p. 42.

[13] Como este não é o objetivo do presente texto, deixarei este estudo para um trabalho futuro.

[14] Ainda aqui, falo de maneira geral. Existem algumas pessoas, infelizmente exceções, que nunca se negaram a discutir e, quando necessário, atualizar os conceitos. Entretanto, estes são uma minoria muito pequena, e, portanto, a análise continua, a contragosto, válida.

[15] Entendo por conceitos espúrios aqueles que, claramente, não pertencem ao corpo doutrinário do espiritismo e, além disso, quando for o caso, ainda não foram validados por qualquer outra forma de conhecimento científico. Exemplos ficam por conta dos misticismos esotéricos, dos chacras, da astrologia, etc. E mais, podem ser também consideradas espúrias práticas que, sem um fundamento teórico sério, vão frontalmente contra as recomendações de Kardec, como, por exemplo, sessões públicas de desobsessão.

[16] Allan KARDEC. Autoridade da doutrina espírita - Controle universal do ensino dos espíritos. *Revista espírita,* v. 7, p. 10 1, abril 1864.

[17] *Idem, ibidem,* p. 10l.

[18] *Idem, lbidem,* p. 102.

[19] Entende-se por ciência orgânica aquela que, opondo-se à concepção mecanicista, encara o Universo como um todo indivisível, em que há uma sinergia entre suas partes constituintes. Deste modo, o modelo para esta concepção não é o de uma máquina, mas o de um organismo, onde problemas em um setor significam problemas para o organismo como um todo. É a ciência da era quântica.

[20] Allan KARDEC. *Obras Póstumas.* 1. Ed. S. Paulo: LAKE, 1975. Constituição do espiritismo. Dos cismas, p. 292.

[21] Jaci Régis. Método para a atualização do espiritismo. *Anais do* III *Simpósio Brasileiro do Pensamento Espírita.* Santos, 1993.

[22] Karl POPPER. *Conjectures and refutations.* Apud Isaac EPSTEIN. *Revoluções científicas.* S. Paulo: Ática, 1988. Ensaios 126, p.9.

[23] Possivelmente, o termo "moral" não é o melhor para definir a idéia que permeia este aspecto da doutrina, tanto em função da etimologia da palavra (ligada ao latim *moris,* que significa os costumes de cada povo), quanto pelo sentido que lhe é dado pela sociologia. Entretanto, esta discussão será tratada em outro trabalho, e, para manter a tradição do uso que lhe deu Kardec, optei por mantê-la neste texto.

[24] Isto porque estes princípios são conseqüências lógicas do modelo de Universo do espiritismo: se consideramos um Universo criado por Deus da maneira mais simples possível, composto por dois princípios - o espírito e a matéria - e sujeito a uma evolução infinita, como é possível realizar esta evolução em uma única encarnação e em um único planeta?

O QUE DISSE KARDEC?
É o espiritismo uma religião?

Geraldo Pires de Oliveira

INTRODUÇÃO:

Uma conversa informal suscitou a reflexão que inspirou este trabalho. O norte do nosso estudo é sem dúvida a questão religião ou não? - o que parece mais apropriado à Doutrina Espírita, cento e quarenta anos depois, final do século vinte. Quer parecer que retomar a Kardec, analisar a história, voltar ao presente. Insistir nesse ir e vir retomando os detalhes, avaliando outros pensamentos podem amadurecer idéias, delinear com firmeza um projeto mais apropriado para o espiritismo.

Tudo aqui é posto como um burilar do pensamento. Esse que se supõe livre.

Que se dispõe a questão almejando o píncaro das possibilidades sem as peias do preconceito. Nem de longe imaginamos que os pontos consultados não fossem de conhecimento dos companheiros estudiosos do espiritismo. Esse enfoque, não pretende ser mais que uma pálida contribuição a se somar com outras tão mais ricas, melhor elaboradas que já se dispõem ao estudo dos que refletem sobre o assunto. “O que disse Kardec?", pretende definir e ratificar a posiç1io que adotamos desde o início por afinidade. Sem o afã da polêmica infértil, passional e partidária; longe da idéia de segregação ou de preconceito, com o firme propósito de contextualizar: "'O que disse Kardec ?" ...

Através de conversas com di versos companheiros que partilham esse ideal de estudos, tivemos a informação que nos diversos centros de estudo, centros espíritas, por maior que sejam as afinidades não existem dois iguais. São particularidades, tendências que tomam as instituições distintas a despeito da base ser a mesma: Kardec.

Quando analisamos uma doutrina religiosa, cristã, por exemplo, podemos entender que suas várias tendências se devem a interpretação divergente de textos de palavras dentro do compêndio bíblico. Podemos avaliar que são análises de textos muito antigos, e não raro atendem a interesses particulares, para assegurar o poder de alguns, ou não. Mas no caso da obra kardeciana, cuja elaboração não dista tanto do nosso tempo, é difícil justificar as interpretações divergentes, a não ser, também pela vaidade, pela manutenção do poder ou mesmo a conquista desse. É possível equacionar as diferenças não propriamente com o objetivo de unificar antes de possibilitar o debate, o estudo, a pesquisa no intento ele Avançar efetivamente.

__ O ideal espírita, o sonhado por Kardec, e adotado por tantos quantos vieram depois é sem dúvida o de contribuir para uma vida melhor a partir do entendimento melhor da própria vida. Por conta disso muitos resolveram alocar o espiritismo dentre as chamadas ciências humanas, ou sociais. Muitos só caminharam pelo caminho filosófico, como se fora a Doutrina espírita unicamente filosofia. Outros, talvez a grande maioria despertaram só e exclusivamente para o lado moral que tem contato com a religião, posto que Kardec referiu-se a moral cristã, como sendo a sua adoção para nortear o pensamento espírita. A preocupação é que essa escolha da maioria não deu desenvolvimento aos dois aspectos principais, que teria a moral por conseqüência. E mesmo do aspecto moral só se ateve a prática da caridade beneficente embevecidos que estavam os espíritas por tomadas evangélicas, chavões como: "Fora da Caridade não há salvação", "Só o amor constrói", É dando que se recebe"; e não houve um avanço além das ladainhas das máximas evangélicas. Por conta disso quase temos mais uma seita, mais uma igreja, com os mesmos postulados de igrejas evangélicas, ou com costumes católicos, umbandistas, e o que valha nas orientações de suas práticas.

Adotamos uma vez, o símbolo do triângulo para explicar o caráter do espiritismo. E veja se bem: sem nenhuma alusão cabalística a figura triangular. Num ponto a ciência, n'outro a filosofia, e o espiritismo como resultante num outro vértice. Depois, considerando que a religião também tem importante papel no desenvolvimento da humanidade tivemos: num

vértice a ciência e a filosofia no outro a religião e como vértice de união o espiritismo. O espiritismo como ponto de contato de harmonização das duas partes sempre antagônicas. Mas o espiritismo sempre estaria distinto. Teria sempre seu aspecto e postura eminentemente filosófica e cientifica, mas nunca seria uma religião. Então: "O que disse Kardec ?" ...

Desde os primórdios da história do espiritismo há um embate entre os chamados laicos e os chamados religiosos. Pessoas de boa índole e de moral adotaram uma bandeira por afinidade, entraram num time. Muitas das vezes apaixonadamente. Todos efetivamente a Kardequiana, lutavam pelo mesmo objetivo mas por caminhos divergentes. Na América do Sul tivemos personalidades como: Torterolli, Porteiro, Marioti e outros que defenderam o espiritismo filosófico e científico. Do lado religioso foram muitos e destacamos o Dr. Bezerra de Menezes, hoje quase canonizado nos meios espíritas religiosos. E nos parece que muitos labutam na chamada seara espírita sem se dar conta destas diferenças, e se o sabem nem se preocupam pois o importante é efetivamente a caridade.

Sabemos que quando Kardec, no livro: "O Evangelho Segundo o Espiritismo" escreveu sobre a caridade e disse: "Fora da Caridade não há Salvação" estava fazendo alusão à máxima incorporada ao evangelho de Jesus: "Fora da igreja não há salvação". E tratou Kardec de explicar ou diferenciar a caridade como beneficente e benevolente. A beneficente como largamente difundida no Brasil, trata exclusivamente de atender as necessidades básicas dos carentes nas diversas áreas. Já a caridade benevolente da conta efetivamente da inter relação pessoal. Não posso deixar de dizer que a prática da caridade pelos espíritas é sempre muito elogiada por pessoas gabaritadas em várias áreas. Os espíritas são especialistas em caridade!

É bom que se diga que os chamados laicos, ou os que de fendem o espiritismo como ciência, filosofia e moral nunca deixaram de ser caridosos. Sempre atuaram em prol de uma causa social, política, sempre estiveram engajados na luta do seu tempo, atuantes. E sempre o fizeram de maneira pessoal, por índole não em nome, ou por causa do espiritismo.

Isso posto podemos ver que essas duas porções que dividimos os espíritas darão condições de entender as bandeiras os partidos adotados ao longo da história.

A FORMAÇÃO DE KARDEC:

Os ascendentes de Hyppolyte Léon Denizart Rivail, foram magistrados, dedicados a ciência do direito. Não seguiu essa tradição, já que desde cedo interessava-se pela ciência e pela filosofia. Estudou na escola de Pestalozzi em Yverdun - Suiça. Ora Pestalozzi é considerado o pai da pedagogia, já ouvimos isso. A família de Kardec era de tradições católicas, seu principal mestre era protestante. Interessante observar que Pestalozzi sonhava com a unificação das crenças, que o progresso traria por assim dizer uma única religião, dissipando as divergências e debates o que promoveria a paz entre os povos. Alguns atribuem a isso a idéia de ecumenismo.

Para os intolerantes sectários isso era obra do demônio. Intolerância religiosa de um lado e de outro também despertaram em Rivail o ideal de apaziguar as tendências e unificar os diversos credos. A nosso ver uma utopia que no momento da elaboração da Doutrina espírita parecia ter encontrado sua realização. Podemos até entender com Kardec, que as religiões poderiam encontrar confirmação de seus pontos de fé no espiritismo, pois que alguns elementos que era objeto de estudo do espiritismo faziam parte da conformação doutrinária dos diversos grupos e instituições religiosas. E até se abriu, por assim dizer, a possibilidade dos diversos religiosos estudarem espiritismo continuar nas suas igrejas e assembléias. Mas entendemos que isso contribuiria com a confusão mais tarde.

EMBATES E ALGUMAS INTRIGAS DE KARDEC:

Na resposta ao abade François Chesnel temos Kardec afirmando que o espiritismo não seria mais uma seita, não seria religião. Kardec pergunta e responde: *"é ele (o espiritismo*

uma religião? Fácil é demonstrar que não". E mais a frente: *"o seu caráter é pois o de uma ciência e não de uma religião".* Mas no mesmo texto mais adiante o fundador do espiritismo, por causa das conseqüências morais comuns em toda doutrina filosóficas, vai dizer: *"Suas conseqüências são no sentido do cristianismo, porque é este, de todas as doutrinas, a mais esclarecida, a mais pura, razão porque, de todas as seitas religiosas do mundo, são as cristãs as mais aptas a compreende-la em verdadeira essência.* O *espiritismo não é pois uma religião" ...* Cabe analisar!

A maioria dos cristãos daquela época eram católicos e depois protestantes ou evangélicos. A umbanda era sincretizada ao catolicismo só no Brasil, um número relativamente pequeno e sem grande influência no panorama global. Os cristãos acima não acreditavam, não aceitavam um dos postulados básicos da Doutrina Espírita que era a reencarnação. Destacamos esse mas se procurarmos, veremos divergências fundamentais. O único ponto de contato era a origem das doutrinas cristãs: Jesus de Nazaré. Demasiado tendencioso Kardec nessa afirmação. Em que pese n'outro momento ele diga que, islâmicos, budistas, muçulmanos, estavam estudando o espiritismo. Acreditamos também num fato: Existiam doutrinas religiosas, embasadas em filosofias orientalistas com um código de moral bastante elevado e sábio e que eram reencarnacionistas, que se poderia dizer com muitos pontos de contato com o espiritismo. Quis Kardec, no entanto, denotar sua preferência. Justificaríamos considerando a cultura geral do mundo ocidental que era eminentemente cristã, com pouca ou quase nenhuma informação sobre outras doutrinas. Mas lamentamos o limite que isso de certa maneira nos imporia, a considerar que se levantam hoje bandeiras de um espiritismo cristão, contra a qual nos insurgimos, por conta desse atrelamento autorizado por Kardec.

Na revista de outubro de 1860, Allan Kardec, com certa indignação responde a um articulista, redator da gazette de Lyon, por conta de um artigo em: '2 de agosto de 1860: *"Se jamais Deus vos reservou dias nefastos, orai-he para que os ofendidos não se lembrem disto.* Os *que são espíritas esquecerão, porque a caridade ordena. assim fazei votos para que todos o sejam, desde que bebem no espiritismo os princípios de ordem social, de respeito à propriedade e de sentimentos religiosos".* Mais adiante, no mesmo texto: *"Mas a propósito de uma crença de que me orgulho de professar porque é uma crença eminentemente cristã, vós procurais ridicularizar criaturas honestas e laboriosas, porque são iletradas, esquecendo que Jesus era operário".* O que temos abre a possibilidade de interpretação para uma crença para no mínimo um partido religioso.

AS OBRAS BÁSICAS:

Como a Doutrina espírita tem como objeto de estudo a alma, e como trata desse assunto, ainda que a título de investigação; estuda com espíritos desencarnados e no caso específico da codificação os principais espíritos eram ligados a igreja católica temos um certo ranço, um certo ar religioso ou aparentemente um ponto de fé em algumas colocações. Talvez não concordem alguns companheiros navegantes, porém ...

Em o Livro dos Espíritos, temos lima introdução, que compõe um capítulo a parte, de suma importância, onde a morte quer nos parecer seja de uma doutrina exclusivamente filosófica. Cuida da clareza de linguagem, define o encaminhamento das questões. A ordenação dos capítulos, os assuntos dispõem-se com uma didática incrível, a ponto de impressionar o mais exigente pedagogo, ou o que valha. A primeira questão nos deixa tranqüilo: O que é Deus? e toda a primeira parte desenrola-se de maneira que nada da indícios de uma religião. O questionamento é realmente filosófico!

Mas no decorrer do seu desenvolvimento, até porque as personalidades desencarnadas que ali respondem falam diferentemente; já percebemos que em alguns pontos não é tão cristalino assim a isenção, no aspecto religioso. Senão vejamos: Aleatoriamente abrimos a questão 198 da parte V - *"....E Deus não afasta da prova quem deve sofrer" ... ,* outra - 334 - ... "*Deus que*

tudo sabe e que tudo ve" ..., na 336 - *"Deus proveria isso" ...* na 337 a questão já era dirigida: *"A união do espírito com determinado corpo pode ser imposta por Deus?* - e a resposta afirmativa ainda termina dizendo que: *... "poderá tomar-se para ele um castigo".* Poderão não concordar os meus muitos amigos aqui presentes, mas o meu questionamento aqui considera a possibilidade de Deus ter ganhado uma personalidade, que vai dirigindo e determinando. Punindo, castigando. Na parte VI no tópico sobre os anjos da guarda temos um linguajar bastante próprio da religião: Anjo da guarda, espírito protetor, e na mensagem de São Luís e Santo Agostinho uma apologia a fé. Tá bem, sabemos que pode ser uma fé raciocinada!, mas é difícil entender fé raciocinada. Quer nos parecer que quando raciocinamos a fé cede naturalmente a razão. E passamos a acreditar por que sabemos, não seria assim?!?!

Aliás, por muito tempo utilizamos o pensamento da primeira página do livro:

O Evangelho Segundo o Espiritismo: "Fé inabalável é sàmente aquela que pode encarar a razão face a face em todas as épocas da humanidade" - Bonito, né ? - Hoje ainda aparece em alguns momentos, como um alento, como uma resposta apropriada, mas entendemos que é preciso refletir mais sobre o assunto. E selecionando, poderíamos citar aqui muitas colocações já no Livro dos Espíritos que nos daria, não só um ar de religiosidade, mas uma conotação religiosa; vede mais a questão 627, a resposta é toda uma apologia ao cristianismo, como entendemos. Embora na anterior 626, sentimos uma abertura, quando na resposta os espíritos deixam claro que as verdades estão escritas por toda parte.

Em o Livro dos Médiuns, acima já citamos o capítulo III - Método, onde Kardec fala dos Espíritas cristãos. Além disso, mesmo sendo este livro designado como o da ciência espírita, e sem dúvida ser um manual ainda insubstituível para o exercício da mediunidade tal como concebe o espiritismo. Não se aboliu a prece das reuniões. Com o propósito de se conseguir uma unidade energética, uma comunhão de pensamentos, uma harmonização do ambiente. A prece se mantém. Nem pós Kardec, sabemos de um método efetivo que tenha sido desenvolvido para a consecução da harmonia do ambiente. Talvez por sermos ocidentais, sabe-se lá, pouco sabemos de "concentração", "concentração mental" nem "meditação". Outras doutrinas esotéricas o conseguem. Jesus de Nazaré ao que tem de informação o fazia. Os praticantes da Ioga, de maneira diversa, mas os praticantes do Tai Chi Shuan, desenvolvem essa prática, e não são religiões. No espiritismo simplesmente se ora, faz-se a prece de abertura dos trabalhos e de encerramento. Mas temos de convir que o linguajar ganha alguma autoridade a mais. Maior independência, e isenção e que contribui conosco no pensamento não religioso, ou que nos permita considerar o espiritismo como sendo uma doutrina filosófica, científica e que pretende uma conseqüência moral. E é o que nos interessa efetivamente. Mas sigamos com nossa análise.

Já fizemos uma breve referência ao livro: O Evangelho Segundo o Espiritismo, acima. Mas esse que seria por definição o elaborador da concepção moral do espiritismo, quer nos parecer em algum momento uma pedra no sapato. Um linguajar que parece querer agradar mesmo as concepções mais religiosas, mais ardorosas, de pura adoração. Será que estamos sendo rigorosos, pode ser. Mas a nossa apreciação vai ao ponto de considerar que os comentários de Kardec, sejam mais interessantes que a maioria dos ditados por espíritos. A última parte então, a das preces espíritas, é difícil não questionar a validade. Já ouvimos que alguns mais afoitos, chegam a achar a obra anômala, sem nenhuma função plausível dentro do compêndio da codificação. Não chegamos a tanto. Consideramos que se Kardec escreveu o fez com algum objetivo. O que queremos é simplesmente questionar. O que Kardec fez, da maneira como fez é assim que deve ficar? E vejam queridos companheiros, é claro que percebemos todo o aspecto consolador, e muita beleza em muitos pontos do livro. Mas alguns pensamentos ali contidos contribuíram para as interpretações dos que fizeram uma "religião espírita". Kardec muitas vezes nas suas oscilações no máximo aceitou uma religião filosófica.

Em a Gênese, temos o I capítulo, cerca de 40 páginas. Apesar de termos ali consubstanciado a idéia de que o espiritismo é a terceira revelação, conseguinte das de Moisés

e Jesus respectivamente; Vimos ali, paradoxalmente, toda a elaboração por Kardec do pensamento científico e filosófico da Doutrina espírita. O texto é primoroso! - Podemos até questionar se é terceira revelação ou não, mas o texto na íntegra não supõe um comportamento, uma elaboração religiosa para o espiritismo. No decorrer do livro até poderíamos encontrar aqui ou acolá alguns pontos que tendessem a dúbia interpretação, e temos uma grande demanda de assuntos concernentes a Jesus, o Cristo, ainda assim temos nesse livro todo o encaminhamento de uma visão efetivamente mais racional. Considero que de certa maneira, era difícil não tocar no assunto cristianismo, pelo liame tênue das duas doutrinas. É fatal a fraternidade das duas concepções. E como alguns pensadores já entreviram uma raiz do cristianismo, e do monoteísmo nos pensamentos de Sócrates e Platão; podemos até ver com certa naturalidade e tranqüilidade a construção do edifício Kardeciano por esse viez. Longe de entender nisso uma religião.

Não falamos ainda do livro: O Céu e o Inferno. Sabemos ter sido este o quarto livro das obras básicas. Temos nesse livro, por assim considerar o coroamento ou o revestimento do aspecto moral pela filosofia. Em alguns momentos sentimos como que assistindo alguma manifestação de algum dos espíritos e imaginamos um ar grave na dissertação, um peso tumular e fantástico, coisas da fé possivelmente, ou do tema tratado nesse livro, ou pura tendência nossa. Mas tanto o Céu e o Inferno, como a Gênese; é como que melhorasse muito o direcionamento, norteasse o destino de uma doutrina racional sem peias religiosas: Ciência e Filosofia mesmo! - O que também temos grandemente na Revista Espírita.

Ainda podemos contar em nossas análises, com mais uma obra de peso:

Obras Póstumas. Muito do pensamento de Kardec se perderia se não tivessem a brilhante idéia de compilar os seus escritos, artigos e realizassem essa edição. Porém, temos uma comunicação sob o título de: Futuro do Espiritismo assinado por: UM ESPÍRITO, que nos diz que a função do espiritismo é: "*apurar a religião do Cristo*" ...depois: *"lnstiuirá a verdadeira religião, a religião natural, a que parte do coração e vai, diretamente, a Deus" ...*

E muitas lembranças esparsas ocorre-nos lembrando artigos e pensamentos da Revista Espírita, e de outras obras, que bem serviriam ao propósito de balizar, tal como pretendíamos essa reflexão. Poderíamos nos ater simplesmente ao artigo do companheiro Reinaldo de Luccia, publicado a pouco tempo no Jornal Abertura. Também lembramo-nos do trabalho apresentado por Milton Rubens Medran, levantando os pontos incompatíveis entre o cristianismo e o espiritismo. Do pensamento do companheiro Reinaldo é importante frizar, e é o nosso intento, a necessidade de promover novo debate. Exaurir a polêmica, sem incorrer na infertilidade dos embates pessoais, alheios a civilidade, ao bom senso, que se supõe devam interessar aos que têm sede de poder. Cumpre-nos nesse momento pactuar com os que acham interessante avançar a partir dessa reflexão. Há um pensamento vigente: "O espiritismo será o que deles fizerem os homens" - Isso disse também Kardec. Urge a necessidade de melhorar o seu encaminhamento, e torná-lo o mais útil possível.

OUTRAS FONTES DE REFLEXÃO:

Ouvimos dizer, amiúde que, José Herculano Pires foi o filósofo brasileiro que mais entendeu Kardec. Concordamos.

Sabemos que Herculano referia-se a doutrina espírita como sendo não simplesmente religião, mas ***a religião***. Uma vez que o nosso filósofo combateu o sectarismo dentro da doutrina, lutou contra a igrejificação, o misticismo, consideramos em concordância com outros companheiros que nesse caso é uma questão puramente semântica. Herculano tinha o mesmo ideal dos que seguram esse estandarte (da não religião), analise-se o livro Agonia das Religiões e pode-se compreender isso. Nesse livro temos uma análise no XIII capítulo, em que Herculano diz: *"Kardec sabia o que fazia, quando evitava a confusão do Espiritismo com as religiões dogmáticas, sem, entretanto negar o seu aspecto religioso. Teve mesmo o*

cuidado de não cortar em excesso as ligações da doutrina com a tradição religiosa, pois sabia que a evolução não pode sofrer, sem perigos de solução de continuidade."

O que disse Herculano, de certa forma, embasa o que tentamos refletir.

Não tendo tomado uma posição definitiva, Kardec abriu a possibilidades de alguns "aventureiros" o fazerem. Inspirados e motivados por devaneios Roustanguistas, Pietro Ubaldistas, Polidoristas, Zarurzistas, LBV's, Racionalismo's Cristão, tanto curandeirismo artesanal e romanesco, muito em nome da vaidade, pouco quase nada em nome da verdade. Dizemos quase porque vemos pessoas de boa fé envolvidas e convencidas das práticas esdrúxulas eivadas de ignorância em nome do espiritismo *kardecista.* De boa fé mas sem muita boa vontade de aprender e de revolucionar.

Um outro livro que nos serve de esteio e o livro de Ubiratam Machado: Os Intelectuais e o Espiritismo, De Castro Alves a Machado de Assis. Esse livro vale se lido integralmente é de grande interesse para todos. Por isso não pretendemos fazer citações. Vale dizer, que o jornalista/autor: Ubiratam Machado nos remete historicamente aos primórdios do espiritismo no Brasil. e que podemos depreender que o embate é antigo. Sempre houveram os laicos ou científicos do espiritismo c os religiosos. Numa briga puramente partidária, pelo poder, ou o que valha. No Brasil a chamada Seara era grande e precisava de trabalhadores. País pobre com muitos problemas sociais estimularam um time de espíritas de primeira hora ao trabalho assistencial, a caridade beneficente. E os espíritas até hoje são destaques no Know-how da caridade. Carente de tudo, principalmente de cultura geral, de educação até elementar, o brasileiro foi muito assistido pelo espiritismo, mas pouco desenvolveu pesquisas e seu lado científico e filosófico. As academias pouco ou nada sabem dele. Ignoram e até fazem pilhérias sem pesquisá-lo. Sabemos que existem uns poucos grupos, mas ainda insatisfatórios. E são muitos os acadêmicos adeptos da filosofia espírita.

Toda a nossa reflexão, pretende estimular a polêmica, mas necessária e urgente discussão. O que é vantagem para a doutrina? - Consideramos e reconsideremos o que disse Kardec. Ele nos deu a chave, e a porta se nos apresenta. Quantos já o disseram, mas sem a preocupação de sermos redundantes queremos frizar: Kardec é a base, a fundação do edifício, mas não a sua cobertura o seu fechamento. Abriu-nos a possibilidade da pesquisa e do desenvolvimento desse. Foi a palavra inicial, e quão longe estamos da palavra final, se é que vá existir ?!? - *"O espiritismo será o que dele, fizerem os homens".*

Não podemos abrir mão cio questionamento. E é possível ver que Kardec n'alguma questões talvez não tivesse definições apropriadas, satisfatórias e 1talvez esteja nisso a causa do desencontro. Importa sempre ver o que disse Kardec, mas o avanço é essencial. O bom senso nos impele à questão.

Devolvemos a palavra a José Herculano Pires, na finalização do seu capítulo iniciado acima: ... *"Poucas obras revelam uma compreensão tão clara e profunda da natureza orgânica do Universo, como a Codificação. É por isso, e não por sectarismo ou fanatismo, que não podemos fazer concessões ao passado no campo das atividades doutrinárias. Avança-mos para um novo mundo que só o Espiritismo pode modelar, pois só ele revela condições para isso em sua estrutura doutrinária. Mas se não procurarmos compreendê-lo em toda sua grandeza, é certo que o reduziremos a uma seita fanática de crentes obscurantistas.* ***Evitemos essa queda ao passado, para nós mesmos e para o mundo. Tenhamos a coragem de avançar sem muletas e sem temor para a Civilização do Espírito****."*

Bibliografia:

- *Obras Básicas - Allan Kardec*
- *Obras Póstumas - Allan Kardec*
- *Revista Espírita - Allan Kardec*
- *Agonia das Religiões* - J. *Herculano Pires*

A Física no Espiritismo

Érika de Carvalho Bastone

INTRODUÇÃO

Todos aqueles que passaram por uma casa espírita já ouviram falar dos três aspectos do espiritismo: científico, filosófico e moral. Neste trabalho vamos falar um pouco do espiritismo como ciência, em particular, na Física, uma ciência exata.

Para começar, vamos rever dois trechos do primeiro artigo da Revista Espírita, de janeiro de 1858, nos quais Kardec explicita o papel da ciência no espiritismo.

> *... a força que se revela no fenômeno das manifestações, qualquer que seja a sua causa, está na natureza... . O que é preciso fazer é* ***observá-la****,* ***estudar-lhe*** *todas as fases para, delas,* ***deduzir as leis que a regem****. Se for um erro, uma ilusão, o tempo lhe fará justiça; se for a verdade, a verdade é como o vapor: quanto mais se comprime, maior é a sua força de expansão.*
>
> *...talvez nos contestem a qualificação de ciência que damos ao espiritismo. Ele não poderia, sem dúvida,* ***em alguns casos****, ter os caracteres de uma* ***ciência exata****, e está precisamente aí o erro daqueles que pretendem julgá-lo como uma análise química, como um problema matemático: já é muito que tenha o de uma ciência filosófica. Toda ciência deve estar baseada sobre fatos, mas só fatos não constituem a ciência;* ***a ciência nasce da coordenação e da dedução lógica dos fatos****; é o conjunto de leis que os regem. O espiritismo chegou ao estado de ciência? .... mas as observações são bastante numerosas para se poder, pelo menos, deduzir os princípios gerais, e é aí que começa a ciência.*

Desde o advento do espiritismo a física tem sido empregada na explicação de fenômenos, sendo comum o uso de termos próprios desta ciência na literatura espírita. Mesmo no Livro dos Espíritos, de Allan Kardec, termos como fluido elétrico ou fluido magnético, atuais para a época, aparecem nas respostas dadas pelos espíritos a Kardec.

Muitos cientistas, espíritas ou não, nos primeiros anos da história do espiritismo, dedicaram parte de seu tempo estudando os ditos fenômenos espíritas. Podemos citar, como exemplo, William Crookes, Alexandre Aksakof, Friedrich Zöllner, Camille Flammarion e Ernesto Bozzano, entre outros. O que chega até nós de seus trabalhos é apenas uma exposição, uma coletânea de observações, bem preparadas, de apresentações mediúnicas. Eles observavam, anotavam, comparavam e analisavam, sempre aplicando o método científico, mas pouco mais podiam fazer. Nesta época o átomo ainda era uma partícula fundamental (indivisível), Maxwell estava formulando suas equações que dariam origem à teoria eletromagnética e a mecânica newtoniana ainda reinava absoluta.

A física evoluiu. Vieram novas teorias, uma nova maneira de ver o mundo. Suas descobertas influenciaram todas as áreas do conhecimento humano.

O espiritismo, com um corpo doutrinário amplo, abrangendo todas as áreas do conhecimento, ficou, a meu ver, por fora desta evolução. Mesmo fundamentado como ciência, não conseguiu, ao longo dos anos, apesar dos esforços de alguns poucos cientistas, ser considerado, no meio acadêmico, como uma ciência. Não conseguiu nem mesmo despertar a curiosidade científica sobre alguns fenômenos

físicos. Podemos culpar a comunidade acadêmica por tal desinteresse, mas a comunidade espírita também tem a sua parcela de culpa. Estamos sempre esperando que a ciência descubra indícios da vida espiritual, que um dia a ciência confirme o que nós, espíritas, já sabemos.

Na década de 50, André Luiz, sob o intermédio dos médiuns Francisco Cândido Xavier e Valdo Vieira, nos trouxe duas obras, Evolução em Dois Mundos, de 1958, e Mecanismos da Mediunidade, de 1959, em que conceitos de física são altamente explorados.

No presente trabalho faço uma análise destes dois volumes no que se refere à física. Comparo os conceitos e definições utilizadas pelo autor com a física vigente na época em que foram escritos. Para isto, apresento antes um breve resumo de como andava a física nestes tempos.

Por último, levanto a discussão a respeito da formação de uma comunidade científica espírita, interessada na elaboração de procedimentos factíveis, amparada no método científico, para o estudo da física sob a ótica espírita.

A FÍSICA NOS SÉCULOS XIX E XX

A partir do século XVII, com o sucesso da mecânica, surgiu uma tendência para uma mecanização geral da física. Assim, o calor foi associado ao movimento de um fluido calórico, a eletricidade à existência de um ou dois fluidos elétricos, a luz seria associada à teoria corpuscular de Newton e, na química, surgiu uma espécie de fluido, o flogístico.

A idéia do flogístico começou a entrar em declínio já no século XVIII, quando Priestley, em 1774, mostrou a existência do oxigênio, e com Lavoisier, em 1777, quando decompôs a água em oxigênio e hidrogênio, embora no início do século XIX ainda restassem alguns poucos adeptos.

Durante o século XIX, a física avançou a uma velocidade cada vez mais acelerada, embora a necessidade de um meio mecânico, o éter, com propriedades essencialmente diferentes das dos meios elásticos comuns, como repositório de energia no espaço, só tenha sido definitivamente abandonada na passagem do século XIX para o século XX.

Assuntos que eram antes matérias distintas começaram a convergir. Vamos analisar separadamente as seções – calor, eletricidade e luz – e vejamos como suas relações evoluíram no século XIX, dando origem à física atômica. Veremos também como se deu a passagem da física clássica para a física quântica[1].

Como em nenhum momento André Luiz se refere à conceitos de física estatística e de relatividade, não achei necessário incluí-los neste resumo.

CALOR

No fim do século XVIII, quando defendia uma teoria vibratória para explicar o calor gerado quando se perfurava um canhão, o conde Rumford observou que o suprimento de calor parecia inexaurível, e se tornou claro que o calor não poderia, simplesmente, ser um fluido imponderável.

Depois da pesquisa de Rumford, Carnot fez uma análise permanente e penetrante de máquinas que produziam força mecânica com o calor. Declarou que o motor realiza trabalho mecânico devido à mudança de temperatura e não à perda de

[1] A física clássica é baseada em processos contínuos, como, por exemplo, planetas girando em torno do sol ou ondas propagando-se na água. A nossa percepção do mundo é baseada em fenômenos que evoluem continuamente no espaço e no tempo. O mundo sub-microscópico, no entanto, é muito diferente: um mundo de processos descontínuos, um mundo que exibe comportamentos que contrariam frontalmente nosso amado bom senso. Somos protegidos dessa realidade pela nossa própria cegueira sensorial.

calor. Morreu em 1832, aos 36 anos, sendo que seus textos póstumos permaneceram dispersos por cerca de meio século. Neles Carnot chegava a conclusão de que o calor nada mais é do que uma força eletromotriz, ou uma força que mudou de forma, começando a trabalhar nos fundamentos de uma teoria cinética do calor. Suas notas guardavam a maior parte do trabalho fundamental que viria a ser chamada a primeira lei da termodinâmica. Coube a Joule, Kelvin e Clausius, nas décadas de 40 e 50 (século XIX), desenvolver a moderna teoria do calor, a termodinâmica, tornando claro que o calor não era nenhum misterioso fluido sem peso, mas sim uma forma de energia, tal como acontecia com o trabalho mecânico. Também se tornou evidente que nenhuma forma de energia podia ser destruída, embora uma pudesse ser convertida em outra. Dessa constatação, chegou-se ao princípio da conservação de energia.

ELETRICIDADE

A eletricidade, tal como o calor, também era concebida como um fluido imponderável. A questão principal, em 1800, era saber se seria um fluido ou se seriam dois.

No entanto, nesse ponto, o quadro deveria mudar devido a pesquisas mais extensas e profundas, sendo que evidências posteriores foram obtidas graças a estudos sobre a passagem da eletricidade ao longo dos fios.

Ohm, entre 1821 e 1827, fez vários experimentos, e concluiu que a eletricidade se movia em um fio passando de partícula em partícula.

Ao mesmo tempo Oersted e Ampère conseguiram provar experimentalmente, em 1829, que, quando uma corrente elétrica passava ao longo de um fio, havia um campo magnético associado a ela. De 1821 a 1825 Ampère esclareceu os efeitos de correntes sobre imãs, assim como o efeito oposto, a ação de um imã sobre correntes elétricas.

A eletrodinâmica de Ampère, posteriormente mais desenvolvida por Weber, era uma teoria que imitava o modelo newtoniano, isto é, tudo deveria seguir um modelo desenvolvido por Newton (1687) na sua mecânica, baseando-se nas interações entre pontos materiais. Assim, sua teoria se revelou inadequada para explicar os fenômenos eletromagnéticos, sendo logo substituída pelo novo conceito de campo.

A partir de 1833, Faraday argumentou, e conseguiu provar experimentalmente que, se a eletricidade que corria por um fio produzia efeitos magnéticos, como Ampère havia mostrado, o inverso deveria ser verdadeiro – um efeito magnético deveria produzir uma corrente elétrica.

Seguiram-se outras experiências, verificando que uma espiral de fio induziria uma corrente elétrica em si mesma nos momentos em que uma corrente fosse ligada ou desligada, fenômeno da auto-indução. Essas experiências conduziram a toda espécie de resultados práticos, do desenvolvimento dos motores e geradores elétricos ao telégrafo elétrico e à eletricidade pública. Principalmente, levantaram um problema teórico, que não era novo, embora, à sua luz, tenha se tornado um sério desafio. Era a questão relativa ao modo como a eletricidade e o magnetismo podiam afetar um ao outro no espaço vazio, o problema da ação à distância.

Faraday propôs a útil e produtiva idéia de um campo. Imaginou que existiam linhas de força magnética e que estas ficavam tanto próximas quanto mais forte fosse o campo magnético. Em 1837 introduziu o conceito paralelo de linhas de força elétrica e, no ano seguinte, estava em condições de elaborar uma teoria da eletricidade.

Afirmou, ao discutir a eletricidade e as linhas de força, que o espaço devia estar cheio de tais linhas e que, talvez, a luz e o calor radiante fossem vibrações que viajavam ao longo delas. Mas essa idéia necessitava de uma análise matemática

completa que lhe desse precisão, se pretendesse que ela se tornasse algo mais que uma afirmação interessante.

O homem que aceitou esse desafio foi o escocês Maxwell. Começou sua análise em 1855, tentando encontrar uma explicação matematicamente correta das linhas de força que circundavam um imã, isto é, o campo magnético de Faraday. Em 1861 estava em condições de colocar correntes elétricas, cargas elétricas e magnetismo em um esquema abrangente, pressupondo um éter para explicar como as correntes elétricas e seus variados campos magnéticos estavam sempre interagindo. Maxwell fez o relacionamento do campo com o éter, de forma natural, pois mostrou que as ondas eletromagnéticas[2] se propagam com a velocidade da luz, e o éter era tido como o suporte das vibrações luminosas. Em 1864 publicou seu trabalho, com todos os detalhes matemáticos.

As implicações de seus resultados matemáticos eram impressionantes. As equações a que Maxwell tinha chegado para expressar o comportamento de uma corrente elétrica e de seu campo elétrico associado eram semelhantes, em todos os aspectos, às já determinadas para expressar o comportamento das ondas de luz (uma teoria ondulatória da luz já fora aceita por essa época). Assim, o que Maxwell mostrou foi que a luz devia ser uma onda eletromagnética de alguma espécie e, inversamente, que as ondas eletromagnéticas deviam ser passíveis de reflexão, refração e todos os efeitos que as ondas de luz sofrem. Seus resultados mostravam que deviam existir radiações de menores e maiores comprimentos de onda do que a luz. Em 1888, Hertz descobriu as ondas de rádio, que são ondas eletromagnéticas com comprimento de onda maiores que as da luz.

Mas na realidade o éter estava atrapalhando o desenvolvimento da teoria do campo. Pensava-se que o éter era necessário porque se achava que a energia só podia ser contida na matéria. Se havia uma energia no campo eletromagnético, então deveria haver uma certa matéria que contivesse essa energia.

Em 1887, Michelson e Morley inventaram um aparelho, o interferômetro, com o objetivo de se confirmar a existência do éter. Mas o resultado do experimento foi justamente o contrário, a não existência do mesmo.

Maxwell teve dificuldades em se desembaraçar totalmente dos modelos mecânicos, e uma concepção mais moderna do campo só foi atingida por Lorentz em 1892, depois da teoria dos elétrons, que admitia uma localização direta da energia eletromagnética no espaço, sem qualquer meio mecânico de suporte. Depois da teoria da relatividade restrita de Eisntein, em 1905, foi então definitivamente abandonada a idéia de um éter.

LUZ

A teoria de Newton sobre a luz, que a considerava como um fluxo de corpúsculos, manteve-se inalterada até o princípio do século XIX, quando uma nova concepção foi adotada por Thomas Young.

Young questionava, por exemplo, se a luz se devia a corpúsculos lançados de um corpo, porque eles viajavam sempre a mesma velocidade, quer viessem de uma centelha produzida em uma lareira, quer dos raios do sol? Ou, ainda, se a luz era uma fileira de corpúsculos, porque apenas alguns seriam refratados através de uma lente e outros refletidos? Para resolver estes problemas resultantes da teoria corpuscular, supôs que o espaço estava cheio de um éter luminoso e que a luz era um distúrbio de onda em tal éter, conseguindo explicar todos os efeitos usuais de reflexão e refração. Foi dele também o princípio da interferência da luz.

---

[2] As equações de Maxwell para o eletromagnetismo podem ser combinadas para dar uma equação de onda para os vetores do campo elétrico e do campo magnético. Essas ondas eletromagnéticas são provocadas por cargas elétricas aceleradas. Foram produzidas pela primeira vez em laboratório por Hertz.

O problema da difração, em que a luz se espalha após passar por uma minúscula abertura, era mais difícil de resolver. A teoria corpuscular considerava que o efeito da difração era causado pela atração gravitacional dos corpúsculos quando eles passavam muito perto de um corpo, mas não era uma explicação satisfatória. Em 1793 Young declarou que a difração era causada pela interferência das bordas de um corpo, com que ainda se concorda, mas sua explicação de como isso acontecia não foi convincente. E tinha mais um obstáculo para sua teoria, a dupla refração da luz que ocorria em certos cristais.

Em 1808 Laplace declarou que essa divisão da luz em dois raios podia ser explicada pela teoria corpuscular, supondo-se que os corpúsculos eram divididos em dois raios, cada qual com uma velocidade diferente.

A Académie des Sciences ofereceu um prêmio, em 1810, a quem explicasse o fenômeno da dupla refração, que foi ganho por Malus. No inicio de sua pesquisa surgiu um novo efeito, que ele chamou de polarização. Malus se julgou capaz de explicá-lo com a teoria corpuscular. Os partidários da teoria corpuscular se sentiram triunfantes.

A Academie ofereceu outro prêmio, essa vez para uma explicação da difração, que foi ganho por Fresnel em 1815, que apresentou resultados que conduziram à derrubada da teoria corpuscular.

Nos anos que se seguiram, novos experimentos foram realizados, agora com Young e Fresnel trabalhando juntos. A teoria corpuscular foi se tornando insustentável, embora a polarização continuasse a ser um problema. Em 1817 Young resolveu a questão, imaginando que as ondas de luz no éter eram realmente transversas, como as ondas do mar, e não longitudinais. A partir daí qualquer resultado experimental podia ser explicado.

Outra questão da luz que surgiu no século XIX foi a verdadeira natureza do seu espectro. Newton provara que a luz solar era composta de todas as cores. Em 1802, Wollaston, na esperança de separar as cores umas das outras, construiu um aparelho, o espectroscópio, mas ao contrário de suas expectativas nenhuma separação das cores foi conseguida. O que ele viu foi que o espectro era cortado por uma série de linhas pretas. Doze anos depois Fraunhofer, estudando o espectro solar, mapeou 576 linhas pretas e finas que conseguiu ver.

Paralelamente, as observações dos astrônomos Herschel e Talbot mostravam que, quando certas substancias químicas eram aquecidas e suas chamas examinadas em um espectroscópio, cada elemento apresentava suas próprias linhas características.

Em 1833 as experiências de Miller comprovaram que, se a luz solar fosse passada através de vários gases no laboratório, apareceriam linhas escuras adicionais, e a partir disso tornou-se geral a convicção de que as linhas de Fraunhofer podiam ser devidas a gases existentes no sol.

Finalmente, em 1858, Stewart demonstrou que, se um corpo emitia radiação em comprimentos de onda específicos, então também absorvia melhor a radiação nesse comprimento de onda. Esta descoberta foi feita simultaneamente por Kirchhoff. Estes dois cientistas conseguiram traçar um conjunto de três leis que regiam os vários tipos e espectros observados em laboratório. Em 1860 a questão estava clara, e a técnica de espectroscopia possibilitou detectar a presença até mesmo dos menores traços de uma substância.

Finalmente, em 1864, Maxwell mostrou que a luz devia ser uma onda eletromagnética.

<u>Observação</u>: O breve resumo apresentado acima, a respeito da física no século XIX, nos permite visualizar como estava a física na época em que Kardec fazia seus estudos sobre o espiritismo.

FÍSICA ATÔMICA E A TEORIA QUÂNTICA

O próximo passo para um entendimento mais profundo da natureza dos próprios átomos resultou na prática de se fazer passar eletricidade através de gases rarefeitos, pois assim os gases brilhavam e podiam ser examinados pela espectroscopia. Observou-se que a espécie de descarga que ocorria dependia da qualidade do vácuo obtido no tubo. Em particular, estavam interessados em um brilho nas paredes de vidro do tubo, que parecia ser causado por alguma coisa procedente de um dos pinos de metal, ou eletrodos, da extremidade do tubo. William Crookes, de 1879 a 1880, tentou explicar esses raios catódicos afirmando que se deviam às poucas moléculas de gás ainda remanescentes no tubo, as quais se eletrizavam, sendo então repelidas pelo catodo (elétrodo negativo). Em 1895, contudo, uma descoberta acidental levou não só a rejeição da explicação de Crookes, como também ao início de uma completa revolução nas idéias sobre o átomo.

Röntgen estava usando um tubo ligado a uma bomba de vácuo quando notou que uma folha de papel coberta com uma fina camada de platinocianido, que estava sobre um banco, começou a brilhar; o brilho cessou tão logo o tubo foi desligado. Evidentemente, alguns raios vindos do tubo atingiam a folha. Não podiam ser partículas, pois os raios não eram defletidos por um campo magnético ou elétrico. Se fossem raios, devia haver algo curioso com eles, pois não eram refratados por uma lente. Röntgen chamou-os de “raios X”.

Thomson e seu aluno de doutorado, Rutherford, começaram a estudar os novos raios. Enquanto Rutherford investigava os raios X, Thomson voltou sua atenção para os próprios raios catódicos. Thomson mediu sua velocidade e declarou que eram 1600 vezes mais lentos que a luz, adotando assim o ponto de vista de que eram partículas e não radiação eletromagnética. Seria necessário conhecer a carga elétrica das partículas e sua massa, mas Thomson só realizou experimentos para definir a proporção entre estas duas quantidades, e não seus valores isolados. Seus resultados eram idênticos em todos os gases, levando-o a concluir que estava lidando com alguma coisa menor do que um átomo. Assim, ao findar o século (1897), a existência do elétron, como ficou conhecida esta partícula, estava estabelecida3.

Em 1896 Becquerel, trabalhando com os raios catódicos, descobriu que o urânio emitia raios que, como os raios X, faziam com que um gás conduzisse eletricidade. Marie e Pierre Curie decidiram descobrir se este era o único elemento com o mesmo comportamento. Em 1898 descobriram novos elementos que se comportavam assim, o polônio e o rádio, e observaram que esta radiação devia ser causada por alguma propriedade dos próprios átomos.

Rutherford, estudando a radioatividade, descobriu, em 1898, que eram emitidos dois tipos de raios, que ele chamou de alfa e beta. Em 1907 viu-se que os raios alfa eram, na verdade, núcleos do átomo de hélio e que os raios beta eram elétrons com alta velocidade. Além destas partículas emitidas, Villard descobriu que também era emitida radiação, cujos raios foram denominados raios gama.

Em 1910, Bragg confirmou a existência dos raios gama e observou que os raios X ora se comportavam como ondas eletromagnéticas, ora como partículas, e foi obrigado a concluir que pareciam ambas as coisas.

---

[3] Em 1919 o núcleo do nitrogênio foi desintegrado, e os produtos dessa desintegração eram partículas carregadas positivamente, chamadas prótons. Em 1932 descobriu-se o nêutron, com carga elétrica nula, e o pósitron, partícula de massa igual a do elétron mas com carga positiva. Muitas outras partículas foram surgindo.

Hoje, as partículas consideradas fundamentais são os léptons (elétron, muon, taon e neutrinos), os quarks (são os constituintes de outras partículas como o prótron e o nêutron, sendo que seus nomes são extremamente criativos – estranho, charmoso, up, down, top e bottom) e as partículas responsáveis pelas interações: eletromagnética (fóton), forte (glúon), fraca (W e Z) e gravitacional (supõe-se a existência do gráviton).

Rutherford, em 1911, propôs um modelo atômico em que cada átomo teria um núcleo central, com carga positiva e a maior parte de massa do átomo. Os elétrons, com carga negativa, estavam ao redor do núcleo.

Um novo modelo atômico foi proposto por Bohr, em 1913, em substituição ao modelo de Rutherford, combinando elementos de física clássica com a natureza intrinsecamente descontínua do mundo quântico. Consistia em um núcleo com carga positiva, em torno do qual orbitavam elétrons, mas apenas em órbitas específicas, tal como os planetas ao redor do sol. Quando um elétron recebe energia, ele salta para uma órbita de maior raio. Ao voltar para sua órbita de origem, o elétron emite radiação eletromagnética. O comprimento de onda da radiação emitida depende do número de órbitas saltadas e da proximidade das órbitas em relação ao núcleo. Assim, o comprimento de onda pode abranger todo o espectro da radiação eletromagnética, desde os raios gama e X, na extremidade dos raios de comprimento de onda muito pequenos, passando pelo espectro visível, até os raios infravermelhos e as ondas de rádio, na extremidade dos comprimentos de onda muito longos.

O modelo atômico de Bohr baseou-se nos trabalhos de Planck (1900) e Einstein (1905). Planck, estudando a radiação do corpo negro (radiação emitida por um pequeno orifício em uma caixa fechada), chegou à conclusão de que a radiação não se dava de uma forma contínua, mas em pacotes de energia (quanta de energia). Sua teoria foi confirmada por Einstein, ao analisar o efeito fotoelétrico (emissão de elétrons quando um feixe de luz atinge uma placa de metal). Einstein sugeriu que a luz de uma determinada freqüência ocorria em múltiplo de pequenos pacotes, cada um com energia proporcional à freqüência, estendendo o tratamento atomístico da matéria à própria luz. Esses “átomos de luz” foram chamados de fótons. Estava evidente que a luz, e toda radiação eletromagnética deviam ser consideradas ao mesmo tempo como ondas e partículas.

As previsões de Bohr eram extremamente eficientes quando comparadas com experimentos, principalmente com o hidrogênio, primeiro elemento da tabela periódica. Mas tinha suas limitações. Não conseguia explicar o comportamento do próximo átomo na tabela, o hélio. O que sobreviveu da idéia original de Bohr foi seu componente mais revolucionário, a quantização das órbitas eletrônicas. Todo o resto, os componentes clássicos de seu modelo, como a idealização do elétron e do núcleo como pequenas bolas de bilhar em um sistema solar em miniatura, teve de ser abandonado.

Uma partícula é um objeto pequeno, bem localizado no espaço, enquanto uma onda é algo que se dispersa pelo espaço. Essa é a dualidade onda-partícula da luz; a luz pode se comportar como onda ou como partícula, dependendo da natureza do experimento. Se o experimento testar suas propriedades ondulatórias, a luz se manifestará como onda; e se o experimento testar suas propriedades de partícula, a luz se comportara como partícula. A luz não é onda ou partícula, mas, de certa forma, ambas. Tudo depende de como nós resolvemos investigar suas propriedades.

O observador não tem um papel passivo na descrição dos fenômenos naturais, e não podemos mais separar o observador do observado.

Em 1924, Louis de Broglie sugeriu que a dualidade onda-partícula não era uma peculiaridade da luz, mas sim de toda a matéria. Elétrons e prótons também eram tanto onda quanto matéria, dependendo de como decidimos testar suas propriedades.

No intervalo de dois anos, uma teoria quântica completamente nova foi proposta, a chamada mecânica quântica. Em 1925, Heisenberg apresentou sua mecânica matricial, que não incluía partículas ou órbitas, apenas números descrevendo transições de elétrons em átomos. Representava um modo

completamente novo de descrever fenômenos físicos, uma liberação das limitações impostas por imagens inspiradas pelo mundo clássico.

Em 1926, um método aparentemente diferente de se estudar o comportamento dos átomos apareceu, a chamada mecânica ondulatória, proposta por Schrödinger, que provou ser compatível com a mecânica de Heisenberg.

A solução da equação proposta por Schrödinger em sua mecânica ondulatória é conhecida como função de onda. Inicialmente, ele pensou que ela era uma expressão matemática que descrevia a onda associada ao próprio elétron. Isso estava de acordo com as noções clássicas de como as ondas evoluem no tempo; se conhecermos sua posição e velocidade iniciais, podemos usar suas equações de movimento para prever seu comportamento futuro. No entanto, rapidamente ficou claro que essa interpretação da função de onda não podia estar correta. Em 1927 Heisenberg havia mostrado que a física quântica obedece a um principio fundamental que expõe claramente as diferenças entre o mundo clássico e o mundo quântico. O princípio da incerteza diz que alguns pares de variáveis que constantemente afetam uma à outra, tais como tempo e energia ou posição e velocidade, não podem ser determinadas com precisão absoluta. Quanto maior a precisão em uma, menor a precisão na outra. Trata-se de um princípio com as mais profundas implicações filosóficas.

No mundo do muito pequeno, até o conceito de trajetória se torna vago. Se a função de onda não descrevia o movimento do elétron, o que estava descrevendo? Max Born deu a resposta. A mecânica ondulatória de Schrödinger não descreve a evolução do elétron, mas a probabilidade de o elétron ser encontrado numa certa posição. O mesmo experimento, repetido várias vezes sob as mesmas condições, dará resultados diferentes. O que podemos prever com a mecânica quântica é a probabilidade de obter um determinado resultado.

A interpretação de Born demoliu por completo a noção clássica de uma descrição da natureza. A certeza é substituída pela incerteza, o determinismo, pela probabilidade, os processos contínuos, pelo salto quântico.

ANÁLISE DOS LIVROS

Em ambos os livros podemos encontrar afirmações que não estão de acordo com os conceitos físicos vigentes. Temos também uma série de novos conceitos e definições, apresentados por André Luiz, que não são sustentados pela ciência atual.

A apresentação destas afirmações está organizada da seguinte maneira: para cada livro, encontram-se listados, em separado, indicados pelo número da página em que foram encontrados na edição indicada, os trechos que não estão de acordo com a física e os trechos em que aparecem novas definições e conceitos. Nos primeiros, em cada item relacionado apresento a justificativa de porque não estão de acordo com a física. Nos segundos, ao invés de analisá-los item a item, faço uma síntese e, no final, apresento meus comentários de forma geral.

EVOLUÇÃO EM DOIS MUNDOS (1958)

Trechos retirados do livro que não estão de acordo com a física:

Página 22: *Cada galáxia quanto cada constelação guardam no cerne a força centrífuga própria, controlando a força gravítica, com determinado teor energético, apropriado a certos fins.*

- Força centrífuga: uma das chamadas forças fictícias, sendo apenas uma técnica que nos permite aplicar a mecânica clássica da maneira habitual, se quisermos descrever os eventos de um referencial não-inercial. Se escolhermos um referencial inercial[4], consideramos apenas as forças reais, isto é, forças que podemos associar com corpos determinados da vizinhança, que não é o caso da força centrífuga.
- Força gravitacional: por si só mantém os corpos celestes em equilíbrio.

Página 22*: A engenharia celeste equilibra rotação e massa, harmonizando energia e movimento, e mantêm-se, desse modo, na vastidão sideral, magnificentes florestas de estrelas, cada qual transportando consigo os planetas constituídos e em formação, que se lhes vinculam magneticamente ao fulcro central, como os eletrôes (*elétrons*) se conjugam ao núcleo atômico, em trajetos perfeitamente ordenados na órbita que se lhes assinala de início.*

- O modelo atômico acima descrito remonta ao modelo proposto por Rutherford (1911) ou ao modelo de Bohr (1913), em que os elétrons têm trajetórias definidas em torno do núcleo, assemelhando-se ao movimento planetário. Desde 1927, através da mecânica quântica, não se fala em trajetórias para os elétrons nos átomos, mas sim que estão distribuídos em nuvens de probabilidades.

Página 24*: ... confessamos que não sabemos ainda, principalmente no que se refere à elaboração da luz, qual seja a força que provoca a agitação inteligente dos átomos, compelindo-os a produzir irradiações capazes de lançar ondas no Universo com velocidade de* $3.0\times10^{8}\,m/s$ *.*

- *Na primeira metade do século XX tanto a física quântica quanto o eletromagnetismo (eletrodinâmica) já estavam formulados. A emissão de luz é, atualmente, um fenômeno explicado e controlado (aplicações tecnológicas).*

Página 95*: ... temos, assim, os fluidos líquidos, elásticos, ou aeriformes e os outrora chamados imponderáveis, tidos como agentes dos fenômenos luminosos, caloríficos e outros mais.*

- Durante o século XIX se acreditava que a transferência de calor e de carga elétrica se dava por meio de fluidos. No final deste mesmo século mostrou-se que estas teorias estavam erradas.

Trechos em que surgem novas definições e conceitos:

Página 27/28*: ... é o corpo espiritual o veículo físico por excelência, com sua estrutura eletromagnética, ... com a respectiva carga elétrica...*

Página 33*: A matéria elementar, de que o elétron é um dos corpúsculos-base (na esfera espiritual em que estagiamos, o elétron é também partícula atômica dissociável) ...*

Página 95*: ... o homem desencarnado vai lidar com um fluido vivo e multiforme, estuante e inestancável, a nascer-lhe da própria alma,... esse fluido é o seu próprio pensamento contínuo, gerando potenciais energéticos com que não havia sonhado.*

[4] Referencial inercial é aquele para o qual se aplica a primeira lei de Newton ("qualquer corpo permanece em seu estado de repouso ou em movimento retilíneo uniforme, a menos que seja obrigado a modificar tal estado por forças aplicadas a ele").

Página 96*: ...encontra a matéria conhecida no mundo, em nova escala vibratória. Elementos atômicos mais complicados e sutis, aquém do hidrogênio e além do urânio, em forma diversa daquela em que se caracterizam na gleba planetária, engrandecem-lhe a série estequiogenética.*

Página 99*: ...esse fluido ou matéria mental tem a sua ponderabilidade e suas propriedades quimioeletromagnéticas específicas, definindo-se em unidades perfeitamente mensuráveis.*

Página 100*: ... é pelo fluido mental com qualidades magnéticas de indução que o progresso se faz acelerado.*

Página 199: *Qual a velocidade da emissão fluídica? A questão envolve, na base, o estudo da partícula do pensamento, em sua composição de estrutura e potencial, para o que ainda não possuímos qualquer recurso nas definições humanas.*

$\Rightarrow$ Sintetizando os trechos acima, vemos que André Luiz prediz a existência de novos elementos químicos, aquém do hidrogênio e além do urânio. O urânio é o elemento de número 92 na tabela periódica. Acima dele temos 11 elementos da série dos transurânios, que são elementos instáveis, com meias vidas curtas, descobertos entre 1940 e 1966. Acima destes ainda temos os elementos da série dos transactinídeos, com meias vidas bastante curtas. O hidrogênio é o átomo mais simples, contendo um elétron e um próton. A existência de elementos aquém do hidrogênio, segundo o modelo atômico atual, é impossível.

Temos também a predição de que o elétron não seja uma partícula fundamental, isto é, que seja dissociável em outras.

Por último, a existência de uma matéria mental, com uma estrutura eletromagnética, com carga elétrica, é apontada.

MECANISMOS DA MEDIUNIDADE (1959)

Trechos retirados do livro que não estão de acordo com a física:

Página 22: *Façamos funcionar o receptor radiofônico e encontraremos ondas elétricas.*

- Em todo o livro vemos uma confusão entre os conceitos de corrente elétrica (cargas elétricas em movimento) e onda eletromagnética. O correto, acima, seria onda eletromagnética.

As ondas ou oscilações eletromagnéticas são sempre da mesma substância, ...

- A onda eletromagnética se propaga no vácuo. Não é necessário um meio material para a sua propagação.

À falta de terminologia mais clara, diremos que uma onda é determinada forma de ressurreição da energia, por intermédio do elemento particular que a veicula ou estabelece.

- Uma onda apenas transporta energia de um ponto a outro. No caso da onda eletromagnética, não temos um veículo de transmissão para a onda.

Página 23: Assim é que as ondas da corrente alternada, as ondas de rádio, as da luz e dos raios X, ..., não existe qualquer diferença de natureza, mas sim de freqüência, considerado o modo em que se exprimem.

Página 28/29: ... até que Hertz consegue positivar a existência das ondas elétricas, descobrindo-as e colocando-as a serviço da humanidade.

- Novamente, a confusão entre corrente elétrica e onda eletromagnética.

Página 29*: ... pelo fato de gravitarem os elétrons, ao redor do núcleo, no sistema atômico, em órbitas seguramente definidas...*

... mentalizou o átomo como sendo um núcleo cercado, no máximo, de sete camadas concêntricas, plenamente isoladas entre si, no seio das quais os elétrons circulam livremente, em todos os sentidos.

- O modelo sugerido se afasta completamente do modelo atômico aceito após o advento da mecânica quântica. Ele traduz a idéia de elétrons como partículas, com trajetórias definidas, enquanto que no modelo quântico os elétrons apresentam a dualidade partícula-onda como já discutido, sendo as órbitas descritas por funções de probabilidade, que não estão espacialmente isoladas, mas se sobrepõem no espaço.

Página 32: *A ciência percebeu, afinal, que a radioatividade era como que a fala dos átomos, asseverando que eles nasciam e morriam ou apareciam e desapareciam no reservatório da natureza.*

Apreendendo-se que a radioatividade exprimia a morte dos sistemas atômicos...

- Alguns átomos instáveis (cujos núcleos não estão no estado de menor energia) decaem para um átomo estável, que pode ser o mesmo elemento, ou um elemento com um número atômico diferente (maior ou menor). Isto não é o mesmo que dizer que o sistema atômico morreu!

Página 40: *Entretanto, o meio sutil em que sistemas atômicos oscilam não pode ser equacionado com os nossos conhecimentos. Até agora, temos nomeado esse terreno indefinível como sendo o éter; contudo, quando Einstein buscou imaginar-lhe as propriedades indispensáveis,... , não conseguiu acomodar as necessárias grandezas matemáticas numa fórmula, ..., e concluiu que ela não existe, propondo abolir-se o conceito de éter, substituindo-o pelo conceito de campo.*

Campo, desse modo, passou a designar o espaço dominado pela influência de uma partícula de massa.

... a indagação quanto à matéria de base para o campo continua desafiando o raciocínio, ...

- O trabalho de Einstein, que aboliu definitivamente o éter, foi publicado em 1905, resultado que também pode ser deduzido do experimento de Michelson-Morley em 1887. André Luiz diz que, até agora, (em 1959) existe um meio sutil denominado éter.
- O conceito de campo não foi um substituto para o éter. Aliás, durante cerca de cinqüenta anos conviveram em certa harmonia.
- A definição dada para campo não corresponde à definição aceita. Campo pode ser definido como qualquer quantidade física que dependa do tempo e do espaço. Como já discutido anteriormente, não é necessária uma matéria base para o campo.

Página 46/47: *Recorrendo ao campo de Einstein, ...,assim como a intensidade de influência da chama diminui com a distância do núcleo de energias em combustão, demonstrando fração cada vez menor, sem nunca atingir a zero, a corrente mental se espraia, segundo o mesmo princípio, não obstante a diferença de condições.*

- Está comparando campo com corrente. Não deveria ser campo mental?

Página 51: *... lembremo-nos de que, conforme a Lei de Coulomb, as cargas de sinal contrário ou de força centrípeta atraem-se, contrabalançando-se essa atração com a repulsão por elas experimentada, ante as cargas de sinal igual ou de força centrífuga.*

- Não existe qualquer relação entre atração de cargas e força centrípeta ou repulsão de cargas e força centrífuga.

Página 55: *Circuito elétrico: a extensão do condutor em que se movimenta uma corrente elétrica.*

Circuito mediúnico: a extensão do campo de interação magnética em que circula uma corrente mental.

- Esta definição de circuito mediúnico é confusa e imprecisa: não podemos falar em extensão de um campo, e muito menos em uma corrente circulando em um campo.

Páginas 68/69: *Além do movimento de translação ou de saltos, em derredor do núcleo, os elétrons caracterizam-se igualmente por determinado movimento de rotação sobre o seu eixo, se podemos referir-nos desse modo às particularidades que os exprimem, produzindo os efeitos conhecidos por spins.*

- O spin não é um efeito. Tal como a carga ou a massa, é uma propriedade intrínseca do elétron. Por definição, o spin é momento angular intrínseco do elétron.

Páginas 79/80: *Por anotações ligeiras, em torno da microfísica, sabemos que toda partícula se desloca, gerando onda característica naturalmente formada pelas vibrações do campo elétrico, relacionadas com o número atômico dos elementos.*

- Acredito que queira dizer que partícula carregada, em movimento acelerado, gera onda eletromagnética, embora não está claro no texto. Esta relação com o número atômico está muito menos clara, pois, se ele queria se referir a átomos, estes possuem carga total nula e não irradiam.

Em conjugando os processos termoelétricos e o campo magnético, a Ciência pode medir com exatidão a carga e a massa dos elétrons, demonstrando que a energia se difunde, através de movimento simultâneo, em partículas infra-atômicas e pulsações eletromagnéticas correspondentes.

- Não encontrei nenhum sentido lógico nesse parágrafo.

Informamo-nos, ainda, de que a circulação da corrente elétrica num condutor é invariavelmente seguida do nascimento de calor, formação de um campo magnético ao redor do condutor, produção de luz e ação química.

- Devemos ter cuidado com a linguagem. Calor é uma forma de energia. Energia não nasce ou morre. O que ocorre é uma transformação de uma forma de energia em outra.

Deve-se o aparecimento do calor às constantes colisões dos elétrons livres, espontaneamente impelidos a se moverem ao longo do condutor, associando a velocidade de transferência ou deslocamento à velocidade própria, no que tange à translação sobre si mesmos, o que determina a agitação dos átomos e das moléculas, provocando aquecimento.

- O trecho sublinhado é ininteligível.

A constituição de um campo magnético, ao redor do condutor, é induzida pelo movimento das correntes corpusculares a criarem forças ondulatórias de

imanação. A produção de luz decorre da corrente elétrica do condutor. E a ação química resulta de circulação da corrente elétrica, através de determinadas soluções.

- O que são forças ondulatórias?

Página 86: *... o pensamento age de cérebro a cérebro, quanto a corrente de elétrons de transmissor a receptor (tv)...*

- Novamente, a confusão entre corrente elétrica e onda eletromagnética. Em um processo de transmissão de informações como o que ocorre para o funcionamento do televisor, temos emissão e recepção de ondas eletromagnéticas, e não de partículas, tais como os elétrons.

Página 87: *...o cérebro possui nas células e implementos que o servem aparelhagens correspondentes às peças empregadas em televisão para a emissão e recepção das correntes eletrônicas...*

- Novamente, a confusão entre corrente elétrica e onda eletromagnética.

Página 110: *Os discos de ebonite em atividade rotatória como que esfarelam as bolhas de ar, guardadas entre eles, comprimindo os elétrons que a elas se encontram frouxamente aderidos.*

- Estas bolhas de ar são desnecessárias para se explicar o funcionamento de uma máquina eletrostática. Numa máquina eletrostática os elétrons são arrancados devido à fricção entre as correias e os discos.

Trechos em que surgem novas definições e conceitos:

Página 26: *... as imagens das sete cores fundamentais, ..., criando igualmente efeitos psíquicos, em cada criatura, ...*

Página 43: *Identificando o Fluido Elementar ou Hálito Divino ... do qual conhecemos o elétron como sendo um dos corpúsculos-base, ...*

Encontraremos a matéria mental que nos é própria, em agitação constante, ...

Página 44: *Desde os raio ultra-super-curtos em que se exprimem as legiões angélicas...*

Página 45: ... o pensamento ainda é matéria – a matéria mental, em que as leis de formação das cargas magnéticas ou dos sistemas atômicos prevalecem sob novo sentido, ..., e no qual surpreendemos elementos que transcendem o sistema periódico.

Página 46: *A matéria mental obedece a princípios idênticos àqueles que regem as associações atômicas na esfera física.*

Página 50: *E para simples efeito de estudo da transmissão de força mediúnica, em que a matéria mental é substância básica...*

Página 51*: ... a corrente de forças mentais, destinada à produção desse ou daquele fenômeno ou serviço, circulará no condutor mediúnico em razão do campo de energias mento-eletromagnéticas existente entre a entidade comunicante e a individualidade do médium.*

Página 68: *Consignaremos que a corrente elétrica é a fonte de magnetismo até agora para nós conhecida na Terra e no Plano Espiritual.*
Nessa mesma condição, entendemos a corrente mental, também corrente de natureza elétrica, embora menos ponderável na esfera física.

Página 71: *Surpreendemos no ferromagnetismo*[5] *um ponto expressivo para o estudo da mediunidade...*

Página 72: *Mediunidade: campo magnético particular descompensado.*

Página 76: *...circulam (no cérebro) as correntes mentais constituídas à base dos átomos de matéria da mesma grandeza, qual ocorre na matéria física, ..., pelo que depreendemos, sem dificuldade, a existência do eletromagnetismo tanto nos sistemas interatômicos da matéria física, como naqueles em que se evidência a matéria mental.*

Página 111: *Dentro de certa analogia, temos também as correntes de elétrons mentais, por toda parte, formando cargas que aderem ao campo magnético dos indivíduos, ou que vagueiam, entre eles, à maneira de campos elétricos que acabam atraídos por aqueles que, excessivamente carregados, se lhes afeiçoem à natureza. (não dá para entender nada)*

Página 125: *... se desconhece ainda, no mundo, a Lei do Campo Mental...*

Páginas 126/127*: E aos encarnados interessa a existência em plano moral mais alto para que definam, com exatidão e propriedade, a substância ectoplasmática, analisando-lhe os componentes e protegendo-lhe as manifestações ...*

$\Rightarrow$ Sintetizando os trechos acima, vemos que, neste livro, André Luiz explorou idéias apresentadas no livro Evolução em Dois Mundos, principalmente a existência de uma matéria mental para explicar o pensamento, obedecendo a princípios idênticos estabelecidos para a matéria na esfera física: cargas elétricas, correntes de partículas mentais, vigência do eletromagnetismo, a existência de um campo mental, sendo que a mediunidade estaria relacionada ao comportamento ferromagnético.

Concluindo, vemos que em todos os dois livros há uma discordância clara entre os conceitos físicos, vigentes na época em que foram escritos, com o conteúdo apresentado, sendo que a utilização de conceitos e termos desatualizados é uma constante.

Até mesmo conceitos de mecânica clássica não são corretamente empregados, como, por exemplo, na afirmativa da necessidade de uma força centrífuga para equilibrar a força gravitacional.

A noção de campo, principalmente, não foi assimilada corretamente pelo autor que, inúmeras vezes, confunde corrente elétrica e campo eletromagnético. A existência de um meio material para o campo, idéia abandonada desde a primeira década do século XX, é enfatizada diversas vezes no texto.

---

[5] Para a maioria dos átomos e íons, os efeitos magnéticos dos elétrons cancelam-se de modo que cada átomo ou íon é não magnético. Em alguns átomos ou íons os efeitos magnéticos dos elétrons não se cancelam completamente, de modo que o átomo como um todo possui um momento de dipolo magnético. Na presença de um campo externo, numa amostra contendo N átomos, os dipolos atômicos elementares tenderão a se alinhar com o campo externo – este efeito é denominado paramagnetismo. Porém a agitação térmica perturba este alinhamento. Os materiais ferromagnéticos são aqueles em que o alinhamento dos dipolos atômicos permanece em rigoroso paralelismo, apesar do movimento térmico dos átomos. O ferro, cobalto, e níquel, entre outros, são ferromagnéticos. O ferromagnetismo é uma propriedade não apenas de um átomo ou íon individual, mas, também, uma conseqüência da interação de cada átomo ou íon com seus vizinhos na rede cristalina do sólido.

Além disso, a linguagem utilizada não é clara, talvez pela pretensão de se explicar conceitos técnicos a leigos fazendo-se uso de analogias pouco apropriadas. Em vários parágrafos, só com muita boa vontade se consegue "supor" o que o autor queira dizer.

CIÊNCIA ESPÍRITA

Os assuntos espíritas começaram a ser tratados cientificamente no século XIX. Cientistas, espíritas e não espíritas lhe dedicaram um pouco de atenção e tempo. Mas, no correr dos tempos, este interesse foi interrompido, e nada mais se fez nesta direção.

Hoje, os fenômenos mediúnicos são considerados, por muitos, como sendo o tal do aspecto científico do espiritismo. Chegam a dizer que o livro dos médiuns representa a parte científica do espiritismo. Trata-se evidentemente, de opiniões de pessoas alheias ao domínio científico, sem a mínima noção do que seja o trabalho científico legítimo.

Os novos conceitos e definições introduzidos no espiritismo, principalmente por André Luiz, uma vez que seus livros são considerados clássicos dentro da literatura espírita, têm sido aceitos e amplamente divulgados sem uma análise mais rigorosa. No prefácio do livro Mecanismos da Mediunidade, André Luiz diz ter recorrido a diversos trabalhos de divulgação científica do mundo contemporâneo, para tornar a substância espírita do livro mais seguramente compreendida pela generalidade dos leitores. Temos então um médico, baseando-se em textos de divulgação científica, que muita das vezes não são escritas por profissionais da área, nos trazendo informações que são absorvidas por pessoas leigas, sem o mínimo conhecimento do assunto específico. Estas mesmas pessoas divulgam, conforme o seu entendimento, as informações assimiladas. Certamente esta não é uma maneira rigorosa de se fazer ciência. Podemos questionar também o objetivo de ter André Luiz nos dado estas informações. Pois não é certo de que devemos, nós encarnados, caminhar com nossos próprios pés? Qual a serventia de sabermos, por exemplo, da existência de uma partícula mental, ou de que o elétron, na esfera em que se situa o autor, seja dissociável? Além disso, vimos que André Luiz se confundiu diversas vezes, principalmente no que se refere aos conceitos de campo e corrente. O que nos garante que, ao trazer estas novas informações, ele também não tenha se confundido? Não dá para fazer ciência em cima de especulações, sem evidências de natureza sólida, sejam elas vindas de encarnados ou desencarnados.

De outro lado, há, no movimento espírita, devido, acredito eu, ao processo vigente de transformação do espiritismo em religião, uma ojeriza por intelectuais[6], o que é incongruente com toda a fundamentação da doutrina espírita. Allan Kardec não conseguiu realizar seu trabalho justamente porque tinha um alto grau de instrução e, principalmente, espírito científico? Se o espiritismo realmente possui os três aspectos, filosofia, moral e ciência, este último não deveria ser explorado por pessoas capacitadas, devidamente preparadas para isso?

Para o comum das pessoas, os cientistas não passam de uns céticos. Na verdade não é assim. A cautela é uma das características da mentalidade científica. O que se procura é a perfeição metódica na busca da verdade que, afinal, se revela na conformação do pensamento científico com o seu objetivo de pesquisa imediata. Kardec não foi considerado o bom senso encarnado?

---

[6] Em particular, não gosto do emprego desta designação. Entretanto, não consegui encontrar termo que exprimisse melhor a minha idéia. Poderia talvez substituir por pessoas com espírito científico, com grande senso crítico.

Cientificamente falando, não basta, por exemplo, a afirmação de que no corpo do homem habita um espírito, cujo perispírito executa a função de ligação do ser pensante ao corpo de carne. Ciência não é afirmação e autoridade, não se firma tão somente na palavra de pessoas idôneas. É pesquisa comprobatória e impessoal imposta pela sua própria objetividade. Os resultados, e somente os resultados destas pesquisas poderão impor-se.

Teorias soltas, especulações eruditas e projetos literários apenas afastam o espiritismo da comunidade científica. Nas palavras de Kardec: “Se é verdade que a utopia da véspera, freqüentemente, seja a verdade do dia seguinte, deixemos ao dia seguinte o cuidado de realizar a utopia da véspera, mas não embarquemos a Doutrina de princípios que seriam considerados como quimeras e a fariam ser rejeitadas pelos homens positivos” (Rev. Espírita, 1868 - Dos Cismas).

O espiritismo não pode alienar-se da comunidade científica. A própria história nos mostra o papel da ciência na libertação do homem da religião institucionalizada, das superstições, da magia, dos rituais grotescos e primitivos, propiciando-lhe os meios para o progresso intelectual e moral.

Thomas Kuhn conjeturou que a pesquisa científica pode ser dividida entre períodos de desenvolvimento relativamente tranqüilo, que denominou de “ciência normal”, intercalados com períodos de alteração importante, denominados “revoluções”. Esta é uma estrutura útil para se analisar a pesquisa científica, embora não seja absoluta. Durante um período de “ciência normal”, o campo concernente é governado por um paradigma geralmente aceito. O paradigma, essencialmente um marco conceitual que envolve tanto a teoria quanto a prática, proporciona aos pesquisadores orientação sobre quais os problemas que merecem ser investigados e como devem ser atacados. À medida que as pesquisas avançam, começam a se acumular anomalias, que o paradigma acha cada vez mais difícil de acomodar de modo convincente. Finalmente toda a estrutura é posta abaixo por uma revolução conceitual.

Quando, na física do inicio do século XX, o modelo clássico foi “substituído” pelo modelo quântico, já tínhamos meio século de espiritismo. Mas a participação dos espíritas nesta “revolução” foi nula. Se não criarmos uma comunidade científica espírita capacitada, eficiente, continuaremos a não ter nenhuma participação no desenvolvimento científico.

Se existe uma realidade da qual nós espíritas compartilhamos, mas que não é percebida pela ciência oficial, e se acreditamos que esta realidade, quando compartilhada por todos, será de grande avanço para a humanidade, devemos nos esforçar para torná-la “visível” a todos. Mas não nos iludamos pensando que isso já está pronto e ao alcance dos entusiasmos ingênuos ou do amadorismo. Essa síntese de conhecimentos está à espera da organização dos grupos de pesquisa, não nos moldes da superficialidade ou das brincadeiras, mas na profundeza, no estudo e no esforço total de espíritos preparados para o desempenho desse empreendimento.

O desenvolvimento de um trabalho científico é complicado e obedece a regras e postulados estabelecidos internacionalmente pela comunidade científica. Tudo o que se afastar dessas prescrições será rejeitado. Assim, os espíritas cientistas se acomodam na filosofia e na religião. Os cientistas não espíritas costumam não levar em conta as afirmações simplórias dos homens do povo sobre espírito e suas manifestações entre nós, o que não significa deixarem eles de anotar os fatos inusitados ocorrentes no mundo do mediunismo.

Os temas científicos são contados aos milhões, pedindo dedicação e pesquisas corretas, oferecendo ao espiritismo os suportes adequados para assentar seus postulados doutrinários de acordo com a realidade.

Não esperamos respostas imediatas porque sabemos não existir por agora uma comunidade científica espírita constituída e pronta para isso. E se não começarmos a nos mobilizar, nunca teremos. É necessário dar espaço para que se comece a pensar na formação de uma comunidade científica espírita. É necessário que grupos de áreas afins se reúnam com o objetivo de realizarem pesquisa científica, sempre amparados pelo método científico, mas com um olhar espírita.

Todas as ciências caracterizam-se pela utilização de métodos científicos, mas nem todos os ramos de estudo que empregam estes métodos são ciências. A utilização de métodos científicos não é da alçada exclusiva da ciência, mas não há ciência sem o emprego de métodos científicos. Assim, o método é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo – conhecimentos válidos e verdadeiros -, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista.

O senso comum, aliado à explicação religiosa e ao conhecimento filosófico, orientou as preocupações do homem com o universo até o século XVI, quando se iniciou uma linha de pensamento que propunha encontrar um conhecimento embasado com maiores garantias, na procura do real. Não se buscam mais as causas absolutas ou a natureza íntima das coisas; ao contrário, procura-se compreender as relações entre elas, assim como a explicação dos acontecimentos, através da observação científica aliada ao raciocínio.

Com o passar do tempo, muitas modificações foram feitas nos métodos existentes, inclusive surgiram outros novos. O método científico é a teoria da investigação, e alcança seus objetivos, de forma científica, quando cumpre ou se propõe a cumprir as seguintes etapas (de uma maneia bem genérica):

- Descoberta do problema ou lacuna num conjunto de conhecimentos. Se o problema não estiver enunciado com clareza, passa-se a etapa seguinte; se o estiver, passa-se à subseqüente;
- Colocação precisa do problema, ou ainda a recolocação de um velho problema, à luz de novos conhecimentos;
- Procura de conhecimentos ou instrumentos relevantes ao problema, isto é, exame do conhecido para tentar resolver o problema;
- Tentativa de solução do problema com auxilio dos meios identificados. Se a tentativa resultar inútil, passa-se para a etapa seguinte; em caso contrário, à subseqüente;
- Invenção de novas idéias (hipóteses, teorias ou técnicas) ou produção de novos dados empíricos que prometam resolver o problema;
- Obtenção de uma solução (exata ou aproximada) do problema com auxílio do instrumental conceitual ou empírico disponível;
- Investigação das conseqüências da solução obtida. Em se tratando de uma teoria, é a busca de prognósticos que possam ser feitos com seu auxílio. Em se tratando de novos dados, é o exame das conseqüências que possam ter para as teorias relevantes;
- Prova (comprovação) da solução: confronto da solução com a totalidade das teorias e da informação empírica pertinente. Se o resultado é satisfatório, a pesquisa é dada como concluída, até novo aviso. Do contrário, passa-se para a etapa seguinte;
- Correção das hipóteses, teorias, procedimentos ou dados empregados na obtenção da solução incorreta. Esse é, naturalmente, o começo de um novo ciclo de investigação.

Com a experiência, a marcha de uma pesquisa torna-se uma segunda natureza do cientista, a ponto dele seguir espontaneamente, pelos caminhos apontados, sem se preocupar com esquemas.

A meu ver, uma das primeiras dificuldades de uma ciência espírita será a definição do problema a ser estudado. Informações de todos os tipos estão todo o tempo se chocando com o cientista. Em sua maior parte elas passam sem ser absorvidas e o que precisamos é de informação pertinente. Um dos problemas fundamentais é decidir sobre o que pertinente significa em um contexto espírita. Quando diferentes cientistas consultam a mesma informação, é provável que vejam nelas coisas bem diferentes. Com efeito, informação pertinente passa a ser tudo aquilo que os cientistas estejam dispostos a pegar na suposição de que possa ser útil em seu trabalho. Pesquisas de natureza interdisciplinar, como acredito que serão as pesquisas espíritas, normalmente levam a uma dispersão mais ampla de materiais pertinentes. Mesmo numa área temática específica, diferentes especialidades podem apresentar diferentes graus de dispersão. Sem contar que, quando os pesquisadores estão decidindo sobre quais documentos procurar, seus antecedentes e sua experiência pessoal são postos em ação de uma maneira muito confusa e individualista.

Na física, em particular, o processo de pesquisa ocorre da seguinte maneira: uma vez que o objetivo da física é fornecer uma descrição da natureza, o estudo de um determinado fenômeno vai partir da quantificação[7] do fenômeno. Definir o que medir, como medir, qual a precisão desejada ou possível e realizar a medição. É um processo longo e geralmente dispendioso, pois a montagem de um laboratório razoável demanda algumas centenas de milhares de dólares.

Tendo os dados em mãos, a próxima etapa é a da modelagem do fenômeno. O objetivo do modelo é descrever, através de equações matemáticas que relacionam as variáveis envolvidas, o comportamento obtido em laboratório. Tanto a relação entre as variáveis do problema quanto à concordância entre os resultados previstos pelo modelo e os resultados medidos em laboratório devem, obrigatoriamente, ser quantitativos.

Além disso, o modelo proposto quase sempre está embasado quantitativamente em outros modelos já testados e aceitos pela comunidade científica.

Uma vez que o modelo se mostre adequado para explicar o fenômeno proposto como objeto de estudo, deve-se verificar se o mesmo faz previsões sobre outros fenômenos conhecidos e se estas previsões concordam quantitativamente com esses fenômenos. Caso o modelo preveja novos fenômenos, os mesmos devem ser verificados e avaliados.

Todo esse processo pode ser desenvolvido em várias etapas e por pesquisadores (ou equipes) diferentes, trabalhando em conjunto ou não. Hoje é impossível uma única pessoa deter conhecimentos necessários para levar adiante uma pesquisa científica. O conhecimento se ampliou de tal forma que é praticamente obrigatório se trabalhar em equipes. Mesmo os grandes cientistas da atualidade dependem de seus assistentes, muitas vezes alunos de doutorado ou pós-doutorandos.

Terminado todo o trabalho de pesquisa, é necessário que se pense na divulgação de seus resultados. A divulgação é tão vital quanto a própria pesquisa, pois a esta não cabe reivindicar com legitimidade este nome enquanto não houver sido analisada e aceita. Entre as revistas de pesquisadores profissionais existe a prática de avaliação por pares, sendo que os critérios óbvios são que os avaliadores sejam pesquisadores competentes, atualizados no assunto a que corresponde o artigo encaminhado para apreciação. É preciso um avaliador seguro, que seja imparcial na emissão de comentários tanto positivos quanto negativos.

A avaliação dos artigos científicos pelos pares é, igualmente, um excelente exemplo de como funciona o ceticismo organizado. A mesma função crítica pode

[7] No sentido de: *determinar o valor de.*

ser encontrada na comunicação informal, quando os apresentadores de trabalhos em seminários ou conferências são interrogados pela platéia.

Uma ruptura importante em qualquer área diverge potencialmente das convicções e práticas aceitas. Inovações importantes podem, portanto, encontrar dificuldades para passar pelo sistema de avaliação pelos pares. Suposições não comprovadas a respeito disso são muito mais comuns do que dados colhidos em estudos, sobretudo porque mudanças importantes são necessariamente um tanto limitadas em número.

A ciência espírita só será aceita pela comunidade científica oficial no dia em que um trabalho originado por cientistas espíritas for aceito por avaliadores não espíritas. Até que isto ocorra, e eu acredito que seja possível, teremos de enfrentar e encontrar soluções para uma série de questões.

Uma das principais questões será o financiamento dessas pesquisas. Qual será a fonte de recursos? Seremos pesquisadores espíritas só nos fins de semana? Nos ateremos apenas a trabalhos teóricos? Se não, a qual laboratório teremos acesso? De início, qual será o critério de avaliação? São perguntas que só teremos respostas se começarmos a nos movimentar.

A minha proposta, ao apresentar este trabalho foi a de dar a minha visão, com base na minha formação acadêmica, de como anda o aspecto científico no movimento espírita atual, propondo que se comece a pensar em uma ciência espírita tal como formulada por Kardec, com os critérios e rigores de qualquer ciência, que foram tão bem utilizados por ele na elaboração da Doutrina Espírita.

BIBLIOGRAFIA

- *Revista Espírita*, Allan Kardec, Volumes I (1858) e XI (1868).

Livros analisados:

- *Evolução em Dois Mundos*, André Luiz, psicografado por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira. FEB, 1958; 20ª edição (2000).
- *Mecanismos da Mediunidade*, André Luiz, psicografado por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira. FEB, 1959; 21ª edição (2002).

Resumo histórico: O texto apresentado foi baseado nas publicações a seguir. Alguns trechos foram reproduzidos tal como apresentados na obra original.

- *Pensando a Física*, Mário Schenberg, São Paulo, ed. Landy, 2001.
- *A Dança do Universo*, Marcelo Gleiser, São Paulo, Companhia das Letras, 1997.
- *História Ilustrada da Ciência IV*, Colin A. Ronan, Universidade de Cambridge, Jorge Zahar ed., 1983.
- O*rigens Históricas da Física Moderna*, Armando Gibert, Lisboa, Fundação Galouste Gulbenkian, 1982.

Ciência espírita:

- *Espiritismo: 2º Século (O Sentido Evolutivo da Doutrina espírita: Uma Opinião)*, Carlos Peppe.
- *Fundamentos de Metodologia Científica*, Eva Maria Lakatos e Marina de Andrade Marconi, São Paulo, ed. Atlas, 1991.
- *A Comunicação Científica*, A.J. Meadows, Brasília, ed. Briquet de Lemos, 1999.

COSMOLOGIA, EXOBIOLOGIA E ESPIRITISMO
UM ESTUDO SOBRE A VIDA E O UNIVERSO

Reinado Di Lucia

INTRODUÇÃO

A questão "Estamos ou não sozinhos no Universo?" não é recente. Entretanto, ela é de fundamental importância, não só como mera especulação intelectual, mas também, e principalmente, na criação de um modelo coerente que sirva para explicar este Universo.

A ciência inicia-se com problemas. Enquanto nenhum problema, nenhuma inquirição afeta o ser humano, ele se vê desobrigado de pensar, observar, buscar. Assim, conhecer é, simplesmente, reduzir o desconhecido ao conhecido. A verdade científica é des-velamento (***aletheia,*** para os gregos). Para tanto, os cientistas criam modelos, que, posteriormente testados, dão origem às teorias e às leis.

Atualmente, neste mundo de incertezas em que a própria ciência nos colocou, é grande presunção falar-se em comprovação científica. A "prova" em ciência é uma quimera a ser usada, no máximo, com a finalidade de engrandecimento pessoal de um cientista ou de um grupo, com vistas, normalmente, a um aumento na verba de pesquisa. Os bons resultados obtidos com os testes de uma teoria servem tão somente para que esta continue presente no rol de teorias possíveis.

As teorias só permanecem válidas enquanto explicam e prevêem todo o universo de fatos de que se propõem a tratar. Assim, toda descoberta de fatos novos, de novos elementos que devam ser agregados àquele universo leva à necessidade de novos exames na teoria, para que se verifique sua validade.

É por isso que não se pode dizer que as afirmações científicas são verdades absolutas. No dizer de Karl Popper[1] "A ciência não é um sistema de declarações certas e bem estabelecidas; nem é ela um sistema que avança para um estado final. Nossa ciência não é conhecimento; ela não pode nunca pretender haver atingido a verdade, nem mesmo um substituto para ela, a probabilidade" . Isto ocorre porque não se pode, em nosso estágio atual de evolução intelectual, ter certeza que são conhecidas todas as variáveis que afetam o universo de fatos considerados na determinação de uma teoria.

Quando se analisam as idéias sob este prisma, o espiritismo cresce de modo brutal como possibilidade de alternativa científica. Em verdade, sua grande contribuição foi ter imaginado um modelo lógico, coerente e baseado, tanto quanto possível, em fatos palpáveis para explicar e prever o Universo. Este modelo (que podemos chamar, sem medo de erros, de ***teoria espírita)*** diferencia-se dos demais modelos científicos vigentes por considerar uma nova dimensão para o Universo, a dimensão não-física do ***espírito***. Ao fazer isto sem as considerações puramente místicas da grande maioria das filosofias que trataram do espírito, a doutrina espírita colocou-se em lugar de destaque entre as teorias científicas de sua época.

O modelo espírita de Universo fundamenta-se em seis princípios básicos que encontram-se de tal forma interligados logicamente na teoria que a demonstração da inexatidão de um deles faria desabar todo este modelo, obrigando a uma revisão estrutural da teoria. São eles:

1 Existência de Deus.
2 Existência e imortalidade do espírito.
3 Evolução infinita.
4 Pluralidade das existências (reencarnação)
5 Pluralidade dos mundos habitados.
6 Comunicabilidade entre encarnados e desencarnados (mediunidade).

Apenas dois destes princípios são considerados, de algum modo, pelos representantes das ciências em nosso mundo: a evolução e a pluralidade de mundos habitados.

No que diz respeito à evolução, o princípio geral é bem aceito, embora as nuanças e a extensão desta evolução sejam fortemente questionadas. A mais conhecida proposta, formulada por Darwin em meados do século XIX, é bastante contraditada por diversos outros cientistas que acham-na mais abrangente do que deveria ser (e isto para não falar nas religiões, em sua grande maioria criacionistas, e que, portanto, negam a possibilidade de evolução das espécies). Entretanto, no que tange à visão científica da evolução, esta é restrita à matéria, jamais sendo o espírito considerado, ao menos na acepção de espírito defendida pela doutrina espírita.

Já a possibilidade de vida em outros planetas, apesar de não ter a chancela das academias de ciência, tem sido teoria validada por muitos eminentes cientistas, entre eles físicos, astrônomos, biólogos, etc. Esta teoria (em seu aspecto não-espírita) baseia-se menos em fatos evidentes que no cálculo de probabilidades; mas este cálculo leva, quase que de modo inevitável, à aceitação desta possibilidade.

Para o modelo espírita, ambas as teses andam juntas, não sendo possível uma sem a outra. Entretanto, esta teoria espírita data também da metade do século XIX, tendo sido muito pouco (ou talvez nada) complementada desde então. Ela se refere à vida, e ao modo como esta desenvolve-se no Universo.

A proposta deste trabalho é confrontar esta teoria espírita sobre a origem da vida com as descobertas que foram feitas pela ciência nestes últimos cento trinta anos: o novo modelo de matéria proposto pela física, as descobertas da genética, as considerações da filosofia da ciência (que mudaram o posicionamento dos cientistas em relação às suas próprias teorias), os avanços na descrição matemática do universo, todos estes novos elementos devem MT comparados à idéia espírita. E, como disse Kardec, se uma verdade nova se revelar, o espiritismo a aceitará.[2]

O estudo sobre a vida em outros planetas não pode prescindir de duas questões cruciais, e ambas de difícil análise: Como surgiu o Universo? E, uma vez tendo ele surgido, como surgiu e desenvolveu-se a vida?

Tais questões são muito difíceis porque encontram o início de suas respostas no limiar daquilo que é possível pesquisar, em termos científicos, no estágio atual da ciência. Em sendo real a teoria do surgimento universal a partir de uma grande explosão (o ***Big Bang***), o elemento inicial que originou esta explosão é classificado, pelos astrofísicos, como uma singularidade, fenômeno no qual as leis físicas conhecidas deixam de ter validade. Pode-se, então, apenas propor modelos sobre modelos, todos absolutamente possíveis, para este início.

A segunda questão, sobre a vida, esbarra num problema ainda mais básico: o que é, afinal, vida? Como podemos conceituá-la e, mais, como distingui-la da, digamos assim, "não vida"?

O que se pretende, com este trabalho, não é, obviamente, a resposta a estas questões singularmente complexas do conhecimento humano. A intenção é tão somente examinar o que se apresentou de novo neste século, verificar se a teoria espírita permanece válida e propor eventuais modificações a serem consideradas para esta teoria. Para tanto, partir-se-á de um pequeno histórico da idéia de vida em outros planetas. Serão demonstradas as principais teorias que hoje tratam da origem do Universo, e também das teorias sobre a origem e o desenvolvimento da vida.

Uma outra questão que deve ser estuda é a existência de evidências sobre a possível vida em outros planetas. Neste aspecto, os fenômenos hoje estudados pela ufologia podem trazer alguma luz. Tal como o espiritismo, a ufologia padece da existência de muitos charlatães que distorcem tanto suas idéias centrais quanto sua base teórica. O que se procurará mostrar é que, quando eliminadas estas interferências, resta uma protociência interessante, que pode colaborar com algumas das teses espíritas.

CAPÍTULO 1 - O UNIVERSO

Origens:

O conceito de Universo variou em extensão, forma e propriedade ao longo da história da humanidade, mas nem por isso deixou de significar sempre, no fundo, a mesma coisa: o conjunto de matéria (e, a partir da relatividade, de energia) existente no espaço. Essas variações deram-se em função da diferença de conhecimentos científicos e tecnológicos em cada época da humanidade. Assim, quando ainda não havia instrumentos para observação, o Universo observável a olho nu media não mais de 2 x 10 anos-luz (o que já é uma distância bastante considerável). Atualmente, os modernos telescópios, como o Hipparcos[3], já conseguiram elevar este número para 2 x 10 anos-luz (ou 20 bilhões de anos luz).

Segundo Ronaldo R. de Freitas Mourão, os físicos conceituam hoje Universo observável como sendo todos os corpos celestes que podem ser detectados diretamente, através dos diversos tipos de radiações por eles emitidas; Universo físico como a extensão do observável, isto é, todos aqueles objetos que podem ser detectados pelos efeitos físicos por eles provocados; e Universo total como o tratamento matemático, metafísico ou filosófico resultante da extrapolação de nossos conhecimentos sobre o Universo[4].

Entretanto, uma pergunta fundamental não foi, até hoje, respondida de maneira inequívoca: qual a origem deste nosso Universo?

As primeiras fontes conhecidas no ocidente sobre a origem do Universo são gregas. Já antes do século VIII a.C. as questões sobre qual o princípio daquelas coisas conhecidas, que os cercavam, eram preocupações comuns entre os gregos. E, como não podia deixar de ser, os primeiros relatos escritos sobre a origem do Universo (cosmogonia) são descritos em linguagem mítica, através, principalmente, dos poemas de Homero e Hesíodo.

O que se observa nesses textos, é que há uma mescla entre a ***cosmogonia*** (o nascimento do Universo) e a ***teogonia*** (o nascimento dos deuses). O pensamento grego desta época não dissocia a divindade do Universo em que vive, unindo-os todos num mesmo princípio - e daí vão surgir escolas de conhecimento esotéricos, como, por exemplo, o orfismo.

Não se deve entender com isto que a formulação cosmogônica grega seja totalmente voltada para o misticismo. Há, nesta forma de descrever a origem do Universo, mais um problema de linguagem. O grego antigo não formula explicações racionais dos fenômenos, talvez por incapacidade de fazê-lo. "(...) o grego espanta-se e admira-se. Descreve isso perante o que se espanta e se admira. Omite o discurso lógico explícito mas, na própria forma como descreve o que vê insere, ou implícita, uma lógica explicitação das causas e dos processos."[5]. É a partir daí que surge o pensar filosófico.

Para Hesíodo, no início tudo era o Caos. O conceito de Caos em Hesíodo é o de desordem, não no sentido de "bagunça", mas como um campo inicial, onde ainda não há o ser, mas existem as condições para sua existência. E esta existência dá-se pela intervenção de Eros, que, com sua dialética *dynamis - energeia* (potência e ato), constitui o espaço e tudo o que nele há. Este conceito não é irracional. É, ao contrário, bastante profundo, e merece um melhor estudo, que não cabe neste trabalho.

Quando, a partir do século VI a.C., os pensadores passaram a descrever o mundo de uma forma lógica, abandonando, por assim dizer, a expressão mítica, as idéias sobre a formação do Universo seguiram duas linhas distintas.

A primeira, apresentada por nomes como Aristóteles, Platão e Ptolomeu, postulava a Terra como sendo um ponto fixo e central do Universo ***(concepção geocêntrica***). A idéia básica é a tendência a acatar a observação visual de que há um movimento aparentemente circular dos demais astros em torno da Terra. Esta, portanto, devia estar fixa, e todos os corpos celestes a recobririam. É interessante notar que, apesar disto, já por esta época não se acreditava mais numa Terra chata, mas sim que ela deveria ser esférica.[6]

A outra, defendida por pensadores como Pitágoras, Aristarco e, mais tarde, Copérnico, afirmava que a Terra não era o centro do Universo, mas um corpo celeste que girava ao redor de algum outro astro. Entretanto, enquanto que Pitágoras dizia que este centro era um "fogo central" (e não o Sol), Aristarco de Samos, no século II a.C., já defendia a posição que a Terra, como os demais corpos celestes, orbitavam circularmente em volta do Sol. Estavam, já nesta época, lançadas as bases da ***concepção heliocêntrica***.

O grande problema com a primeira hipótese (geocêntrica) é que ela não consegue explicar todos os movimentos dos astros observáveis. De fato, os planetas mais distantes do Sol que a Terra movem-se, de maneira geral, de leste para o oeste, mas, em determinados períodos, parecem retroceder. Estes movimentos retrógrados, explicados facilmente num Universo heliocêntrico, constituíram-se em grandes obstáculos à teoria de uma Terra central, a ponto de ter sido necessária a criação de um sistema de ***epiciclos,*** "rodas" mantidas juntas por eixos, movendo-se livremente umas em volta das outras, e todas elas movendo-se em volta da Terra. Estes movimentos deveriam ser muito complexos, e Aristóteles previa cinqüenta e cinco dessas esferas.

Entretanto, por imposição da Igreja Católica, o sistema geocêntrico prevaleceu por toda a Idade Média, e, no século XVI, astrônomos como Copérnico, Tycho, Kepler e Galileu enterraram-no definitivamente. Nasce, então, o que poderíamos chamar de cosmologia moderna, com toda a complexidade matemática que a caracteriza.

Cosmologia Moderna:

A partir das observações astronômicas de Tycho e Galileu, e das contribuições de Newton (notadamente a teoria da gravitação universal), ainda no século XVI, foi-se formando uma determinada concepção de Universo que, ao mesmo tempo que diferia das demais, era singularmente complexa. Esta concepção foi alavancada por William Herschel, no final do século XVIII, com a

descoberta do planeta Urano e com a constatação que as nebulosas observadas nos telescópios eram sistemas galácticos de estrelas e planetas, tão grandes ou maiores que a nossa galáxia (a Via-Láctea).

Tais pesquisas levaram à idéia fundamental do Universo, vigente a partir de meados do século XIX: a de que o Universo é aproximadamente igual em todas as direções, e que nossa galáxia é destituída de qualquer localização preferencial no espaço. Essa idéia, chamada de ***princípio cosmo lógico de Copérnico,*** leva facilmente à constatação que o Universo é localmente ***isotrópico***[7] no espaço, e, portanto, que é espacialmente homogêneo.

Desta constatação surgem duas linhas de pensamento distintas: a primeira, defendida por Newton e, mais tarde, também por Einstein (ao menos preliminarmente) diz que o Universo é isotrópico não só no espaço, mas também no tempo (princípio cosmológico perfeito), o que levou às diversas teorias do ***Estado Estacionário,*** isto é, à idéia de um Universo infinito, estático no tempo e no espaço.

Há um problema com esta teoria, facilmente verificável: se o Universo é infinito e homogêneo, para qualquer ponto do céu que olharmos, nossa linha de visão cruzará necessariamente com um número infinito de estrelas. Portanto, o céu deveria ser, sempre, fortemente iluminado, o que não ocorre. Este paradoxo, descrito pela primeira vez em 1826, pelo astrônomo alemão Heinrich Olbers, é fundamental para a cosmologia moderna: qualquer cosmologia bem-sucedida deve resolvê-lo satisfatoriamente.

A segunda linha de pensamento, em oposição à anterior, afirma que visualizamos o Universo de um ponto de vista privilegiado, seja no tempo, seja no espaço (ou mesmo em ambos). Conhecido como ***princípio cosmológico antrópico,*** vai de encontro à teoria anterior principalmente num item: admite que o Universo não é estacionário, isto é, está em constante mutação (e nós sabemos hoje que é teoricamente impossível a existência de um modelo estático infinito de Universo no qual a gravidade seja sempre atrativa). Mas, mais do que isso, é coerente também com as observações realizadas neste século, e que levaram à teoria do Big Bang.

Em 1916, Albert Einstein revoluciona a cosmologia com o lançamento da teoria da relatividade geral, em que dava um passo além da gravitação newtoniana. Entretanto, do modo como foi formulada, esta teoria preconizava um Universo não estático, o que o próprio Einstein não conseguia aceitar. Ele introduziu então um elemento desnecessário em suas equações, que visava manter este Universo estático: a ***constante cosmológica***. Ele mesmo admitiu, posteriormente, que este foi um dos maiores erros científicos que já cometeu.

A constante cosmológica foi definitivamente eliminada como possibilidade para o Universo a partir dos trabalhos teóricos de Friedmann e Lemaítre e das observações de Hubble.

Alexander Friedmann (matemático e meteorologista russo), em 1922, e Georges Lemaí'tre (clérigo belga), em 1927, trabalhando independentemente descobriram um conjunto de soluções para as equações da relatividade que admitiam universos abertos e fechados, mas não estáticos. Em 1929, Edwin Hubble, astrônomo norte-americano, anunciou uma lei simples, baseada em suas observações no observatório de Mount Wilson, na qual descrevia a recessão das nebulosas. Era a primeira indicação que o Universo poderia estar expandindo-se.

A proposta de um Universo em expansão foi-se fortificando no decorrer dos anos, de acordo com previsões teóricas dos mesmos estudiosos já citados. E o modelo que foi mais aceito foi o de um Universo que tivesse começado num estado de densidade infinita (uma singularidade), e evoluído a partir de uma grande explosão: é a chamada ***teoria do Big Bang***.

O Big Bang foi praticamente confirmado (e a teoria do estado estacionário definitivamente afastada) em 1964, quando dois físicos dos laboratórios Bell descobriram uma radiação de fundo, de aproximadamente 2,5 a 4,5 K[8], isotrópica e homogênea. Esta radiação, chamada de ***radiação de fundo das microondas cósmicas,*** praticamente comprova a primitiva fase quente do Universo.

Estado atual da Cosmologia:

1 No atual estágio da cosmologia, podemos dizer que são melhor aceitas as seguintes teorias sobre a origem e a formação do Universo:

2 O Universo é constituído por um continuum quadridimensional de espaço-tempo, regido, em escala macro, pelas equações da relatividade de Einstein. Isto significa, entre outras coisas, que o tempo é uma função variável do Universo, dependente fundamentalmente da velocidade.[9]

3 Tal espaço-tempo quadridimensional é curvo, e sua curvatura depende da quantidade de massa (matéria) ao seu redor. Graças a isso, a geometria que o descreve não é a euclidiana, mas uma das muitas geometrias alternativas desenvolvidas a partir do século xx.

O Universo foi criado a partir de uma singularidade, num instante qualquer há aproximadamente 20 bilhões de anos atrás. Neste momento, não se sabe por que motivo, houve uma grande explosão (Big Bang), que criou o espaço tempo e o pôs em movimento de expansão contínua, a qual dura até hoje.[10]

4 Esta expansão é uma expansão do próprio espaço-tempo, o que equivale dizer, do próprio Universo, podendo, portanto, estar-se expandindo a velocidades superiores à da luz no vácuo. O modelo geométrico mais aceito é o de um Universo finito e ilimitado (como uma bola de gás).

5 A singularidade que originou o Universo, como qualquer outra singularidade (um buraco negro, por exemplo), não é explicada pela física quântica. Assim, qualquer explicação que tentemos dar para este nosso cosmo está limitada à idade de 10 segundo e a um comprimento de 10 centímetros.

6 Toda a matéria existente no Universo deve-se a uma ligeira dissimetria entre os pares de matéria / antimatéria formados durante o período de transição de fase (também chamado de período catastrófico ou período inflacionário da expansão). Tal dissimetria é prevista, estatisticamente, pelas teorias unificacionistas mais modernas.

7 O Universo primitivo demorou ainda 700 000 anos para que esfriasse o bastante para que os núcleos atômicos assim formados pudessem dar início à formação de galáxias, estrelas e planetas - base para a vida como nós a conhecemos.

A formação dos planetas:

Planetas, na definição de Ronaldo Rogério de Freitas Mourão, são "corpos celestes de massa muito reduzida, incapazes de gerar energia equivalente à das estrelas, e que se movem em órbita elíptica em torno delas".[11]

Para considerarmos a formação dos planetas, em particular da Terra, que é o nosso objetivo, não podemos prescindir do estudo da formação do sistema solar, uma vez que ambos formaram-se contemporaneamente.

O Sol é das estrelas mais comuns que poderia existir. É uma estrela de meia idade, em relação às demais da galáxia (deve ter, aproximadamente, 5 bilhões de anos), situado a dois terços do seu núcleo central (isto é, nem muito próximo, nem muito distante dele). A galáxia (a Via Láctea) é uma galáxia espiral que tem em seu núcleo um grande aglomerado de massa (um buraco negro, provavelmente) e, aproximadamente, 100 bilhões de estrelas das mais diversas ordens. Nós realmente não temos nada de muito especial.

Um estudo sobre a origem do sistema solar, levado a efeito principalmente através de estudos espectrais e análises físico-químicas de meteoritos, indica que nosso Sol e todo o sistema originaram-se pela contração gravitacional de matéria dispersa na galáxia a partir de ondas de choque geradas pela explosão de uma ou duas supernovas. Esta conclusão origina-se da grande quantidade de isótopos exóticos de muitos elementos químicos presentes nestes meteoritos (por exemplo, magnésio-26 e oxigênio-l7, entre outros).

O modo pelo qual os planetas vieram a existir ainda é controvertido. Qual m teorias despontam, apesar de apenas uma ainda possuir credibilidade. São elas: a da turbulência, a das marés, a das nebulosas e a da acumulação.

A teoria da turbulência é baseada na teoria dos vórtices, de Descartes. Afirma que, no início do sistema solar, havia uma turbulenta atmosfera de gases girando em torno do Sol, que, com sua dissipação, levaria à formação de regiões mais densas, as quais condensar-se-iam em núcleos dos planetas. Como não há evidências que esta turbulência tenha existido, nem uma idéia do porque elas existiriam, esta teoria foi deixada de lado.

A teoria das marés é uma seqüência daquela exposta por Georges Louis de Buffon em 1785, que afirmava que a colisão de um cometa com o Sol teria expelido destes pedaços de matéria que teriam transformado-se nos planetas. A moderna teoria, sabendo que os cometas não têm massa suficiente para arrancar nada do Sol, parte do princípio que a passagem de uma outra estrela suficientemente perto do Sol é que teria arrancado destes filamentos de matéria que se condensariam nos planetas. Esta teoria, exposta no início do século XX por James Jeans e Harold Jeffreys, possui uma dificuldade teórica: os gases assim produzidos teriam uma temperatura muito alta, o que provocaria sua dissipação antes da condensação. Outras dificuldades de cunho matemático, se não inviabilizaram a teoria, ao menos tornaram-na mais improvável que a das nebulosas.

A teoria das nebulosas não é nova: vem das idéias de Kant (1755) e Laplace (1796). Propõe que as

forças centrífugas da nebulosa protossolar (que, segundo ela, girava lentamente) provocaram ejeção de material, que teria formado os planetas. Apesar de explicar o motivo pelo qual os planetas movem-se num mesmo plano e numa mesma direção, sabe-se hoje que o momento angular do sistema solar é provavelmente insuficiente para ter causado ejeção de material.

A teoria atualmente mais aceita é chamada teoria da acumulação, e prevê que a nebulosa protossolar, afetada pela explosão das supernovas, teria colapsado. A região central, onde se acumulava grande parte da matéria da nuvem, geraria o Sol. As demais regiões densas teriam gerado os outros corpos do sistema solar, como os planetas, asteróides, satélites. Ainda não se conhece bem o processo de construção, mas a teoria é chamada de acumulação porque prega que os corpos maiores (planetas) tenham-se formado pela fusão (colisão a altas velocidades e pressões) de vários corpos menores (asteróides e planetóides).

A posição espírita:

Em vários textos, Kardec discute a questão da formação do Universo. Os principais deles são aqueles descritos na Revista Espírita, além dos já consagrados capítulos de A Gênese, que discutiremos mais adiante.

Os principais textos da Revista Espírita são:

- *A pluralidade dos mundos habitados* - janeiro de 1863, trata da obra homônima de Camille Flammarion.
- *Estudos uranográficos* - setembro de 1862 é o texto base do capítulo sobre Uranografia Geral da Gênese.
- O *planeta Vênus* - agosto de 1862 trata sobre a constituição eos habitantes deste planeta.
- *Descrição de Júpiter* - abril e agosto de 1862 é uma comunicação sobre a constituição e os habitantes deste planeta.

Podemos resumir no quadro seguinte as principais idéias dos referidos textos:

1- A pluralidade de mundos habitados é uma realidade inconteste. Dois argumentos existem a seu favor: a insensatez da crença que todo o Universo foi criado só para agradar aos olhos dos terráqueos, e os testemunhos dos espíritos que neles vivem, via mediúnica. Afirma taxativamente que todos os planetas do nosso sistema solar, e mesmo a Lua, devem ser habitados. [12]

2- Há uma escala de superioridade dos mundos do sistema solar. Assim, do mais inferior para o mais superior, temos: Marte, Terra, Mercúrio, Satumo, Lua, Vênus, Urano, Netuno e Júpiter.[13]

3- Em Júpiter, a organização dos corpos é totalmente diferente daquela da Terra. Seus habitantes deslizam pelo solo, alimentam-se de frutas e plantas, a duração da vida é maior que a da Terra e praticamente não existe infância. Com a morte do corpo, este dissipa-se, não apodrece, e não se conhecem moléstias.[14]

4- Os animais em Júpiter são também bastante evoluídos, sendo encarregados de todas as tarefas manuais, como servos e capatazes. As ocupações dos homens são puramente intelectuais.[15]

5- O planeta Vênus é um intermediário entre Mercúrio e Júpiter. Lá, os mares são cal mos, os ventos não sopram com violência, o ar é mais rarefeito, os costumes são mais puros; em suma, um mundo de bem-aventuranças.[16]

6- Os planetas têm o mesmo estilo evolutivo dos espíritos, isto é, são criados na escala mais inferior e evoluem até o mais alto deles.[17]

Como se pode observar há uma série de conceitos que a ciência atual demonstrou serem equivocados.

O livro de Kardec que mais trata deste assunto é A Gênese. Nele, os capítulos de VI a XII são dedicados ao estudo do Universo, da formação da Terra, dos seres vivos e dos espíritos. Ou seja, trata-se da Gênese material, orgânica e espiritual.

As principais idéias novas, desenvolvidas neste livro são:

1- Existe um paralelo entre as descobertas científicas da época e a Gênese de Moisés (descrita na Bíblia), que, na opinião de Kardec, era a mais próxima da verdade entre as teorias da formação do mundo dos povos antigos.

2- O Universo é infinito, assim como o espaço, e o tempo é característico deste nosso universo material, tendo sido criado juntamente com a matéria.

3- As forças que percebemos no Universo são, na verdade, diversificações de uma força única,

assim como os diversos tipos de matéria são diversificações da matéria primitiva.

4- Há um fluido, etéreo, que permeia todo o Universo e que serve de veículo para o pensamento. Este fluido é chamado, por vezes, de hausto divino.
5- Os planetas e os satélites, aí incluídos a Terra e a Lua, são formados pelo destacamento de matéria da nebulosa que origina o centro do sistema (em nosso caso, o Sol).

Fala-se também de muitos outros temas, como precessão dos equinócios, revoluções dos planetas e seus movimentos, etc. Sobre as questões da Gênese orgânica, falaremos mais no próximo capítulo.

Algumas das idéias adotadas por Kardec já foram ultrapassadas, como se pode ver ao se comparar as novas descobertas científicas (previamente expostas) com tais idéias. Entretanto, isto não invalida a obra, já que o próprio Kardec, com a precaução que lhe é peculiar, adverte que só está colocando estes temas como propostas, mas que sua aceitação definitiva dependerá de comprovação científica.[18]

Entretanto, já há, nas idéias de Kardec sobre o Universo, uma indicação de algumas das mais recentes descobertas, como a unificação das interações, o espaço-tempo como um continuum tetradimensional e a própria pluralidade de mundos habitados. As idéias de Kardec, no fundo, concordam com as teorias que resistiram aos testes das novas descobertas, e que apontam para um Universo dinâmico, em constante mutação, e, portanto, mais apto ao desenvolvimento da vida.

CAPÍTULO 2 - *A VIDA*

Definições

Qualquer consideração sobre a origem da vida, ou sobre como ela pode ter vindo a existir, deve passar por uma questão básica: o que é *vida?* Apesar de esta questão parecer absolutamente irrelevante, já que, em nível macro, é fácil distinguir que um cachorro tem vida, enquanto que uma pedra não tem, ela se enche de sentido quando pensamos no nível molecular da existência.

Consideremos os vírus. Estes consistem em partículas de diferentes tamanhos, que variam da menor das bactérias até o de algumas complexas moléculas de proteínas. São basicamente formados de ácidos nucléicos (DNA ou RNA) e seu formato é, via de regra, icosaédrico ou helicoidal. Considerados do ponto de vista cristalográfico, eles seriam inanimados, já que possuem todas as características dos cristais, principalmente no tocante à sua forma. Porém os vírus têm a interessante potencial idade de reproduzir-se, e de manter suas capacidades, digamos, vitais, inalteradas, mesmo quando separado em suas partes constituintes, recuperando estas capacidades assim que estas partes são postas juntas novamente.

Talvez a melhor definição de vida seja: "Vida é uma propriedade da matéria que confere a seus possuidores a capacidade de metabolismo e replicação". Metabolismo é a "capacidade de manter a integridade da célula através de um contínuo reembaralhamento de componentes químicos, convertendo material bruto de fora da em substâncias necessárias à sua existência"[19] Já replicação é a possibilidade de um organismo qualquer de fazer cópias de si mesmo. A replicação permite a cópia de informação hereditária, garantindo que as características de uma célula possam ser herdadas com precisão por sua descendência.

É possível usar um computador como metáfora deste processo: o metabolismo seria como um hardware, requerendo atividade constante - é assunto das proteínas. Já a replicação, devido às suas necessidades de estabilidade e legibilidade, é como um software - e assunto dos ácidos nucléicos. "Ácidos nucléicos, como disquetes, são facilmente lidos e copiados. Proteínas, como computadores, são feitas seguindo as instruções, e não por cópias."[20]

Existe uma química da vida - que é essencialmente, a química de um elemento chamado carbono, e, em particular, das cadeias de carbono muito longas. É exatamente por isso que a química do carbono é chamada de *química orgânica.*

Pode-se dividir os compostos orgânicos encontrados em organismos vivos em, principalmente, quatro grandes classes: carboidratos, gorduras, proteínas e ácidos nucléicos. As gorduras são as mais simples, consistindo cada uma de três ácidos graxos unidos a um glicerol. Os amidos e os glicogênios são constituídos ácidos graxos unidos a um glicerol. Os amidos e os glicogênios são constituídos de unidades de açúcar (carboidratos) pareados. A função dos carboidratos e gorduras no organismo é servir como combustível- fonte de energia.

Os ácidos nucléicos são estruturas muito grandes, complexas, compostas d\' agregados de pelo menos quatro tipos de unidades: os nucleotídeos. São os principais componentes dos genes, os

portadores da constituição hereditária.

Variedade e especificidade são as principais características das proteínas, que incluem as maiores em mais complexas moléculas conhecidas. Cerca de vinte e cinco tipos distintos de aminoácidos constituem sua estrutura, sendo, assim, possível a existência de um número virtualmente infinito de proteínas.

Existe uma propriedade importante da vida tal como a entendemos hoje - e que é base para um sério paradoxo na questão da origem da vida: os ácidos nucléicos são sintetizados nas células somente com a ajuda de replicadores (proteínas); ao mesmo tempo, as proteínas são sintetizadas somente se sua seqüência correta de nucleotídeos estiver presente. Num estágio da Terra antes do aparecimento da vida (chamado de estado ***pré-biótico***), no qual não havia nem ácidos nucléicos nem proteínas, como pode a vida surgir?

Pequeno histórico sobre o aparecimento da vida:

Uma das primeira teorias sobre este tema foi atribuída a Arrhenius[21], que, (domando uma idéia já exposta pelo filósofo grego Anaxágoras (sec. V a.C.) sugeriu que esporos poderiam ter sido trazidos do espaço para fertilizar a jovem Terra, através de poeira estelar, meteoritos ou vento (radiação) solar. Esta teoria, à qual deu-se o nome de ***panspermia,*** tem um inconveniente: a improbabilidade de quaisquer microorganismos terem sobrevivido a uma viagem a tais distâncias, principalmente graças à radiação. Mas, ainda que isto tivesse ocorrido, restaria uma questão: como se originaram os esporos?

Muito tempo passou-se antes que surgisse a teoria clássica sobre a origem da vida: em 1924, o bioquímico russo Alexander Ivanovich Opárin afirmava que não há nenhuma diferença fundamental entre um organismo vivo e matéria sem vida, e que a complexa combinação de manifestações e propriedades tão características da vida devem ter surgido no processo de evolução da matéria, Esta idéia é aceita ainda hoje, como se pode ver nas palavras de Steven Weinberg, prêmio Nobel de física: "A experiência dos últimos 150 anos mostrou que a vida está sujeita às mesmas leis da natureza que a matéria inanimada".[22]

Em 1928, independente de Opárin, o biólogo britânico J.B.S. Ha1dane publicou um artigo no "Rationalist Animal", no qual especulava sobre as condições que devem ter existido para emergir a vida terrestre. Ele considerou que a luz ultravioleta proveniente do Sol, aliada às descargas elétricas da jovem Terra, agiu sobre a primitiva atmosfera existente no planeta, composta principalmente por amônia (NH_3), metano (CH_4) e vapor d'água (H_2O), formando compostos de carbono, entre os quais, possivelmente, açúcares e alguns aminoácidos necessários para as proteínas. Haldane postulou que estes compostos acumularam-se nos oceanos primitivos, até que eles atingiram a consistência de um "tépido caldo primordial". E foi aí que a vida provavelmente começou.

Origem e desenvolvimento da vida:

O problema que aqui se coloca, em relação à origem da vida, é, na verdade, posterior à grande questão básica, de caráter quase que inteiramente filosófico: ou a vida foi criada por um ente superior (Deus), tese aceita por todas (ou quase todas) as religiões, e conhecida como *criacionismo,* ou evoluiu a partir de compostos não vivos, ocasionando a tese da *geração espontânea.* Não há outra alternativa.

Discorrer sobre a hipótese criacionista da vida é, de certa forma, redundante, já que nosso conhecido Gênese bíblico é um exemplo clássico dela: no primeiro dia, Deus criou o céu e a terra; no segundo, separou o firmamento e as águas; no terceiro, Ele fez a terra firme e as plantas; no quarto dia, Deus fez o Sol, a lua e as estrelas; no quinto, fez os pássaros e os peixes, e, no sexto dia, os animais terrestres e o homem. É interessante notar que como Deus ordenou à terra e às águas que produzissem os seres vivos, em vez de os criar diretamente, não há conflito teológico entre o Gênese e a criação espontânea. Entretanto, permanece o fato de o homem ter sido criado diretamente por Deus, e não evoluído de formas inferiores de vida.

Entretanto, assumindo somente a hipótese não criacionista, o problema que se apresenta é saber se é possível que a vida surja a partir de compostos mais simples não vivos. Admitindo tal possibilidade, resta um mundo de idéias que podem ser desenvolvidas, principalmente a que, admitindo a isotropia universal, propõe a presença de vida em outros planetas.

A resposta parece estar, apesar de tudo, na teoria da seleção natural. Com a repetição, geração após geração, esta teoria parece apontar para a evolução de organismos complexos a partir de outros mais simples, e implica que todas as formas de vida atuais evoluíram de um único e simples progenitor - um organismo a que se refere como o último ancestral comum da vida.

Na verdade, existem, atualmente, três grandes teorias que buscam explicar o problema da origem da vida:

A primeira, defendida já antes de 1930 por Opárin, baseia-se na existência dos coacervatos - uma mistura estável de um líquido oleoso em água, na qual aquele fica disperso dentro de gotículas que se mantêm suspensas na água. Para ele, a moldura física (as células) apareceram em primeiro lugar, a exemplo dos coacervatos. A seguir, pela organização das moléculas dispersas no interior das células em ciclos metabólicos auto-sustentados, criaram-se as proteínas. Finalmente, em último lugar, apareceram os genes. Deve-se notar que Opárin tinha um limitado conhecimento sobre a estrutura destes últimos; apesar disto, sua teoria permanece com alguma validade.

A segunda teoria, proposta pelo físico-químico alemão Manfred Eigen, prêmio Nobel de química, inverte a ordem dos acontecimentos. Propõe que, em primeiro lugar, apareceram os genes, a partir da auto-replicação do RNA. Em seguida, as proteínas, que plasmaram junto com o RNA as bases do moderno sistema genético. Finalmente, a célula apareceu para dar coesão a este sistema previamente formado. Esta é a teoria mais em voga ultimamente, principalmente depois das experiências com replicação do RNA sem a presença de proteínas, feitas por Eigen e Leslie Orgel (Ph.D. em química e pesquisador da NASA para assuntos sobre a vida).

Finalmente, a última teoria, proposta por Cairns-Smith, baseia-se na idéia de que, antes de os ácidos nucléicos serem criados, o material genético original consistia de cristais microscópicos de minerais, com uma distribuição irregular de metais (encontrados, naturalmente, no barro comum). Os átomos de metal eram os mensageiros, transportando as informações do mesmo modo que, posteriormente, o RNA. Esta teoria apresenta o barro em primeiro, as proteínas em segundo, as células em terceiro e os genes em quarto lugar.

Todas estas teorias baseiam-se nos experimentos que foram levados a cabo por alguns cientistas experimentais, a partir de meados do século XX, tentando comprovar a possibilidade de a vida ter surgido de elementos não vivos. O primeiro destes experimentos, a talvez o mais significativo, foi o de Harold Urey e seu aluno Stanley Miller, em 1953.

Nesta experiência, Miller propôs um ambiente supostamente similar ao da Terra no seu início, isto é, um "oceano" de água tépida produzindo vapor, e uma atmosfera redutora, composta de compostos como amônia e metano, submetida a intensas descargas energéticas, sob a forma de raios e radiação ultravioleta. A experiência foi realizada num aparelho onde tais condições eram reproduzidas. Como resultados, em uma semana foram produzidos 3% de aminoácidos, componentes básicos das proteínas.

Um interessante adendo à experiência foi um meteorito encontrado, anos depois, em Murchinson, Austrália, e que demonstrou conter os mesmos aminoácidos produzidos por MilIer, nas mesmas quantidades, aproximadamente. Isto pode indicar que condições pré-bióticas, isto é, antes da existência de vida, podem estar sendo produzidas em outros lugares do espaço.

Outras experiências semelhantes produziram resultados muito compatíveis: assim, Manfred Eigen conseguiu produzir RNA usando apenas proteínas, sem nenhuma molécula de RNA para servir como modelo aos replicadores. Da mesma forma, Leslie Orgel produziu o mesmo RNA usando apenas um modelo de RNA, na ausência das proteínas replicadoras.

Todas estas experiências apontam para o fato de que é possível que condições iniciais pré-bióticas tenham levado à produção dos elementos necessários à vida, desde que em presença de uma quantidade suficiente de energia, o que resulta, simplificadamente, na seguinte equação:

Composto simples + Energia > Precursores da Vida

Entretanto, as teorias não param por aí: a partir da década de 1960, um importante geneticista japonês, o Dr. Motu Kimura, conferiu uma base matemática para o tratamento estatístico da evolução molecular, que derivou na chamada ***teoria neutra da evolução***. A proposta desta teoria, bastante coerente com os postulados da física moderna, é que, durante o desenvolvimento da vida, a ***deriva genética,*** isto é, flutuações estatísticas aleatórias têm sido mais importante que a seleção natural como causa da evolução das espécies.

O que se pode concluir é que a busca da ciência por uma teoria da vida que prescindisse de intervenção sobrenatural, se não é um sucesso absoluto, tem, ao menos, grande probabilidade de estar no caminho da verdade. Apesar disto, pouco se sabe sobre a origem e o desenvolvimento da vida.

A posição espírita:

Kardec era defensor da teoria da geração espontânea. Tanto na Gênese (cap. X - Gênese orgânica) quanto na Revista Espírita (A geração espontânea e a gênese - junho de 1868) ele reafirma essa posição, fazendo a ressalva que ele a admite pessoalmente, mas não a coloca como princípio da doutrina espírita devido a ela não estar ainda plenamente desenvolvida e aceita pela ciência em geral.

Efetivamente, Kardec aceita a idéia da geração espontânea em sua forma comum no século XIX, a de que seres vivos complexos poderiam surgir da matéria inanimada, notadamente aquela em decomposição, como mostra o seguinte texto: "É hoje reconhecido que os pelos do mofo constituem uma vegetação que nasce sobre a matéria orgânica chegada a um certo estado de fermentação. O mofo nos parece ser o primeiro, ou um dos primeiros tipos de vegetação espontânea."[23] E ainda: "A matéria orgânica animalizada, isto é, contendo uma certa porção de azoto, dá origem a vermes que têm todos os caracteres de uma geração espontânea."[24]

As idéias de Kardec estavam em consonância com o espírito de sua época, pois, apesar de os experimentos de Pasteur que demonstraram o erro destas idéias terem sido publicados já em 1861 (com o título de ***Memória sobre corpúsculos organizados que existem na atmosfera***), ainda haviam sérias oposições às suas conclusões, por parte de cientistas de renome, como é o caso de Henry Bastian, professor de anatomia patológica no University CoIlege, de Londres. A geração espontânea só iria cair definitivamente a partir das experiências de John Tyndall, em 1880.

Para a explicação da existência de vida em alguns corpos, enquanto que outros apresentam-se inanimados, Kardec lança mão do conceito de *princípio vital.* Para ele, tal princípio, ativo nos seres vivos e extinto nos mortos, confere à substância orgânica as propriedades características que a distinguem das substâncias inorgânicas. É uma modificação da matéria básica que forma o Universo, e modifica a constituição molecular dos corpos, dando-lhes as propriedades especiais orgânicas.

Um ponto importante desta teoria de Kardec sobre a vida é que esta é estritamente material, não interferindo o espírito, entendido como o princípio inteligente do Universo, em nada para sua manutenção. Esta idéia, que vem de encontro às recentes descobertas da biologia, é bastante deturpada no meio espírita brasileiro, que ensina que o espírito é que vivifica a matéria.

A idéia de um fluido vital não é original de Kardec. O vitalismo é uma doutrina que pode ser encontrada em muitos povos antigos, da China aos europeus, passando pela Grécia e por Roma. Definido como "a doutrina segundo a qual os seres vivos são dotados de uma força particular em si mesmos, a força vital, irredutível à físico-química, e que dá origem aos fenômenos vitais", o vitalismo era uma idéia corrente na Europa do século XIX, uma escola que buscava contrapor-se ao mecanicismo e ao reducionismo que, já então, eram dominantes nas academias de ciência.

O vitalismo, enquanto escola filosófica com a pretensão de explicar os fenômenos da vida, foi seriamente abalado pela sintetização da uréia em laboratório, por Friedrich W6hler, em Leipzig, 1828. Atualmente, apesar de ainda existir uma corrente neovitalista que mantém essa idéia acesa, é abafada pelas teorias e experimentações que discutimos acima.

A questão, para o espiritismo, resume-se em discutir a necessidade de lançar mão da tese do princípio vital, tal como definido por Kardec, para explicar a origem da vida. Em função de todas as descobertas feitas pelos biólogos, pode-se sugerir que, no estágio atual do conhecimento, tal tese não é absolutamente necessária, e que a própria idéia de Kardec que a vida pertence ao âmbito da matéria, e não do espírito, é perfeitamente avalizada por estas descobertas.

CAPÍTULO 3 *- PLURALIDADE DE MUNDOS HABITADOS: AS EVIDÊNCIAS*

A vida no espaço:

Considerando que a vida, muito provavelmente, é uma conseqüência de um arranjo peculiar de átomos de carbono, hidrogênio e nitrogênio, e que estes elementos encontram-se distribuídos no espaço exterior, pode-se questionar sobre a existência de vida, ou ao menos de predecessores de vida, no espaço.

Na realidade, desde a metade deste século era sabido, através de análise espectral, que nas nuvens interestelares existiam alguns compostos simples, como CN e OH. Entretanto, foi somente em 1968 que uma equipe da Universidade de Berkeley, rastreando moléculas poliatômicas no espaço interestelar, concluiu pela existência de uma grande variedade delas[26], em particular, o ácido fórmico (HCOOH) e a metanimina (H_2CHN), cuja reação produz o mais simples dos aminoácidos, a glicina

(NH_2CH_2COOH). Há, então, excelentes razões para crer que a complexidade molecular baseada em carbono é uma característica presente em todo o Universo, e não só na Terra.

Até a década de 1960, a principal teoria acerca da natureza dos grãos interestelares considerava-os como sendo gelo de água, amônia e metano. Mas, em meados desta década, observações espectroscópicas mostraram uma forte absorção na faixa dos 2 200 A, que não coadunava com nenhum daqueles elementos. Em paralelo, estudos sobre as radiações infravermelhas destas nuvens indicam temperaturas acima do ponto de ebulição da água.

Necessitava-se de uma nova teoria, e ela foi estabelecida pelos astrônomos Fred Hoyle e Chandra Wickramasinghe. Segundo eles, o elemento que melhor absorve naquela faixa de comprimentos de onda é o carbono. Esta idéia foi consideravelmente confirmada pela análise do espectro de uma substância que coincide significativamente com as observações experimentais: a celulose, por coincidência (ou não) um constituinte básico das estruturas vegetais.

A construção de grandes moléculas de polissacarídeos, como a celulose, no espaço não é tão absurda. Quimicamente, carbono e oxigênio podem, a temperaturas compatíveis com aquelas do espaço exterior, unir-se formando anéis pirânicos, compostos que crescem como cristais, "simulando", por assim dizer, o comportamento das células vivas.

Outra descoberta interessante neste campo situa-se na faixa dos 4 430 A, e poderia dar uma idéia de como o nitrogênio estaria presente. A absorção nesta faixa combina com a de uma grande molécula ($MgC_{46}H_{30}N_6$), da família das profirinas, componentes básicos da clorofila, substância necessária à fotossíntese, e, portanto, à existência de vida na Terra.

Todas estas observações, aliadas à descoberta, a partir da década de 1950, de aminoácidos em amostras de meteoritos, sugerem que o "caldo primordial" poderia estar no interior de um cometa, onde polissacarídeos, porfirinas e outros componentes orgânicos poderiam ter-se composto em formas vivas autocopiadoras.

Estas considerações são usadas pelos astrônomos e alguns biólogos para suportar a tese que a vida na Terra foi semeada por moléculas vindas do espaço - o que seria uma adaptação e uma evolução da teoria da Panspermia. Entretanto, podem também apontar para a hipótese de a vida ter-se desenvolvido em outros locais do espaço, além da Terra.

Evidências de vida fora da Terra:

A idéia da existência de vida em outros planetas possivelmente já existia nos antigos gregos, aparecendo em algumas das odes de Píndaro. Apesar disso, a idéia só pode desenvolver-se quando o homem passou a encarar tais planetas como sendo mundos semelhantes ao nosso. Foi assim que essa idéia, proposta inicialmente por Nicolau de Cusa, foi aceita por Kepler e outros cientistas de renome, desde essa época até nossos dias, crescendo continuamente em força e argumentação.

Entretanto, muitos contestaram esses argumentos. Em 1851, William Whewell, em seu livro *Pluralidade dos Mundos,* considerava a necessidade de um conjunto de condições básicas para o desenvolvimento da vida: luz, temperatura, pressão, umidade, etc. Tais condições formavam a chamada *zona de habitabilidade,* da qual planetas muito próximos do Sol (como Mercúrio e Vênus), ou muito distantes (Saturno, Urano, Netuno e Plutão) estariam fora.

Apesar da força desses argumentos contrários, a partir da metade do século XX a comunidade científica tem cada vez mais aceito a tese da vida em outros planetas. Uma série de razões contribuíram para que isso acontecesse:

- Em 1958, Harlow Shapley e Stanley Miller, através de cálculos estatísticos, l'sl imaram uma provável população para o Universo. Mesmo utilizando-se de cálculos conservadores, eles concluíram pela possibilidade de 100 milhões de planetas capazes de abrigar vida, dos quais 100 000 teriam civilizações tecnologicamente mais desenvolvidas que a nossa, considerando como Universo apenas o número de estrelas visíveis pelo telesc{wio. Atualmente, cosmólogos menos cautelosos admitem aproximadamente 10 possibilidades de vida no Universo.
- Em 1961, Frank Drake propôs uma fórmula que forneceria o número de possíveis civilizações em nossa galáxia; esta fórmula foi posteriormente reformulada, e sua forma atual é:

Nv=Mn.Pp.Pi.Pa.Pz.Pe.Pb.Pr.Pd.Pt.

Onde:

Nm = N° de estrelas de massa compreendida entre 0.72 e 1.43 vezes a massa do Sol.

Pp = Probabilidade que a estrela possua um planeta orbitando em sua proximidade.

Pi = Probabilidade que a inclinação da órbita do planeta em relação a seu equador seja correta para a distância orbital.

Pa = Probabilidade que o planeta possua uma massa tal que lhe seja possível possuir uma atmosfera - 0.4 a 2.35 vezes a massa da Terra.

pz = Probabilidade que ao menos um dos planetas do sistema esteja dentro da zona de habitabilidade.

Pe = Probabilidade que a excentricidade da órbita do planeta seja suficientemente baixa, isto é, inferior a 0.2.

Pb = Probabilidade que a presença de uma segunda estrela companheira não torne o planeta inabitável.

Pr = Probabilidade que a rotação do planeta não seja muito rápida nem muito lenta - dia de 3 a 96 horas.

Pd = Probabilidade que o planeta esteja numa idade que tenha permitido o desenvolvimento de vida.

Pt = Probabilidade que a vida tenha desenvolvido-se.

A conclusão estatística é que, apenas em nossa galáxia, haja 600 milhões de planetas habitáveis.

- O lançamento do satélite soviético Sputnik, em 04 / 10/ 1957, que inaugurou oficialmente a era espacial, e a descida do homem na Lua, em 1969, convenceram os homens da possibilidade das viagens interplanetárias.

- O desenvolvimento das teorias sobre a origem da vida, e a descoberta dos precursores de vida nos meteoritos e nas nuvens interestelares.

- O satélite IRAS ("Satélite Astronômico Infravermelho"), colocado em órbita a 900 km de altura em 1983, descobriu um sistema planetário em formação em tomo da estrela Vega, distante 26 anos-luz da Terra, além da descoberta de outros sistemas planetários, como o da estrela de Barnard, descoberto em 1967.

- A experimentação sobre existência de vida em Marte, realizada pela sonda Vicking, que demonstrou, senão a existência de vida propriamente dita, ao menos forte possibilidade de ela ter existido num passado não tão remoto. Suposição esta que foi aumentada pela descoberta de um microorganismo em um meteorito proveniente de Marte, em 1996.

A descoberta, em 1986, realizada pela sonda Giotto, que o núcleo do cometa de Halley deve ser formado por, pelo menos, 25 % de matéria orgânica.

Evidências como estas fazem com que, atualmente, quase não existam astrônomos imparciais que não acreditem em vida em outros planetas.

Evidências na Terra:

Um quase corolário da idéia da existência de vida em outros planetas é a possibilidade de outras civilizações, tecnologicamente mais avançadas, terem visitado a Terra. Se assim foi, devem existir ainda hoje fatos que sugiram estas visitas. Este tema é abordado por Erich von Daniken, em seu livro *Eram os deuses astronautas?*

A tese principal da obra de von Daniken, que os deuses dos povos antigos foram, na verdade, astronautas de civilizações mais avançadas, baseia-se em dois pontos principais: a vida fora da Terra e a crença em deuses com características muito semelhantes.

Para apoiar sua tese, o autor lança mão de algumas evidências arqueológicas, mais ou menos recentes, porém encaradas sob uma ótica sensivelmente diferente. Dentre estas evidências, pode-se citar:

- Textos da Índia de mais de 3 000 anos de idade, que falam numa espantosa arma, cuja descrição evoca, para nós, a bomba atômica.

- Cientistas russos descobriram, também na Índia, um esqueleto com 4 000 anos de idade que portava radioatividade superior em 50 vezes a do ambiente, com forte indicação que o indivíduo havia consumido alimentos contaminados com radioatividade.

- No início do século XVIII, foram encontrados alguns mapas muito antigos, pertencentes ao almirante Piri Reis, da marinha turca. Tais mapas eram bastante precisos, mas não estavam desenhados de modo correto. Um estudo mais profundo demonstrou que estão registrados nos mapas cadeias de montanhas da Antártida, descobertas somente em 1952. Além disso, as distorções nos desenhos dos

mapas são perfeitamente explicáveis se eles tivessem sido feitos a partir de fotos tiradas por uma espaçonave sobre a cidade do Cairo.

- No Iraque e no Egito foram encontradas lentes de cristal, lapidadas, que hoje só podem ser manufaturadas mediante a aplicação de óxido de césio, produto só obtido por processos eletroquímicos.

Esses argumentos são realmente muito fortes. Ainda assim, algumas das evidências de Daniken já foram contestadas, como é o caso das pirâmides do Egito, que um grupo de cientistas japoneses demonstrou ser possível de construir usando apenas a tecnologia da época, em não mais de 20 anos.

Apesar disto, o raciocínio de von Daniken é muito lógico, e, se não quisermos ser preconceituosos, devemos aceitá-lo, ao menos, como uma teoria plausível.

Evidências da ufologia:

A protociência que se costuma chamar de ufologia tem se destacado para o público leigo da mesma forma que o espiritismo, isto é, em seu aspecto mais sensacionalista. Como o espiritismo, a ufologia tem estado sujeita a ações de uma infinidade de charlatães de todos os tipos, que, a pretexto de apresentar novidades, denigrem sua imagem como uma possível ciência, ainda que alternativa. Finalmente, da mesma forma que o espiritismo, a ufologia tem sido severamente rechaçada pela ciência formal, ainda que com ridículas alegações. Entretanto, a ufologia tem sofrido também sério ataque dos governos, o que tem dado origem a uma enorme gama de especulações, algumas completamente absurdas, outras com fundamento.

O nome *ufologia* deriva da sigla inglesa UFa (Unindentified Flying Objects), que significa Objetos Voadores Não Identificados - OVNI em português. A sigla não é capaz de transcrever toda a profundidade do tema tratado, uma vez que, ao pé da letra, qualquer objeto que voe e que seja, de alguma sorte, desconhecido, é um OVNI. A grande discussão é que, normalmente, estes OVNI estão associados a visitantes de outros planetas.

A aparição de estranhos objetos voadores não é recente. Vários relatos da antigüidade apontam para a possibilidade de antigas lendas serem, de fato, visitas de seres de outros planetas. Por exemplo, uma história chinesa refere-se a um povo que habitava um distante "terra de carretas voadoras", e que conduzia carros alados com rodas douradas. O ***Drona Parva,*** um texto sânscrito, descreve combates aéreos entre deuses, a bordo de máquinas voadoras chamadas ***vimanas***. O profeta Elias, no Velho Testamento, subiu aos céus numa *carruagem de fogo.*

O caso antigo mais interessante talvez seja o do profeta Ezequiel, narrado também no Velho Testamento. Ele descreve uma visão de um globo de fogo, que tinha ao seu redor uma espécie de metal brilhante. No meio do fogo, apareciam o que ele julgou ter "a semelhança de quatro animais", parecidos com homens, e cada um deles possuía quatro faces e quatro asas. Em 1968, o engenheiro da NASA Josef Blurnrich, procurando contestar a idéia que a roda de Ezequiel era uma nave espacial, acabou desenhando uma nave viável a partir desta descrição. Tão convencido ficou que disse, posteriormente: "Raras vezes uma derrota absoluta foi tão compensadora, tão fascinante e tão prazerosa!".

A moderna ufologia começou em 14 de junho de 1947, nos EUA. Kenneth Arnold, presidente de uma firma de extintores de incêndio, pilotava seu próprio monomotor quando avistou uma série de estranhos objetos voadores que se dirigiam ao sul. Os objetos, de formato discóide, voavam numa formação que cobria 8 quilometros, a uma velocidade de aproximadamente 2 600 km/h. Chamou aqueles objetos *deflying soucers* (pires, ou discos, voadores), inaugurando a era ufológica.

O acontecimento mais marcante dessa época, e também o primeiro em que houve desmentidos oficiais à hipótese UFO, foi o ocorrido com o capitão-aviador Thomas Mantell, em 7 de janeiro de 1948. Mantell era um piloto altamente qualificado, veterano da Segunda Guerra Mundial, condecorado por bravura.

Devido ao aparecimento um objeto prateado, em forma de disco, sobre a base aérea de Fort Knox, no Kentucky, Mantell decolou num caça F-5l, em missão de reconhecimento, disposto a interceptar o disco. Depois de várias comunicações pelo rádio, descrevendo-o (um objeto de aproximadamente 80 metros de diâmetro, girando em tomo de um eixo central com incrível velocidade e deslocando-se mais rápido que o caça), a base perdeu contato com o piloto. Seu avião foi encontrado algumas horas depois, completamente destruído.

A versão oficial para o acidente foi estarrecedora: "Mantell teria perseguido o planeta Vênus e pereceu quando dele se aproximou em demasia". Esta teoria foi desqualificada pelos astrônomos,

dizendo que, à luz do dia, naquele dia em especial (o céu esta encoberto, com muitas nuvens), o planeta Vênus era invisível. A seguir, disseram que Mantell havia perseguido um balão meteoro lógico, tese que foi desmentida pela Central de Inteligência Técnica Aérea.

Desde então, os governos de maneira geral, principalmente os dos EUA, tem sistematicamente desmentido qualquer interpretação que leve à idéia de OVNI, algumas vezes com alternativas completamente ridículas, como no caso Mantell. Talvez seja esta insistência em negar o fenômeno, tão grosseiramente, que tenha feito que a ufologia tenha-se difundido a tal ponto.

Muito do que aparece em ufologia tem a marca da fraude, causada por pessoas que mais querem aparecer. Algumas fraudes fotográficas foram descobertas em análises por computadores, o que, se por um lado contribuiu para livrar a ufologia destes charlatães, por outro leva algumas pessoas mais preconceituosas a julgar que qualquer relato, foto ou avistamento deva ser, necessariamente, fraude. Tal como acontece com o espiritismo. Entretanto, numa amostragem feita por pesquisadores sérios, não ligados à área ufológica, concluiu-se que, no mínimo, 23 % dos casos não poderiam ser explicados por teorias convencionais (fraude, alucinação, confusão com balões meteorológicos ou aeronaves, ilusão de ótica causada por fenômenos naturais, como a aurora boreal, etc.).

O que se conclui é que, quando se destitui a ufologia de toda a pasmaceira infundada, restam alguns fatos que, apesar de severamente pesquisados por meios químicos, eletrônicos, informatizados, hipnóticos, etc., resistem bem a todos eles. Tais fatos apontam inegavelmente para uma possibilidade de que existam realmente civilizações mais avançadas em outras partes do Universo que, tendo dominado tecnologias para nós ainda inimagináveis, conseguem transpor distâncias galácticas e visitar-nos. Se este for o caso, a evidência ufológica pode vir ao encontro da tese espírita.

A posição espírita:

Kardec deixa bastante claro, em vários dos textos que escreveu, sua posição cm prol de um Universo infinitamente povoado por espíritos, das mais diversas ordens, nos mais diversos globos. Já no primeiro Livro dos Espíritos, editado em 1857, se dizia dos mundos habitados, e de que o homem erra ao julgar-se o primeiro em inteligência, bondade e perfeição.

Kardec faz da pluralidade de mundos habitados um dos princípios básicos da doutrina espírita, conforme nos mostra n' O Livro dos Espíritos: "Os espíritos encarnados habitam os diferentes globos do Universo."[27] Entretanto, deixa claro que todos os globos, sem exceção (aí incluídos os satélites, como a Lua), abrigam seres corpóreos, ainda que de constituição adequada ao estado de cada um deles. E refuta as objeções que a ciência já fazia em sua época (por exemplo, no que tange à ausência de ar ou água na Lua) com a argumentação: não é porque não percebemos água ou atmosfera que elas não existem.[28]

Ora, é certo que a ciência atual já demonstrou que nem todos os corpos celestes são habitados; nem mesmo todos os planetas o são, e, no caso específico do nosso sistema solar, parece que a Terra é o único a ter este privilégio. Entretanto, a idéia espírita da plural idade de mundos habitados vem de encontro àquilo que a astronomia e a física afirmam atualmente, de modo que as eventuais discrepâncias que a teoria espírita, tal como proposta por Kardec, e a ciência atual tenham não invalida a obra do fundador do espiritismo.

CONCLUSÃO

A idéia espírita sobre o surgimento, desenvolvimento e existência da vida no Universo não foram calcadas em observações experimentais. A tecnologia disponível à época do surgimento da doutrina espírita não permitia tais observações. Esta idéia é um desenvolvimento lógico da filosofia espírita, isto é, do modo como o espiritismo vê o Universo, aliado a comunicações de origem mediúnica.

Entretanto, sua posição a respeito não o coloca na contramão do pensamento científico atual, principalmente no tópico referente à pluralidade de mundos habitados. Ao contrário, as posições dos cientistas hoje concordam admiravelmente, ao menos nas linhas gerais, mais amplas, com as posições lJuc o espiritismo vem defendendo há 140 anos.

Uma concordância importante entre a doutrina espírita e as modernas teorias científicas, concernente ao tema em pauta, é que a vida é uma conseqüência direta da matéria, e que o elemento espiritual só participa deste processo para efetivar a intelectualização desta última. Assim, ao contrário do que dizem alguns sistemas filosóficos do passado, e muitas das religiões do presente, a alma não tem relação com a animalização da matéria.

Desta forma, o espiritismo permanece à vontade para manter sua concepção dualista do Universo:

de um lado, o espírito, princípio inteligente e responsável por todas as manifestações desta ordem; de outro, a matéria, elemento intelectualmente inerte, mas possuidor de todas as condições para sua manutenção independente, condições estas que lhe é dada pelas leis físicas, parte integrante da lei divina ou natural.

Todavia, não custa relembrar que este dualismo não é opositivo. Ao contrário das religiões, o espiritismo não prega a inferioridade da matéria em relação ao espírito, nem faz juízo de valor, dizendo que a matéria é um peso morto, um sofrimento de que o espírito deve lutar para se livrar. Matéria e espírito complementam-se, e, se aquela não seria mais que uma massa inerte sem este, o espírito não prescinde do contato material para seu crescimento e evolução.

Ainda assim, não se pode afirmar que o espiritismo tenha antecipado as conclusões que a ciência hoje admite sobre a vida e a pluralidade de mundos habitados. As diversas diferenças entre a teoria espírita e as observações experimentais fazem com que possamos dizer, sem medo de errar, que, se a idéia filosófica estava correta, as considerações científicas afastavam-se da realidade. Porém, como o próprio Kardec afirmou, estes temas devem ser estudados pelas ciências materiais. A ciência espírita deve, apenas, servir de baliza, fornecendo bases teóricas.

Em particular, uma destas teorias espíritas merece uma maior atenção: é o caso do princípio vital. Empregado por Kardec como artifício para explicar por quê alguns seres são vivos, enquanto outros não são, suas bases não encontram, na ciência atual, nenhum indício. Na verdade, as observações experimentais apontam para a noção que a vida é um desenvolvimento natural da evolução da matéria. Parece uma tese mais apropriada, posto que mais fácil de entender, com a vantagem de não estar em desacordo com os princípios da doutrina espírita.

Este é um campo onde os biólogos e astrônomos de formação espírita têm bastante a contribuir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

. ANDRADE, Hernani G. *Morte, renascimento, evolução; uma biologia transcendental.* 2ª ed. São Paulo: Pensamento, 1983. 171 p.

. ANDRADE, Hernani G. *Psi Quântico; uma extensão dos conceitos quânticos e atômicos à idéia do espírito.* 1. ed. São Paulo: Pensamento, 1986. 287 p.

. ANGEL, J. Roger P., WOOLF, Neville J. Searching forlife in other planets. *Scientific American,* [s.l.], p. 60-66, Apr. 1996.

. ASIMOV, Isaac. *Asimov explica.* 2ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.113 p.

· BERLITZ, Charles, MOORE, William L. Incidente em Roswelt. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. 193 p.

· BUTTLAR, Johannes von. *O fenômeno UFO.* São Paulo: Círculo do Livro, [1978]. 199 p.

· CHIORO DOS REIS, Ademar Arthur. *Magnetismo, vitalismo e o pensamento de Kardec.* l.ed. São Paulo: CPDoc, 1996. 87 p.

. Críticos "ameaçam" vida em Marte. *Folha de* S. *Paulo,* São Paulo, 1^0 sel. 1996. Caderno Mais!, p. 5.13.

· DÁNlKEN, Erich von. *Eram os deuses astronautas?* 32. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1982. 179 p.

· DAWKINS, Richard. God's utility function. *Scientific American,* [s.l.], p. XO-85, Nov. 1995.

. DYSON, Freeman. *Infinito em todas as dimensões; do gene à conlluis/a do universo.* São Paulo: Best Seller, [1988]. 323 p.

· FLAMMARION, Cammile. *La pluralidad de mundos habitados.* Buenos Aires, Constancia. 392 p.

. GAUCH-KELLER, W & Th. *Appelto agli abitanti delta Terra.* 1ª ed. Ostermundigen, 1992. 57 p.

. GRIBBIN, John. *Gênese: as origens do homem e do universo.* Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.345 p.

. GUROVITZ, Hélio. O renascimento da teoria de Gaia. *Folha de S.Paulo,* São Paulo, 31 dez. 1995. Caderno Ciência, p. 5.12.

. HAWKING, Stephen W. *Uma breve hist6ria do tempo.* São Paulo: Círculo do Livro, [1988].181 p.

· KARDEC, Allan. *A Gênese; os milagres e as predições segundo o espiritismo.* 28. ed. Brasília: FEB, 1985. 423 p.

· KARDEC, Allan. O Livro dos Espíritos. 32. ed. Rio de Janeiro: FEB, (1944). 494 p.

· Life in the Universe. *Scientific American,* [s.l.], Oct. 1994. Special issue.

MASIL, Curtis. *O enigma dos discos voadores.* Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1990. 149 p.

· MOURÃO, Ronaldo R. de Freitas. *Da Terra às galáxias; uma introdução à astrofísica.* 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1984. 359 p.

. MOURÃO, Ronaldo R. de Freitas. *Em busca de outros mundos.* São Paulo: Círculo do Livro, [1981]. 280p.

· MOURÃO, Ronaldo R. de Freitas. Telescópio do terceiro milênio vai mostrar matéria invisível. *Folha de S.Paulo,* 21 jul. 1996. Caderno Mais!, p. 5.11.

. MOURÃO, Ronaldo R. de Freitas. Em busca de vida inteligente. *Folha de S.Paulo,* São Paulo, 25 fev. 1996. Caderno Ciência, p. 5.14.

· NASH, J.Madeleine. How did life begin. *Time,* New York, p. 38-44, Oct. 1993.

.OPÁRIN, A. *A origem da vida,* 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. Vitória, 1956. 104 p. · Quando o Universo começou. *Folha de S.Paulo,* São Paulo, 24 novo 1996. Caderno Mais!, p. 5.14.

· RONAN, Colin A. *História ilustrada da ciência.* 1. ed. São Paulo: Jorge Zahar, 1987.4°vol.138 p.

· SAGAN, Carl. *Pálido ponto azul: uma visão do futuro da humanidade no espaço.* 1. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.491 p .

. SILK, Joseph. O *Big Bang; a origem do universo.* 2ª ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1988.379 p.

· TRENCH, B. Le Poer. *A história dos discos voadores.* São Paulo: Global, 1974. 200 p.

· Vida fora da Terra tem respaldo na Bíblia. O *Estado de São Paulo,* São Paulo, 18 ago. 1996. Especial domingo, p.D 18.

· W ATCHTOWER BIBLE. *Veio o homem a existir por evolução ou por* New York. 1968. 191

NOTAS

[1] *The logic of scientific discovery,* New York: Harper & Row, 1985, p. 278, citado por ALVES, Rubem, *Filosofia da Ciência.*

[2] *A Gênese,* 28ª ed. Brasília: FEB, 1985, p. 45.

[3] Hipparcos (sigla de High Precision Parallax Collecting Satellite - Satélite de Coleta de Paralaxe de Alta Precisão) é um telescópio orbital astrométrico (isto é, que serve para determinar a posição e o movimento de astros) em órbita geoestacionária a 36 000 km acima do equador terrestre.

[4] Ronaldo R. F. MOURÃO, *Da Terra às galáxias,* p. 293.

[5] Pinharanda GOMES, *Filosofia grega pré-socrática,* p. 30.

[6] O postular a Terra como uma esfera "lisa e igual, e eqüidistante do centro em todos os lugares, um corpo completo e perfeito" tinha por detrás a idéia de que o círculo e a esfera seriam as formas mais perfeitas do Universo. É um sinal da influência do pensamento pitagórico sobre os filósofos clássicos.

[7] Um Universo isotrópico é aquele que parece o mesmo em diferentes direções, quando visto a partir da Terra.

[8] Graus Kelvin (símbolo K) é uma unidade de medida de temperatura. Zero K equivale a - 273^0 C e é chamada de zero absoluto. É a temperatura em que todo o movimento cessa, mesmo no nível subatômico.

[9] Como, em escala micro, o Universo é regido pelas equações da mecânica quântica, segue-se que uma teoria que buscasse explicá-lo precisaria promover a união dessas duas, resultando naquilo que se convencionou chamar de *Teoria grã-unificada,* ou *Teoria do campo unificado.* Este é um grande sonho, que os físicos teóricos vêm perseguindo há décadas.

[10] Existem outros modelos de cosmogonias que prevêem não só Universos eternos, mas também Universos em que a matéria está sendo continuamente criada. Neste último caso, a geometria poderia até mesmo ser euclidiana (e o tempo ser infinito), e ainda assim estaria explicada a expansão do Universo. O maior problema desta teoria é que, se não for admitido um criador (por exemplo, Deus) para esta matéria, deve-se admitir que ela veio do nada.

[11] *Da Terra às galáxias; uma introdução à astrofísica,* p. 33.

[12] *Revista Espírita,* fevereiro de 1858.

[13] *Idem, ibidem.*

[14] *Idem, ibidem.*

[15] *Idem, Ibidem.*

[16] *Revista Espírita,* agosto de 1862.

[17] *Idem, ibidem.*

[18] Na edição da Gênese da LAKE (com notas de Herculano Pires), este já faz esta advertência, especificamente na questão sobre a Teoria da Lua (por quê a Lua apresenta sempre a mesma face voltada para a Terra?) - p. 117.

[19] Freeman DYSON, *Infinito em todas as direções,* p. 70.

[20] *Idem, ibidem,* p. 71.

[21] Svante Arrhenius (1859 -1927), físico químico sueco, prêmio Nobel de química de 1903, criador da teoria da dissociação eletrolítica. Trabalhou também nas áreas de fisiologia (imunoquímica), e física cósmica.

[22] *Scientific American,* outubro de 1994, p. 47.

[23] *Opus citatus,* ano 1868, p. 205.

[24] *Idem, ibidem,* p. 205.

[25] Ademar A. CHIORO DOS REIS, *Magnetismo, Vitalismo e o pensamento de Kardec,* p. 63.

[26] Um artigo da revista *Nature* de 1980 relacionou 90 moléculas interestelares até então identificadas.

[27] Opus citatus, p.25.

[28] Revista Espírita, março de 1858, p. 65.

OS PRODUTOS DAS MANIFESTAÇÕES MEDIÚNICAS COMO INSTRUMENTO DE PROVA EM PROCESSOS JUDICIAIS

Jailson Lima de Mendonça e Denis Domingues Hermida

A - ÍNDICE

1. Introdução 2
2. O que é justiça? Definições de justiça terrena e de justiça divina 2
3. Forma e alcance da Justiça no mundo terreno 5
4. Breve relato a respeito da tutela jurisdicional 6
4.1. Fases do processo 7
4.2. A fase probatória. A definição de prova. Elementos de prova 8
4.2.1. Depoimentos pessoais das partes 9
4.2.2. Depoimentos das testemunhas 9
4.2.3. Documentos 10
4.2.4. As perícias judiciais 10
4.2.5. Inspeções judiciais 11
4.3. A idoneidade como requisito de validade da prova 11
5. O papel da comunicação dos Espíritos e os princípios da doutrina espírita 12
5.1. A justiça e o princípio da evolução 12
5.2. Manifestações espirituais e a produção de provas em processos judiciais 12
5.2.1. A pneumatografia e a psicografia como provas documentais 13
5.2.2. A pneumatofonia e a psicofonia como provas documentais 13
5.2.3. O controle da idoneidade 14
5.2.4. Da valoração da prova 14
6. É papel da mediunidade produzir provas para o alcance da justiça? 15
7. A influência espiritual na atuação do Advogado, do Promotor e do Juiz 15
8. Conclusão 16
9. Bibliografia 16

1) Introdução

Cabe ao Poder Judiciário, em última palavra, compor os litígios existentes entre os indivíduos componentes da sociedade, analisando os fatos e aplicando a melhor forma de direito ao caso apresentado, com o objetivo de se alcançar à justiça.

A tutela jurisdicional cabe aos Juizes (individual ou coletivamente) que tomando conhecimento do fato nos autos do processo, procedem a denominada "subsunção legal" aplicando a norma jurídica ao caso concreto.

Certo também que o conhecimento dos fatos pelo Juízo se faz através das provas produzidas durante o processo, sejam elas provas pré-constituídas (documentos), como constituídas no próprio processo (depoimento das partes, oitiva de testemunhas, perícias, inspeções judiciais, etc).

Na literatura espírita encontramos exemplos da participação do mundo espírita na produção de provas que foram relevantes no resultado do julgamento, contribuindo, de forma decisiva, para que não se cometesse injustiça.

Não temos duvidas quanto à relevância do tema, principalmente nesse momento em que se discute a atualização do Espiritismo, sendo que as reflexões e conclusões oriundas do presente trabalho poderão gerar novos estudos envolvendo justiça e espiritismo.

2) O que é justiça? Justiça terrena e de justiça divina

Muito se fala a respeito de justiça, de justo e de injusto, mas pouco se procura conhecer a respeito do significado da palavra "justiça". E, nesse ponto, pretendemos apontar a definição de justiça não só para a filosofia do direito, mas também para o espiritismo.

Aurélio Buarque de Holanda Ferreira[1] aponta o significado genérico de "justiça":

> **justiça**. [Do lat. *justitia*, por via semi-erudita.] S. f. 1. Conformidade com o direito; a virtude de dar a cada um aquilo que é seu. 2. A faculdade de julgar segundo o direito e melhor consciência.

Nicola Abbagnano[2], a seu turno, aponta a sua definição de justiça:

> "Em geral, a ordem das relações humanas ou a conduta de quem se ajusta a essa ordem. Podem-se distinguir dois significados principais: 1° Justiça como conformidade da conduta a uma norma; 2° Justiça como eficiência de uma norma (ou de um sistema de normas), entendendo-se por eficiência de uma norma certa capacidade de possibilitar as relações entre os homens. No primeiro significado, esse conceito é empregado para julgar o comportamento humano ou a pessoa humana (esta última, com base em seu comportamento). No segundo significado, é empregado para julgar as normas que regulam o próprio comportamento."

Interessante é, ainda, transcrever as palavras de Nicola Abbignano a respeito da segunda definição de justiça por ele apontada, em que cita Sócrates e Platão:

> "Platão foi o primeiro a insistir na Justiça como instrumento. Sócrates pergunta a Trasímaco: "Acreditar por acaso que uma cidade, um exército, um grupo de bandidos ou de ladrões, ou qualquer outro amontoado de pessoas que se ponha de acordo para fazer algo de injusto, poderia chegar a fazer alguma coisa se os seus integrantes cometessem injustiça uns para com os outros? – Não, de certo, respondeu Trasímaco. – E se não cometessem injustiça, não seria melhor? – Seguramente – A razão disto, Trasímaco, é que a injustiça dá origem a ódios e

[1] AURÉLIO, Buarque de Holanda Ferreira. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Edição eletrônica

[2] ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Editora Martins Fontes. São Paulo : 2000, pp. 593/594

> lutas entre os homens, enquanto a Justiça produz acordo e amizade." (*Rep., 351 c-d)*. Neste trecho a Justiça é desvinculada de qualquer objetivo que tenha valor privilegiado: ela não passa de condição para possibilitar a convivência e a ação conjunta dos homens: condição que vale para qualquer comunidade humana, mesmo para um grupo de bandidos."

E, tratando da forma como filósofos e juristas tratam a palavra "justiça", afirma o mesmo Autor:

> "Com mais freqüência, porém, filósofos e juristas não mediram a Justiça das leis tomando como referência a sua eficiência geral no que diz respeito às possibilidades de relações humanas, mas a sua eficiência em garantir este ou aquele objetivo considerado fundamental, ou seja, como valor absoluto. Não faltou, portanto, quem julgasse impossível definir a Justiça nesse sentido, limitando-se a propor a exigência genérica de que, para ser justa, uma norma deve adequar-se a um sistema de valores qualquer (Ch. Perelman, *De la justice*, 1945, trad. It., 1959). Todavia, os fins aos quais se recorreu com mais freqüência são: a) felicidade; b) utilidade; c) liberdade; d) paz".

Assim, para a filosofia do direito, a palavra "justiça" é utilizada para designar uma das seguintes modalidades:

a) Comportamento humano em conformidade com as normas jurídicas, isto é, com as regras de conduta humana intersubjetivas necessárias para a manutenção da vida em sociedade; ou
b) Atributo de uma norma jurídica que cumpre o seu papel de possibilitar as relações entre os homens, isto é, de possibilitar a vida em sociedade; ou
c) Exigência de adequação da norma jurídica a um sistema de valores, como a paz, a felicidade, a utilidade e a liberdade.

Aliás, em relação a esta última modalidade, interessantes são as palavras de Aristóteles[3]:

> "As leis promulgadas sobre qualquer coisa visam à utilidade comum a todos ou à utilidade de quem se destaca pela virtude ou por outra forma; desse modo, com uma só expressão definimos como justas as coisas que propiciam ou mantêm a felicidade ou parte dela na comunidade política."

Direito e justiça tem sido confundidos por filósofos, políticos, literatos e até mesmo por juristas.

Segundo Paulo Dourado de Gusmão[4]:

> "A diferença que existe entre direito e justiça é a mesma que ocorre entre ideal e realidade. A justiça não é coercível, enquanto o direito é; a justiça é autônoma, pois não é imposta à nossa consciência; brota nela como os demais ideais, sendo, assim, ideal moral, enquanto o direito é *heterônomo*, por termos a consciência de nos ser ele imposto pela sociedade ou pelo poder publico. A justiça é a meta a ser atingida pelo direito e, desta forma, distingue-se deste como o "meio" da "finalidade". É critério julgador dos direitos e das ações sociais, diferenciando-se destes e destas como o julgado do julgador".

Feita a análise da justiça "terrena", ou melhor, da justiça segundo a concepção da filosofia do direito, necessária é, agora, a análise da justiça segundo o espiritismo.

---

[3] ARISTÓTELES. *Ética a Nicômano*, v.1, 1.129 b 4

[4] Gusmão, Paulo Dourado de. *Introdução ao Estudo do Direito*, 10ª. ed., Cia. Edit. Forense, pg.93

Na pergunta 171 de O Livro dos Espíritos, o comentário de Allan Kardec fortalece a idéia da justiça de Deus e a finalidade da reencarnação, quando diz que:

> "Todos os Espíritos tendem à perfeição e Deus lhes fornece os meios pelas provas da vida corpórea; mas, em sua justiça, lhes faculta realizar, em novas existências, o que não puderam fazer ou concluir numa primeira prova.
> Não estaria de acordo com a equidade, nem com a bondade de Deus, castigar para sempre aqueles que encontraram obstáculos ao seu progresso, independentemente da sua vontade, no próprio meio onde foram colocados. Se o destino do homem está irrevogavelmente fixado após a sua morte, Deus não teria pesado as ações de todos na mesma balança, e não os teria tratado com imparcialidade.
> A doutrina da reencarnação, isto é, aquela que admite para o homem várias existências sucessivas, é a única que responde à idéia que fazemos da justiça de Deus em relação aos homens colocados em uma condição moral inferior, a única que nos explica o futuro e fundamenta nossas esperanças, pois que nos oferece o meio de resgatar nossos erros através de novas provas. A razão indica essa doutrina e os Espíritos no-la ensinam.
> O homem, consciente da sua inferioridade, tem, na doutrina da reencarnação, uma esperança consoladora. Se acredita na justiça de Deus, não pode esperar, por toda a eternidade, estar em pé de igualdade com aqueles que agiram melhor do que ele. O pensamento de que essa inferioridade não o deserdará para sempre do bem supremo, e que ele poderá superá-la por meio de novos esforços, o sustenta e lhe reanima a coragem. Qual é aquele que, no fim do seu caminho, não lamenta ter adquirido muito tarde uma experiência que não pode mais aproveitar. Essa experiência tardia não ficará perdida; ele a aproveitará numa nova existência."

Em suma, a "justiça" para a doutrina espírita, não coincide com a definição de "justiça" terrena, vez que aquela tem relação direta com a "teoria da evolução" e leva em consideração não somente a encarnação presente, mas as experiências colhidas ao longo de todas as encarnações anteriores.

Se a justiça terrena pode ser apontada por critérios objetivos, por análise da conduta humana próxima, a análise da justiça para o espiritismo, da justiça divina, carece de conhecimentos ainda não disponibilizados, tornando-nos ainda passíveis aos seus efeitos, que deságuam em provações de caráter construtivo dirigido à evolução espiritual (princípio da evolução).

Mas, se de um lado a análise da justiça divina, para cada caso, ou melhor, para cada encarnado, não é para nós acessível, de outro lado, é necessário que estejamos preparados para instrumentalizarmos os comportamentos necessários à "feitura" de tal justiça, é necessário que coloquemos a nossa "materialidade" à disposição do mundo espiritual.

3) Forma e alcance da Justiça no mundo terreno

Vale reprisar as concepções de justiça terrena apresentadas no item anterior, quais sejam:

a) comportamento humano em conformidade com as normas jurídicas, isto é, com as regras de conduta humana intersubjetivas necessárias para a manutenção da vida em sociedade; ou
b) atributo de uma norma jurídica que cumpre o seu papel de possibilitar as relações entre os homens, isto é, de possibilitar a vida em sociedade; ou
c) exigência de adequação da norma jurídica a um sistema de valores, como a paz, a felicidade, a utilidade e a liberdade

E nesse ponto vale atenção para as formas de alcance da justiça terrena, que pode ser

voluntária ou forçada.

Entendemos por forma voluntária de alcance da justiça aquela em que o Homem comporta-se voluntariamente conforme as normas jurídicas, não as afrontando, realizando as suas condutas com base em valores do mais alto grau, como a paz, a felicidade, a utilidade e a liberdade.

É claro, entretanto, que por estarmos tratando de encarnados em um mundo de provas e expiações, como é o caso do planeta Terra, é fácil perceber que nem sempre o alcance da justiça ocorre de uma forma voluntária, havendo a necessidade de uma força que compila o Homem (este visto como espírito encarnado) a agir conforme as regras de convivência, conforme valores do mais alto grau, inerentes ao conceito de justiça.

Cabe-nos analisar as formas de alcance forçado da justiça, e para tal análise, é interessante navegarmos um pouco pela história da civilização, citando Ada Pellegrini Grinover *et alli*[5]*:*

> "Nas fases primitivas da civilização dos povos, inexistia um Estado suficientemente forte para superar os ímpetos individualistas dos homens e impor o direito acima da vontade dos particulares: por isso, não só inexistia um órgão estatal que, com soberania e autoridade, garantisse o cumprimento do direito, como ainda não havia sequer as leis (normas gerais e abstratas impostas pelo Estado aos particulares). Assim, quem pretendesse alguma coisa que outrem o impedisse de obter haveria de, com sua própria força e na medida dela, tratar de conseguir, por si mesmo, a satisfação de sua pretensão. A própria repressão aos atos criminosos se fazia em regime de *vingança privada* e, quando o Estado chamou a si o *jus punitionis* [6], ele o exerceu inicialmente mediante seus próprios critérios e decisões, sem a interposição de órgãos ou pessoas imparciais, independentes e desinteressadas. A esse regime chama-se **autotutela** (ou autodefesa) e hoje, encarando-a do ponto-de-vista da cultura do século XX, é fácil ver como era precária e aleatória, pois não garantia a justiça, mas a vitória do mais forte, mais astuto ou mais ousado sobre o mais fraco ou mais tímido.
>
> São fundamentalmente dois os traços característicos da autotutela: a) ausência de juiz distinto das partes; b) imposição da decisão por uma das partes à outra."

Apresentado está, pois, o conceito de autotutela.

Mas, em razão da própria evolução do nosso mundo de provas e expiações, a forma de alcance forçado da justiça também evoluiu para o que chamamos de controle jurisdicional.

E nesse momento devemos introduzir nos nossos estudos a figura do Estado, que tem o objetivo de organizar a sociedade, limitando a liberdade de seus membros, com o fito de alcançar o "bem comum", sendo que o instrumento utilizado pelo Estado para "organizar" a sociedade é o direito, mais especificamente as normas jurídicas, que são comandos, produzidos pelo Estado, que tem em seu cerne a concessão de direitos e a determina de obrigações, comando esse de caráter obrigatório, ante o elemento coercitivo nele existente.

O Estado Moderno divide-se em 3 (três) poderes: o Poder Legislativo (que elabora as leis), o Poder Executivo (que executa as leis em prol da organização da sociedade) e o Poder Judiciário (que tem como objetivo compor os conflitos de interesses), sendo que esses três poderes agem conjuntamente na sociedade, cada um em seu campo de atuação e num sistema de "intercontrole", através do sistema de "freios e contrapesos" onde cada poder controla as atividades dos outros poderes.

---

[5] GRINOVER, Ada Pellegrini e outros. *Teoria Geral do Processo*. 9ª. edição revista e atualizada, 2ª. tiragem, Malheiros Editores, São Paulo: 1993, pp.21/25

[6] Direito de punir aqueles que não agem conforme as normas jurídicas (observação nossa)

E é o Poder Judiciário que terá, quanto à sua forma de atuação, uma análise mais detida no presente trabalho.

4) Breve relato a respeito da tutela jurisdicional

Tratando de Poder Judiciário e, mais especificamente, de sua forma de atuação, i.e, a tutela jurisdicional, importante é pontuar o que vem a ser jurisdição, a fim de que os leitores do presente estudo tenham uma visão global do assunto que ora se expõe.

Como afirma a Professora Ada Pellegrini Grinover[7], a jurisdição "é uma das funções do Estado, mediante a qual este se substitui aos titulares dos interesses em conflito para, imparcialmente, buscar a pacificação do conflito que os envolve, com justiça. Essa pacificação é feita mediante a atuação da vontade do direito objetivo que rege o caso apresentado em concreto para ser solucionado; e o Estado desempenha essa função sempre mediante o processo, seja expressando imperativamente o preceito (através de uma sentença de mérito), seja realizando no mundo das coisas o que o preceito estabelece (através da execução forçada)".

Em suma, a *jurisdição* é o poder (e dever) do Estado "dizer o direito", isto é, de resolver os conflitos de interesses através da análise do fato e da aplicação das normas jurídicas pertinentes, pacificando as partes. O Estado realiza tal função através do Poder Judiciário, que, em concreto, é representado por juízes individuais e Tribunais.

Agora, de que forma é desenvolvida essa jurisdição. Sem qualquer embargo, necessário é uma apreciação, ainda que superficial, a respeito do que venha a ser "direito de ação" e do que venha a ser "processo".

Dissemos, linhas atrás, que a função jurisdicional tem uma dupla face em relação ao Estado, vez que não é somente um poder, mas um dever do Estado, não podendo esse deixar de atuar quando é invocado a compor um conflito, existindo, pois, o "Direito de Ação" que é "o direito ... de requerer a tutela jurisdicional do Estado, sempre que dela se precisar para a solução (útil) de determinada lide[8]...".

O direito de ação pertence a todos os cidadãos, é o direito de bater às portas do Poder Judiciário para ver resolvido um conflito de interesses.

E pelo próprio conceito de direito de ação podemos deduzir, por óbvio, o que vem a ser ação. A ação "é o direito ao exercício da atividade jurisdicional (ou o poder de exigir esse exercício. Mediante o exercício da ação provoca-se a jurisdição, que por sua vez se exerce através daquele complexo de atos que é o processo"[9].

Preciso é, nesse momento, analisar o que vem a ser o processo. Se cabe ao Estado a função da tutela jurisdicional, de dizer o direito, de compor os conflitos de interesses com a aplicação das normas jurídicas, de que forma essa função é realizada ? Através do processo, que é o "instrumento por meio do qual os órgãos jurisdicionais[10] atuam para pacificar as pessoas conflitantes, eliminando os conflitos e fazendo cumprir o preceito jurídico[11] pertinente a cada caso que lhes é apresentado em busca de solução"[12]

---

[7] Op. Cit. p. 114

[8] Leia-se "conflito de interesse"

[9] GRINOVER, Ada Pellegrini e outros. *Teoria Geral do Processo*. 9ª. edição revista e atualizada, 2ª. tiragem, Malheiros Editores, São Paulo: 1993, p. 209

[10] Juízes e Tribunais (observação nossa)

[11] A norma jurídica, a regra jurídica (observação nossa)

[12] GRINOVER, Ada Pellegrini e outros. *Teoria Geral do Processo*. 9ª. edição revista e atualizada, 2ª. tiragem, Malheiros Editores, São

Expliquemos de forma mais fácil[13]. A tutela jurisdicional (lê-se : poder/dever do Estado de resolver os conflitos de interesse existentes entre os seus cidadãos) envolve, basicamente, as seguintes atividades:

- conhecimento das alegações das partes envolvidas no conflito (através da "acusação" e da "defesa");
- análise dos fatos relacionados ao conflito, através da observação das provas produzidas, formando a convicção pela veracidade de uma das versões;
- aplicação ao fato dado como verídico da norma jurídica cabível.

Portanto, temos que a tutela jurisdicional envolve uma série de atividades, que são desenvolvidas na forma prevista em lei, através de atos como, por exemplo, oitiva de testemunhas, determinação de juntada de documentos, citação para responder aos termos da acusação, a determinação de juntada de documentos, as intimações, as sentenças, os recursos, os Acórdãos[14], etc. O conjunto de todos esses atos praticados chama-se processo.

O clímax do processo, o seu ponto culminante, é exatamente a decisão final do Juiz ou do Tribunal (sentença ou acórdão), em que o Magistrado, analisando todos os atos praticados e, principalmente, as provas produzidas no processo, fixa um convencimento a respeito dos fatos alegados pelas partes (aponta qual a versão que o convenceu através das provas produzidas) e aplica a norma jurídica cabível, solucionando o caso.

4.1) Fases do processo

O processo, como já apresentado, é um conjunto de atos que reflete as atividades necessárias para o exercício da função jurisdicional. E, para fins de melhor compreensão, podemos dividir o processo em fases, que são a fase postulatória, a fase instrutória, a fase decisória e a fase recursal.

Analisemos cada uma dessas fases:

- **fase postulatória**: envolve a acusação e a defesa[15]. Através da análise dos atos referentes à fase postulatória o Julgador tem conhecimento das versões das partes litigantes em relação aos fatos.

- **fase probatória**: é a fase em que ocorre a produção de provas, ou seja, juntada de documentos, oitiva das partes e de testemunhas, realização de perícias judiciais, realização de inspeções judiciais, entre outras modalidades de provas.

- **fase decisória**: é a fase em que é prolatada a decisão judicial é exatamente a decisão final do Juiz ou do Tribunal (sentença ou acórdão), em que o Magistrado, analisando todos os atos praticados e, principalmente, as provas produzidas no processo, fixa um convencimento a respeito dos fatos alegados pelas partes (aponta qual a versão que o convenceu através das provas produzidas) e aplica a norma jurídica cabível, solucionando o caso.

- **fase recursal**: fase que se são interpostos os recursos cabíveis contra uma decisão

---

Paulo: 1993, p.27

[13] A explicação mais detalhada, com linguagem menos técnica se faz necessária em razão de muitos leitores do presente estudo não terem o domínio de termos jurídicos.

[14] Que são decisões proferidas pelos Tribunais, enquanto que "sentenças" são proferidas por juízes individuais.

[15] Utilizamos o vocábulo "acusação" para uma melhor compreensão daqueles leitores que não possuem conhecimento da técnica jurídica. Sendo que, tecnicamente, a "acusação" poderia ser a "petição inicial" do processo civil *lato sensu* ou a "denúncia" ou "queixa-crime" do processo penal. O mesmo ocorrendo em relação ao vocábulo "defesa", que pode ser entendida, tecnicamente, como "contestação" do processo civil ou a "defesa prévia" do processo penal.

que não contentou uma ou ambas as partes. Através do recurso o caso é analisado por uma instância judicial superior, por um Tribunal hierarquicamente superior àquele Juiz ou Tribunal que proferiu a sentença que está sendo recorrida.

4.2) A fase probatória. A definição de prova. Elementos de prova

Por ser a fase probatória tida por nós como a mais importante para a análise da influência do mundo espiritual nas decisões judiciais, vamos nos deter com maior detalhe à mesma.

Como já foi dito, a função jurisdicional exercida pelo Juiz ou Tribunal envolve várias atividades que abarcam desde o conhecimento das versões das partes sobre um determinado fato, como a análise das provas produzidas para que, formando convicção sobre uma determinada versão dos fatos, profira o Magistrado ou o Tribunal a sua decisão.

Mas é preciso atentar-se para o fenômeno de que um fato ocorre somente uma vez e nesse ponto vale lembrar Heráclito que comparava as coisas com a corrente de um rio, vez que não se pode entrar duas vezes numa mesma corrente pelo motivo de que o rio corre e se toca outra água.

Assim como não se pode entrar duas vezes numa mesma corrente, também não há como se cogitar da ocorrência de um mesmo fato mais de uma vez. Um fato "x" é único, outros fatos "y" ou "k", por mais parecidos que sejam com o fato "x" e por mais que o tentem representar jamais serão o fato "x".

Portanto, determinado fato uma vez ocorrido somente poderá ser "lembrado" por vestígios que tenha deixado ou na mente das pessoas (testemunhas dos fatos) que o presenciaram ou através de marcas deixadas em objetos (como os documentos, marcas deixadas em um carro batido, ferimentos deixados no corpo de uma pessoa agredida, etc).

E é exatamente através desses vestígios que "lembram" o fato que tomamos partido a respeito da veracidade ou não da versão de um fato dado por determinada pessoa. Por exemplo, se o meu vizinho me conta que apanhou de sua esposa e me mostra os seus ferimentos e me apresenta pessoas que viram a agressão que a confirmam na minha frente, é muito provável que acredite na sua versão sobre o fato, dando-a como verdadeira para todos os efeitos.

O mesmo ocorre nos processos judiciais, sendo que esses vestígios que lembram o fato são chamados de provas. Prova é "todo elemento que pode levar o conhecimento de um fato a alguém"[16], é a "convicção formada no espírito do julgador em torno do fato demonstrado"[17] e provar pode ser definido como " demonstrar de algum modo a certeza de um fato ou a veracidade da alegação"[18].

É através das provas, ou melhor dizendo, da impressão que a prova der ao consciente do Juiz que ocorrerá a convicção ou não do mesmo em relação à veracidade de um fato ou de uma afirmação. A prova irá fazer como que o juiz reviva a história contada, reproduzindo na mente do magistrado o próprio fato ocorrido.

As provas, vistas como convicção formada no espírito do julgador em relação a

---

[16] GRECO FILHO, Vicente. *Direito Processual Civil Brasileiro*. 2º. Volume. Editora Saraiva. 13ª. edição revista. São Paulo: 1999, p. 179

[17] THEDORO JÚNIOR, Humberto. *Curso de Direito Processual Civil*. Volume I. Editora Forense. 24ª.edição revista e atualizada. Rio de Janeiro: 1998. p. 4

[18] COUTURE. *Fundamentos Del Derecho Procesal Civil, ed. 1874, no. 135, p. 215. "*Probar es establecer la existencia de la verdade; y las pruebas son los diversos médios por los cuales la inteligencia llega al descubrimiento de la verdad" (Martinez Silva, *Tratado de Pruebas Judiciales*, Buenos Aires, 1947, p. 21, *apud* Revista de Direito Administrativo, 111/38)

determinado fato, são feitas através de instrumentos reconhecidos pelo direito como idôneos, que são denominados de “meios de prova”.

Como ensina o Mestre Vicente Greco Filho, “meios de prova são os instrumentos pessoais ou materiais trazidos ao processo para revelar ao juiz a verdade de um fato”, sendo pessoais aqueles oriundos do depoimento de uma pessoa, como o depoimento de uma testemunha, e material aquele originado a partir de um objeto qualquer, como, por exemplo, de um papel escrito.

São considerados como os principais meios de prova os depoimentos pessoais das partes, os depoimentos testemunhais, os documentos, as perícias judiciais e as inspeções judiciais.

Apreciemos, ainda que de forma panorâmica, cada um dos citados meios de prova:

4.2.1) Depoimentos pessoais das partes

Através desse meio de prova, as partes, tanto o Autor quanto o Réu, são questionados pelo Juiz a respeito dos fatos que envolvem a discussão judicial. Tal modalidade consiste na “manifestação oral da própria parte em audiência”.[19]

4.2.2) Depoimentos das testemunhas

Primeiramente, apresentemos a definição de testemunha como sendo “uma pessoa distinta dos sujeitos processuais[20] que, convidada na forma da lei, por ter conhecimento do fato ou ato controvertido entre as partes, depõe sobre este em juízo, para atestar sua existência”.[21]

As testemunhas são pessoas estranhas ao processo, mas que tem conhecimento a respeito dos fatos, isto é, contêm em suas mentes vestígios do fato ocorrido, e que é discutido no processo, e que vêm, frente ao Juiz, narrar o que é de seu conhecimento.

E, assim, a prova testemunhal “é a que se obtém através do relato prestado, em juízo, por pessoas que conhecem o fato litigioso”.[22]

4.2.3) Documentos

Documento é “todo objeto do qual se extraem fatos em virtude da existência de símbolos, ou sinais gráficos, mecânicos, eletromagnéticos etc. É documento, portanto, uma pedra sobre a qual estejam impressos caracteres, símbolos ou letras; é documento a fita magnética de reprodução por meio do aparelho próprio, o filme fotográfico etc. “[23]

Chivenda, importante processualista italiano, já definia documento como “toda representação material destinada e idônea a reproduzir uma dada manifestação do pensamento”.[24] E Carnelutti afirmava que documento “é uma coisa capaz de representar um fato”.

Portanto, a definição de documento é bastante ampla, e será de essencial valia para a iminente análise da psicografia como meio de prova em processos judiciais.

4.2.4) As perícias judiciais

---

[19] GRECO FILHO, Vicente. *Direito Processual Civil Brasileiro*. 2º. Volume. Editora Saraiva. 13ª. edição revista. São Paulo : 1999, p. 200

[20] Isto é, a testemunha não é o Autor, nem o Réu, nem o Juiz, nem o Advogado ou o Promotor

[21] AMARAL SANTOS, Moacyr. *Primeiras linhas de direito processual civil*. V.3. São Paulo: 1977, p. 395

[22] THEDORO JÚNIOR, Humberto. *Curso de Direito Processual Civil*. Volume I. Editora Forense. 24ª.edição revista e atualizada. Rio de Janeiro : 1998. p. 465

[23] GRECO FILHO, Vicente. *Direito Processual Civil Brasileiro*. 2º. Volume. Editora Saraiva. 13ª. edição revista. São Paulo: 1999, p. 208

[24] CHIOVENDA, Giuseppe. *Instituições de direito processual civil*. V. 2, p. 456. Trad. J. Guimarães Menegale, anot. por Enrico Tullio Liebman. São Paulo, Saraiva, 1965, p. 456

O Juiz é conhecedor do direito, não sendo, por óbvio, conhecedor de todas as ciências, motivo pelo qual muitas vezes necessita, num processo judicial, de parecer de *Expert*, de pessoa entendida sobre determinado ramo do conhecimento. Essa pessoa é denominada de Perito.

Vejamos a explicação de Vicente Greco Filho a respeito de prova pericial[25]:

> "A prova pericial pode consistir em exame, vistoria e avaliação. Moacyr Amaral Santos[26], o mestre que mais profunda e vastamente analisou o tema "provas" no Brasil, define **exame** como a inspeção, por meio de perito, sobre pessoas, coisas, móveis e semoventes, para a verificação de fatos ou circunstâncias que interessam à causa. **Vistoria** é a inspeção sobre imóveis. **Avaliação**, a estimação do valor em moeda, de coisas, direitos ou obrigações, quando feita em inventário, partilhas ou processos administrativos e nas execuções para a estimação da coisa a partilhar ou penhorada. Chama-se arbitramento a apuração do valor em dinheiro do objeto do litígio, de direitos ou da obrigação demandada."

E destacamos 2 (duas) espécies de perícias, que se enquadram na espécie de exame, que são: a perícia grafotécnica e a perícia de fonética forense.

- **perícia grafotécnica**: método de perícia criminalística que tem por fim verificar a falsidade de documentos manuscritos, pelo exame comparativo de letras, bem como impressões digitais.

- **perícia de fonética jurídica**: espécie de perícia tendente à "determinação da semelhança fonética e acústica entre enunciados produzidos por um mesmo falante em situações diferente", bem como a "determinação da similitude fonética e acústica entre enunciados produzidos por um falante conhecido e enunciados produzidos por falantes diferentes entre os quais se pode encontrar o conhecido"[27]

Essas duas espécies de perícias são destacadas, pois têm potencial de utilização na análise da idoneidade de provas produzidas por manifestações espirituais.

4.2.5) Inspeções Judiciais

A inspeção judicial trata-se de meio de prova produzida pelo próprio Juiz que, de ofício ou a requerimento da parte, pode, em qualquer fase do processo, inspecionar pessoas ou coisas, a fim de se esclarecer sobre fato de interesse à decisão da causa[28], é "o meio de prova que consiste na percepção sensorial direta do juiz sobre qualidades ou circunstâncias corpóreas de pessoas ou coisas relacionadas com o litígio".[29]

Em suma, através da inspeção judicial o Juiz tem condições de entrar em contato direto com pessoas ou coisas relacionadas com o litígio, deslocando-se até o respectivo local onde se encontram tais pessoas ou coisas, podendo, desse contato, tirar as suas conclusões.

4.3) A idoneidade como requisito de validade da prova

A Constituição Federal de 1988, no inciso LV de seu artigo 7º. garante "aos litigantes, em processo judicial ou administrativo, e aos acusados em geral são assegurados o contraditório e a **ampla defesa, com os meios e recursos a ela inerentes**" (sublinhado nosso).

E essa amplitude de defesa com os meios a ela inerentes faz, salvo melhor juízo, com

---

[25] Op. Cit. P. 223

[26] *Comentários ao Código de Processo Civil*. V.4. Editora Forense, 1977, p. 336-7

[27] Extraído do site http://liceu.uab.es/~joaquim/teaching/phonetics/fon_anal_acus/aplic_anal_acus... Com tradução pelos Autores deste estudo

[28] GRECO FILHO, Vicente. *Direito Processual Civil Brasileiro*. 2º. Volume. Editora Saraiva. 13ª. edição revista. São Paulo: 1999, p. 227

[29] THEDORO JÚNIOR, Humberto. *Curso de Direito Processual Civil*. Volume I. Editora Forense. 24ª.edição revista e atualizada. Rio de Janeiro: 1998. p. 465

que sejam aceitos todos os meios de defesa, desde que não colidam com valores constitucionais também elevados, como a intimidade, o direito de imagem, a liberdade etc, bem como princípios processuais como o da lealdade processual.

Mas, como já vimos, o objetivo da prova é exatamente criar no Julgador a convicção a respeito da veracidade de determinada versão de fato e, para que seja criado tal sentimento no Magistrado necessário é que o meio de prova seja idôneo.

O vocábulo "idoneidade" significa aptidão, capacidade, competência [30] e, transferido para o campo probatório faz com que reflitamos: que aptidão, que capacidade deve possuir o meio de prova para que possa ser aceito no sistema jurídico-processual?

A aptidão que a prova deve ter é exatamente a de convencer o Magistrado a respeito do fato que representa e tal aptidão é demonstrada através de critérios objetivos e subjetivos.

Quanto ao critério objetivo destacamos a demonstração de veracidade de seu conteúdo, afastando o meio de prova de qualquer possibilidade de falsificação.

Quanto ao critério subjetivo entendemos relevante a demonstração da honestidade e da sinceridade de sua constituição formal.

5) O papel da comunicação dos Espíritos e os princípios da doutrina espírita

As comunicações dos Espíritos com os homens são ocultas ou ostensivas. As ocultas ocorrem pela influência, boa ou má, que eles exercem sobre nós com o nosso desconhecimento; cabe ao nosso julgamento discernir as boas e más inspirações. As comunicações ostensivas ocorrem por meio da escrita, da palavra, ou outras manifestações materiais, e mais freqüentemente por intermédio dos médiuns que lhes servem de instrumento[31].

Os Espíritos se manifestam espontaneamente ou por evocação. Podem-se evocar todos os Espíritos: aqueles que animaram homens obscuros, como aqueles de personagens mais ilustres, qualquer que seja a época na qual tenham vivido; os de nossos parentes, de nossos amigos ou de nossos inimigos, e com isso obter, por comunicações escritas ou verbais, conselhos, informações sobre a sua situação no além-túmulo, sobre seus pensamentos a nosso respeito, **assim como as revelações que lhes são permitidas nos fazer**[32]. (grifo nosso).

5.1. A justiça e o princípio da evolução

Quando Allan Kardec pergunta, na questão 167, qual é o objetivo da reencarnação, a resposta do Espírito é: "**Expiação, aprimoramento progressivo da Humanidade, sem o que, onde estaria a justiça?**". (grifo nosso).

A lei humana alcança certas faltas e as pune. O condenado pode então dizer que sofreu a conseqüência do que praticou. Mas a lei não alcança nem pode alcançar a todas as faltas. Ela castiga especialmente as que causam prejuízos à sociedade, e não as que prejudicam apenas os que as cometem. Mas Deus vê o progresso de todas as criaturas. Eis por que não deixa impune nenhum desvio do caminho reto. Não há uma só falta, por mais leve que seja, uma única infração à sua lei, que não tenha conseqüências forçosas e inevitáveis, mais ou

[30] Significados extraídos do "Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa", de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, versão digitalizada.
[31] Kardec, Allan. *O Livro dos Espíritos. Ed. IDE, 93ª. edição, Introdução, pg. 21.*
[32] Idem.

menos desagradáveis. Donde se segue que, nas pequenas como nas grandes coisas, o homem é sempre punido naquilo em que pecou. Os sofrimentos conseqüentes são então uma advertência de que ele andou mal. Dão-lhe a experiência e o fazem sentir, a diferença entre o bem e o mal, bem como a necessidade de se melhorar, para evitar no futuro o que já foi para ele uma causa de mágoas. Sem isso, ele não teria nenhum motivo para se emendar, e confiante na impunidade, retardaria o seu adiantamento, e portanto a sua felicidade futura.[33]

5.2. Manifestações espirituais e a produção de provas em processos judiciais

Tendo em vista que as manifestações espirituais, destacando-se a psicografia e a psicofonia, têm a capacidade de produzir instrumentos que possam representar um fato, instrumentos que, como já dissemos em tópicos anteriores, revelam "vestígios" da ocorrência de fatos, inclusive de fatos relevantes para a solução de pendências judiciais, entendemos que é viável o aproveitamento do produto de manifestações espirituais como meio de prova judicial.

Esse nosso entendimento tem o respaldo, inclusive da própria Constituição processual, que, repetimos, no inciso LV de seu artigo 5º. garante "aos litigantes, em processo judicial ou administrativo, e aos acusados em geral são assegurados o contraditório e a **ampla defesa, com os meios e recursos a ela inerentes**" (grifo nosso), sendo que essa amplitude de defesa com os meios a ela inerentes faz, salvo melhor juízo, com que sejam aceitos todos os meios de defesa, desde que não colidam com valores constitucionais também elevados, como a intimidade, o direito de imagem, a liberdade, etc, bem como princípios processuais como o da lealdade processual.

É certo, entretanto, que tal capacidade de produção probatória do produto das manifestações espirituais mediúnicas deve estar acompanhada da demonstração de idoneidade.

A seguir estaremos nos preocupando não só com a demonstração de que o produto das manifestações mediúnicas tem o potencial de servir como instrumento probatório, com o também existe a possibilidade de demonstração da sua idoneidade.

5.2.1) A pneumatografia e a psicografia como provas documentais

Como consta do Livro dos Médiuns, "a pneumatografia é a escrita produzida diretamente pelo espírito, sem intermediário algum; difere da psicografia, por ser esta a transmissão do pensamento do espírito, mediante a escrita feita com a mão do médium".[34]

Sendo que a psicografia se classifica em indireta e direta e pode ser produzida por médiuns mecânicos (ou passivos), intuitivos, semimecânicos, inspirados, involuntários ou de pressentimento.

Em relação ao produto do ato de psicografar, temos a existência de sinais inteligíveis grafados (normalmente sob a forma de letras, construindo palavras) em um papel qualquer.

Ora, o produto da psicografia enquadra-se perfeitamente no conceito de documento, qual seja "...objeto do qual se extraem fatos em virtude da existência de símbolos, ou sinais gráficos ...".[35]

Podemos afirmar, pois, que o produto da pneumatografia e da psicografia é um documento, um meio de prova judicial.

---

[33] Kardec, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Nova Sampa Diretriz Edit., cap. V, pg. 77

[34] Kardec, Allan. *O Livro dos Médiuns*, capítulo XII, item 146.

[35] GRECO FILHO, Vicente. *Direito Processual Civil Brasileiro*. 2º. Volume. Editora Saraiva. 13ª. edição revista. São Paulo: 1999, p. 208

5.2.2) A pneumatofonia e a psicofonia como provas documentais

Como consta do livro dos médiuns, a pneumatofonia é a manifestação em que "dado que podem produzir ruídos e pancadas, os espíritos podem igualmente fazer se ouçam gritos de toda espécie e sons que imitam a voz humana", sem intermediação direta do médium.

Já a psicofonia é a transmissão de mensagens através de sons por intermédio de um médium. Tal transmissão pode ser feita por um médium audiente, que somente reproduz aquilo que capta através da pneumatofonia ou por um médium falante, que, inconscientemente, fornece o seu corpo como instrumento para uma manifestação sonora do espírito.

Tanto a pneumatofonia (mais especificamente a externa) quanto a psicofonia podem ser gravadas através de aparelhos sonoros e reproduzidas a qualquer tempo.

Em relação ao produto tanto da pneumatofonia, quanto da psicofonia, temos a emissão de sons, que podem ser gravados, armazenados em fitas cassete ou áudio-visual.

Ora, o produto da pneumatofonia e da psicofonia, isto é, as fitas cassete ou áudio-visual capazes de reproduzirem os sons oriundos da manifestação, enquadra-se perfeitamente no conceito de documento, qual seja "... objeto do qual se extraem fatos em virtude da existência de símbolos, ou sinais gráficos, mecânicos, eletromagnéticos, etc...".[36]

Podemos afirmar, pois, que o produto da pneumatofonia e da psicofonia é capaz de produzir um documento, um meio de prova judicial.

5.2.3) O controle da idoneidade

O controle da idoneidade do produto da manifestação mediúnica, tanto no que se refere à psicografia, quanto no que se refere a psicofonia, no nosso ponto de vista deve estar centrado no caráter científico, através de experiências que se utilizem das técnicas modernas colocadas à disposição pela ciência, afastando-se qualquer caráter dogmático e religioso.

E, para tal controle de idoneidade, propomos:

a) A utilização de duas espécies de perícias criminalísticas, que são: a perícia grafotécnica e a perícia de fonética forense, a primeira ligada à psicografia e à pneumatografia e a segunda ligada à pneumatofonia e à psicofonia (análise do requisito objetivo da idoneidade).

Através da perícia grafotécnica é possível a demonstração da veracidade do documento manuscrito oriundo da psicografia ou da pneumatografia, pelo exame comparativo de letras, i.e., um perito especializado e imparcial iria proceder à comparação técnica da letra constante do documento psicografado com a letra do desencarnado enquanto encarnado (quando possível), demonstrando a compatibilidade entre as mesmas.

É importante destacarmos que, na psicografia, a possibilidade de compatibilidade entre as letras está centrada na psicografia por médium mecânico (ou passiva), sendo que dificilmente ocorrerá tal compatibilidade na modalidade de médium semi-mecânico.

Através da perícia de fonética forense é possivel a demonstração da compatibilidade fonética e acústica entre enunciados produzidos em manifestação psicofônica ou pneumatofônicas e os produzidos pelo espírito manifestante enquanto encarnado.

Relevante destacar que a compatibilidade fonética poderá ocorrer nas psicofonias através de médiuns falantes.

---

[36] GRECO FILHO, Vicente. *Direito Processual Civil Brasileiro*. 2º. Volume. Editora Saraiva. 13ª. edição revista. São Paulo: 1999, p. 208.

b) A análise do conteúdo da manifestação em comparação com a experiência de vida

Entendemos imprescindível, também a comparação do conteúdo do documento psicografado ou gravação de psicofonia com a experiência de vida do desencarnado enquanto encarnado, mesmo porque é comum a existência de tais traços nas produções psicográficas ou psicofônicas.

c) A análise comparativa do estilo de manifestação

Deve-se, também, comparar-se o estilo de manifestação (a forma de utilização de palavras, a formação sintática utilizada, a fluência da escrita) entre o documento psicografado ou gravação de psicofonia e escritos do espírito manifestante enquanto em vida.

d) Apresentação de testemunhas que tenham acompanhado a manifestação e a conseqüente produção do material (escrito ou falado)

Através de testemunhas da existência da manifestação mediúnica, demonstraríamos a boa-fé, a honestidade e a sinceridade do produto apresentado em juízo.

5.2.4) Da valoração da prova

Tendo-se por ultrapassada com prosperidade a fase da análise da idoneidade, dar-se-ia por aceito o meio de prova, que seria valorado pelo Juiz juntamente com as demais provas produzidas no processo, como acontece com qualquer outro meio de prova.

6) É papel da mediunidade produzir provas para o alcance da justiça?

A finalidade providencial das manifestações espíritas é convencer os incrédulos de que nem tudo termina para o homem com a vida terrestre, e dar aos crentes idéias mais exatas sobre o futuro. Os bons Espíritos vem nos instruir visando ao nosso aperfeiçoamento e nosso progresso, e não para nos revelar o que não devemos ainda saber, ou que só deveremos aprender com nosso trabalho. Se bastasse interrogar os Espíritos para obter a solução de todas as dificuldades cientificas, ou para fazer descobertas e invenções lucrativas, qualquer ignorante poderia fazer-se de sábio a custa deles e qualquer preguiçoso poderia enriquecer-se sem esforço. É o que Deus não deseja. Os Espíritos ajudam o homem de gênio pela inspiração oculta, mas não o isentam nem do trabalho, nem das pesquisas, a fim de lhe deixar o mérito.[37]

Conseqüentemente, cabe ao homem trabalhar, estudar, pesquisar para encontrar os meios que lhe possibilitarão produzir provas que substanciarão os processos judiciais, de forma a se alcançar a justiça.

7) A influência espiritual na atuação do Advogado, do Promotor e do Juiz

No capítulo IX, do Livro II de *O Livro dos Espíritos* que trata da *Intervenção dos Espíritos no Mundo Corporal*, quando Kardec questiona se os Espíritos influem sobre os nossos pensamentos e as nossas ações[38], estes respondem que "*A esse respeito sua influência é maior do que credes porque, freqüentemente, são eles que vos dirigem".*

Em seguida Kardec interroga se temos pensamentos próprios e outros que nos são sugeridos, respondem que "Vossa alma é um Espírito que pensa; não ignorais que muitos pensamentos vos ocorrem, a um só tempo, sobre o mesmo assunto e frequentemente

[37] Kardec, Allan. *O Que é o Espiritismo?* (Iniciação Espírita) EDICEL, 1984, pg. 132

bastante contraditórios. Pois bem: nesse conjunto há sempre os vossos e nossos, e é isso o que vos deixa na incerteza, porque tendes em vos duas idéias que se combatem".

Desta forma como qualquer Espírito encarnado os operadores do direito, seja advogado, promotor ou juiz, estão suscetíveis a influência dos Espíritos bons ou maus, e cederão a uma ou outra conforme sua própria consciência.

8) Conclusão

De todo o exposto, concluímos que ainda não temos os meios próprios para dizer quando deve ou não ocorrer uma manifestação que propicie as provas necessárias para a elucidação de um caso, mas é certo que devemos manter abertos todas as possibilidades, para que ocorrendo a oportunidade, possamos identificá-la e dispor dos instrumentos necessários para a produção de provas, como meio de se fazer Justiça.

9) Bibliografia

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia.* Ed. Martins Fontes, S. Paulo, 2000.

AMARAL SANTOS, Moacyr. *Primeiras Linhas de Direito Processual Civil.* V.3, São Paulo, 1977.

AMORIM, Deolindo. *Espiritismo e Criminologia.* 3ª. ed., Rio de Janeiro, C.E. Leon Denis, 1991, 221 p.

ARISTOTELES. *Ética a Nicomano.* Vol. 1.

AURELIO, Buarque de Holanda Ferreira. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa.*

CHIOVENDA, Giuseppe. *Instituições de Direito Processual Civil.* V.2, São Paulo, Saraiva, 1965, Tradução J. Guimarães Menegale.

COUTURE. *Fundamentos Del Derecho Procesal Civil.* Ed. 1874, nº 135.

GRINOVER, Ada Pellegrini e outros. *Teoria Geral do Processo.* 9ª. ed., Malheiros Editores, São Paulo, 1993.

GRECO FILHO, Vicente. *Direito Processual Civil Brasileiro.* 2º. vol., 13ª. ed., Edit. Saraiva, São Paulo, 1999.

GUSMAO, Paulo Dourado de. *Introdução ao Estudo do Direito.* 10ª. ed., Forense.

IMBASSAHY, Carlos. *A Mediunidade e a Lei.* 2ª. ed., R. Janeiro, FEB, 1962, 260 p.

KARDEC, Allan. *O Céu e o Inferno ou a Justiça Divina Segundo o Espiritismo.* 30ª ed., Rio de Janeiro, FEB, tradução de Manuel Justiniano Quintão, 425 p.

KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo.* São Paulo, Nova Sampa Diretriz Edit., tradução de J. Herculano Pires, 351 p.

KARDEC, Allan. *Iniciação Espírita.* 9ª. ed., São Paulo, EDICEL, 323 p.

KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos.* 93ª. edição, São Paulo, IDE, tradução de Salvador Gentile, 1995, 419 p.

KARDEC, Allan. *O Livro dos Médiuns.* 47ª. ed., Rio de Janeiro, FEB, tradução de Guillon Ribeiro, 1982, 480 p.

KARDEC, Allan. *Revista Espírita.* EDICEL, 1991, tradução de Julio Abreu Filho.

MOTA JUNIOR, Eliseu F. *Pena de Morte e Crimes Hediondos à Luz do Espiritismo.* 1ª. edição, Matão/SP, Casa Editora O Clarim, 1994, 166 p.

THEDORO JUNIOR, Humberto. *Curso de Direito Processual Civil.* Vol. I, 24a. ed., Ed. Forense, Rio de Janeiro, 1998.

TIMPONI, Miguel. *A Psicografia ante os Tribunais.* 5ª. edição, Rio de Janeiro, FEB, 408 p.

[38] Kardec, Allan. *O Livro dos Espíritos*, 93ª. ed., Inst. Difusão Espírita, perg. 459.

“Chance is nothing real in itself”: As bases científicas da tese humeana de que não há acaso no mundo

Silvio Seno Chibeni

Departamento de Filosofia, Unicamp, Brasil

www.unicamp.br/~chibeni - chibeni@unicamp.br

Resumo:

Tanto no *Tratado da Natureza Humana* como na *Investigação sobre o Entendimento Humano*, Hume mostra-se convencido de que “não há acaso no mundo”, e que “aquilo que o vulgo chama de acaso não passa de uma causa secreta e escondida”. Essa tese desempenha papel crucial em sua análise do livre-arbítrio e, conseguintemente, da responsabilidade moral; é também um elemento importante em sua discussão sobre os milagres. No entanto, o próprio Hume ofereceu, no *Tratado*, um argumento convincente para mostrar que o princípio de causalidade, segundo o qual tudo o que começa a existir tem uma causa, não pode ser conhecido *a priori*, por intuição ou demonstração. Logo, essa “opinião tem necessariamente de provir da observação e experiência”. O presente trabalho examina essa tese, mostrando, inicialmente, qual era a proposta de Hume para fundar na experiência o princípio de causalidade, e depois qual, de fato, teria sido o mais robusto fundamento para esse princípio: a mecânica newtoniana. Explica-se, por fim, como esse fundamento empírico indireto e o próprio argumento de Hume foram solapados pela física quântica, no século XX.

REINALDO DI LUCIA

Assinado, Eu.

Trabalho apresentado no
IX simpósio Brasileiro do Pensamento Espírita

Santos
2005

SUMÁRIO

ÍNDICE

1. Introdução: o processo de comunicação 3

2. O mensageiro: o argumento de autoridade e a identificação dos espíritos 4

3. A mensagem: a questão da contextualização – hermenêutica e análise do discurso 8

4. A mensagem mediúnica: a influência do médium e a possibilidade de mensagens de grupo 11

5. Conclusão: e a atualização do Espiritismo? 13

Assinado, Eu.

Reinaldo Di Lucia

1. Introdução: o processo de comunicação

Uma dada mensagem vale por si só ou sua relevância esta atrelada à sua assinatura?

Aceitar uma comunicação pelo fato de que uma personalidade a disse não é nenhuma novidade. Durante todo o período da filosofia cristã, em particular na Escolástica, esta prática, chamada "argumento de autoridade", era mais do que comum: era a norma. A frase "Aristóteles disse" encerrava qualquer discussão.

No movimento espírita, em especial o brasileiro, este costume é bastante empregado. Basta uma comunicação ser mediúnica, de preferência com uma assinatura famosa, para que seu conteúdo seja considerado uma verdade quase que absoluta – isto é, se estiver de acordo com os princípios do pensamento dominante.

Em contraposição, Kardec dá pouca importância à questão da identidade dos espíritos que com ele se manifestam. Como ele afirma, fundamental é o conteúdo daquilo que é dito (O *Livro dos Médiuns*, cap. XXIV):

> Em muitos casos, a identidade absoluta não passa de questão secundária e sem importância real.[1]

A discussão não pode, entretanto, ser assim reduzida. Há casos em que a mensagem só é dada em função de seu portador – bastante comuns na imprensa, na qual a veracidade da fonte é condição imprescindível. Há outros em que, somente pelo conteúdo, é impossível determinar-se o autor – fato muito utilizado pelos defensores de um modo mais místico de se ver a ciência. E há, ainda, uma questão primordial, principalmente para as comunicações mediúnicas: que métodos podem ser utilizados para analisar o conteúdo de uma mensagem, de modo a superar as dificuldades que o problema da identificação, ou sua falta, traz?

O processo de comunicação envolve vários elementos. Primeiramente, há o emissor, aquele que elabora a mensagem. Depois, há o receptor, para o qual a mensagem é dirigida. Há também o conteúdo da mensagem em si, e o meio pelo qual ela é transmitida. Todos esses elementos devem ser levados em consideração ao se analisar uma mensagem.

No caso da comunicação espírita, há, ainda, considerações extras: a influência do médium, em se tratando de mensagens mediúnicas. A possibilidade de uma comunicação ser assinada por um dado espírito, mas na realidade ser de autoria coletiva, de um grupo de espíritos que se serve de um nome para divulgá-la. Tais exemplos são comuns, e merecem um estudo mais detalhado.

---

[1] **KARDEC, A**. *"O Livro dos Médiuns"*, cap. XXIV.

De qualquer forma, não há como fugirmos de alguns métodos de análise e interpretação de texto pouco conhecidos nos meios espíritas: a hermenêutica e a análise de discurso. Este trabalho mostra, sucintamente, um pouco destes métodos, e a validade de sua aplicação no meio espírita.

O objetivo deste trabalho não é, de forma alguma, esgotar a questão. Ao contrário, ele busca levantar o problema, passando por pontos importantes para a análise de textos espíritas. Conclui mostrando que o processo de atualização do Espiritismo não pode prescindir destes métodos, e que o Espiritismo teria muito a ganhar na discussão destes problemas.

2. O mensageiro: o argumento de autoridade e a identificação dos espíritos

O que pode garantir a veracidade de algo expresso? Esta questão afeta o homem desde que os argumentos racionais passaram a ter supremacia sobre as revelações religiosas ou sobre as asserções míticas.

Ao expressar uma idéia, o homem, mais do que simplesmente comunica esta idéia. Ele passa todo um conjunto de intenções. Por exemplo, alguém pode quere dar uma ordem a um empregado seu, sem entretanto desejar explicar o porquê; ou então, alguém pode tentar convencer seu interlocutor de algo, tendo como objetivo atingir um determinado fim, não explícito – e, neste caso, a veracidade não é o mais importante (é o que podem fazer, por exemplo, advogados de defesa de criminosos em um tribunal).

No primeiro caso, a validade da ordem está fora do conteúdo do que se diz. Ela está apenas na hierarquia dos interlocutores. No segundo, importa muito menos a veracidade do discurso do que o poder de convencer o interlocutor da correção da idéia. Já se o que se busca é uma verdade, ou seja, a declaração mais próxima possível de uma realidade dada, então se faz necessária a definição de um critério de validação desse enunciado.

Desde que se estabeleceu a forma racional de estudar o mundo, com o advento da filosofia, na Grécia do século VI a.e.C., uma das formas mais comuns de validação tem sido o *argumento de autoridade*. Este conceito pode ser definido como a assunção de que, se uma dada pessoa – reconhecida como especialista ou autoridade – está fazendo uma afirmativa, ela deve ser verdadeira, e passa pelo reconhecimento da sua competência no campo da afirmação.

> Argumento de autoridade é aquele em que se utiliza da lição de pessoa conhecida e reconhecida em determinada área do saber para corroborar a tese do argumentante. O argumento de autoridade é também chamado de argumentum magister dixit ou ad verecundiam.[2]

Tal argumento de autoridade teve seu início na Antigüidade clássica, mas seu auge foi na época de domínio da filosofia cristã, notadamente a o período conhecido como Escolástica (séc. XII d.e.C.). Por esta época,

[2] **RODRÍGUEZ, V.G.** *"O argumento de autoridade e o valor do pronunciamento do experto".* Publicado na Internet, 22/03/2002.

qualquer debate terminava com o uso da fórmula “Aristóteles disse”. Não se permitia qualquer discussão, muito menos qualquer tipo de contestação às afirmativas do grande filosófo grego.

O uso do argumento de autoridade sempre foi, e continua sendo, bastante disseminado no mundo todo. De certa forma, era de se esperar que assim fosse no âmbito das religiões, que partem do princípio da verdade revelada. Mas seu uso se estende ao campo filosófico e até mesmo – por mais estranho e incoerente que isso possa ser – ao científico.

Uma razão para isso é a tendência natural do homem em abdicar da sua própria capacidade de pensar para aceitar como verdadeiros os pensamentos de outros, investidos de alguma autoridade. Esta pode ser dada pelo nascimento (nobreza, realeza), por destinação divina (sacerdotes) e pela aquisição cultural, entre muitas outras.

Sem entrar no mérito da questão da verdade (já discutido em trabalho anterior [3]), o uso do argumento de autoridade falha por problemas de ordem metodológica. Admitir que o discurso de alguém fosse verdadeiro somente porque esse alguém o disse é convencer-se que há pessoas que não podem errar, somente porque são especialistas num determinado assunto. Ainda que tais homens nunca tenham errado antes (o que é muito difícil de ter ocorrido) nada pode garantir que não incorrerão em erro em algum instante da vida.

É exatamente a crítica que se faz ao processo indutivo do conhecimento. Este se baseia na obtenção de uma lei válida a partir da observação de um número significativamente grande de eventos. Ora, mas, por mais eventos que se observem, todos com o mesmo resultado, nada pode garantir com cem por cento de certeza que o próximo evento apresente-se totalmente diferente. A indução não é um método lógico de se obter conhecimento, da mesma forma que o argumento de autoridade não é um método lógico de garantir a veracidade. [4]

O uso do argumento de autoridade no movimento espírita é tão disseminado quanto em qualquer outro movimento filosófico ou religioso. Basta uma determinada assertiva ter sido feita por algum espírito desencarnado, especialmente se o médium utilizado for famoso, para ser considerado uma verdade indiscutível. Se a mensagem for assinada por algum nome conhecido (tais como Bezerra de Menezes, André Luiz ou Emmanuel) a possibilidade de questionamento é quase nula. E as idéias aí contidas podem ser tomadas como princípios da doutrina espírita.

Curiosamente, no Espiritismo, da mesma forma que ocorre em qualquer religião dogmática e rigidamente estruturada, o uso abusivo e indiscriminado do argumento de autoridade leva à radicalização do veto a qualquer tipo de mudança dos conceitos. É por isso que normalmente se afirma que não se pode alterar uma única idéia que tenha sido expressa

---

[3] **Di Lucia, R**. *“O Espiritismo e a questão da verdade”*. CEPA, XIV Conferência Regional Espírita Pan-Americana. São Paulo, 2002.

[4] Para um detalhamento da crítica ao indutivismo, ver **Di Lucia, R**. *“Espiritismo: revelação ou descoberta?”*, CEPA, XVIII Congresso Espírita Pan-Americano, Porto Alegre, 2000.

pelos Espíritos, seja nos textos do Kardec ou através de médiuns mais ou menos famosos.

Claro que, quando falo em alterar idéias, admito simplesmente a possibilidade de modificar conceitos tidos como verdadeiros no edifício conceitual do Espiritismo. Em nenhum momento proponho modificação dos textos já escritos, o que seria uma deformação inaceitável do pensamento de determinado autor, na época em que ele foi expresso. Penso simplesmente na mudança dos conceitos a partir da evolução do conhecimento humano. Entretanto, o que se prega no movimento espírita é um engessamento absoluto do que foi dito pelos espíritos:

> Todavia, o Conselho Federativo Nacional não reconhece em nenhuma pessoa ou instituição, como também em nenhuma assembléia ou congresso, qualquer autoridade ou direito para alterar ou modificar, a qualquer título, os princípios fundamentais e ensinos do Espiritismo, contido nas obras básicas de Allan Kardec, e desaprova toda e qualquer iniciativa no sentido dessa alteração ou modificação, uma vez que a Doutrina Espírita é de autoria dos Espíritos Superiores e não de homens, como bem testemunhou o próprio Codificador. [5]

Entretanto, não quero com isso dizer que se deva ignorar absolutamente toda e qualquer referência dos grandes pensadores espíritas. A importância deles não é pequena; afinal, em sua grande maioria, eram homens preparados, profundos conhecedores de vastas áreas do conhecimento humano. Kardec, Denis, Dellane, Flammarion e outros foram fundamentais na continuação da estruturação da doutrina espírita.

Não possuíam, porém, a verdade total e absoluta. Muito do que escreveram demonstraram-se incorreções ao longo dos anos – por exemplo, as incursões de Kardec pela astronomia, em *A Gênese*, e as opiniões de Dellane sobre a substituição das células do cérebro, em *A Evolução Anímica*. Além disso, não se pode esquecer que o conhecimento humano evolui com o passar do tempo. Conhecer é um processo cumulativo, no qual cada descoberta é base para outras mais. Isto nos leva à conclusão de que muitas idéias, apesar de estarem de acordo com o pensamento científico da época, não suportam um exame à luz do que se sabe hoje.

Pode-se, então, admitir o uso do argumento de autoridade? Certamente, desde que se tomem os mesmos cuidados que devem ser tomados na análise de qualquer outro argumento, acrescidos ainda de verificações sobre a consistência da fonte. Victor Gabriel Rodríguez, professor de Direito, mostra as questões que devem ser analisadas, e que passam pelo crédito da suposta autoridade como fonte, pela validade de sua opinião, pela consistência de sua argumentação em relação ao que dizem outras autoridades, e até mesmo pelas eventuais provas (ou ausência delas) apresentadas:

---

[5] Mensagem do Conselho Federativo Nacional ao Movimento Espírita Brasileiro, 15/11/1999.

> A resposta a essas questões garante a validade do argumento ad verecundiam, afastando-o da falácia, do engodo do pronunciamento sem validade científica. [6]

O argumento de autoridade deve, assim, ser empregado com cuidado. Se for usado para determinação do caminho que os pensadores espíritas trilham, tem muito valor, na medida em que nos permite uma base sólida para o crescimento do conhecer espírita. Utilizado exageradamente, engessa esse conhecimento, impedindo sua evolução.

Outra discussão espírita importante a ser realizada no âmbito do estudo da importância do mensageiro é a questão da identificação dos espíritos. Kardec tratou disso extensamente em sua obra.

De modo geral, a posição de Kardec sobre a questão da identificação dos espíritos está diretamente ligada à análise da comunicação em si, já que a pesquisa direta sobre suas identidades tem sensíveis dificuldades (tempo, influência do médium etc.). Já na Introdução do Livro dos Espíritos, ao tratar dos princípios da doutrina, ele explana:

> Distinguir os bons dos maus Espíritos é extremamente fácil. Os Espíritos superiores usam constantemente de linguagem digna, nobre, repassada da mais alta moralidade, escoimada de qualquer paixão inferior; a mais pura sabedoria lhes transparece dos conselhos, que objetivam sempre o nosso melhoramento e o bem da Humanidade. A dos Espíritos inferiores, ao contrário, é inconseqüente, amiúde trivial e até grosseira. Se, por vezes, dizem alguma coisa boa e verdadeira, muito mais vezes dizem falsidades e absurdos, por malícia ou ignorância. Zombam da credulidade dos homens e se divertem à custa dos que os interrogam, lisonjeando-lhes a vaidade, alimentando-lhes os desejos com falazes esperanças. Em resumo, as comunicações sérias, na mais ampla acepção do termo, só são dadas nos centros sérios, cujos membros estão unidos por uma intima comunhão de pensamentos, tendo em vista o bem. [7]

Portanto, a base fundamental da análise de Kardec a respeito da identidade dos Espíritos que se comunicam está na própria mensagem, seja no conteúdo (principalmente quando se trata de uma comunicação de forte caráter moral), seja na forma. Assim sendo, pode-se concluir que, se a importância da comunicação encontra-se na mensagem, a questão da identificação é secundária. Kardec mesmo corrobora esta dedução:

> Nada, pois, impede que um Espírito da categoria de Fénelon venha em seu lugar, muitas vezes até como seu mandatário. Apresenta-se então com o seu nome, porque lhe é idêntico e pode substituí-lo e ainda porque precisamos de um nome para fixar as nossas idéias. Mas, que importa, afinal, seja um Espírito, realmente ou não, o de Fénelon? Desde que tudo o que ele diz é bom e que fala como o teria feito o próprio Fénelon, é um bom Espírito. Indiferente é o nome pelo qual se dá a conhecer, não passando muitas vezes de um meio de que lança mão para nos fixar as idéias. [8]

---

[6] **RODRÍGUEZ, V.G.,** *opus citatus.*

[7] **KARDEC, A**. *"O Livro dos Espíritos"*, pg. 26.

[8] Idem, ibidem, pg. 37.

Para Kardec, o que devemos procurar, ao tratar da análise de uma dada comunicação mediúnica, são elementos da superioridade intelecto-moral de seu autor. E isto pode ser feito pela análise da mensagem em si. Entretanto, não se pode esquecer que as mensagens não são coisas em si mesmas, isoladas do mundo. São parte do universo cultural. Portanto, analisa-las requer uma ampla compreensão do contexto em que foram produzidas. É o que veremos no próximo capítulo.

3. A mensagem: a questão da contextualização – hermenêutica e análise do discurso

Todo e qualquer texto é produto de sua época. A produção do conhecimento depende do caldo cultural que o produziu. Detalhes como os paradigmas científicos, os dogmas, regime econômico, importância das religiões, crenças mais ou menos particulares, tolerância política e religiosa, entre muitos outros, afetam diretamente qualquer produção cultural.

Esse é o motivo pelo qual, para uma compreensão precisa de uma mensagem, é fundamental, imprescindível mesmo saber por quem, em qual época e onde ela foi produzida – e assim podemos inseri-la nesse contexto. A esse processo se dá o nome de contextualizar. A falta dessa contextualização pode levar a graves erros interpretativos, na medida em que se pode considerar uma mensagem com os preconceitos da época em que ela é estudada, não daqueles na qual ela foi produzida.

Vejamos um exemplo:

> O negro pode ser belo para o negro, como um gato para outro gato. Mas não é belo no sentido absoluto, porque seus traços grosseiros, os lábios grossos (...) podem perfeitamente exprimir as paixões violentas, mas não se prestariam às nuanças delicadas do sentimento e à suavidade.

Se, ao nos deparamos com este texto, perguntarmos aos leitores a qual ideologia pertence, poderíamos, com toda a lógica, atribuí-lo a alguma escola de pensamento racista, extremista e fanática. Não seria absurdo imaginá-lo na boca de um nazista ou de um membro da Ku Klux Klan. Como ele não se coaduna, de nenhum modo, com os tempos mais tolerantes e politicamente corretos em que vivemos, seria atacado violentamente por qualquer homem de bom senso, seu autor anatematizado e, se houvesse uma organização formal a qual pertencesse, seria processada por racismo.

Tal texto é de autoria de Allan Kardec. Pode ser encontrado em *Obras Póstumas*, no capítulo *A Teoria da Beleza*. Alguém que conhece o Espiritismo, mas nunca o tivesse lido, certamente haveria de ficar chocado – talvez suas convicções espíritas balançassem. O preconceito racial que se vislumbra neste parágrafo pode facilmente levar a doutrinas perigosas, que pensam a raça negra como inferior e, portanto, justifica atos como a escravidão.

Entretanto, se entendermos que este texto foi escrito em uma época extremamente eurocêntrica, compreenderemos que dificilmente o texto

poderia ser diferente. O europeu do século XIX somente poderia considerar belo seu igual, uma vez que o conceito antropológico da igualdade das diferentes cultural só surgiria no século seguinte.

Portanto, uma leitura interpretativa de uma produção intelectual qualquer, para ser bem fundamentada, exige que se conheçam detalhes sobre o modo pela qual foi construída. É, de certa forma, subordinada à história, na medida em que depende do conhecimento do contexto em que foi produzida – isto é conhecido como *Hermenêutica*. Entretanto, não pode deixar de considerar a mensagem como mais do que simplesmente uma produção lingüística. Ela possui elementos sociais que vão além do que está explícito. Estudar uma mensagem levando esses elementos sociais em consideração é a proposta da *análise do discurso*.

Hermenêutica – do grego *herméneuein*, que significa declarar, esclarecer, interpretar – significa que alguma coisa é tornada compreensível, levada à compreensão. Em Filosofia, segundo Scheleiermacher, é a parte que visa não o saber teórico, mas sim o uso prático, isto é, a praxis ou a técnica da boa interpretação de um texto falado ou escrito.

Isto significa que a hermenêutica como método busca não uma análise crítica da mensagem, de um ponto de vista racional. Não quer avaliar comparativamente a mensagem com crenças ou ideologias. Procura unicamente interpretar essa mensagem em bases históricas, levando em consideração apenas sua época e autor.

Mestres no uso da Hermenêutica, Nietzsche e principalmente Heidegger empregaram com sucesso este método para um estudo profundo dos textos gregos, clássicos e pré-socráticos. Só assim foi possível uma compreensão clara e correta de sua filosofia, embasada nos preceitos históricos da Grécia Antiga.

Entretanto, um dizer não fica somente restrito àquilo que foi dito. Nem mesmo fica limitado às considerações históricas sobre o que foi dito. Na verdade, um dizer implica em todo um conjunto de considerações sociais, verbais e não verbais, e que envolve mais que a significação – percorre todo o processo pelo qual aquela significação veio a existir. É a isso que se chama *discurso*:

> A linguagem enquanto discurso não constitui um universo de signos que serve apenas como instrumento de comunicação ou suporte de pensamento; a linguagem enquanto discurso é interação, e um modo de produção social; ela não é neutra, inocente nem natural, por isso é o lugar privilegiado de manifestação da ideologia. [9]

Assim, o estudo da linguagem e, em última instância, da produção intelectual, não pode estar desvinculado dos processos histórico-sociais que a embasam. Isto levou, na década de 1960, à criação de uma nova disciplina – a *análise do discurso*.

---

[9] **NAGAMINE BRANDÃO, H.H**. *"Introdução à análise do discurso"*, pg. 11.

A análise do discurso visa estudar e compreender a linguagem utilizada por membros de uma comunidade. Ao examinarmos a forma e as funções dessa linguagem podemos compreender fatores sociais e culturais que caracterizam as relações entre pessoas, significados e o lugar social.

Assim sendo, ela vai além do nível da frase ou superfície do enunciado e analisa unidades do discurso que estão diretamente ligadas ao contexto onde são produzidas, o que nos permite compreender melhor o significado mais profundo de uma ou mais orações. Por vezes, a mesma frase, enunciada em diferentes contextos, apresenta significados diferentes.

Vejamos:

> 1) Este ano entrará para a História. Pela primeira vez uma nação civilizada possui controle total de suas armas. Nossas ruas estarão mais seguras e nossa polícia mais eficiente.

Outra:

> 2) Se alguém vem a mim e não odeia seu pai, sua mãe, sua mulher, seus filhos, seus irmãos, suas irmãs e até a sua própria vida, não pode ser meu discípulo.

Ainda mais uma:

> 3) Educando o indivíduo, o Estado deve ensinar que não é uma vergonha, mas uma lamentável infelicidade, ser fraco ou doente, mas é um crime e também uma vergonha que se arrastem, nessa infelicidade, por mero egoísmo, inocentes criaturas. Ao contrário é uma prova de grande nobreza de sentimentos, do mais admirável espírito de humanidade, que o doente renuncie a ter filhos seus e consagre seu amor e sua ternura a alguma criança pobre, cuja saúde dá esperança de vir a ser ela um membro de valor de uma comunidade forte.

Finalmente:

> 4) A religião e a ciência natural estão numa batalha conjunta, numa segunda cruzada infindável contra o ceticismo e o dogmatismo, e contra a superstição. A palavra de chamada para esta cruzada sempre foi e sempre será: "Caminhar para Deus".

Facilmente se poderia dizer que as frases pertenceriam, na ordem: 1) à campanha do referendo do desarmamento no Brasil. 2) A uma organização terrorista, como a Al Qaeda. 3) A uma campanha pela adoção de órfãos; e 4) a um defensor das escolas holísticas de pensamento, muito comuns na atualidade, que defendem a unicidade do conhecimento.

Os créditos reais dessas citações:

1) Adolf Hitler, discurso.

2) Jesus de Nazaré (Lucas, XIV, 26).

3) Adolf Hitler, Mein Kampf (Minha Luta).

4) Max Plank (Scientific Autobiography). [10]

---

[10] Max Plank (1858-1947), cientista alemão, um dos principais idealizadores da Física Quântica, prêmio Nobel de Física de 1918.

E no Espiritismo? Se o método fosse corretamente usado, poderíamos entender o porquê de alguns textos aparentemente contrários aos princípios doutrinários. Um exemplo:

> A mesma coisa se dá, qual o vimos, com os fenômenos fisiológicos, que denominamos memória orgânica, de sorte que o inconsciente é um território comum da alma e do corpo, confirmando-se, assim, que o perispírito é a sua sede. [11]

E outro:

> O corpo espiritual não retém somente prerrogativa de constituir a fonte da misteriosa força plástica da vida, a qual opera a oxidação orgânica; é também ele a sede das faculdades, dos sentimentos, da inteligência e, sobretudo, o santuário da memória, em que o ser encontra os elementos comprobatórios de sua identidade, através de todas as mutações e transformações da matéria. [12]

No primeiro caso, Dellane atribui a memória ao perispírito, lançando mão do conceito de inconsciente. Idéias semelhantes a essas são igualmente defendidas por Leon Denis e Gustave Geley, em vários dos seus livros, o que nos dá a impressão de que eram bastante difundidas no meio espírita à época – apesar de não terem sido defendidas por Allan Kardec em sua obra.

Levando em conta os conceitos da análise de discurso, pode-se afirmar que isto se dá na medida em que era de grande dificuldade para qualquer pessoa adepta do positivismo aceitar que o Espírito, este ser imaterial e, para muitos, puramente abstrato, pudesse ser o princípio de todas as manifestações intelectivas do homem.

Já o trecho de Emmanuel vai de encontro às idéias de Kardec. Para este, a distinção entre perispírito (matéria) e Espírito (não material) é explícita. E, sendo a inteligência a principal característica do Espírito, é inadmissível que o perispírito seja "a sede dos sentimentos e da inteligência". Para analisar corretamente esta mensagem, necessitaríamos conhecer detalhes da vida, da personalidade e da época do autor – o que extrapola os limites deste trabalho.

Em suma, ao analisarmos um texto, não podemos esquecer de levar em consideração todas as influências sociais e ideológicas envolvidas. Isto também é válido para os textos espíritas. A ausência destas considerações leva a pressuposições falsas ou, no mínimo, incompletas. E que podem distorcer completamente os conceitos.

4. A mensagem mediúnica: a influência do médium e a possibilidade de mensagens de grupo

Podemos dizer que as mensagens espíritas dividem-se em duas classes principais: aquelas produzidas por pensadores encarnados e aquelas que,

---

[11] **DELLANE, G**. "*A Evolução Anímica"* pg. 141.

[12] **EMMANUEL**, *"Dissertações mediúnicas"* (psicografia de Francisco C. Xavier), apud **JORGE, J**. "*Antologia do Perispírito"*, p.160.

idealizadas por espíritos desencarnados, são obtidas através da mediunidade.

Para as mensagens do primeiro grupo aplicam-se todas as ponderações que foram feitas no capítulo anterior. Podem-se utilizar todas as técnicas de análise que se desejar, bem como os métodos hermenêuticos e os princípios da análise do discurso.

Para as mensagens mediúnicas, além destas ponderações, é necessário ainda levar em consideração a interferência do médium. Este é parte integrante de um dos elementos fundamentais da comunicação, o meio. Mas, enquanto que nas comunicações não mediúnicas o meio é inerte, desprovido de vontade própria, não se pode ignorar que o médium é, antes de tudo, um Espírito, que tem sua individualidade, e, com ela, seus desejos, crenças e pensamentos.

Antes de mais nada, é um erro crer que o Espírito desencarnado pode, de alguma forma, tomar conta do corpo do médium para fazer que a comunicação se dê sem passar pelo crivo do Espírito deste:

> O Espírito, que se comunica por um médium, transmite diretamente seu pensamento, ou este tem por intermediário o Espírito encamado no médium?
>
> "O Espírito do médium é o intérprete, porque está ligado ao corpo que serve para falar e por ser necessária uma cadeia entre vós e os Espíritos que se comunicam, como é preciso um fio elétrico para comunicar à grande distância uma notícia e, na extremidade do fio, uma pessoa inteligente, que a receba e transmita." [13]

Isto posto, é fundamental que se entenda que o médium interfere, em maior ou menor grau, nas comunicações mediúnicas. Quanto mais inconsciente for o processo de comunicação mediúnica em questão, tanto menor é a interferência do médium. Mas nem mesmo nos médiuns muito inconscientes, aqueles que Kardec chamou de mecânicos, há total isenção.

É importante lembrar que não nos referimos aqui a intervenções propositais, que constituiriam verdadeira fraude. As interferências de que tratamos são causadas por dificuldades inerentes ao processo mediúnico, seja na ligação entre o Espírito comunicante e o médium, seja na transmissão do pensamento.

Para que possa ser feita uma correta avaliação da mensagem mediúnica, tal interferência deve sempre ser levada em consideração – ainda que não tenhamos determinado um método para mensurá-la. Contudo, também não se podem debitar à conta dessa interferência todas as discordâncias que tenhamos com a mensagem – isto tornaria a análise da mesma forma falha. São dois extremos de um mesmo problema.

Existe ainda uma particularidade da mensagem mediúnica. É aquilo que chamamos de possibilidade de mensagens de grupo. Este conceito remete à possibilidade de um grupo de Espíritos, de pensamentos e idéias semelhantes, utilizar-se de um nome (que pode ser o de um deles, ou então

---

[13] **KARDEC, A.** "*O Livro dos Médiuns"*, pg. 268.

até mesmo algum outro qualquer) para passarem sua mensagem. Kardec considerou esta possibilidade no Livro dos Médiuns, e até mesmo utilizou-a como mais um motivo para não se importar muito com a identidade:

> A questão da identidade é, pois, como dissemos, quase indiferente, quando se trata de instruções gerais, uma vez que os melhores Espíritos podem substituir-se mutuamente, sem maiores conseqüências. Os Espíritos superiores formam, por assim dizer, um todo coletivo, cujas individualidades nos são, com exceções raras, desconhecidas. Não é a pessoa deles o que nos interessa, mas o ensino que nos proporcionam. Ora, desde que esse ensino é bom, pouco importa que aquele que o deu se chame Pedro, ou Paulo. Deve ele ser julgado pela sua qualidade e não pelas suas insígnias. Se um vinho é mau, não será a etiqueta que o tornará melhor. Outro tanto já não sucede com as comunicações íntimas, porque aí é o indivíduo, a sua pessoa mesma que nos interessa; muito razoável, portanto, é que, nessas circunstâncias, procuremos certificar-nos de que o Espírito que atende ao nosso chamado é realmente aquele que desejamos. [14]

Conclui-se que as comunicações mediúnicas podem ser analisadas da mesma forma que as demais. Entretanto, têm particularidades que precisam ser levadas em consideração para qualquer análise que se queira fazer.

5. Conclusão: e a atualização do Espiritismo?

Para que possamos realizar o processo de atualização do Espiritismo, conforme proposto pela CEPA, há uma necessidade fundamental de adquirirmos metodologias apropriadas para tanto. Dois trabalhos, ambos de autoria de Ademar Arthur Chioro dos Reis, são fundamentais para isso: Agenda Espírita e Como: uma proposta metodológica para atualizar o Espiritismo.

Dentro do espírito destes trabalhos, que é o de concretamente avaliar o que pode e deve ser atualizado e como isso pode ser feito, as considerações que foram levantadas neste texto vão ao encontro de contribuir para uma área específica – a da análise textual. Insere-se não só no problema da atualização da linguagem, mas também como método de base, se assim podemos chamar, para todas as propostas de atualização que necessitem partir dos escritos fundamentais do Espiritismo.

O emprego de métodos como a hermenêutica e a análise de discurso são fundamentais. Uma dificuldade que se apresenta, contudo, é a dificuldade em conseguir pesquisadores que os dominem. São métodos novos, de significativa dificuldade, e que muito pouco já foram empregados no movimento espírita. Torna-se assim urgente que os espíritas adquiram este conhecimento.

Outra dificuldade patente é a adequação destes métodos à proposta espírita. O Espiritismo possui detalhes próprios que o tornam, de certa forma, único entre as escolas de pensamento. Portanto, torna-se necessário que, após a aquisição do conhecimento sobre o método, seja efetuada uma

[14] **KARDEC, A**. *opus citatus*, pg. 327.

ampla discussão sobre como ele poderia ser adequado para as necessidades desta atualização.

Muito trabalho será necessário. O processo de atualização é urgente, e é tanto mais complexo na medida em que muito falta para fazer. Mas, se não for dado o primeiro passo, ele nunca se realizará.